

República
LADRÕES

SCOTT LYNCH

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

República
LADRÕES



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

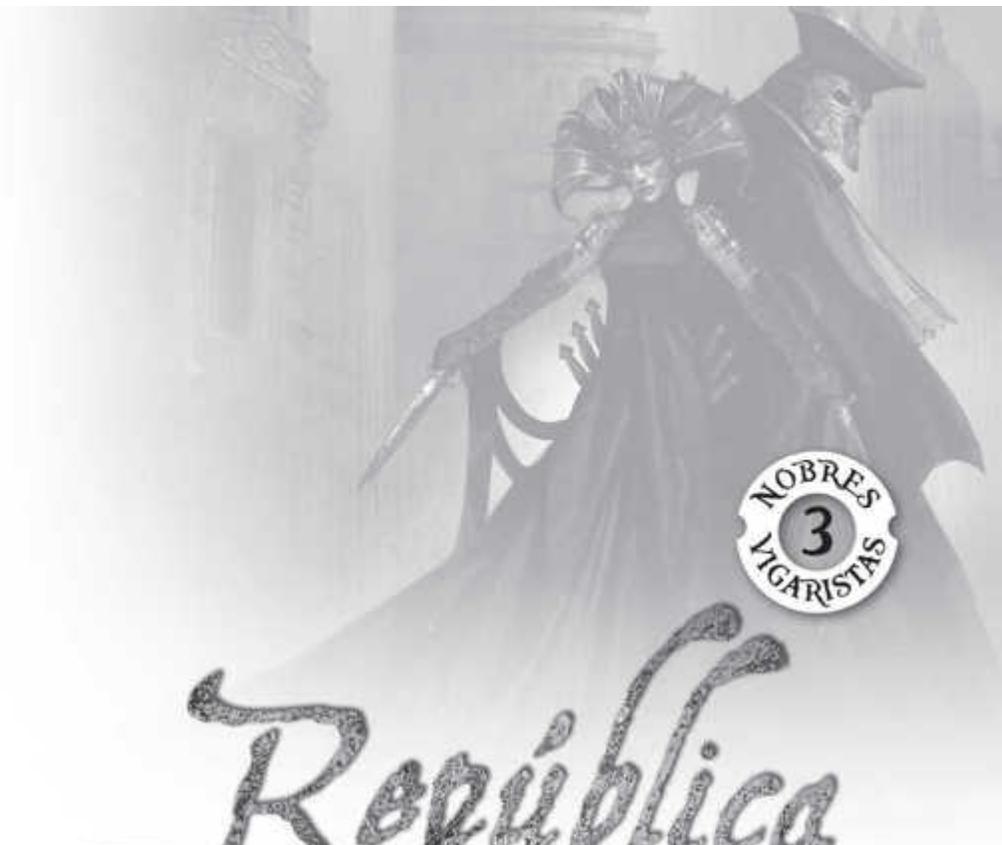
Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se

transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



NOBRES
3
VICARISTAS

República
LADRÕES

SCOTT LYNCH



Título original: *The Republic of Thieves*
Copyright © 2013 por Scott Lynch
Copyright do mapa © 2013 por Scott Lynch
Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Alves Calado
preparo de originais: Gabriel Machado
revisão: Milena Vargas e Renata Dib
projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira
imagem de capa: © Benjamin Carré
adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão
adaptação para ebook: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L996r

Lynch, Scott
República de ladrões [recurso eletrônico] / Scott Lynch [tradução de
Ivanir Alves Calado]; São Paulo: Arqueiro, 2015.
recurso digital

Tradução de: The republic of thieves
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-392-2 (recurso eletrônico)

1. Fantasia - Ficção. 2. Ficção americana. 3. Livros eletrônicos. II.
Alves-Calado, Ivanir, 1953-. II. Título.

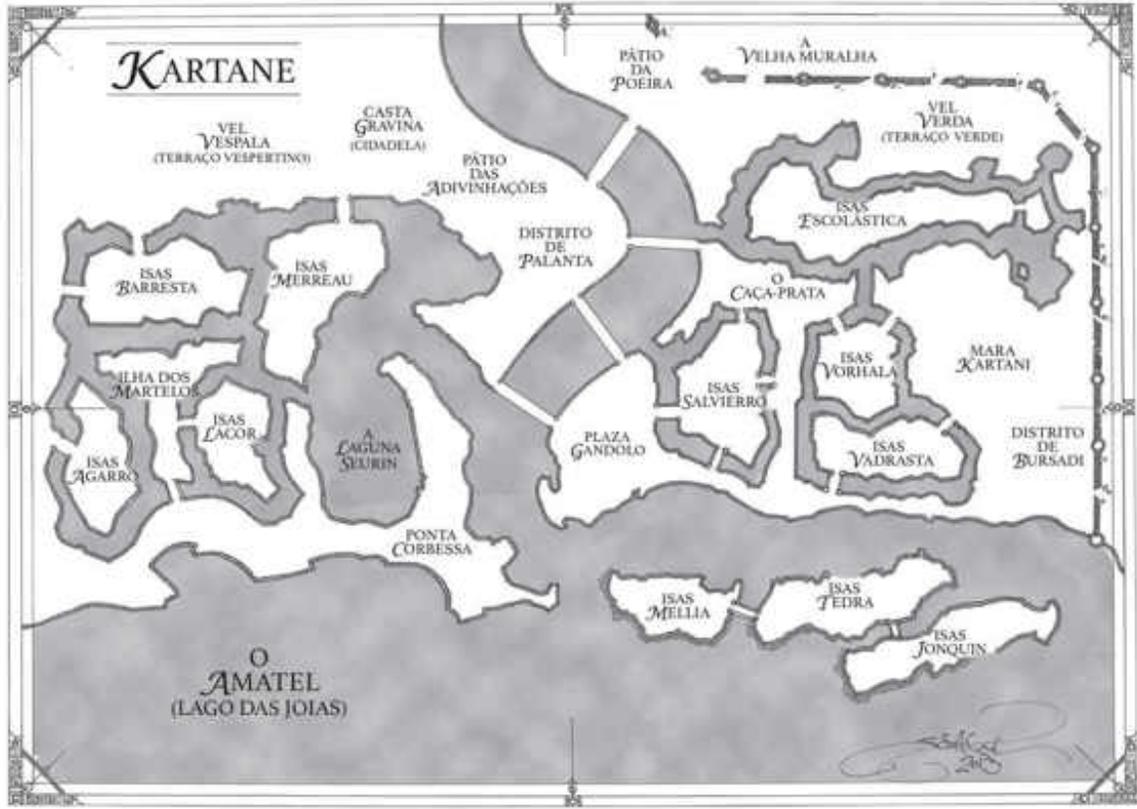
15-19832

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para Jason McCray
um homem que em seu tempo
representou muitos papéis*



PRÓLOGO

A inspetora

1

COLOQUE DEZ DÚZIAS DE LADRÕES órfãos numa toca úmida feita de abóbadas e túneis embaixo do que antes havia sido um cemitério, deixe-os sob a supervisão de um velho parcialmente aleijado e logo você descobrirá que controlá-los se torna um negócio delicado.

O Aliciador, eminência carrancuda no reino dos órfãos sob o Morro das Sombras na velha Camorr, ainda não estava decrépito a ponto de algum de seus pequenos aprendizes sujos ter esperança de enfrentá-lo sozinho. Mesmo assim, ele permanecia alerta à perdição que espreitava nas mãos ávidas e nos impulsos lupinos de uma turba que ele treinava para ficar mais predatória a cada dia. A ordem da qual sua vida dependia era frágil como papel molhado, na melhor das hipóteses.

Sua presença era capaz de forçar a obediência num certo raio, claro. Onde quer que sua voz chegasse e seus sentidos captassem um mau comportamento, os órfãos estavam controlados. Mas, para manter o grupo desregrado na linha quando ele estava bêbado, dormindo ou mancando pela cidade a negócios, era essencial que se tornassem ávidos parceiros de sua própria sujeição.

Ele moldava a maioria dos garotos e garotas mais velhos no Morro das Sombras, formando uma espécie de guarda de honra,

garantindo-lhes pequenos privilégios e algumas migalhas de quase respeito. Mais importante, trabalhava duro para que sempre o temessem. Nenhum fracasso era recebido sem dor ou a promessa de dor, e os seriamente insubordinados acabavam desaparecendo. Ninguém nutria qualquer ilusão de que eles tivessem ido para um lugar melhor.

Assim ele garantia que seus poucos escolhidos, impregnados de medo, não tivessem qualquer alívio a não ser ao dar vazão às frustrações sobre as crianças um pouco mais novas, que, aterrorizadas, oprimiam a classe de vítimas ainda mais fracas. Nível a nível, o sofrimento era compartilhado e a autoridade do Aliciador cascadeava até os limites mais submissos de sua massa de órfãos.

Era um sistema admirável, a não ser que, claro, por acaso você fizesse parte dessa margem externa – os pequenos, os excêntricos, os que não tinham amigos. Nesse caso, a vida no Morro das Sombras era como um chute na cara a cada hora do dia.

Locke Lamora tinha 5 ou 6 anos. Ninguém sabia ao certo, nem se importava com isso. Era extremamente pequeno, inegavelmente excêntrico e vivia perpetuamente sem amigos. Mesmo quando arrastava os pés em meio a um grande aglomerado fedorento de órfãos, um entre dezenas, estava sozinho e sabia muito bem disso.

2

HORA DA REUNIÃO. UM MOMENTO ruim embaixo do Morro. A multidão de órfãos cercava Locke como uma floresta desconhecida, escondendo problemas em toda parte.

A primeira regra para sobreviver nessas circunstâncias era evitar chamar atenção. Enquanto o exército murmurante de órfãos ia em direção à grande câmara no centro do Morro das Sombras, para onde o Aliciador os chamara, Locke olhava de relance para os dois lados. O truque era identificar valentões conhecidos a uma distância

segura sem fazer contato visual – não havia nada pior do que isso, era o erro dos erros –, do modo mais casual possível, mover-se para colocar crianças neutras entre si mesmo e cada ameaça até que ela passasse.

A segunda regra era evitar reagir quando a primeira regra fosse insuficiente, o que acontecia com frequência.

A multidão se dividiu atrás dele. Como todos os animais que temem ser presas, Locke possuía um instinto afiado para o mal que se aproximava. Teve tempo suficiente para se encolher antes de receber o soco, rápido e forte, bem entre as duas omoplatas. Locke se chocou contra a parede do túnel e mal conseguiu ficar de pé.

Risos familiares seguiram-se ao golpe. Era Gregor Foss, anos mais velho e 13 quilos mais pesado, tão além dos poderes de represália de Locke quanto o Duque de Camorr.

– Pelos deuses, Lamora, que sujeitinho fraco e desajeitado você é! – Gregor pôs a mão na nuca de Locke e o arrastou pela parede úmida e suja, até que sua testa ricocheteou dolorosamente num dos velhos suportes de madeira do túnel. – Não tem força nem para ficar de pé sozinho. Diabos, se você tentasse foder uma barata, ela iria virar você de costas e meter no seu rabo.

Todo mundo que estava perto riu, uns poucos por diversão genuína, o resto por medo de ser visto sério. Locke continuou andando aos tropeços, furioso mas em silêncio, como se fosse uma coisa perfeitamente natural ter o rosto coberto de terra e um latejamento na testa. Gregor o empurrou mais uma vez, porém sem vigor, depois bufou e abriu caminho pela turba adiante.

Bancar o morto. Fingir que não se importa. Era sua forma de impedir que alguns instantes de humilhação se tornassem horas ou dias de dor, de impedir que os hematomas se tornassem ossos quebrados ou coisa pior.

A procissão de órfãos seguia para uma reunião rara e grandiosa que congregava quase todo o Morro; na câmara principal, o ar já

estava mais pesado e rançoso do que o usual. O Aliciador estava sentado em sua cadeira de espaldar alto, a cabeça quase imperceptível acima da multidão de crianças, enquanto os súditos mais velhos abriam caminho para ocupar os lugares costumeiros perto dele. Locke procurou uma parede distante e ficou grudado nela, fazendo seu melhor papel de sombra. Ali, no conforto bem-vindo das costas protegidas, tocou a testa e cedeu a um beicinho momentâneo: seus dedos estavam escorregadios de sangue.

Depois de alguns instantes, o fluxo de órfãos diminuiu até parar, e o Aliciador pigarreou.

Era um Dia da Penitência durante o Septuagésimo Sétimo Ano de Sendovani, um dia de enforcamentos, e, fora das cavernas imundas embaixo do Morro das Sombras, o pessoal do Duque de Camorr dava nós em cordas sob um luminoso céu de primavera.

3

– É UM NEGÓCIO LAMENTÁVEL – disse o Aliciador. – É isso que é. Ter alguns dos nossos irmãos e irmãs arrancados para os braços implacáveis da justiça do Duque. É tremendamente deplorável que eles tenham sido relapsos a ponto de serem apanhados! Infelizmente. Como sempre, me esforcei para lembrar a vocês, meus amados, que nossa profissão é delicada, nem um pouco apreciada por aqueles com quem a praticamos.

Locke limpou a terra do rosto. Era provável que a manga de sua túnica tivesse depositado mais sujeira do que removido, porém o ritual de se arrumar era calmante. Enquanto ele cuidava de si mesmo, o senhor do Morro continuava falando:

– Dia triste, meus amores, uma verdadeira tragédia. Mas, quando o leite azeda, nós podemos esperar um queijo, não é? Ah, sim! Oportunidade! Lá fora está fazendo um tempo lindo para enforcamentos, pouco comum nesta estação. Isso significa

multidões com bolsas para gastar, e os olhos delas estarão fixos no *espetáculo*, certo?

Com dois dedos tortos (quebrados muito tempo atrás e mal curados), ele fez a mímica de uma pessoa chegando a uma borda e saltando à frente. Ao fim da queda, os dedos se sacudiram espasmódicos e algumas crianças mais velhas deram risadinhas. Alguém no meio do exército de órfãos soluçou, mas o Aliciador não pareceu se importar.

– Todos vocês irão em grupos assistir aos enforcamentos. Que isso ponha medo em seus corações, meus amores! Indiscricção, falta de jeito ou de confiança... hoje vocês verão as únicas recompensas possíveis para tais coisas. Para viver a vida que os deuses lhes deram, vocês devem roubar com esperteza e fugir. Fugir como os cães do inferno ao sentir o cheiro de um pecador! É assim que nos livramos da forca. Hoje vocês olharão pela última vez para alguns amigos que não conseguiram fazer isso. E, antes de retornarem – acrescentou ele, baixando a voz –, cada um de vocês será melhor do que eles. Tragam de volta um belo bocado de moedas ou coisas de valor, não importa o risco. Mãos vazias rendem barrigas vazias.

– A gente *precisamos* ir? – perguntou alguém em um gemido desesperado.

Locke viu que quem falava era Tam, um recém-apanhado, um dos mais baixos dos mais baixos, que mal havia começado a aprender sobre a vida no Morro das Sombras. E devia ser ele que estava soluçando antes.

– Tam, meu cordeirinho, você não *precisamos* fazer nada – respondeu o Aliciador numa voz que parecia veludo mofado. Ele foi andando pela multidão de órfãos, afastando-os como hastes de trigo sujas até que sua mão pousou no crânio raspado de Tam. – Mas eu também não preciso fazer nada se você não trabalhar, certo? Tudo bem, fique fora desta excursão grandiosa. Um suprimento ilimitado de terra fria de cemitério espera você para o jantar.

– Mas... eu não posso, tipo, fazer outra coisa?

– Ora, você poderia polir minha bela prataria de chá se eu tivesse uma. – O Aliciador se ajoelhou, sumindo brevemente da visão de Locke. – Tam, esse é o trabalho que eu tenho, portanto é o trabalho que você vai fazer, certo? Bom garoto. Garoto forte. Por que esses riachinhos escorrendo dos olhos? Só por causa dos enforcamentos?

– Eles... eles *era* nossos amigos.

– O que só significa...

– Tam, seu mijãozinho idiota, enfie o choro nesse rabo estúpido!

O Aliciador girou e o garoto que havia falado se encolheu ao levar um tapa na lateral da cabeça. Houve uma agitação entre os órfãos espremidos enquanto o alvo infeliz cambaleava para trás e era posto de pé outra vez por empurrões de seus amigos que davam risinhos. Locke não conseguiu conter um sorriso. Seu coração sempre se aquecia ao ver um valentão mais velho levando pancada.

– Veslin – disse o Aliciador com um bom humor perigoso –, você gosta de ser interrompido?

– N-não... não, senhor.

– Fico feliz ao ver que pensamos do mesmo modo a esse respeito!

– C-claro. Desculpe, senhor.

O olhar do Aliciador voltou-se para Tam, e seu sorriso, que havia se evaporado como névoa ao sol um momento atrás, retornou de súbito.

– Eu estava falando sobre nossos amigos, nossos amigos lamentados... É uma pena. Mas não é um grande espetáculo que eles vão oferecer para nós, pendurados lá? Eles não estão convocando uma multidão suculenta como uma ameixa madura? Que tipo de amigos nós seríamos se nos recusássemos a aproveitar essa oportunidade? Bons? Corajosos?

– Não, senhor – murmurou Tam.

– Isso mesmo. Nem bons nem corajosos. Por isso vamos

aproveitar essa chance, certo? E vamos lhes dar a honra de não desviar os olhos quando eles caírem, não é?

– Se... se o senhor diz, senhor...

– É o que acontecerá. – O Aliciador deu um tapinha mecânico no ombro de Tam. – Façam isso. Os enforcamentos começam ao meio-dia; os Mestres das Cordas são as únicas criaturas pontuais nesta maldita cidade. Se vocês se atrasarem, terão que trabalhar dez vezes mais, garanto. Inspetores! Chamem seus provocadores e pegadores. Mantenham os irmãos novatos em rédea curta.

Enquanto os órfãos se dispersavam e as crianças mais velhas chamavam por seus parceiros e subordinados, o Aliciador arrastou Veslin até uma das paredes de terra da câmara para trocarem uma palavra em particular.

Locke deu um risinho e se perguntou de quem seria parceiro na aventura do dia. Do lado de fora do Morro, havia bolsas para afanar, truques para colocar em prática, furtos para realizar. Mesmo sabendo que seu entusiasmo pelo roubo era parte do que o tornava uma curiosidade e um pária, ele era tão desprovido de comedimento nesse aspecto quanto de asas nas costas.

Essa meia-vida de abusos sob o Morro das Sombras era apenas algo que ele precisava suportar nos intervalos entre aqueles momentos luminosos em que poderia trabalhar, com o coração martelando, correndo depressa para a segurança e levando os pertences de outra pessoa apertados nas mãos. Pelo que seus 5, 6 ou 7 anos haviam lhe ensinado, roubar os outros era a melhor sensação em todo o mundo e a única liberdade verdadeira que ele possuía.

4

– **ACHA QUE PODE MELHORAR** minha liderança, é, garoto? – Apesar de sua limitada capacidade de segurar, o Aliciador ainda tinha os

braços de um adulto e espremeu Veslin contra a parede de terra como um carpinteiro a ponto de pregar um enfeite. – Acha que eu preciso de seu humor e sua sabedoria quando estou falando em voz alta?

– Não, excelência! Perdão!

– Veslin, minha joia, eu não perdoo sempre? – Com um gesto falsamente casual, o Aliciador empurrou de lado uma lapela de seu casaco puído e revelou o cabo do cutelo de açougueiro que mantinha pendurado no cinto. O brilho débil da lâmina reluziu na escuridão. – Eu perdoo. Eu lembro às pessoas. Você vai lembrar, garoto? Vai lembrar *muito bem*?

– Vou, sim, senhor. Por favor...

– Maravilha. – O Aliciador soltou Veslin e deixou o casaco cair de novo sobre a arma. – Que conclusão feliz para nós dois, então.

– Obrigado, senhor. Desculpe. É só que... Tam estava choramingando a manhã inteira. Ele nunca viu ninguém ser pendurado na corda.

– Houve um tempo em que isso era novidade para todos nós. – O Aliciador suspirou. – Deixe o garoto chorar, desde que ele roube uma bolsa. Se não roubar, a força é um instrutor maravilhoso. Mesmo assim, vou colocá-lo com mais dois outros problemas num grupo com supervisão especial.

– Problemas?

– Tam, por causa da delicadeza. E Banguela.

– Pelos deuses – disse Veslin.

– É, é, o bostinha desmiolado é tão burro que não conseguiria cagar nas próprias mãos nem se elas estivessem costuradas no cu. Mesmo assim será ele. Tam. E mais um.

O Aliciador lançou um olhar significativo para um canto distante, onde um menininho carrancudo estava encostado com os braços cruzados, olhando os outros órfãos formarem suas matilhas.

– Lamora – sussurrou Veslin.

– Supervisão especial. – O Aliciador roeu com nervosismo as unhas da mão esquerda. – Há um bom dinheiro a ser arrancado dele se alguém o mantiver sensato e discreto.

– Ele quase queimou metade da porcaria da cidade, senhor.

– Só os Estreitos, cuja falta não seria muito sentida. E recebeu um tremendo castigo por isso, sem se encolher. Considero o assunto encerrado. O que ele precisa é de um sujeito responsável para mantê-lo sob controle.

Veslin não conseguiu conter a expressão de desprazer, e o Aliciador deu um sorrisinho.

– Não você, garoto. Preciso de você e do seu macaquinho, o Gregor, num serviço de distração. Se alguém for descoberto, vocês deverão fazer a cobertura. E voltem para mim imediatamente se algum órfão for apanhado.

– Obrigado, senhor, muito obrigado.

– Você deve agradecer mesmo. Tam chorão... Banguela burro... e um dos próprios diabos do inferno vestindo calças curtas. Preciso de uma vela luminosa para vigiar esse grupo. Vá acordar alguém do Janelas para mim.

– Ah. – Veslin mordeu a bochecha. O grupo Janelas, chamado assim porque era especializado em roubo tradicional de residências, era a verdadeira elite entre os órfãos do Morro das Sombras. Seus membros eram poupados da maior parte das tarefas, habitualmente trabalhavam no escuro e tinham permissão de dormir até bem depois do meio-dia. – Eles não vão gostar.

– Não ligo a mínima para o que eles gostam. Eles não têm trabalho esta noite, de qualquer modo. Traga-me um que seja esperto. – O Aliciador cuspiu uma lasca de unha suja e limpou os dedos no casaco. – Diabos, traga-me Sabeta.

– LAMORA!

O chamado veio finalmente, e era do próprio Aliciador. Locke foi andando com cautela pelo chão de terra até onde o senhor do Morro estava sentado, sussurrando instruções para uma criança mais alta de costas para Locke.

Diante do Aliciador aguardavam dois outros garotos. Um era Tam. O outro era Banguela, um pirralho infeliz cujas surras dadas por crianças mais velhas acabaram lhe garantindo o apelido. Um sentimento premonitório se aninhou nas entranhas de Locke.

– Cá estamos, então – disse o Aliciador. – Três garotos corajosos e aptos. Vocês trabalharão juntos numa tarefa especial, sob uma autoridade especial. Conheçam sua inspetora.

A criança mais alta se virou.

Estava suja, como todos eles, e, apesar de ser difícil dizer à luz pálida e prateada das lanternas alquímicas da câmara, parecia cansada. Usava calções marrons sujos, uma túnica longa e larga que em algum passado distante fora branca e uma boina de couro sobre um lenço apertado, de modo que nem um fio de cabelo era visível.

Mas não havia dúvida de que era uma *ela*. Pela primeira vez na vida de Locke, algum instinto animal destreinado se esgueirou debilmente para alertá-lo desse fato. O Morro estava cheio de garotas, mas Locke nunca havia parado para pensar em *uma* garota. Ele inspirou bruscamente e percebeu que podia sentir um pinicar de nervosismo nas pontas dos dedos.

Ela tinha pelo menos um ano e uns bons 15 centímetros a mais do que ele e, mesmo cansada, sua postura natural fazia com que os meninos pequenos se sentissem como um inseto embaixo de um calcanhar. Locke não tinha a eloquência nem a experiência para perceber a situação dessa forma. Só sabia que perto dela, diferentemente de todas as garotas que ele vira no Morro das Sombras, sentia-se tocado por algo misterioso e muito mais vasto do que ele próprio.

Sentia vontade de pular de alegria. Sentia vontade de vomitar.

De repente, se ressentiu da presença de Tam e Banguela, ressentiu-se da implicação da palavra “inspetora” e ansiou por fazer alguma coisa, qualquer coisa, para impressionar a garota. Suas bochechas arderam ao pensar na possível aparência do calombo em sua testa e no fato de estar na mesma equipe de dois moleques inúteis e chorões.

– Esta é Beta – apresentou o Aliciador. – Ela vai cuidar de vocês hoje, garotos. Recebam o que ela disser como se viesse de mim. Mãos firmes, cabeças controladas. Nada de vagabundagem nem de cabriolas. A última coisa de que precisamos é que vocês se tornem *ambiciosos* – concluiu o Aliciador, lançando um olhar gélido a Locke.

– Muito obrigada, senhor – agradeceu Beta, sem nada que se assemelhasse a gratidão verdadeira. Em seguida, empurrou Tam e Banguela para uma das saídas da câmara. – Vocês dois, esperem na entrada. Preciso trocar uma palavrinha com o seu amigo aqui.

Locke ficou espantado. Uma palavrinha com ele? Será que ela havia adivinhado que ele sabia se virar pegando e provocando, que não era nem um pouco parecido com os outros dois? Beta olhou ao redor, depois colocou as mãos nos ombros dele e se ajoelhou. Algum animal nervoso nas entranhas de Locke deu cambalhotas quando os olhos dela ficaram no mesmo nível dos olhos dele. A antiga compulsão de recusar contato visual não foi apenas posta de lado, mas vaporizou de sua mente.

Então aconteceram duas coisas.

Primeiro, Locke se apaixonou – ainda que fossem se passar anos até ele perceber que aquilo era amor e que complicaria totalmente a sua vida.

Segundo, *ela* falou diretamente com ele pela primeira vez, e Locke se lembraria das palavras com uma clareza que abalaria seu coração muito depois que os outros incidentes daquela época se desbotassem numa névoa de meias verdades em sua memória:

– Você é o Lamora, certo?

Ele assentiu, ansioso.

– Bom, olhe aqui, seu merdinha. Já ouvi tudo sobre você, então cale a boca e mantenha essas mãos bobas nos bolsos. Juro por todos os deuses: se você me causar um mínimo de encrenca, vou jogá-lo de uma ponte e isso *vai parecer* um maldito acidente.

6

ERA DESAGRADÁVEL SENTIR-SE DE REPENTE com 1 centímetro de altura.

Atordoado, Locke acompanhou Beta, Tam e Banguela para fora da escuridão das câmaras do Morro das Sombras, saindo ao sol do fim da manhã. Seus olhos ardiam e o motivo era apenas parcialmente a luz do dia. O que tinha feito (e quem havia contado a ela?) para merecer o desprezo da única pessoa a quem ele agora queria impressionar mais do que qualquer outra no mundo?

Seus pensamentos se desviaram inquietos para o ambiente ao redor. Ali fora, no espaço aberto e sempre mutável, havia tanta coisa para ver, tanta coisa para ouvir! Seus instintos de sobrevivência foram assumindo aos poucos o controle. No fundo, sua mente estava toda ligada em Beta, mas ele forçou os olhos para a situação presente.

Naquele dia, Camorr estava luminosa e movimentada, aproveitando ao máximo a folga das chuvas cinzentas e duras da primavera. Janelas estavam escancaradas. As pessoas mais prósperas haviam trocado de pele, substituindo as capas impermeáveis e os xales por roupas de verão. Os pobres continuavam enrolados nos mesmos trapos fétidos que usavam em todas as estações. Como o pessoal do Morro das Sombras, eles precisavam manter as roupas às costas para não correrem o risco de perdê-las para os ladrões de trapos.

Enquanto os quatro órfãos cruzavam a ponte do canal que ia do Morro das Sombras para os Estreitos – Lamora sentia-se ao mesmo tempo orgulhoso e incrédulo com o fato de o Aliciador estar tão convencido de que um pequeno ardil de sua autoria podia ter queimado *todo* o bairro –, Locke viu pelo menos três barcos de pescadores de cadáveres usando ganchos para puxar corpos inchados de debaixo de molhes e pilastras do cais. Às vezes, eles permaneciam ignorados durante dias no tempo frio e ruim.

Beta guiou os garotos pelos Estreitos, esgueirando-se por escadas de pedra e pequenas pontes precárias de madeira, evitando os becos mais apinhados e sinuosos onde bêbados, cachorros vadios e perigos menos óbvios certamente espreitavam. Tam e Locke seguiam logo atrás, mas Banguela vivia se desviando ou se retardando. Quando saíram dos Estreitos e atravessaram os caminhos com mato crescido do Mara Camorrazza, o antigo parque da cidade, Beta estava arrastando Banguela pelo colarinho.

– Seu cérebro de ervilha, fique grudado nos meus calcanhares e pare de causar encrenca!

– Não tô causando encrenca – murmurou Banguela.

– Quer estragar tudo e passar fome esta noite? Quer dar desculpa a algum brutamontes feito o Veslin para arrancar algum dente seu que ele ainda não tenha arrancado?

– Nããããã. – Banguela alongou a palavra com um bocejo entediado, olhou em volta como se notasse o mundo pela primeira vez, depois se soltou bruscamente da mão de Beta. – Quero usar o seu chapéu.

Locke engoliu em seco, nervoso. Já tinha visto Banguela ter um daqueles ataques súbitos e irracionais. Alguma coisa não estava em seu devido lugar na cabeça do garoto. Com frequência, ele sofria por chamar a atenção para si dentro do Morro, onde individualidade sem força significava dor.

– Não pode – retrucou Beta. – Controle-se.

– Eu quero. Eu quero! – Banguela bateu os pés no chão e fechou os punhos. – Eu prometo que vou me comportar. Me dá seu chapéu!
– Você vai se comportar porque eu estou mandando!

Banguela saltou e arrancou a boina de couro da cabeça de Beta. Puxou-a com tanta força que o lenço também saiu e um jorro desgrenhado de cachos castanho-arruivados se derramou até os ombros. O queixo de Locke caiu.

Havia algo tão indefinivelmente adorável, tão *certo* em ver aquele cabelo livre ao sol que ele se esqueceu por um momento que seu fascínio não era recíproco e que isso não era nem um pouco conveniente para a tarefa deles. Locke notou que só a parte perto das pontas era castanha. Acima das orelhas, os fios ganhavam um tom ruivo-ferrugem. Ela havia tingido o cabelo, mas ele já crescera.

Assim que o choque passou, Beta foi ainda mais rápida do que Banguela e, antes que o garoto pudesse fazer qualquer coisa, o chapéu estava de volta nas suas mãos. Ela bateu com ele vigorosamente no rosto de Banguela.

– Ai!

Ainda não satisfeita, Beta o golpeou de novo e ele se encolheu. Locke recuperou o tino e assumiu a expressão vazia usada no Morro pelos que não estavam envolvidos quando alguém por perto levava uma surra.

– Para! Para! – gritava Banguela, soluçando.

– Se você *algum dia* puser a mão neste chapéu de novo – sibilou Beta, sacudindo-o pelo colarinho –, juro por Aza Guilla que conta os mortos: vou entregá-lo direto a ela. Seu imbecilzinho *idiota!*

– Eu prometo! Eu prometo!

Ela soltou-o, fazendo cara feia e, com alguns movimentos hábeis, os cachos ruivos sumiram de novo sob o lenço apertado. A boina lacrou-os e Locke ficou um pouco desapontado.

– Você tem sorte porque mais ninguém viu – disse Beta, empurrando Banguela para a frente. – Os deuses amam você, sua

lesminha. Depressa, agora. Nos meus calcanhares, vocês dois.

Locke e Tam a acompanharam sem dizer nada, tão perto quanto patinhos nervosos grudados à cauda da mãe.

Locke tremia de empolgação. Ficara horrorizado com a incompetência dos companheiros designados para ele, mas agora imaginava se os problemas deles poderiam ajudar a torná-lo melhor aos olhos de Beta. Ah, sim. Que eles choramingassem, que tivessem chilikies, que fossem para casa com as mãos abanando. Diabos, que eles chamassem a atenção dos guardas da cidade e fossem perseguidos pelas ruas ao som de apitos e cães latindo. Ela teria que preferir qualquer coisa a isso, inclusive ele.

7

FINALMENTE SAÍRAM DO MARA CAMORRAZZA e adentraram um redemoinho de sons e confusão.

De fato aquele era um clima de beleza rara para um dia de enforcamentos, e os arredores normalmente lúgubres da Antiga Cidadela, o local onde era exercida a justiça do Duque, estava agitado como um parque de diversões. A plebe se comprimia nas pedras do calçamento, enquanto aqui e ali as carruagens dos ricos passavam chacoalhando, com guardas contratados correndo ao lado, fazendo ameaças e dando empurrões. Em alguns sentidos, Locke já sabia, o mundo fora do Morro era bem parecido com o mundo lá dentro.

Os quatro órfãos fizeram uma corrente humana para abrir caminho através do tumulto. Locke se segurava com força em Tam, que por sua vez se segurava em Beta. Ela estava tão disposta a não perder Banguela de vista que o empurrava à frente de todos como um aríete. De sua perspectiva, Locke vislumbrava alguns rostos adultos; o mundo se tornava uma procissão interminável de cintos, barrigas, abas de casacas e rodas de carruagens. Foram para o

oeste devido à sorte e à perseverança, na direção da Via Justiça, o canal usado para enforcamentos havia quinhentos anos.

Na margem do canal, um muro baixo de pedras impedia o mergulho direto na água que ficava 2 a 3 metros abaixo. Essa barreira estava desmoronando, mas ainda era suficientemente sólida para crianças se sentarem em cima. Beta não deixou de segurar Banguela nem por um segundo enquanto ajudava Locke e Tam a subir, escapando da pressão da turba. Locke tentou sentar-se ao lado de Beta, mas foi Tam que se espremeu contra ela; não havia como afastá-lo sem provocar uma cena. Tentou esconder a frustração adotando uma expressão objetiva e olhando ao redor.

Dali, pelo menos, tinha uma visão melhor das coisas. Havia multidões dos dois lados do canal e vendedores em barcos apregoando pão, salsichas, cerveja e suvenires. Eles usavam cestos presos em varas para recolher as moedas e entregar as mercadorias aos que estavam acima.

Locke podia identificar grupos de vultos pequenos se esgueirando na floresta de casacas e pernas – colegas órfãos do Morro das Sombras trabalhando. Avistava também as casacas amarelo-escuras da guarda cidadina movendo-se em meio ao povo em esquadrões com escudos pendurados às costas. Aconteceria um desastre se esses elementos opostos se encontrassem e se misturassem como alquimia malfeita, mas até agora não houvera gritos, apitos dos guardas nem sinais de qualquer coisa errada.

O tráfego fora interrompido na Ponte Negra. As lâmpadas que salpicavam o grande arco de pedra estavam cobertas com panos pretos e um pequeno grupo de sacerdotes, prisioneiros, guardas e autoridades ducais se encontrava atrás da plataforma de execução que se projetava da lateral da ponte. Dois barcos de casacas-amarelas haviam ancorado, um em cada margem do canal, para manter livre a água embaixo dos prisioneiros que seriam pendurados.

– A gente não *temos* que fazer nosso negócio? – perguntou Banguela. – A gente não *temos* que pegar uma bolsa, um anel ou alguma coisa...

Beta, que havia tirado as mãos dele por meio minuto, agarrou-o de novo e sussurrou com rispidez:

– Não fale sobre isso enquanto a gente estiver no meio do povo. Boca fechada! Vamos ficar sentados aqui, atentos. Vamos trabalhar depois do enforcamento.

Tam estremeceu e pareceu mais arrasado do que nunca. Locke suspirou, confuso e impaciente. Era triste que alguns colegas do Morro das Sombras fossem enforcados, mas, afinal de contas, era triste que eles tivessem sido apanhados pelos casacas-amarelas. Pessoas morriam por toda parte em Camorr, em becos, canais e casas públicas, em incêndios, pestes que devastavam bairros inteiros. Tam era órfão também; ele não havia percebido tudo isso? Morrer parecia quase tão rotineiro para Locke quanto jantar ou mijar, e ele não conseguia se sentir mal porque isso estava acontecendo com alguém que mal conheceria.

Parecia que a coisa ia acontecer logo. Um rufar de tambores soou na ponte, ecoando sobre água e pedra, e aos poucos o murmúrio empolgado da multidão foi cessando. Nem mesmo os serviços religiosos podiam deixar os camorris tão respeitosa e atentos quanto o estalar de pescoços em público.

– Leais cidadãos de Camorr! Agora chega o meio-dia, este décimo sétimo instante, este mês de Tirastim no nosso Septuagésimo Sétimo Ano de Sendovani! – gritou de cima da Ponte Negra um arauto de barriga enorme usando plumas negras. – Esses criminosos foram considerados culpados de crimes capitais contra a lei e os costumes de Camorr. Pela autoridade de Sua Graça, o Duque Nicovante, e pelos sinetes de seus honoráveis magistrados da Câmara Vermelha, eles foram trazidos aqui para receberem a justiça.

Houve um movimento atrás dele na ponte. Sete prisioneiros

foram empurrados, cada um acompanhado por dois guardas com capuzes escarlates. Locke viu que Tam estava mordendo os nós dos dedos. Beta passou o braço pelos ombros do garoto e Locke trincou os dentes. Ele estava executando seu serviço, comportando-se, recusando-se a fazer um espetáculo, e era *Tam* que recebia a ternura de Beta?

– Você se acostuma, Tam – disse Beta baixinho. – Honre-os agora. Mantenha-se firme.

Na plataforma da ponte, os Mestres das Cordas apertaram os nós em volta do pescoço dos condenados. As cordas tinham mais ou menos o tamanho de cada prisioneiro e estavam presas em elos logo atrás do pé dos criminosos. Não havia mecanismos inteligentes ali, nenhum truque chique. Não estavam em Tal Verrar. No leste, as pessoas eram simplesmente empurradas pela borda.

– Jerevin Tavasti! – gritou o arauto, consultando um pergaminho. – Incêndio criminoso, conspiração para receber mercadorias roubadas, ataque a um oficial do Duque! Malina Contada, falsificação e uso indevido do nome e da imagem de Sua Graça, o Duque. Caio Vespasi, invasão de residência, pantomima maliciosa, incêndio criminoso e roubo de cavalo! Lorio Vespasi, conspiração para receber mercadorias roubadas.

E acabaram os adultos. O arauto seguiu até as três crianças. Tam soluçou e Beta sussurrou:

– Sshhh.

Locke notou que Beta permanecia numa calma fria e tentou imitar seu ar de desinteresse. Olhos cautelosos, queixo erguido, boca praticamente fechada numa carranca. Sem dúvida, se ela o encarasse durante a cerimônia, iria notar e aprovar...

– Mariabella, sem sobrenome! – continuou o arauto. – Roubo e desobediência imoderada! Zilda, sem sobrenome. Roubo e desobediência imoderada!

Os Mestres estavam amarrando pesos extras nas pernas desse

último trio de prisioneiros, já que seus corpos magros poderiam não puxar a corda o suficiente e retardar o processo.

– Lars, sem sobrenome. Roubo e desobediência imoderada.

– Zilda era boa comigo – sussurrou Tam com a voz embargada.

– Os deuses sabem. Quietos agora.

– Pelos crimes do corpo vocês sofrerão a morte do corpo – prosseguiu o arauto. – Serão suspensos acima da água corrente e ficarão pendurados pelo pescoço até a morte. Seus espíritos inquietos serão carregados sobre a água até o Mar de Ferro, onde não poderão causar mais mal a qualquer alma ou habitação no domínio do Duque. Que os deuses recebam suas almas com misericórdia, em bom tempo. – O arauto baixou o rolo de pergaminho e encarou os prisioneiros. – Em nome do Duque, eu lhes dou justiça.

Tambores rufaram. Um dos Mestres das Cordas desembainhou uma espada, para o caso de algum prisioneiro lutar contra os guardas. Locke já vira um enforcamento e sabia que os condenados tinham apenas uma chance de manter alguma dignidade que lhes restasse.

Naquele dia, as cordas correram fáceis. O rufar foi silenciado. Cada par de casacas-amarelas encapuzados avançou e empurrou seu prisioneiro da plataforma.

Tam se retraiu, como Locke imaginara que faria, mas nem ele estava preparado para a reação de Banguela quando as cordas se retesaram com os estalos que podiam ser do cânhamo, dos pescoços ou das duas coisas.

– Aaaahhhh! Aaaaaaaahhhhhh!

AAAAAAAAAAAAAAAAAHHHHHHHHHH!

Cada grito era mais longo e mais alto do que o anterior. Beta tapou a boca de Banguela e lutou contra ele. Sobre a água, quatro corpos grandes e três menores balançavam como pêndulos em arcos que rapidamente ficavam cada vez menores.

O coração de Locke martelava. Todo mundo ali perto devia estar olhando para eles. Ouviu risinhos e comentários de desaprovação. Quanto mais atenção atraíssem, mais difícil seria fazer seu trabalho de verdade.

– Sshhh – fez Beta, esforçando-se para manter Banguela sob controle. – Quietos, seu desgraçado. Quietos!

– Qual é o problema, garota?

Locke ficou consternado ao ver que uma dupla de casacas-amarélas havia aberto caminho pela multidão logo atrás deles. Pelos deuses, isso era pior do que qualquer coisa! E se eles estivessem procurando órfãos do Morro das Sombras? E se fizessem perguntas difíceis? Conteve o impulso de pular na água e ficou imóvel, com os olhos arregalados.

Beta manteve um dos braços cobrindo o rosto de Banguela, mas de algum modo conseguiu se virar e baixar a cabeça para os guardas.

– Meu irmãozinho nunca tinha visto um enforcamento – explicou ela, ofegando. – Não queremos criar confusão. Eu calei a boca dele.

Banguela parou de lutar mas começou a soluçar. O guarda que havia falado, um homem de meia-idade com o rosto cheio de cicatrizes, olhou para ele com desagrado.

– Vocês quatro vieram aqui sozinhos?

– Mãe mandou – respondeu Beta. – Queria que os garotos assistissem a um enforcamento. Para verem o que se ganha com a vagabundagem e as más companhias.

– Uma mulher que pensa direito. Nada melhor do que um bom enforcamento para arrancar a maldade de um moleque. – O casaca-amaréla franziu a testa. – Por que ela não está aqui com vocês?

– Ah, mãe adora um enforcamento – disse Beta e acrescentou, baixando a voz até um sussurro: – Mas, ah, ela está mal das tripas. O negócio está feio. O dia inteiro ela ficou sentada na...

– Ah. Tudo bem, então. – O guarda tossiu. – Que os deuses lhe deem saúde. É melhor você não trazer *esse aí* de novo para a cerimônia do Dia da Penitência durante um tempo.

– Concordo, senhor. – Beta baixou a cabeça outra vez. – Mamãe vai arrancar o couro dele por causa disso.

– Então vão andando, garota. Não precisamos de mais escândalos.

– Claro, senhor.

Os guardas se afastaram pela multidão, que retornava à vida. Beta deslizou do muro de pedras sem muito jeito, pois segurava rigidamente Banguela e Tam se recusava a soltar seu outro braço. Ele não havia gritado como Banguela, mas Locke viu seus olhos marejados e notou que ele estava mais pálido do que antes. Locke passou a língua pelo céu da boca, que tinha ficado seco sob o escrutínio dos casacas-amarelas.

– Venham – ordenou Beta. – Para longe daqui. Já vimos tudo que havia para ver.

8

OUTRA PASSAGEM PELO MAR DE CASACOS, pernas e barrigas. Sentindo a empolgação crescer de novo, Locke se agarrou de leve nas costas da túnica de Beta para não perdê-la e ficou ao mesmo tempo satisfeito e desapontado quando ela não reagiu. Beta levou-os de volta para as sombras verdes do Mara Camorrazza, onde a solidão silenciosa reinava a menos de 40 metros de uma multidão de centenas de pessoas, e assim que estavam abrigados em segurança num nicho escondido, ela empurrou Tam e Banguela para o chão.

– E se outro grupo do Morro visse aquilo? Pelo amor dos deuses!

– Desculpa – gemeu Banguela. – Mas eles... mas eles... eles foram mor...

– As pessoas morrem quando são enforcadas. É por isso que as

enforcam! – Beta torceu a frente de sua túnica com as duas mãos, depois respirou fundo. – Agora se recuperem. Cada um de vocês deve roubar uma bolsa ou outra coisa antes da gente voltar.

Banguela irrompeu num novo ataque de soluços, rolou de lado e mordeu os nós dos dedos. Tam, parecendo mais cansado do que Locke imaginaria possível, disse:

– Não posso, Beta. Desculpe. Eu vou ser apanhado. Não posso mesmo.

– Vai ficar sem janta esta noite.

– Tudo bem. Me leve de volta, por favor.

– Maldição. – Beta esfregou os olhos. – Preciso levar vocês de volta com alguma coisa para mostrar, senão vou ficar tão encrencada quanto vocês, entenderam?

– Você é do Janelas – murmurou Tam. – Não tem com que se preocupar.

– Se ao menos fosse assim! Vocês dois precisam se manter firmes...

– Não posso, não posso, não posso!

Locke pressentiu uma oportunidade gloriosa. Beta os salvara de uma encrenca na beira do canal e ali estava um momento perfeito para ele retribuir. Sorrindo ao pensar na reação dela, empertigou-se o máximo que pôde e pigarreou.

– Tam, não seja idiota – ralhou Beta, ignorando totalmente Locke. – Você *vai* pegar alguma coisa ou criar uma distração para alguém poder pegar. Não vou lhe dar outra chance...

– Desculpe – interrompeu Locke, hesitante.

– O que você quer?

– Cada um deles pode ficar com uma coisa minha.

– O quê? – Beta se virou para ele. – Do que você está falando?

De debaixo da túnica, Locke pegou duas bolsas de couro e um belo lenço de seda só um pouquinho manchado.

– Três peças. Nós somos três. Apenas diga que cada um pegou

uma e a gente pode ir para casa agora.

– Onde *diabos* você conseguiu...

– Na multidão. Você estava com o Banguela... estava prestando tanta atenção nele que não deve ter visto.

– Eu ainda não mandei você roubar nada!

– Bom, você não disse para não roubar.

– Mas isso é...

– Eu posso devolver – cortou Locke, muito mais petulante do que havia pretendido.

– Não seja malcriado comigo! Ah, pelo amor de Deus, não faça tromba. – Beta se ajoelhou e pôs as mãos nos ombros dele. Com o toque e a atenção dela, Locke sentiu subitamente um tremor incontrolável. – O que foi? Qual é o problema?

– Nada. Nada.

– Deuses, que garotinho estranho você é! – Beta olhou de novo para Tam e Banguela. – Um bando de desastrados, vocês três. Dois não querem trabalhar. Um trabalha sem receber ordem. Acho que não temos escolha.

Beta pegou as bolsas e o lenço. Seus dedos roçaram nos de Locke e ele estremeceu. Os olhos de Beta se estreitaram.

– Você bateu com a cabeça antes?

– Bati.

– Quem empurrou você?

– Eu só caí.

– *Claro* que caiu.

– Sério!

– Isso parece estar perturbando você. Ou talvez você esteja doente. Você está tremendo.

– Eu... estou bem.

– Tudo bem, então. – Beta fechou os olhos e massageou-os com as pontas dos dedos. – Acho que você me poupou um bocado de encrenca. Quer que eu... olhe, quer que eu dê um jeito na pessoa

que está incomodando você?

Locke ficou espantado. Uma garota mais velha, *essa* garota mais velha, logo ela, e ainda por cima membro do Janelas, estava lhe oferecendo proteção? Será que ela poderia fazer isso? Será que poderia colocar Veslin e Gregor em seus devidos lugares?

Não. Locke forçou os olhos a se afastarem do rosto fascinante de Beta para se obrigar a voltar à terra. Sempre haveria outros Veslins, outros Gregors. E se eles ficassem mais ressentidos ainda por causa da interferência dela? Beta era do Janelas; ele era do Ruas. Seus dias e noites eram invertidos. Locke nunca a vira antes daquele dia; que tipo de proteção poderia obter? Continuaría bancando o morto. Evitando chamar atenção. Primeira e segunda regras. Como sempre.

– Eu só caí – repetiu ele. – Tudo bem.

– Ótimo – replicou ela com um pouco de frieza. – Como quiser.

Locke abriu e fechou a boca algumas vezes, tentando desesperadamente imaginar algo que pudesse dizer para encantar aquela criatura alienígena. Tarde demais. Ela se virou e puxou Tam e Banguela de pé.

– Nem acredito, mas vocês dois, idiotas, devem um jantar ao incendiário dos Estreitos aqui. Entendem o inferno que a gente vai sofrer se vocês disserem uma palavra disso a alguém?

– Entendo – respondeu Tam.

– Eu ficaria muito chateada se sofresse alguma coisa – continuou Beta. – Qualquer coisa! Ouviu, Banguela?

O pobre coitado assentiu, depois chupou os nós dos dedos outra vez.

– De volta ao Morro, então. – Beta deu um puxão no lenço de cabeça e ajustou o chapéu. – Vou ficar com as coisas e entregar pessoalmente ao chefe. Nenhuma palavra sobre isso. *A ninguém.*

Continuou segurando Banguela até voltarem ao cemitério. Tam a seguia junto aos calcanhares, parecendo exausto mas aliviado. Locke ia atrás, tramando com toda a extensão de sua experiência

totalmente inadequada. O que ele tinha dito ou feito de errado? O que avaliara mal? Por que ela não o estava adorando por ter lhe poupado tanta encrenca?

Beta não lhe disse nada durante toda a volta para casa. Então, antes que ele pudesse encontrar uma desculpa para falar com ela de novo, a garota foi embora, sumiu nos túneis que levavam ao domínio particular do Janelas, onde ele não poderia segui-la.

Naquela noite, Locke ficou mal-humorado, comendo pouco do jantar que seus dedos ágeis haviam feito por merecer, furioso não só com Beta, mas consigo mesmo por tê-la afastado de algum modo.

9

DIAS SE PASSARAM, MAIS LONGOS do que qualquer um que Locke já vivera, agora que tinha algo com que se preocupar além da breve empolgação dos crimes cotidianos e das tarefas constantes de sobrevivência.

Beta não saía dos seus pensamentos. Ele sonhava com ela, sonhava com seus cabelos se derramando de debaixo da boina, captando a luz que se filtrava pelo verde entrelaçado do Mara Camorrazza. Estranhamente, nos sonhos, o cabelo era todo ruivo, das pontas às raízes, intocados pela tintura ou pelo disfarce. O preço dessas visões era que ele acordava com desapontamentos frios e duros e ficava deitado na escuridão, debatendo-se com emoções misteriosas que nunca o haviam incomodado antes.

Teria que vê-la outra vez. De algum modo.

A princípio, alimentou a esperança de que ficaria no grupo de encrenqueiros permanentemente, de que Beta poderia ser a inspetora deles de novo. Infelizmente, o Aliciador não parecia ter esses planos. Locke percebeu aos poucos que, se quisesse ter outra chance de impressioná-la, precisaria se arriscar.

Era difícil quebrar as rotinas que havia estabelecido para si

mesmo, sem falar das rotinas esperadas de alguém em sua posição subalterna. Porém, começou a andar com mais frequência pelas câmaras e túneis de seu lar, ansioso por um vislumbre de Beta, expondo-se a abusos e à ridicularização das crianças mais velhas e entediadas. Bancava o morto. Não reagia. Primeira e segunda regras. Quase conseguia gostar de ganhar hematomas com um objetivo genuíno.

Os órfãos mais inferiores do Ruas – isto é, quase todos – dormiam em massa no piso de câmaras laterais, como em um abrigo de refugiados, várias dúzias em cada cômodo. Agora, quando seus sonhos o acordavam à noite, Locke tentava ficar acordado, apurar os ouvidos para escutar além dos murmúrios e dos movimentos dos que estavam ao redor, para detectar as idas e vindas do Janelas em suas tarefas secretas.

Antes, sempre dormira em segurança no meio de seus colegas que roncavam, ou encostado numa parede boa e reconfortante. Agora se arriscava em posições na borda da massa comprimida, onde poderia captar vislumbres de pessoas nos túneis. Cada sombra que passava e cada passo que ouvia poderia ser dela, afinal de contas.

Os êxitos foram poucos. Viu-a na hora do jantar várias vezes, mas Beta nunca falava com ele. Na verdade, se o notava, não demonstrava nem um pouco. E quanto a puxar papo por iniciativa própria, com ela cercada por seus amigos do Janelas, perto dos valentões mais velhos do Ruas... nenhuma presunção poderia ser mais fatal. Assim Locke se esforçava ao máximo, debilmente, para se esconder e espioná-la, adorando o arrepio no estômago sempre que captava ao menos meio segundo de vislumbre. Os vislumbres e as sensações o recompensavam por muitos dias de saudade frustrada.

Mais dias, mais semanas transcorreram no presente eterno e nebuloso do período da infância. Os breves momentos que havia passado na presença de Beta, falando com ela e ouvindo-a,

ganhavam cada vez mais refinamento em sua memória, até que a própria vida poderia ter se iniciado naquele dia.

Em algum momento daquela primavera, Tam morreu. Locke ouviu os murmúrios. O garoto foi apanhado tentando roubar uma bolsa e a vítima arrebentou seu crânio com uma bengala. Esse tipo de coisa não era incomum. Se o homem tivesse testemunhas da tentativa de roubo, provavelmente perderia um dedo de sua mão mais fraca. Se ninguém confirmasse a história, ele seria enforcado. Camorr era civilizada, afinal de contas; havia momentos aceitáveis e inaceitáveis para matar crianças.

Banguela se foi pouco depois, atropelado por uma carroça em plena luz do dia. Locke imaginou se não teria sido melhor assim. Ele e Tam sofriam no Morro e talvez os deuses pudessem encontrar algo melhor para fazer com os dois. De qualquer modo, isso não era da sua conta. Locke tinha sua própria obsessão para perseguir.

Alguns dias depois da morte de Banguela, Locke chegou em casa após uma tarde longa e quente trabalhando no bairro do Canto Norte, vigiando e roubando barracas de vendedores no mercado chique de lá. Sacudiu a chuva da capa improvisada, que era o mesmo pedaço de couro fedorento que lhe servia de cobertor toda noite. Foi encontrar o grupo dos mais velhos, comandado por Veslin e Gregor, que arrochavam as crianças todo dia quando elas chegavam com os ganhos.

Em geral eles gastavam a maior parte da energia provocando e ameaçando os colegas de Locke, mas naquele dia estavam falando empolgados sobre outra coisa. Locke captou trechos da conversa enquanto esperava sua vez de sofrer abusos.

- ... ele está bem infeliz... ela era uma das que mais ganhavam.
- Sei que era. E ainda assim não era metida a besta.
- Mas, pra você, o Janelas é tudo assim, não é? Eles não é tudo igual? Bom, essa é uma coisa que eles não vão gostar. Isso prova que eles *é mortal* que nem a gente. Eles *faz* merda do mesmo jeito.

– Foi um mês ruim pra gente. Aquele pobre coitado que teve a cabeça arreventada... aquele merdinha que a gente deixou sem dente... e agora ela.

Locke sentiu um aperto nas tripas.

– Quem? – perguntou.

Veslin encarou Locke como se estivesse espantado com o fato de que as pequenas criaturas do Ruas tinham capacidade de falar.

– Quem o quê, seu coçador de cu?

– De quem vocês estão falando?

– Você não ia querer saber, porra.

– QUEM?

Os punhos de Locke haviam se fechado por conta própria e seu coração martelava enquanto ele gritava de novo a plenos pulmões:

– QUEM??

Veslin só precisou de um único chute para derrubá-lo. Locke viu o pé do valentão subindo em direção ao seu rosto, mas ainda assim não pôde evitar o golpe. Teto e chão se inverteram e, quando voltou a enxergar, estava de costas, com o calcanhar de Veslin no peito. O sangue quente, com gosto de cobre, escorria pelo fundo da sua garganta.

– Aonde ele vai parar falando com a gente assim? – perguntou Veslin em tom afável.

– Não sei. É uma porra triste, é mesmo – falou Gregor.

– Por favor – pediu Locke. – Diga...

– Dizer o quê? Que direito você tem de saber alguma coisa? – Veslin se ajoelhou no peito de Locke, revistou suas roupas e pegou as coisas que ele conseguira roubar naquele dia: duas bolsas, um colar de prata, um lenço e alguns tubos de madeira com cosméticos jereshtis. – Sabe de uma coisa, Gregor? Acho que não me lembro de ter visto o Lamora aqui chegar em casa com alguma coisa esta noite.

– Nem eu, Ves.

– É. Está vendo só que coisa triste, seu mijãozinho? Se quiser jantar, pode comer sua própria bosta.

Locke estava acostumado demais ao tipo de gargalhada que brotou no túnel para prestar atenção a ela. Tentou se levantar e foi chutado no pescoço.

– Eu só quero saber o que aconteceu... – disse, ofegando.

– Por que você se importa?

– Por favor... por favor...

– Bom, se você vai ser respeitoso... – Veslin largou os ganhos de Locke num saco de pano sujo. – O Janelas teve uma noite ruim.

– Foram apanhados direitinho, foram mesmo – completou Gregor.

– Pegos roubando uma casa grande. Nem todos se livraram. Perderam um no canal.

– Quem?

– Beta. Ela se afogou.

– Vocês estão mentindo – sussurrou Locke. – VOCÊS ESTÃO MENTINDO! – Veslin chutou-o na lateral da barriga e Locke se retorceu. – Quem disse... quem disse que ela...

– *Eu* digo, porra.

– Quem contou a você?

– Eu recebi uma carta do Duque, seu retardado da porra. Foi o chefe, foi ele! Beta se afogou ontem à noite. Ela não vai voltar para o Morro. Você está caidinho por ela ou o quê? Que piada!

– Vá para o inferno – sussurrou Locke. – Vá você para o...

Veslin o interrompeu com outro chute forte no mesmo lugar.

– Gregor, temos um problema de verdade aqui. Esse aí não bate bem. Esqueceu o que pode e o que não pode dizer a pessoas como a gente.

– Eu tenho a coisa certa para isso, Ves.

Gregor chutou Locke entre as pernas. A boca de Locke se abriu, mas não saiu nada, a não ser um chiado seco de agonia.

– Vamos acabar com o merdinha. – Veslin sorriu e, junto com

Gregor, começou a dar em Locke chutes fortes, mirados cuidadosamente. – Gosta disso, Lamora? Gosta do que você ganha quando fica metido a besta com a gente?

Só a proibição de assassinato, imposta pelo Aliciador entre os órfãos, salvou a vida de Locke. Sem dúvida os garotos o teriam destrozado se seus próprios pescoços não fossem o preço pago pela diversão e, mesmo assim, quase foram longe demais.

Passaram-se dois dias até que Locke pudesse se mover o suficiente para trabalhar de novo e, nesse intervalo, sem ter amigos para cuidar dele, foi atormentado pela fome e pela sede. Mas não sentiu satisfação em se recuperar e nenhum júbilo na volta ao trabalho.

Estava de novo bancando o morto, de novo se escondendo nos cantos, de volta à primeira e à segunda regras. Mais uma vez estava totalmente sozinho no Morro.

LIVRO I

A SOMBRA DELA

*NÃO POSSO lhe dizer agora.
Quando a força e os redemoinhos do vento
Não me soprarem mais,
E o vento for finalmente um sussurro...
Talvez então eu lhe conte
em outra ocasião.*

CARL SANDBURG, "THE GREAT HUNT"

CAPÍTULO UM

As coisas pioram

1

A LUZ FRACA DO SOL em suas pálpebras o arrancou do sono. A claridade se intrometeu, cresceu, fez com que ele piscasse, grogue. Uma janela estava aberta, deixando o ar ameno da tarde entrar com um cheiro de água doce. Não era Camorr. Som de ondas batendo numa praia de areia. Definitivamente não era Camorr.

Estava de novo embolado nos lençóis, atordoado. O céu da boca parecia couro seco ao sol. Lábios rachados se descolaram quando ele grasnou:

– O que está...

– Sshh. Eu não queria acordar você. O quarto precisava de um pouco de ar.

Um borrão escuro à esquerda, mais ou menos da altura de Jean. O piso rangeu quando a sombra se moveu. O farfalhar suave de tecido, o estalar de uma bolsa de moedas, o tilintar de metal. Locke se apoiou nos cotovelos, preparado para a tontura. Ela chegou pontualmente.

– Eu estava sonhando com ela – murmurou. – A época em que... quando a gente se conheceu.

– Ela?

– Ela. Você sabe.

– Ah. A *ela* canônica.

Jean se ajoelhou ao lado da cama e estendeu um copo d'água, que Locke pegou com a mão esquerda trêmula e bebeu agradecido. O mundo estava entrando lentamente em foco.

– Tão nítido... – disse Locke. – Achei que podia tocar nela. Dizer... como lamento.

– Isso é o melhor que você consegue? Sonha com uma mulher *daquela* e a única coisa que consegue pensar em fazer com seu tempo é pedir desculpas?

– Não estava sob meu controle...

– Os sonhos são seus. Tome as rédeas.

– Eu era só um garotinho, pelo amor dos deuses.

– Se ela aparecer de novo, avance dez ou quinze anos. Quero ver um pouco de rubor e voz gaguejando na próxima vez que você acordar.

– Você vai sair?

– Um pouco. Fazer a ronda.

– Jean, não adianta. Pare de se torturar.

– Acabou? – Jean pegou o copo vazio.

– Nem de longe. Eu...

– Não vou demorar muito. – Jean pousou o copo na mesa e espanou descuidadamente as lapelas do casaco enquanto se dirigia até a porta. – Descanse mais um pouco.

– Você não escuta a voz da razão, não é?

– Você sabe o que dizem sobre imitação e lisonjas.

A porta se fechou e Jean sumiu, seguindo para as ruas de Lashane.

2

LASHANE ERA FAMOSA POR SER uma cidade onde qualquer coisa poderia ser comprada ou deixada para trás. Pela graça do *regio*, a

mais alta e rarefeita ordem de nobreza da cidade – na qual um título que remontasse a mais de duas gerações qualificava alguém como pertencente à velha guarda –, praticamente qualquer um com dinheiro na mão e pulso suficiente para manter a semiconsciência podia ter o sangue transmutado numa imitação razoável de azul.

Vinham de todo canto do mundo terim: mercadores e criminosos, capitães mercenários e piratas, jogadores, aventureiros e exilados. Ainda plebeus, entravam na crisálida de uma casa de contabilidade, entregavam enormes quantidades de metal precioso e emergiam à luz do dia como recém-nascidos pares de Lashane. O *regio* cunhava semibarões, barões, viscondes, condes e até algum marquês ocasional, com estilos que eram em grande parte de sua própria invenção. Os títulos honoríficos eram tirados de uma lista e tinham custo extra: “Defensor da Duodécupla Fé” era bastante popular. Também havia meia dúzia de ordens de cavalaria sem importância que pareciam maravilhosas numa lapela de casaca.

Como essa respeitabilidade comprada era algo novo para aqueles que as adquiriam, Lashane vinha a ser a cidade mais violentamente cônica das boas maneiras que Jean Tannen já visitara. Eles não tinham séculos de ascendência aristocrática para garantir seu valor, por isso os neófitos lashanis compensavam exageradamente com a cerimônia. Suas regras de precedência eram como fórmulas alquímicas e os jantares formais matavam mais deles a cada ano do que as vítimas combinadas das febres e dos acidentes. Parecia que pouca coisa poderia ser mais empolgante para os que haviam acabado de comprar seus nomes de família do que arriscá-los (para não mencionar sua carne mortal) por causa de pequenos insultos.

O recorde, pelo que Jean ouvira dizer, era de três dias desde a casa de contabilidade até a área de duelos e a carruagem fúnebre. O *regio*, claro, não devolvia o dinheiro aos parentes do falecido.

Em resultado desse absurdo, era difícil, para quem não possuía títulos, independentemente da cor das suas moedas, obter acesso

aos melhores galenos da cidade. Eles se tornavam símbolos tão grandes de status devido à sua clientela nobre que raramente precisavam procurar ouro em outras fontes.

O sabor do outono estava no vento frio soprando do Amatel, o Lago das Joias, que se estendia até o horizonte ao norte de Lashane. Jean estava vestido de modo conservador para os padrões locais, com uma casaca de veludo marrom e sedas que não valeriam mais do que, digamos, três meses de pagamento para um comerciante mediano. Isso o identificava de imediato como um empregado e servia à sua tarefa atual. Nenhum cavalheiro importante esperava pessoalmente no portão do jardim de um galeno.

O Erudito Erkemar Zodesti era considerado o melhor galeno de Lashane, um prodígio com a serra de ossos e o cadinho de alquimista. Demonstrara completo desinteresse, durante três dias seguidos, pelos pedidos de consulta feitos por Jean.

Naquele dia, Jean se aproximou de novo do portão de barras de ferro nos fundos do jardim de Zodesti, por trás do qual um serviçal idoso o espiava com insolência reptiliana. Na mão estendida de Jean, um envelope de pergaminho e um quadrado de cartão branco, como nos três dias anteriores. Jean estava ficando irritado.

O serviçal estendeu a mão entre as barras sem dizer uma palavra e pegou tudo o que Jean oferecia. O envelope, contendo a propina costumeira, composta de uma quantidade grande demais de moedas de prata, sumiu no casaco do serviçal. O velho leu ou fingiu ler o cartão, arqueou as sobrancelhas para Jean e se afastou.

O cartão dizia o mesmo de sempre: *Contempla va cora frata eminenza*. Ou seja, "Considere o pedido de um amigo eminente" em trono terim; essa era a afetação educada para esse tipo de gesto. Em vez de dar o nome do aristocrata, a mensagem indicava que alguém poderoso desejava pagar anonimamente para que outra pessoa fosse examinada. Era um modo comum de fazer com que os

ricos resolvessem o problema de, digamos, uma amante grávida, sem revelar a identidade de alguém importante.

Jean passou os longos minutos de espera examinando a casa do galeno. Era um local bom e sólido, mais ou menos do tamanho de uma pequena mansão no Alcegrante, em Camorr. Porém, era mais nova e seu estilo imitava o de Tal Verrar, esforçando-se para proclamar a importância dos habitantes. A cobertura era de telhas de vidro vulcânico e as janelas tinham molduras com relevos decorativos mais adequados a um templo.

Vindos do coração do jardim propriamente dito, isolado das vistas por um muro de pedras de 3 metros de altura, Jean podia ouvir os sons de uma festa animada. Copos tilintando, gargalhadas agudas e, ao fundo, o zumbido de uma viola de nove cordas e outros instrumentos.

– Lamento informar ao seu senhor que no momento o Erudito é incapaz de aceitar seu pedido de consulta.

O serviçal reapareceu atrás do portão de ferro com as mãos vazias. O envelope, uma garantia de seriedade, havia sumido, claro – Jean não sabia se nas mãos de Zodesti ou do velho.

– Talvez o senhor pudesse me dizer quando seria mais conveniente o Erudito receber a petição do meu senhor, já que obviamente o meio da tarde ao longo de meia semana foi inadequado.

– Não sei dizer. – O serviçal bocejou. – O Erudito está tomado de trabalho.

– De trabalho. – Jean ficou furioso ao ouvir aplausos na festa. – É mesmo. Meu senhor tem um caso que exige a maior capacidade e discrição possíveis...

– O seu senhor poderia contar com a discrição do Erudito. Infelizmente, a capacidade dele é exigida com urgência em outro local neste momento.

– Maldição, homem! – O autocontrole de Jean se evaporou. –

Isso é importante!

– Não admito que falem comigo de modo vulgar. Bom dia.

Jean pensou em enfiar as mãos através das barras de ferro e agarrar o velho pelo pescoço, mas isso seria contraproducente. Não estava usando couros de luta por baixo das roupas finas e seus sapatos decorativos seriam piores do que pés descalços. Apesar do par de machadinhas escondido embaixo da casaca, não estava equipado nem mesmo para invadir uma festa de jardim.

– O Erudito se arrisca a ofender um cidadão de importância considerável – rosnou Jean.

– O Erudito já está ofendendo, seu sujeito simplório. – O velho deu um risinho. – Vou lhe dizer claramente: ele tem pouco interesse por negócios arranjados deste modo. Não acredito que um único cidadão nobre seja tão pouco familiarizado com o Erudito a ponto de temer ser recebido na porta da frente.

– Voltarei amanhã – avisou Jean, esforçando-se para manter a compostura. – Talvez eu possa falar sobre uma quantia que penetrará até mesmo na indiferença do seu senhor.

– O senhor merece elogios pela persistência, ainda que não pela percepção. Amanhã o senhor deve fazer o que seu senhor pede. Por hora já me despedi.

– Bom dia. Que os deuses protejam a casa onde reside tamanha gentileza.

Inclinou-se rigidamente e saiu.

Não havia mais nada a fazer no momento naquela cidade amaldiçoada onde nem mesmo jogar envelopes cheios de moedas garantia a atenção para um problema.

Enquanto voltava pisando forte à sua carruagem alugada, Jean xingou Maxilan Stragos pela milésima vez. O filho da mãe tinha mentido sobre coisas demais. Por que, no fim das contas, o maldito veneno fora a única coisa sobre a qual ele optara por dizer a verdade?

3

O LAR, POR ENQUANTO, ERA uma suíte alugada na Villa Suvela, uma casa de cômodos sem adornos porém escrupulosamente limpa, uma das preferidas pelos viajantes que vinham a Lashane para tomar as águas do Amatel, que supostamente curavam reumatismo. Contudo, Jean ainda não vira alguém sair do banho saltando e dançando. A casa dava para uma praia de areia preta no litoral norte da cidade e os outros hóspedes eram discretos.

– Desgraçado – praguejou Jean enquanto abria a porta do apartamento interno da suíte. – Réptil lashane sem mãe. Ganancioso filho de um penico e de um peido fedorento.

– Minha aguda percepção das nuances sutis revela que você deve estar frustrado.

Locke estava sentado e parecia totalmente desperto.

– Nós fomos esnobados outra vez – explicou Jean, franzindo a testa. Apesar do ar puro entrando pela janela, o apartamento ainda cheirava a suor velho e sangue fresco. – Zodesti não virá. Pelo menos não hoje.

– Para o diabo com ele, então, Jean.

– Ele é o único galeno de reputação com quem ainda não consegui falar. Alguns dos outros foram difíceis, mas ele está sendo impossível.

– Eu fui beliscado e sangrado por cada lunático maldito desta cidade que já enfiou uma pílula numa garganta. Um a mais não faz diferença.

– Ele é o melhor. – Jean jogou sua casaca sobre uma cadeira, pousou as machadinhas e tirou uma garrafa de vinho azul de um armário. – Um especialista alquímico. E também um verdadeiro fodedor de ratos metido a besta.

– Então é melhor assim. O que os vizinhos pensariam se eu me consultasse com um fodedor de ratos?

– Precisamos da opinião dele.

– Estou cansado de ser uma curiosidade médica. Se ele não vem, não vem.

– Vou lá amanhã de novo. – Jean serviu duas taças de vinho e completou com água até ficarem numa agradável cor de céu da tarde. – De um jeito ou de outro vou trazer o sacana metido.

– O que você vai fazer? Quebrar os dedos do sujeito se ele não quiser dar a consulta? Isso pode tornar a situação meio esquisita para mim. Especialmente se ele quiser cortar alguma coisa fora.

– Ele pode encontrar uma solução.

– Ah, pelo amor dos deuses. – O suspiro frustrado de Locke virou uma tosse. – Não há solução.

– Confie em mim. Amanhã eu vou estar num dos meus dias especialmente persuasivos.

– Pelo que vejo, só custou algumas moedas de ouro descobrirmos como somos pouco chiques. A maioria dos fracassos sociais tem um preço muito maior, imagino.

– Em algum lugar por aí deve haver uma doença que deixe as pessoas humildes, afáveis e agradáveis. Um dia vou descobri-la e garantir que você tenha a pior contaminação possível.

– Tenho certeza de que eu nasci imune a ela. Por falar em agradável, esse vinho vai chegar às minhas mãos ainda este ano?

Locke parecia bastante alerta, mas sua voz estava engrolada e mais fraca do que no dia anterior. Inquieto, Jean se aproximou da cama, com as taças estendidas como uma oferenda de paz a alguma criatura desconhecida e potencialmente perigosa.

Locke já estivera nessa situação, magro e pálido demais, barba por fazer havia semanas. Só que dessa vez não havia ferimento óbvio do qual cuidar, nenhum corte para receber um curativo. Apenas o legado traiçoeiro de Maxilan Stragos fazendo seu trabalho silencioso. Os lençóis de Locke estavam sujos de sangue e com manchas escuras de suor febril. Seus olhos brilhavam nas órbitas

feridas.

Toda noite Jean examinava uma pilha de textos médicos, mas ainda não encontrara palavras adequadas para o que acontecia com Locke. Ele estava sendo descosturado por dentro; as veias e os tendões se desfaziam. O sangue escorria dele como se devido a um capricho demoníaco. Numa hora era tossido; na outra, saía pelos olhos ou pelo nariz.

– Maldição – sussurrou Jean enquanto Locke tentava pegar a taça. A mão esquerda dele estava vermelha, como se os dedos tivessem mergulhado em sangue. – O que é isso?

– Nada incomum. – Locke riu. – Começou depois de você sair... vindo de debaixo das unhas. Posso segurar a taça com a outra mão...

– Você estava tentando esconder isso de mim? Quem é que troca a porcaria dos seus lençóis?

Jean pousou os copos e foi até a mesa embaixo da janela, onde estavam pilhas de toalhas de linho, uma jarra e uma tigela, cuja água tinha cor de ferrugem por causa do sangue velho.

– Não dói, Jean – murmurou Locke.

Ignorando-o, Jean pegou a tigela. A janela dava para o pátio interno da vila, que felizmente estava deserto. Jean jogou a água velha pela janela, encheu o recipiente de novo usando a jarra e mergulhou um pano de linho dentro.

– Mão – ordenou Jean. Locke obedeceu, carrancudo, e Jean enrolou o pano molhado em volta dos seus dedos. Ele ficou rosado. – Mantenha levantada durante um tempo.

– Eu sei que parece feio, mas na verdade não é tanto sangue assim.

– Só resta muito pouco em você!

– Além disso, estou com falta de vinho.

Jean pegou os copos de novo e pôs um cuidadosamente na mão direita de Locke. Os tremores não pareciam muito ruins no

momento, o que era bom. Ultimamente, ele tinha dificuldade para segurar as coisas.

– Um brinde – disse Locke. – Aos alquimistas. Que todos sofram cagando merda de fogo. – Ele tomou um gole. – Ou sejam estrangulados na cama. O que for mais conveniente. Não é difícil me satisfazer.

Durante o gole seguinte, ele tossiu e uma gota cor de rubi desceu espiralando no vinho, deixando uma trilha arroxeadada ao se dissolver.

– Pelos deuses. – Jean engoliu o resto de seu vinho e pousou o copo. – Vou chamar o Malcor.

– Jean, não preciso de outra porcaria de sanguessuga de cachorro neste momento. Ele já esteve aqui seis ou sete vezes. Por que...

– Alguma coisa pode ter mudado. Alguma coisa pode estar diferente. – Jean pegou sua casaca. – Talvez ele possa ajudar com o sangramento. Talvez finalmente encontre alguma pista...

– Não existe *pista*, Jean. Não há antídoto que vá brotar do Malcor, do Kepira, do Zodesti ou de qualquer fraudulento furador de pústula em toda esta tediosa cidade de merda.

– Volto logo.

– Maldição, Jean, poupe o dinheiro! – Locke tossiu de novo e quase deixou o vinho cair. – É apenas bom senso, seu brutamontes cabeça-dura! Seu obstinado...

– Volto logo.

– ... obstinado, ahn, alguma coisa... alguma coisa ferina, inteligente e bastante convincente! Ei, se você sair agora, não vai me ver sendo bastante convincente! Maldição.

Jean fechou a porta e não ouviu o que quer que Locke pudesse ter dito em seguida. O céu do lado de fora estava tingido pelo crepúsculo, o laranja no horizonte cedendo ao prata e depois ao roxo na profunda tigela do céu. Roxo como a cor do sangue se

dissolvendo em vinho azul.

Um bloco cinza deslizando ao norte, vindo do Amatel, prometia uma tempestade em breve. Isso servia muito bem a Jean.

4

FAZIA SEIS SEMANAS QUE HAVIAM partido do pequeno porto de Vel Virazzo num iate de 40 pés, recém-saídos de uma série de desastres mais ou menos miseráveis que os tinham deixado com uma fração da vasta fortuna que esperavam recuperar em troca de dois anos investidos numa trama complexa.

Enquanto saía para as ruas de Lashane, Jean passou os dedos por uma mecha de cabelo escuro e encaracolado, bem amarrada com tiras de couro. Mantinha-a sempre num bolso do casaco ou enfiada no cinto. De todas as coisas que perdera recentemente, o dinheiro era a menor das suas preocupações.

Locke e Jean haviam discutido a ideia de velejar para o leste, em direção a Tamalek e Espara... de volta a Camorr. Mas a maior parte do mundo que eles tinham conhecido lá fora varrida para longe, e a maioria dos velhos amigos estavam mortos. Em vez disso, foram para o oeste. Noroeste.

Seguindo pelo litoral, dando o máximo de suas habilidades grosseiras, passaram ao largo de Tal Verrar, pelos restos enegrecidos da outrora luxuosa Salon Corbeau, e discutiram se iriam mais ao norte até Balinel, no Reino dos Sete Tutanos. Os dois falavam vadrã bem o bastante para fazer praticamente qualquer coisa enquanto procuravam alguma nova atividade criminosa.

Deixaram o mar e entraram no continente, subindo o largo rio Cavendria, que fora domado pelos Ancestres e era adequado a embarcações oceânicas. O Cavendria corria para o oeste a partir do Amatel, o mar interior que separava as antigas cidades irmãs, Kartane e Lashane. Um dia Locke e Jean haviam tido esperança de

comprar um ingresso para a nobreza lashani. O plano revisado era apenas encher o barco com suprimentos para a viagem até Balinel.

Os sintomas de Locke se revelaram no dia em que entraram no estuário do Cavendria.

A princípio não passaram de ataques de tontura e visão turva, mas, à medida que os dias avançavam e eles bordejavam lentamente contra a correnteza, Locke começou a sangrar pelo nariz e pela boca. Quando chegaram a Lashane, ele não conseguia mais rir daquilo nem esconder sua fraqueza cada vez maior. Em vez de pegar suprimentos, os dois alugaram cômodos e, sob os protestos de Locke, Jean começou a gastar quase todas as moedas que eles possuíam em busca de confortos e curas.

A partir do submundo de Lashane – que era toleravelmente pitoresco, ainda que nem de longe do tamanho do de Camorr –, ele consultara cada envenenador e alquimista negro que pudera subornar. Todos haviam balançado a cabeça e expressado admiração profissional pelo que fora feito a Locke; a substância em questão estava além de seus poderes. Locke fora obrigado a beber uma centena de purgativos, chás e elixires, cada um parecendo mais nojento e caro do que o anterior, todos absolutamente inúteis.

Depois disso, Jean se vestira bem e começara a procurar galenos autorizados. Referia-se a Locke como “serviçal confidencial” de uma pessoa rica, o que poderia ser qualquer coisa, desde amante secreto até assassino particular. Os galenos também expressaram pesar e fascínio em medida igual. A maioria se recusara a tentar curas, oferecendo paliativos para aliviar a dor de Locke. Jean entendia completamente o significado disso, mas não ligava para o pessimismo deles. Apenas levava cada um até a porta, pagava os honorários exorbitantes e ia atrás do galeno seguinte da lista.

O dinheiro não durou. Depois de alguns dias, Jean vendeu o barco com o gato residente, essencial para a sorte no mar, e ficou feliz em obter metade do que haviam pagado por ele.

Agora até essa verba estava acabando e Erkemar Zodesti era praticamente o único galeno em Lashane que ainda não dissera a Jean que não havia esperança para a situação de Locke.

5

— NENHUM SINTOMA NOVO — INFORMOU MALCOR, um velho rotundo com uma barba grisalha que brotava encaracolada do queixo como uma tempestade se aproximando.

Malcor era um sanguessuga de cachorro, um galeno de rua sem estudos ou licença formais. Porém, de todos os disponíveis em Lashane, era o que estava sóbrio com mais frequência.

— É meramente uma nova expressão de sintomas familiares. Anime-se.

— Acho difícil — replicou Locke. — Mas obrigado pela mãozinha.

Malcor havia passado um emplastro de pasta de milho com mel nos dedos de Locke, depois os envolveu com bandagens de linho secas, transformando sua mão esquerda numa inutilidade volumosa.

— Bem, os deuses amam um homem que ri das dificuldades.

— As dificuldades são uma chatice infernal. O difícil é conseguir rir se você não consegue ficar bêbado.

— Então o sangramento não é novidade? Não é nada pior do que antes? — perguntou Jean.

— É uma nova inconveniência, sem dúvida. — Malcor hesitou, depois deu de ombros. — Quanto à perda total dos humores sanguíneos do corpo... não sei. Um exame detalhado da água dele poderia, talvez...

— Se você quer uma tigela cheia de mijo — interrompeu Locke —, pode tirar a rolha da sua reserva particular. Já dei o suficiente desde que cheguei aqui.

— Tudo bem, então. — Os joelhos de Malcor estalaram como dobradiças enferrujadas quando ele se levantou. — Se não vou

examinar seu mijo, não vou examinar seu mijo. Mas posso deixá-lo com uma pílula que deve lhe trazer um alívio excelente por 12 a 24 horas, e talvez encorajar seus humores exauridos a se reacenderem...

– Esplêndido. Desta vez será aquela feita basicamente de giz? Ou a de açúcar? Prefiro a de açúcar.

– Olha... seu... olha aqui! – O rosto velho e enrugado de Malcor ficou vermelho. – Eu posso não ter os mantos do Colégio Terim, mas, quando eu for aos deuses, eles saberão que eu me importei tremendamente em aliviar o sofrimento dos meus pacientes!

– Paz, velho. – Locke tossiu e esfregou os olhos com a mão sem bandagem. – Sei que você tem boas intenções. Mas me poupe do seu placebo.

– Mandê seu amigo tirar as bandagens daqui a algumas horas – disse Malcor, irritado, vestindo uma capa velha cheia de manchas escuras. – Se for beber, seja frugal. Ponha água no vinho.

– Fique tranquilo, meu amigo aqui põe água no meu vinho como a acompanhante nervosa de uma princesa virgem.

– Desculpe – falou Jean, conduzindo Malcor até a porta. – Ele fica difícil quando está doente.

– Ele tem mais dois ou três dias.

– O senhor não pode estar falando...

– Posso, sim. O sangramento piorou. A enervação dele está mais pronunciada. Seus humores estão desequilibrados de modo terminal e tenho certeza de que um exame da sua água revelaria sangue. Tentei animá-lo, mas seu amigo obviamente não se engana.

– Mas...

– Assim como o senhor não deveria se enganar.

– Tem de haver alguém que possa fazer alguma coisa!

– Os deuses.

– Se eu pudesse convencer o Zodesti...

– Zodesti? – Malcor gargalhou. – Que desperdício de dom,

aquele. Zodesti trata apenas de duas doenças: riqueza e proeminência. Ele nunca irá aceitar sequer medir a pulsação de seu amigo.

– Então o senhor não tem mais nenhuma ideia? Nenhuma sugestão?

– Chame sacerdotes. Enquanto ele ainda está lúcido. – Jean fez uma carranca e o velho sanguessuga segurou-o suavemente pelos ombros. – Não sei qual é o veneno que está matando seu amigo. Mas o que está matando o senhor chama-se esperança.

– Obrigado pelo seu tempo – resmungou Jean. Em seguida, tirou várias moedas de prata da bolsa. – Se eu precisar de novo dessas máximas maravilhosas...

– Uma única *duvesta* será adequada – garantiu Malcor. – E, apesar do seu humor agora, saiba que eu virei sempre que o senhor pedir. O desconforto do seu amigo provavelmente vai aumentar, e não diminuir, antes do fim.

O sol havia ido embora e os tetos e torres da cidade ganhavam vida como labaredas contra a noite que se adensava. Enquanto observava Malcor desaparecer na rua, Jean queria, mais do que qualquer coisa, ter alguém em quem bater.

6

– UM BOM DIA AO SENHOR – CUMPRIMENTOU JEAN, aproximando-se de novo do portão do jardim. Era a segunda hora da tarde do dia seguinte e o céu não passava de uma confusão borbulhante e cinzenta. A chuva ainda não começara a cair, mas ia chegar com certeza, e logo. – Estou aqui para a petição usual.

– Algo *totalmente* inesperado – retrucou o velho por trás das barras de ferro.

– É uma hora conveniente? – De dentro do jardim, Jean podia ouvir risos de novo e uma série de pancadas ecoavam, como se algo

estivesse sendo jogado numa parede de pedra. – Ou será que o Erudito está consumido...

– Pelo trabalho. Estranho, a conversa que tivemos ontem fugiu da sua memória?

– Devo implorar, senhor. – Jean colocou o máximo possível de sinceridade passional na voz. – Um homem bom está morrendo, precisando desesperadamente de ajuda. O seu senhor não prestou juramento como galeno do Colégio?

– Os juramentos dele não são da sua conta. E muitos homens bons estão morrendo, com uma necessidade desesperada de ajuda, em Lashane, Kartane e em todos os lugares do mundo. Você vê o Erudito selando o cavalo para examiná-los?

– Por favor. – Jean sacudiu um novo envelope, tilintando com moedas. – Pelo menos leve a mensagem, pelo amor de todos os deuses.

Com meia carranca e meio sorriso, o serviçal estendeu a mão pelas barras. Jean largou o envelope, agarrou o velho pelo colarinho e bateu-o com força contra o portão. Um instante depois, uma arma brotou em sua mão livre.

Era uma adaga em forma de T, do tipo que se usa impelindo o punho. A lâmina que saía entre os dedos de Jean tinha 15 centímetros de comprimento e era curva como uma garra de animal.

– Só há um uso para uma arma assim – sussurrou Jean. – Está vendo? Se tentar gritar ou se afastar, a gordura de sua barriga servirá de avental. Abra o portão.

– Você vai morrer por causa disso – sibilou o serviçal. – Eles vão arrancar sua pele e fervê-lo em água salgada.

– E que consolo será para você, hein? – Jean cutucou-o na barriga com a adaga. – Abra o portão ou eu arranco as chaves do seu cadáver.

Com a mão trêmula, o velho obedeceu. Jean empurrou-o de lado, depois agarrou-o de novo e o virou. Agora a arma estava às

costas do sujeito.

– Leve-me ao seu senhor. Mantenha a compostura. Diga que surgiu um caso importante e que ele *vai* querer ouvir minha oferta.

– O Erudito está no jardim. Mas você é louco... Ele tem amigos em lugares importantes... Ai!

Jean cutucara-o de novo com a lâmina, instigando-o.

– Claro – concordou Jean. – Mas você tem algum amigo mais perto do que a minha adaga?

No centro do jardim, um homem baixo e robusto, de cerca de 35 anos, dava gargalhadas calorosas com uma mulher que ainda não teria 20. Os dois vestiam calções leves, camisas de seda e luvas de couro acolchoadas. Isso explicava o som rítmico de antes. Estavam usando a parte liberada de uma parede de pedras para jogar *pursava*, a “caça do parceiro”, um primo aristocrático do handebol.

– Senhor, senhora, mil perdões – disse o serviçal depois de outro cutucão de Jean, que estava meio passo atrás, onde nem Zodesti nem sua convidada poderia avistar o verdadeiro motivo para sua entrada no jardim. – Uma questão muito urgente, senhor.

– Urgente? – Zodesti tinha uma juba de cachos pretos, agora escorregadios de suor, e os restos de um sotaque verrari de classe alta. – Por quem esse sujeito veio falar?

– Um amigo eminente – respondeu Jean. – Do modo de sempre. Não seria adequado discutir essas questões diante de sua jovem...

– Pelos deuses, eu digo o que é adequado ou não no meu próprio jardim! Esse sujeito é petulante mesmo, Loran. Você conhece minhas preferências. É melhor que isso seja sério.

– Tremendamente sério, senhor.

– Faça com que ele deixe as informações específicas. Se eu achá-lo adequado, ele pode vir de novo depois do jantar.

– Agora seria melhor – retrucou Jean. – Para todo mundo.

– Quem, por todos os infernos, você acha que é? Estou cagando para sua tremenda urgência! Loran, enxote esse...

– A recusa foi notada e cordialmente rejeitada. – Jean empurrou Loran no chão. Meio segundo depois, estava em cima de Zodesti, com o antebraço carnudo envolvendo o pescoço do galeno e a lâmina erguida de modo que a jovem visse. – Se gritar pedindo ajuda, eu uso isto, senhora. Eu odiaria que algum mal causado ao Erudito pesasse na sua consciência.

– Eu... eu... – gaguejou ela.

– Balbucie o quanto quiser, desde que não grite. Quanto a *você*... – Jean apertou a traqueia do sujeito, para demonstrar sua força, e o galeno ofegou. – Eu tentei ser educado. Teria pagado bem. Mas agora vou lhe ensinar um novo modo de fazer negócios. Você tem um kit que levaria para um caso de envenenamento? Materiais de que precisaria para uma consulta?

– Sim – respondeu Zodesti, engasgado. – Na minha sala de trabalho.

– Vamos entrar calmamente na sua casa, todos nós. De pé, Loran. Você tem uma carruagem com cocheiro aqui, Erudito?

– Tenho.

– Para dentro, então, como se nada estivesse errado. Se algum de vocês me causar problema, pelos deuses, vou começar a praticar cirurgia de pescoço.

7

A PARTE COMPLICADA ERA LEVAR todos para a sala de trabalho de Zodesti, passando pelos olhares curiosos de um cozinheiro e um menino ajudante de cozinha. Mas nenhum refém de Jean fez cena e logo a porta do escritório estava entre eles e qualquer interferência. Jean trancou-a, sorriu e disse:

– Loran, poderia por favor...

Nesse momento, o velho encontrou coragem para uma última luta desesperada. Por pior que estivesse seu humor, Jean não teve

coragem de esfaquear o pobre idiota e, em vez disso, bateu com a lateral da mão que segurava a adaga no queixo do homem. O serviçal tombou no chão sem sentidos. Zodesti saltou para uma mesa no canto e abriu uma gaveta antes que Jean o agarrasse pelo colarinho e o jogasse no chão ao lado de Loran. Jean olhou para dentro da gaveta e gargalhou.

– Ia lutar comigo usando um abridor de cartas? Sentem-se, vocês dois.

Jean indicou um par de poltronas encostadas na parede dos fundos. Zodesti e sua companheira obedeceram, de olhos arregalados, como alunos esperando o castigo de um tutor. Jean cortou uma cortina pendurada ao lado da janela fechada, rasgou-a em tiras e jogou-as para Zodesti.

– Não entendo...

– Sua jovem amiga representa um problema. Não desejo ofendê-la de modo algum, senhora, mas com um refém já é suficientemente difícil de lidar, quanto mais com dois. Em especial quando são reféns amadores e desajeitados, não acostumados aos papéis e às expectativas. Portanto, vamos deixá-la naquele belo armário grande ali, onde a senhora não será encontrada tarde demais *nem cedo demais*.

– Como você ousa... – disse a jovem. – Saiba que o meu tio é...

– O tempo é precioso e minha adaga é afiada. Quando algum serviçal enfim abrir o armário, eles devem encontrá-la viva ou morta?

– Viva – respondeu ela, engolindo em seco.

– Amordace-a, Erudito – ordenou Jean. – Depois dê alguns nós bons, firmes. Eu mesmo vou verificá-los em seguida. Quando ela estiver bem presa, faça o mesmo com o velho Loran.

Enquanto Zodesti amarrava sua parceira de *pursava* (se é que esse era de fato o limite da parceria), Jean arrancou outra cortina e cortou-a em mais tiras. Seu olhar pousou nos armários com portas

de vidro. Eles continham uma coleção de livros, frascos, amostras de ervas, pós alquímicos e bizarros instrumentos cirúrgicos. Jean se animou: se os badulaques estranhos de Zodesti refletiam sua verdadeira capacidade, talvez ele tivesse uma resposta, afinal de contas.

8

– AQUI ESTÁ BOM – avisou Jean.

– Michel – falou Zodesti, inclinando-se pela janela do seu lado –, pare aqui.

A carruagem parou chacoalhando e o cocheiro saltou para abrir a porta. Com a adaga meio escondida pelo punho largo da casaca, Jean sinalizou para Zodesti sair primeiro. O Erudito obedeceu, carregando uma bolsa de couro e uma trouxa de roupas.

Tinha começado a chover e Jean agradeceu. Isso manteria as pessoas fora das ruas e o céu fechado dava à cidade uma aparência de crepúsculo, e não de meio da tarde. Um sequestrador não poderia pedir coisa melhor.

Jean havia ordenado que parassem a uns dois quarteirões da Villa Suvela, na frente de um beco que levaria até lá por meio de viradas e conexões com uma dúzia de outros possíveis destinos ramificando-se pelo caminho.

– O Erudito precisará de várias horas – disse Jean, entregando um pedaço de pergaminho dobrado ao cocheiro. – Espere neste endereço até nós encontrarmos você de novo.

O local era um café no distrito mercantil de Lashane, a 800 metros de distância. O cocheiro franziu a testa.

– Isso está bom para o senhor? O senhor vai perder o jantar...

– Está bem, Michel – garantiu Zodesti com uma leve exasperação. – Apenas obedeça.

– Claro, senhor.

Assim que a carruagem se afastou pela rua, Jean empurrou Zodesti para o beco.

– Você pode sobreviver a isto. Vista-se enquanto conversamos.

A trouxa de roupa incluía um chapéu velho e uma capa manchada de chuva, ambos pertencentes a Loran, que era mais ou menos do tamanho do patrão. Zodesti pôs a capa e Jean tirou do bolso um pedaço de cortina cortada.

– Que diabo é isso agora? – perguntou Zodesti.

– Pensou mesmo que eu teria todo esse trabalho e deixaria você ver aonde o estou levando? Achei que preferiria a venda à inconsciência.

Zodesti ficou imóvel enquanto Jean o vendava, levantava o capuz da capa e enfiava o chapéu em cima. O resultado foi satisfatório. De alguns metros de distância, a venda estaria escondida pelo chapéu ou perdida nas sombras do capuz.

Jean pegou uma garrafa de vinho na bolsa de equipamento médico de Zodesti, que havia encontrado meio cheia no escritório. Tirou a rolha e jogou um pouco em cima do galeno, derramou o resto no chão e pôs a garrafa vazia na mão direita de Zodesti. Pelo cheiro ao redor deles, Jean supôs que havia acabado de desperdiçar um *kameleona* muito valioso.

– Bom, você é meu amigo bêbado, sendo acompanhado até a segurança. Fique de cabeça baixa. – Jean pôs a bolsa na mão esquerda de Zodesti. – Estou com os braços em volta de você, para impedir que tropece, e minha adaga está mais perto do que você gostaria.

– Você vai ferver vivo por causa disso, seu filho da puta.

– Vamos manter minha mãe fora disso. Cuidado com os pés.

Demoraram uns dez minutos para chegarem cambaleando à casa. Não houve complicações. Pelo jeito, as poucas pessoas que estavam na chuva tinham coisas melhores em que prestar atenção do que num par de bêbados.

Assim que estavam dentro da suíte, Jean trancou a porta da frente e empurrou Zodesti para uma cadeira.

– Agora você está bem longe de qualquer pessoa. Se tentar fugir, se levantar a voz ou se chamar atenção de *qualquer* modo, vou machucá-lo. E muito.

– Pare de me ameaçar e mostre a droga do paciente.

– Daqui a pouco. – Jean abriu a porta do apartamento interior, viu que Locke estava acordado e rapidamente gesticulou em sua linguagem de sinais particular: *Não use nenhum nome*.

– O que eu sou, um idiota? – murmurou Locke. – Eu sabia que ele não viria por vontade própria.

– Como...?

– Você estava usando as botas de lutar e deixou os sapatos chiques no armário. E todas as suas armas sumiram.

– Ah. – Jean tirou a venda e o disfarce de Zodesti. – Fique à vontade e comece a trabalhar.

O galeno sopesou sua sacola e, lançando um olhar de ódio para Jean, foi para perto da cama de Locke. Encarou-o por alguns instantes, depois puxou uma cadeira e sentou-se.

– Sinto cheiro de vinho – disse Locke. – *Kameleona*, acho. Imagino que você não tenha trazido um pouco, não é?

– Só o que o seu amigo usou para me banhar. – Zodesti estalou os dedos algumas vezes diante dos olhos de Locke, depois mediu os batimentos nos dois pulsos. – Céus, você está péssimo. Acha que foi envenenado?

– Não – respondeu Locke tossindo. – Eu caí da porra de uma escada. O que isso parece?

– Você não pode ser educado com nenhum dos seus galenos? – perguntou Jean.

– Foi *você* que o sequestrou, porra.

– Já que parece que não tenho escolha – falou Zodesti –, vou fazer um exame minucioso. Isso pode causar um pouco de

desconforto, mas não reclame. Não vou prestar atenção.

O primeiro exame de Zodesti demorou um quarto de hora. Ignorando os resmungos de Locke, cutucou e sondou suas juntas e seus membros, dos ombros até os pés.

– Você está perdendo a sensibilidade nas extremidades – afirmou Zodesti por fim.

– Como diabos você sabe?

– Acabei de enfiar um bisturi em cada um dos dedões dos seus pés.

– Você fez buracos nos meus pés?

– Estou acrescentando lágrimas a um rio, comparado com o sangue que você está perdendo por outros lugares.

Zodesti remexeu na bolsa, pegou um invólucro de seda e extraiu dele um par de ópticos com lentes enormes. Usando-os, puxou os lábios de Locke para trás e examinou suas gengivas e seus dentes.

– *Eu não xou a porr dum caualo.*

– Quietos. – Zodesti segurou a parte limpa de uma das bandagens descartadas contra as gengivas de Locke durante vários segundos, tirou-a e franziu a testa.

– Suas gengivas estão sangrando. E estou vendo que suas unhas estão cortadas – disse Zodesti.

– O que é que tem?

– Elas foram cortadas num Dia da Penitência?

– Como é que eu vou lembrar?

– Cortar as unhas em qualquer dia que não seja o Dia da Penitência enfraquece o sangue. Diga, quando você teve pela primeira vez seus sintomas, pensou em engolir uma ametista?

– Por que eu teria uma ametista à mão?

– Sua ignorância em relação à medicina básica é o seu próprio infortúnio. Mas você fala como alguém do leste, logo não posso dizer que estou surpreso.

O resto do trabalho do galeno demorou uma hora, com Zodesti

realizando testes cada vez mais esotéricos e Jean o rondando, alerta para qualquer sinal de traição. Por fim, Zodesti suspirou e se levantou, enxugando as mãos sangrentas nos lençóis de Locke.

– Sua distinção infeliz é ter sido envenenado por uma substância que está fora da minha experiência – comentou Zodesti. – Dado o fato de que tenho um Anel de Mestre em alquimia do Colégio Terim...

– Danem-se as suas joias – cortou Jean. – Você *pode* fazer alguma coisa?

– Nos primeiros estágios do envenenamento, quem poderia dizer? Mas agora... – Zodesti deu de ombros.

– Seu verme! – Jean agarrou Zodesti pelas lapelas, girou-o e jogou-o contra a parede ao lado da cama de Locke. – Sua fraudezinha arrogante! Você é o melhor que esta cidade tem? FAÇA ALGUMA COISA!

– Não posso – respondeu Zodesti com uma nova firmeza na voz. – Pense o que quiser, faça o que quiser. Ele está além da minha capacidade de intervir. Ouso dizer que isso o coloca além da capacidade de qualquer um.

– Deixe-o ir – falou Locke.

– Deve haver alguma coisa...

– Deixe-o ir!

Locke teve uma ânsia de vômito, cuspiu mais sangue e começou a ter um ataque de tosse. Jean soltou Zodesti e o galeno deslizou para longe, encarando-o com fúria.

– Pouco depois da administração do veneno – continuou o galeno –, eu poderia ter tentado um purgativo. Ou enchido o estômago dele com leite e polpa de pergaminho. Ou o sangrado para tornar o veneno mais ralo. Mas essa coisa já está nele há muito tempo. – Zodesti começou a recolocar seus instrumentos na bolsa. – Mesmo com venenos conhecidos, chega um ponto em que o dano aos órgãos ou aos humores não pode ser revertido. Os antídotos não

restauram carne morta. E ainda por cima um veneno desconhecido? O sangue está jorrando dele. Simplesmente não posso colocá-lo de volta.

– Maldição – sussurrou Jean.

– A questão não é mais *se* e, sim, *quando*. Olhe, seu desgraçado feio, apesar do modo como você me trouxe para esta confusão, eu dei minha atenção total e justa a ele.

– Sei. – Jean andou lentamente até a mesa onde estava a roupa de cama, pegou um copo de cerâmica e encheu-a com água da jarra. – Você tem alguma coisa aí que possa provocar um sono pesado? Para o caso de a dor piorar?

– Claro. – Zodesti tirou um pequeno embrulho de papel de dentro da bolsa. – Faça com que ele tome isso com água ou vinho e ele não conseguirá ficar de olhos abertos.

– Ei, espere um minuto aí – disse Locke.

– Me dê. – Jean pegou o pacote, derramou o conteúdo na água e sacudiu o copo várias vezes. – Quanto tempo isso vai durar?

– Horas.

– Ótimo. – Jean entregou o copo a Zodesti e gesticulou com a adaga. – Beba.

– O quê?

– Não quero que você vá correndo ao primeiro guarda que possa encontrar assim que eu deixá-lo na rua.

– Não pense que eu seria idiota a ponto de tentar fugir de você...

– Não pense que eu ligo a mínima. Beba a coisa toda ou eu quebro os seus braços.

Zodesti engoliu depressa o conteúdo do copo.

– Como vou rir quando pegarem você, seu filho da puta! – Ele jogou o copo descuidadamente na cama de Locke e sentou-se encostado na parede. – Todos os juízes de Lashane são meus pacientes. Seu amigo está doente demais para fugir. Se ele ainda estiver vivo quando pegarem você, vão arrastá-lo e esquartejá-lo só

para você ter algo para ver enquanto espera sua própria execução...

Alguns segundos depois, sua cabeça tombou para a frente e ele começou a roncar.

– Acha que ele está fingindo? – perguntou Locke.

Jean enfiou a ponta da adaga na batata da perna direita de Zodesti, que estava estendida. O galeno não se mexeu.

– Odeio dizer que eu avisei – falou Locke, acomodando-se contra as almofadas e cruzando as mãos diante do corpo. – Espere, não, não odeio. Seria bom ter uma garrafa de vinho e, desta vez, não ponha água...

– Vou chamar o Malcor. Vou fazer com que ele passe a noite aqui. Atenção constante.

– Maldição, Jean, acorde. – Locke tossiu e deu um soco no peito. – Que mudança, hein? Em Vel Virazzo, eu queria morrer e você me fez ter tino de novo. Agora estou morrendo de verdade e você perdeu o tino.

– Existem...

– Chega de galenos, Jean. Chega de alquimistas, chega de sanguessugas de cachorro. Chega de levantar pedras procurando milagres.

– Como você consegue ficar aí deitado feito um peixe jogado em terra, sem lutar?

– Eu poderia me sacudir um pouco, se você acha que isso vai ajudar.

– O Rei Cinza cortou você como um pedaço de vitela e você conseguiu se recuperar, mais irritante do que nunca.

– Cortes de espadas. Se eles não ficam verdes, a gente pode esperar a cura. É a natureza das coisas. Com a alquimia negra, quem diabos sabe?

– Vou lhe dar vinho, mas quero que você tome com duas partes de água, como Malcor orientou. E quero que você coma esta noite

tudo o que puder. Mantenha as forças...

– Vou comer, mas só para dar um pouco de lastro ao vinho. Não há outro motivo, Jean. Não acontecerá uma cura.

– Se você não puder ser curado, terá que suportar. Durar mais do que o veneno, até que ele saia como uma febre.

– É mais provável que o veneno fique do que eu. – Locke tossiu e limpou a boca com um lençol. – Jean, você atraiu uma tremenda encrenca roubando esse fuinha da casa dele. Sem dúvida você consegue enxergar isso.

– Eu fui muito cuidadoso.

– Você sabe muito bem que ele vai se lembrar da sua cara e Lashane não é muito grande. Olhe, pegue o dinheiro que resta e saia da cidade esta noite. Você pode exercer uma dúzia de atividades diferentes, fala quatro línguas, pode ser rico de novo em...

– Que tagarelice incompreensível! – Jean sentou-se na beira da cama e gentilmente afastou os cabelos suados da testa de Locke. – Não entendo uma palavra do que você está dizendo.

– Jean, eu conheço você: é capaz de matar meio quarteirão se está com o sangue quente, mas *nunca* vai cortar a garganta de um homem adormecido que não fez nenhum mal de verdade a nós. Isso quer dizer que cedo ou tarde os policiais vão bater à nossa porta. Por favor, não esteja aqui quando isso acontecer.

– Você é que atraiu isso ao me enganar pondo aquele antídoto no meu copo. As consequências são suas...

– Que inferno, não são! Você também teria me roubado aquela escolha! Deuses, quanta manobra só para obter vantagem moral! Parece que nós somos casados. – Locke tossiu e arqueou as costas. – Os deuses devem mesmo abominar você para torná-lo meu enfermeiro – acrescentou ele, baixinho. – Não só uma vez, mas duas, agora.

– Diabos, eles me tornaram seu enfermeiro quando eu tinha 10

anos. Você é capaz de derrubar reinos apenas por capricho. Só precisa de alguém para garantir que não seja atropelado por uma carruagem ao atravessar a rua.

– Mas agora isso acabou. E tudo seria melhor se eu tivesse sido atropelado por uma carruagem...

– Está vendo isto? – Jean estendeu a mecha de cabelos escuros e encaracolados que havia tirado do bolso da casaca. – Está vendo isto, seu desgraçado? Você sabe de onde isto veio. Eu estou farto de perder. Ouviu, porra? Estou *farto* de perder. Me poupe da sua preciosa autopiedade, porque não estamos num palco e eu não paguei dois cobs para abrir o berreiro por causa do discurso de morte de alguém. Você não vai ganhar um discurso, entendeu? Não me importa se você tossir baldes de sangue. Baldes eu posso carregar. Não me importa se você uivar feito um cão durante meses. Você vai comer, beber e continuar lutando.

– Bom... – disse Locke depois de alguns momentos de silêncio, e deu um sorriso torto. – Se você vai ser um filho da puta intratável, por que não abre aquele vinho para que a gente comece logo a beber?

9

JEAN DEIXOU ZODESTI NUM BECO a uns três quarteirões a oeste da Villa Suvela, tomando o cuidado de escondê-lo bem e de cobrir sua bolsa com lixo. Ele não ficaria satisfeito ao acordar, mas pelo menos estaria vivo.

O estado de Locke mudou pouco naquela noite; ele teve um sono entrecortado, bebericou vinho, mastigou de má vontade carne fria e pão macio, ainda sangrando. Jean adormeceu sentado e conseguiu derramar cerveja num tratado inútil sobre venenos. Recentemente, a maioria das noites tinha sido assim.

A chuva continuou a cair até a noite seguinte, envolvendo a

cidade em umidade. Logo antes do crepúsculo, Jean foi buscar novos suprimentos. Havia uma estalagem de mercadores a menos de dez minutos da Villa Suvela, usada para atender a necessidades em horas incomuns.

Quando voltou, a porta da frente estava completamente normal. Ele não tinha motivo para suspeitar de algo errado, até olhar para baixo e ver a quantidade de água que ensopava a soleira.

Movimento dos dois lados – atacantes demais, preparados demais. Uma cesta de comida e vinho não era uma arma nem de longe. Jean foi soterrado por uma confusão de corpos. Com força desesperada, ele esmagou um nariz, chutou um pé, tentou abrir caminho até as machadinhas...

– Chega – ordenou uma voz autoritária.

Jean ergueu os olhos. A porta do apartamento interno estava aberta e havia homens de pé junto à cama de Locke.

– Não! – gritou Jean, interrompendo a luta.

Quatro homens o agarraram e o arrastaram para o quarto, onde ele contou pelo menos mais cinco oponentes visíveis. Um deles pegou uma toalha e levou-a ao nariz que sangrava.

– Desculpe – disse Locke, rouco. – Eles chegaram logo depois que você saiu...

– Quietos.

Quem falava era um homem rude, mais ou menos da idade de Jean, com o queixo marcado por cicatrizes de briga e um nariz que parecia ter se quebrado após uma queda violenta. O cabelo era raspado e ele usava couros de luta de qualidade por baixo de uma casaca marrom comprida. Se Jean tivesse pensado direito, teria imaginado que não só os guardas de Lashane poderiam puni-los pelo sequestro de Zodesti.

– Como está sua cabeça, Leone?

– *Guebrei a borra do dariz* – disse o homem, segurando uma toalha contra o rosto.

– É bom para melhorar o caráter.

O homem de casaca preta pegou uma cadeira, colocou-a na frente de Jean e deu-lhe um chute na barriga, forte e rápido, mal lhe dando tempo de se encolher antes da dor. Jean grunhiu e os quatro homens que o seguravam comprimiram-no com todo o peso, para que não tentasse nada idiota.

– Esperem. – Locke tossiu. – Por favor.

– Se eu precisar dizer “quieto” de novo – disse o homem de preto –, vou cortar a porra da sua língua e pregá-la na parede. Agora cale a boca. – Ele sentou-se na cadeira e sorriu. – Meu nome é Cortessa.

– Sussurros – disse Jean.

Aquilo era muito pior do que a polícia. Sussurros Cortessa era um alto poder no submundo lashani.

– É como me chamam. Presumo que você seja Andolini.

Jean assentiu: esse era o nome que Jean tinha dado ao alugar os aposentos.

– Se for verdadeiro, eu sou o Rei dos Sete Tutanos – retrucou Cortessa. – Mas ninguém se importa. Você pode me dizer por que estou aqui?

– Ficou sem ovelhas para trepar e saiu em busca de alguma ação?

– Pelos deuses, eu adoro os camorris. São totalmente incapazes de fazer as coisas do modo fácil. – Cortessa estapeou Jean, forte o bastante para fazer seus olhos lacrimejarem. – Tente de novo. Por que estou aqui?

– Você ouviu dizer – Jean ofegou – que nós enfim descobrimos a cura para quem nasce com uma cara que parece o cu de um cão vadio.

– Não. Se fosse verdade, vocês teriam se curado.

O próximo golpe de Cortessa foi um tapa com o dorso da mão, capaz de causar um hematoma. Jean piscou enquanto o quarto

oscilava ao redor.

– Bom, eu *adoraria* ficar aqui sentado e pintar o chão com o seu sangue. Leone provavelmente adoraria mais ainda. Mas acho que posso poupar um bocado de tempo para todos nós. – Cortessa fez um sinal e um dos homens parados junto à cama de Locke levantou um porrete. – O que o seu amigo vai perder primeiro? Um joelho? Os dedos dos pés? Eu posso ser criativo.

– *Não*. Por favor. – Jean teria baixado a cabeça até os pés de Cortessa se não o estivessem segurando. – Sou eu que você quer. Não vou desperdiçar mais do seu tempo. Por favor.

– De repente é você que eu quero? Por que eu iria querer você?

– Algo a ver com um galeno, acho.

– Cá estamos. Não foi tão difícil, afinal de contas. – Cortessa estalou os nós dos dedos. – O que você achou que poderia acontecer quando alguém como Zodesti chegasse em casa vindo da merda que você aprontou ontem?

– Sem dúvida seria bom se ele não tivesse dito nada.

– Não seja simplório. Bom, eu sei que você tem traquejo social. Ouvi coisas. Quando você chegou a Lashane, sabia como agir. Manteve a paz, deu os presentes, *comportou-se*. Você entende claramente como as coisas funcionam no nosso mundo. Então você acha que Zodesti saiu correndo pela rua, gritando que foi roubado feito uma criança? Ou acha que ele mandou algumas mensagens particulares para pessoas influentes?

– Merda – praguejou Jean.

– É. Então eu peguei o serviço e fiquei pensando comigo mesmo... não havia um sujeito grandão procurando alquimistas e sanguessugas de cachorro na semana passada? O que eles poderiam dizer sobre ele? Ah, um envenenamento ruim? Um homem sangrando até a morte numa cama na Villa Suvela? – Cortessa abriu os braços e deu um sorriso beatífico. – Alguns problemas simplesmente se resolvem sozinhos.

- Como eu posso consertar isso?
 - Não pode. – Cortessa se levantou gargalhando.
 - Por favor, não faça nada com o meu amigo. Ele não teve nada a ver com o galeno. Faça o que quiser comigo. Eu coopero. Só...
 - Ora, você passou de duro a mole, grandão. Vai cooperar? Claro que vai cooperar, porra, há quatro homens sentados em cima de você.
 - Tenho dinheiro. Dinheiro, ou eu poderia trabalhar para você...
 - Você não tem nada que eu queira. E esse é o seu problema. Mas eu tenho um problema sério.
 - É?
 - Normalmente, esta seria a parte em que nós faríamos sopa com seus bagos e observaríamos você tomá-la. Normalmente. Mas temos o que você poderia chamar de *conflito de interesses*. Por um lado você é um estrangeiro e tocou num lashani que tem todos os amigos certos. Isso significa que você deveria morrer, porra.
- Ele fez uma pausa e continuou:
- Por outro lado, está claro que você é ou foi algum tipo de homem com ligações em Camorr. O grande Barsavi pode não estar mais conosco, que os deuses façam descansar sua alma torta, mas ninguém com a mente no lugar quer sacanear os Capas. Você poderia ser primo de alguém. Quem sabe? Daqui a um ou dois anos talvez alguém venha procurar você. Fazer perguntas pela cidade. Epa! Alguém diz para eles olharem no fundo do lago. E quem é mandado de volta a Camorr numa caixa, para pagar a dívida? Este seu criado. Isso significa que você *não* deveria morrer, porra.
 - Como eu disse, eu tenho algum dinheiro – insistiu Jean. – Se isso ajudar.
 - O dinheiro não é mais seu. Mas o que ajuda é que o seu amigo aqui já está morrendo... e pelo jeito ele vai ficar bem feliz em partir.
 - Olhe, se você só deixar que ele fique, ele precisa descansar...
 - Eu sei. É por isso que estou chutando o rabo de vocês para

fora de Lashane. – Cortessa gesticulou para seu pessoal. – Limpem o lugar. Toda a comida, todo o vinho. Cobertores, bandagens, dinheiro. Tirem a lenha da lareira. Joguem fora a água da jarra. Avisem ao estalajadeiro que esses dois escrotos estão sob interdição.

– Por favor. Por favor...

– Cale a boca. Vocês podem ficar com as roupas e as armas. Não vou mandá-los embora nus. Mas quero que vão embora. Ao nascer do sol, estejam fora da cidade ou Zodesti vai cortar pessoalmente suas orelhas. Seu amigo pode achar outro local para morrer. – Cortessa deu um tapinha na perna de Locke. – Pense com carinho em mim quando chegar ao inferno, pobre coitado.

– Talvez você não demore muito para chegar lá – replicou Locke. – Vou dar um grande abraço em você.

Os homens de Cortessa saquearam a suíte. Empilharam cuidadosamente as armas de Jean no chão; todo o resto foi levado ou arrebatado. Deixaram Locke na cama vazia com as calças e a túnica sujas de sangue. A bolsa particular de Jean e a que continha as economias deles foram esvaziadas e, depois, o conteúdo foi enfiado nos bolsos por um dos homens.

– Ah, mais uma coisa – disse Cortessa a Jean enquanto o tumulto diminuía. – Leone vai ter um minuto a sós com você no canto. Em troca do nariz dele.

– *Oz deuses o abenzoem, jefe* – murmurou Leone, cutucando cautelosamente os hematomas inchados que haviam se espalhado até os lábios.

– E você vai ter que aceitar, estrangeiro. Levante só um dedo e vou mandar seu amigo ser estripado. – Cortessa deu um tapinha no rosto de Jean e se virou para ir embora. – Ao nascer do sol. Saiam da porra de Lashane. Ou nossa próxima conversa vai acontecer no porão de Zodesti.

10

– JEAN – SUSSURROU LOCKE assim que o último capanga de Cortessa havia saído. – Jean! Você está bem?

– Estou. – Jean estava encolhido onde ficava a mesa do quarto antes que os homens de Cortessa a removessem. Leone fora pouco imaginativo mas entusiasmado, e Jean sentia-se como se tivesse sido jogado por uma encosta rochosa. – Só estou... curtindo o chão. Que teve a gentileza de amparar minha queda.

– Jean, escute. Eu peguei um pouco de dinheiro quando chegamos aqui de barco... e escondi. Afrouxei uma tábuia do piso embaixo da cama.

– Eu sei. Desafrouxei a tábuia. Peguei de volta.

– Seu imbecil! Eu queria que você tivesse alguma coisa para levar quando...

– Eu sabia que você iria tentar isso, Locke. Não havia muitos esconderijos disponíveis perto da cama.

– Argh!

– Argh você! – Jean deitou-se de costas, arfando, e olhou para o teto, com a respiração curta. Nada parecia quebrado, mas suas costelas e tudo o que se ligava a elas estavam fazendo fila para reclamar. – Me dê uns minutos. Vou arranjar uns cobertores para você. Posso conseguir uma carroça. Talvez um barco. Vou tirar você daqui de algum modo, antes do amanhecer. Temos um bocado de escuridão a nosso favor.

– Jean, você vai ser vigiado até ir embora. Eles não vão deixar você... – Locke tossiu várias vezes – ... roubar nenhuma coisa grande. E não vou deixar que você me carregue.

– Não vai deixar que eu o carregue? Com que você vai se defender, com sarcasmo?

– Você deveria ter alguns milhares de solaris para se virar, Jean. Poderia ter ido para qualquer lugar... poderia fazer qualquer coisa

com eles.

– Eu fiz exatamente o que queria com eles. Agora você vai comigo. Ou eu fico aqui para morrer com você.

– É impossível argumentar com você.

– E você é um modelo exemplar de comprometimento. Maldito egoísta com cérebro de porco.

– Essa disputa não é justa. Você tem mais energia para pensar em xingamentos. – Locke gargalhou. – Deuses, olhe para nós. Dá para acreditar que eles levaram até a lenha?

– Hoje em dia muito pouca coisa me surpreende. – Jean se levantou devagar, contraindo-se de dor. – Então vamos ao inventário. Nenhum dinheiro. Roupas, só as do corpo. A maior parte no *meu* corpo. Algumas armas. Nenhuma lenha. Como duvido que teremos permissão de roubar qualquer coisa na cidade, parece que terei de fazer algum serviço de salteador de estrada.

– Como você planeja parar as carruagens?

– Vou jogar você na estrada e esperar que eles parem.

– Gênio do crime. Eles vão parar por simpatia sincera?

– Por repulsa, mais provavelmente.

Houve uma batida à porta.

Locke e Jean se entreolharam inquietos e Jean pegou uma adaga na pequena pilha de armas que fora deixada para ele.

– Talvez eles tenham voltado para pegar a cama – disse Locke.

– Por que *e/es* se incomodariam em bater?

Jean manteve a maior parte do corpo atrás da porta enquanto a abria, escondendo a adaga às costas.

Não era Cortessa, nem um sanguessuga de cachorro, nem mesmo o dono da Villa Suvela, como Jean havia esperado. Era uma mulher vestida com uma capa impermeável ricamente bordada escorrendo água. Segurava nas mãos um globo alquímico e, à luz pálida, Jean pôde ver que ela não era jovem.

Jean examinou o meio-fio atrás dela. Nenhuma carruagem ou

liteira, nenhum tipo de escolta – só a escuridão nevoenta e o barulho da chuva. Uma moradora local? Outra hóspede da Villa Suvela?

– Eu, ahn... em que posso ajudar, senhora?

– Acredito que podemos nos ajudar mutuamente. Posso entrar? – Ela tinha uma voz suave e adorável, com um sotaque muito próximo do lashani. Próximo, mas não exato.

– Nós estamos... lamento, mas no momento estamos com alguma dificuldade. Meu amigo está doente.

– Sei que eles levaram seus móveis.

– Sabe?

– E sei que você e seu amigo não tinham muita coisa a mais, para início de conversa.

– Parece que eu estou em desvantagem com relação à senhora.

– E parece que eu estou na chuva.

– Ah. – Jean fez a adaga desaparecer na manga da túnica. – Bom, como eu disse, meu amigo está muito doente. A senhora deveria saber...

– Não me importo. – Ela entrou aproveitando um momento de hesitação de Jean e saiu do caminho graciosamente enquanto ele fechava a porta. – Afinal de contas, o veneno só é contagioso nos jantares.

– Como diabos... A senhora é galena?

– Nem de longe.

– A senhora está com o Cortessa?

A mulher apenas riu e jogou para trás o capuz. Teria uns 50 anos, o tipo de 50 anos bem cuidados que só a riqueza tornava possível, e o cabelo era cor de trigo seco de outono, com fios grisalhos nas têmporas. Tinha um rosto meio quadrado, com olhos espantosamente grandes e escuros.

– Aqui, pegue isso. – Ela jogou o globo alquímico para Jean, que o pegou num reflexo. – Sei que eles levaram suas luzes também.

– Ah, obrigado, mas...

– Ora, ora.

A mulher soltou a capa e tirou-a dos ombros num movimento circular enquanto entrava no apartamento. Seu casaco e a saia eram de um rico brocado com fios de prata, e tufos de renda prateada saíam de debaixo das mangas, cobrindo parte das mãos. Ela olhou para Locke.

– “Doente” é um eufemismo.

– Desculpe por não me levantar – disse Locke. – E por não lhe oferecer uma cadeira. E por não estar adequadamente vestido. E por não... ligar a mínima.

– Está reduzido aos últimos fiapos do seu charme, pelo que vejo.

– Reduzido aos últimos fiapos de meu tudo. Quem é a senhora, afinal?

A mulher sacudiu a capa e jogou-a em cima de Locke, como se fosse um cobertor.

– O-obrigado.

– É difícil ter uma conversa séria com alguém cuja dignidade está comprometida, Locke.

O som seguinte na sala foi de Jean batendo com força o trinco da porta da frente. Num instante, ele retornou ao apartamento com a adaga na mão. Jogou o globo de luz na cama e Locke evitou que quicasse para o chão.

– Para ser sincero – falou Jean –, minha paciência com as merdas misteriosas saíram por aquela porta com o dinheiro e a mobília. Então explique como sabe esse nome e eu não terei que sentir culpa por...

– Duvido que você sobrevivesse caso seguisse esse impulso, Jean Tannen. Sei que seu orgulho não sobreviveria. Guarde essa adaga.

– De jeito nenhum!

– Pobres Nobres Vigaristas – disse a mulher baixinho – tão longe de casa... Mas sempre às nossas vistas.

– *Não* – falou Jean num sussurro incrédulo.

– Ah, pelo amor dos deuses! – exclamou Locke. Em seguida, tossiu e fechou os olhos. – São *vocês*. Eu suspeitava que bateriam à nossa porta cedo ou tarde.

– Você parece desapontado. – A mulher franziu a testa. – Como se tivesse acabado de faltar a um compromisso incômodo. Realmente preferiria a morte a uma conversinha, Locke?

– As conversinhas com os Magos-Servidores nunca terminam bem.

– Vocês são o motivo para estarmos aqui – resmungou Jean. – Vocês e seus jogos em Tal Verrar. Suas cartas malditas!

– Não totalmente.

– Vocês não nos amedrontaram no Mercado Noturno. – Jean apertou com mais força o punho da adaga e a dor da surra recente foi esquecida por completo. – Vocês não nos amedrontam agora, porra!

– Então vocês não nos conhecem nem um pouco.

– Acho que conheço. E não ligo a mínima para a porcaria das suas malditas *regras*!

Jean já estava em movimento, partindo para cima da mulher de costas para ele. A maga não teve chance de falar nem de fazer um gesto com as mãos; Jean enlaçou o pescoço dela e cravou a adaga com o máximo de força possível, direto entre as omoplatas.

11

NUM MOMENTO, A CARNE DA MULHER era quente e sólida sob o braço de Jean; no outro, sua lâmina furou o ar.

Jean havia enfrentado muitos oponentes rápidos na vida, mas jamais um que se dissolvesse instantaneamente sob seu toque. Aquilo não era velocidade humana e, sim, feitiçaria.

Ele perdera a oportunidade.

Jean inspirou fundo e um tremor frio percorreu suas costas, a sensação familiar de um passo errado e de um golpe a ponto de ser recebido. Sua pulsação batia feito um tambor dentro do crânio e ele esperou a dor da represália que viria...

– Ah, sim, seria muito inteligente da minha parte, Jean Tannen – comentou a visitante em tom afável em algum lugar atrás dele. – Deixar-me à mercê de um homem forte e seus ressentimentos.

Jean se virou devagar e viu que a mulher se encontrava 2 metros à esquerda dele, junto à janela onde antes a mesa estivera.

– Controlo o seu nome verdadeiro como um pássaro engaiolado. Suas mãos e seus olhos vão enganá-lo caso você tente me fazer mal.

– Pelos deuses. – Jean sentiu-se subitamente dominado por uma frustração enorme. – Você precisa brincar com sua comida? – Ele sentou-se na beira da cama de Locke e jogou a adaga no chão, onde ela se cravou na madeira, tremendo. – Só me mate como a porra de uma pessoa normal. Não serei seu brinquedo.

– O que você vai ser?

– Vou ficar parado e ser entediante. Acabe logo com isso.

– Por que você presume que estou aqui para matá-lo?

– Se não é para matar, é para algo pior.

– Não tenho intenção de assassinar nenhum de vocês. Nunca. – A mulher cruzou as mãos diante do peito. – Que prova a mais você precisa, além do fato de que ainda está vivo? Você poderia ter me impedido?

– Vocês não são deuses – falou Locke debilmente. – Poderiam nos ter à sua mercê, mas já acabamos com um de vocês antes.

– Isso era para ser a paródia pobre de uma ameaça? Uma lembrança de que por acaso vocês estavam presentes quando o terrível julgamento do Falcoeiro enfim o alcançou?

– Como está o querido Falcoeiro hoje em dia? – perguntou Locke.

– Bem cuidado. Em Kartane. – A mulher suspirou. – Do mesmo modo como estava quando agentes de Camorr o levaram para casa. Estúpido e letárgico.

– Ele parecia não reagir bem à dor – disse Jean.

– E você acha que foi a tortura de vocês que o enlouqueceu?

– Não pode ter sido nossa conversa – respondeu Locke.

– O problema verdadeiro foi infligido por ele próprio. Veja bem, nós podemos entorpecer a mente para abrandar qualquer sofrimento da carne. Mas essa arte exige cautela. É bastante perigosa se usada às pressas.

– Estou adorando ouvir isso – comentou Locke. – Você está dizendo que, quando ele tentou escapar da dor...

– Sua mente se aprisionou numa névoa que ele próprio criou – completou a mulher. – Por isso não pudemos corrigir sua condição.

– Maravilhoso. Não me importo de fato como ou por que isso aconteceu; mesmo assim, fico feliz. Na verdade, encorajo o resto de vocês a usar esse poder sem o menor cuidado.

– Você é injusto com muitos de nós.

– Sua puta, se eu tivesse condições, arrancaria seu coração do peito e usaria como bola – vociferou Locke, tossindo. – Faria isso com todos vocês. Vocês matam quem vocês querem e fodem a vida dos que os ameaçam de modo justo por causa disso.

– Desprezar-nos pode se assemelhar a olhar num espelho, então.

– Eu desprezo vocês – reagiu Locke, esforçando-se para se levantar. – Por Calo e Galdo, por Pulga, por Nazca e Ezri, por todo o tempo que nós... perdemos em... Tal Verrar.

Com o rosto vermelho e trêmulo, ele caiu de volta na cama vazia.

– Vocês são assassinos e ladrões – continuou a mulher. – Deixam uma trilha de confusão e ultraje onde quer que estejam. Derrubaram pelo menos um governo e impediram a destruição de outro por motivos sentimentais. Estão mesmo falando sério quando nos amaldiçoam por fazermos o que queremos?

– Estamos – respondeu Jean. – E eu pretendo levar a questão da Ezri de modo muito pessoal.

– Você ao menos conheceria a mulher se nós não tivéssemos intervindo nos seus negócios? Vocês teriam ido para o mar?

– Nenhum de nós pode dizer...

– Então nós levamos totalmente a culpa por seus infortúnios, mas não recebemos crédito pelos acidentes mais felizes.

– Eu...

– Nós interferimos aqui e ali, Jean, mas você se acha demais se imagina que criamos um plano tão intricado para vocês. A mulher morreu em batalha e não tivemos nada a ver com isso. Lamento sua perda.

– Você é *capaz* de lamentar alguma coisa?

A mulher se aproximou de Jean, estendendo a mão esquerda, e ele precisou de todo o autocontrole para não saltar para longe. Ele se levantou e a encarou ferozmente enquanto ela encostava os dedos quentes com suavidade em seu rosto.

– O tempo é precioso – continuou a maga. – Retiro minha interdição a você, Jean Tannen. Esta é minha carne verdadeira encostada na sua. Eu *poderia* impedi-lo se você tentasse me fazer mal, mas agora isso é muito menos garantido. Então, o que vai fazer? Devemos lutar agora ou podemos conversar?

Jean estremeceu; a ânsia de esmagá-la estava se inflamando dentro dele. Teria de golpear mais rápido do que jamais fizera na vida, com o máximo de força que músculos e tendões permitissem. Quebrar o crânio dela, esganá-la, pressioná-la contra o chão e rezar aos deuses para causar dano suficiente e adiar qualquer palavra ou qualquer gesto dela.

Ficaram parados por um momento longo e tenso, perfeitamente imóveis, os olhos escuros dela encarando-o sem piscar. Então, a mão direita de Jean fechou-se em volta do pulso esquerdo dela, com um aperto selvagem. Podia sentir ossos finos sob a pele fina e soube

que uma boa torção com força...

A mulher se encolheu. Um medo verdadeiro brilhou nas profundezas daqueles olhos, um clarão brevíssimo antes que seu vasto autodomínio retornasse como águas ressurgentes afogando suas fraquezas humanas. Mas a coisa estivera ali, genuína como a carne sob os dedos dele. Jean afrouxou o aperto, fechou os olhos e expirou devagar.

– Maldição. Acho que você não está mentindo.

– Isso é muito importante – sussurrou ela.

Jean manteve a mão direita onde estava e estendeu a esquerda, para empurrar a renda prateada que se projetava da manga do casaco dela. Havia anéis pretos tatuados ao redor do pulso, linhas precisas sobre a pele clara.

– Cinco anéis – disse Locke. – Sempre ouvi dizer que, quanto mais, melhor. Quantos alguém de vocês pode ter, afinal?

– Esse número – respondeu a mulher com um sorrisinho.

Jean soltou o braço dela e deu um passo atrás. Ela levantou a mão esquerda ao lado da cabeça e acariciou as tatuagens suavemente com os dedos da outra mão. O negrume virou prata, prata ondulante, como se ela usasse pulseiras de luar líquido.

Enquanto olhava o brilho fantasmagórico, Jean sentiu uma coceira fria atrás dos olhos e uma pressão forte contra as pontas dos dedos da mão direita. Numa vertigem, imagens relampejaram em sua mente: dobras e mais dobras de seda clara, agulhas entrando e saindo de renda delicada, a borda áspera de um tecido se desfazendo em fios. A pressão em seus dedos era de uma agulha de verdade, subindo e descendo, numa dança interminável pelo tecido...

– Ah – murmurou ele, levando uma das mãos à testa conforme as sensações iam perdendo intensidade. – Que diabo foi isso?

– Eu – explicou a Maga-Servidora. – Por assim dizer. Você já se lembrou de alguém por causa do cheiro de tabaco, de um perfume

ou da sensação da pele? Memórias profundas sem palavras?

– Já – respondeu Locke, massageando as têmporas. Jean supôs que, de algum modo, havia compartilhado com ela a breve visão.

– Na minha sociedade, nós falamos entre mentes. Nós... nos anunciamos usando esse tipo de impressão. Construímos imagens de certas lembranças ou paixões. Chamamos essas imagens de *chancelas*. – Ela puxou a manga rendada de novo para cima do pulso, onde os anéis pretos haviam perdido totalmente o brilho fantasmagórico, e sorriu. – Agora que compartilhei a minha com vocês, é menos provável que pulem de susto se eu precisar me comunicar com suas mentes sem usar a voz.

– Que diabo é você? – perguntou Jean.

– Nós somos quatro – respondeu a mulher. – Num mundo ideal, os mais sábios e poderosos dos cinco-anéis. No mínimo temos o direito de morar nas casas maiores.

– Vocês governam os Magos-Servidores – compreendeu Locke, incrédulo.

– Governamos é uma palavra forte demais. Ocasionalmente conseguimos evitar o caos total.

– Você tem um nome?

– Paciência.

– O quê, você tem alguma regra contrária a dizer seu nome agora?

– Não, é como eu sou chamada. Paciência.

– Está de sacanagem? Seus colegas devem ter uma tremenda consideração por você.

– O nome não significa nada, assim como uma garota chamada Violeta não precisa ser roxa. É um título. Arquidama Paciência. Então, decidimos que ninguém vai assassinar ninguém aqui?

– Acho que depende do que você queira conversar – respondeu Jean.

– Vocês dois – disse Paciência. – Estou prestando atenção em

vocês já há algum tempo. A partir dos fragmentos que pude tirar das memórias do Falcoeiro. Nossos agentes recuperaram as posses dele em Camorr depois que ele foi... aleijado. Dentre elas havia uma faca que já pertencera a uma das irmãs Anatolius.

– Uma faca que tinha o meu sangue – acrescentou Jean.

– Assim, foi fácil ter uma pista sua.

– E, assim, foderam com a nossa vida.

– Preciso que vocês entendam como sabem *pouco*. Eu salvei a vida de vocês em Tal Verrar.

– Engraçado, não me lembro de ter visto você por lá – disse Jean.

– O Falcoeiro tem amigos – explicou Paciência. – Colegas, seguidores, instrumentos. Apesar de todos os defeitos, ele era popular. Vocês viram os truques de salão dele no Mercado Noturno, mas foi só isso que eu permiti. Sem a minha intervenção, eles teriam matado vocês.

– Você pode chamar aquela coisa de “truques de salão”. Mesmo assim, a interferência em Tal Verrar causou um problemão para a gente.

– Melhor do que a morte, com certeza – reagiu Paciência. – E muito mais gentil do que eu seria, dadas as circunstâncias.

– Circunstâncias?

– O Falcoeiro era arrogante, maligno, equivocado. Estava agindo em obediência a um contrato, o que consideramos uma obrigação sagrada, mas não vou negar que ele intensificou a brutalidade daquilo para além do que era necessário.

– Ele ia ajudar a transformar centenas de pessoas em cascas vazias. Em malditos vegetais. Isso não era suficientemente brutal? – perguntou Jean.

– Elas faziam parte do contrato. Você e seu amigo, não.

– Bom, se isso é uma espécie de pedido de desculpas, vá para o inferno – vociferou Locke, tossindo. – Não me importa que você se

considere uma bruxa velha humana, e não me importo como ou por que o Falcoeiro perdeu a cabeça. Se eu tivesse mais tempo, usaria cada segundo para sangrá-lo. Tudo o que ele ganhou foi uma partícula minúscula do que merecia de fato.

– Isso é mais verdadeiro do que você imagina, Locke. Ah, é muito mais verdadeiro do que você imagina. – Paciência cruzou as mãos e suspirou. – E ninguém entende isso tão bem quanto eu. Afinal de contas, o Falcoeiro é meu filho.

I N T E R L Ú D I O

A garota desafogada

1

O MUNDO SE ALARGOU PARA Locke Lamora no verão do Septuagésimo Sétimo Ano de Sendovani, o verão depois do desaparecimento de Beta, o verão em que ele foi vendido pelo Aliciador ao Padre Correntes, o famoso Sacerdote Cego do Templo de Perelandro. De repente, suas antigas preocupações e dores sumiram, sendo substituídas por um novo conjunto de perplexidades diárias.

– E se um sacerdote ou uma sacerdotisa de outra ordem passar? – perguntou Correntes, ajustando o manto branco com capuz que os Sanzas haviam acabado de jogar sobre a cabeça de Locke.

– Eu faço o sinal do nosso... é... serviço conjunto. – Locke envolveu a mão esquerda com a direita e baixou a cabeça até quase encostá-la nos polegares. – E não falo a não ser que falem comigo

antes.

– Ótimo. E se você cruzar o caminho com um iniciado de outra ordem?

– Dou a bênção para que os problemas fiquem longe dele. – Locke estendeu a mão direita com a palma para cima e depois fez um movimento para o alto como se empurrasse algo sobre o ombro esquerdo.

– E...?

– Ah, eu cumprimento se me cumprimentarem... e não digo mais nada?

– E se você encontrar um iniciado de Perelandro?

– Sempre cumprimento?

– Falta uma coisa.

– Ahn... Ah, é. O sinal do serviço conjunto. Sempre cumprimentar. Falar... ah, cordialmente com iniciados e calar a boca para qualquer um... é... mais elevado.

– E os sinais alternativos para quando estiver chovendo num Dia de Penitência? – perguntou um dos Sanzas.

– Ahn... – Locke tossiu, nervoso. – Eu não... não sei bem...

– Não existe sinal alternativo para quando estiver chovendo no Dia da Penitência. Nem em qualquer outro dia – murmurou Correntes. – Bom, agora você está com a aparência para o papel. E acho que é confiável com relação ao ritual exterior. Nada mau para quatro dias de aprendizado. A maioria dos iniciados demora alguns meses até que possamos confiar que contem acima de dez sem precisar tirar os sapatos.

Correntes se levantou e ajeitou o próprio manto branco. Ele e os garotos estavam no santuário do Templo de Perelandro, uma sala parecida com uma caverna úmida, que proclamava não somente a humildade dos seguidores do deus mas também sua aparente indiferença ao cheiro de mofo.

– Então agora, imbecil destro e imbecil canhoto: peguem minhas

xarás.

Calo e Galdo foram às pressas até a parede onde estavam os grilhões puramente cerimoniais de seu senhor, presos em uma enorme argola de ferro engastada na pedra. Os dois disputaram corrida para arrastar as correntes e prender as algemas no grandalhão.

– Arrá – disse o primeiro ao terminar –, você é mais lento do que um peido embaixo d'água!

– Que engraçado – retrucou o segundo. – Ei, o que é isso no seu queixo?

– Hein?

– Parece um punho!

Num instante, Locke se viu diante de um redemoinho de membros de Sanzas e, pela centésima vez em seus poucos dias como guardião de Correntes, Locke perdeu a noção de qual irmão era qual. Os gêmeos riam loucamente enquanto lutavam, então uivaram quando Correntes estendeu as mãos com uma precisão calma e agarrou cada um por uma orelha.

– Seus idiotas, podem colocar seus mantos e carregar a cuia de esmolas para fora depois que Locke e eu ocuparmos nossos lugares.

– Você disse que nós não íamos nos sentar nos degraus hoje! – reagiu um dos irmãos.

– Não vão mesmo. Só não estou com vontade de carregar a cuia. Depois de carregarem, podem descer e cuidar das suas tarefas.

– Tarefas?

– Lembra-se daqueles documentos da alfândega que eu disse que estava falsificando ontem à noite? Não eram nada disso, mas problemas de aritmética. Duas páginas para cada um de vocês. Tem carvão, tinta e pergaminho na cozinha. Vão trabalhar.

– Aaaaaaaaah.

O som simultâneo dos Sanzas desapontados foi curiosamente afinado. Locke já ouvira os gêmeos ensaiando canto, e eram

bastante bons. Eles costumavam harmonizar as vozes, não sabia se sem querer ou de propósito.

– Agora abra a porta, Locke.

Correntes amarrou a última e mais importante peça de sua fantasia: a venda ajustada de modo exato para sugerir sua completa impotência ao mesmo tempo que lhe permitia não tropeçar na bainha do manto.

– O sol nasceu e todo aquele dinheiro lá fora não vai se roubar sozinho.

Locke ativou o mecanismo escondido atrás de uma das tapeçarias mofadas e houve um leve ribombar dentro das paredes do templo. Uma linha vertical cor de ouro queimado surgiu na parede do leste enquanto as folhas da porta se separavam e rapidamente o santuário foi inundado pela luz quente da manhã. Correntes estendeu uma das mãos e Locke correu para segurá-la.

– Preparado?

– Se o senhor diz que estou... – murmurou Locke.

De mãos dadas, o fictício Sacerdote Cego e seu mais novo iniciado fictício saíram de sua fictícia prisão de pedra. O calor que emanava das pedras da cidade era tão feroz que Locke sentia seu gosto e seu cheiro.

Pela primeira de mil vezes, eles saíram juntos para roubar os passantes, com tanta segurança quanto se fossem assaltantes, armados com nada mais do que algumas palavras e uma cuia de cobre vazia.

2

EM SEUS PRIMEIROS MESES COM o Padre Correntes, Locke começou a desaprender a cidade de Camorr que ele conhecera e a descobrir algo totalmente distinto. Como um menino do Morro das Sombras, ele vira a luz do dia em lampejos, explorando o mundo de cima e

depois correndo de volta para a escuridão familiar do cemitério como um mergulhador voltando à superfície antes que o fôlego acabasse. O Morro era cheio de perigos, mas eram perigos *conhecidos*, ao passo que a cidade acima era cheia de mistérios infinitos.

Agora o sol, que um dia lhe parecera um grande olho queimando em julgamento, não fazia nada além de esquentar sua cabeça enquanto ele se sentava nos degraus do templo com o pequeno manto branco. Um menino mais feliz poderia se entediar com as longas horas como pedinte, mas Locke aprendera a ser paciente do modo mais garantido possível: escondendo-se para sobreviver. Passar metade de uma noite agarrado à mesma sombra não era nada extraordinário para ele, que adorava a ideia de ficar à toa enquanto as pessoas lhe traziam dinheiro.

Observava os ritmos da vida cotidiana no Bairro dos Templos. Quando ninguém estava perto o suficiente para escutar, Correntes respondia baixinho às suas perguntas e, lentamente, a grande massa de camorris se revelava a ele. O que já fora um mar de detalhes confusos foi se definindo pouco a pouco até que Locke podia identificar os sacerdotes das doze ordens, separar os muito ricos dos meramente abastados e fazer uma dúzia de outras distinções úteis.

Seu coração ainda pulava ao ver uma patrulha de casacas- amarelas passando pelos degraus do templo, mas a indiferença educada deles era puro deleite. Alguns até o *saudavam*. Locke ficava pasmo ao ver que o fino manto de algodão que ele usava poderia lhe proporcionar aquela armadura contra um poder que antes parecia tão arbitrário e absoluto.

Guardas o *saudando*! Deuses do céu.

Dentro do templo, no refúgio secreto sob a fachada de pobreza, outras transformações eram operadas. Locke se alimentava bem pela primeira vez na vida, provando todas as culinárias de Camorr sob a orientação entusiasmada de Correntes. Apesar de ter

começado como um estorvo inepto para os Sanzas, que eram mais experientes, aprendeu depressa a separar os carunchos da farinha, a cortar carnes e a distinguir uma faca de filetar de um garfo para enguia.

– Abençoados somos todos nós – comentou Correntes uma noite, dando um tapinha na barriga de Locke. – Você não é mais o cadaverzinho maltrapilho que chegou tantas semanas atrás. A comida e a luz do sol o ressuscitaram como por obra de bruxaria. Você ainda é pequeno, mas agora parece que consegue suportar uma brisa moderada.

– Excelente – falou um dos Sanzas. – Logo ele vai estar gordo e poderemos retalhá-lo como todos os outros, para fazer um assado do Dia da Penitência.

– O que meu irmão quer dizer – explicou o outro gêmeo – é que todos os outros morreram de causas puramente naturais e você não tem nada a temer de nossa parte. Agora coma mais pão.

A vida aos cuidados do Padre Correntes oferecia mais conforto a Locke do que ele jamais tivera no Morro das Sombras. Tinha o suficiente para comer, roupas novas e uma cama própria de lona. Nada mais perigoso o ameaçava além das tentativas dos Sanzas de pregar peças toda noite. Mas, estranhamente, Locke nunca diria que a vida nova era mais fácil do que a que ele deixara.

Dias depois da sua chegada, ele fora treinado como um “iniciado de Perelandro” e, a partir daí, as lições só se intensificaram. Correntes não se parecia nem um pouco com o Aliciador – não permitia que Calo e Galdo aterrorizassem Locke e não punia o fracasso brandindo um cutelo de açougueiro. Mas Correntes podia ficar desapontado. Ah, se podia. Nos degraus do templo, ele era capaz de usar seus poderes misteriosos para afastar os passantes, implorar com lógica ou fazer sermões furiosos até que eles abrissem mão das moedas ganhas duramente; nos ensinamentos, ele concentrava esses mesmos poderes em Locke até fazer parecer que

o seu desapontamento era uma censura pior do que uma surra.

Eram coisas novas e estranhas, sem dúvida. Locke temia o que Correntes seria capaz de fazer caso fosse provocado (a bolsa de couro que Locke era obrigado a usar pendurada no pescoço, com o dente de tubarão dentro, era uma lembrança inescapável), mas ele não temia o próprio Correntes. O sujeito grande e barbudo parecia genuinamente satisfeito quando Locke acertava as lições, parecia emanar ondas de aprovação que aqueciam feito a luz do sol. Com seus dois extremos de humor, o desapontamento agudo e a satisfação luminosa, Correntes fazia todos os seus garotos passarem pelos testes constantes.

Havia as questões óbvias do treinamento de Locke: ele aprendia a cozinhar, a se vestir, a se manter razoavelmente limpo. Aprendia mais sobre a Ordem de Perelandro e sua sede fictícia dentro dela. Aprendia os significados das flâmulas nas carruagens e dos brasões nas túnicas dos guardas, assim como a história do Bairro dos Templos e seus marcos.

Mais difícil do que tudo, a princípio, era ler e escrever. Duas horas por dia eram passadas nessa instrução, antes e depois de sentar-se nos degraus. No início, tinha apenas um conhecimento fragmentado das trinta letras do alfabeto terim e podia fazer somas simples quando tinha algo para contar à frente, como moedas. Mas Correntes o fazia recitar e escrever as letras até que elas dançassem em seus sonhos, então passou a decifrar pequenas palavras, depois as grandes e, em seguida, frases inteiras.

Correntes começou a deixar instruções escritas para ele a cada manhã e Locke não tinha permissão de comer o desjejum até tê-las decifrado. Mais ou menos quando os parágrafos curtos deixaram de ser páreo para ele na batalha de perspicácia, Locke se pegou enfrentando a aritmética com lousas e giz. Chegar às respostas de cabeça não era mais suficiente.

– Vinte e seis menos doze – disse Correntes numa noite no início

do outono.

Era um tempo incomumente agradável em Camorr, com dias quentes e noites cálidas que não encharcavam nem esaldavam a cidade. Correntes estava absorto num jogo de Pegue o Duque contra Galdo, movendo alternadamente as peças e recitando problemas de matemática para Locke. Os três estavam à mesa da cozinha, sob a luz dourada do fabuloso lustre alquímico de Correntes, e Calo permanecia sentado junto a uma bancada ali perto, tocando um pequeno instrumento triste chamado harpa de estradeiro.

– Ahn... – Locke rabiscou em sua lousa, tendo o cuidado de mostrar o trabalho. – Catorze.

– Muito bem – elogiou Correntes. – Some 21 e 13.

– Agora vá em frente! – exclamou Galdo, empurrando uma das suas peças ao longo dos quadrados do tabuleiro. – Avance e morra pelo rei Galdo.

– Agora mesmo – disse Correntes, reagindo imediatamente ao movimento.

– Como vocês dois estão em guerra – interveio Calo –, o que acham disto?

Pôs-se a tocar uma música na harpa simplificada e cantou em voz aguda e suave:

“Da bela e antiga Camorr até o Morro do Portão Divino
Três mil corajosos guerrearam num clamor.
Cem vintenas ainda estão caídas,
No solo vermelho que reivindicaram para Camorr.”

Galdo pigarreou enquanto mexia em suas peças e, quando o gêmeo continuou, ele cantou junto. Mal se passou um instante até os Sanzas encontrarem sua fantasmagórica e perfeita harmonia:

“Da bela e antiga Camorr até o Morro do Portão Divino

Foi um duque que não admitia ser escravo.
Sua Graça em seu túmulo ainda está caído,
No solo vermelho reivindicado pelos bravos.

“Da bela e antiga Camorr até o Morro do Portão Divino
Por 100 duras léguas a terra se espalha.
Mas nossa hoste morta ainda está caída,
No solo avermelhado por sua batalha!”

– Uma execução adequada desperdiçada numa porcaria de canção cagada por idiotas frouxos para justificar a tolice de um velho – murmurou Correntes.

– Todo mundo a canta nas tavernas – alegou Calo.

– E deveriam cantar mesmo. Mas, por um breve tempo, eu fiz parte daqueles três mil homens e quase todo mundo que eu conheci naqueles dias *ainda está caída por lá*. Por favor, faça a gentileza de cantar algo mais alegre.

Calo mordeu o interior da bochecha, afinou de novo a harpa e recomeçou:

“Disse o patrão à donzela nova na herdade:
Deixe-me mostrar os animais da propriedade!
Aqui está a vaca que dá leite e o porco no chiqueiro
Aqui está o cachorro, uma cabra e um cordeiro;
Aqui está um cavalo orgulhoso e um falcão treinado e valente,
Mas o que você deve ver mesmo é este pinto excelente!”

– Onde você aprendeu isso?! – gritou Correntes.

Calo explodiu num ataque de riso, mas Galdo continuou a canção com uma expressão impassível:

“Alguns pintos acordam cedo e alguns crescem bastante,

Mas o pinto em questão trabalha mais que o restante!
Trabalhar é uma virtude, eu concordo e não minto.
E então, queridinha, venha segurar o meu...”

A batida inconfundível da entrada secreta do refúgio ecoou no túnel de Vidrantigo ao lado da cozinha, sendo fechada por alguém que não se importava em ser ouvido. Correntes levantou-se num giro. Calo e Galdo correram atrás dele, postando-se junto às facas de cozinha. Locke ficou de pé em sua cadeira, com a lousa da aritmética segura como um escudo.

No instante em que viu quem virava a esquina, a lousa escorregou de seus dedos e bateu com estardalhaço no chão.

– Querida, você voltou cedo! – exclamou Correntes.

Ela estava mais alta do que Locke recordava e seu cabelo estava bem tingido num tom uniforme de castanho-claro. Mas *era* ela. Era inegavelmente Beta.

3

– VOCÊ NÃO PODE ESTAR AQUI – disse Locke. – Você está morta!

– Claro que posso estar aqui. Eu moro aqui. – Beta largou a bolsa de couro marrom que estava carregando e soltou o cabelo, deixando-o cair sobre os ombros. – Quem seria você?

– Eu... ahn... você não sabe?

– Eu deveria saber?

A perplexidade de Locke se mesclou com uma frustração amarga. Enquanto as engrenagens de sua mente giravam em fúria para conjurar uma resposta, ela o examinou. Seus olhos se arregalaram.

– Ah, pelos deuses. É o garoto Lamora, não é?

– É – respondeu Correntes.

– Comprou ele também, foi?

– Já paguei mais caro por alguns dos meus almoços, mas, sim,

eu o tirei de seu antigo senhor.

Correntes desgrenhou o cabelo de Beta com afeição paterna e ela beijou as costas de sua mão.

– Mas você estava morta – insistiu Locke. – Disseram que você tinha se afogado!

– É – respondeu ela suavemente.

– Mas por quê?

– Nossa Sabeta tem um passado complicado – explicou Correntes. – Quando eu a tirei do Morro das Sombras, montei um teatrinho para ocultar seu rastro.

Beta. Sabeta. Eles haviam mencionado *Sabeta* pelo menos uma dúzia de vezes desde que Locke fora morar ali. De repente, sentiu-se um idiota por não associar os dois nomes antes... mas, afinal de contas, tinha pensado que ela estava morta, não era? Sob a perplexidade, o embaraço, a frustração, um calor subia na boca do seu estômago. Beta estava viva... e morava *all*!

– Bom, onde é... aonde você foi? – perguntou Locke.

– Treinar – respondeu Sabeta.

– E como foi? – indagou Correntes.

– Mestre Sibella disse que eu não fui tão vulgar e desajeitada como a maioria das camorris a quem ela ensina.

– Então você... é, ahn... – gaguejou Locke.

– É um tremendo elogio, vindo daquela pedante de marca maior – comentou Correntes, ignorando Locke. – Vejamos se ela acertou. Galdo, fique ao lado de Sabeta para um quatro-passos. *Complair entant*.

– É necessário mesmo?

– Boa pergunta. É necessário eu continuar alimentando você?

Galdo saiu correndo de trás de Correntes e fez uma reverência diante de Sabeta, tão exagerada que seu nariz quase roçou o chão.

– Encantado, *demoiselle*. Posso requisitar o prazer de uma dança? Meu patrão não me alimentará mais se eu não fingir que

estou gostando desta bosta.

– Que macaquinho ousado você é – comentou Sabeta. Os dois foram para a maior área liberada no cômodo, entre a mesa e as bancadas.

– Calo, por obséquio – pediu Correntes.

– Certo, certo, já sei.

Calo dedilhou a harpa por um instante, então começou uma música rápida, ritmada, mais complexa do que as canções que ele havia tocado.

Galdo e Sabeta se moveram ao mesmo tempo, a princípio devagar, mas ganhando confiança e velocidade à medida que a música prosseguia. Locke olhava, pasmo porém fascinado, enquanto eles dançavam de um modo mais controlado do que ele já vira numa taverna ou num beco. A chave parecia ser bater no chão com força usando os calcanhares, quatro batidas entre cada movimento maior dos braços. Eles juntavam as mãos, giravam, separavam-se, trocavam de lugar, e o tempo todo mantinham um ritmo quase perfeito com os pés.

– Essa dança é popular entre os ricos – explicou Correntes, e Locke percebeu que estava se dirigindo a ele. – Todos os dançarinos formam um círculo e o mestre de dança chama os parceiros. Os casais escolhidos dançam na área principal, no centro de tudo, e se fizerem besteira, bom... há penalidades. Provocações. Frustração romântica, imagino.

Locke não prestava total atenção à explicação, pois seus olhos e pensamentos estavam perdidos na dança. Em Galdo, reconhecia a rapidez nervosa de um colega órfão, a graça nascida da necessidade que separava os sobreviventes no Morro das Sombras de figuras como Banguela. Mas Sabeta tinha isso e algo mais; não apenas velocidade, mas fluidez. Os joelhos e cotovelos dela pareciam se evaporar, tornando-se curvas, redemoinhos, círculos. Suas bochechas ficaram vermelhas com o esforço e a luz dourada do

lustre fazia o cabelo castanho reluzir até que Locke, hipnotizado, quase podia imaginá-lo ruivo também...

Correntes bateu palmas três vezes, encerrando a dança, ainda que não o feitiço de Locke. Se Sabeta sabia que estava sendo observada, foi educada demais ou desdenhosa demais para encará-lo.

– Dá para ver que não caguei em vão essa fonte de ouro – disse Correntes. – Parabéns, garota. Nem mesmo ter Galdo como parceiro pareceu atrapalhar você.

– E isso alguma vez atrapalha? – Sabeta sorriu, ainda agindo como se Locke não estivesse no cômodo, e voltou para a mesa onde Galdo e Correntes estavam jogando antes. Olhou o tabuleiro por alguns segundos e afirmou: – Você está condenado, Sanza.

– Nem pelo cacete de um burro!

– Na verdade, eu acabo com ele em três movimentos – garantiu Correntes, acomodando-se em sua cadeira com um sorriso. – Mas eu ia embromar um pouco mais.

Enquanto Galdo quebrava a cabeça analisando sua situação no tabuleiro, ele, Calo e Sabeta iniciaram uma conversa animada com Correntes sobre assuntos que Locke ignorava: danças, costumes nobres, pessoas de quem ele jamais ouvira falar, cidades que para ele eram apenas nomes. Correntes foi ficando cada vez mais espalhafatoso até que, após alguns minutos, fez um gesto para Calo.

– Arranje uma coisa doce. Vamos brindar a volta de Sabeta.

– Xerez Negro Lashani? Eu sempre quis experimentar. – Calo abriu um pequeno armário e tirou com cuidado uma garrafa de vidro esverdeada cheia de algo escuro feito nanquim. – Deuses, que coisa nojenta!

– Falou igual à parteira que ajudou sua mãe a parir – disse Correntes. – Traga copos para todos nós, e vamos brindar.

As quatro crianças se reuniram em volta da mesa enquanto Correntes arrumava os copos e abria a garrafa. Estrategicamente,

Locke deixou que os Sanzas ficassem entre ele e Sabeta, arranjando um ângulo melhor para continuar encarando-a. Correntes encheu um copo até a borda com o xerez, que ondulava preto e dourado à luz do lustre.

– Este copo é para o patrono e protetor, o Guardião Torto, Pai dos Pretextos Necessários. – Correntes empurrou o copo de lado cuidadosamente, afastando-o dos outros. – Esta noite ele trouxe de volta nossa amiga, sua servidora Sabeta. – Correntes levou a mão esquerda aos lábios e soprou na palma. – Minhas palavras. Minha respiração. Essas coisas atam minha promessa. Cem peças de ouro, devidamente roubadas de homens e mulheres honestos, a serem lançadas no mar na fase escura da Lua do Órfão. Nós agradecemos pela segurança de Sabeta.

A Lua do Órfão, Locke sabia, vinha uma vez por ano, no fim do inverno, quando as duas maiores luas do mundo estavam juntas na fase escura. No solstício de verão, os plebeus que sabiam suas datas de nascimento ficavam legalmente um ano mais velhos. A Lua do Órfão significava a mesma coisa para aqueles, como ele, cuja idade exata era um mistério.

Correntes encheu os copos e os distribuiu. Locke ficou surpreso ao ver que, enquanto as outras crianças recebiam um quarto de copo do xerez assustadoramente escuro, o seu estava quase cheio. Correntes sorriu para ele e levantou seu copo.

– Obrigado pelos bolsos fundos mal vigiados.

– Obrigada pelos guardas que dormem no serviço – continuou Sabeta.

– Obrigado pela cidade que nos nutre e pela noite que nos oculta – acrescentou Calo.

– Obrigado pelos amigos que nos ajudam a gastar os roubos!

Assim que Galdo terminou o brinde que Locke já ouvira muitas vezes desde que viera para os Nobres Vigaristas, cinco copos se dirigiram a cinco pares de lábios. Locke segurou o seu com as duas

mãos, com medo de derramar.

O xerez negro bateu na garganta de Locke com uma explosão de sabores doces: creme, mel, framboesas e muitos outros cujo nome ele não tinha esperança de saber. Vapores quentes e picicantes pareciam deslizar para dentro do nariz e ondular atrás dos olhos, até que ele parecia sentir cócegas por dentro do crânio, feitas por dúzias de penas ao mesmo tempo. Sabendo como seria mal-educado estragar um brinde solene, usou de toda a sua força de vontade para engolir todo o conteúdo.

– Uarr! – exclamou ao terminar. Era um cruzamento entre uma tosse educada e o último ofegar de um pássaro agonizante. Ele bateu no peito. – Uarr, uarr, uarrrrrr!

– Concordo – disse Galdo num sussurro áspero. – Adorei.

– Todas as virtudes exteriores da merda líquida – observou Correntes, meditando sobre seu copo vazio – e um gosto como puro júbilo mijado por anjos felizes. Veja bem, isso não tem importância no mundo lá fora. Não bebam nenhuma outra coisa que se pareça com isto, a não ser que queiram uma libertação rápida das preocupações mortais.

– Fico pensando... – falou Locke. – Não fazem vinho cor de vinho em outras cidades? – Em seguida fitou seu copo que, como os dedos que o seguravam, começava a ficar com as bordas turvas.

– Algumas coisas ficam muito mais interessantes quando os alquimistas põem as mãos nelas – respondeu Correntes. – Sua cabeça, por exemplo. O xerez negro é conhecido por chutar feito uma mula.

– Ééé, conhecido... – disse Locke, sorrindo feito um idiota.

Sua barriga estava quente, a cabeça parecia não pesar um grama e suas intenções estavam desconectadas dos movimentos pelo intervalo de um batimento cardíaco. Tinha consciência de que, se já não estava bêbado, ia nessa direção como um dardo lançado contra uma parede.

– Agora, Locke – disse Correntes, a voz parecendo vir de longe –, eu tenho umas coisas para discutir com esses três. Talvez você queira ir para a cama mais cedo hoje.

Uma pontada aguda furou a bolha morna de contentamento que praticamente o havia engolido. Ir para a cama cedo? Deixar a companhia de Sabeta, em cuja beleza turva ele estava fixado, mal conseguindo se dar o tempo necessário para piscar de vez em quando?

– Ahn... Hein?

– Não foi um pedido, Locke – replicou Correntes com gentileza. – Você terá uma tarde ocupada amanhã, garanto, e precisa de todo o sono possível.

– Amanhã?

– Você vai ver. – Correntes se levantou, rodeou a mesa e tirou com cuidado o copo vazio da mão de Locke, que, surpreso, olhou para baixo, já esquecido de que o estava segurando. – Vá.

Uma parte minúscula da mente de Locke, a cautela fria que fora seu sentinela no Morro das Sombras, percebeu que Correntes havia planejado muito antes mandá-lo descansar cedo, alegremente atordoado. Mesmo através da névoa induzida pelo vinho, isso doeu. Ele sentia-se cada vez mais em casa, mas nem bem Sabeta entrara pela porta e tudo se tornara Ruas e Janelas de novo; ele era mandado para algum canto escuro sem os privilégios desfrutados pelas crianças mais velhas.

– Eu – murmurou ele, afastando o olhar de Sabeta pela primeira vez em vários minutos, mas ainda se dirigindo a ela. – Eu vou. Mas... estou feliz porque você está aqui.

Sentiu uma ânsia de dizer mais alguma coisa, algo com peso e inteligência, que faria virar aquela cabeça linda, um espelho da sua, e chamar-lhe a atenção para ele. Porém, mesmo bêbado, sabia que tinha mais probabilidade de arrancar rubis da bunda do que de falar como as pessoas mais velhas, com palavras que eram de algum

modo cuidadosas, poderosas e certas.

– Sabeta – completou ele, meio que resmungando.

– Obrigada – agradeceu ela, encarando a mesa.

– Quero dizer, eu sabia... Você sabia que eu estava falando de você, Sabeta... Desculpe. Eu só... fico feliz porque você não se afogou, sabe.

Mais do que qualquer coisa, naquele momento ele só queria ouvi-la dizer seu nome, chamá-lo de qualquer coisa que não “ele” ou “o garoto Lamora”. Reconhecer sua existência... sua parceria na gangue de Correntes... Pelos deuses, ele se exilaria na cama cedo toda noite se ao menos pudesse ouvir seu nome brotar daqueles lábios.

– Boa noite – disse ela.

4

NO DIA SEGUINTE, LOCKE ACORDOU sentindo que o conteúdo de seu crânio tinha sido arrancado e recolocado de cabeça para baixo.

– Aqui – falou um Sanza, que estava perto da sua cama com um livro.

O Sanza – atordoado como estava, Locke não conseguia identificá-lo – entregou-lhe um copo de madeira com água. Estava morna mas limpa, e Locke engoliu-a sem delicadeza, admirando-se com a própria sede.

– Que horas são? – falou ele, rouco, ao terminar.

– Deve passar do meio-dia.

– Meio-dia? Mas... as minhas tarefas...

– Hoje não há trabalho de verdade. – O Sanza se espreguiçou e bocejou. – Nada de aritmética. Nada de Pegar o Duque. Nada de idiomas. Nada de dança.

– Nem de ficar sentado nos degraus! – gritou o outro Sanza no cômodo ao lado. – Nem luta de espadas. Nem nós e cordas. Nem

moedas.

– Nem música – continuou o Sanza que estava com o livro. – Nem boas maneiras. Nem história. Nem a maldita heráldica.

– O que vamos fazer, então?

– Calo e eu precisamos garantir que você consiga ficar de pé – respondeu o Sanza do livro. – Nem que a gente tenha que pregar você numa tábua.

– E depois você deve lavar todos os pratos.

– Sabeta... – Locke esfregou os olhos e rolou da cama. – Ela é mesmo uma de nós?

– Claro que é – falou o Sanza do livro.

– Ela... está aqui agora?

– Não, não. Saiu com o Correntes. Procurando coisas para esta noite.

– O que tem esta noite?

– Não sei. Só sei que agora é de tarde, e a tarde, para você, são os pratos.

5

APESAR DE ENÉRGICOS QUANDO TINHAM uma tarefa, Calo e Galdo eram virtuosos da preguiça se deixados por conta própria. Entre interferências sutis e palhaçadas explícitas, conseguiram estender a meia hora de que normalmente Locke precisaria para cuidar dos pratos até quase três horas. No momento em que a porta secreta do templo acima se fechou com um estrondo após o retorno do Padre Correntes, os dedos de Locke estavam enrugados e descorados por causa do polidor alquímico que estivera usando na prataria.

– Ah – fez Correntes. – Ótimo, ótimo. Você parece estar mais ou menos entre os vivos. Sente-se esperto?

– Acho que sim.

– Temos um serviço esta noite. Invasão de casa. Trabalho de

janelas, e a maior parte do serviço vai ficar nos seus ombros pequenos. – Correntes deu um tapa na barriga ampla e sorriu. – Parei de escalar e escapar há um bom tempo.

– Trabalho de janelas? – indagou Locke, esquecendo instantaneamente a chatice de sua longa tarde na cozinha. – Eu... eu adoraria. Mas achava que vocês, é... não faziam esse tipo de coisa.

– Geralmente não. Mas preciso descobrir umas coisas sobre você, Locke.

– Ah, ótimo. – Locke sentiu a empolgação esfriar um pouco. – Outro teste. Quando eles acabam?

– Quando você estiver enterrado, meu garoto. – Correntes se ajoelhou e deu um aperto amigável na nuca de Locke. – Quando você estiver embaixo da terra e mais frio do que as tetas de um peixe. É aí que acaba. Agora escute. Recebi uma dica de um amigo na Meraggio. – Correntes andou rapidamente pela cozinha, pegando giz e uma lousa, onde rabiscou às pressas. – Parece que um certo mercador de azeitonas quer casar seu filho inútil com uma mulher nobre. Para adoçar o acordo, ele vai precisar colocar os esplendores da família de novo em circulação.

– O que isso quer dizer? – perguntou Locke.

– Que ele precisa vender suas joias e suas coisas – respondeu Calo.

– Garoto esperto. Há cerca de uma hora, o empregado do mercador saiu da casa de contabilidade com uma bela porção de antiguidades na bolsa. Vai ficar numa casa em Razona; só ele e dois guardas. O velho e um séquito maior virão amanhã da propriedade dele no campo. Portanto, esta noite temos uma oportunidade.

– Por que nós? – A empolgação de Locke era temperada por uma perplexidade genuína. – Se ele só tem dois guardas, qualquer um que quisesse poderia entrar lá com uma gangue.

– Jamais – disse Correntes com um risinho. – Barsavi não

admitiria. Razona é um bairro calmo onde as portas não são arrombadas com chutes. Trata-se da Paz. Quem violá-la pode ter suas partes preciosas cortadas e costuradas nos olhos. Assim, em vez de mandar brutamontes pela porta, mandamos uma figura discreta pela janela.

Correntes virou a lousa na direção de Calo, Galdo e Locke. A metade de cima estava tomada por um diagrama tosco de casas e das ruas e becos ao redor. Abaixo, havia o desenho de um colar, com grandes formas ovoides pendendo de uma grossa corrente. Correntes bateu com um dedo no desenho.

– Uma peça. É isso que queremos. Uma dentre cerca de vinte, e eles não terão tempo de fazer muito estardalhaço a respeito. Um colar de ouro com nove esmeraldas pendentes. Basta tirar as pedras, vendê-las em nove direções e derreter o ouro. Lucro impossível de ser rastreado.

– Como vamos fazer isso? – indagou Locke.

– Bom, essa é metade da diversão. – Correntes coçou o queixo. – Você mesmo disse: é um teste. Você vai trabalhar com Sabeta, já que ela tem mais experiência. Calo e Galdo vão ser seus olhos de cima, isto é, vão vigiar a área para cobrir o rabo de vocês. Eu vou estar no chão, por perto, mas não vou me envolver diretamente. Minhas pequenas maravilhas desonestas terão que resolver o resto sozinhas.

O coração de Locke disparou. Teste ou não, a chance de trabalhar com Sabeta, ainda mais em alguma coisa empolgante? Os deuses o amavam!

– Onde ela está?

– Aqui. – Correntes apontou para um quadrado desenhado na parte de cima da lousa. – Na Via Selaine. Uma casa de quatro andares com jardim no terraço. É o nosso alvo. Ela vai estar ali perto até o escurecer; ao primeiro nascer de lua, vai se encontrar com você neste beco. – Correntes passou o dedo por uma série de linhas

de giz, borrando-as. – Assim que os Sanzas estiverem posicionados para ficar de olho na rua, o resto é com você e Sabeta.

– Então é isso?

– É. E lembre-se: quero um colar de esmeraldas. Não preciso de dois, nem da escritura da casa, nem das malditas joias da coroa de Camorr. Esta é definitivamente uma noite para você realizar pouco.

6

NOITE DENSA EM CAMORR, ENFIM, depois de um crepúsculo passado nervosamente inquieto num beco, esperando o contato de Sabeta. Agora Locke estava com ela, no telhado da casa vizinha ao alvo, agachado entre as velhas estruturas de madeira e os vasos vazios de um jardim descuidado havia muito tempo. Acabava de passar do segundo nascer de lua e o céu escancarado pegava fogo com estrelas, dez mil olhos brancos piscantes encarando Locke, como se ansiosos para vê-lo trabalhar.

A 1 metro de distância estava Sabeta, um vulto baixo grudado ao parapeito de pedra. Suas únicas palavras para ele ao se encontrarem haviam sido “Cale a boca, fique perto e quieto”. Ele obedecera, subindo atrás dela pela parede da casa em que estavam agora, usando parapeitos de janelas e relevos decorativos para escalar com pouco esforço. Desde então, sua ânsia de falar com ela fora dominada pelo terror de irritá-la e, assim, Locke achava que tinha feito uma ótima imitação de cadáver desde o momento em que haviam chegado. Quando ela enfim disse alguma coisa, sua voz suave espantou-o.

– Acho que finalmente foram dormir.

– O-o quê? Quem?

– As três velhas que moram aqui. – Sabeta encostou a cabeça nas pedras da cobertura e prestou atenção durante vários minutos.

– Elas dormem no segundo andar, mas ter cuidado nunca é demais.

– Ah. Claro.

– Nunca trabalhou num telhado antes. É isso, garoto?

Sabeta moveu-se um pouco, e tão silenciosamente, que Locke não ouviu um único farfalhar da túnica escura ou da calça. Ela espiou por cima do parapeito por um tempo que não passou de dez batimentos cardíacos, depois se agachou de novo.

– Eu, ahn, não. Assim, não.

– Bom, acha que pode se conter e só roubar o que foi mandado? Ou será que devo avisar aos casacas-amarelas para fazer filas de gente com baldes para o caso de você incendiar Razona?

– Eu... vou fazer o que você mandar. Vou ter cuidado.

– O que eu mandar? – Quando se virou para ele, o rosto de Sabeta estava envolto em uma sombra prateada, mas os olhos captavam a luz das estrelas, por isso Locke pôde vê-los com clareza.

– Sério?

– Ah, sim. – Locke assentiu várias vezes. – Juro. Haja o inferno ou o fogo dos Ancestres.

– Ótimo. Então talvez você não faça merda. – Ela gesticulou em direção ao parapeito. – Mova-se devagar. Levante-se só o bastante para espiar por cima da borda. Dê uma boa olhada.

Foi o que Locke fez no lado sul da residência; a casa-alvo, com o denso jardim no terraço, ficava à direita e, quatro andares abaixo, havia um trecho limpo de rua calçada de pedras, lavada pelo luar. Razona parecia um lugar gentil, calmo – sem bêbados esparramados nas sarjetas, sem portas de tavernas abrindo e fechando constantemente com pancadas fortes, sem casacas-amarelas movendo-se em esquadrões com porretes nas mãos e escudos à frente do corpo. Dezenas de globos alquímicos ardiem no nível da rua, atrás de janelas e acima de portas, como cachos de frutas em chamas. Só os becos e os telhados pareciam envoltos em algo parecido com verdadeira escuridão.

– Está vendo Calo e Galdo? – perguntou Sabeta.

– Não.

– Ótimo. Isso significa que eles estão onde devem estar. Se alguma coisa der errado, se um esquadrão de casacas-amarelas aparecer na rua, digamos, aqueles dois vão começar a berrar “O mestre quer mais vinho, o mestre quer mais vinho”.

– E aí?

– Eles vão fugir, e nós também. – Sabeta se arrastou até ficar perto dele e Locke sentiu a respiração se prender na garganta. As palavras seguintes dela foram ditas em seu ouvido: – A primeira regra do trabalho no telhado é: saiba como descer. Você sabe?

– Ahn... do mesmo modo como a gente subiu?

– É devagar demais. Arriscado demais. Descer escalando depressa é mais perigoso do que subir, especialmente à noite. – Ela apontou para uma linha fina e cinza no meio do telhado, uma linha que o olhar de Locke acompanhou até uma confusão de potes e treliças quebradas. – Eu ancorei aquele cabo quando subi. É de semisseda, deve levar a gente até a 1,5 metro do chão. Se precisarmos fugir, jogue-o pela borda, deslize para baixo o mais depressa possível e deixe-o para trás. Entendeu?

– Entendi.

– Agora, olhe por aqui. – Ela meneou a cabeça por cima do parapeito de novo e apontou para um beco do outro lado da rua. – Essa é a rota de fuga. Você vai ter que atravessar a rua, mas um dos Sanzas deve estar na cobertura, observando você. Correntes está um ou dois quarteirões além. Se tudo der errado, procure um Sanza. Entendeu?

– Sim. Mas e se não formos apanhados?

– O mesmo plano, garoto. Só vamos fazer mais devagar. Pronto?

– Claro. Quando você mandar. Como a gente... é... atravessa para lá?

– Tábua de incêndio. – Sabeta se arrastou até o parapeito virado para a casa-alvo, sinalizando para que ele a seguisse. Deu um

tapinha numa tábua comprida encostada na parede de pedra. – Se um lugar pega fogo, você põe a tábua atravessando até o vizinho e torce para que ele goste de você.

Trabalhando em silêncio e devagar, as duas crianças levantaram a tábua de 4,5 metros até o parapeito; Locke pôs todo o seu peso sobre uma das extremidades enquanto Sabeta girava-a por cima do beco. Sentia-se inquieto como uma pedra de catapulta prestes a voar, temendo que a outra ponta caísse, mas, após alguns instantes complicados, Sabeta conseguiu acomodá-la no parapeito da casa-alvo. Ela saltou graciosamente em cima e depois ficou de quatro.

– Um de cada vez – sussurrou ela. – Fique abaixado e não tenha pressa.

Ela atravessou enquanto o coração de Locke disparava com a empolgação familiar de um crime prestes a acontecer. O cheiro de fazenda do Vento do Carrasco encheu o ar e uma brisa morna agitou o cabelo de Locke. A nordeste, erguiam-se as sombras impossivelmente altas das Cinco Torres, com suas coroas de prata e lamparinas de ouro, quentes constelações artificiais misturando-se às estrelas frias e verdadeiras.

Então chegou a vez de Locke. Para um adulto, a estreiteza da tábua daria nos nervos, mas alguém do tamanho de Locke poderia girar em cima dela sem se dar o trabalho de ficar de pé. Ele passou com facilidade, rolou da beira e se agachou em meio aos cheiros úmidos de um jardim vivo. Folhas escuras farfalhavam acima e ele quase pulou quando Sabeta estendeu a mão para fora das sombras e o agarrou pelo ombro.

– Sem barulho – sussurrou ela. – Eu vou pegar o colar. Você, vigie o teto. Garanta que a tábua fique onde nós precisamos.

– E... e se acontecer alguma coisa?

– Bata três vezes no chão. Se acontecer alguma coisa que você possa ver antes de mim, não vamos poder fazer nada, a não ser fugir. Não use meu nome de jeito nenhum se tiver que gritar

avisando.

– Não vou usar. Boa... ahn, boa sorte...

Mas ela já havia ido e, um instante depois, ele ouviu alguns estalos fracos. Em algum lugar no jardim, Sabeta tentava abrir uma fechadura com gazuas. Ela logo conseguiu e as dobradiças de uma porta rangeram suavemente.

Locke montou guarda junto à tábua por longos minutos, olhando ao redor toda hora, apesar de admitir que uma dúzia de homens poderia estar escondida na escuridão das trepadeiras e folhas. Às vezes, olhava por cima do parapeito, para o outro lado da ponte estreita. O outro telhado continuava tranquilizadamente vazio.

Locke já estava se sentando de novo após a quarta ou quinta espiada quando ouviu uma comoção abaixo dos pés. Ajoelhou-se e encostou um ouvido na pedra quente; era um murmúrio. Uma pessoa falando, depois outra. Um alarido de vozes adultas. Então começaram os gritos.

– Ah, merda – sussurrou Locke.

Ouviu uma série de pancadas surdas vindas da direção que Sabeta havia tomado, depois o som alto de uma porta sendo escancarada. Ela saiu voando das sombras na direção dele, agarrou-o pelos braços e o empurrou para cima da tábua.

– Ande, ande, ande – ordenou ela, ofegante. – O mais rápido possível.

– O que aconteceu?

– Ande, maldição! Eu firmo a tábua.

Locke fugiu pelos 4,5 metros o mais rápido que já havia se movido na vida, tão depressa que tropeçou do parapeito ao chegar e teve que rolar desajeitadamente para não aterrissar de cara. Levantou-se com a cabeça rodando e girou de volta para Sabeta.

– Venha! – gritou. – Venha!

– A corda – sussurrou ela. – Jogue a porra da corda!

– Eu vou f-firmar a tábua para você agora.

Locke apertou a tábua, trincou os dentes e se preparou, sabendo, com uma parte da mente, como devia ser ridícula aquela demonstração precária de força. Por que ela não vinha?

– A CORDA! – gritou ela. – FUJA!

Locke levantou os olhos a tempo de ver vultos irromperem do jardim atrás dela. Adultos. Os braços se estendiam para ela, mas Sabeta não tentava escapar; nem estava se virando para eles. Suas mãos se encontravam sobre a tábua e ela estava...

– Não! – berrou Locke. – NÃO!

Sabeta foi agarrada por trás e levantada no ar, mas, enquanto subia, conseguiu girar sua extremidade da tábua para fora do parapeito e empurrá-la no vazio. Locke teve a sensação terrível daquele peso tombando e mergulhando no beco, peso demais para ele segurar. A ponta levantou e bateu no seu queixo, jogando-o para trás. Ao cair de bunda, ouviu o estrondo da tábua batendo no chão, quatro andares abaixo.

– FUJA! – gritou Sabeta mais uma vez, e sua voz soou meio abafada.

Locke cuspiu sangue, levantando-se de novo.

– O outro telhado! – Era uma voz nova, de um homem. – Desçam para a rua!

Locke queria ficar, manter Sabeta à vista, fazer alguma coisa por ela, mas seus pés, sempre mais rápidos do que o pensamento, já o conduziam. Ele agarrou a corda enquanto corria tropeçando, jogou-a por cima do parapeito oposto e, sem hesitar, lançou-se por cima da borda. As pedras da parede passaram voando e a pressão da corda na palma de sua mão se intensificou depressa até uma dor quente, lancinante. Ele gritou e soltou-a assim que chegou ao fim, quase jogando-se pelo último 1,5 metro e aterrissando embolado, desajeitadamente.

O queixo doía, as palmas pareciam ter sido esfoladas com um machado cego e a cabeça continuava rodando, mas pelo menos

nada parecia quebrado. Começou a correr. Enquanto os pés descalços batiam nas pedras da rua, a porta da casa-alvo se escancarou, revelando dois homens delineados em luz dourada. Um instante depois, estavam atrás dele.

Locke disparou para a escuridão do beco, forçando as pernas a subir e descer como pistões de um motor d'água. Sabia que precisaria de cada centímetro de vantagem que já possuía se quisesse escapar. Formas vagas e negras surgiam das sombras como algo saído de um pesadelo, apenas transformando-se em objetos normais quando ele passava correndo: barris vazios, pilhas de lixo, carroças quebradas.

Atrás dele vinham as batidas de pés calçados com botas. Locke respirava em haustos curtos e rápidos e rezava para não pisar numa tigela ou garrafa quebrada. Os pés descalços eram melhores para escalar, mas, numa corrida louca, alguém de sapatos tinha toda a vantagem. Os homens estavam chegando mais perto...

Algo bateu em Locke com tanta força que achou que havia se chocado contra uma parede. O ar foi expulso de seus pulmões e alguém o agarrou pela túnica e o jogou para baixo; outra pessoa pulou do escuro e correu na direção para onde ele ia antes. Alguém mais ou menos do seu tamanho ou um pouquinho maior...

– Shhhh – fez um dos Sanzas, direto em seu ouvido. – Banque o morto.

Locke estava deitado com o rosto encostado na pedra molhada, olhando para uma abertura estreita numa passagem com paredes de tijolos. Percebeu que tinha sido puxado para um beco menor que se ramificava daquele por onde tentara escapar. O Sanza que o segurava puxou alguma coisa pesada, úmida e fétida para cima deles, deixando apenas um espaço mínimo para enxergarem. Uma fração de segundo depois, os perseguidores de Locke passaram em disparada, bufando e xingando. Continuaram atrás do vulto que havia tomado o lugar de Locke e nem lançaram um olhar para os

dois garotos encolhidos e cobertos, a poucos metros dali.

– Calo vai botá-los para correr bastante e então voltar para cá quando os tiver despistado – explicou o Sanza após alguns segundos.

– Galdo, eles a pegaram. Pegaram a Beta.

– Nós sabemos. – Galdo empurrou a camuflagem de lado. Parecia uma antiga capa de couro, mordida por animais e coberta com todo tipo de imundície que um beco poderia cultivar. – Quando ouvimos os gritos, corremos e ficamos em posição para pegar você. Agora depressa e quieto.

Galdo ergueu Locke, virou-se e seguiu rapidamente pelo beco secundário.

– Eles a pegaram – repetiu Locke, de repente cômico de que suas bochechas estavam quentes de lágrimas. – Eles a pegaram, a gente precisa fazer alguma coisa, a gente precisa...

– Eu sei, maldição. – Galdo agarrou-o pela mão e puxou-o. – Correntes vai dizer o que devemos fazer. Venha.

Como Sabeta havia prometido, Correntes não estava longe. Galdo conduziu Locke para o oeste, em direção ao cais, para as fileiras de armazéns mais baratos junto ao canal que marcava o limite mais distante de Razona. Correntes esperava ali, usando roupas comuns e uma capa marrom comprida, dentro de um armazém vazio que cheirava a podridão e cânfora. Quando os dois garotos entraram, Correntes sacudiu um globo alquímico, produzindo uma luz fraca, e se apressou até eles.

– Deu errado – avisou Galdo.

– Eles a pegaram – acrescentou Locke, sem se importar por estar choramingando. – Eles a pegaram, desculpe, eles... eles a pegaram.

Locke se jogou contra o Padre Correntes, que, sem hesitar, pegou-o no colo e o abraçou, dando tapinhas nas suas costas até que os soluços violentos se acalmaram.

– Pronto, garoto, pronto. Você está conosco agora. Está tudo

bem. Quem a pegou? Você pode dizer?

– Não sei... homens na casa.

– Não eram casacas-amarelas?

– Acho... acho que não. Desculpe, eu não pude... tentei pensar em alguma coisa, mas...

– Você não poderia ter feito nada – respondeu Correntes com firmeza. Em seguida pousou Locke e usou a manga do casaco para enxugar suas bochechas. – Você conseguiu fugir, e isso basta.

– Nós não p-pegamos o colar...

– Foda-se o colar. – Correntes se virou para o Sanza que havia trazido Locke. – Cadê o Galdo?

– Eu sou Galdo.

– Cadê o...

– Calo está se livrando de dois homens que perseguiram a gente.

– Que tipo de homens? Uniformes? Armas?

– Não creio que fossem casacas-amarelas. Podiam estar com o velho que você queria que a gente roubasse.

– O inferno está chamejando merda. – Correntes pegou sua bengala, um detalhe do disfarce, mas um belo modo de ter uma arma à mão. – Fiquem aqui. Apaguem a luz e se escondam. – Tirou a adaga de uma bainha de couro e a jogou para Galdo. – Tente não esfaquear o Calo se ele voltar antes de mim.

– Aonde você vai? – perguntou Locke.

– Descobrir com quem estamos lidando.

Correntes saiu pela porta com uma velocidade que negava suas frequentes afirmações de enfermidade avançada. Galdo lançou a minúscula luz alquímica para Locke, que a escondeu nas mãos fechadas. Sozinhos no escuro, os garotos se acomodaram para esperar o que viria em seguida.

CORRENTES VOLTOU MENOS DE UMA hora depois, rebocando o pálido Calo. Locke parou de bloquear a luz quando eles entraram no armazém, e correu até os dois.

– Onde ela está? – perguntou.

Correntes olhou para os três garotos e suspirou.

– Preciso do menor – disse baixinho.

– Eu?

– Claro que é você, Locke.

Correntes agarrou os Sanzas. Ajoelhou-se ao lado deles e sussurrou instruções breves que Locke não conseguiu ouvir. Calo e Galdo pareceram se retrair.

– Maldição, garotos – falou Correntes. – Vocês sabem que não temos opção. Voltem para casa. Fiquem juntos.

Os dois saíram correndo do armazém sem falar mais nada. Correntes se levantou e se virou para Locke.

– Venha. Esta noite o tempo não é nosso amigo.

– Aonde a gente vai? – Locke se esforçou para acompanhá-lo.

– Não é longe. Uma casa um quarteirão ao norte de onde você estava.

– É... A gente deveria mesmo voltar para lá?

– Agora que você está comigo, é perfeitamente seguro.

Fiel à sua palavra, Correntes havia virado para o leste, seguindo por uma rua, e não um beco, e andava depressa para a região de onde Locke tinha acabado de fugir.

– Quem a pegou? Os casacas-amarelas?

– Não. Eles a levariam a um posto da guarda, e não a uma residência particular.

– Os... ahn... os homens que a gente tentou roubar?

– Não. Pior do que isso. – Locke não conseguia ver o rosto de Correntes, mas, por suas palavras, imaginou que estivesse carrancudo. – Agentes do Duque. Sua polícia secreta. Comandada pelo homem sem nome.

– Sem nome?

– Ele é chamado de Aranha. O pessoal dele faz os trabalhos que são delicados demais para os casacas-amarelas. São espiões, assassinos, andam disfarçados. Gente perigosa, mais perigosa do que a maior parte das Pessoas Certas.

– Por que eles estavam na casa?

– O azar é uma possibilidade reconfortante demais. Acredito que minha informação sobre o colar era uma dica envenenada.

– Mas então... puta merda, isso significa que nós temos um informante!

– É um pecado maligno *essa palavra* sair levemente dos lábios de gente como nós. – Correntes girou e Locke cambaleou para trás, surpreso. O rosto do Sacerdote Cego estava mais sério do que jamais vira. Balançando um dedo para enfatizar as palavras, ele continuou: – É a pior coisa que uma Pessoa Certa pode dizer ou pensar sobre outra. Antes de acusar, é melhor *saber*. Se soltar essa palavra sem pensar é melhor estar armado, entendeu?

– S-sim. Desculpe.

– Meu homem na Meraggio é confiável. – Correntes se virou e, seguido de perto por Locke, prosseguiu pela rua às pressas. – Minhas *crianças* são irretocáveis, todos vocês.

– Eu não quis dizer...

– Eu sei. Isso significa que a informação em si era uma isca para uma armadilha. Eles provavelmente nem sabiam quem morderia o anzol. Jogaram a linha e esperaram um peixe.

– Por que eles iriam se importar com isso?

– É do interesse deles – resmungou Correntes. – Os ladrões que têm contatos na Meraggio, ladrões dispostos a trabalhar num lugar bom e calmo como Razona... esse tipo de pessoa merece ser vigiado. Ou pisado.

Locke segurava a manga de Correntes enquanto voltavam para os bairros nobres, onde a paz e a calma pareciam bastante surreais,

dada a agitação que ele e Sabetá haviam provocado tão recentemente. Por fim, Correntes guiou Locke para o jardim baixo e bem cuidado nos fundos de uma fileira de casas de três andares. Apontou para a residência mais adiante e os dois se agacharam atrás de um muro de pedras um tanto arruinado para observar a cena.

Meio visível além da casa, havia uma carruagem sem brasão, vigiada por pelo menos dois homens. As luzes na construção estavam acesas, mas cortinas cobriam quase todas as janelas de grossos vidros em mosaico. A única exceção ficava na parede dos fundos do segundo andar; um brilho alaranjado irradiava-se de uma fresta.

– Ela está aí dentro? – sussurrou Locke.

– Está. Naquela janela aberta.

– Como vamos tirá-la de lá?

– Não vamos.

– Mas... nós estamos aqui... você me trouxe aqui...

– Locke. – Correntes pôs a mão no ombro direito dele. – Ela está amarrada naquela sala no alto. Eles têm quatro homens lá dentro, mais dois na frente com a carruagem. Homens do Duque, acima de qualquer lei. Você e eu não podemos lutar contra eles.

– Então por que me trouxe aqui?

Correntes enfiou a mão na túnica e lhe estendeu um pequeno objeto pendurado em seu pescoço após arrebentar o barbante que o prendia. Era um frasco de vidro, mais ou menos do tamanho do dedo mindinho de Locke.

– Pegue isso. Você é pequeno e pode subir pelas trepadeiras daquela parede dos fundos, chegar à janela e...

– *Não*. – A percepção do que o frasco significava fez Locke sentir vontade de vomitar. – Não, não, não!

– Escute garoto, escute! O tempo está correndo. Não podemos tirá-la. Eles vão começar a fazer perguntas logo. Você sabe como

eles fazem isso? Com ferros quentes. Facas. Quando terminarem, eles saberão tudo sobre você, eu, Calo, Galdo. O que fazemos e onde trabalhamos. Nunca mais estaremos seguros em Camorr e nossa laia vai estar tão sedenta pelo nosso sangue quanto o pessoal do Duque.

– Não, ela é inteligente, ela vai...

– Nós não somos feitos de ferro, garoto. – Correntes agarrou a mão direita de Locke, apertou-a com firmeza e pôs o frasco morno em sua palma. – Somos de carne e sangue e, se eles nos machucarem por tempo suficiente, vamos dizer qualquer coisa que quiserem.

Correntes dobrou suavemente os dedos de Locke sobre o frasco, depois afastou suas mãos devagar.

– Ela vai saber o que fazer.

– Não posso – reagiu Locke, com novas lágrimas escorrendo pelo rosto. – Não posso. Por favor.

– Eles vão torturá-la – disse Correntes baixinho. – Você sabe que ela vai lutar enquanto puder. Por isso, tudo vai durar horas. Talvez *dias*. Vão quebrar os ossos dela. Vão lhe arrancar a pele. E você é o *único* que pode subir até aquela janela. Você... tropeça na língua quando está perto dela. Você gosta dela, não é?

– É – respondeu Locke, olhando para a escuridão, tentando desesperadamente pensar em alguma coisa mais ousada, mais inteligente, mais corajosa do que subir até a janela e entregar a uma garota linda um frasco com o qual ela iria se matar.

Não teve nenhuma ideia.

– Não é justo. – Ele soluçou. – Não é justo, não é justo.

– Não podemos tirá-la de lá, Locke. – A gentileza e o pesar na voz de Correntes atraíram a atenção de Locke de um modo que uma bronca ou uma ordem não conseguiria. – O que acontece agora está por sua conta. Se você não conseguir chegar lá, ela vai viver. Durante um tempo. E vai experimentar o inferno. Mas, se você

alcançar aquela janela... se lhe entregar o frasco...

Locke assentiu e se odiou por fazer isso.

– Garoto corajoso – sussurrou Correntes. – Não espere. Vá. Veloz e silencioso como uma brisa.

Não era um feito fantástico atravessar 10 metros de jardim escuro, encontrar apoios para mãos e pés na trepadeira luxuriante nos fundos da casa e subir. Mas o processo pareceu levar horas e, quando Locke se equilibrou ao lado da janela do segundo andar, estava tremendo tanto que tinha certeza de que qualquer pessoa na casa o ouviria.

Pela graça do Guardiã Torto, não houve gritos de alarme, nem janelas se escancarando, nem homens armados correndo para o jardim. Com todo o cuidado, ele pôs os olhos ao nível da fresta de 5 centímetros na base da janela aberta e moveu a cabeça à direita, apenas o suficiente para espiar o cômodo.

Engoliu em seco ao ver Sabeta sentada numa cadeira pesada, de encosto alto, de costas para ele. Ao lado, algum tipo de armário... Não, era um homem enorme com capa preta comprida. Locke se encolheu para fora das vistas. Pelos deuses, Correntes estava certo pelo menos quanto a uma coisa: eles não poderiam lutar contra um brutamontes daquele, com ou sem uma casa cheia de outros homens.

– Eu não sou inimigo, sabe. – O sujeito tinha uma voz profunda, bem articulada, com uma levíssima sugestão de sotaque estrangeiro.
– Queremos pouca coisa. Você deve saber que seus amigos não podem salvá-la. Não de nós.

Houve um longo silêncio. O homem suspirou.

– Talvez você pense que não podemos fazer as coisas que eu sugeri antes. Não com uma garotinha linda. Mas você está praticamente enforcada. Isso deixa a nossa consciência mais leve. Cedo ou tarde você vai confessar. Nem que seja entre gritos. Eu, ahn, vou deixar você sozinha um pouquinho. Deixar que você pense.

Mas pense bem, garota. Somos pacientes apenas quando nos mandam ser.

Houve uma batida, uma porta pesada se fechando, e então um ligeiro estalo metálico: o homem tinha girado uma chave.

Agora era a hora. Hora de entrar no cômodo, entregar o frasco e escapar o mais depressa possível. Assim, Sabeta iria se matar e Locke iria... iria...

– Foda-se – sussurrou consigo mesmo.

Empurrou a janela, aumentando a abertura. Janelas que deslizavam para cima e para baixo eram uma novidade cara em Camorr, tão raras que até Locke sabia serem especiais. O mecanismo daquela ali estava bem lubrificado e a janela subiu com pouca resistência. Sabeta virou a cabeça na direção do barulho e Locke passou pelo parapeito e pulou dentro. Os olhos dela se arregalaram de surpresa.

– Oi – sussurrou Locke, menos dramaticamente do que esperava.

Ergueu-se no tapete com 2 centímetros de espessura e examinou a cadeira de Sabeta. Seu coração se encolheu. Era de madeira de lei brilhante, mais alta do que a janela, e devia pesar mais do que ele. Além disso, apesar de Sabeta estar com os braços livres, suas pernas estavam algemadas.

– O que você está fazendo? – sussurrou ela.

– Tirando você daqui.

Locke olhou em volta, refletindo ansiosamente. Estavam numa biblioteca, mas as prateleiras e os suportes de pergaminhos se encontravam vazios. Nenhum livro à vista. Nenhum objeto pontudo, nem alavancas, nem ferramentas. Examinou a porta, esperando ver algum tipo de tranca ou barra interna que pudesse tirar, e ficou desapontado outra vez.

– Não posso sair desta cadeira – disse Sabeta, a voz baixa e urgente. – Eles podem voltar a qualquer momento. O que é isso que você está segurando?

Locke se lembrou de repente do frasco que apertava com força na mão direita. Antes que pudesse pensar em outra coisa, escondeu-o às costas feito um idiota.

– Nada.

– Eu sei por que o Correntes mandou você aqui. – Sabeta fechou os olhos enquanto falava. – Tudo bem. Eu e ele já conversamos uma vez sobre isso. É...

– Não. Vou pensar em alguma coisa. Me ajude.

– Vai ficar tudo bem. Me dê.

– Não posso. – Locke levantou as mãos, implorando. – Me ajude a tirar você dessa cadeira.

– Locke – falou Sabeta. Ouvi-la finalmente dizer seu nome foi como uma marretada no coração. – Você jurou fazer o que eu mandasse. Houvesse o inferno ou o fogo dos Ancestres. Você falou sério?

– Falei – sussurrou ele. – Mas você vai morrer.

– Não há outro modo.

Ela estendeu a mão.

– Não.

Ele esfregou os olhos, sentindo as lágrimas recomeçando a cair.

– Então você é leal a quem, Locke?

Locke sentiu um frio na barriga. Cada fracasso que ele havia experimentado nos poucos anos de vida, toda vez que fora apanhado ou enganado, toda vez que cometera um erro, fora castigado, passara fome – nem mesmo todos esses momentos borbulhando e sendo revividos ao mesmo tempo poderiam se igualar ao peso da derrota que se assentava em suas entranhas agora.

Pôs o frasco de vidro na mão dela e, por um momento, os dedos mornos dos dois se encontraram. Sabeta apertou de leve sua mão e Locke ofegou, soltando o frasco. Os dedos dela se fecharam sobre o vidro e agora não havia como recuar.

– Vá – sussurrou ela.

Ele a encarou, incapaz de acreditar que tinha feito aquilo, e então enfim se virou. Eram só três passos até a janela, mas seus pés pareciam distantes e entorpecidos. Firmou uma das mãos no parapeito, mais para se apoiar do que para escapar.

Um estalo alto ecoou na sala e a porta começou a se abrir.

Locke passou pelo parapeito, tentou rapidamente apoiar os pés na trepadeira agarrada ao exterior de tijolos da casa e rezou para descer rápido o bastante a fim de não ser notado, ou pelo menos ganhar vantagem...

– Locke, espere! – exclamou uma voz profunda e familiar.

Locke se agarrou precariamente ao parapeito e se esforçou para levantar a cabeça e olhar dentro do cômodo. Diante da porta escancarada, estava o Padre Correntes.

– Não – sussurrou Locke, percebendo de súbito qual era o verdadeiro objetivo daquele exercício noturno. Isso significava... isso significava que Sabeta não precisaria...

Ficou tão espantado que se soltou e, com um grito agudo, caiu de costas sobre o jardim escuro.

8

– **EU DISSE QUE ELE NÃO ESTAVA MORTO.** – Era um dos Sanzas, a voz saindo da escuridão. – Eu sou como um galeno. Deveria cobrar pela opinião.

– Claro. – Agora era o outro Sanza, falando perto do ouvido direito de Locke. – Espero que goste de ser pago com chutes na cabeça.

Locke abriu os olhos e se viu numa mesa, num cômodo bem iluminado que tinha a mesma estranha falta de opulência da biblioteca onde Sabeta estivera algemada. Havia também algumas cadeiras, mas nenhuma tapeçaria ou enfeites, nada indicando que alguém morava ali. Locke se contraiu, respirou fundo e sentou-se de

repente. Suas costas e a cabeça doíam.

– Calma, garoto. – Correntes estava ao seu lado num instante. – Você levou um tremendo tombo. Maldição, se não fosse tão rápido com os pés, eu poderia tê-lo convencido...

Correntes esticou o braço para empurrá-lo para baixo suavemente e Locke afastou suas mãos com um safanão.

– Você *mentiu* – rosnou.

– Desculpe – disse Correntes baixinho. – Ainda havia uma coisa que precisávamos saber sobre você, Locke.

– Você mentiu! – A profundidade de sua fúria foi um choque; não conseguia se lembrar de ter sentido nada parecido, nem contra atormentadores como Gregor e Veslin. E ele havia matado os dois, certo? – Nada daquilo era real!

– Seja razoável. É meio arriscado arquitetar um sequestro usando agentes do Duque de verdade.

– Não. Foi errado. Foi errado! Eles não teriam feito daquela forma. Eu poderia tê-la tirado de lá!

– Você não pode lutar contra homens adultos. Você fez o melhor que poderia numa situação ruim.

– FOI ERRADO! – Locke se obrigou a se concentrar, a articular o que suas entranhas estavam lhe dizendo. – Eles iriam... Os guardas de verdade poderiam ter feito de um jeito diferente. Sem acorrentá-la. Isso tudo foi feito para mim. Foi tudo feito para que eu não tivesse opção!

– É – concordou Correntes. – Era um jogo que você não poderia ganhar. Uma situação que todos nós encontramos, cedo ou tarde.

– Não – replicou Locke, sentindo a raiva arder da cabeça aos pés. – Foi tudo errado!

– Ele fez isso com a gente também, uma vez – interveio Calo, segurando seu braço direito. – Deuses, nós quisemos morrer, de tão ruim que foi.

– Ele fez isso com *todos* nós – completou Sabeta, e Locke girou

ao escutar a voz. Ela estava parada num canto, de braços cruzados, examinando-o com uma mistura de interesse e inquietação. – Ele está certo. A gente precisava saber se você conseguiria fazer isso.

– E se saiu maravilhosamente bem – assegurou Correntes. – Melhor do que poderíamos...

– Não foi justo! – gritou Locke. – Não foi um teste justo! Não havia como ganhar!

– É a vida. É a sua única herança garantida, como gente de carne e osso. Ninguém vence o tempo todo, Locke.

Locke se soltou de Calo e se levantou sobre a mesa, de modo a olhar Correntes de cima para baixo.

Pelo amor dos deuses, ele pensara que Sabetá havia morrido uma vez, e tinha se regozijado ao encontrá-la viva. Depois fora mandado para *matá-la*. Essa era a fúria, percebeu, queimando feito brasa em seu coração. Durante alguns terríveis minutos, Correntes o fizera acreditar que ele a perdera de novo. Estreitara seu mundo à única escolha medonha e fizera com que ele se sentisse impotente.

– Nunca mais vou perder. – Ele assentiu lentamente consigo mesmo, como se suas palavras fossem a solução para uma charada difícil de decifrar. Então, gritou a plenos pulmões, sem se importar se seria ouvido por toda a extensão de Razona: – Vocês ouviram? EU NUNCA MAIS VOU PERDER!

CAPÍTULO DOIS

O negócio

1

– QUE OS DEUSES SEJAM MISERICORDIOSOS! – exclamou Locke. Aos olhos de Jean, ele parecia genuinamente pasmo. – Seu filho de verdade, sangue do seu sangue? Pelos... ahn... meios tradicionais?

– Sem dúvida ele não foi gerado num caldeirão.

– Ah, como se a gente pudesse diferenciar...

– *Só existe* o modo tradicional de fazer uma coisa assim.

– Maldição. E eu tinha achado que esta seria uma conversa incômoda...

– O Falcoeiro ainda está vivo. Vocês não têm nada a temer da minha parte.

– Você espera que a gente acredite? – perguntou Jean.

Seus instintos de defesa, aguçados em anos de triunfos e desastres alternados, estavam em alerta total. Mesmo se Paciência optasse por não representar uma ameaça imediata, com certeza engrenagens giravam em algum lugar na mente dela.

– Os amigos dele teriam nos matado, mas você pode apenas descartar tudo com um sorriso triste?

– Vocês dois não se davam bem – interveio Locke.

– Digamos que isso é um eufemismo – explicou Paciência. Em seguida olhou para os pés, um gesto que pareceu a Jean totalmente

alheio a sua personalidade. – Mesmo antes de ele ganhar seu primeiro anel no pulso... o Falcoeiro era meu antagonista em todas as filosofias, mágicas ou não. Se nossas posições estivessem invertidas, ele não se sentiria obrigado a me vingar.

Paciência levantou devagar a cabeça até que seus olhos escuros encontraram os de Jean, e ele pôde realmente examiná-los pela primeira vez. Certas pessoas tinham o que Jean considerava *olhos de arqueiro* – uma frieza firme, uma precisão distanciada. Pessoas desse tipo podiam separar o mundo ao redor em alvos, disparar primeiro antes que quem estivesse próximo ao menos soubesse que o tempo de conversar havia passado. Olhos assim pertenciam a assassinos, e Paciência, com toda a porra da certeza, tinha esse tipo de olhar.

– O Falcoeiro e eu convivemos com as consequências das decisões que tomamos antes de ele aceitar o contrato em Camorr – disse ela com firmeza. – Se eu opto por explicar essas decisões ou não, é da minha conta.

– É justo – comentou Jean, dando instintivamente meio passo atrás e levantando as mãos.

– De fato. Vá com calma. – Locke conteve uma tosse. – Bom, você poderia nos assassinar, mas pelo jeito não quer. Seu filho transformou a própria mente em pickles, mas você diz que está cagando e andando para isso. Então qual é a história, Paciência? Por que está em Lashane me emprestando sua capa?

– Vim oferecer um trabalho a vocês dois.

– Um trabalho? – Locke gargalhou, depois irrompeu em tosses que pareciam mais dolorosas. – Um *trabalho*? Espero que você precise que alguém forre um caixão para você, sua pobre bruxa de Kartane, porque esse é o único trabalho que estou qualificado para fazer no momento.

– Até que você enfim perca o jeito para o sarcasmo, Locke, eu não contrataria nenhuma carpideira.

– Eu estou no caminho. – Locke bateu no peito algumas vezes. – Acredite, já escapei de pagar essa conta antes, mas desta vez tenho certeza de que a casa vai me obrigar a quitar. Você deveria ter tentado... não sei, *não revelar a porra dos meus planos ao maldito Arconte de Tal Verrar para ele me envenenar, porra!* Talvez, então, minha agenda para o futuro próximo estivesse um pouquinho mais... livre.

– Eu posso remover o veneno do seu corpo.

O silêncio caiu sobre o quarto. Jean estava perplexo, Locke deu um muxoxo incrédulo e Paciência deixou as palavras pairarem no ar vazio sem mais adornos. As madeiras do teto estalaram levemente sob o toque do vento.

– Conversa fiada – murmurou Locke por fim.

– Você presume que meus poderes são infinitos para lhe causar desconforto. Por que não me creditar uma capacidade equivalente de ajudar? – Paciência cruzou os braços. – Sem dúvida algum dos alquimistas negros que você consultou deve ter sugerido...

– Não estou falando da droga da sua feitiçaria. Estou falando que vejo o *jogo* agora. Conversa fiada sua. Ato um: aqueles sacanas lashanis arrebetam o lugar. Ato dois: uma salvadora misteriosa aparece no meio da noite e nós compramos o que você está vendendo. Você arranhou essa bagunça toda.

– Eu não tenho nada a ver com o Cortessa. Jean atraiu os lashanis quando lidou mal com o galeno ontem.

– Que desculpa eminentemente razoável! Pelos bons deuses, mulher, com quem, diabos, você acha que está *falando* aqui? – Locke explodiu num ataque de tosse e, com a mesma velocidade, controlou-o com evidente força de vontade. – Estou preparado para identificar uma armação quando ela cai bem em cima da minha cabeça!

– Calma, Locke. – Jean sentia os batimentos cardíacos até a base da garganta. – Pense um pouco nisso.

Tinha de ser um truque, um plano, algum tipo de manipulação, mas, por todos os deuses, o que era isso comparado com a certeza total da morte? Jean fez um pedido silencioso ao Guardião Torto para dar a Locke alguns instantes de raciocínio lúcido.

– Não tenho dinheiro – continuou Locke. – Nenhum recurso. Nenhum tesouro. E estou doente demais até para me levantar. Assim, resta só uma coisa que você ainda pode me tirar.

– Precisamos considerar...

– Você quer o meu nome, não é? – A voz de Locke estava rouca e provocadora. Ele parecia triunfante por ter algo com que alimentar uma verdadeira discussão; evidentemente, o deus dos ladrões não tinha bom senso disponível para emprestar no momento. – Você arranca tudo de mim, depois aparece no último minuto, balançando uma moratória. E só precisa do meu nome de verdade, não é? Ah, você quer uma vantagem, isso é certo. Você não perdoou *ninguém* pelo que aconteceu com o Falcoeiro.

– Você está morrendo – retrucou Paciência. – Acha mesmo que eu me esforçaria tanto só para apertar seus parafusos? Pela graça dos deuses, quanta pressão a mais eu poderia aplicar?

– Acredito que você faria qualquer coisa se quisesse mesmo me fisgar. – Locke enxugou os lábios com as costas da mão e Jean viu que a saliva estava manchada de sangue. – Sei uma ou duas coisas sobre vingança e você tem poderes com os quais eu só posso sonhar. Por isso devo acreditar que você faria *qualquer coisa*.

– Por que me incomodar se eu poderia ter seu nome verdadeiro quando quisesse?

– Ah, isso é mais conversa fiada arrogante ain...

– Seria simplesmente uma questão de quanto tempo você poderia observar Jean Tannen sofrer antes de implorar o privilégio de me contar.

– Você não é diferente do Falcoeiro. A mesma porra...

– Locke! – interrompeu Jean, muito alto.

– ... de atitude com relação... Hein?

– Faça a gentileza *de calar a porcaria da boca* – respondeu Jean, enunciando cada palavra como se ensinasse a frase a uma criancinha pela primeira vez. O olhar de Locke, de queixo caído, foi gratificante.

– Ela está certa – continuou Jean, incapaz de afastar uma empolgação crescente da voz. – Se ela só quisesse o seu nome de verdade, por que *não* me torturar? Eu estou entregue, estou impotente. Seria rápido e simples. Então por que não estou gritando agora mesmo?

– Porque, se essas pessoas fossem boas em algo “rápido e simples”, o Falcoeiro teria matado nós dois em Camorr.

– Não, maldição. Pense mais.

– Porque você tem um rosto doce e inocente?

– Porque, se ela não quer o seu nome verdadeiro do modo fácil...

– Então ela tem outro motivo. Doce bosta de jumento dançarino, Jean! – Locke rolou na direção de Paciência, mas fechou os olhos e esfregou-os. – Ela quer que eu ponha a cabeça na forca por vontade própria. Entendeu? Ela quer que eu pule do penhasco. Que eu corte os pulsos para que ela possa cantar vantagem... me humilhar...

Locke irrompeu em outro violento ataque de tosse e Jean sentou-se na cama e bateu de leve nas suas costas. O movimento rítmico não fez bem à nova coleção de dores e hematomas de Jean, mas rapidamente acalmou Locke.

– O que estamos discutindo – insistiu Paciência – é *emprego*, e não chantagem. Eu tenho inteligência suficiente para lembrar o destino de Luciano Anatolius e Maxilan Stragos. Coagir vocês dois parece nunca dar certo. Estamos dispostos a trocar serviço por serviço.

– Paciência, você pode mesmo se livrar desse veneno? – perguntou Jean. – Pode fazer isso sem usar o nome verdadeiro dele?

– Se nos apressarmos, sim.

– Se você estiver mentindo, se estiver escondendo alguma coisa, vou tentar matá-la outra vez. Entendeu? Vou pôr nisso tudo o que eu tenho, nem que a minha tentativa force você a me matar no ato.

Paciência assentiu.

– Então vamos falar de negócios.

– Não vamos – rosnou Locke. – Vamos mostrar a porta a essa vaca e vamos nos recusar a ser marionetes.

– Cale a boca. – Jean empurrou os ombros de Locke com força para baixo, frustrando sua tentativa de rolar para fora da cama. – Fale desse serviço.

Locke respirou com aspereza para cuspir mais um pouco de loucura idiota. Com os reflexos que o mantinham vivos quando lâminas eram sacadas, Jean lhe tapou a boca com a mão antes que ele pudesse falar, e empurrou sua cabeça de volta para o travesseiro.

– Não posso concordar com nada em nome de Locke, mas quero que a gente ouça a proposta. Diga qual é o serviço.

– É político.

– Mmmmmf mmf – fez Locke, lutando em vão contra o braço de Jean. – Mmmmf prrra fmmmmf!

– Ele quer ouvir mais – explicou Jean. – Disse que está muito empolgado para ouvir tudo.

2

– **PRECISO REGULAR UMA ELEIÇÃO.**

– Regular como?

– Numa estimativa cautelosa? – Paciência se virou para a janela e observou a chuva. – Preciso que ela seja fraudada de cabo a rabo.

– Questões governamentais estão um pouco fora da nossa experiência – comentou Jean.

– Bobagem. Vocês vão se sentir totalmente à vontade. O que é o

governo, senão roubo consentido? Vocês vão circular numa sociedade de espíritos irmãos.

– Que tipo de eleição devemos emporcalhar?

– A cada cinco anos, os cidadãos de Kartane elegem uma assembleia, o Konseil. Dezenove representantes para dezenove distritos. Essa bagunça digna governa a cidade e eu preciso que a maioria dos assentos vá para o partido da minha preferência.

– É para isso que você nos quer? – Locke enfim empurrara a mão de Jean para longe. – Está falando sério? Com os seus poderes, você teria que estar totalmente fora de si para aceitar alguma coisa que eu e Jean podemos fazer! Você poderia balançar os dedos e fazer com que eles elegeassem cachorros e gatos, pelo amor da porra.

– Não – replicou Paciência. – Para o público, os magos se mantêm afastados do governo da cidade. Somos proibidos de usar qualquer uma das nossas artes. Nem sobre o mais pobre cidadão de Kartane, nem para um único voto.

– Você não usa sua feitiçaria no povo de Kartane? – perguntou Jean. – Nem um pouco?

– Ah, Kartane é nossa cidade. Nós ajustamos tudo para servir às nossas necessidades, e isso inclui os habitantes. Nessa disputa é que não podemos tocar. Na eleição.

– Parece extremamente esquisito. Por que a limitação?

– Vocês viram algumas das nossas artes. Vocês se opuseram ao Falcoeiro. Sobreviveram em Tal Verrar.

– Por assim dizer – murmurou Locke.

– Imaginem uma sociedade de homens e mulheres onde esses poderes são universais. Imaginem... sentar-se para jantar com quatrocentas pessoas, cada uma com uma balestra carregada ao lado da taça de vinho. Algumas regras muito rígidas precisarão ser estabelecidas se alguém quiser viver o suficiente para ver o último prato.

– Acho que entendo – disse Jean. – Vocês têm algum tipo de

regra sobre não cagar no mesmo lugar onde comem?

– Os magos *jamaís* devem usar magia uns contra os outros. Somos tão humanos quanto vocês, igualmente complicados, inseguros e impelidos a discussões. A única diferença é que qualquer um de nós, a partir de alguma irritação mínima, poderia fazer alguém evaporar com um gesto. Nós não duelamos. Nem ao menos *provocamos* uns aos outros com nossas artes. Nós nos separamos tenazmente de qualquer situação em que objetivos opostos nos deixem tentados a fazer isso.

– Situações como essa eleição.

– É. Nós precisamos controlar o Konseil, de um modo ou de outro. Assim que a eleição terminar, o novo governo se tornará uma ferramenta geral. Nós ajustamos seus membros por consenso. Mas, durante a disputa em si, quando nosso sangue está quente, precisamos manter nossas artes completamente fora de jogo. Precisamos ser meros espectadores.

Paciência levantou as mãos com as palmas para cima, como se apresentasse dois objetos invisíveis para avaliação.

– Existem duas facções especiais entre meu povo. Dois grandes partidos na política kartani. Nós lutamos pelo mandato. Cada lado tem permissão de escolher agentes. Indivíduos empreendedores, nunca magos. Nós os deixamos livres para combater a nosso favor. Desta vez, convenci meu pessoal a contratar alguém com um portfólio de realizações mais incomum.

– Por quê? – perguntou Jean.

– Algumas pessoas jogam handebol – respondeu Paciência, sorrindo. – Algumas jogam Pegar o Duque. Esse é o nosso esporte. A eleição afasta boa parte da frustração que nossas facções sentem umas pelas outras e traz prestígio ao lado que apoia o vencedor. Tornou-se uma tradição ansiosamente aguardada.

– Eu imaginava que vocês comandavam a diversão em Kartane – comentou Locke. – Nunca suspeitaria disso. Que pilhéria com todos

os pobres idiotas que fazem fila para votar a cada cinco anos!

– Independentemente do vencedor, eles ganham uma cidade ordeira. Em Kartane, ninguém esvazia o tesouro e desaparece. Ninguém usa máscaras grandiosas toda noite enquanto as ruas se enchem de excremento e animais mortos. Nós garantimos isso.

– Uma cidade de marionetes realmente ligaria se vocês não garantissem? – indagou Locke, com a respiração chiando. Em seguida, pigarreou. – Você quer que nós cometamos fraude a serviço da ordem e da higiene pública. Que ideia fantástica!

– O roubo não é roubo? As mentiras não são mentiras? Esse não é bem o tipo de oportunidade que vocês passariam anos perseguindo se fosse ideia de vocês mesmos? Além disso, o trabalho serve a vocês tanto quanto a qualquer um. Aceitá-lo vai salvar sua vida.

– Por quanto tempo você precisaria de nós? – perguntou Locke.

– A eleição acontecerá em seis semanas.

– E quanto a recursos? Roupas, dinheiro, hospedagem...

– Temos identidades completas preparadas para vocês, todos os confortos possíveis e uma grande verba para usar nos negócios.

– Só nos negócios? – perguntou Locke.

– Vocês serão tratados luxuosamente durante seis semanas. O que mais poderiam querer?

– Pelos bagos de Perelandro, um pequeno incentivo para vencer seria bom.

– Incentivo? A vida em si não é um incentivo? Vocês vão estar bem-vestidos, você vai recuperar a saúde e vão estar em uma situação muito favorável para retomar sua... carreira. Se vencerem, nossa gratidão poderia facilmente se estender a ponto de oferecermos um transporte confortável para a cidade que vocês escolherem.

– E se perdermos?

– Vocês não podem esperar que recompensemos o fracasso.

Ainda estarão livres para ir embora, mas farão isso a pé.

– Só posso responder por mim – disse Locke, e o coração de Jean se encolheu. – Eu falei sério. Não faço ideia de quais são todos os seus poderes. Não confio em você. Não confio nessa situação e não tenho nenhuma chance razoável de me vingar se você estiver mentindo. Se você não está sendo sincera, isto é uma armadilha; se está, isto é uma espécie bizarra de trepada por pena.

– E todos os anos que você poderia ter pela frente? Todas as coisas que ainda não fez?

– Me poupe. Você não é *minha* mãe. Se Jean aceitar o serviço, você não vai encontrar um homem melhor em lugar nenhum. Ele pode fazer qualquer coisa que eu poderia e se mantém inteiro melhor. Obrigado por ter vindo até aqui me divertir, mas me deixe em paz.

– Espere aí... – começou Jean.

– Estou desapontada – falou Paciência. – Eu imaginava que você tinha pelo menos mais um motivo pelo qual viver. Você pode dizer honestamente que nunca teve esperança de reencontrar Sabeta, em algum lugar no...

– *Vá se foder* – rosou Locke. – Não me importa o que você acha que sabe. Esse é um assunto do qual você não pode presumir nada.

– Como quiser. – Paciência flexionou a mão direita e Jean notou o brilho do fio de prata entre os dentes. – Parece que desperdicei nosso tempo. Devo esperá-lo em Kartane quando seu amigo estiver morto, Jean?

– Espere! – exclamou Jean. – Paciência, por favor, me dê um tempo para conversar com ele. Em particular.

Paciência assentiu rapidamente e moveu os dedos da mão direita. O brilho prateado de sua cama de gato se alterou. Jean piscou e, nesse instante, fio e mulher desapareceram no ar.

– Fantástico – disse Jean. – Magnífico pra caralho. Acho que você enfim conseguiu *mesmo* deixá-la puta da vida.

– É bom saber que ainda levo jeito.
– Você realmente perdeu a droga da cabeça? Ela poderia salvar sua vida.

– Ela poderia fazer um monte de coisas.

– Aproveite a chance, Locke.

– Ela está aprontando alguma coisa.

– Que *revelação*! Que dedução espantosa! Desculpe, mas me lembre de novo quais são suas opções.

– Ela quer alguma coisa de *mim*, maldição, mais do que está revelando! Mas ela já tem tudo que pode tirar de você, não é? Você mesmo disse isso. Se ela quiser pegar você, vai pegar. Mas, se ela agir certo com você, você estará numa posição forte para seguir em frente.

– A coisa funciona para nós dois.

– Não vou ser brinquedinho daquela bruxa. Nem por todo o dinheiro de Kartane. Ela não é *humana*. Nenhum deles é.

Jean encarou-o, irritado e com frieza. Coberto com a capa de Paciência, Locke tinha um aspecto louco incongruente com o fino tecido impermeável. Um animal acuado, preparando-se para morrer, encolhido sob um material delicado que valia vários anos da vida de um trabalhador hábil. Os brancos de seus olhos estavam ficando rosados.

– Paciência estava certa – disse Jean baixinho. – Ela desperdiçou nosso tempo. Você vai morrer sufocado no próprio sangue. Hoje. Amanhã. Não importa. E você vai estar muito *feliz* consigo mesmo. Porque, de algum modo, morrer se tornou uma realização.

– Jean, espere...

– Espere, espere, *espere*.

Os ressentimentos e as frustrações das últimas semanas pareceram borbulhar enquanto Jean falava. O antigo temperamento familiar, estalando como uma corda esgarçada até restar apenas um fio, a fúria parecendo uma pressão quente embaixo da pele,

pulsando do crânio às pontas dos dedos. Porém, era pior do que o usual, porque não havia nada em que ele pudesse bater. Zodesti, Cortessa... Jean teria partido os ossos deles como se fossem cerâmica mal cozida. Até Paciência – ela atacaria seu pescoço, desafiaria sua feitiçaria. Mas, com Locke, estava limitado às palavras, por isso pesou-as com escárnio e disparou:

– O que, diabos, eu fiz além de esperar? Esperar no barco para ver se você adoecia. Esperar aqui, semana após semana, olhando você piorar. Dia e noite, perseguindo qualquer esperança que esta porra de cidade poderia oferecer, enquanto você...

– Jean, eu estou falando, todos os meus instintos dizem que isso é armação.

– Não brinca! E, como *sabemos* que eles pretendem nos usar, por que não podemos usá-los também, para tudo o que pudermos arrancar do acordo?

– Desista de mim, Jean. Deixe-me ir e a diversão deles desaparece. Então eles terão muito menos motivos para serem falsos com você.

– Ah, maravilhoso. Maravilhoso pra caralho. Você vai estar morto e eles vão sofrer uma *inconveniência*. Talvez até fiquem *ligeiramente desapontados*. Que troca valiosa! Igual a cortar a própria garganta antes que o oponente possa tomar uma peça no Pegar o Duque.

– Mas...

– Cale a boca. Cale-se. Sabe, quando está saudável, você gargalha na cara dos deuses. Mas, quando está convalescendo, doce inferno, você é um sacana *miserável*.

– Eu sempre admiti...

– Não. Você nunca admitiu *isso*. Você não fica parado, Locke. Em Tal Verrar, quando falamos sobre nos aposentarmos com o dinheiro, eu concordei, mas aquilo era papo furado e nós dois sabíamos. Você não se aposenta. Você nem tira férias. Você parte de um esquema para outro, pulando feito uma aranha numa frigideira quente. E,

quando é *obrigado* a parar, quando não existem mil coisas acontecendo para distraí-lo de seus próprios pensamentos, você *sente vontade de morrer*. Vejo isso agora. Sou tão desgraçadamente lento e idiota que só percebi isso agora pela primeira vez!

– De que diabo você está falando?

– Você e eu, no barco, depois de incendiarmos o refúgio de vidro. Depois de matarmos o assassino do Pulga. Você lembra sobre o que conversamos? Como você estava? E em Vel Virazzo. Você tentou acabar com o trabalho do Rei Cinza se afogando em vinho. Agora isso. Você não é só mal-humorado quando fica doente, Locke, você tem... Olha, isso se chama *Endliktgelaben*. É uma palavra em alto vadrã. Aprendi isso durante os estudos como iniciado de Aza Guilla. Significa... é... amor pela morte, desejo de morrer. É difícil traduzir. Existem situações em que você *quer se destruir absolutamente*. Não se trata de uma ideia preguiçosa, de autopiedade. Mas uma certeza!

– Pelo amor de Perelandro, Jean, eu não iria querer isso se tivesse a porra de uma chance!

– Você não quer isso *aqui* – retrucou Jean, apontando para a própria cabeça. – Você quer em algum lugar mais fundo, tão fundo que não reconhece. Você acha que tem alguma desculpa lógica, nobre, para mandar Paciência porta afora. Mas na verdade é essa escuridão por dentro, tentando foder com você de uma vez por todas. Alguma coisa o apavorou a ponto de você ver tudo pelo avesso.

– O que é, então? Se você é tão inteligente, o que é?

– Não sei. Talvez Paciência consiga ler pensamentos como um livro. Eu, não! Mas posso dizer de que diabos *eu* estou com medo. De ficar *sozinho*. De ser o último de nós de pé, só porque você é um covarde egoísta e teimoso.

– Isso não é justo – chiou Locke.

– Não, não é. Muitas pessoas boas morreram para trazer você até aqui. Se continuar com essa merda, você vai se encontrar com

elas daqui a pouco. O que vai dizer a Calo, Galdo e Pulga? A Correntes? A Nazca? – Jean se inclinou e praticamente sussurrou as palavras seguintes: – O que vai dizer à mulher que eu amei? À mulher que *queimou* para que você tivesse a mínima chance de ao menos estar aqui, para começo de conversa?

Toda a cor fraca que restava no rosto de Locke havia se esvaído; ele moveu os lábios, mas pareceu incapaz de convencer alguma palavra a passar pela garganta.

– Se eu consigo me levantar e viver cada maldito dia, *você* também pode, seu filho da puta. – Jean se afastou da cama. – Vou lá para fora. Faça sua escolha.

– Jean... chame-a de volta.

– Você só está sendo condescendente?

– Não. Por favor. Chame Paciência de volta.

– Você está com vergonha?

– Estou! Estou, como poderia não estar, seu escroto?

– E você vai seguir em frente? Independentemente do que seja necessário, do que Paciência exija para manter você vivo?

– Traga-a de volta para o quarto. Traga! Pelos deuses, eu preciso que ela me conserte para que eu possa socar suas tripas até virarem sopa.

– Esse é o espírito. Paciência! – gritou Jean, virando-se para a porta do apartamento. – Paciência! Você está...

– É claro.

Jean se virou. Ela já estava no quarto, parada atrás dele.

– Eu não disse que ia para longe – falou ela, respondendo a sua pergunta antes que ela fosse feita. – Vocês dois aceitam?

– É, aceitamos...

– Haverá algumas condições – interrompeu Locke.

– Maldição, Locke – praguejou Jean.

– Confie em mim. – Locke tossiu e encarou Paciência. – Primeiro, quero que fique claro que nossa obrigação para com você começa e

termina com essa eleição. É o nosso lado do acordo. Sem surpresas ocultas. Sem babaquice de mago, sem traições nem duplicidades.

– Como assim? – perguntou Paciência.

– Você me ouviu. – A voz de Locke ainda estava rouca, mas, para Jean, parecia infundida de uma força genuína. Ou de raiva, o que era igualmente bom, por enquanto. – Não quero um de vocês saindo do meu cu daqui a cinco anos e sugerindo que ainda estou no anzol porque minha vida foi poupada. Quero ouvir isso de você, cara a cara. Assim que o trabalho se encerrar, não vamos dever *merda nenhuma* a vocês.

– Como você consegue transformar insolência em uma arte elevada! – exclamou Paciência. – Se esse é o jogo que você acha que precisa jogar, tudo bem. Serviço em troca de serviço e uma separação limpa, como eu disse.

– Ótimo. E quero outro privilégio também.

– Nosso lado da barganha já é excepcionalmente generoso.

– Com quem você acha que está regateando, com a porra de um vendedor de tortas? Se você prefere perder sua eleição...

– Diga qual é o pedido.

– Respostas. Quero respostas para cada pergunta que eu fizer, quando eu fizer, do melhor modo que você puder responder. Não quero que abane as mãos e me venha com qualquer papo furado sobre como tudo é fantástico, terrível e incompreensível.

– Que perguntas?

– Qualquer coisa. Magia, Kartane, você mesma, o Falcoeiro. Qualquer coisa que me venha à mente. Estou cansado dessa porcaria de dança de sombras que vocês chamam de conversa. Se vou trabalhar para você, quero que me explique algumas coisas.

Paciência pensou nisso durante algum tempo.

– Eu tenho uma vida particular e uma vida profissional – comentou por fim. – Posso estar preparada para discutir essa última. Se você não respeitar a primeira, vai sofrer... consequências.

– Está bom. – Locke enxugou a boca com a manga da túnica, acrescentando sangue novo a manchas antigas. – Certo, Jean, você ainda quer o trabalho?

– Quero.

– Ótimo. Eu também quero. Você nos contratou, Paciência. Agora faça sua parte. Tire esta merda de mim.

– Não posso trabalhar aqui. Vamos precisar nos mover, e depressa. Um navio está esperando no cais para nos levar ao outro lado do Amatel; tudo de que preciso está a bordo.

– Certo – concordou Jean. – Vou chamar uma...

Paciência estalou os dedos e a porta exterior se abriu. Uma carruagem estava na rua, com as lâmpadas amarelas brilhando fracas em meio a um chuvisco, seu quarteto de cavalos parado em prontidão silenciosa.

– Isso é que é ser teatral – disse Locke.

– Já perdemos tempo suficiente domando seu orgulho, Locke. Precisamos de cada instante possível para você sobreviver ao que vem em seguida.

– Espere aí – reagiu Jean. – O que você quer dizer com “sobreviver ao que vem em seguida”?

– Em parte, é minha culpa. Eu demorei a abordar vocês. Deveria ter feito isso antes que você tivesse a chance de começar a sequestrar galenos. Agora a situação de Locke está pior do que precária, e isso já seria bem difícil com alguém em saúde perfeita.

– Mas você...

– Fique frio, Jean, é o mesmo tipo de venda que nós fazemos – disse Locke. – Primeiro, promessas espantosas, depois senões importantes. Vá em frente, Paciência. Faça o pior que puder. Estou irritado a ponto de aguentar qualquer feitiçaria que você jogar em mim.

– Jean deve ter dito alguma coisa muito interessante para envergonhá-lo a ponto de você reencontrar a coragem. – Paciência

bateu palmas e dois homens altos entraram pela porta da frente. Usavam chapéus de aba larga e capas de couro preto e carregavam uma maca dobrável. – Mantenha essa vergonha acesa se quiser viver.

Paciência tocou brevemente na testa de Locke, então chamou os cocheiros para colocá-lo na maca. Jean olhou com cautela, mas deixou que eles cuidassem sozinhos do trabalho, já que pareciam firmes e bastante cuidadosos.

– A única coisa que posso garantir com certeza absoluta – disse Paciência enquanto observava esse processo delicado – é que o que preciso fazer quando chegarmos ao navio será uma das piores coisas que já aconteceram a você.

I N T E R L Ú D I O

O garoto que perseguia vestidos vermelhos

1

– VOCÊ AINDA ESTÁ COM RAIVA DE MIM – disse Correntes.

Não era uma pergunta. A atitude de Locke seria óbvia até para alguém que tivesse a empatia de um tijolo de latrina.

Um dia havia se passado desde a “captura” de Sabeta e, apesar de ter se curado logo dos efeitos de sua queda no jardim, Locke permanecera irritado e carrancudo. Tinha se recusado peremptoriamente a ajudar a preparar o jantar e a comê-lo e, depois de uma breve tentativa desajeitada de refeição, Correntes enfim levou-o à cobertura do templo.

Agora estavam sentados ali, sob a aura agonizante da Falsaluz, a hora em que cada centímetro visível do Vidrantigo de Camorr lançava radiância sobrenatural suficiente para provocar um segundo pôr do sol. Cada ponte, cada avenida e cada torre ganhava uma aura fantasmagórica e, sob o céu azul-aço, a cidade era uma tapeçaria escura tecida com dez mil pontos reluzentes.

Os parapeitos do jardim descuidado no terraço do templo abrigavam Locke e Correntes de olhares curiosos. Sentaram-se separados por alguns passos em meio a cacos de cerâmica, encarando-se. Correntes estava dando tragadas com uma frequência incomum em sua folha de tabaco enrolado, as brasas vermelhas chamejando a cada inspiração.

– Olhe para mim – murmurou. – Você me fez fumar o Anacasti Preto. Que só uso nos feriados. Claro que você ainda está com raiva de mim. Você tem uns 7 anos e sua visão do mundo é *desse tamanho*.

Correntes estendeu o polegar e o indicador da mão esquerda e a distância entre eles não era generosa. Isso finalmente arrancou Locke do silêncio.

– O que aconteceu não foi justo!

– Justo? Quer dizer que você afirma, de cara limpa, que engole essa heresia, garoto? – Correntes deu uma última tragada longa no charuto agonizante e jogou o resto no escuro. – Todo mundo em Pegafogo morreu, a não ser você e seus colegas filhotes de lobo. No Morro das Sombras, você evitou a morte por *pelo menos* dois erros grandiosos que fariam as bolas de um homem adulto serem descascadas como uvas, e ainda quer falar de...

– Não – interrompeu Locke, com a expressão de irritação indignada mudando instantaneamente para a de embaraço espantado, como se tivesse sido acusado de mijar nas calças. – Não, não, eu não disse que *aquelas* coisas foram justas. Eu sei que a *vida* não é justa. Mas eu pensei... eu pensei... que você era.

– Ah – fez Correntes. – Bom, ora, eu sempre me considerei justo até certo ponto. Olhe, com o que você está mais chateado, com o fato de que eu menti sobre o que precisava acontecer com Sabeta ou o fato de que a disputa que eu criei não foi, ahn... tão aberta à improvisação quanto você poderia desejar?

– Não sei. As duas coisas! Tudo!

– Locke, você pode ser novo demais para a retórica formal, mas pelo menos precisa tentar separar seus problemas e explicá-los pedaço por pedaço. Bom, aqui vai outra pergunta importante: você se sente confortável neste templo?

– Sim!

– Você come bem e dorme bem. Suas roupas são limpas, você tem muitas distrações e até toma banho uma vez por semana.

– É. É, eu gosto muito, vale a pena até ser obrigado a tomar banho!

– Humm. Se você viver o suficiente para seus bagos descerem, me diga se tomar banho é mesmo uma coisa tão difícil quando as mulheres perto de você tiverem peitos mais do que teóricos.

– O quê? Quando os meus *o quê?*

– Deixe pra lá. Esse assunto já será suficientemente confuso no seu tempo apropriado. Portanto, você gosta daqui. Está confortável, está protegido. Eu me comportei mal? Tratei você como você era tratado no Morro das Sombras?

– Bom, não... não, de jeito nenhum.

– Mas nada disso me garante consideração pelo que aconteceu ontem à noite? Nenhuma migalha de confiança? Um único instante de benefício da dúvida?

– Eu, ahn, bom, não é... ahn, bosta. – Locke fez uma tentativa desesperada de ser eloquente, em vão, como sempre. – Não quero dizer... não é que eu não me sinta agradecido...

– Calma, Locke, calma. Só porque você é meio grosseiro não significa que não tenha razão. Mas ouça agora: esta casa onde nós

moramos é pequena. O templo pode parecer maravilhoso comparado com vida e morte em meio a amontoados de pessoas, mas acredite: as paredes espremem quem vive dentro delas, cedo ou tarde.

– Elas não me incomodam – disse Locke rapidamente.

– Mas não são tanto as paredes, Locke, são as *pessoas*. Este vai ser o seu lar por muitos anos, se os deuses quiserem, e você, Sabeta e os Sanzas vão se tornar tão próximos quanto uma família. Vão provocar fagulhas uns nos outros. Você não pode enfiar o polegar no cu e fazer a melhor imitação de uma parede de tijolos a cada vez que ficar chateado. Que o Guardião Torto nos ajude, nós precisamos estar prontos e dispostos a conversar, caso contrário vamos acordar com a garganta cortada cedo ou tarde.

– Eu... Desculpe.

– Não baixe a cabeça como um cachorrinho chutado. Só pense nisso. Se você vai viver aqui, manter-se bem-educado é um dever tanto quanto sentar-se na escadaria ou lavar os pratos. Agora, enquanto eu desfruto do brilho de mais um sermão feito com a precisão de um mestre esgrimista, guarde seus aplausos e vamos voltar a ontem à noite. Você está chateado porque a situação foi criada para lhe dar apenas um meio verdadeiro de resolvê-la, sem levar em conta se enroscar e chorar até entrar em estupor.

– É! Se eles fossem guardas de verdade, não seria daquela forma. Se não estivessem... você sabe, me esperando.

– Você está certo. Se aqueles homens fossem agentes verdadeiros do Duque, alguns poderiam ser incompetentes ou estar abertos ao suborno, e talvez não levassem muito a sério o serviço de vigiar uma menina. Correto?

– Ahn, é.

– Claro, se eles fossem agentes verdadeiros do Duque, também poderiam tê-la levado a algum lugar realmente inexpugnável, como o Palácio da Paciência. E, em vez de seis, quem sabe fossem doze,

ou vinte, ou toda a Companhia Vidronoite, rondando as ruas para ter uma conversa pessoal e urgente com *você*. – Correntes se inclinou para a frente e cutucou a testa de Locke. – É assim que a sorte funciona, garoto. Pode tagarelar o quanto quiser sobre como as coisas poderiam ser mais favoráveis para *você*, mas tenha certeza de que as coisas *sempre podem ser piores*. Sempre. Entendeu?

– Acho que sim – respondeu Locke, com o tom neutro de um aluno aceitando cautelosamente as afirmações do professor sobre algo que está muito além de sua verificação pessoal, como o número de anjos que poderiam jogar handebol na borda de uma pétala de rosa.

– Bom, se eu conseguir fazer com que *você* pense nisso, é uma espécie de vitória, na sua idade. Sem ofensa. – Correntes estalou os nós dos dedos antes de continuar: – Afinal de contas, *você* prometeu publicamente nunca mais perder, o que é quase tão provável quanto eu aprender a cagar barras de ouro na hora que quiser.

– Mas...

– Deixe pra lá. Conheço o seu temperamento, garoto, e sou sábio demais para tentar lhe dar mais do que algumas cutucadas de cada vez. Então, a outra coisa: *você* está chateado porque eu menti sobre o que precisava ser feito com Sabeta.

– Bom, é.

– *Você* sente alguma coisa por ela.

– Eu... eu não, é...

– Pare. Isso é importante. *Você* sente alguma coisa por ela. Há algo mais aí do que um pequeno orgulho ferido. *Você* pode falar sobre isso?

Lentamente, de má vontade, mesmo querendo se levantar e sair correndo, Locke conseguiu se esforçar para dar a Correntes o melhor resumo de seu primeiro encontro com Sabeta e do desaparecimento dela mais tarde.

– Diabos – praguejou Correntes baixinho ao término da história. O céu e a cidade haviam escurecido enquanto Locke tropeçava com a explicação. – Vejo por que você desmoronou quando esse tapete foi puxado pela segunda vez. Desculpe, Locke, eu honestamente não sabia dos seus sentimentos por ela no Morro das Sombras.

– Tudo bem – murmurou Locke.

– Acho que você tem uma paixonite.

– Tenho?

Locke tinha uma vaga ideia do que significava a palavra e, de algum modo, ela não parecia certa. Não parecia *suficiente*.

– Não é para tirar a importância dos seus sentimentos, garoto. Uma paixonite pode ser forte e ardente como uma febre. Sei exatamente como é. Vão se passar anos até que seu corpo esteja ao menos preparado para, ahn, para o que acontece entre homens e mulheres, mas uma paixonite não se importa com isso. Ela tem poder próprio. Essa é a má notícia.

– E a boa?

– As paixonites passam. Isso é tão certo quanto você e eu estarmos sentados aqui. São como fagulhas lançadas de uma fogueira: quentes e brilhantes num momento, depois somem.

Locke franziu a testa, sem ter certeza de que desejava ser libertado dos sentimentos por Sabeta. Eles eram um feixe de mistérios e cada tentativa de decifrá-los parecia provocar um tremor morno e agradável em cada nervo de seu corpo.

– Humm. Você não acredita em mim ou não quer acreditar. É justo. Mas você vai viver com Sabeta dia sim, dia não, em todo o tempo em que um de vocês não estiver fora, em treinamento. Acho que daqui a alguns anos ela será como uma irmã para você. A familiaridade tem o dom de aparar as arestas do que sentimos pelas outras pessoas. Você vai ver.

2

O TEMPO PASSOU, DIAS E MESES se encadeando para formar anos, e Jean Tannen juntou-se aos Nobres Vigaristas. No verão do Septuagésimo Sétimo Ano de Perelandro, dois anos depois da chegada de Jean, um raro período seco baixou sobre a cidade-estado de Camorr, e o Angevino corria 3 metros abaixo da altura usual. Os canais ficaram cinzentos e túrgidos, densos como sangue nas veias de um cadáver que apodrecia.

As árvores dos canais, aquelas gloriosas artificialidades que em geral percorriam as correntes da cidade redemoinhando com suas longas raízes flutuantes bebendo a imundície ao redor, agora balouçavam em massas sombrias, confinadas ao rio e ao Mercado Flutuante. Suas folhas brilhantes como seda ficavam opacas e os galhos tombavam; as raízes pendiam frouxas na água como tentáculos de monstros marinhos mortos. Dia após dia, o Bairro dos Templos era amortalhado em camadas de fumaça à medida que cada denominação queimava qualquer coisa que lhe vinha à mente em sacrifícios, implorando uma chuva forte e purificante que não vinha.

No Caldeirão e na Borra, onde os mais miseráveis dormiam em casas sem janelas com dez pessoas em cada cômodo, o fluxo constante de assassinatos virou uma torrente. Os caçadores de cadáveres do Duque, pagos por cabeça, assobiavam enquanto pescavam ex-cidadãos putrefatos em barris e fossas. Os criminosos profissionais da cidade, mais conscienciosos do que os matadores impulsivos, contribuíam com o ar de Camorr jogando os restos das vítimas no porto à noite, onde os predadores do Mar de Ferro faziam as oferendas desaparecerem silenciosamente.

Nessa atmosfera, na tarde quente de verão carregada com fumaça e o fedor de uma centena de putrefações diferentes, o terraço do templo estava fora de questão para as reuniões, por isso

Correntes deixou seus cinco jovens guardas se reunirem no frescor úmido da cozinha do refúgio de vidro. Suas refeições recentes, por ordem do Sacerdote Cego, haviam sido mornas, com qualquer coisa cozida das barracas perto do Mercado Flutuante.

Tinham se reunido naquela semana, como um grupo completo, pela primeira vez em meio ano. Os programas de treinamento entrelaçados impostos por Correntes haviam assumido a complexidade de um número de malabarismo com pratos giratórios: os jovens pupilos eram levados e trazidos de aprendizados em vários templos e profissões, aprendendo os hábitos, os jargões, os rituais e as curiosidades. Essas excursões eram arranjadas pelo Sacerdote Cego por meio de uma notável rede de contatos, estendendo-se muito além de Camorr e da fraternidade criminosa, e eram pagas, na maior parte, com a pequena fortuna que os cidadãos camorris lhes haviam doado, caridosamente, no correr dos anos.

O tempo começara a provocar suas mudanças mais óbvias nos jovens Nobres Vigaristas. Calo e Galdo estavam enfrentando um estirão de crescimento que dera à sua graça usual uma dose humilhante de falta de jeito, e suas vozes começavam a falhar loucamente. Jean ainda parecia um querubim, mas seus ombros iam se alargando e, desde entreveros como a Guerra dos Meias-Coroas, adquirira o ar confiante de alguém bem versado na arte de apresentar rostos às pedras do calçamento.

Dados esses sinais evidentes de progresso físico ao redor, Locke estava secretamente insatisfeito com a própria condição. Sua voz ainda não tinha ficado grave e, apesar de estar maior do que nunca, a relação de tamanho continuava a mesma, uma criança mediana cercada de todos os lados por outras mais altas e mais largas. E, mesmo sabendo que os demais dependiam dele por ser o coração e o cérebro das operações conjuntas, sentia o bem-estar arrefecer quando Sabeta chegava em casa.

Sabeta jamais demonstrara incômodo com o fato de ser a única

Nobre Vigarista do sexo feminino. Ela tinha acabado de retornar de semanas de treinamento imersivo como aprendiz de escritã da corte e também apresentava novos sinais de progresso físico. Estava mais alta ainda do que Locke e a cor natural do cabelo bem trançado permanecia escondida por uma tintura castanha alquímica. Sua figura esguia parecia pressionar para fora, muito ligeiramente, a frente da blusa fina e seus movimentos no refúgio de vidro haviam revelado, para os vigilantes olhos de Locke, as sugestões de outras curvas emergentes.

Sua postura natural tinha crescido em proporção direta com a idade e, ainda que Locke tivesse uma firme influência sobre os outros três garotos, Sabeta era um poder separado, nem diminuindo o status dele na gangue nem o reconhecendo às claras. Havia nela uma seriedade que Locke achava profundamente fascinante, talvez porque fosse única entre os cinco. Sabeta tinha embarcado numa espécie de miniatura de vida adulta e passara ao largo da louca zombaria que definia, por exemplo, os Sanzas. Parecia a Locke que ela estava mais ansiosa do que os outros para ir aonde quer que o treinamento os levasse.

– Jovem dama – disse o Padre Correntes ao entrar na cozinha – e jovens cavalheiros, por assim dizer. Obrigado por atenderem prontamente à minha convocação, cortesia que agora pagarei colocando-os num caminho de frustração e acrimônia. Decidi que vocês cinco não lutam o suficiente entre si.

– Perdão – retrucou Sabeta –, mas, se você olhar com mais atenção para Calo e Galdo, vai ver que não é bem assim.

– Ah, isso é apenas comunicação – replicou Correntes. – Assim como você e eu falamos formando frases, o discurso natural e particular dos Sanzas parece consistir totalmente de peidos e surras violentas. O que eu quero é vocês cinco enfrentando uns aos outros.

– Você quer que a gente comece... a bater uns nos outros? – perguntou Locke.

– Ah, eu me ofereço para bater em Sabeta – disse Calo – e me ofereço para apanhar do Locke!

– Eu também me ofereço para apanhar do Locke – acrescentou Galdo.

– Quietos, seus macacos de beco com cérebro de nabo – reagiu Correntes. – Não quero vocês lutando boxe uns com os outros. Não necessariamente. Não, eu dei a todos vocês um grande número de tarefas que os colocaram contra o mundo, como indivíduos e em grupo, e na maior parte das vezes vocês superaram minhas expectativas. Acho que chegou a hora de arrancá-los de sua uniãozinha confortável e ver como se saem numa competição uns contra os outros.

– Que tipo de competição? – perguntou Jean.

– Uma competição extremamente divertida. – Correntes arqueou as sobrancelhas. – Segundo a perspectiva do velho que fica sentado olhando. A maioria de vocês já tem três ou quatro anos de treino constante, e quero ver o que acontece quando cada um tenta colocar em prática o talento para o empreendimento criminoso contra um oponente que tenha formação semelhante.

– Então, ahn, só para ficar claro, nenhum de nós vai lutar contra o Jean? – indagou Calo.

– A não ser que vocês sejam inconcebivelmente idiotas.

– Certo. Qual é o plano?

– Vou manter todos vocês aqui pelo resto do verão. Será uma folga com relação aos períodos de aprendizado. Podemos aproveitar juntos o clima maravilhoso e vocês podem perseguir uns aos outros pela cidade. A começar por... – Ele levantou um dedo e apontou para Locke – ... você. Eeeeeee... – ele moveu o dedo devagar até apontar para Sabeta – ... você!

– Ahn, isso quer dizer o quê? – perguntou Locke.

Seu estômago ficou cheio de borboletas no mesmo instante e as pequenas patifes estavam fortemente armadas.

– Um pouco de perseguição e evasão elementar, na Travessa dos Beija-Moedas. Amanhã ao meio-dia.

– Cercados por centenas de pessoas – completou Sabeta friamente.

– Isso mesmo, minha cara. É bastante fácil seguir alguém quando você tem a noite inteira para se esconder. Acho que vocês estão preparados para algo menos fácil. Você vai começar bem na ponta sul da Travessa dos Beija-Moedas, carregando uma bolsa de mão aberta. Dentro dela, haverá quatro pequenos rolos de seda de cores diferentes. Facilmente visíveis de 3 ou 4 metros de distância. Você vai dar um passeio tranquilo por toda a extensão do bairro.

Ele fez uma pausa e continuou:

– Em algum lugar, atrás, estará Locke, usando uma jaqueta com certo número de botões de latão; também será fácil contá-los de uma distância relativamente pequena. O jogo é simples. Locke ganha se puder me dizer as cores das sedas. Sabeta vence se atravessar a Ponte do Vão Dourado desde a travessa até o Bosque Duas Pratas sem revelá-las. Ela *também* vence se Locke for desajeitado a ponto de ela ver a quantidade de botões de seu casaco. Cada um de vocês só vai ter uma chance de me procurar com a resposta, logo não podem ficar adivinhando até acertar.

– Espere aí – disse Locke. – Eu tenho um modo de vencer e ela tem dois?

– Talvez você possa tentar queimar a Ponte do Vão Dourado – falou Sabeta com doçura.

– É, ela tem dois – respondeu Correntes. – E, felizmente para Camorr, a ponte é de pedra. Sabeta tem um pacote para guardar e deve, como eu disse, mover-se *tranquilamente*, com dignidade. Sem correr nem escalar. Locke, você não deve fazer nenhuma barbaridade, mas sua liberdade de movimento será menos restrita.

– Ah.

– Vocês não devem se tocar fisicamente. Não podem cobrir a

seda ou os botões. Não podem machucar nem conter seu oponente de nenhum modo. Nem pedir ajuda a nenhum dos outros Nobres Vigaristas.

– Onde a gente vai estar, então? – perguntou Galdo.

– Seguros em casa, sentados nos degraus, no meu lugar.

– Ah, vá se danar, nós queremos ver o que acontece!

– A disputa não precisa de um coro de curiosos acompanhando o tempo todo. Eu vou estar por perto, vigiando tudo, e garanto que vou fazer um relato muito animado depois de voltar. Agora... – Ele pegou duas pequenas bolsas de couro e jogou-as para Locke e Sabeta. – Suas verbas operacionais.

Locke abriu sua bolsa e contou 7 sólons de prata.

– Vocês têm toda a noite para pensar no que vão fazer – afirmou Correntes. – Podem ir e vir como quiserem. Não se sintam compelidos a comprar nada, mas, se o fizerem, as moedas que lhes dei são o limite absoluto.

– Para que tudo isso? – perguntou Locke.

– Para colocar vocês na berlinda e, com isso...

– Acho que ele quis perguntar: o que o vencedor ganha com isso? – interveio Sabeta.

– Ah – fez Correntes. – Claro. Bom, além de adquirir um vasto sentimento de satisfação pessoal, o vencedor vai passar as tarefas do jantar para o perdedor durante três noites. O que acham?

Locke observou Sabeta e, quando ela assentiu, ele fez o mesmo. A garota já parecia perdida em pensamentos e Locke sentiu uma leve apreensão por baixo da crescente empolgação. Tinha toda a confiança em suas habilidades, já que lhe haviam garantido tudo sem muita dificuldade, desde bolsas de moedas até cadáveres, mas desconhecia todo o alcance da capacidade de Sabeta. As ausências dela do templo tinham sido mais longas do que as de qualquer um dos garotos, e no mundo lá fora ela podia ter aprendido uma variedade infinita de surpresas malignas.

3

SABETA PEDIU LICENÇA ALGUNS MINUTOS mais tarde e sumiu na noite, para fazer quaisquer arranjos que achasse necessários. Locke saiu logo depois, vestindo os mantos brancos de iniciado de Perelandro, mas, quando chegou ao ar quente e enfumaçado da praça central do Bairro dos Templos, ela já havia desaparecido nas sombras. Será que estaria aguardando ali fora, vigiando, esperando segui-lo e descobrir o que ele estava aprontando? A ideia o fez parar brevemente, mas o fato infeliz era que ele não tinha nenhum plano, logo não importava se ela iria atrás dele.

Na falta de ideias melhores, decidiu percorrer a Travessa dos Beija-Moedas e refrescar a memória com relação aos marcos do bairro.

Foi andando a passos rápidos, os dedos entrelaçados dentro das mangas do manto, refletindo. Confiava que seu disfarce clerical iria lhe abrigar de qualquer inconveniência ou mal (já que permanecia em bairros melhores) e, assim, foi tomado pelo redemoinho dos próprios pensamentos enquanto os pés o carregavam duas vezes por toda a extensão da travessa.

As grandes casas de contabilidade ficavam fechadas durante a noite, os bares e cafés estavam praticamente vazios e o canal fétido tinha pouco do seu tráfego usual de divertimento bêbado. Locke olhou os monumentos, as pontes e as longas praças desertas, mas nenhuma nova inspiração caiu do céu. Quando voltou para casa, um tanto desencorajado, Sabeta ainda não retornara.

Caiu no sono ainda esperando ouvi-la chegar pelo túnel de vidro que vinha do templo acima.

4

AO MEIO-DIA, A TRAVESSA DOS BEIJA-MOEDAS estava num calor insuportável sob o sol de bronze derretido, mas as classes superiores de Camorr tinham fortunas e aparências a manter. As praças vazias da noite anterior haviam se tornado um cortejo de multidões vestidas com exagero, às quais Locke e Sabeta se preparavam para se juntar.

– Eu lhes dou o campo em que os dois travarão sua portentosa batalha, de onde um sairá vencedor e o outro acabará com a louça.

Correntes ascidia às alturas implacáveis da moda trajando uma casaca de veludo preto e um gibão cravejado de pérolas, e três cintos com fivelas de prata lhe apertavam a barriga. Usava um chapéu preto de aba larga por cima de uma peruca castanha encaracolada e tinha suor suficiente escorrendo pelo rosto para encher pelo menos um canal da cidade.

Locke estava vestido de modo muito mais confortável, com um gibão branco e simples, calções pretos e sapatos respeitáveis. Correntes ficaria segurando a jaqueta de Locke com os tais botões até que Sabeta recebesse a ordem de se afastar. Ela usava um vestido de linho e uma jaqueta simples, ambos de um vermelho meio escuro, quase cor de canela. O cabelo e o rosto estavam escondidos sob um chapéu de quatro bicos com véus cinza pendentes – uma moda que logo voltara em meio ao calor e ao fedor das últimas semanas. Correntes estudara essas roupas com cuidado e as aprovara. Locke e Sabeta poderiam passar por serviçais vestidos de forma moderada ou por crianças ricas vestidas de maneira indolente, assim conseguiriam realizar o jogo sem suspeitas e sem interferência, desde que se comportassem.

– Bom, a luz do dia está ardendo – disse Correntes, ajoelhando-se e puxando as duas crianças. – Estão prontos?

– Claro – respondeu Sabeta.

Locke apenas assentiu.

– A jovem dama primeiro. Vantagem de vinte segundos, depois

descubra a bolsa como combinamos. Eu estarei andando pela multidão ao lado de vocês, vigiando seu desempenho como um deus implacável. Qualquer trapaça será tratada de modo meticulosamente memorável. Vão, vão, vão.

Correntes segurou com força o braço de Locke enquanto Sabeta entrava na multidão. Depois de alguns instantes, ele girou Locke, levantou seus braços e colocou a jaqueta. Locke passou os dedos pela lapela direita, contando seis botões.

– Eu estico meu braço e lanço você no ar. – Correntes deu um leve empurrão em Locke. – Agora cace e vejamos se você é um falcão ou um periquito.

Locke deixou que o empurrão o conduzisse para o fluxo dos pedestres. Sua posição inicial parecia boa. Sabeta estava a cerca de 30 metros, indo para o norte, e era difícil não ver seu vestido cor de canela. Além disso, Locke não podia deixar de notar que os clientes da Travessa dos Beija-Moedas formavam uma multidão ideal para esse tipo de trabalho, tendendo a se mover em pequenos grupos autocentrados e não num caos mais esparso. Ele estaria perseguindo Sabeta por trilhas estreitas que iriam se abrir e se fechar temporariamente ao redor dela e, mesmo se a garota fizesse um bom tempo, não era provável que pudesse se esconder num piscar de olhos.

Mesmo assim, Locke estava tão inquieto quanto empolgado, sentindo-se muito mais periquito do que falcão. Não tinha nenhum plano além de confiar na habilidade e nas circunstâncias, enquanto Sabeta poderia ter arranjado qualquer coisa... Ou será que havia sumido na noite durante algumas horas vazias só para fazê-lo *pensar* que poderia ter arranjado?

– Argh – murmurou enojado, pelo menos sensato o bastante para reconhecer o perigo de entrar em pânico antes mesmo que Sabeta agisse.

Nos primeiros minutos da perseguição, nada aconteceu, mas

foram momentos de tensão. Locke conseguiu diminuir a distância em alguns passos, o que não era pouco, considerando as pernas mais compridas de Sabeta. Enquanto se movia, as conversas peculiares da rua o envolveram de todos os lados. Homens e mulheres falavam sobre seus sindicatos profissionais, navios de partida ou que deveriam retornar, escândalos, o clima. Na verdade, não era muito diferente dos papos nos bairros inferiores, exceto pelo maior número de referências a coisas como taxas de juros compostos. E sempre havia quem falasse sobre handebol e sobre quem estava comendo quem.

Locke se apressou em meio ao barulho. Sabeta podia até ter notado que ele se aproximava furtivamente, mas não acelerou o passo. Talvez nem conseguisse se apressar, pelo menos enquanto se mantinha “digna”, mas aqui e ali dava um passo de lado, movendo-se aos poucos cada vez mais para longe do lado do canal e mais para perto dos degraus das casas de contabilidade, à esquerda de Locke.

Às vezes Locke podia ver a bolsa, pendurada de modo casual no ombro direito, e parecia que, com gestos bem inocentes, ela conseguia mantê-la mais à frente do quadril direito, convenientemente fora de vista. Qual era o jogo, então? Sem usar os braços ou as mãos para esconder a fileira de botões, Locke garantia que suas várias curvas no meio da multidão sempre fossem feitas com o ombro esquerdo virado para a frente.

Se Correntes – de vez em quando visível como uma grande forma espreitando em algum lugar à direita de Locke – tinha alguma objeção a essa leve quebra das regras, ainda não estava pulando da multidão para acabar com a disputa. Forçando a vista, Locke olhou ao redor por alguns segundos, em busca de algo inesperado, então voltou a fitar Sabeta bem a tempo de pegá-la provocando uma agitação.

Com uma falsidade ágil que, para o olho treinado de Locke, foi

bem aparente, Sabeta “tropeçou” num mercador enorme, ricocheteando um pouco nos gigantescos hemisférios de seu traseiro envolto em seda. Enquanto o homem girava, Sabeta já se virava de perfil para Locke – desculpando-se com uma reverência, escondendo a bolsa do outro lado do corpo e espiando diretamente Locke por baixo dos véus. Prevenido, ele se virou ao mesmo tempo que ela, dando-lhe uma bela visão de seu lado esquerdo sem botões e fingindo examinar alguma coisa terrivelmente importante à direita. Empate perfeito.

Locke estava longe demais para ouvir o que Sabeta disse ao mercador gordo, mas suas palavras provocaram rápida satisfação e ela andou correndo de novo para o norte antes que ele ao menos se voltasse mais uma vez. Locke a acompanhou no mesmo instante, ruborizado com muito mais do que o calor insuportável do dia. Percebeu que haviam coberto quase metade da área sul da Travessa dos Beija-Moedas; um quarto do campo de jogo já fora percorrido. Pior ainda, notou que Sabeta estaria sendo indulgente se ao menos se incomodasse em contar seus botões. Tudo o que ela precisava fazer de verdade era mantê-lo bloqueado até que pudesse atravessar a última ponte até o Bosque Duas Pratas.

Ela continuou se desviando para a esquerda, cada vez mais perto de uma alta casa de contabilidade, uma estrutura com muitas empenas e colunas quadradas na frente, esculpidas com dezenas de representações diferentes do rotundo Gandolo, Preenchedor de Cofres, deus do comércio. Sabeta subiu os degraus do prédio e se escondeu atrás de uma coluna.

Outra armadilha para tentar espiar sua jaqueta? Bastante alerta, mantendo cuidadosamente os preciosos botões afastados da última posição conhecida de Sabeta, ele foi às pressas na direção das colunas. Será que ela estaria tentando chegar ao interior da casa de contabilidade? Não, ali estava ela...

Duas delas! Duas figuras idênticas saíram ao sol, com vestidos

cor de canela, véus escuros e compridos e pequenas bolsas penduradas no ombro direito.

– Ela *não pode* ter feito isso – sussurrou Locke.

Mas claramente havia feito. Durante a noite, enquanto ele andava para um lado e para o outro pelas ruas escuras, Sabeta arranjara ajuda e um conjunto de roupas iguais. Ela e seu duplo se afastaram das esculturas do deus gordo, foram para o norte em direção à Ponte das Sete Lanternas, o ponto médio da pequena disputa. Apesar de todas as oportunidades que ele já tivera na curta vida para estudar cada característica de Sabeta, as duas meninas lhe pareciam exatamente iguais.

– Esperta – disse Locke baixinho.

Devia haver alguma diferença, quem sabe nas bolsas; sem dúvida seriam os elementos mais difíceis de sincronizar nas fantasias.

– Sangue pela chuva! – estrondeou uma voz profunda enquanto Locke entrava de novo na multidão.

Em sua direção, vinha uma procissão de homens usando mantos pretos e cinza que tinham emblemas de martelos cruzados com colheres de pedreiro, o que fazia deles sacerdotes de Morgante, Pai da Cidade, deus da ordem, das hierarquias e das duras consequências. Ainda que nenhum dos deuses terins fosse chamado de inimigo, Morgante e seus seguidores eram inegavelmente os menos hospitaleiros com a semi-heresia do Treze Sem Nome. Ele governava os carrascos, policiais e juizes, e nenhum ladrão poria o pé, por espontânea vontade, em seus templos.

A procissão de mantos pretos, uma dúzia de sacerdotes, empurrava uma carroça aberta onde havia uma jaula de ferro. Um homem magro estava acorrentado de pé lá dentro, o corpo coberto com talhos vermelhos e úmidos. Atrás, vinha um sacerdote segurando uma vara de madeira que tinha na ponta uma lâmina parecida com uma garra, mais ou menos do tamanho de um dedo.

– Sangue pela chuva! – berrou de novo o líder dos sacerdotes, e os iniciados atrás dele estenderam cestos para a multidão que passava.

Era um sacrifício móvel, então. Para cada moeda jogada num cesto, o prisioneiro enjaulado recebia outro corte doloroso, porém medido com cuidado. O homem devia ser um morador do Palácio da Paciência, procurando escapar de alguma coisa (amputação judicial, provavelmente) e oferecendo seu corpo para esse uso cruel. Locke não tinha mais pensamentos para dedicar ao pobre coitado, já que as duas meninas de vestido vermelho-escuro estavam sumindo do lado esquerdo da procissão. Ele deu uma volta pelo lado oposto, só para o caso de haver outra emboscada a caminho.

As garotas não se incomodavam com o alvoroço; iam direto para a Ponte das Sete Lanternas e estavam suficientemente perto para que Locke não ousasse diminuir a distância. Ainda que a ponte tivesse largura para duas carroças passarem sem raspar as rodas, era estreita comparada com a praça; não havia como se esconder nem se desviar caso as garotas tentassem algo mais esperto. Locke seguiu-as no ritmo delas, como um predador, ficando a uma distância de cerca de 10 metros. A disputa já estava na metade e ele ainda não ganhara sequer meio metro!

A Ponte das Sete Lanternas era de pedra sólida e simples, sem nenhum brinquedo irritante deixado pelos Ancestres desaparecidos tanto tempo atrás. Os parapeitos eram baixos e, enquanto Locke movia-se passo a passo subindo o arco suave, teve uma bela vista de dezenas de barcos movendo-se lentamente no canal embaixo – uma vista que ele ignorou, concentrado como estava nas magras formas vermelhas das suas duas rivais. Não havia tráfego de carroças, então elas se separaram, movendo-se para lados opostos da ponte. Pararam, cada uma virando o corpo como se estivessem olhando para a água.

– *Merda diabos maldição* – murmurou Locke, tentando pela

primeira vez na vida imitar as longas correntes de palavras trançadas pelos poucos modelos de comportamento adulto que ele já tivera. – Macacos mijões de merda.

Qual era o jogo agora? Empacá-lo indefinidamente e deixar que o sol cozinhasse todos? Procurando inspiração, olhou ao redor.

Uma *terceira* garota com vestido vermelho-canela e véu cinza estava indo diretamente até ele, a menos de 20 metros, justo no ponto em que as pedras da praça encontravam o início da ponte. O estômago de Locke deu uma cambalhota que seria o ponto alto da carreira de qualquer acrobata da corte.

Deu as costas para a recém-chegada, tentando não parecer espantado demais. Guardião Torto, ele fora idiota em não verificar toda a área em que Sabeta havia pegado sua primeira isca. E agora, sim, seus olhos não apenas lhe pregavam peças: as duas garotas na frente dele lentamente, calmamente, timidamente esgueiravam-se na sua direção. Ele estava encurralado numa ponte no centro de um triângulo de vestidos vermelhos cada vez menor. A não ser que corresse feito louco, o que sinalizaria a Correntes e a Sabeta que ele havia abandonado o personagem e desistido, uma das garotas sem dúvida conseguiria contar seus botões.

Doces deuses, Sabeta o superara antes mesmo que ele acordasse de manhã.

– Ainda não estou acabado – murmurou, examinando desesperadamente a área em busca de alguma distração que pudesse arranjar. – Ainda não, *ainda* não.

Seu vago desapontamento havia explodido num pânico de perder, encharcado de suor – não, não era meramente de perder, mas de fracassar num grau tão espantoso em sua primeira disputa contra a garota por quem ele engoliria pregos de ferro incandescente para impressionar. Isso não iria só embaraçá-lo: convenceria Sabeta que ele era um menininho sem importância. *Para sempre.*

Por acaso, não foi uma inspiração nova e sutil que o salvou – foram seus antigos reflexos de provocador, os métodos insociáveis e grosseiros que ele usava para criar incidentes de rua nos tempos do Morro das Sombras. Mal percebendo o que fazia, jogou-se de joelhos contra o parapeito mais próximo, com os botões de latão a meros centímetros da pedra. Com todas as forças, fingiu que estava vomitando.

– Rooouuk – tossiu, um pequeno prelúdio para uma sinfonia nauseante. – Rgggk.... Ruuuu-gggghhhkkk... HNNNNNNBLAAAAARG!

Os ruídos eram ótimos, os mais convincentes que ele já havia conjurado, e Locke fez força contra o parapeito com um braço trêmulo. Esse era sempre um toque fantástico; os adultos caíam direitinho. Os que sentiam repulsa recuavam mais 1 metro e os que tinham simpatia praticamente tremiam.

Ele lançava olhares rápidos enquanto gemia, estremecia e demonstrava ânsias de vômito. Os passantes adultos se desviavam para longe dele, do modo típico dos ricos e ocupados; não havia lucro em atender ao serviçal de outra pessoa ou a um garoto de recados. Quanto às suas nêmesis de vestido vermelho, todas tinham parado, oscilando feito aparições com véus. Aproximar-se dele agora seria suspeito e perigoso, ao passo que ficar ali paradas feito estátuas chamaria rapidamente uma atenção desnecessária. Locke se perguntou o que elas fariam, sabendo que ele apenas tivera sucesso em restaurar um impasse, mas com certeza era melhor do que deixar que a armadilha delas o prendesse.

– Só continue fingindo que vomita – sussurrou para si mesmo.

Em termos de plano, talvez fosse o pior que ele já havia concebido, mas agora outra pessoa é que precisaria dar o próximo passo.

– O que é? – questionou uma mulher, cheia de autoridade. – Explique-se, garoto.

Locke viu que, por acaso, ela estava usando uma casaca amarelo-mostarda da guarda cidadina.

– Não consegue guardar o café da manhã, é? – A mulher cutucou Locke com o bico de uma bota. – Olhe, vá andando e vomite no fim da ponte.

– Me ajude – sussurrou Locke.

– Não consegue ficar de pé sozinho? – O couro do arnês de luta da guarda estalou enquanto ela se agachava ao lado, e seu cassete pendurado no cinto bateu no chão. – Dê um minuto...

– Eu não estou vomitando de verdade! – Locke chamou-a com uma das mãos, escondendo o gesto de todas as outras pessoas com o corpo. – Abaixese, por favor. Estou correndo perigo.

– De que diabo você está falando?

Ela parecia cautelosa, porém chegou mais perto.

– Não reaja. Não chame atenção. – Num instante, Locke tinha transferido sua bolsinha de moedas de prata, que até então ele não gastara, da mão direita para a esquerda. Empurrou os dedos da mulher, fechando-os sobre a bolsa. – São 10 sólons. Meu senhor é rico. Me ajude e ele saberá o seu nome.

– Pela graça dos deuses. – Locke sabia que aquela bolsa de prata representava vários meses de salário para a guarda. Será que ela cairia? – O que está acontecendo?

– Estou correndo perigo. Estou sendo seguido. Um homem quer as mensagens que estou carregando para o meu senhor. Lá atrás na praça, ao sul daqui, ele tentou me agarrar duas vezes.

– Vou levar você até meu posto da guarda, então.

– Não, não precisa. Só me leve ao lado norte desta ponte. Me carregue como se eu estivesse sendo preso. Se ele vir isso, não vai esperar por aqui. Vai dizer aos patrões dele que a guarda me pegou e, assim que estivermos um pouco afastados, a senhora pode me deixar ir.

– Deixar ir?

– É só me colocar no chão, me soltar com uma repreensão, falar sério comigo.

– Isso vai parecer extremamente irregular.

– A senhora é da guarda. Pode fazer o que quiser e ninguém vai dizer nada!

– Ainda não sei...

– Olhe, a senhora não vai violar nenhuma lei. Só vai me dar uma ajuda. – Locke sabia que quase a convencera. Ela já havia pegado suas moedas; agora era uma questão de aumentar um pouco a recompensa prometida: – Me tire desta ponte e meu senhor vai dobrar o que eu lhe dei. Facilmente.

A guarda pareceu pensar nisso durante alguns segundos, depois se levantou e pegou-o pelas costas da jaqueta.

– Você não está doente! – gritou ela. – Só está fazendo a droga de uma cena!

– Não, por favor! – berrou Locke, rezando para estar, de fato, testemunhando um desempenho comprado, e não uma mudança súbita de ânimo.

A guarda levantou-o, enfiou-o embaixo do braço esquerdo e marchou para o norte. Alguns espectadores bem-vestidos riram, mas todos saíram do caminho enquanto o transporte improvisado de Locke o levava para longe da cena de sua quase humilhação.

Ele chutou e se debateu para manter seu lado da suposta farsa. Alguns dos movimentos eram bem reais, já que o cassetete da mulher ficava batendo nas suas costelas, estragando o que seria um passeio surpreendentemente confortável. Pelo menos ele estava sendo carregado com os importantíssimos botões virados para o corpo da guarda.

Locke examinou o campo de visão inclinado e percebeu, para seu deleite, que as duas garotas de vestido vermelho à sua frente haviam corrido bem à esquerda e mantinham distância dele e de sua casaca-amarela temporariamente domada. Sabeta acreditaria que

ele fora mesmo apanhado contra a vontade? Talvez não, mas agora teria que imaginar uma nova estratégia para atacar com suas cúmplices, quem quer que elas fossem.

Os planos de Locke estavam se desenvolvendo rapidamente enquanto ele fingia lutar contra a captora. Assim que chegasse bem à frente das garotas, poderia cortar o avanço delas até o último ponto estreito, a Ponte do Vão Dourado. E, ainda que sua posição definitiva ali o deixasse de novo em menor número, um contra três, pelo menos teria mais tempo para brincar de “descubra a verdadeira Sabeta”.

Chutando, rosnando e sacudindo os punhos, Locke foi carregado enfim até o lado oposto da ponte, na praça do norte. Ali se situavam os verdadeiros poderes da Travessa dos Beija-Moedas, casas como a Meraggio e a Bonaduretta, cujas teias de dinheiro e crédito atravessavam o continente.

– Não me faça arrebentar seus dentes – rosnou a guarda para ele quando um grupo particularmente grande de curiosos passou.

Locke poderia ter aplaudido o senso teatral da mulher; casaca-amarela ou não, ela possuía bons instintos. Agora os dois só precisavam encontrar um local decente para Locke ser posto no chão e ele estava praticamente...

– Ah, guarda, guarda, *por favor*, espere!

Locke ouviu o som fraco de pés correndo antes mesmo de escutar a voz de Sabeta e se retorceu feito louco, tentando vê-la antes de sua chegada. Tarde demais – ela estava do outro lado da guarda, o véu jogado para trás por cima do chapéu de quatro bicos, e estendia uma bolsinha escura na mão direita.

– A senhora deixou isto cair, guarda!

– Deixei cair o quê?

A mulher se virou para Sabeta, colocando Locke em posição para olhá-la bem. As bochechas dela estavam vermelhas e, inexplicavelmente, a menina mantinha a bolsa aberta. Boquiaberto,

Locke fitou os quatro rolinhos de seda enfiados dentro: vermelho, verde, preto e azul.

– Você deve estar enganada, garota.

– De jeito nenhum. Eu mesma vi. Tenho *certeza* que é sua. – Sabeta apertou a bolsinha na mão livre da guarda, exatamente como Locke havia feito alguns instantes atrás, ao mesmo tempo que se aproximava e acrescentava, baixando a voz: – São 4 sólons. Por favor, por favor, solte meu irmãozinho.

– O quê?

A guarda pareceu totalmente perplexa, mas Locke notou que ela enfiara a bolsa no casaco com reflexos ágeis. Ele começava a suspeitar que essa casaca-amarela tinha alguma experiência anterior em fazer ofertas desaparecerem.

– Tenho certeza que ele não queria provocar uma cena – continuou Sabeta, deixando transparecer um quê de preocupação desesperada na voz. – Meu irmão não deveria sair sozinho. Ele não é bom da cabeça.

– Ei – reagiu Locke, percebendo subitamente que o conhecimento das cores da seda não significaria muito se ele deixasse a situação escapar mais ainda ao controle. Que diabos Sabeta estava fazendo? – Espere um minuto...

– Ele é um idiota *completo* – sussurrou Sabeta, apertando a mão livre da guarda. – Não é seguro ele sair sem acompanhante! Ele inventa histórias, veja bem. Por favor... deixe que eu o leve para casa.

– Eu não... Eu só... Bom, olhe aqui...

Uma ou mais engrenagens estavam para se desconjuntar no motor azeitado dos processos mentais da guarda, e Locke se contraiu. De repente, uma forma ampla, escura, insinuou-se entre a guarda e a figura vermelho-canela de Sabeta, empurrando a garota com delicadeza para o lado.

– Aaahhh, senhora guarda, estou deliciado em ver que a senhora

recuperou os dois pacotes que eu deixei escapar – disse Correntes. – A senhora é uma joia de eficiência, excelente mulher, um presente dos céus. Imploro permissão para apertar sua mão.

Pela terceira vez em alguns minutos, uma sacola de moedas escorregou para a palma da guarda absolutamente pasma. Essa troca foi mais rápida e muito mais sutil do que as feitas pelas crianças; Locke só a viu porque estava na posição exata para captar um vislumbre minúsculo de algo escuro aninhado na mão de Correntes.

– É... bom, senhor, eu...

Correntes se inclinou e sussurrou algumas frases rápidas no ouvido dela. Mesmo antes de ele terminar, a mulher baixou Locke suavemente até o chão. Sem saber o que fazer, o menino foi se postar ao lado de Sabeta, adotando uma expressão facial muito treinada, destinada a irradiar absoluta inofensividade.

– Ahhh – fez a guarda. A nova oferenda de Correntes se juntou às duas que estavam no casaco.

– De fato – falou Correntes, sorrindo. – Bênçãos dos Doze para a senhora, e que boas chuvas sigam-na, cara guarda. Esses dois não irão mais incomodá-la.

Correntes deu um aceno alegre (que foi retribuído da mesma forma pela guarda), depois se virou e empurrou Locke e Sabeta para o limite leste da praça, onde uma escadaria levava a um atracadouro largo para os barcos de aluguel.

– O que aconteceu com suas pequenas cúmplices? – sussurrou Correntes.

– Mandei que elas sumissem depois que fui atrás daquela casaca-amarela – respondeu Sabeta.

– Ótimo. Agora calem a boca e se comportem enquanto eu arranjo um barco. É melhor sumirmos daqui.

Todas as gôndolas ali perto estavam partindo ou de passagem, a não ser uma que balouçava junto ao cais, a ponto de ser abordada

por um homem de negócios de meia-idade que enfiava a mão numa bolsa de moedas. Correntes passou por ele tranquilamente e fez um aceno peculiar para o gondoleiro.

– Desculpe o atraso – disse Correntes. – Nós estamos com uma pressa desesperada para alcançar um amigo de um amigo e eu sabia que esse seria o tipo de barco certo.

– O mais certo que existe, senhor.

O gondoleiro era jovem e magro, a pele bronzeada do tom de cocô de cavalo, e sua barba cor de areia ia até o meio da túnica azul manchada e estava trançada com amuletos de prata e marfim, tantos que o homem tilintava ao mover a cabeça.

– Senhor, peço enormes desculpas, mas este é o cavalheiro que eu estava esperando.

– Esperando? – O homem parou de contar moedas e levantou a cabeça, espantado. – Mas você acabou de chegar!

– Mesmo assim, eu tinha um compromisso anterior. Agora peço perdão...

– Não, não, este barco é meu!

– Lamento corrigi-lo – interveio Correntes, consumando a apropriação da gôndola ao empurrar Sabeta para dentro. – Ainda assim, devo observar que o barco é propriedade do jovem com a vara.

– E que, infelizmente, já está comprometido – completou o jovem.

– Ora... seu bando de merdinhas de cais desrespeitosos e descarados! Eu cheguei primeiro! Não ouse pegar esse barco, garoto!

Locke já estava seguindo Sabeta e o homem de meia-idade estendeu a mão e o agarrou pela frente da jaqueta. De modo igualmente rápido, Correntes lhe deu um tapa tão forte com as costas da mão que o sujeito soltou Locke e cambaleou dois passos para trás, quase caindo no canal.

– Se tocar em alguma das minhas crianças de novo – ameaçou Correntes num tom diferente de tudo o que Locke já ouvira –, eu quebro você em tantos pedaços, porra, que nenhuma puta na cidade *já* conseguirá saber que parte enrugada ela deve chupar.

– Cachorro! – gritou o homem de negócios, levando a mão aos lábios que sangravam. – Patife da porra! Vou ter o seu nome, senhor, o seu nome e um lugar onde meu homem possa encontrá-lo. Vou pegá-lo por isso, seu...

Correntes passou um braço em volta do pescoço do sujeito. Puxando o infeliz, sussurrou com aspereza em seu ouvido – de novo, apenas algumas frases. Em seguida, o empurrou para longe, e Locke ficou atônito ao ver como o rosto do homem havia empalidecido.

– Eu... ahn, eu... entendo – disse o homem. Ele parecia estar com dificuldade para pronunciar as palavras direito. – Peço, é... desculpas, profundas desculpas. Eu só...

– Suma daqui.

– Agora mesmo!

Rapidamente o homem aceitou o conselho de Correntes, que ajudou Locke a entrar no barco. O garoto sentou-se num banco da proa bem ao lado de Sabeta, sentindo um calor nas bochechas que não tinha nada a ver com o sol quando suas pernas roçaram nas dela. Enquanto Correntes se acomodava no banco diante das crianças, o gondoleiro afastou o barco das pedras do cais, avançando pela água calma e suja do canal.

Nesse momento, Locke sentia uma admiração tão grande por Correntes quanto pela proximidade de Sabeta. Enfeitiçar casacas- amarelas, confiscar barcos e fazer homens ricos se mijarem – tudo isso, sem contar com os subornos, usando apenas algumas palavras sussurradas aqui e ali. Quem e o que Correntes conhecia? Qual era seu lugar verdadeiro na hierarquia de Capa Barsavi?

– Para onde? – perguntou o gondoleiro.

– Bairro dos Templos, cais de Venaporta – respondeu Correntes.

– Qual é a gangue de vocês?
– Nobres Vigaristas.
– Certo, ouvi falar. Parecem estar se saindo bem, misturando-se com a nobreza.

– Nós estamos bastante bem. Você é um dos rapazes do Diastema?

– Na bucha, irmão. Nós nos chamamos de Bem Espertos, somos da região oeste dos Estreitos. Alguns de nós têm o que vocês chamariam de emprego lucrativo, identificando alvos prováveis nos canais. Ultimamente, os negócios estão uma merda.

– Aqui está um retrato do Duque para uma viagem tranquila.
Correntes botou 1 tirino de ouro no banco atrás dele.

– Vou beber à sua saúde esta noite, amigo, sem sacanagem.

Correntes deixou o gondoleiro seguir com seu trabalho e se virou para Locke e Sabeta, inclinando-se para perto deles. Entrelaçou as mãos e perguntou baixinho:

– Agora, que diabos eu acabei de ver na Travessa dos Beija-Moedas? Algum de vocês pode traduzir a porra da palhaçada em qualquer tipo de relato vagamente lógico?

– Ele tem seis botões – disse Sabeta.

– *VermelhoverdepretoAZUL* – cuspiu Locke.

– Ah, não – reagiu Correntes. – A disputa acabou. Eu declaro empate. Nem tentem se esgueirar para a vitória se aproveitando de algum detalhe técnico.

– Bom, eu tinha que tentar – falou Sabeta.

– Essa poderia ter sido a lição – murmurou Locke.

– A coisa não acaba até acabar de verdade verdadeira – completou Sabeta. – Ou sei lá o quê. Você sabe.

– Meus fantásticos alunos. – Correntes suspirou. – Às vezes uma disputa para perseguir um ao outro por uma praça apinhada é *mesmo* só uma disputa para perseguir um ao outro por uma praça apinhada. Vamos começar com você, Locke. Qual era o seu plano?

– Ahhhh...

– Sabe, acredite ou não, “os deuses proferão” não é a porra de um plano, garoto. Você tem um talento infernal para improvisar, mas, quando isso o deixa na mão, deixa *muitíssimo* na mão. Você precisa ter em mente o próximo movimento, como no Pegue o Duque. Lembra-se de como cuidou daquele negócio do cadáver? Eu *sei* que você pode fazer melhor do que fez agora.

– Mas...

– É a vez de Sabeta. Pelo que pude ver, você estava ganhando. Você era a de trás, a que saiu depois que ele seguiu as duas primeiras para o norte, certo?

– É – respondeu Sabeta, cautelosa.

– Onde conseguiu as iscas?

– Eram garotas que eu conhecia do Janelas. Agora elas são ajudantes em duas gangues maiores. Nós roubamos os vestidos e bolamos o plano ontem à noite.

– Ah – fez Correntes. – Aí está a ideia encantadora que eu estava discutindo, Locke. Um *estratagema*. O que suas amigas tinham nas bolsas?

– Lã colorida. O melhor que pudemos conseguir.

– Nada mau. Mas tudo o que você conseguiu foi um empate com o Mestre Sem Planos aqui. Você o deixou num beco sem saída, e então... o que aconteceu exatamente?

– Bom, ele fingiu que estava vomitando. Aí apareceu aquela casaca-amarela e o pegou e eu... achei que o mais importante de tudo era ir atrás dele e libertá-lo.

– M-me libertar? – gaguejou Locke, surpreso. – Como assim, me libertar? Eu entreguei 10 sólons àquela mulher para me carregar até o norte!

– Achei que ela havia pegado você de verdade! – Os olhos castanho-claros de Sabeta escureceram e a cor subiu às suas faces.
– Seu escrotinho, achei que estava *salvando* você!

– Mas... por quê?

– Não tinha nada no chão quando eu fui atrás de vocês! – Sabeta tirou o chapéu com o véu e puxou com raiva os alfinetes laqueados do cabelo. – Não vi nenhum vômito na ponte, por isso achei que isso havia entregado à casaca-amarela o fato de que você estava mentindo!

– Você achou que eu fui preso de verdade porque *vomitei errado*?

– Eu sei que tipo de sujeira você podia aprontar quando era um provocador de rua. – Sabeta sacudiu o cabelo. Alquimicamente ajustado ou não, foi uma visão que fez o coração de Locke socar as costelas. – Não vi nenhuma sujeira daquelas, por isso achei que você havia sido apanhado! Eu dei àquela mulher todo o dinheiro que ainda tinha!

– Olhe, eu costumava... eu costumava enfiar o dedo na garganta quando era *pequeno*, mas... não vou fazer isso sempre!

– Essa não é a questão!

Sabeta cruzou os braços e desviou o olhar. Agora estavam indo para o leste, pelo comprido canal curvo ao norte da Videnza, e ao longe, atrás dela, Locke podia ver a forma escura e atarracada do Palácio da Paciência erguendo-se acima dos telhados de ardósia.

– Você sabia que estava perdendo, não tinha plano, então armou um escândalo e fez uma confusão dos diabos! Nem tentou vencer; você estava simplesmente metendo os pés pelas mãos. E *eu* meti os pés pelas mãos!

– Eu tinha medo de que isso pudesse acontecer, cedo ou tarde – disse Correntes em tom pensativo. – Andei pensando que a gente precisa de um tipo de linguagem de sinais mais elaborada, mais do que a que usamos com as outras Pessoas Certas. Algum tipo de código particular, para que possamos colocar uns aos outros a par quando estivermos fazendo alguma trama.

– Não, Sabeta, olhe – replicou Locke, praticamente sem ouvir

Correntes. – Você não meteu os pés pelas mãos, você foi brilhante, merecia ganhar...

– Isso mesmo. Mas você não perdeu, por isso eu *não* ganhei.

– Olhe, eu admito. Entrego o prêmio a você. Vou fazer todas as suas tarefas na cozinha durante três dias, como...

– Não quero a porcaria de uma *concessão*! Não vou aceitar sua pena como moeda.

– Não é... não é pena, sério! Eu só... Você achou que estava me salvando, eu lhe devo essa! Eu *quero* as suas tarefas, seria um prazer. Seria meu... meu *privilégio*.

Ela não se virou para ele, mas o fitou com o canto do olho por um longo momento silencioso. Correntes não disse nada; tinha ficado imóvel feito uma pedra.

– Idiota lambão – murmurou Sabeta por fim. – Você está tentando me agradar. Bom, eu não vou ser agradada por você, Locke Lamora.

Ela se arrastou no banco e agarrou a amurada da gôndola com as duas mãos, de modo a ficar totalmente de costas para ele.

– Pelo menos não hoje – completou baixinho.

A raiva de Sabeta picou-o como uma vespa engolida, mas essa dor foi suplantada por uma sensação mais quente, mais poderosa, que parecia inchar em seu crânio até Locke ter certeza de que ele se partiria como um ovo.

Apesar de toda a aparente indiferença, apesar de toda a impenetrabilidade e frustração, ela havia se importado com ele a ponto de jogar a disputa fora no instante em que achou que Locke corria perigo de verdade.

No resto daquele verão aparentemente interminável e miseravelmente calorento do Septuagésimo Sétimo Ano de Perelandro, ele se agarrou a essa percepção como a um talismã.

INTERSEÇÃO (I)

Combustível

NO NÃO TEMPO E NÃO ESPAÇO do pensamento, a conspiração não poderia ter testemunhas. A mente do velho se estendeu por 200 quilômetros de ar e água. Brincadeira de criança para quem tinha quatro anéis. Seu interlocutor respondeu imediatamente.

Está feito, então?

Os camorris aceitaram os termos dela. Como eu disse que fariam.

Nós jamais duvidamos. Ela não carece da capacidade de persuasão.

Estamos partindo agora.

Lamora está tão doente assim?

A Arquidama adiou isso demais. Foi um autêntico erro.

E não é o primeiro. E se Lamora morrer?

Seu exemplar esmagaria Tannen sozinho. Ele é formidável, mas já carrega um peso de luto.

Você não poderia... ajudar Lamora a partir mais depressa?

Eu disse que não iria tão longe. Não sob os olhos dela! Minha vida ainda significa alguma coisa para mim.

Claro, irmão. Foi uma sugestão indigna. Desculpe.

Além disso, ela não escolheu Lamora só para ferver o seu sangue. Há algo nele que você ainda não entende.

Por que você está falando dessa forma misteriosa em vez de me dar informações?

Não posso me arriscar a vazar isso. Isso, não. Esteja certo, o negócio é mais profundo do que o jogo de cinco anos, e Paciência quer que você saiba disso em breve.

ISSO me preocupa.

Não deveria. Só faça o jogo. Se conseguirmos salvar Lamora, seu exemplar terá seis semanas movimentadas.

Nossa recepção já está preparada.

Ótimo. Cuide-se, então. Estaremos em Kartane amanhã, independentemente do que aconteça.

Do início ao fim, a conversa durou o tempo de três batimentos cardíacos.

CAPÍTULO TRÊS

Sangue, respiração e água

1

O CÉU ACIMA DO PORTO de Lashane estava coberto por nuvens cor de carvão que se retorciam, bloqueando qualquer raio de luz das estrelas ou luar. Jean permanecia ao lado de Locke enquanto os ajudantes de Paciência tiravam sua maca da carruagem e a carregavam através da chuva fraca, em direção ao cais e a uma dúzia de navios ancorados cujas vergas estalavam e oscilavam ao vento.

Apesar de haver por perto guardas e funcionários lashanis de vários tipos, nenhum deles parecia querer se envolver com a procissão em torno de Locke. Eles o levaram até a beira de um píer de pedra, onde um escaler esperava com uma lâmpada vermelha pendurada na proa.

Os ajudantes de Paciência puseram a maca sobre vários bancos, depois pegaram remos. Jean sentou-se aos pés de Locke enquanto Paciência se acomodava sozinha na proa. Atrás dela, Jean podia ver ondas pretas e baixas como tremores na água. Para Jean, que havia se acostumado ao cheiro da água salgada e seus resíduos, parecia faltar alguma coisa nos odores mais puros do Amatel.

O destino era um brigue que flutuava a poucas centenas de metros, na saída norte do porto. Suas lanternas de popa lançavam

uma luz prateada sobre o nome pintado acima das janelas da grande cabine: *Andarilho do Céu*. Pelo que Jean podia ver, parecia uma embarcação nova. Quando ficaram a sota-vento do barco, Jean viu homens e mulheres ajustando uma grua com uma eslinga à meia-nau.

– Ahhh – fez Locke debilmente. – Que indignidade. Paciência, você não pode me fazer flutuar até lá em cima ou algo assim?

– Eu poderia dobrar minha vontade a um monte de truques mundanos. – Ela o olhou sem sorrir. – Acho que você vai preferir que eu esteja descansada para o que vai acontecer.

Jean usou algumas cordas para prender Locke ao arnês da grua, que era um simples laço de couro reforçado, depois acenou para as pessoas em cima. Pendurado feito uma marionete, Locke saiu do barco, bateu uma ou duas vezes na lateral do brigue e foi puxado em segurança para dentro do navio por várias mãos.

Jean subiu pela rede de abordagem e chegou ao convés no instante em que Locke estava sendo desamarrado. Empurrou o pessoal de Paciência de lado, tirou Locke e segurou-o enquanto o arnês descia de novo, para Paciência. Jean demorou um instante examinando o *Andarilho do Céu*.

As primeiras impressões que tivera na água foram reforçadas. Era um navio novo, com cheiro agradável e cordame bem retesado. Mas Jean viu muito poucas pessoas no convés – apenas quatro, todas trabalhando com a grua. Além disso, era uma embarcação estranhamente silenciosa. Os ruídos do vento, da água e da madeira estavam todos ali, mas faltavam os elementos humanos, o arrastar de pés, as tosses, os murmúrios e os roncos abaixo do convés.

– Obrigada – agradeceu Paciência quando o arnês a trouxe para o convés. Ela saiu com leveza da alça de couro e deu um tapinha no ombro de Locke. – A parte fácil está feita. Vamos logo aos negócios.

Seus ajudantes chegaram, desdobraram a maca outra vez e ajudaram Jean a acomodar Locke nela.

– Vamos zarpar – disse Paciência. – Levem nossos hóspedes para a grande cabine.

– E o bote, Arquidama? – perguntou um homem atarracado, de barba grisalha, usando uma capa impermeável com capuz abaixado, evidentemente satisfeito em deixar a chuva escorrer pela cabeça. A órbita do olho direito era uma inquietante massa de tecido cicatricial e um buraco sombreado.

– Deixe-o – disse Paciência. – Eu cortei as coisas muito bem.

– Longe de mim lembrar à Arquidama que eu sugeri isso ontem à noite, e anteontem...

– Sim, Tutanofrio, longe de você – interrompeu Paciência.

– Seu mais voluntário abjeto, senhora. – O homem se virou, pigarreou e deu um grito: – Vamos zarpar! Nor-nordeste, mantenham o rumo firme!

– Nor-nordeste, manter o rumo firme, sim – respondeu uma mulher com voz entediada separando-se do grupo que desmontava a grua.

– Vamos pegar mais tripulantes? – perguntou Jean.

– Para quê? – retrucou Paciência.

– Bom, é só que... o vento está vindo de nor-nordeste. Vocês vão bordejar feito loucos para avançar e, pelo que posso ver, só tem sete ou oito pessoas para manobrar o navio. Isso nem é suficiente para manobrá-lo no porto...

– Bordejar – disse Tutanofrio –, que conceito antiquado. Ajude-nos a colocar seu amigo na cabine de popa, camorri.

Jean obedeceu. O compartimento de popa do *Andarilho do Céu* não ficava no mesmo nível do convés principal; Locke precisou ser carregado por uma passagem estreita com degraus traiçoeiros. Independentemente do objetivo para o qual o navio fora construído, não era fácil movimentar inválidos nele.

A cabine tinha mais ou menos o mesmo tamanho da que Locke e Jean haviam ocupado no *Mensageiro Vermelho*, mas era muito

menos atulhada – sem armas penduradas nas anteparas nem mapas ou roupas espalhados, nem almofadas ou redes. Uma mesa formada de tábuas postas sobre baús ficava no centro do cômodo iluminado por suaves lanternas amarelas. Os postigos estavam bem fechados nas janelas de popa. O mais impressionante era que tinha cheiro de um lugar desabitado, um aroma de canela, óleos de cedro e outras coisas que as pessoas enfiavam nos armários para expulsar o ranço.

Enquanto Jean ajudava a pôr Locke sobre a mesa, de alguma forma Tutanofrio surgiu com um cobertor fino de lã cinza e o entregou a Jean, que enxugou a chuva do rosto de Locke e depois o cobriu.

– Melhor – sussurrou Locke –, moderadamente, levemente, desgraçadamente melhor. E... o que...

Uma pequena forma escura se destacou das sombras num canto da cabine, avançou e saltou no peito de Locke.

– Deuses, Jean, eu estou alucinando – disse Locke. – Estou alucinando de verdade.

– Não está, não. – Jean acariciou o gato preto e sedoso que deveria ter saído da vida dos dois havia muito tempo. Magnífico continuava exatamente como Jean lembrava, até com a mancha branca no pescoço. – Também estou vendo o sacaninha.

– Ele não pode estar aqui – murmurou Locke. O gato girou a cabeça, ronronando alto. – É impossível.

– Que visão míope você tem dos esplendores da coincidência – ralhou Paciência, descendo a escada. – Foi um dos meus agentes que comprou seu antigo iate. Ele ficou brevemente junto do *Andarilho do Céu* há algumas semanas e esse pequenino canalha aproveitou a oportunidade para mudar de residência.

– Não entendo – falou Locke, puxando com delicadeza o pelo do pescoço de Magnífico. – Eu nem gosto muito de gatos.

– Com certeza você já percebeu que os gatos não respeitam muito a opinião humana – observou Paciência.

– São iguais aos Magos-Servidores, então? – indagou Jean. – E o que fazemos agora?

– Agora vamos falar às claras – respondeu Paciência. – Jean, será difícil para você assistir ao que vai acontecer. Talvez difícil demais. Alguns... sem-dom não suportam estar próximos de nosso trabalho. Se quiser ir para o convés do meio, vai encontrar redes de dormir e outras acomodações...

– Vou ficar – cortou Jean. – Durante a coisa toda. Isso não é negociável.

– Está decidido, então, mas ouça. Não importa o que aconteça, ou pareça acontecer, você *não pode* interferir. *Não pode* interromper. Isso poderia ser fatal, e não somente para o Locke.

– Vou me comportar. Vou morder a droga dos dedos se for preciso.

– Perdoe-me por lembrar que eu conheço a natureza do seu temperamento...

– Olhe, se eu perder o controle, apenas fale a porcaria do meu nome e *me faça* ficar calmo. Sei que você pode fazer isso.

– Pode chegar a esse ponto. Desde que você saiba o que esperar caso crie problema. Por falar nisso, pegue seu amiguinho e o leve para a frente do navio.

– Vá, garoto.

Jean pegou Magnífico antes que o gato percebesse que teria de ser transportado. A macia bola de pelos bocejou e se aninhou na dobra do braço direito de Jean.

Jean carregou-o até o convés principal, onde ficou surpreso ao descobrir que a embarcação já se movia com a força das velas de gávea, apesar de não ter ouvido gritos ou movimento em cima para enfuná-las. Subiu depressa a escada que levava ao tombadilho superior, do qual podia ver as luzes borradas de chuva de Lashane já sumindo por trás das formas escuras que balouçavam no porto. O barco que eles haviam abandonado estava quase invisível, uma

tábua minúscula nas ondas.

A mulher que estivera na grua agora se encontrava junto ao timão, logo atrás do mastro principal, marcando o limite do tombadilho superior. Seu rosto estava visível apenas em parte sob o capuz, mas ela parecia perdida em pensamentos e, para o espanto de Jean, não tocava no timão. Sua mão esquerda estava levantada e ligeiramente em concha, e de vez em quando ela abria os dedos e movia-a para a frente, como se empurrasse algum objeto.

Um raio espocou no alto e, sob o clarão súbito, Jean viu os outros tripulantes espalhados no convés, também com capas e capuzes, de pé e silenciosamente atentos com as mãos erguidas de modo semelhante.

Enquanto um trovão ribombava sobre o Amatel, Jean foi para perto da timoneira.

– Com licença. Você pode falar? Qual é o nosso curso atual?

– Nor... nordeste – respondeu a mulher sonhadoramente, sem encará-lo. – Direto para Kartane.

– Mas isso é ir contra o vento!

– Estamos usando... um vento particular.

– Foda-me de lado – murmurou Jean. – Eu, ahn, preciso de algum lugar para colocar este gato.

– Escotilha do convés principal... que dá no porão do meio.

Jean carregou seu colega peludo para o poço do navio e encontrou uma escotilha de acesso, que abriu. Uma escada estreita descia 2 metros ou 2,5 metros até um espaço mal iluminado, onde Jean podia ver palha no chão e paletes com algum material macio.

– Pelos bagos de Perelandro, sujeitinho – sussurrou Jean –, o que me fez pensar que eu conseguiria vencer pessoas que podem criar a porra do próprio clima?

– Mrrrrrrrau.

– Isso mesmo. Eu estou desesperado. E sou idiota. – Jean soltou Magnífico, que pousou levemente na penumbra embaixo. – Fique de

cabeça baixa, gatinho. Acho que a merda vai se derramar por todo canto.

2

– FECHÉ A PORTA COM FIRMEZA – pediu Tutanofrio quando Jean retornou.

– Tranco?

– Não. Só mantenha o clima do lado de fora, que é o lugar dele.

Paciência estava derramando um líquido amarelo-claro de um odre de couro numa caneca de cerâmica enquanto Jean descia a escada.

– Bom, Jean, se nada der certo, pelo menos eu ganho uma bebida antes de ir – disse Locke.

– O que é isso? – perguntou Jean.

– Várias coisas para a dor – respondeu Paciência.

– Então Locke vai dormir?

– Ah, não. Não, ele não poderá dormir nem por um instante, infelizmente.

A maga levou a caneca aos lábios de Locke e, com sua ajuda, ele conseguiu engolir o conteúdo.

– Aaarggh – fez ele, sacudindo a cabeça. – Tem gosto de mijo de peixeiro morto, sugado das entranhas dele uma semana após o enterro.

– É uma poção bastante funcional – falou Paciência. – Agora relaxe. Você vai sentir o efeito depressa.

– Uhhh – suspirou Locke. – Você não está errada.

Tutanofrio pôs um balde de água ao lado da mesa. Depois, tirou a túnica de Locke, expondo a pele pálida e as antigas cicatrizes no tronco. Estava óbvio que o vigor havia fugido de cada músculo frouxo. Tutanofrio umedeceu um pano e limpou cuidadosamente o peito, os braços e o rosto de Locke. Paciência dobrou o cobertor

cinza e ajeitou-o sobre a parte de baixo do corpo dele.

– Agora, certas necessidades – disse Paciência.

A maga pegou uma ornamentada caixa de madeira-bruxa num canto da cabine. A um aceno de sua mão, ela se destrancou e se abriu, revelando bandejas com pequenos objetos, como um kit de galeno.

Paciência pegou uma faca esguia na caixa, cortou várias mechas do cabelo úmido de Locke e colocou-as numa tigela de barro segura por Tutanofrio. Enquanto o barbudo se movia, as mangas de sua roupa deslizaram o suficiente para Jean ver que ele tinha quatro anéis no pulso direito.

– Apenas algumas subtrações – explicou Paciência. – As pontas crescem. Certamente o corte será bom para ele.

Tutanofrio estendeu outra tigela sob a mão direita de Locke enquanto Paciência cortava lascas de suas unhas. Locke murmurou, virou a cabeça para trás e suspirou.

– Sangue também – acrescentou Paciência –, o pouco que ele puder ceder.

Ela furou dois dedos de Locke com a lâmina, sem provocar qualquer reação nele. Mas Jean foi ficando cada vez mais ansioso à medida que Tutanofrio coletava gotas vermelhas numa terceira tigela.

– Espero que vocês não estejam planejando ficar com nada disso depois que essa... coisa terminar – disse Jean.

– Jean, por favor – replicou Paciência. – Ele terá sorte se estiver vivo depois que essa *coisa* terminar.

– Não vamos fazer nada impróprio – completou Tutanofrio. – Seu amigo é um bem valioso.

– É mesmo? – resmungou Jean. – Um bem? Um bem é uma coisa que você pode colocar numa prateleira ou escrever num livro-caixa, seu sacana sinistro. Não fale dele como...

– Jean – interrompeu Paciência enfaticamente. – Controle-se ou

seja controlado.

– Ei, estou calmo. Plácido como fumaça de cachimbo. – Jean cruzou os braços. – Olhe como posso ficar plácido. O que você está fazendo agora?

– A última coisa de que preciso é um pouco de respiração.

Ela estendeu um frasco de cerâmica e o manteve durante um tempo diante da boca de Locke, depois tampou-o e guardou.

– Fascinante, tenho certeza – comentou Locke, grogue. – Agora *tire* essa merda de mim.

– Eu não posso tirá-la só com a força de vontade – retrucou Paciência. – A vida é muito mais fácil de ser destruída do que restituída. A magia não muda isso. De fato, você não deveria pensar nisso como uma cura.

– Bom, então que diabo é? – questionou Jean.

– Redirecionamento – respondeu Paciência. – Imagine o veneno como uma fagulha queimando a madeira. Se ela virar chama, Locke morre. Precisamos fazer com que se gaste em outro lugar, que *destrua* outra coisa. Assim que esse poder for arrancado, ela vai embora.

Jean ficou olhando, inquieto, durante os quinze minutos seguintes, enquanto Paciência e Tutanofrio usavam uma tinta preta com cheiro estranho para pintar uma intrincada rede de linhas no rosto, nos braços e no peito de Locke. Ainda que ele murmurasse de vez em quando, não parecia sentir um desconforto maior do que antes.

Enquanto a tinta secava, Tutanofrio pegou um candelabro alto de ferro e o colocou entre a mesa e as janelas de popa, que estavam fechadas. Paciência tirou três velas brancas da caixa.

– Velas de cera, feitas em Camorr. Com um candelabro de ferro, também camorri. Tudo roubado, para estabelecer uma simpatia mais poderosa com seu amigo desafortunado.

Paciência rolou uma vela para trás e para a frente nas mãos e a

superfície dela ficou turva e tremeluzente. Tutanofrio usou a faca de prata da maga para transferir o sangue, o cabelo e as aparas de unhas de Locke para a cera. Em vez de escorrer pelos lados como Jean esperaria, as “certas necessidades” sumiram facilmente.

– Efigie, eu o nomeio – disse Paciência. – Portador do sangue, eu o crio. Sombra de uma alma, vaso enganador, eu lhe dou a carne de um homem vivo, mas não seu nome do coração. Você é ele, e não ele.

A maga pôs a vela no candelabro. Em seguida, com a ajuda de Tutanofrio, repetiu o processo com as outras duas velas.

– Agora – continuou Paciência baixinho –, você deve ficar imóvel.

– Não estou exatamente dançando, porra – rebateu Locke.

Tutanofrio pegou um rolo de corda. Ele e Paciência usaram-na para amarrar Locke à mesa com uma dúzia de laçadas entre a cintura e os tornozelos.

– Uma coisa – disse Locke quando eles terminaram. – Antes de começarem, eu gostaria de ter um momento a sós com Jean. Nós somos... adeptos de um deus com quem talvez vocês não queiram se associar.

– Nós podemos respeitar seus mistérios – respondeu Paciência. – Mas não demorem, e não mexam em *nenhum* dos preparativos.

Ela e Tutanofrio saíram da cabine, fechando a porta, e Jean se ajoelhou ao lado de Locke.

– Aquela maldita Paciência deixou as coisas turvas por um momento, mas acho que estou com parte do tino de volta – comentou Locke. – Então... eu já estive mais ridículo?

– Algum dia você *não* esteve ridículo?

– Vá se foder – xingou Locke sorrindo. – Aquela tal de End-lik-ge-sei-lá-o-quê...

– *Endliktgelaben.*

– É, essa merda de que você falou... Só estava tentando me deixar puto ou estava falando sério?

– Bom... eu *estava* tentando deixar você putô. – Jean fez uma careta. – Mas se falei sério? Acho que sim. Se estou certo? Não sei. Espero realmente que não. Mas você é um maldito pirralho *miserável* quando decide se sentir culpado com relação a tudo. Eu gostaria que isso entrasse no registro oficial.

– Preciso dizer, Jean... eu não quero mesmo morrer. Talvez isso me torne algum tipo de covarde de merda. Falei sério sobre os magos: eu preferiria mijar na cara deles a receber ouro de suas mãos, mas, ainda assim, não quero morrer... não quero!

– Calma aí. Calma. Tudo o que você precisa fazer para provar isso é *não* morrer.

– Me dê sua mão esquerda.

Os dois tocaram as mãos, palma com palma. Locke pigarreou.

– Guardiã Torto, Treze Sem Nome, seu serviçal o invoca. Sei que sou um homem com tantos defeitos que fazer uma lista deles só iria nos atrasar. – Locke tossiu e limpou sangue fresco da boca. – Mas falei sério... não quero morrer, não sem uma luta de verdade, não assim. Então, se você puder encontrar ânimo para mudar o peso dessa balança a meu favor mais uma vez... Diabos, se não por mim, faça isso pelo Jean. Talvez o crédito dele seja maior do que o meu.

– Pedimos isso com o coração esperançoso – completou Jean. Em seguida, se levantou de novo. – Ainda está com medo?

– Me cagando.

– Então cuide para não fazer sujeira na mesa.

– Seu sacana. – Locke fechou os olhos. – Chame-os de volta. Vamos acabar com isto.

3

INSTANTES DEPOIS, JEAN FICOU OBSERVANDO Paciência e Tutanofrio assumirem posição dos dois lados de Locke.

– Libere o aço de sonho – disse Paciência.

Tutanofrio enfiou a mão na gola da túnica e retirou um pendente prateado preso a um cordão. A um sussurro de comando, pendente e cordão se tornaram um líquido luminoso e ondulante que escorreu por seus dedos, aglutinando-se numa bola trêmula na mão em concha.

– Mercúrio? – perguntou Jean.

– De jeito nenhum – respondeu Paciência. – O mercúrio envenena o tino de quem o manuseia. O aço de sonho é uma coisa nossa. Ele se molda a partir dos nossos pensamentos e é inofensivo como água... na maior parte do tempo.

Os magos estenderam os braços por cima da mesa. Finos fios de aço de sonho brotaram da massa tremeluzente na mão de Tutanofrio e deslizaram, caindo por entre seus dedos. Pousaram no peito de Locke, não espirrando para todos os lados, mas com uma solidez espantosa. Apesar de a coisa correr feito água, o fluxo era lento e onírico.

Os filetes prateados se ajustaram às linhas pretas pintadas na parte superior do corpo de Locke. Com firmeza, sinuosamente, eles se esgueiraram pelo desenho, entrando em cada curva e redemoinho. Quando a obra delicada enfim estava pronta e o último pedacinho de aço de sonho caiu da mão de Tutanofrio, cada linha na pele de Locke tinha sido coberta precisamente com uma minúscula camada de prata ondulante.

– Isso vai parecer bem estranho – avisou Paciência.

Ela e Tutanofrio fecharam os punhos com força e, no mesmo instante, milhares de pontos do traçado complexo saltaram para cima, explodindo da pele de Locke, que arqueou as costas, mas foi pressionado gentilmente de volta pelas mãos dos magos. O aço de sonho se acomodou como uma floresta de agulhas.

Como se tivesse sido espancado por um porco-espinho metálico, Locke tinha incontáveis hastes de prata finas como fios de cabelo cravadas em sua pele, acompanhando as linhas pintadas.

– Frio – disse Locke. – Um frio desgraçado!

– O aço de sonho está onde precisa estar – retrucou Paciência.

Em seguida, pegou o frasco que usara para captar a exalação de Locke e o aproximou do candelabro.

– Efígie, eu o acendo – entoou ela, abrindo o frasco e passando-o sobre as três velas. – Compartilhador do hálito, eu lhe dou o vento de um homem vivo, mas não seu nome do coração. Você é ele, e não ele.

Paciência fez um gesto com a mão direita e os pavios das três velas irromperam numa chama branca e tremeluzente.

Em seguida, voltou para o lado de Locke. Ela e Tutanofrio juntaram as mãos direitas, unindo as pontas dos dedos por cima do peito de Locke. O fio prateado que Paciência usara antes reapareceu e, com movimentos hábeis que Jean mal conseguia acompanhar, os dois magos fizeram uma cama de gato conjunta. Jean estremeceu, lembrando-se de que o Falcoeiro também havia usado um fio de prata.

Então, Paciência e Tutanofrio puseram as mãos livres nos braços de Locke.

– Não importa o que acontecer agora, Locke – disse a maga –, lembre-se da sua vergonha e da sua raiva. Fique com raiva de *mim*, se preciso. Odeie-me, odeie meu filho e todos os magos de Kartane com toda a força que tiver, ou você não viverá para se levantar desta mesa.

– Pare de tentar me assustar – reagiu Locke. – Verei você quando isto terminar.

– Guardião Torto – murmurou Jean consigo mesmo –, você ouviu o pedido de Locke, agora ouça o meu. Gandolo, Pai da Riqueza, eu nasci de pais mercadores e imploro para ser lembrado. Venaporta, Dama das Duas Faces, sem dúvida você já se divertiu conosco antes. Dê-nos um sorriso agora. Perelandro, clemente e misericordioso, talvez não o tenhamos servido de verdade, mas colocamos seu

nome em todos os lábios de Camorr. Aza Guilla – sussurrou ele, sentindo um fio de suor nervoso escorrer pela testa –, Gentilíssima Senhora, eu espiei um pouco sob suas saias, mas você sabe que meu coração está no lugar certo. Por favor, tenha trabalhos urgentes em outro lugar esta noite.

Houve uma coceira na nuca de Jean, a mesma sensação fantasmagórica que ele tivera na presença do Falcoeiro e dos magos que o haviam atormentado junto com Locke no Mercado Noturno de Tal Verrar. Paciência e Tutanofrio estavam absortos.

– Ah – ofegou Locke. – Ah!

Um gosto metálico surgiu na boca de Jean e ele engasgou, descobrindo que a garganta havia secado. O céu da boca parecia áspero feito papel. O que havia acontecido com sua saliva?

– Inferno – praguejou Locke, arqueando as costas. – Ah, isso é... isso é pior do que o frio...

As tábuas das anteparas da cabine estalaram, como se o navio estivesse sacolejando, ainda que todos os sentidos de Jean dissessem que o *Andarilho do Céu* seguia devagar e tranquilamente como sempre. Então, o chacoalhar começou, a princípio suave, mas logo as lanternas alquímicas amarelas se sacudiam e as sombras no cômodo oscilavam.

Locke gemeu. Paciência e Tutanofrio se inclinaram adiante, mantendo os braços dele presos, enquanto as mãos juntas trançavam e destrançavam o fio de prata. A visão seria hipnotizante em circunstâncias calmas, porém Jean não estava nem um pouco calmo. Seu estômago se revirou como se ele tivesse comido ostras podres que agora imploravam para ser libertadas.

– Maldição – sussurrou Jean, e mordeu os nós dos dedos como havia prometido.

A dor ajudou a empurrar de volta a maré de náusea, mas a atmosfera no cômodo estava ficando mais estranha. Agora as lanternas chacoalhavam como chaleiras em fogo alto, e as chamas

brancas das velas saltavam e dançavam segundo uma brisa que não era sentida.

Locke gemeu de novo, mais alto do que antes, e os mil pontos de luz prateada cravados na parte superior de seu corpo formavam uma arte fantasmagórica enquanto ele fazia força contra as cordas.

Houve um chiado, depois um estalo parecido com o de um chicote. As lanternas alquímicas se despedaçaram, lançando cacos de vidro na cabine junto com sopros de vapor sulfuroso. Jean se encolheu e os Magos-Servidores se inclinaram para trás enquanto os fragmentos tilintavam no chão ao redor.

– Fui muito envenenado – murmurou Locke, sem motivo aparente.

– Ajude – sussurrou Tutanofrio em voz tensa.

– Como? De quê vocês precisam? – Jean foi tomado por outra onda de náusea e se agarrou a uma anteparo.

– Não... você.

A porta da cabine se abriu com estrondo. Um dos ajudantes que haviam carregado Locke na maca desceu a escada correndo, largando a capa vermelha ao chegar. Ele pôs as mãos nas costas de Tutanofrio e firmou os pés como se segurasse o velho contra alguma força física. Sombras oscilavam loucamente na cabine enquanto as chamas das velas giravam, e a náusea de Jean aumentou; ele tombou de joelhos.

Havia uma vibração estranha no ar, no chão, nas anteparos, nos ossos de Jean. Era como se ele estivesse recostado num mecanismo gigantesco cujas engrenagens girassem todas. Atrás de seus olhos, a vibração ultrapassou o incômodo, chegando à dor. Jean imaginou um inseto enlouquecido preso dentro do crânio, picando, raspando e batendo as asas contra qualquer coisa que encontrasse lá dentro. Era demais. Golpeado por sensações medonhas, curvou a cabeça e vomitou no chão.

Uma linha fina e escura apareceu ao lado do vômito: sangue de

seu nariz. Ele tossiu uma fieira de palavras com o gosto ácido da última refeição e, apesar de não encontrar forças para ficar de pé, conseguiu inclinar a cabeça para trás o suficiente para ver o que iria acontecer.

– Esta é a sua morte, efígie. Você é ele, e não ele! – gritou Paciência, com a voz falha.

Houve um som como ossos se partindo, e as chamas das três velas saltaram em conflagrações de um tamanho suficiente para engolir as mãos de Jean. Então, elas ficaram *pretas* – pretas como as profundezas da noite, um tom que não era natural e causava dor só de olhar. Jean se encolheu para longe daquilo, os olhos jorrando lágrimas quentes. A luz emitida pelos fogos pretos era de um cinza pálido e tomava a cabine com o tom de água estagnada de cemitério.

Outro tremor atravessou as tábuas do navio, e o jovem Mago-Servidor às costas de Tutanofrio se afastou subitamente da mesa, com sangue jorrando do nariz. Enquanto ele tombava, a mulher que estivera no tombadilho superior passou pela porta, as mãos levantadas para proteger os olhos daquela claridade fantasmagórica. Ela cambaleou, batendo numa antepara, mas se manteve de pé e começou a entoar um cântico acelerado numa língua áspera e desconhecida.

Quem, diabos, está pilotando o navio?, pensou Jean, enquanto a luz cinza e doentia pulsava com velocidade igual à do seu coração e o próprio ar parecia ficar denso com um calor febril.

– Tome esta morte. Você é ele – Tutanofrio ofegou – e não ele!
Esta morte é sua!

Houve um som como de unhas arranhando ardósia e os gemidos de Locke se transformaram em gritos – os gritos mais altos e mais longos que Jean já ouvira.

4

A DOR NÃO ERA NADA de novo para Locke, mas dor era um termo inadequado para o que aconteceu quando os dois Magos-Servidores o pressionaram para baixo e o espremeram entre suas feitiçarias.

O cômodo ao redor se tornou um turbilhão confuso – luz branca, ar ondulando. Seus olhos ficaram turvos de lágrimas até que mesmo os rostos de Paciência e Tutanofrio escorriam como cera derretendo. Algo se despedaçou e agulhas quentes pinicaram seu couro cabeludo e a testa. Ele viu um estranho redemoinho de vapores amarelos, depois ofegou e gemeu enquanto as agulhas de prata em seu corpo subitamente se aqueceram, afastando toda a preocupação com o ambiente ao redor. Era como se milhares de brasas incandescentes estivessem sendo enfiadas em seus poros.

Esfaqueado, pensou, trincando os dentes e reprimindo um grito. *Isso não é nada. Já fui esfaqueado antes. Esfaqueado no ombro. No pulso. No braço. Cortado, esmagado, surrado, chutado... afogado... quase afogado. Envenenado.*

Resgatou o longo catálogo de danos, percebendo com uma parte mais profunda e ainda vagamente sensível de sua mente que contar dores infligidas para afastar a dor infligida era ao mesmo tempo muito idiota e muito engraçado.

– Fui muito envenenado – disse consigo mesmo, estremeando num paroxismo nascido do conflito entre o riso e a dor.

Houve um barulho, as vozes dos Magos-Servidores e de Jean – depois estalos, gemidos, pancadas, batidas. Tudo ficou nebuloso enquanto Locke lutava pelo autocontrole. Após um intervalo impossível de mensurar, uma voz enfim penetrou em seu sofrimento; na verdade, mais do que uma voz. Era um pensamento, moldado por Paciência, cujo toque ele agora reconhecia instintivamente nas formas-palavras que se enfiavam no centro de sua consciência:

– Você é *ele*... e não ele!

Por baixo das picadas de vespa das agulhas de aço de sonho, algo se movia dentro de Locke, uma pressão em suas entranhas. A qualidade da luz e do ar ao redor mudou; o brilho branco das velas ficou preto. Como uma cobra, a força dentro dele se desenrolou e deslizou para cima, por baixo das costelas, por trás dos pulmões, contra o coração pulsante.

– P-porra – tentou dizer, tão profundamente inquieto que nenhum ar se moveu para além de seus lábios.

Então, a coisa dentro dele se elevou, espumou, *devorou* – como alcatrão aquecido instantaneamente até ferver, escaldando a superfície de cada órgão e cada cavidade entre o nariz e a genitália. Todas aquelas fendas jamais pensadas do corpo, de súbito vivas em sua mente, delineadas em pura agonia vulcânica.

Pare ah pare ah por favor pare só faça a dor acabar, pensou, tão dominado que sua decisão anterior estava esquecida por baixo da pura súplica animal. *Pare a dor pare a dor...*

– Você é ele... e não ele!

O pensamento-voz era um eco fraco acima da maré de fogo interno. Tutanofrio? Paciência? Locke não sabia mais. Seus braços e suas pernas estavam entorpecidos, dissolvendo-se numa névoa sensorial sem sentido para além do cerne quente de sua agonia. Os Magos-Servidores e tudo para além deles se desfizeram em névoa. A mesa pareceu sair de debaixo dele; o negrume assomou como a chegada do sono. Suas pálpebras estremeceram e se fecharam e, enfim, o entorpecimento abençoado se espalhou para a barriga, o peito e os braços, apagando o inferno que havia irrompido ali.

Que seja. Não quero morrer, mas, pelos deuses, que esta seja a última dor.

O mundo exterior tinha ficado silencioso, mas ainda havia algum ruído na escuridão – seu próprio ruído. O leve latejar de um coração batendo. O tremor seco da respiração. Sem dúvida, se ele estivesse morto, tudo isso teria acabado. Houve uma pressão em seu peito.

Uma sensação de peso: alguém estava empurrando num ponto em cima do seu coração, e o toque era frio. Surpreso com o esforço que precisou fazer, Locke abriu parcialmente os olhos.

A mão acima do seu coração era de Pulga e os olhos que o espiavam no rosto do garoto morto eram de um preto sólido.

– Não existe *última dor* – disse Pulga. – Sempre dói. Sempre.

Locke abriu a boca para gritar, mas nenhum som passou pelos lábios, apenas um sibilo seco e mal perceptível. Ele fez força para se mexer, mas seus membros eram de chumbo. Até o pescoço se recusava a obedecer às suas ordens.

Isso não pode ser real, tentou dizer, e as palavras não ditas ecoaram na sua cabeça.

– O que é real?

A pele de Pulga estava pálida e estranhamente frouxa, como se a carne por trás tivesse desmoronado para dentro. Seu cabelo, não mais cacheado, pendia liso e sem vida acima dos olhos pretos e mortos. Um quatrelo de balestra, com crosta de sangue seco, ainda estava enterrado em seu pescoço. A cabine se achava escura e vazia; Pulga parecia estar agachado acima dele, mas o único peso que Locke sentia era a pressão fria da mão sobre seu coração.

Você não está aqui de verdade!

– Nós *dois* estamos aqui. – Pulga mexeu no quatrelo como se fosse um colarinho incômodo. – Sabe por que ainda estou por aqui? Quando você morre, seus pecados são gravados nos seus *olhos*. Veja bem.

Incapaz de se conter, Locke encarou aquelas medonhas esferas escuras e viu que o negrume não era contínuo. Tinha uma qualidade áspera e em camadas, como se fosse feito de um número incontável de pequenas linhas de escrita pretas, todas se juntando até formar uma massa sólida.

– Não consigo ver a saída deste lugar – falou Pulga baixinho. – Não consigo encontrar o caminho para o que há em seguida.

Você tinha 12 anos, porra. Quantos pecados você poderia ter...

– Pecados de omissão. Pecados dos meus professores e meus amigos.

O peso gélido sobre o coração de Locke ficou maior ainda.

Besteira, eu sei, sou sacerdote do Guardiã Torto!

– Como isso está funcionando para você? – Filetes de sangue escorriam pelo seu pescoço e saíam nos dedos pálidos de Pulga como um pó marrom quando ele os limpava. – Não parece ter sido muito bom para nenhum de nós.

Eu sou um sacerdote, sei como isso funciona, não é assim que deveria ser! Sou sacerdote do Treze Sem Nome.

– Bom... eu poderia dizer até onde você vai, confiando em pessoas quando nem sabe o verdadeiro nome delas.

A pressão no peito de Locke se intensificou.

Estou sonhando. Estou sonhando. É só um sonho.

– Você está sonhando. Está morrendo. Talvez seja a mesma coisa.

Os cantos dos lábios de Pulga se elevaram brevemente numa débil tentativa de sorrir. O tipo de sorriso, pensou Locke, que a gente dá para alguém ao ver que a pessoa está enfiada na merda.

– Bom, você tomou todas as suas decisões. Não resta nada para você ver, a não ser qual de nós dois está certo.

Espere, espere, não...

A dor no peito de Locke chamejou de novo, espalhando-se aguda para fora do coração, e dessa vez era fria, de um frio mortal, uma insuportável pressão gélida que o espremia como um torno. A escuridão vinha atrás e a consciência de Locke se partiu contra ela como um navio lançado nas pedras.

I N T E R L Ú D I O

A Lua do Órfão

1

DEIXARAM-NO FINALMENTE NA ESCURIDÃO e o ar frio tocou sua pele depois de uma hora de impotência abafada.

Fora uma viagem dura até o lugar do ritual, onde quer que fosse. Os homens não haviam tido muita dificuldade para carregá-lo, pois Locke pesava bem pouco, mas parecia que eles tinham descido muitas escadas e percorrido passagens estreitas, curvas. Girando e girando no escuro, ele fora erguido, ouvindo os grunhidos e sussurros dos adultos e o som de sua própria respiração dentro do áspero saco de lã que cobria a cabeça.

Por fim, esse capuz foi tirado. Locke piscou na penumbra de um cômodo grande e abobadado, mal iluminado por globos pálidos postos em nichos. As paredes e as colunas eram de pedra, e aqui e ali Locke via pinturas decorativas descascando com a idade. Escorria água em algum lugar por perto, mas isso não era incomum numa estrutura na parte baixa de Camorr. O significativo era que aquele era um local humano, todo de blocos e argamassa, sem nem um pedacinho visível de Vidrantigo.

Locke estava deitado de costas no meio da sala, numa laje baixa. As mãos e os pés não estavam amarrados, mas sua liberdade de movimento foi contida bruscamente quando um homem se ajoelhou e encostou uma faca em seu pescoço. Locke podia sentir o gume da lâmina contra a pele e soube no mesmo instante que não era o tipo com o qual seria possível brincar.

– Você está atado e obrigado ao silêncio em todos os sentidos, em todas as ocasiões, desde agora até o momento de pesar sua alma, com relação ao que faremos aqui esta noite – disse o homem.

- Estou atado e obrigado – confirmou Locke.
- Quem o ata e o obriga?
- Eu me ato e me obrigo.
- Romper o que o ata é ser condenado a morrer.
- Eu me condenaria de boa vontade pelo meu fracasso.
- Quem condenaria você?
- Eu me condenaria.

Locke estendeu a mão direita e colocou-a sobre os dedos do homem. O estranho recolheu a mão, deixando que Locke segurasse a faca encostada em seu próprio pescoço.

- Levante-se, irmãozinho – ordenou o homem.

Locke obedeceu e devolveu a faca ao homem, um *garrista* musculoso e de cabelos compridos que conhecia de vista, mas não de nome. O mundo que o Capa Barsavi governava era um lugar grande.

- Por que você veio aqui esta noite?

- Para ser um ladrão entre os ladrões – respondeu Locke.

– Então aprenda nosso sinal. – O homem ergueu a mão esquerda, os dedos ligeiramente abertos, e Locke imitou o gesto, apertando sua palma com firmeza contra a do *garrista*. – Mão esquerda com mão esquerda, pele com pele, dirá aos seus irmãos e irmãs que você não está segurando armas, que não recusa o toque deles, que não se coloca acima deles. Vá e espere.

Locke fez uma reverência e se moveu até a sombra de uma coluna. Calculou que havia espaço suficiente para algumas centenas de pessoas ali dentro. No momento, via apenas alguns homens e mulheres. Ele fora trazido cedo, aparentemente, como um dos primeiros postulantes a fazer o juramento de sigilo. Observou tudo, sentindo o borbulhar da empolgação no estômago, à medida que mais garotos e garotas entravam no cômodo, tiravam os capuzes e recebiam o tratamento que lhe fora dado. Calo... Galdo... Jean... um a um, juntaram-se a ele e contemplaram a procissão. Os

companheiros de Locke estavam numa seriedade e num silêncio pouco característicos. Na verdade, ele poderia dizer que os Sanzas estavam nervosos. Não os culpou.

O capuz retirado em seguida revelou Sabeta. Seus lindos cachos castanhos falsos se derramaram e Locke mordeu a parte interna da bochecha quando a faca se encostou no seu pescoço. Ela fez o juramento com rapidez e calma, numa voz que havia ficado um pouquinho mais rouca na última estação. Lançou um olhar para ele enquanto ia se juntar aos Nobres Vigaristas e Locke esperou, por alguns segundos, que ela optasse por ficar ao seu lado. Mas Calo e Galdo se separaram, oferecendo um lugar entre os dois, e Sabeta aceitou. Locke mordeu de novo a parte interna da bochecha.

Juntos, os cinco olharam mais adultos entrarem e mais crianças mais ou menos da sua idade passarem sob a lâmina do juramento. Havia alguns rostos familiares naquele fluxo.

Primeiro, veio Tesso Volanti, dos Meias-Coroas, com sua juba preto-noite cheia de óleo. Ele sentia uma grande estima pelo grupo de Locke apesar (ou provavelmente por causa) do fato de que Jean Tannen lhe dera uma portentosa surra alguns verões antes. Em seguida, vieram Saulo Gordo e Saulo Mais Gordo, dos Cortadores da Falsaluz... Dominaldo Filho da Puta... Amelie, a Pegadora, que havia roubado o suficiente para se tornar integrante do Lis Dourado... alguns garotos e garotas que deviam ter saído da cova do Aliciador mais ou menos na mesma época em que Locke... e, então, a última iniciada a ter o capuz retirado, Nazca Belonna Jenavais Angeliza de Barsavi, filha mais nova, e única do sexo feminino, do governador absoluto do submundo de Camorr.

Depois que terminou de recitar seus juramentos, Nazca tirou um par de ópticos de uma bolsa de couro e colocou-os sobre o nariz. Ainda que ninguém com a cabeça no lugar fosse rir dela por fazer isso, Locke suspeitou que Nazca não teria medo de usá-los em público mesmo se não fosse filha do Capa.

Locke podia ver os irmãos dela, Pachero e Anjais, de pé nas fileiras dos iniciados mais velhos, mas o lugar dela era entre os neófitos. Sorrindo, Nazca foi até Locke e empurrou-o suavemente de seu lugar encostado na coluna.

– Olá, Lamora – sussurrou ela. – Preciso ficar perto de um garotinho feio para parecer melhor.

Ela com certeza *não* precisava, pensou Locke. Dois centímetros mais alta do que ele, ultimamente Nazca estava parecida com Sabeta, mais perto de ser mulher do que menina. Por algum motivo, ela também tinha uma queda pelos Nobres Vigaristas. Locke havia começado a suspeitar que os “pequenos favores” que o padre Correntes já fizera pelo Capa Barsavi não eram tão pequenos como ele dera a entender, e que Nazca conhecia pelo menos parte da história. Não que ela já tivesse falado disso.

– É bom ver você aqui nos lugares mais inferiores, com a gente, Nazca – disse Sabeta enquanto cutucava Jean graciosamente, tirando-o de sua posição atrás de Locke. Locke sentiu um arrepio na espinha.

– Não existe isso numa noite destas – retrucou Nazca. – Somos apenas ladrões entre ladrões.

– Mulheres entre meninos – completou Sabeta com um suspiro exagerado.

– Pérolas entre suínos – acrescentou Nazca, e as duas deram risinhos. As bochechas de Locke arderam.

Era o início do inverno do Septuagésimo Sétimo Ano de Aza Guilla, o mês de Marinel, tempo de céu vazio. Era a noite chamada de Lua do Órfão, quando Locke e todos como ele ficavam um ano mais velhos, segundo o antigo costume terem.

Era a única noite, em cada ano, em que os jovens ladrões eram iniciados completamente nos mistérios do Guardiã Torto, em algum lugar nas profundezas escuras e meio desmornadas da velha Camorr.

Era, segundo supunha Correntes, a noite do décimo terceiro aniversário de Locke.

2

AS ATIVIDADES DO DIA HAVIAM começado com a obtenção de uma oferta adequada.

– Vamos jogar o bolo naquele sujeito ali – disse Jean.

Era o meio da tarde, e ele e Locke estavam esperando num beco perto da Avenida dos Cinco Santos, no bairro de classe alta chamado Curva da Fonte.

– Ele parece do tipo certo – concordou Locke. Em seguida, sopesou o importantíssimo pacote nos braços: um cubo de papel de linho embrulhando uma estrutura de madeira, com uma base de madeira forte; a coisa toda media cerca de 75 centímetros de lado. – De onde você vai vir?

– Da direita dele.

– Vamos lá conhecê-lo.

Seguiram em direções opostas: Jean diretamente para o leste, entrando na avenida, e Locke para o lado oeste do beco, de modo a ir para o norte pela paralela Avenida dos Louros e fazer o caminho mais longo para interceptar o alvo escolhido.

A Curva da Fonte era um reduto nobre; dava para perceber isso apenas contando o número de serviçais nas ruas e notando o jeito como os casacas-amarelas passeavam relaxados em volta dos jardins e avenidas. Os arneses deles eram perfeitamente oleados, as botas brilhavam, as casacas e os chapéus não tinham o desgaste do tempo. A designação para uma área assim era dada apenas aos guardas com contatos e, logo que assumiam o posto, esforçavam-se para se tornar tão decorativos quanto funcionais, a fim de não serem transferidos para algum lugar muito mais animado.

O inverno em Camorr podia ser agradável quando o céu não

estava mijando feito um velho que perdera o controle da bexiga. Naquele dia, o sol quente e a brisa fresca batiam na pele ao mesmo tempo e era fácil esquecer os mil e um modos que a cidade tinha de sufocar, asfixiar, feder e suar. Locke se apressou em direção ao norte por dois quarteirões, depois virou à direita, entrando no Bulevar da Pegada Esmeralda. Vestido como estava, com roupas de serviçal, era perfeitamente aceitável que ele corresse desajeitadamente com sua carga incômoda, num passo indigno.

Quando o bulevar encontrou a Avenida dos Cinco Santos, Locke dobrou à direita outra vez e logo viu sua vítima. Estava a 50 metros do homem, assim teve tempo suficiente para diminuir o passo e aprontar seu número. Nada mais de se apressar – naquela rua, ele se tornou a cautela em pessoa, um jovem serviçal obediente cuidando de um pacote delicado, andando a uma velocidade sensata. Quarenta metros... Trinta metros... E ali estava Jean, vindo atrás do alvo.

A 20 metros, Locke se virou um pouco, deixando claro que não poderia haver colisão possível se ele e o estranho continuassem no rumo atual. Dez metros... Jean estava quase junto ao cotovelo do sujeito.

A 5 metros do homem, Jean trombou no alvo por trás, mandando-o atabalhoadamente na direção exata, com ímpeto suficiente para bater de frente no embrulho. Locke garantiu que seu cubo frágil se partisse e se esmagasse de imediato, junto com os 6 quilos de bolo de especiarias e glacê que ele continha. Boa parte do doce caiu nas pedras, fazendo um som parecido com carne batendo no balcão de um açougueiro, e o resto se chocou contra Locke, que teatralmente caiu de bunda.

– Ah, pelo amor dos deuses! – gritou ele. – O senhor me arruinou!

– Ora, eu... eu... eu não... maldição! – gaguejou o alvo, saltando para trás, afastando-se do bolo esparramado e verificando a própria

roupa.

Era um sujeito bem nutrido, de ombros arredondados, vestindo roupas respeitáveis, com uma proteção de couro contra borrões de tinta no punho direito da casaca, o que revelava uma vida atrás de uma mesa.

– Eu fui empurrado por trás!

– Foi mesmo – concordou Jean, que estava tão bem-vestido quanto o alvo, e era igualmente largo, apesar de ter um terço da idade. Estava segurando meia dúzia de invólucros de pergaminhos. – Tropecei no senhor por acaso, e peço desculpas. Mas nós dois juntos esmagamos o bolo desse pobre serviçal.

– Bom, a culpa não é minha. – O alvo espanou com cuidado algumas migalhas de glacê das calças. – Só fui apanhado no meio da confusão. Ora, vamos, garoto, não precisa chorar por causa disso.

– Ah, preciso, sim, senhor – replicou Locke, fungando mais artisticamente do que em todos os seus dias no Morro das Sombras. – Meu patrão vai arrancar minha pele e usá-la para encadernar livros!

– Levante a cabeça, garoto. Todo mundo leva algumas surras de vez em quando. Suas mãos estão limpas? – O alvo estendeu uma das mãos, de má vontade, e ajudou Locke a se levantar. – Foi só um bolo.

– Não é um bolo qualquer. – Locke soluçou. – É para o aniversário do meu patrão e foi encomendado há um mês. É um bolo de 1 coroa, do Zakasta. Com todo tipo de alquimia e especiarias.

– Do Zakasta – repetiu Jean com uma admirável imitação de espanto. – Caramba! Isso é que é azar.

– É o meu salário de um ano inteiro – choramingou Locke. – Não vou poder receber pagamento de adulto nos próximos dois anos. Ele vai arrancar minha pele e o meu bolso.

– Não seja precipitado – disse Jean, acalmando-o. – Não podemos lhe arranjar um bolo novo, mas pelo menos podemos devolver a coroa ao seu patrão.

– Como assim, “podemos”? – O alvo se virou para Jean. – Quem, diabos, é você para falar por mim, garoto?

– Jotar Tatis, aprendiz de procurador.

– Ah, sim? Qual procurador?

– A Sra. Donatella Viricono – respondeu Jean com um esboço de sorriso. – Da Meraggio.

– Aaahh – fez o alvo, como se Jean tivesse acabado de apontar uma balestra carregada diretamente para sua genitália.

A Sra. Viricono era uma das litigantes mais conhecidas de Camorr, porta-voz de várias famílias nobres poderosas. Qualquer um que tivesse como ganha-pão carregar pergaminhos sabia de sua fama.

– Sei... mas...

– Nós devemos 1 coroa a este pobre garoto – disse Jean. – Ande, podemos dividir a quantia. Eu posso ter esbarrado no senhor, mas sem dúvida o senhor poderia tê-lo evitado se fosse mais cuidadoso.

Locke conteve um sorriso que teria chegado às suas têmporas se não tivesse sido controlado.

– Mas...

– Aqui, eu carrego o suficiente, para uso corriqueiro. – Jean estendeu 2 tirinos de ouro na palma direita. – Certamente isso não é problema para o senhor também.

– Mas...

– O que o senhor é, um *verrari*? É tão pão-duro a ponto de 2 tirinos serem uma *imposição* para o senhor? Nesse caso, pelo menos me diga o seu nome, para que eu conte à minha patroa quem não quis...

– Ótimo – interrompeu o homem, levantando as mãos na direção

de Jean. – Ótimo! Vamos pagar a porcária do bolo. Meio a meio. – Ele entregou um par de tirinos para Locke e observou Jean fazer o mesmo.

– O-obrigado, senhores – agradeceu Locke com a voz embargada. – Vou ouvir o diabo por causa disso, mas nem de longe tanto quanto seria.

– É razoável – observou Jean. – Que os deuses vão com vocês dois.

– É, é – disse o homem, com uma carranca. – Seja mais cuidadoso na próxima vez que estiver carregando um bolo, garoto.

Ele se afastou rapidamente sem falar mais nada.

– A culpa é uma coisa linda – disse Locke, suspirando, enquanto pegava a sujeira do bolo na caixa, uma mistura horrenda de farinha velha, serragem e gesso branco que valeria mais ou menos um centésimo do que o infeliz otário havia entregado. – É 1 tirino para cada um por esta noite.

– Acha que o Correntes vai ficar satisfeito?

– Esperemos que o Benfeitor é que fique satisfeito – respondeu Locke, sorrindo. – Só vou limpar esta sujeira e encontrar um local para jogá-la fora, assim os casacas-amarelas não vão quebrar meu crânio. De volta para casa?

– É, pelo caminho mais distante. Vejo você em meia hora.

3

– **AÍ O SUJEITO RECUOU COMO** se Jean tivesse começado a fazer malabarismo com escorpiões – contou Locke, pouco mais de meia hora depois. – E Jean começou a chamá-lo de pão-duro, de verrari, de todo tipo de coisas, e o pobre coitado entregou duas moedas de ouro, assim. – Locke estalou os dedos e os Sanzas aplaudiram educadamente.

Calo e Galdo estavam sentados lado a lado em cima de uma

mesa na cozinha do refúgio de vidro, desdenhando o uso de qualquer coisa óbvia, como cadeiras.

– E essa é a oferenda de vocês? – perguntou Calo. – Um tirino cada?

– É uma quantia justa – disse Jean. – E achamos que nos esforçamos para conseguir. Mérito artístico, coisa e tal.

– Demoramos duas horas para fazer o bolo – completou Locke. – E vocês deveriam ter visto a interpretação. Nós poderíamos estar no palco. O coração do sujeito derreteu; eu parecia extremamente triste e desesperançado.

– Então não foi uma representação – comentou Galdo.

– Dê um polimento na minha adaga por mim, Sanza – rebateu Locke, fazendo um elaborado gesto de mão que os camorris só usavam em público quando queriam com certeza provocar uma briga.

– Claro, eu vou pegar o menor trapo que há na cozinha enquanto você desenha um mapa de onde ela esteve escondida todos esses anos.

– Ah, seja justo – interveio Calo. – Nós podemos vê-la com facilidade sempre que Sabeta está na sala!

– Como agora? – perguntou Sabeta, aparecendo na esquina do túnel de entrada no refúgio.

O fato de Locke não ter morrido instantaneamente era uma prova de que um humano do sexo masculino pode sobreviver quando até a última gota de sangue quente em seu corpo aflui para as bochechas.

Sabeta estivera se exercitando. Seu rosto estava vermelho, várias mechas de cabelo muito bem trançado haviam saído do lugar e a gola aberta da túnica creme revelava uma camada de suor na pele. Em geral, os olhos de Locke teriam se fixado nela como se fossem conectados à túnica por fios invisíveis, mas ele fingiu que algo terrivelmente importante tinha acabado de aparecer no canto mais

distante da cozinha.

– E o que vocês dois ganham provocando o Locke? – perguntou Sabeta. – Se algum de vocês já tiver algum pelo nos bagos, foi porque o colocaram ali com um pincel.

– Você nos fere profundamente – replicou Calo. – E o bom gosto nos impede de responder à altura.

– Porém – observou Galdo –, se você saísse perguntando a algumas pessoas do Lis Dourado, descobriria que o seu...

– Vocês andaram visitando o Lis Dourado? – perguntou Jean.

– Aahh – fez Calo, tossindo. – Quero dizer, se nós *visitássemos* o... é... Lis Dourado, hipoteticamente...

– Hipoteticamente – repetiu Galdo. – Excelente palavra. Hipoteticamente.

– Ah, não sei. É a cara de vocês obrigar outra pessoa a fazer todo o trabalho, não é? – Sabeta revirou os olhos. – Então, o que vocês vão oferecer?

– Vinho tinto – respondeu Calo. – Duas dúzias de garrafas. Pegamos emprestadas daquele velho sacana meio cego, perto da Via do Cordoeiro.

– Fui vestido feito um grã-fino – completou Galdo – e, enquanto eu o mantinha ocupado pela loja, Calo entrou e saiu pela janela dos fundos, quieto feito uma aranha.

– Foi fácil demais – acrescentou Calo. – O coitado não seria capaz de diferenciar um cu de cachorro de um penico, nem se você lhe desse três tentativas.

– De qualquer modo, Correntes disse que elas poderiam ser usadas para o brinde depois da cerimônia – observou Galdo. – Já que o objetivo é se livrar das oferendas.

– Legal – falou Jean, coçando a leve penugem de seu queixo. – O que você andou aprontando, Sabeta?

– É, o que você vai oferecer? – indagaram os gêmeos ao mesmo tempo.

– Demorou a maior parte do dia e não foi fácil, mas eu gostei da aparência *disto*.

Ela tirou das costas três cassetetes de madeira-bruxa polida. Um era novo, outro estava moderadamente arranhado e o último parecia ter sido usado para rachar crânios pelo mesmo número de anos de vida dos Nobres Vigaristas mais novos.

– Ah, você está brincando – disse Galdo.

– Não, você está brincando, *porra* – emendou Calo.

– Seus olhos *não* estão enganando vocês. – Sabeta girou os cassetetes pelas alças. – De fato, vários guardas famosos pela vigilância perderam seus porretes convincentes.

– Ah, pelos deuses – disse Locke, as tripas se revirando com uma mistura de admiração e consternação. Sua satisfação por ter espremido meia coroa do pobre coitado na Curva da Fonte desapareceu. – Isso... isso é uma tremenda obra de arte!

– Ah, obrigada. – Sabeta fez uma reverência fingida para a plateia. – Devo admitir que só dois eu tirei de cintos. O terceiro estava caído num posto da guarda. Achei que não tinha motivo para recusar esse tipo de tentação.

– Mas por que você não contou à gente o que ia fazer? – perguntou Locke. – Perseguir a guarda sozinha...

– Vocês sempre contam a todo mundo o que vão fazer? – indagou Sabeta.

– Mas você poderia ter usado alguns vigias, alguma distração, só para garantir – insistiu Locke.

– Bom, vocês estavam ocupados. Eu vi você e o Jean fazendo seu bolinho.

– Você está querendo se mostrar – replicou Calo. – Espera causar boa impressão?

– Você acha que vai haver uma escolha – observou Galdo, maroto.

– Correntes diz que há uma chance a cada ano. Isso pode se

destacar. Vocês dois não pensaram nisso?

– No sacerdócio pleno? – Calo colocou a língua para fora. – Não é do nosso estilo. Não nos leve a mal, nós amamos o Guardião Torto, mas nós dois...

– Só porque gostamos de beber não significa que queremos administrar a taverna – concluiu Calo.

– E você, Jean? – indagou Sabeta.

– Pergunta interessante. – Jean tirou os ópticos e pôs-se a limpá-los na manga da túnica enquanto falava: – Eu ficaria surpreso se o Guardião Torto quisesse alguém como eu para ser sacerdote. Meus pais fizeram juramento a Gandolo. Gosto de pensar que sou bem-vindo onde os deuses me puseram, mas não acredito que eu seja destinado a algo como o sacerdócio.

– E você, Locke? – perguntou Sabeta baixinho.

– Eu, ahn, acho que não pensei de verdade nisso. – Era mentira. Locke sempre fora fascinado pelas pistas que Correntes deixava escapar sobre a estrutura secreta do sacerdócio do Guardião Torto, mas não tinha certeza do que Sabeta queria ouvir. – Eu, ahn, imagino que você tenha pensado, não é?

– Pensei. – Ali estava aquele sorriso dela, que era como o sol saindo de trás de uma nuvem. – Eu quero. Quero saber por que Correntes sorri o tempo todo. E quero *ganhar* isso. Quero ser a melhor...

Foi interrompida por uma pancada que ecoou no túnel de entrada. Só podia ser Correntes voltando ao refúgio depois dos vários preparativos que a noite exigiria. Ele virou a esquina e sorriu ao ver todos reunidos.

– Ótimo, ótimo – murmurou. – Sanzas, o vinho está sendo carregado por pessoas que estarão menos ocupadas do que vocês. Todos os outros, imagino que tenham suas oferendas, não é? – Ele pareceu satisfeito com as confirmações de cabeça que recebeu. Locke captou o brilho de empolgação incomum nos olhos dele,

apesar dos círculos escuros que havia por baixo. – Excelente. Então vamos jantar antes de irmos.

– Vamos ter que nos vestir ou tomar banho? – perguntou Sabeta.

– Ah, não, minha cara, não. O nosso templo é pragmático. Além disso, não adianta tentarem ficar bonitos, já que vão ter a cabeça enfiada num saco. Tentem parecer surpresos. Esse é o único segredinho que vou revelar antes da hora.

4

UM SILÊNCIO BAIXOU SOBRE OS ladrões reunidos enquanto vários homens e mulheres, usando uma estrutura de madeira desmontável, penduravam cortinas sobre a porta pela qual os postulantes tinham sido carregados. Sem levar em conta umas poucas aberturas de ventilação no teto, essa porta era a única entrada para o salão, pelo que Locke podia ver. Guardas assumiram posição perto das cortinas – sujeitos fortes usando compridos casacos de couro, com porretes e machados a postos. Correntes explicara que o objetivo deles era garantir privacidade ao ritual. Outros guardas estariam do lado de fora, toda uma rede, espreitando em cada rota que algum estranho poderia usar para espionar ou atrapalhar os ritos da Lua do Órfão.

Havia cerca de 120 pessoas na câmara. Era uma pequena fração dos camorris cujas vidas supostamente eram governadas pelo deus de nome oculto, mas essa, segundo Correntes, era a natureza da devoção. Era fácil murmurar orações e maldições no calor do momento, e menos conveniente se esconder no meio de lugar nenhum na única noite do ano em que os dedicados se juntavam de fato.

– Este é o templo da igreja sem templos – disse uma mulher usando capa cinza com capuz, adiantando-se para o meio da câmara abobadada. – Esta é a cerimônia da ordem que não tem cerimônias.

– Pai das nossas fortunas, nós consagramos este salão aos seus

propósitos; para nos juntarmos à sua graça e receber seus mistérios – recitou Correntes, a voz profunda e sonora. Ele ocupou seu lugar ao lado da mulher, usando um manto semelhante. – Somos ladrões entre ladrões; nosso terreno é compartilhado. Somos guardiões de sinais e senhas e estamos aqui sem malícia ou perfídia.

– Esta é a nossa vocação e nossa profissão, que você nos deu por amor – continuou o *garrista* que havia tomado o juramento de sigilo dos postulantes, agora com um manto cinza. – Pai das Sombras, que nos ensina a tomar o que ousarmos tomar, receba nossas devoções.

– Você nos ensinou que a boa fortuna pode ser tomada e compartilhada – disse a sacerdotisa.

– *Que os ladrões prosperem* – entoou a multidão.

– Você nos ensinou a virtude e a necessidade de nossas artes – prosseguiu Correntes.

– *Que os ricos se lembrem.*

– Você nos deu a escuridão para ser nosso escudo – falou o terceiro sacerdote. – E nos ensinou a bênção do companheirismo.

– *Somos ladrões entre ladrões.*

– Abençoados os rápidos e os ousados – continuou Correntes, indo para a frente do salão, onde um bloco de pedra fora coberto com um pano de seda preto. – Abençoados os pacientes e os atentos. Abençoados aqueles que ajudam um ladrão, escondem um ladrão, vingam um ladrão e se lembram de um ladrão, porque eles herdarão a noite.

– *Herdarão a noite* – entoou solenemente a multidão.

– Estamos reunidos em paz, aos olhos do Benfeitor, o Décimo Terceiro Príncipe da Terra e do Céu, cujo nome é guardado – disse a sacerdotisa, ocupando um lugar do lado esquerdo de Correntes. – Esta é a noite que ele reivindica para ser lembrado, a Lua do Órfão.

– Há algum dentre nós que assumiria um compromisso solene e faria um juramento de união? – perguntou o terceiro sacerdote.

Esse era o momento crucial. Qualquer ladrão, qualquer pessoa mesmo remotamente conectada a uma existência fora da lei era bem-vinda naquele grupo, desde que fizesse o juramento de sigilo. Mas os que dariam o passo seguinte, o juramento de união, proclamariam sua escolha do Treze Sem Nome como patrono celestial. Sem dúvida eles não estariam dando as costas para os outros deuses do panteão terem, mas ao patrono entregariam suas orações mais profundas e as melhores oferendas enquanto vivessem. Nem mesmo as crianças que estudavam para se tornar sacerdotes faziam juramentos formais de união até o início da adolescência, e muitas pessoas jamais o faziam, preferindo cultivar uma devoção frouxa a todos os deuses em vez de uma obrigação mais formal a apenas um.

Nazca foi a primeira a se adiantar e, atrás dela, acanhados, vieram todos os outros. Assim que os postulantes haviam se arrumado com o máximo de dignidade possível, Correntes estendeu as mãos.

– Esta decisão, depois de tomada, não pode ser desfeita. Os deuses sentem ciúme das promessas e *não* admitirão que este juramento seja violado. Portanto, estejam decididos, com sobriedade e solenidade, ou fiquem de lado. Não há vergonha em não estar preparado para este momento.

Nenhum postulante recuou. Correntes bateu palmas três vezes e o som ecoou na câmara.

– Salve o Guardião Torto – disseram os três sacerdotes em uníssono.

– PAREM!

Uma voz nova ecoou no fundo da câmara e, de trás da multidão de espectadores, veio um trio de homens usando mantos e máscaras pretos, seguidos por uma mulher de vestido vermelho. Vieram intempestivamente pelo corredor no centro da câmara, empurrando os postulantes, e ficaram lado a lado entre eles e o

altar.

– PAREM IMEDIATAMENTE! – berrou um homem cuja máscara era um sol de bronze estilizado, com raios esculpidos se espalhando de um rosto solene e sério. Ele segurou Oretta, uma menina cheia de cicatrizes que tinha boa reputação como lutadora com facas, e a arrastou para a frente. – O Sol os comanda agora! Eu queimo as sombras, expulso a noite, torno evidentes os pecados de vocês! Os homens honestos se levantam comigo e dormem quando eu me ponho! Sou o senhor e o pai de todas as propriedades. Quem é você para me desafiar?

– Uma ladra entre ladrões – respondeu Oretta.

– Receba minha maldição. A noite será o seu dia, as luas pálidas serão o seu sol.

– Recebo sua maldição como uma bênção do meu patrono celestial.

– Esta aqui fala por todos vocês?

– *Fala!* – gritou o grupo de postulantes.

O Sol jogou Oretta no chão sem gentileza e deu as costas para todos eles.

– Agora ouçam as palavras da Justiça – disse a mulher de vestido vermelho, que era curto e rasgado. Tinha uma máscara de veludo como as que os magistrados do Duque usavam para esconder a identidade. A Justiça empurrou Nazca pelos ombros e obrigou-a a se ajoelhar. – De todas as coisas que eu peso, a que mais importa é o ouro, e você não tem nenhum. Todos os nomes eu leio, mas os que têm títulos me agradam mais, e você descende da terra comum. Quem é você para me desafiar?

– Uma ladra entre ladrões – respondeu Nazca.

– Receba minha maldição. Todos os que me servem serão vigilantes às suas falhas, cegos às suas virtudes e surdos às suas súplicas.

– Recebo sua maldição como uma bênção do meu patrono

celestial.

– Esta aqui fala por todos vocês?

– *Fala!*

A Justiça empurrou Nazca no meio dos outros e lhe deu as costas.

– Eu sou o Homem Contratado – apresentou-se um homem com máscara de couro marrom. Um escudo e um porrete estavam pendurados nas costas de seu manto. Ele agarrou Jean. – Eu barro todas as portas, guardo cada muro. Uso as rédeas seguradas por homens melhores. Encho as sarjetas com o sangue de vocês para ganhar meu pão. Seus gritos são minha música. Quem é você para me desafiar?

– Um ladrão entre ladrões – respondeu Jean.

– Receba minha maldição. Vou caçá-lo sob o sol ou sob as estrelas. Usarei você e irei incitá-lo a trair seus irmãos e irmãs.

– Recebo sua maldição como uma bênção do meu patrono celestial.

– Recebe? – O homem sacudiu Jean ferozmente. – Este aqui fala por todos vocês?

– *Fala!*

O Homem Contratado soltou Jean, gargalhou e lhe deu as costas. Locke afastou vários outros postulantes para ser o primeiro a ajudar Jean a ficar de pé.

– Eu sou a Sentença – disse o último recém-chegado, um homem cuja máscara preta não tinha ornamentos. Com um laço de força, prendeu Tesso Volanti pelo pescoço e puxou-o para a frente. O garoto fez uma careta, segurou a corda e lutou para se equilibrar. – Ouça-me bem. Eu sou a misericórdia recusada. Sou a conveniência. Sou uma assinatura num pedaço de pergaminho. E é assim que você morre: por escritões, por carimbos, por selos em cera. Sou *barato*, sou *fácil*, estou *sempre faminto*. Quem é você para me desafiar?

– Um ladrão entre ladrões – respondeu Tesso, ofegando.

– E todos eles serão enforcados com você, pelo companheirismo, e compartilharão a morte em partes iguais, como um saque?

– Ainda não fui apanhado – rosnou o garoto.

– Receba minha maldição. Eu *esperarei* você.

– Recebo sua maldição como uma bênção do meu patrono celestial.

– Esse idiota fala por todos vocês?

– *Fala!*

– Vocês todos nasceram para ser enforcados. – O homem soltou Tesso do laço de força e se virou.

O garoto cambaleou para trás e foi segurado por Calo e Galdo.

– Partam, fantasmas! – gritou Correntes. – Vão de mãos vazias! Contem aos seus senhores como temos pouco medo de vocês e como nosso desprezo é profundo!

Os quatro antagonistas fantasiados marcharam de volta pelo corredor, até sumirem da visão de Locke em algum lugar atrás da aglomeração, perto da porta da câmara.

– Agora encarem seu juramento – disse Correntes.

A sacerdotisa pôs um livro encadernado em couro no altar e o sacerdote colocou uma bacia de metal ao lado. Correntes apontou para Locke. Tenso de empolgação, ele foi até o altar.

– Como você se chama?

– Locke Lamora.

– Você é um servidor verdadeiro e voluntário de nosso décimo terceiro deus, cujo nome é guardado?

– Sou.

– Você consagra pensamentos, palavras e obras ao serviço dele, desde agora até o momento em que sua alma será pesada na balança?

– Consagro.

– Você selará esse juramento com sangue?

– Selarei com sangue sobre uma oferenda da minha profissão.

Correntes entregou a Locke uma faca cerimonial feita de aço enegrecido.

– Qual é a oferenda?

– Uma moeda de ouro roubada com minhas próprias mãos. – Locke usou a faca para furar o polegar esquerdo, espremeu sangue sobre o tirino que havia roubado com o ardil do bolo e o pôs na bacia, devolvendo a lâmina a Correntes.

– Esta é a lei dos homens – falou Correntes, apontando para o livro encadernado em couro –, que lhe diz que você não deve roubar. O que é esta lei para você?

– Palavras em papel.

– Você renuncia e despreza esta lei?

– Com toda a minha alma. – Locke se inclinou adiante e cuspiu no livro.

– Que as sombras saibam que você é uma delas, irmão. – Correntes encostou uma moeda fria e reluzente na testa de Locke. – Eu o abençoo com prata, que é a luz da lua e das estrelas.

– Eu o abençoo com o pó das pedras de calçamento em que você pisa – completou a mulher, passando um pouco de sujeira na bochecha direita de Locke.

– Eu o abençoo com as águas de Camorr, que trazem a riqueza que você espera roubar – acrescentou o terceiro sacerdote, encostando os dedos molhados na bochecha esquerda de Locke.

E assim foi feito: o juramento de união, sem falha ou hesitação no ritmo. Sentindo um orgulho que aquecia seu corpo, Locke se juntou de novo aos outros garotos, mas ficou separado deles por cerca de 1 metro.

O ritual continuou. Nazca em seguida, então Jean, e Tesso, e Sabeta. Houve um murmúrio geral de apreciação quando ela revelou a oferta de cassetetes roubados. Depois disso, as coisas prosseguiram facilmente até que um dos Sanzas foi chamado e os dois avançaram juntos para o altar.

- Um de cada vez, garotos – disse Correntes.
- Nós vamos fazer juntos – explicou Calo.
- Nós achamos que o Guardião Torto não vai nos querer de outro modo – completou Galdo. Os gêmeos se deram as mãos.
- Então tudo bem! – Correntes sorriu. – O problema é de vocês se ele não quiser, garotos. Como vocês se chamam?
- Calo Giacomo Petruzzo Sanza.
- Galdo Castellano Molitani Sanza.
- Vocês são servidores verdadeiros e voluntários de nosso décimo terceiro deus, cujo nome é guardado?
- Somos!
- Vocês consagram pensamentos, palavras e obras ao serviço dele, desde agora até o momento em que suas almas serão pesadas na balança?
- Consagramos!

Assim que os Sanzas terminaram, os postulantes que restavam fizeram os juramentos sem mais complicações. Correntes se dirigiu à assembleia enquanto seus colegas sacerdotes levavam para longe a bacia cheia de oferendas. Mais tarde naquela noite, eles entregariam o conteúdo às águas escuras do Mar de Ferro.

– Resta uma coisa, então. A possibilidade de uma escolha. Nós, sacerdotes do Guardião Torto, somos poucos, e poucos são chamados a se juntar às nossas fileiras. Avaliem com cuidado se vocês se ofereceriam para o terceiro e último juramento, o juramento de serviço. Os que não desejam isso, juntem-se aos colegas nas laterais da câmara. Os que se oferecem para a escolha, permaneçam onde estão.

O grupo de postulantes se afastou rapidamente. Alguns hesitaram, mas a maioria tinha uma expressão de perfeito contentamento, inclusive Jean e os Sanzas. Locke ponderou em silêncio... Ele queria *mesmo*? Parecia certo? Não deveria haver sinais, presságios, algum tipo de orientação? Talvez fosse melhor

apenas ficar de lado...

De repente, percebeu que a única pessoa ainda parada junto dele era Sabeta.

Não havia hesitação nos modos dela: braços cruzados, o queixo um pouco erguido, parecia pronta para lutar fisicamente contra qualquer um que questionasse seus sentimentos. Estava olhando de rabo de olho para Locke, cheia de expectativa.

Seria esse o sinal? O que ela pensaria a seu respeito se ele desse as costas a essa chance? O pensamento de não conseguir igualar a coragem de Sabeta era como uma faca em suas entranhas. Ele se empertigou e assentiu para Correntes.

– Duas almas ousadas – falou Correntes baixinho. – Ajoelhem-se e baixem a cabeça em silêncio. Nós três rezaremos pedindo orientação.

Locke obedeceu, cruzou as mãos e fechou os olhos. *Guardião Torto, não deixe que eu cometa algum erro medonho diante de Sabeta*, pensou; depois, percebeu que rezar por seus próprios problemas num momento assim poderia ser blasfêmia. *Merda*, foi seu pensamento seguinte, e isso, claro, era ainda pior.

Lutou para manter a cabeça respeitosamente vazia e ouviu o murmúrio de vozes adultas. Correntes e seus colegas conferenciaram em particular durante algum tempo. Por fim, Locke escutou passos se aproximando.

– Um será escolhido – disse a sacerdotisa – e deve responder diretamente. A chance, caso recusada, jamais será oferecida outra vez.

– Coisas pequenas nos guiam nesta escolha – observou o *garrista* de cabelos compridos. – Sinais do passado. A prova de seus feitos. Presságios sutis.

– Mas o Benfeitor não toma as decisões difíceis por nós – acrescentou a mulher. – Nós rezamos para que nossa escolha sirva aos melhores interesses dele, e portanto aos nossos.

– Locke Lamora – concluiu Correntes, pousando as mãos nos ombros de Locke. – Você é chamado ao serviço do Décimo Terceiro Príncipe da Terra e do Céu, cujo nome é guardado. Como responde a essa convocação?

Com os olhos arregalados de choque, Locke olhou de relance para Correntes, depois para Sabeta.

– Eu... – sussurrou ele, depois pigarreou e falou mais claramente: – Eu... devo. Eu aceito.

Aplausos irromperam na câmara, mas a expressão no rosto de Sabeta nesse instante cortou com frieza a empolgação de Locke. Era uma expressão que ele conhecia bem demais, uma que ele próprio havia treinado: o rosto de jogo, o vazio perfeito, uma máscara neutra destinada a esconder emoções mais acaloradas.

Dada a atitude dela mais cedo, Locke não teve dificuldade para adivinhar quais eram essas emoções mais acaloradas.

CAPÍTULO QUATRO

Atravessando o Amatel

1

TUDO O QUE ERA ERRADO chegou ao ápice ao mesmo tempo: os gritos de Locke, a vertigem incapacitante de Jean e as chamas pretas das velas, enchendo a cabine com sua medonha não luz de água de sepultura.

Houve uma vibração no ar quente capaz de sacudir os ossos, uma sensação de que algo vasto e invisível estava passando em alta velocidade. Então, as chamas pretas morreram, lançando o cômodo num breu. Os gritos de Locke foram se transformando em soluços ásperos.

A força de Jean se esvaiu. Comprimido pela náusea que sentia como um arnês cheio de pesos, ele tombou para a frente e seu queixo bateu no piso com força suficiente para trazer de volta lembranças de suas brigas de rua menos bem-sucedidas. Decidiu descansar por apenas alguns batimentos cardíacos, que se tornaram respirações, e depois minutos.

Outra seguidora de Paciência por fim abriu a porta da cabine e desceu a escada com uma lanterna. Sob essa luz oscilante e amarela, Jean pôde captar a cena.

Paciência e Tutanofrio permaneciam de pé, ainda conscientes, mas segurando-se mutuamente para se apoiar. Os dois Magos-

Servidores mais jovens jaziam no chão, mas Jean não conseguia se importar em saber se estavam vivos ou mortos.

– Arquidama! – exclamou a recém-chegada com a lanterna.

Paciência descartou a mulher com um aceno trêmulo.

Jean se levantou sobre um dos joelhos, gemendo. A náusea continuava, como a de dez ressacas pulsando numa cabeça chutada, mas o pensamento de que Paciência estava de pé feriu seu orgulho o suficiente para lhe dar forças. Ele piscou, ainda sentindo uma inflamação ardida nos cantos dos olhos, e tossiu. O candelabro estava chamuscado de preto e envolto numa fumaça de cheiro medonho. A mulher com a lanterna abriu as janelas de popa e, felizmente, o ar fresco do lago afastou parte do miasma.

Mais alguns instantes se passaram e, por fim, Jean se levantou, cambaleando. Ao lado de Tutanofrio, ele se agarrou à mesa e sacudiu o braço esquerdo de Locke.

Locke gemeu e arqueou as costas, para imenso alívio de Jean. A tinta e o aço de sonho escorreram da pele pálida de Locke numa centena de riachos pretos e prateados, fazendo uma sujeira completa, mas pelo menos ele estava respirando. Jean notou que os punhos de Locke estavam cerrados com força e abriu suas mãos cuidadosamente.

– Funcionou? – murmurou Jean. Como ninguém respondeu, Jean tocou o ombro da maga. – Paciência, você pode...

– Foi por pouco. – Ela abriu os olhos devagar, retraindo-se. – O alquimista de Stragos conhecia o serviço.

– Mas Locke está bem?

– Claro que ele não está *bem*. – Ela se soltou do fio de prata que a prendia a Tutanofrio. – Olhe para ele. Só podemos garantir que ele não está mais envenenado.

A náusea de Jean foi diminuindo à medida que a brisa da noite preenchia o cômodo. Ele limpou parte do detrito preto e prateado de debaixo do queixo de Locke e sentiu a pulsação fraca em seu

pescoço.

– Jean – sussurrou Locke. – Você está péssimo.

– Bom, você parece que perdeu uma briga com um mercador de tinta bêbado!

– Jean – disse Locke com mais ênfase, e agarrou o antebraço esquerdo do amigo. – Jean, pelos deuses, isso é real. Ah, pelos deuses, eu pensei... eu vi...

– Calma. Você está em segurança.

– Eu... – Os olhos de Locke perderam o foco e sua cabeça pendeu.

– Maldição – murmurou Paciência. Ela limpou mais um pouco da sujeira do rosto de Locke e lhe tocou a testa. – Ele foi muito longe.

– O que há de errado agora? – perguntou Jean.

– O que você e eu suportamos foi apenas uma fração do choque que ele teve de suportar. O corpo dele foi levado aos limites mortais.

– E o que você vai fazer com relação a isso? Mais magia?

– Minhas artes não podem curar. Ele precisa de nutrição. Precisa ser preenchido de comida até não aguentar mais uma migalha. Nós fizemos arranjos para isso.

Tutanofrio gemeu, mas assentiu e saiu cambaleando da cabine.

Voltou carregando uma bandeja com uma pilha de toalhas, uma jarra d'água e vários pratos cheios de comida. Pousou-a na mesa, logo acima da cabeça de Locke, depois limpou o rosto e o peito dele com as toalhas. Jean pegou um pedaço de carne cozida, puxou o queixo de Locke para baixo e enfiou-o em sua boca.

– Anda. Nada de cair no sono.

– Mmmmf – murmurou Locke. Em seguida, moveu o maxilar algumas vezes, começou a mastigar e abriu os olhos de novo. – Qhhh prrrrh eeffff – murmurou. – Hgggh.

– Engole.

– Mmmmf.

Locke obedeceu, depois fez um gesto na direção da água.

Jean ajudou Locke a se apoiar nos cotovelos e levou a jarra aos lábios dele. Tutanofrio continuou a limpar a tinta e o aço de sonho, mas Locke não notou. Tomou a água em goles indignos até esvaziar a jarra.

– Mais – pediu Locke, voltando a atenção para a comida.

A maga com a lanterna pousou-a, pegou a jarra e saiu correndo.

A comida que estava na bandeja era simples: presunto cozido, pão escuro e áspero, algum tipo de arroz com molho. Locke atacou aquilo como se fosse a primeira comida que os deuses haviam conjurado na terra. Jean segurou um prato enquanto ele empurrava o pão com as mãos trêmulas, puxava todo o resto para a boca e mal parava para mastigar. Quando a jarra d'água retornou, ele estava no segundo prato.

Locke murmurou vários monossílabos de limitada utilidade filosófica. Seus olhos estavam brilhantes, mas tinham uma expressão atordoada. Sua consciência de mundo parecia ter se reduzido ao prato e à jarra. Tutanofrio terminou de limpá-lo e Paciência estendeu uma das mãos sobre as pernas dele. A corda que havia atado Locke à mesa se desamarrou e saltou para a mão dela, enrolando-se.

A primeira bandeja de comida – o bastante para alimentar quatro ou cinco pessoas famintas – logo terminou. Quando a maga ajudante trouxe uma segunda, Locke atacou-a sem diminuir a velocidade. Paciência o observava, alerta. Enquanto isso, Tutanofrio cuidava dos jovens magos que haviam desmaiado durante o ritual.

– Estão vivos? – perguntou Jean, enfim encontrando um resíduo de cortesia, ainda que nada mais do que isso. – O que aconteceu com eles?

– Já tentou levantar uma coisa pesada demais? – Tutanofrio roçou os dedos na testa da jovem inconsciente. – Eles vão ficar bem, e mais sábios com a experiência. As mentes jovens são frágeis. Nós, os mais velhos, já tivemos alguns desapontamentos. Deixamos de lado a ideia de que somos o centro do universo, por isso nossas

mentes se dobram sob a tensão em vez de enfrentá-la de cabeça. – Os joelhos de Tutanoferio estalaram quando ele se levantou. – Além de todos os nossos outros serviços desta noite, um pouco de filosofia.

– Jean – murmurou Locke. – Jean, onde, diabos... o que eu estou fazendo?

– Tentando encher um buraco – respondeu Paciência.

– Bom, eu estava...? Parece que me perdi agora mesmo. Estou me sentindo tremendamente estranho.

Jean pôs a mão no ombro de Locke e franziu a testa.

– Você está ficando mais quente.

Encostou a palma da mão na testa dele e sentiu um calor febril.

– Certamente não parece, pelo meu lado das coisas – replicou Locke.

Trêmulo, estendeu a mão para o cobertor sobre as pernas. Jean envolveu seus ombros com ele.

– Então você está consciente de novo? – perguntou Jean.

– Estou? Diga você. Eu só... Nunca senti tanta fome. Nunca. Diabos, eu ainda estaria comendo, mas acho que não tenho espaço. Não sei o que aconteceu comigo.

– E vai acontecer de novo – avisou Paciência.

– Ah, que ótimo. Bom, talvez seja uma pergunta idiota, mas deu certo?

– Se não tivesse dado, você teria morrido há vinte minutos.

– Então aquilo saiu de mim – murmurou Locke, olhando para as mãos. – Pelos deuses. Que sujeira. Eu me sinto... Não sei. Fora as 100 toneladas que enfiei no estômago, não sei se estou me sentindo melhor.

– Bom, *eu* tenho certeza de que estou me sentindo melhor – retrucou Jean.

– Estou com frio. Mãos e pés entorpecidos. Parece que envelheci cem anos. – Locke deslizou para fora da mesa, puxando o cobertor

com mais força em volta do corpo. – Mas acho que posso ficar de pé!

Demonstrou o otimismo questionável dessa declaração caindo de cara.

– Maldição – murmurou enquanto Jean o levantava. – Tem certeza de que não pode fazer nada a respeito disso, Paciência?

– Sr. Lamora, seu completo ingrato, não fiz milagres suficientes por uma noite?

– Puramente como investimento. Mas acho que, mesmo assim, eu deveria agradecer.

– É, mesmo assim. Quanto à sua força, agora tudo depende da natureza. Você precisa de comida e descanso como qualquer outro convalescente.

– Bom, ahn, se não for problema, eu gostaria de falar a sós com o Jean.

– Devo esvaziar a cabine?

– Não. – Locke encarou por um momento os jovens magos inconscientes. – Não, deixe seus aprendizes, ou sei lá o que são, curarem a ressaca. Um passeio pelo convés vai me fazer bem.

– Eles têm *nomes* – disse Paciência. – Você vai trabalhar para nós; é melhor aceitar isso. Eles se chamam...

– Pare. Estou extremamente grato pelo que você fez aqui, mas não vai me levar a Kartane para ser amigo de ninguém. Desculpe se não me sinto cordial.

– Acho que eu deveria considerar seu retorno à grosseria um crédito às minhas artes – observou Paciência com um suspiro. – Vou dar instruções para trazerem mais comida e água para você.

– Duvido que eu possa comer sequer um pedacinho.

– Ah, espere uns minutos. Eu já tive filhos. Confie em mim quando digo que você vai ser governado pela barriga durante algum tempo.

2

– ESTOU DIZENDO, JEAN, ELE estava lá. Estava lá, olhando para mim, mais perto do que você está agora.

Locke e Jean se achavam encostados no corrimão de popa do *Andarilho do Céu*, olhando o movimento suave das luzes-fantasmas que davam seu nome ao Lago das Joias. Elas brilhavam nas profundezas negras, lascas de um fogo frio de rubi e de um suave branco de diamante, como estrelas submersas, fora do alcance humano. Sua natureza era desconhecida. Alguns diziam que eram almas dos mil amotinados afogados pelo imperador louco Orixanos. Outros juravam ser tesouros dos Ancestres. Em Lashane, Jean até lera um panfleto em que um Erudito do Colégio Terim argumentava que as luzes eram peixes reluzentes, imbuídos dos traços alquímicos que haviam se derramado no lago nas décadas desde o aperfeiçoamento dos globos de luz.

O que quer que fossem, eram uma distração bastante bonita, ondulando suavemente na esteira do navio. Manchas cinzentas no horizonte sugeriam a aproximação do alvorecer, mas um teto baixo de nuvens escuras ainda escondia o céu.

Locke estava trêmulo e febril, usando o cobertor como um xale. Entre as frases, mastigava nervosamente um pedaço de bolacha seca de bordo da pequena pilha que ele carregava enrolada numa toalha.

– Dado o que estava acontecendo, Locke, acho que a aposta mais segura seria que você imaginou isso.

– Ele falou comigo com sua própria voz. – Locke estremeceu. Jean lhe deu um aperto amigável no ombro, mas Locke prosseguiu: – E os olhos... os olhos... você já ouviu alguma coisa assim, nos templos em que entrou? Sobre os pecados de uma pessoa estarem gravados nos olhos?

– Não. Mas, afinal de contas, você conhece mais rituais secretos

de pelo menos um templo do que eu. Seria pisar num dos seus votos se eu perguntasse se você...

– Não, não. Nunca ouvi falar de nada assim na ordem do Treze.

– Então você imaginou aquilo tudo.

– Por que diabos eu imaginaria uma coisa dessas?

– Porque você é um maldito idiota obcecado pela culpa?

– Para você é fácil falar.

– Não é. Olha, você acha mesmo que a vida além da vida é uma farsa tão grande que as pessoas andam por aí, em espírito, com os corpos mutilados? Acha que as almas têm dois olhos na cabeça? Ou que *precisam* deles?

– Nós vimos certas verdades em formas limitadas para que possamos apreendê-las. Não vemos a vida depois da vida como ela é de verdade, porque aos nossos olhos ela se conforma à nossa mecânica da natureza.

– Saído direto da teologia elementar, exatamente como eu aprendi. Várias vezes – disse Jean. – De qualquer modo, desde quando você é um conhecedor da revelação? Algum dia, em algum ponto da sua vida desde que se tornou sacerdote, você foi golpeado pela luz da claridade celestial, por sonhos e visões, por presságios, ou por qualquer coisa que fez você tremer dentro das calças e exclamar “Putá que o pariu, os deuses falaram”?

– Você *sabe* que eu teria lhe contado se isso tivesse acontecido. Além do mais, não é assim que as coisas funcionam; pelo menos não é como somos ensinados na nossa ordem.

– Você acha que cada seita não ouve dizer a mesma coisa, Locke? Ou você acredita honestamente que há um templo por aí, em algum lugar, onde os sacerdotes são golpeados na cabeça por raios de verdade incandescente enquanto o resto de vocês precisa tropeçar com a intuição?

– Você está ampliando a discussão, não é?

– De jeito nenhum. Depois de tantos anos, tantas lutas, tanto

sangue, por que você começaria de repente a ter revelações verdadeiras de além-túmulo *só agora*?

– Não sei. Não posso presumir que falo pelos deuses.

– Mas é exatamente isso que você está fazendo. Escute, se entrar num bordel e se pegar sendo chupado, é porque colocou algum dinheiro no balcão, e não porque os deuses transportaram um par de lábios para o seu pau.

– Isso é... uma metáfora realmente incrível, Jean, mas acho que eu gostaria de uma tradução.

– O que estou dizendo é que nós temos o dever de aceitar pela fé, mas *também* temos o dever de pesar e avaliar. Quando você insiste que alguma coisa mundana foi de fato a mão milagrosa dos deuses, por que não tratar tudo do mesmo modo? Se você começa a encontrar mensagens do céu na salsicha do café da manhã, joga de lado a responsabilidade de usar a cabeça. Se os deuses *quisessem* idiotas crédulos como sacerdotes, por que não o tornariam assim quando você foi escolhido?

– Isso não aconteceu quando eu estava tomando o café da manhã, pelo amor da porra.

– É, aconteceu enquanto você estava *a essa distância* da morte.

– Jean estendeu o polegar e o indicador bem apertados um contra o outro. – Doente, exausto, drogado e sob os cuidados gentis das pessoas que mais gostamos em todo o mundo. Eu acharia estranho se você *não* tivesse um ou dois pesadelos.

– Mas foi tão nítido! E foi tão...

– Você disse que ele estava frio e vingativo. Isso lembra o Pulga? E acha mesmo que ele ainda estaria aqui, onde você o imaginou, pairando anos depois de ter morrido, só para apavorar você durante meio minuto?

Locke enfiou mais bolachas na boca e mastigou, agitado.

– Eu *me recuso* a acreditar – continuou Jean – que nós vivemos num mundo onde a Senhora do Longo Silêncio deixaria o espírito de

um menino andar por aí inquieto durante anos, só para amedrontar outra pessoa! Pulga se foi há muito tempo, Locke. Foi só um pesadelo.

– Espero tremendamente que sim.

– Preocupe-se com outra coisa. Sério, agora. Os magos cumpriram com a parte deles no trato. Eles esperam que nós sejamos úteis em seguida.

– Tremenda convalescença.

– Estou feliz demais em ver você de pé e se lastimando de novo. Preciso de você, irmão. Não deitado na cama, inútil feito um pedaço de bosta de cachorro em conserva.

– Vou me lembrar de toda essa simpatia e ternura na próxima vez que você estiver doente.

– Eu tive a simpatia e a ternura de não jogar você de um penhasco.

– É justo. – Locke se virou e observou o outro extremo do convés iluminado por lanternas. – Sabe, acho que minha consciência pode estar um pouquinho menos travada. Acabei de notar que não há ninguém encarregado deste navio.

Jean olhou ao redor. Nenhum dos magos estava visível em nenhum ponto do convés. O timão estava imóvel, como se contido por uma pressão fantasma.

– Pelo amor dos deuses. Quem, diabos, está fazendo isso?

– Eu – respondeu Paciência, aparecendo junto deles. Segurava uma caneca de chá fumegante e contemplava as profundezas salpicadas de joias.

– Aagh! – Locke se afastou dela. – Meus nervos estão em carne viva. Você precisa fazer isso?

Paciência bebericou o chá com um ar de satisfação.

– Como quiser – disse Locke. – O que aconteceu com seus pequenos acólitos?

– Todo mundo está abalado pelo ritual. Mandei-os para baixo,

para descansar um pouco.

– Você não está abalada?

– Quase em frangalhos.

– No entanto, está movendo este navio contra o vento. Sozinha.

Enquanto fala conosco.

– Estou. Mesmo assim, eu apostaria que vocês ainda vão falar comigo com um tom de desrespeito inadequado.

– Moça, você sabia que eu era venenoso quando me pegou.

– E como está agora?

– Cansado. Extremamente cansado. Parece que alguém colocou areia nas minhas juntas. Mas não há nada devorando minhas entranhas... pelo menos não como antes. Estou com uma fome infernal, mas não é... *maligna*. Não mais.

– E suas faculdades mentais?

– Vão dar para o gasto – respondeu Locke. – Além disso, Jean está aqui para me amparar quando eu cair.

– Mandei limpar a cabine grande para vocês. Há um armário com roupas. Elas vão manter vocês quentes até chegarmos a Kartane e os mandarmos para os alfaiates.

– Mal podemos esperar. Paciência, nós corremos o risco de encalhar ou algo assim se fizermos algumas perguntas a você?

– Não há nada em que encalhar nos próximos 150 quilômetros. Mas você tem certeza de que não quer descansar?

– Vou desmoronar daqui a pouco. Posso sentir. Não quero desperdiçar mais um momento de lucidez, se puder. Você se lembra do que nos prometeu em Lashane? Quero dizer, respostas.

– Claro. Desde que você se lembre da limitação que eu estabeleci.

– Vou tentar não ser pessoal demais.

– Ótimo – falou Paciência. – Então vou tentar não desperdiçar energia demais pondo fogo em você se eu perder as estribeiras.

3

– POR QUE VOCÊS SERVEM? – perguntou Locke. – Por que os contratos? Por que Magos-*Servidores*?

– Por que trabalhar num barco de pesca? – Paciência inspirou o vapor de seu chá. – Por que pisar em uvas para fazer vinho? Por que roubar de nobres otários?

– Vocês precisam de dinheiro tanto assim?

– Como uma ferramenta, certamente. Sua aplicação é simples e de uma eficácia universal.

– Só isso?

– Não basta para a sua vida?

– É que parece...

– Parece que o que você quer mesmo perguntar é por que nós nos importamos com dinheiro quando poderíamos pegar o que quiséssemos.

– É – admitiu Locke.

– O que o faz pensar que iríamos nos comportar assim?

– Apesar de seu súbito interesse pelo meu bem-estar, vocês são uns filhos da mãe ardilosos que só servem para sacanear os outros, e têm consciências atrofiadas feito bagos de velho. Começemos por Terim Pel. Vocês queimaram uma cidade inteira, apagando-a do mapa.

– Algumas centenas de pessoas suficientemente motivadas poderiam ter destruído Terim Pel. A feitiçaria não era o único meio que serviria para isso.

– Para você é fácil falar. Suponho que vocês precisariam apenas de algumas ferramentas de jardinagem e um pouco de criatividade. Mas o que vocês fizeram de fato foi *lançar uma chuva de fogo da porra do céu*. Se não pudessem governar o mundo com isso...

– Você é mais inteligente do que um porco, Locke?

– De vez em quando. Existem opiniões contrárias.

– Você é mais perigoso do que uma vaca? Uma galinha? Uma ovelha?

– Sejamos generosos e digamos que sim.

– Então por que você não vai até a fazenda mais próxima, coloca uma coroa na cabeça e se proclama imperador dos animais?

– Ahn... porque...

– O pensamento de fazer uma coisa ridícula assim jamais passou pela sua mente?

– Acho que não.

– Mas você não negaria que tem poder para fazer isso, quando quiser, *sem* chance de uma resistência significativa por parte de seus novos súditos?

– Aahh...

– Mesmo assim, não é uma proposta atraente, certo?

– Então é isso? – interveio Jean. – Qualquer bandoleiro com meio cérebro vivendo à base de bosta de passarinho no interior se tornaria imperador se pudesse, mas vocês, que na verdade *podem* fazer isso, são os próprios modelos exemplares da razão...

– Por que sentar-se numa fazenda com uma coroa na cabeça quando você pode comprar todo o presunto que quiser no mercado?

– Vocês baniram completamente a ambição?

– Somos ambiciosos até os ossos, Jean. Nosso treinamento não dá espaço para os humildes *respirarem*. Mas a maioria de nós acha extremamente ridículo que o auge de toda a ambição dos sem-dom seja colocar coroas e mantos em si mesmos.

– A maioria? – perguntou Locke.

– A maioria. Eu mencionei que tivemos um cisma no correr dos anos. Talvez não fiquem surpresos em saber que isso tem a ver com *vocês*. – Ela dobrou dois dedos da mão esquerda, apontando-os para Locke e Jean. – Os sem-dom. O que fazer com vocês. Ficarmos isolados ou colocar o mundo de joelhos? A nobreza não seria mais questão de patentes e linhagens. Seria uma questão evidente de

habilidade de feitiçaria. Vocês seriam escravizados sem restrição, sob um poder que jamais poderiam possuir, nem com todo o tempo, dinheiro ou estudos no mundo. Você *gostaria* de viver num império assim?

– Claro que não – respondeu Locke.

– Bom, nem eu tenho vontade de construí-lo. Nossas artes nos deram uma independência perfeita. Nossa riqueza tornou luxuosa essa liberdade. *A maioria* de nós reconhece isso.

– Você continua falando “a maioria”.

– *Existem* excepcionalistas em nossas fileiras. Magos que veem a espécie de vocês como criaturas abjetas à disposição. Eles sempre foram minoria, contidos firmemente por aqueles de nós que têm uma filosofia mais conservadora e prática, mas nunca foram tão poucos a ponto de ser desconsiderados. Essas são as duas facções de que falei antes. Os excepcionalistas tendem a ser jovens, talentosos e agressivos. Meu filho era popular entre eles antes de você atravessar seu caminho em Camorr.

– Fantástico. Então aqueles escrotos que foram nos visitar em Tal Verrar, com a *sua* tolerância, nem precisam deixar os confortos do lar para cair de novo em cima de nós! Brilhante.

– Eu dei a eles uma válvula de escape para a frustração. Se eu tivesse ordenado a segurança absoluta para vocês, eles teriam me desobedecido e assassinado os dois. Depois disso, eu não teria resposta para a insubordinação deles a não ser com uma guerra civil. A paz da minha sociedade se equilibra, em todos os tempos, em pontos assim. Vocês dois são apenas a farpa mais recente embaixo da unha de todo mundo.

– O que seus amigos insubordinados vão fazer quando chegarmos a Kartane? Vão nos abraçar, pagar uma cerveja, dar tapinhas na nossa cabeça? – perguntou Jean.

– Eles não vão incomodá-los. Agora vocês fazem parte do Jogo dos Cinco Anos, estão protegidos pelas regras. Se lhes fizerem mal,

vão atrair uma reação dura. No entanto, se os agentes escolhidos pelo outro lado superarem vocês, eles roubarão uma quantidade *significativa* de prestígio da minha facção. Eles precisam que vocês sejam peças do tabuleiro, tanto quanto eu.

– E se nós ganharmos? – quis saber Jean. – O que eles farão depois?

– Se vocês ganharem, podem naturalmente esperar a minha boa vontade e a dos meus amigos e se abrigar sob ela.

– Então estamos trabalhando para o lado gentil e moral de sua pequena guilda, é isso que devemos entender? – indagou Locke.

– Gentil? Não seja ridículo – retrucou Paciência. – Mas você é um tolo se não consegue acreditar que passamos bastante tempo refletindo sobre as questões morais de nossa posição única. O fato de estarem aqui, vivos e com saúde, testemunha essa reflexão.

– E, no entanto, vocês aceitam contratos para derrubar reinos e matar pessoas.

– Aceitamos. Os seres humanos são afligidos por memória curta. Precisam ser lembrados de que têm motivos válidos para sentir admiração por nós. É por isso que, depois de uma consideração muito cuidadosa, ainda permitimos que os magos aceitem contratos negros.

– Defina “consideração muito cuidadosa” – pediu Locke.

– Qualquer pedido de contrato implicando morte ou sequestro é examinado. O trabalho negro precisa ser autorizado pela maioria dos meus pares. Mesmo depois disso, precisa haver pelo menos um mago disposto a aceitar a tarefa.

Paciência pôs a mão esquerda em concha e uma luz prateada chamejou atrás de seus dedos.

– Homens curiosos, eu lhes ofereço a resposta para praticamente tudo, segredos pelos quais milhares de pessoas morreram na tentativa de descobrir, e vocês querem saber como pagamos nossas contas.

– Não terminamos de pegar no seu pé – reagiu Locke. – O que você está fazendo?

– Lembrando. – A luz prateada sumiu e uma haste fina de aço de sonho apareceu, aninhada entre o indicador e o dedo médio. – Vocês são bastante ousados em suas perguntas. São suficientemente ousados para uma resposta direta?

– Qual é a proposta? – perguntou Locke, mordiscando distraidamente uma bolacha.

– Andar nas minhas memórias. Ver através dos meus olhos. Vou mostrar uma coisa relevante se vocês tiverem força para lidar com ela.

Locke engoliu rapidamente.

– Isso vai ser tão divertido quanto o último ritual?

– A magia não é para os medrosos. Não vou oferecer de novo.

– O que eu faço?

– Incline-se para a frente.

Locke obedeceu e Paciência estendeu a agulha de prata na direção do rosto dele. Ela se estreitou, retorceu-se e se lançou pelo ar, direto no olho esquerdo de Locke.

Ele ofegou. As bolachas caíram de sua mão enquanto o aço de sonho se espalhava numa poça pelo seu olho, transformando-o num espelho ondulante. Um instante depois, gotas de prata apareceram no olho direito, adensando-se e se espalhando.

– Que droga é essa? – Jean estava dividido entre a ânsia de empurrar Paciência e a seriedade do aviso anterior dela, para não interferir em sua feitiçaria.

– Jean... espere... – sussurrou Locke, e ficou imóvel, hipnotizado, preso à mão de Paciência por um fio de prata, os olhos brilhando.

O transe durou uns quinze segundos e, então, o aço de sonho se recolheu. Locke oscilou e se agarrou à amurada, piscando furiosamente.

– Pelos santos infernos. Que sensação!

– O que aconteceu? – perguntou Jean.

– Ela estava... Não sei exatamente. Mas acho que você vai querer ver isso.

Paciência virou-se para Jean, estendendo a mão com a agulha de prata. Jean se inclinou à frente e se controlou para não se encolher quando a fina ponta veio em sua direção. Ela roçou seu olho aberto como um sopro de ar frio e o mundo ao redor mudou.

4

PASSOS ECOANDO EM MÁRMORE. Leve murmúrio de conversa numa língua desconhecida. Não, não é um murmúrio. Não é um som. Um leve pinicar de pensamentos vindos de uma dúzia de estranhos, roçando contra uma percepção que Jean não soubera antes que possuía. Um adejar como asas de mariposas contra a parte frontal de sua mente. A sensação é assustadora. Ele tenta interromper tudo aquilo, fica espantado ao descobrir que a massa vaporosa de seu corpo recusa as ordens.

Ah, mas estas não são suas memórias. A voz de Paciência, dentro da cabeça dele. Você é um passageiro. Tente relaxar e logo vai ficar mais fácil.

– Não peso nada – diz Jean.

As palavras saem de seus lábios como a mais débil semiexalação de um homem que tem pedras mortas no lugar dos pulmões. Espremê-las para fora exige todo o seu esforço.

É o meu corpo que você está usando. Estou deixando algumas coisas nebulosas para sua paz de espírito. Você está aqui para estudar cultura, e não anatomia.

Luz quente em seu rosto, vinda de cima. Seus pensamentos estão boiando, sustentados por uma sensação de poder, uma nuvem de sussurros fantasmagóricos que ele não consegue captar de modo significativo. Jean viaja em cima disso como um barco balouçando

num oceano profundo.

Minha mente. Minhas memórias mais profundas, que são bastante irrelevantes, obrigada. Concentre-se. Vou deixar que você conheça meus pensamentos mais fortes e mais deliberados dos momentos que estou revelando.

Jean tenta relaxar, tenta se abrir à experiência, e as impressões vêm de roldão, fragmento a fragmento, cada vez mais rápidas. Ele fica pasmo com um desorientador amontoado de informações – nomes, lugares, descrições e, trançados em tudo isso, os pensamentos e chancelas de muitos outros magos:

Isas Escolástica

Ilha dos Eruditos

“Arquidama, não é do seu feitio nos manter esperando”

(cidadela privada dos magos de Kartane)

“é porque”

... sentimento de irritação resignada...

“Falcoeiro”

(maldita pergunta óbvia e inevitável)

... som de passos em mármore liso...

“pode muito bem entender”

A presença dele não tem nada a ver com a minha demora.

“sentiria a mesma coisa no seu lugar”

Como se eu fosse me abster dos meus deveres por causa dele...

(deuses do céu, será que eu ganhei cinco anéis por ser humilde?)

Há uma porta de madeira simples diante de Jean, a porta para a Câmara do Céu, a sede do que seria o governo entre os magos de Kartane. Ela não vai se abrir pelo toque. Qualquer um que tente virar a maçaneta ficará perplexo com o fracasso, apesar de ela estar totalmente visível. Jean sente uma excitação de poder enquanto ele/Paciência envia sua chancela contra a porta. Com essa carícia

invisível, ela se abre.

“desculpe, não pretendia ofender”

... o ar quente da Câmara do Céu, já apinhada de...

Não vou colocar meu próprio filho contra a parede!

“não precisa se irritar, eu estava apenas”

... ali está ele sentado, esperando.

(observando, observando, como seu maldito pássaro)

A Câmara do Céu é uma abóbada de ilusão que deixaria os artífices de Tal Verrar mortos de inveja, o primeiro objeto de feitiçaria autêntica autossuficiente que Jean já viu. A sala é circular, com 50 metros de diâmetro, e Jean sabe, com base na penumbra de conhecimento de Paciência, que o teto está, na verdade, 6 metros embaixo do chão. Mesmo assim, na grande vastidão de vidro daquela cúpula, há uma imitação de céu, como uma pintura trazida à vida, perfeita em cada detalhe: um início de tarde magnífico, o sol escondido atrás de nuvens, que ganham uma aura dourada.

Os magos aguardam Paciência em cadeiras de espaldar alto postas em uma espécie de arquibancada, como o Congresso dos Lordes no antigo império – um congresso que foi banido muito tempo atrás pelos homens e mulheres que os imitam. Eles usam mantos idênticos, com capuzes, de um vermelho suavemente escuro, cor de rosas sombreadas. Essas são suas vestes cerimoniais. Mantos cinzentos ou marrons poderiam ser mais neutros, mais repousantes, porém os precursores da ordem não *queriam* que seus herdeiros ficassem muito relaxados em suas deliberações.

Um homem está sentado na primeira fileira, bem na frente de Jean/Paciência, que ainda se encontra diante da porta. Empoleirado num braço coberto pelo manto, imóvel como uma estátua, está um falcão que Jean reconhece instantaneamente. Ele já olhou direto nos olhos frios e mortais da ave, assim como nos do dono.

(observando, observando, como seu maldito pássaro)

Um bombardeio de perguntas, cumprimentos e chancelas vem como uma onda estourando, então se esvai. A ordem é invocada e um silêncio relativo baixa, um alívio para Jean. E depois:

Mãe.

O cumprimento vem um instante tarde demais para ser educado. É cortante e claro como só podem ser os pensamentos de um parente consanguíneo. Atrás dele, vem uma entonação emocional, artisticamente discreta – o céu amplo e brilhante, uma sensação de elevação, de vento contra o rosto. A liberdade absoluta do voo alto.

A chancela do Falcoeiro.

Orador, responde ela/Jean.

Precisamos ser tão prisioneiros da formalidade, mãe?

Esta é uma ocasião formal.

Com certeza estamos sozinhos em nossos pensamentos.

Você e eu jamais estamos sozinhos.

No entanto, nunca estamos juntos. Como é que podemos dizer exatamente a mesma coisa com essas declarações?

Não banque o esperto comigo, Orador. Não é hora para os seus jogos... – Este jogo é tão seu quanto meu – EU NÃO SEREI INTERROMPIDA.

Há força por trás desse último pensamento, uma pulsação de músculo mental que o mago mais jovem não pode igualar. É um modo vulgar de pontuar uma conversa, mas o Falcoeiro entende. Baixa a cabeça minimamente e Vestris, seu falcão-lacrau, faz o mesmo.

No centro da Câmara do Céu, há um poço de aço de sonho cuja superfície é um espelho perfeito, sem ondulações. Quatro cadeiras estão ao redor, três ocupadas. Os magos têm pouco apreço pelo costume dos sem-dom de colocar os de maior posto olhando os inferiores de cima para baixo. Como tantas transações são feitas em pensamento, as orientações físicas começam a perder até mesmo o

significado simbólico.

Jean/Paciência ocupa o lugar vago e estende a mente para os outros três Arquimagos. É tão fácil quanto juntar mãos de carne e osso. Os Arquidons e as Arquidamas reúnem energias, criando uma chancela unida, um ideograma que preenche o salão por um instante com a forma-pensamento de quatro nomes:

“Paciência-Prudência”

“Presciência-Temperança”

Os nomes não importam, são tradicionais, não tendo nada a ver com as qualidades pessoais de seus donos. A chancela fundida proclama o início dos negócios formais. A luz na câmara diminui em resposta; o céu do início da tarde é substituído por uma tigela de um violeta pré-crepúsculo com uma linha quente de ouro bronzeado no horizonte. O Arquidom Temperança, o decano dos quatro, envia:

“Retornamos à questão do contrato negro proposto por Luciano Anatolius, de Camorr.”

Há uma torção, um puxão nas percepções de Jean. Paciência ajusta as memórias, muda-as para um contexto que ele pode entender melhor. As vozes-pensamentos dos magos assumem a qualidade da fala.

– Continuamos divididos com relação às consequências dessa proposta, se excedem ou não as permissões de nossas Injunções básicas: primeiro, a questão do dano a si mesmo; segundo, a questão do detrimento comum.

Temperança é um homem magro, de 70 anos, a pele marrom com textura de casca de árvore golpeada pelo vento. O cabelo é grisalho e os olhos nublados são ágatas leitosas em órbitas fundas e escuras. Mas sua mente permanece vigorosa; ele tem cinco anéis desde a metade de sua vida.

– Com todo o respeito, Arquidom, eu pediria que a assembleia também considerasse a questão da moralidade mais elevada – fala uma mulher pálida, na primeira fileira.

Ela não tem o braço direito e uma dobra do manto pende presa por um alfinete no ombro, como uma capa. A mulher se levanta e, com a mão esquerda, puxa o capuz para trás, revelando cabelos louros e finos trançados embaixo de um gorro de renda prateada. Esse gesto é privilégio de um Orador, anunciando a intenção de tomar a palavra e tentar influenciar a discussão atual.

Jean conhece essa mulher por meio dos sussurros sutis de Paciência: *Navegadora*, três anéis, nascida num navio mercante vadrã e trazida a Kartane na infância. Sua obsessão pessoal é o estudo do mar e ela se identifica intimamente com os aliados de Paciência.

– Oradora – diz Jean/Paciência –, você sabe perfeitamente que nenhum contrato proposto precisa ser provado contra *qualquer coisa* mais ampla do que nossas Injunções.

Paciência emite isso depressa, para criar uma impressão de neutralidade que não é totalmente honesta e para enfatizar o óbvio antes que alguém com índole mais beligerante aproveite a chance de fazer uma denúncia mais feroz.

– Claro – fala Navegadora. – Não tenho desejo de questionar a lei dada por nossos fundadores em toda a sua formidável sagacidade. Não estou sugerindo que testem o contrato proposto segundo meus termos e, sim, que temos a obrigação de nos testar.

– Oradora, a diferenciação é sem sentido.

Presciência é a mais nova dos Arquimagos, com apenas 40 anos, associada do Falcoeiro. Além disso, é a mais agressiva dos magos de cinco anéis; ela é inflexível como Vidrantigo.

– Estamos divididos em questões de lei clara e obrigatória. Por que você turva essa deliberação com filosofias nebulosas?

– O argumento não é nem um pouco nebuloso, Arquidama. Tem a ver diretamente com a primeira Injunção, a questão do dano a si mesmo. O simples escopo da matança que esse tal de Anatolius propõe arrisca uma certa redução de nós mesmos, caso

concordemos com ela. Estamos discutindo o maior banho de sangue na história dos nossos contratos negros.

– Oradora, você exagera – replica Presciência. – Anatolius foi claro com relação aos seus planos para a nobreza de Camorr. Poucos nobres, se é que algum deles, seriam mortos de fato.

– Honestamente, Arquidama, você me surpreende com sua dissimulação. Sem dúvida não somos crianças para nos iludirmos achando que alguém reduzido ao estado de um enfeite de jardim através do envenenamento com Pedra-Fantasma *não* foi assassinado, segundo qualquer avaliação prática!

O céu artificial clareia à medida que o sol espia sobre o horizonte. Independentemente da justiça do argumento da Navegadora, a assembleia aprova o modo como ela o apresenta. O teto responde à sondagem mental dos magos reunidos. O sol literalmente brilha sobre os que capturam a aprovação geral e se põe sobre os que tropeçam nos argumentos.

– Irmã Oradora – diz o Falcoeiro, levantando-se com calma e empurrando o capuz para trás. Jean sente outro arrepio ao ver suas feições familiares: o princípio de calvície, os olhos brilhantes e perigosos e o ar tranquilo de autoridade. – Você nunca escondeu que se opõe aos contratos negros por princípio geral, não é?

Jean absorve conhecimento a partir dos sussurros de Paciência. Existem cerca de meia dúzia de Oradores a qualquer momento, magos populares e expansivos, escolhidos por voto secreto. Eles não têm poder para fazer ou desfazer leis, mas têm o direito de se intrometer nas discussões da Câmara do Céu e representar indiretamente os interesses de quem os apoia.

– Irmão Orador, não tenho consciência de ter escondido coisa nenhuma.

– Bom, então, esse é todo o escopo de sua objeção? Tudo tem a ver com alta moralidade?

– Não seria suficiente? O fato de podemos ser considerados

indignos no momento de pesar nossa alma não é uma base *adequada* para a contenção?

– Essa é a sua única base?

– Não. Também apresento a questão da nossa dignidade! Como podemos não considerar isso um dano quando nos reduzimos a ser assassinos pagos para os sem-dom?

– Esse não é exatamente o credo do nosso trabalho? *Incipit veila armatos de*: “nós nos tornamos ferramentas”. Para servir ao desígnio do cliente nós nos tornamos ferramentas. Às vezes isso nos torna armas de assassinato.

– De fato, uma arma de assassinato é uma ferramenta. Mas nem todas as ferramentas são armas de assassinato.

– Quando nossos possíveis clientes querem que encontremos parentes perdidos ou invoquemos chuva, nós não aceitamos os contratos? Mas a condição do mundo é tal que eles tendem a querer nossa ajuda em questões lamentavelmente mais *sanguíneas*.

– Nós não somos obrigados a aceitar todos os contratos propostos...

– Irmã Oradora, perdão. Interrompo porque temo que estejamos prolongando esta discussão desnecessariamente. Permita-me deixar seus argumentos um pouco de lado para que possamos retornar ao corte do nosso nó anterior. Você diz que é o escopo desse contrato específico que provoca sua objeção enfática. Como sugere que nós o reduzamos a uma operação de moral mais agradável?

– Reduzamos? Todo o empreendimento é tão sanguinário e imprudente que nem consigo imaginar mitigá-lo poupando umas poucas vítimas no meio da multidão.

– Quantas teríamos que poupar para uma mitigação que a agradasse?

– Você sabe tanto quanto eu, Irmão Orador, que isso não é uma questão de simples aritmética.

– Não? Você ouviu propostas de muitos contratos negros no

correr dos anos, contratos implicando a remoção de indivíduos, gangues, até de famílias. Você poderia ter questionado por princípios, mas nunca fez qualquer tentativa de desautorizá-los.

– Um contrato para um único assassinato, ainda que seja uma coisa indigna em si, pelo menos é mais definido do que a destruição por atacado de todos os governantes de uma cidade-estado!

– Sei. Podemos concordar, então, com relação a um ponto em que o “definido” se transforma em “por atacado”? Quantas remoções pendem na balança? Quinze cadáveres é uma coisa aceitável, mas dezesseis é demais? Ou dezessete? Ou 29? Com certeza devemos ser capazes de chegar a um meio-termo. Três dígitos baixos, talvez?

– Você está reduzindo meu argumento para além do absurdo!

– Errado, Irmã Oradora. Eu levo seus argumentos muito a sério. Eles foram tratados seriamente em nossas leis e nossos costumes durante séculos! E foram tratados assim: *Incipa veila armatos de!* Nós nos tornamos ferramentas. Ferramentas não julgam!

O Falcoeiro abre os braços. Vestris bate as asas, pula para seu ombro direito e se acomoda de novo na imobilidade confortável.

– Esse foi o nosso modo de agir durante séculos, por causa de situações como esta. *Exatamente* porque não somos deuses e não somos sábios o bastante para separar os dignos dos indignos antes de agirmos em nome de nossos clientes!

Jean admira o atrevimento do Falcoeiro: apelando à humildade em defesa do argumento de que os magos devem estar livres para matar sem remorso!

– É loucura tentar – continua o Falcoeiro. – Leva ao sofisma e ao moralismo. Nossos fundadores estavam corretos ao nos deixar muito poucas Injunções pelas quais pesar as propostas que recebemos. *Vamos fazer mal a nós mesmos?* A isso podemos responder! *Vamos fazer mal ao mundo mais amplo,* a ponto de nossos interesses serem prejudicados? A isso podemos responder! Mas os homens e mulheres que podemos remover são penitentes diante dos deuses?

São bons pais? Têm temperamento doce? Dão esmolas aos mendigos? Isso nos compele a não agir? Como podemos começar a responder a essas perguntas? Nós nos tornamos ferramentas! Qualquer um que matarmos *como* ferramentas, entregamos a um julgamento infinitamente mais sábio do que o nosso. Se a remoção for um pecado, este pesa sobre o cliente que a ordenou, e não sobre quem agiu sob a amarra da obediência!

– Bem argumentado, Orador. – A Arquidama Presciência não consegue suprimir um sorriso; o sol nasceu enquanto o Falcoeiro argumentava e a câmara está tomada por um suave brilho dourado. – Convoco meus colegas Arquimagos à obrigação. Não temos tempo para digressões filosóficas. O tema de um contrato específico nos dividiu esta manhã. Ele nos divide agora. De um modo ou de outro, devemos encerrar esta divisão trabalhando firmemente dentro do contexto da *lei*.

– Concordo – diz Temperança. – Obrigação.

– Concordo com relutância – fala Prudência. – Obrigação.

Jean/Paciência sente um calor de gratidão. Prudência violou uma questão de etiqueta, expondo seu julgamento antes de Paciência, que estava em posição mais elevada, mas, ao fazer isso, confirmou o veredicto, três de quatro. Independentemente de suas ideias sobre o tema, Paciência está livre para ocultá-las e fazer uma pequena gentileza com Navegadora.

– Abstenho-me – diz Jean/Paciência.

– Obrigação – diz Presciência.

– Está aceito, então – conclui Temperança. – Qualquer outra discussão fora das Injunções está posta de lado.

Navegadora coloca seu capuz, faz uma reverência e senta-se. A assembleia volta ao impasse anterior. Prudência se recusou a sancionar o contrato proposto, enquanto Presciência o endossou. Temperança e Paciência ainda não expressaram suas opiniões.

– Tem algo mais para nós, Orador? – pergunta Temperança ao

Falcoeiro, que permanece de pé.

– Tenho. Se é que não estou abusando da *paciência* de vocês ao continuar.

Jean fica pasmo com a ambiguidade do que ele diz. É possível fazer trocadilhos na fala-pensamento? Seria esse o objetivo do Falcoeiro? Ou seria Paciência, traduzindo, enfatizando nuances que seu filho não pretendeu? Qualquer que seja a verdade, nenhum dos Arquimagos reage.

– Não sinto um apreço particular pelo povo de Camorr. Nem sinto qualquer aversão particular por eles – continua o Falcoeiro. – O contrato proposto é drástico, sim. Exigirá habilidade e discrição, e a remoção de muitas pessoas. Terá consequências, mas eu argumentaria que nenhuma delas é relevante para nós. Vejamos a primeira Injunção, a questão do dano contra nós mesmos. Temos alguma ligação particular com os atuais governantes camorris? Não. Temos alguma propriedade ou investimento na cidade que não podemos proteger? Não! Atraímos problemas para Kartane ao causar uma revolta a 5 mil quilômetros daqui? Por favor... como se nossa presença aqui não pudesse proteger os interesses kartanis, mesmo se Camorr estivesse a 5 quilômetros de distância!

– Você fala em investimentos – diz o Arquidom Prudência, um homem extremamente afável, mais ou menos da idade de Paciência, forte aliado dela. – Anatolius lança uma rede ampla com essa trama. Qualquer festa em Pontacorvo atrairá a presença dos endinheirados da cidade, inclusive o próprio Meraggio. Nós *temos* contas na casa dele, e em outras.

– Eu os pesquisei – garantiu o Falcoeiro. – Mas essas pessoas administram casas de contabilidade ou sindicatos comerciais pessoalmente? Qualquer uma delas terá parentes, conselheiros, assessores. Herdeiros competentes e ambiciosos. O dinheiro nos cofres não irá a lugar algum. As cartas de crédito não vão sumir. As organizações continuarão operando sob novas autoridades. Pelo

menos esta é a minha conclusão. Acha que está errada, Arquidom?

– Não necessariamente.

– Nem eu – concorda Presciência. – Nossos poucos elos com Camorr estão seguros, nossas obrigações para com ela são inexistentes. Quem pode citar um único dano concreto que faríamos a nós mesmos se aceitássemos o contrato de Anatolius?

A câmara ficou em silêncio.

– Creio que podemos considerar que a primeira Injunção foi abordada – prossegue o Falcoeiro. – Vamos arejar a segunda. O contrato que Anatolius propõe... pelo qual oferece pagar um preço justo, o que significa exorbitante... é que *engendremos uma oportunidade* para ele exercer sua vingança contra a nobreza de Camorr e contra sua principal família criminosa. Agora estou apenas sendo preciso. Não estou tentando disfarçar a magnitude das intenções dele.

Ele olha ao redor antes de continuar:

– Com nossa ajuda, Anatolius provavelmente terá sucesso, e centenas dos homens e mulheres mais poderosos de Camorr serão neutralizados. Nossa irmã Navegadora está certa ao observar a tolice de evitar esse argumento. Esses homens e mulheres nunca mais terão um único pensamento significativo. Não poderão limpar a própria bunda. Seu destino será equivalente ao assassinato. Sem dúvida eu não desejaria isso para ninguém que eu conhecesse ou de quem gostasse, mas estamos aqui para considerar, como disse a Arquidama, os danos concretos causados por nossas ações, e não nossa simpatia por pessoas distantes. Devemos avaliar se a ruptura que isso infligiria poderia ser disseminada a ponto de comprometer nossos interesses e nossa liberdade de ação.

– Desculpe minha suspeita – diz Jean/Paciência – de que o Orador veio a esta assembleia bem armado com conclusões para nos ajudar nessa avaliação.

– Arquidama, eu seria um pobre advogado se ousasse falar

extemporaneamente sobre um assunto tão crucial. Eu pensei muito nesse contrato desde que ele foi proposto.

– Se ele fosse levado adiante – intervém a Arquidama Presciência –, o que aconteceria com Camorr?

– Acho impossível que *todos* os nobres camorris sejam apanhados nessa armadilha. Inevitavelmente, alguns estarão adoentados demais para comparecer; outros, desfavorecidos na corte ou viajando. Alguns também sairão cedo demais ou chegarão tarde demais. Com certeza dezenas sobreviverão. Anatolius entende isso. Mesmo assim, seu objetivo é cumprido. Camorr possui um exército com várias companhias, além de uma polícia bastante infame. No fim da noite, os sobreviventes ainda terão uma força disciplinada para manter a paz.

– É para isso que eles seriam usados, então? – O Arquidom Prudência adota um tom de falsa surpresa. – Não seria para resolver antigas pendências, certo? Os camorris são famosos por seu profundo sentimento de contenção quando se trata de ressentimentos antigos.

– Não estou tentando ser presunçoso, Arquidom, nem indevidamente otimista. Mas as nossas informações, melhores até do que as do Duque de Camorr, são de que as forças do Duque são razoavelmente leais ao trono e à própria Camorr. Claro que haverá sangue nas paredes. Portas chutadas, brigas de beco, aquele toque camorri pessoal. Mas acho provável que o exército e a polícia fiquem fora dessas questões até que os sobreviventes mais fortes restaurem uma cadeia de comando legítima.

– Você está argumentando seriamente – fala Prudência – que, passadas algumas brigas de faca no escuro, Camorr não sofreria mais instabilidades após a subtração súbita e horrível de várias centenas de nobres?

– Claro que não. Arquidom, você me faz uma injustiça retórica. Camorr vai perder muito: suas ambições atuais, em particular as

relações com outras cidades-estados, sua alta cultura. Se Anatolius obtiver o que deseja, vai apagar a maior parte dos cachorros velhos que venceram a Guerra dos Mil Dias e esmagaram a Revolta do Conde Louco. Camorr será seriamente testada. Devemos presumir que Tal Verrar irá cutucar cada ferimento visível. Mas será que Camorr desmoronará? Haverá tumultos nas ruas? Seus soldados vão largar as lanças e correr para o ermo? Pela graça dos deuses, não. E a cidade reagirá com violência? Contra quem? Anatolius pretende que todos saibam, caso seu plano tenha sucesso, que o acontecido foi um ato de vingança cometido por camorris, contra camorris. Não haverá fantasmas estrangeiros a serem caçados.

– Eles tentarão – diz Temperança, em tom pensativo. – E vão caçar Anatolius até os extremos da criação. Assassinos vão fazer fila nos portões da cidade para obter trabalho.

– Concordo – retruca o Falcoeiro. – Mas isso seria problema de Anatolius, que está ansioso por arcar com isso. Ele sabe como contatar nossos agentes caso deseje discutir o preço de evaporar.

Há um murmúrio bem-humorado na câmara. O sol subiu mais alto; o brilho dourado e quente é firme.

– Acredito que o caos provocado pelo plano de Anatolius será breve, local e facilmente contido – prossegue o Falcoeiro. – Claro, os Arquimagos é que devem determinar se fui convincente ou não. Porém, eu diria mais uma coisa: uma decisão aqui é apenas a primeira exigência para que um contrato seja posto em prática. Também é necessário um mago disposto a se tornar seu instrumento. Não sou hipócrita! Se os Arquimagos permitirem, eu seria o primeiro a requisitar a honra de assumir a tarefa.

Jean sente uma estranha emoção brotando em algum lugar sob a superfície das memórias que o transportam. Não é raiva, nem mesmo surpresa. Seria... satisfação? Expectativa? O indício de sentimento desaparece rapidamente, empurrado para trás das cortinas do palco mental de Paciência.

– Há mais argumentos a abordar contra a proposta de Anatolius, baseados na segunda Injunção? – pergunta Temperança.

Silêncio na câmara.

– Levantamos a questão. – Temperança ergue a mão esquerda, fazendo com que a manga deslize apenas o suficiente para revelar seus cinco anéis. – Esses argumentos mudaram a opinião já oferecida por meus pares?

– Ainda não posso considerar isso aceitável – afirma Prudência.

– Eu posso – fala Presciência.

– Então chegou a hora de Paciência e eu fazermos nossas declarações. – Temperança se mantém pensativo antes de continuar. – Concordo que esta é uma proposta sem precedentes. Concordo que parece singular e sinistra, e não sou inimigo de contratos negros. Mas nosso costume exige um dever para com um fato, e não impressões vagas. Não encontro motivo válido na lei para desqualificar a proposta.

Momento crítico. Temperança entregou a Paciência a decisão mais significativa de toda a assembleia. Se ela recusar, agentes dos Magos-Servidores informarão educadamente a Luciano Anatolius que sua proposta não foi considerada conveniente. Se permitir, o Falcoeiro irá a Camorr realizar uma chacina.

– Compartilho as restrições da honrada Navegadora e de nosso estimado Arquidom Prudência – diz por fim Jean/Paciência. – Além disso, compartilho o respeito do Arquidom Temperança pela rigidez de nossas Injunções. Também não tenho qualquer motivo válido para não permitir o contrato.

Jean sente um calafrio até o âmago de seu corpo vaporoso enquanto essa declaração sai dos seus lábios e dos lábios de Paciência. De todos os privilégios curiosos que já recebeu na vida, certamente esse é um dos mais medonhos: a chance de enunciar as palavras que mandaram o Falcoeiro a Camorr para trucidar a família Barsavi, provocar a morte de Calo, Galdo e Pulga e quase matar

Jean e Locke.

– A proposta está aprovada – anuncia Temperança. – Acho que não é uma justiça pequena o fato de a tarefa ser sua, Falcoeiro. Sabemos que você tem estômago para contratos negros. Agora veremos se sua sutileza está à altura do seu entusiasmo.

O Falcoeiro recebeu uma oportunidade de dois gumes: a chance de coroar seu sucesso relativamente precoce com um contrato diferente de qualquer outro ou a chance de fracassar espetacularmente se não tiver a coragem de realizá-lo.

– Esta assembleia está suspensa – diz Temperança.

A percepção de Jean muda outra vez; no meio da frase, o som da voz do Arquidom mais velho se transmuta para a sensação de pensamentos. Paciência voltou à sua perspectiva natural.

Como uma plateia de teatro sem aplausos, os magos se levantam e começam a sair da Câmara do Céu. Uma centena de discussões particulares continua, mas não há necessidade de formar conexões e agrupamentos de conversas quando estão acontecendo no rápido silêncio do pensamento.

Os outros Arquimagos se levantam para sair, mas Jean/Paciência fica, olhando o poço de aço de sonho no meio da câmara. Ele/ela pode sentir o olhar do Falcoeiro do outro lado da sala.

Devo admitir que não esperava que você permitisse, mãe.

Se você não é hipócrita, eu também não sou.

Jean/Paciência balança uma das mãos sobre a superfície do aço de sonho; correntes de calor pulsam, subindo e descendo pelos dedos fantasmagóricos. As ondulações de metal prateado dão à luz formas esguias. A escultura demora alguns instantes a ficar pronta e não é nem um pouco perfeita, mas logo Jean/Paciência transforma o aço de sonho numa caricatura do horizonte de Camorr, com as Cinco Torres erguendo-se sobre ilhas cravejadas de construções menores.

Não ter desculpa para proibir não é o mesmo que permitir.

Veja como quiser.

Adianta eu dar um conselho?

Se for mesmo um conselho, eu ficarei surpreso.

Não vá a Camorr. Além de complexo, esse contrato é perigoso.

Foi o que eu pensei. Perigoso? Não me lembro de meu nome estar na lista dos inimigos de Luciano Anatolius.

Não é perigoso só para os sem-dom. É perigoso para você.

Ah, mãe... Nem sei se seu jogo é profundo demais ou raso demais para mim. Essa é de novo sua lendária precognição? É curioso como você parece citá-la sempre que tem um motivo óbvio para me diminuir.

O Falcoeiro estende uma das mãos e as Cinco Torres afundam. Em segundos, os prédios da escultura líquida se dissolvem de volta no líquido prateado primordial. O aço de sonho estremece, depois fica de novo liso como um espelho. O Falcoeiro sorri.

Algum dia, Orador, você pode ter motivo para lamentar a intensidade de sua consideração por si mesmo.

É, bem, talvez possamos continuar a explorar seu catálogo meticuloso de meus defeitos quando eu voltar de Camorr. Até lá...

Duvido que jamais tenhamos a oportunidade. Adeus, Falcoeiro.

Adeus, mãe. Saiba que estou ansioso para rir por último quando chegar a hora.

O Falcoeiro se vira para a porta. Enquanto ele se afasta, Vestris inclina a cabeça ligeiramente, encara-a com frios olhos de caçadora e solta um breve guincho. Para o pássaro, isso é o equivalente a uma gargalhada desdenhosa.

Dois dias depois, o Falcoeiro parte em sua missão para Camorr. Quando voltar, meses terão se passado e ele não estará em condições de rir de nada.

– DEUSES DO CÉU – sussurrou Jean enquanto o convés do *Andarilho do Céu* se tornava real sob os pés outra vez. Seus olhos parecem ter sido golpeados por um vento forte. Era um alívio profundo encontrar-se de volta na forma e na massa familiares de seu corpo. – Isso foi insano.

– A primeira vez não é fácil. Você suportou bastante bem.

– Vocês fazem isso com frequência?

– Eu não chegaria ao ponto de dizer “com frequência”.

– Vocês podem passar as memórias de uns para os outros – disse Locke, balançando a cabeça. – Como um casaco velho.

– Não exatamente. A técnica exige preparação e orientação consciente. Eu não poderia lhes dar a totalidade das minha memórias. Nem ensiná-los a falar vadrã com um toque.

– *Ka spras Vadrani anhalt.*

– É, eu sei que vocês falam.

– Falcoeiro... – murmurou Jean, esfregando os olhos. – Falcoeiro! Paciência, você poderia tê-lo impedido. Você estava *inclinada* a impedi-lo!

– Estava – admitiu Paciência.

Ela olhou para o Amatel, tendo se esquecido dos restos frios do chá.

– Mas o Falcoeiro era um dos tais excepcionalistas, não é? – perguntou Locke. – Junto com a tal de Presciência. E vocês tinham um contrato, uma missão, para ir e foder com as coisas de verdade, estilo Terim Pel. Se ele tivesse conseguido... e ele de fato chegou muito, muito perto... esse não é exatamente o tipo de coisa que daria mais prestígio à facção dele?

– Sem dúvida.

– E, mesmo assim, você deixou que ele fosse.

– Pensei em me abster, até que ele anunciou a disposição de pegar o contrato. Não: a *intenção* de pegar o contrato. Então, eu percebi que ele não voltaria de Camorr em segurança.

- O que foi, você teve algum tipo de premonição?
- Mais ou menos. É um dos meus talentos.
- Paciência, eu *gostaria* de perguntar uma coisa profundamente pessoal. Não para antagonizar você. Pergunto porque seu filho ajudou a matar quatro amigos meus, e eu quero saber... eu acho...
- Quer saber por que nós não nos damos.
- É.
- Ele me odiava. – Paciência torceu as mãos. – Ainda odeia, por trás da névoa da loucura. Ele me odeia tanto quanto no momento em que nos separamos naquele dia, na Câmara do Céu.
- Por quê?
- É simples. No entanto... é difícil explicar. A primeira coisa que vocês devem entender é como escolhemos nossos nomes.
- Falcoeiro, Navegadora, Tutanofrio, etc. – falou Jean.
- É. Nós os chamamos de *nomes cinzentos*, porque eles são névoa. São insubstanciais. Cada mago opta por um nome cinzento quando seu primeiro anel é tatuado no pulso. Tutanofrio, por exemplo, escolheu o dele em memória a seus ancestrais do norte.
- O que você era antes de ser Paciência? – perguntou Jean.
- Eu me chamava *Costureira*. – Ela deu um sorriso débil. – Nem todos os nomes cinzentos são grandiosos. Bom, há outro tipo de nome. Nós o chamamos de nome vermelho, o nome que vive no sangue, o nome verdadeiro que nunca deve ser revelado.
- Como o meu – murmurou Jean.
- Exato. A segunda coisa que vocês precisam entender é que o talento mágico não tem relação com a hereditariedade. Não é transmitido de uma geração para outra. Muitas décadas de interferência lamentável na vida privada dos magos tornou isso muitíssimo claro.
- O que vocês fazem quando têm, ahn, filhos sem dom?
- Nós os tratamos com carinho e os criamos, seu imbecil. A maioria deles acaba trabalhando para nós, em Kartane e em outros

lugares. O que você achou que a gente fazia, queimava numa pira?

– Esqueça que eu perguntei.

– E as crianças que têm o dom? – indagou Locke. – De onde elas vêm, se não tiverem nascido em casa?

– Um mago treinado pode sentir um talento que não teve aprendido. Em geral, nós os pegamos bem novos. São trazidos a Kartane e criados em nossa comunidade especial. Às vezes, suas memórias originais são suprimidas, para seu próprio bem.

– Mas não o Falcoeiro. Você disse que ele era sangue do seu sangue.

– É.

– E o fato de ele ter o poder... é muito raro?

– Ele foi o quinto em quinhentos anos.

– O pai dele era mago?

– Um mestre jardineiro – respondeu Paciência baixinho. – Afogou-se no Amatel seis meses depois do nascimento do nosso filho.

– Sinto muito.

– Claro que não sente. – Paciência moveu os dedos ligeiramente e sua caneca de chá desapareceu. – Acho que eu poderia ter enlouquecido, não fosse o Falcoeiro. Ele era meu consolo. Nós ficamos ligados demais, aquele menininho e eu. Exploramos juntos os talentos dele. Mas, em última instância, os magos nascerem de magos é mais maldição do que bênção.

– Por quê? – perguntou Jean.

– Você foi Jean Tannen durante toda a vida. É como sua mãe e seu pai o chamavam quando você estava aprendendo a falar. Isso está gravado na sua alma. Seu amigo aqui também tem um nome vermelho, mas, para sua sorte enorme, tropeçou num nome cinzento para si mesmo ainda muito novo. Ele se chama de Locke Lamora, mas bem lá no fundo, quando pensa em si mesmo, pensa outra coisa.

Locke deu um sorriso débil e mordiscou uma bolacha.

– A primeira identidade que aceitamos e reconhecemos como *nós* é o que se torna o nome vermelho. Quando superamos os instintos crus da infância e descobrimos que existimos, conscientes e separados das coisas ao redor. A maioria de nós adquire nomes vermelhos a partir do que nossos pais sussurram para nós, repetidamente, até aprendermos a repeti-lo em nossos pensamentos.

– Ahn – disse Locke. Um instante depois, ele cuspiu migalhas. – Puta que o pariu, você sabe o verdadeiro nome do Falcoeiro porque o deu a ele!

– Eu tentei evitar isso – retrucou Paciência. – Ah, eu tentei. Mas estava mentindo para mim mesma. Não é possível amar um bebê e não lhe dar um nome. Se meu marido tivesse vivido, ele daria um nome secreto ao Falcoeiro. Esse era o procedimento... Outros magos poderiam ter intervindo, teriam feito isso se eu não os enganasse. Eu não estava pensando direito. Precisava desesperadamente dessa ligação particular com meu filho... e acabei lhe dando um nome.

– Ele se ressentiu de você por causa disso – falou Jean.

– O segredo mais profundo de um mago. Jamais compartilhado, nem entre professores e alunos, amigos mais íntimos, nem mesmo entre maridos e esposas. Um mago que fica sabendo do nome verdadeiro de outro mago tem poder absoluto sobre ele. Meu filho se ressentiu demais de mim desde o momento em que percebeu o poder que eu tinha sobre ele, quer eu optasse por usá-lo ou não.

– Guardiã Torto – disse Locke. – Acho que eu deveria encontrar alguma simpatia no coração pelo pobre coitado. Mas não consigo. Gostaria de verdade que você tivesse tido um filho normal.

– Acho que já falei o bastante, pelo menos por enquanto. – Paciência se afastou da amurada e deu as costas para Locke e Jean. – Descansem, vocês dois. Podemos abordar qualquer outra pergunta quando vocês acordarem.

– Eu poderia dormir por sete ou oito anos, acho – admitiu Locke.
– Mande alguém arrombar a porta no fim do mês se eu ainda não tiver saído. E, Paciência... acho... sinto muito por...

– Você é um homem curioso, mestre Lamora. Morde por reflexo, depois sua consciência morde você. Já se perguntou onde pode ter adquirido traços de caráter tão contraditórios?

– Não me arrependo de nada que eu disse, Paciência, mas ocasionalmente me lembro de tentar ser educado.

– Como você falou, não os estou levando a Kartane para serem amigos de ninguém. Muito menos meus. Vão descansar. Conversamos depois.

6

JEAN NÃO HAVIA PERCEBIDO COMO a longa noite o deixara exausto; após se acomodar em sua rede, ele desmoronou no tipo de sono que esmaga a consciência tão completamente quanto algumas centenas de tijolos derrubados sobre a cabeça.

Acordou grogue e desorientado com o cheiro de carne cozida e do ar puro do lago. Locke estava sentado diante de uma versão menor da mesa improvisada onde fora sujeitado ao ritual de limpeza, trabalhando duro em outra pequena montanha de comida do navio.

– Nnngh. – Jean rolou e ficou de pé, ouvindo as juntas rangerem e estalarem. Seus hematomas do encontro com Cortessa iriam doer por alguns dias, mas ele já tivera muitos deles antes. – Que horas são?

– A quinta hora da tarde – respondeu Locke com a boca cheia. – Devemos chegar a Kartane logo antes do alvorecer, pelo que dizem.

Jean bocejou, esfregou os olhos e avaliou a cena. Locke estava usando roupas largas e limpas, evidentemente escolhidas de um baú aberto, encostado na antepara atrás dele.

– Como se sente, Locke?

– Com uma fome do cão. – Ele limpou os lábios com as costas da mão e tomou um gole d’água. – Isso é pior do que Vel Virazzo. Aonde quer que a gente vá, parece que eu fico cada vez mais magro.

– Imaginei que você ainda estaria dormindo.

– Eu tinha vontade de fazer isso, mas meu estômago não quis aceitar. Me desculpe, mas você está parecendo um sujeito desesperadamente em busca de um café.

– Não estou sentindo cheiro de café nenhum. Imagino que você tenha bebido tudo, não?

– Ora, nem eu sou tão patife assim. Não havia café a bordo. Parece que Paciência adora um chá.

– Maldição. O chá não serve para a pessoa acordar civilizada.

– O que está borbulhando nesse seu cérebro confuso?

– Acho que estou perplexo. – Jean ocupou uma das duas cadeiras vazias junto à mesa, pegou uma faca e usou-a para colocar um pouco de presunto numa fatia de pão. – E tonto. A Dama dos Cinco Anéis levou nossa situação muito além de qualquer coisa que eu esperava.

– Foi mesmo. Você acha isso estranho pelo *seu* ponto de vista!

– E é.

Jean comeu e examinou Locke. Ele havia se lavado, se barbeado e prendido a juba crescida num rabo de cavalo curto. A remoção da barba deixava claras as marcas da convalescença. Ele estava pálido, parecendo muito mais vadrã do que terim, e as linhas nos cantos da boca estavam um pouco mais fundas, as rugas embaixo dos olhos mais pronunciadas. Algum escultor invisível estivera trabalhando nas últimas semanas, gravando as primeiras sugestões verdadeiras da idade no rosto que Jean conhecia por quase vinte anos.

– Onde, nesta bela terra dos deuses, você está colocando toda essa comida, Locke?

– Se eu soubesse, seria galeno.

Jean deu outra olhada na cabine. Uma banheira de cobre tinha sido posta perto das janelas de popa e, ao lado dela, havia uma pilha de toalhas e frascos de óleos.

– Está se perguntando sobre a banheira? – indagou Locke. – A água está limpa: eles a trocaram depois que eu terminei. Eles não esperam que mergulhemos no lago para ficarmos apresentáveis.

Houve uma batida à porta da cabine. Jean olhou de relance para Locke, que assentiu.

– Entre! – gritou Jean.

– Eu sabia que vocês estavam acordados – comentou Paciência. Ela desceu os degraus, fez um gesto casual e a porta se fechou. Em seguida, se acomodou na terceira cadeira e cruzou as mãos no colo.

– Estamos nos mostrando anfitriões adequados?

– Parece que estamos sendo bem atendidos – respondeu Jean com um bocejo –, a não ser por uma bárbara ausência de café.

– Suporte mais um dia, mestre Tannen, e você terá toda a água mal utilizada, preta e imunda que puder beber.

– O que aconteceu com a última pessoa que você contratou para fazer esse seu joguinho, Paciência? – perguntou Jean.

– Direto ao ponto, hein? – disse Locke.

– Não me importo – afirmou Paciência. – É por isso que estou aqui. Mas o que você quer dizer?

– Você faz isso a cada cinco anos – explicou Jean. – Opta por atuar através de agentes que não podem ser Magos-Servidores. Então, o que aconteceu com os últimos que você contratou? Onde estão? Podemos falar com eles?

– Ah. Você está imaginando se amarramos pesos nos tornozelos deles e os jogamos no lago quando tudo terminou.

– Algo assim.

– Em alguns casos, nós trocamos serviços. Em outros, oferecemos pagamentos. Todos os nossos antigos exemplares,

independentemente da compensação recebida, deixaram o serviço por livre vontade e em boa saúde.

– Então vocês protegem implacavelmente cada aspecto de sua privacidade durante séculos, mas, a intervalos de alguns anos, escolhem um amigo especial, respondem a qualquer pergunta que eles possam fazer, mostram a eles a porra das suas *memórias*, com o perdão do linguajar, e depois só os mandam embora ao término de tudo, com um aceno entusiasmado?

– Nenhum dos nossos exemplares anteriores jamais aleijou um Mago-Servidor, Jean. Jamais mostraram a nenhum deles o que foi mostrado a vocês. Mas não precisa se sentir lisonjeado porque ficou sabendo de algum segredo espantoso que só pode ser preservado através das medidas mais extremas. Quando tudo terminar, esperamos sigilo pelo resto da vida de vocês. E, se essa cortesia não for dada, os dois sabem que nunca teremos *qualquer* dificuldade para rastrear pelo menos um de vocês.

– Acho que isso funciona – disse Jean com azedume. – Quem ganhou a medalha na última vez que vocês fizeram isso?

– Está sendo confiada a você uma tradição vitoriosa. Apesar de duas vitórias seguidas não significarem uma dinastia, é uma boa base para esperar uma terceira. Agora vamos discutir o trabalho em Kartane, mas eu fiz uma promessa incomum para trazer vocês dois até aqui. Eu preferiria cumpri-la de uma vez por todas. Vocês têm mais alguma pergunta sobre meu povo, sobre nossas artes?

– Perguntar agora ou se calar para sempre? – perguntou Locke.

– Eu ofereci uma breve oportunidade, e não um tratado erudito.

– Por acaso, quero uma resposta de verdade para uma última coisa. Jean perguntou sobre os contratos que vocês fazem. Perguntou *por quê* e você nos deu um *por que não*. Mas acho que isso não chega ao cerne do assunto. Não consigo imaginar que vocês precisem de dinheiro depois de quatrocentos anos. Estou errado?

– Não. Em menos de uma hora, eu poderia ter acesso a quantias capazes de comprar uma cidade-estado.

– Então por que continuam sendo mercenários? Por que constroem seu mundo ao redor disso? Por que se chamam de Magos-Servidores sem pestanejar? Por que *Incipa veila armatos de*?

– Ahhh – disse Paciência. – Esse é um gole maior do que você gostaria de tomar.

– Deixe que eu avalie.

– Como quiser. Quando foi que os vadrãs começaram a atacar os litorais do norte, onde fica agora o Reino dos Tutanos?

– Que diabo *isso* tem a ver?

– Seja indulgente comigo. Quando eles vieram pela primeira vez daquela vastidão miserável, qualquer que seja a palavra que usam para ela...

– *Krystalvasen* – lembrou Jean. – A Terra de Vidro.

– Há cerca de oitocentos anos – respondeu Locke. – Pelo que me ensinaram.

– E quanto tempo faz que o povo terim chegou a este continente, vindo do outro lado do Mar de Ferro?

– Dois mil anos, talvez.

– Oitocentos anos de história vadrã. Dois mil anos para os terins. Os syrestis e a Irmandade Dourada são mais antigos ainda. Vamos lhes dar, generosamente, três mil anos. Agora... e se eu lhes dissesse que temos motivo para acreditar que algumas ruínas dos Ancestres neste continente foram construídas há mais de vinte mil anos? Talvez até trinta mil?

– Isso é extremamente louco – reagiu Locke. – Como você pode...

– Nós temos meios – interrompeu Paciência, descartando a pergunta com um aceno. – Que não são relevantes. O importante é o seguinte: segundo os registros históricos, ninguém jamais fez uma afirmação crível de que encontrou os Ancestres. O que quer que eles

fossem, sumiram *há tanto tempo* que nossos precursores não nos deixaram nenhuma história sobre algum encontro com eles em carne e osso. Quando nós ocupamos suas cidades vazias, só os deuses poderiam saber por quanto tempo estavam desertas. Agora, um olhar para elas já nos diz que os Ancestres eram mestres de uma feitiçaria que faz a nossa parecer truques de cartas de um idiota. Construíram milagres para durar centenas de séculos. Eles *pretendiam* cuidar de seu jardim aqui por muito, muito tempo.

– O que os fez irem embora?

– Quando eu era criança, costumava morrer de medo pensando nisso – revelou Jean.

– Você pode morrer de medo *agora* pensando nisso – replicou Paciência. – De fato, Locke, o que os fez ir embora? Há duas possibilidades. Ou algo os varreu da face do mundo ou os amedrontou tanto que eles abandonaram todas as suas cidades e seus tesouros na pressa de partir.

– Deixar o *mundo*? – perguntou Locke. – Para onde eles iriam?

– Não fazemos a mínima ideia. Mas, independentemente de como suas cidades maravilhosas foram esvaziadas antes de nossa ocupação, isso ocorreu. Algo lá fora *fez* isso acontecer. Supomos que essa *alguma coisa* pode retornar.

– Agh! – fez Locke, pondo a cabeça nas mãos. – Paciência, você é o otimismo em pessoa, sabia?

– Eu avisei que poderia não ser animador.

– Este mundo e todas as suas almas são o estado soberano dos Treze. Eles o governam, protegem, cuidam dos mecanismos da natureza. Diabos, talvez tenham sido eles que chutaram os Ancestres.

– Estranho, então, que não mencionem isso a nós explicitamente – retrucou Paciência.

– Paciência, deixe-me revelar uma coisa, por experiência pessoal. Os deuses nos dizem o que *precisamos* saber, mas, quando

começamos a perguntar sobre coisas que só *queremos* saber, é melhor esperar longas pausas na conversa.

– É inconveniente. Claro que é possível que os deuses estejam ocultando o que aconteceu com os Ancestres. Ou eles não puderam agir para impedir... ou não quiseram. Nós passamos séculos discutindo essas possibilidades. A única suposição sensata é que precisamos tomar cuidado, por nós mesmos.

– Como? – perguntou Locke.

– O uso da feitiçaria a longo prazo, de um modo grandioso e organizado, com muitos magos trabalhando juntos, deixa uma marca indelével no mundo. Pessoas e forças sensíveis à magia podem detectar esse fenômeno, assim como você pode olhar um rio e dizer para que direção ele corre, colocar a mão na água e afirmar o quanto ele é rápido e quente. As grandes obras são como faróis acesos numa noite limpa e escura. Devemos presumir que em algum lugar na escuridão existem coisas para as quais seria do nosso interesse não sinalizar. É por isso que mantemos apenas um punhado de lugares como a Câmara do Céu e preferimos não passar o tempo construindo torres de cinquenta andares feitas de vidro. Suspeitamos que os Ancestres pagaram por sua falta de sutileza. Eles se tornaram óbvios para algum poder com o qual não precisavam necessariamente cruzar caminhos.

– O meu... O ritual que você usou para se livrar do veneno...

– Ah, nem um pouco. *Foi* uma obra significativa. Qualquer mago num raio de 50 quilômetros teria sentido, mas o que estou falando exige muito mais tempo e trabalho. E é por isso que transformamos os contratos nesse foco para a nossa vida. Trabalhar em direção aos objetivos divergentes de milhares e milhares de outras pessoas no correr dos anos dissipa as consequências mágicas da concentração do nosso poder. Pensem em nós como algumas centenas de chamas minúsculas, estalando na noite. Ao se acender aleatoriamente, em momentos diversos, em diferentes direções, evitamos o perigo de

chamejar juntos numa conflagração vasta e visível.

– Dou-lhe os parabéns – congratulou Locke. – Você deu um nó na minha cabeça. Mas acho que entendo um pouco. Sua pequena guilda... se o que você está dizendo é verdade, não se juntou só para manter a paz ou alguma bobagem como essa. Esse negócio dos Ancestres assusta vocês de verdade.

– É. Os magos da corte nos últimos anos do Trono Terim estavam fora de controle. Eram círculos de ambição pura, trabalhando para solapar uns aos outros. Não ouviam a voz da razão. Os fundadores da nossa ordem levaram suas preocupações ao imperador Talatri e foram dispensados com risos. Mas nós sabíamos da verdade. Se a feitiçaria humana quiser existir, deve ser discreta e disciplinada, caso contrário nos arriscamos a ter um conhecimento em primeira mão do destino dos Ancestres.

– Desculpe meu entendimento limitado dos seus poderes – interveio Jean –, mas o que vocês fizeram em Terim Pel não foi nem um pouco discreto.

– Nem disciplinado – concordou Paciência. – É, foi exatamente o tipo de trabalho focalizado, em grande escala, que não podemos nos dar ao luxo de fazer. Mas, naquela ocasião, era um risco necessário. A sede imperial, sua infraestrutura, seus arquivos... todos os adereços hereditários do poder *tinham que* ser obliterados. Sem Terim Pel, o caminho fácil para a legitimidade de qualquer pretensão restaurador do império foi varrido. Precisávamos dessa segurança nos nossos primeiros anos.

– Enquanto caçavam qualquer mago que não quisesse se juntar a vocês – complementou Locke.

– Sem misericórdia – concordou Paciência. – De fato não somos altruístas. Certamente podemos ser duros. Mas talvez você admita agora que nossas motivações são, ainda que não filantrópicas, pelo menos... complicadas.

Locke apenas grunhiu e tomou uma colherada de sopa.

– Satisfiz você nessa questão?

Locke assentiu e engoliu.

– Tenho medo de que, se você me contar mais alguma coisa, eu nunca mais consiga dormir num quarto escuro.

– Vamos falar dos nossos negócios em Kartane? – pediu Jean, sentindo que ele e Locke estavam no clima para um assunto menos inquietante.

– O Jogo dos Cinco Anos. Vocês dois estão prontos para os detalhes?

– Meu espírito de luta voltou para casa – respondeu Locke. – Fiquei na cama durante semanas. Pode me soltar com uma lista das leis que você quer que sejam violadas.

– Tem certeza de que não quer chá, Jean? – perguntou Paciência.

– Não. Não para o desjejum. Mas eu não recusaria um vinho tinto. Dos fortes, capazes de arrancar tinta da parede. Vinho barato com areia dentro. É um bom vinho para fazer planos.

– Vou cuidar disso.

– Bom, nós trabalhamos para a sua facção – começou Locke. – Presumo que sejam você, Tutanofrio, Navegadora, todas as figuras de pensamento elevado que só chacinam pessoas quando elas são criancinhas traquinas. E os seus colegas de cinco anéis? Em que pé eles estão?

– Prudência e Temperança vão torcer por você. Presciência espera que vocês escorreguem e quebrem o pescoço, o que não é nenhuma surpresa.

– O pessoal de Presciência e do Falcoeiro, esse é o outro time? São só dois lados, sem facções rachadas, sem surpresas espreitando?

– Creio que só temos desacordos grandes em número suficiente para duas facções.

A porta se abriu e Tutanofrio entrou com uma bandeja. Pousou

uma garrafa de vinho tinto, vários copos e a caneca de Paciência, a mesma da noite anterior. Em seguida, entregou a ela dois rolos de pergaminho e se retirou tão silenciosamente quanto havia entrado.

Paciência pegou sua caneca de chá. Houve um chiado e uma nuvem de vapor se elevou. Jean serviu dois copos de vinho e pôs um diante de Locke. Tomou um gole do seu. O gosto parecia algo saído de um tonel de curtume.

– Ah, água demoníaca de lavar a bunda. Perfeito.

– Não sei se nós guardávamos isso aí para beber – observou Paciência. – Possivelmente era para repelir abordagens.

– O cheiro é adequado à tarefa – comentou Locke, acrescentando água a seu copo.

– Bom, estes serão vocês. – Paciência empurrou os rolos para Locke e Jean usando a mão livre.

Jean pegou o seu, partiu o lacre e descobriu que, na verdade, eram vários documentos bem apertados. Examinou-os e viu cartas de trânsito lashanis. Elas eram um meio razoavelmente comum de os viajantes provarem ser algo mais do que completos vagabundos.

– Para... Tavrín Callas! – exclamou, fazendo cara feia.

– Uma peça de roupa velha e confortável, imagino – falou Paciência com um sorrisinho.

Por baixo das cartas de trânsito, havia uma carta de crédito de uma casa de contabilidade Tivoli, com a quantia de 3 mil ducados kartanis. Se ele quisesse reivindicar esse dinheiro, claro, teria que aceitar sua velha identidade falsa mais uma vez.

– Anime-se, Jean – incentivou Locke. – Eu sou Sebastian Lazari, pelo que parece. Nunca ouvi falar desse sujeito.

– Desculpem se a escolha de suas identidades falsas faz parte do sabor para vocês – falou Paciência. – Precisávamos estabelecer essas contas e colocar outras coisas em movimento antes de tirarmos vocês de Lashane.

– Isso é fantástico – comentou Locke. – Não pense que não

podemos começar a trabalhar agora que meus nervos estão mais acomodados, mas espero que isto não seja a totalidade de nossa mamada na teta de ouro.

– Essas são apenas suas verbas para se estabelecer, para passarem os primeiros dias. A Tivoli vai colocá-los no controle de seu tesouro funcional. Cem mil ducados, o mesmo que a oposição. Uma boa quantia para subornos e outras necessidades, mas não tanto que vocês possam simplesmente inundar Kartane com dinheiro e vencer sem serem espertos.

– E, ahn, se guardarmos um pouquinho para depois? – perguntou Locke.

– Nós os encorajamos a gastar essa verba com a eleição, até a última moeda de cobre, pois, quando os resultados forem confirmados, qualquer sobra vai desaparecer como por magia. Está claro?

– Lamentavelmente claro.

– Como essa eleição funciona, no nível mais básico? – indagou Jean.

– Existem catorze distritos na cidade e cinco representando as propriedades rurais. Dezenove cadeiras no Konseil governante. Cada partido político apresenta um candidato para cada cadeira e designa uma linha de substitutos para o caso de o candidato principal estar metido num escândalo ou ser afastado por outro motivo. Isso costuma acontecer com uma curiosa frequência.

– Não brinca – ironizou Locke. – Quais são esses partidos?

– Dois interesses principais predominam em Kartane. Por um lado, há o partido Raízes Profundas, uma antiga aristocracia. Todos foram legalmente rebaixados de seus títulos, mas o dinheiro e as conexões continuam lá. Do outro lado, há o partido Íris Negra: artesãos, mercadores mais jovens. Dinheiro antigo versus novo, digamos.

– De quem nós vamos cuidar? – perguntou Jean.

- Vocês ficam com o Raízes Profundas.
- Como? Quero dizer, o que nós somos para essas pessoas?
- Consultores lashanis, contratados para direcionar a campanha por trás dos panos. O poder de vocês será mais ou menos absoluto.
- Quem disse a essas pessoas para nos ouvirem?
- Eles foram *ajustados*, Jean. Vão ceder a vocês com entusiasmo, pelo menos para a eleição. Nós os preparamos para a sua chegada.
- Pelos deuses.
- Não é nada que vocês não tentam fazer com o puro charme e histórias inventadas. Nós só trabalhamos mais depressa.
- Temos seis semanas, não é? – indagou Locke.
- É. – Paciência tomou um gole de chá. – O início formal das hostilidades eleitorais é a noite depois de amanhã.
- E esse Raízes Profundas... Você falou que eles venceram as últimas duas eleições?
- Ah, não.
- Você *falou* – insistiu Jean. – Falou que uma tradição vencedora estava sendo confiada a nós!
- Ah. Perdão. Eu quis dizer que a *minha* facção de magos havia apoiado o partido vencedor dos sem-dom por duas vezes seguidas. Vejam bem, é uma questão de acaso o partido que cada um dos lados pega. O Raízes Profundas tem tido muito pouco brilho nos últimos dez anos, mas durante esses anos a sorte nos deu o Íris Negra. Agora, infelizmente...
- Pelo mijo imaculado dos deuses – murmurou Locke.
- Quais são os limites para o nosso comportamento? – perguntou Jean.
- Com relação aos sem-dom, não muitos. Vocês trabalharão com pessoas ansiosas para ajudá-los a violar cada lei eleitoral já escrita, desde que não façam nada sangrento ou vulgar.
- Sem violência? – perguntou Locke.

– As brigas são uma consequência natural do entusiasmo. Todo mundo adora ouvir sobre uma boa luta de punhos. Mas não passe dos punhos. Sem armas, sem cadáveres. Vocês podem derrubar alguns kartanis e fazer quaisquer ameaças que desejarem, mas *não podem* matar ninguém. Não podem sequestrar nenhum cidadão de Kartane nem removê-los fisicamente da cidade. Essas regras são impostas por meu pessoal. Imagino que os motivos sejam óbvios.

– Certo. Vocês não estão pagando para assassinar todos o pessoal do Íris Negra e cavalgarmos em direção ao pôr do sol.

– Já a situação de vocês é mais ambígua. Vocês dois e sua contrapartida que controlará o Íris Negra devem esperar qualquer coisa, inclusive sequestro. Vigiem as costas. Com relação a vocês, só o assassinato é proibido.

– Bom, isso é animador – comentou Locke. – Quanto a essa contrapartida, o que vamos saber?

– Vocês já sabem um bocado.

– Como assim?

– É uma notícia desconfortável, mas ficamos sabendo que pelo menos uma pessoa nas fileiras da minha facção está passando informações para a Arquidama Presciência.

– Bom, é um tremendo descuido da parte de vocês!

– Estamos trabalhando nisso. De qualquer modo, Presciência e seus colegas descobriram minha intenção de contratar vocês há várias semanas. Eles colocaram em prática uma contramedida direta.

– Como assim?

– Você e Jean têm uma formação única em fraudes, disfarces e manipulação. São uma espécie rara. De fato, só resta outra pessoa no mundo com conhecimento íntimo de seus métodos e treinamentos...

Locke saltou de pé como se sua cadeira fosse uma balestra e o gatilho tivesse sido puxado. Seu copo voou, espirrando vinho com

água sobre a mesa.

– Não. Não. Você está brincando, porra. Não.

– Sim – retrucou Paciência. – Meus rivais contrataram sua velha amiga Sabeta Belacoros para ser o exemplar deles. Ela está em Kartane há vários dias, fazendo os preparativos. Aposto que ela está preparando surpresas para vocês dois enquanto conversamos.

LIVRO II

OBJETIVOS CRUZADOS

*Quando o lampejo da rosa ao pôr do sol
Oscilar para o tormento e o retorcimento,
E a rosa for um passado vermelho,
Quando o rosto que eu amo estiver partindo
E o portão para o fim se fechar com um estrondo,
E não adiantar mais chamar ou dizer "Adeus" –
Talvez então eu lhe conte
em outra ocasião.*

CARL SANDBURG, "THE GREAT HUNT"

INTERLÚDIO

Soltando fagulhas

1

ESTAVA FRESCO E ESCURO NO refúgio de Vidrantigo dos Nobres Vigaristas, e muito mais silencioso do que o usual, quando Locke acordou com a certeza de que alguém o encarava. Prendeu o fôlego por um instante, depois imitou a respiração profunda e lenta do sono. Estreitou os olhos e examinou a escuridão cinzenta do cômodo, imaginando onde estaria todo mundo.

O corredor que vinha da cozinha levava a quatro quartos ou, mais apropriadamente, quatro celas. Tinham cortinas escuras no lugar de portas. Uma pertencia a Correntes; outra, a Sabeta; a terceira, aos Sanzas; a quarta, a Jean e Locke. Jean deveria estar em sua cama encostada na parede oposta, logo depois da pequena estante de livros e rolos de pergaminho, mas daquela direção não vinha nenhum ruído.

Locke prestou atenção, esforçando-se para ouvir a respiração dele. Houve um sussurro de pele nua contra o chão e um farfalhar de roupas. Ele sentou-se com a mão esquerda estendida e encontrou outros dedos quentes entrelaçados nos seus e uma palma no meio de seu peito empurrando-o de volta para baixo.

– Shhh – fez Sabeta, deslizando para a cama.

– O qu... Cadê todo mundo?

– Saíram – sussurrou ela em seu ouvido. A respiração dela estava quente em seu rosto. – Não temos muito tempo, mas temos um pouco.

Sabeta segurou as mãos dele e guiou-as para os músculos lisos e retesados de sua barriga. Depois, deslizou-os para cima até que ele estivesse segurando seus seios – ela viera para o quarto sem túnica.

Uma coisa que os corpos dos garotos de 16 anos (essa era mais ou menos a idade de Locke) não fazem é reagir debilmente à provocação. Num instante, ele estava com uma dureza dolorida contra o tecido fino do calção e exalou numa mistura de choque e deleite. Sabeta empurrou o cobertor de lado e enfiou a mão entre as pernas dele. Locke arqueou as costas e emitiu um ruído que não era nem um pouco digno. Por sorte, Sabeta deu uma risadinha, parecendo achar aquilo cativante.

– Mmmm – sussurrou ela. – Estou me sentindo apreciada.

Sabeta pressionou para baixo com firmeza mas suavemente e começou a apertá-lo no ritmo da respiração dos dois, que ficava cada vez mais alta. Ao mesmo tempo, deslizou a outra mão dele para baixo, afastando-a do seio, descendo até a barriga, até as pernas. Ela estava usando uma tanga de linho, do tipo que podia ser tirada apenas com um puxão no lugar certo. Pressionou a mão dele entre as coxas, contra o calor intrigante que ficava logo atrás do tecido. Ele a acariciou ali e, durante alguns instantes incríveis, os dois foram apanhados completamente naquele meio compartilhamento, meio duelo, com as reações que tinham um com o outro ficando menos controladas a cada respiração áspera, e era um suspense delicioso imaginar quem explodiria primeiro.

– Você está me deixando louco – sussurrou Locke.

O calor da pele dela era tão intenso que ele imaginou que podia vê-lo como uma aura no escuro. Sabeta se inclinou adiante e sua respiração pinicou as bochechas de Locke outra vez; ele captou os perfumes do cabelo dela, de suor e de perfume, e riu de prazer.

– Por que ainda estamos usando roupas? – perguntou ela, e os dois se separaram para consertar a situação, mexendo-se desajeitadamente, lutando, rindo.

Só que agora o calor suave da pele dela estava se esvaindo e as sombras cinzentas do quarto assomavam mais profundamente ao redor dos dois e Locke chutava, o corpo todo num reflexo espasmódico, enquanto Sabeta se soltava dele como um sopro de vento.

O mais cruel dos senhorios, a realidade fria da manhã, terminou de expulsar a fantasia quente que residira por breve tempo em seu crânio. Murmurando e xingando, Locke lutou contra o cobertor embolado, sentiu a cama se inclinando para longe da parede e fracassou em todos os aspectos na tentativa de se preparar para o encontro com o chão. Existem três pontos de impacto que nenhum adolescente excitado jamais espera chocar contra uma superfície dura. Locke conseguiu bater com os três.

Sua mão direita estendida não conseguiu fazer nada útil, mas arrancou a cobertura opaca de seu globo alquímico ao lado da cama, banhando a cela numa luz dourada e suave na qual ele ofegava e se retorcia. Uma pilha de livros arrumada descuidadamente despencou no chão com um estardalhaço, depois levou junto várias pilhas semelhantes numa cascata fratricida.

– Pelos deuses abaixo – murmurou Jean, rolando para longe da luz.

Ele definitivamente estava em seu lugar e a cela dos dois era de novo a confusão atulhada da vida cotidiana, e não o palco escuro particular do sonho de Locke.

– Arrrrrrrrrrgh – fez Locke. Isso não ajudou muito, de modo que ele tentou de novo. – Arrrrrrrrrrr...

– Sabe – Jean bocejou, irritado –, você deveria queimar algumas oferendas agradecendo o fato de que não fala durante o sono.

– ... rrrrrrrgh. Que diabo você quer dizer?

– Sabeta tem ouvidos aguçados.

– Nnngh.

– Quero dizer, é extremamente óbvio que você não está sonhando com caligrafia.

Houve uma batida forte na parede do lado de fora da cela e a cortina foi puxada de lado, revelando Calo Sanza, o cabelo comprido caindo sobre os olhos, vestindo um calção.

– Bom dia, raios de sol! Que barulho foi esse?

– Alguém despencou – murmurou Jean.

– Por que tanta dificuldade em dormir numa cama como uma pessoa comum, seu cachorro espasmódico da porra?

– Vá chupar um prego, Sanza – xingou Locke, ofegando.

– Eeiijj, PESSOAL! – Calo bateu na parede enquanto gritava. – Sei que ainda temos meia hora para dormir, mas o Locke acha que todos devemos acordar agora! Achem suas caras de felicidade, Nobres Vigaristas da Porra, o dia está lindo e nós precisamos começá-lo CEDO!

– Calo, que raios deu em você?! – berrou Sabeta em algum lugar lá fora.

Locke encostou a testa no chão e gemeu. Era o auge do interminável verão calorento no Septuagésimo Oitavo Ano de Preva, Senhora da Loucura Vermelha, e tudo estava absolutamente fodido.

2

SABETA INVESTIU, APAROU A TENTATIVA de Locke de preparar uma guarda e acertou a lateral de seu joelho esquerdo com o bastão de cerejeira.

– Ai – fez ele, pulando num pé só enquanto o ardor ia diminuindo.

Locke enxugou a testa, colocou-se de novo na postura de duelista e encostou a ponta do seu bastão no de Sabeta. Estavam

usando o santuário do Templo de Perelandro como sala de treino, sob o olhar atento de Jean.

– Diamante alto, quadrado baixo – disse Jean. – Vão!

Era mais um exercício de velocidade e precisão do que técnica real de luta. Eles batiam os bastões um no outro nos padrões exigidos por Jean e, depois do contato final, estavam livres para se golpearem mutuamente, marcando pontos com toques nos braços e nas pernas.

Clac! Clac! Clac! O som dos bastões ecoava na câmara com paredes de pedra.

Clac! Clac! Clac!

Clac! Clac! Paf!

– Aai – gemeu Locke, sacudindo o pulso direito, onde um novo calombo vermelho crescia.

– Você é mais rápido do que isso, Locke. – Sabeta voltou à posição inicial. – Está distraído com alguma coisa hoje?

Sabeta usava uma túnica branca larga e calções de seda preta que iam até os joelhos, não deixando nada sobre suas pernas esguias e musculosas para a imaginação. Suas bochechas estavam vermelhas, o cabelo preso firmemente com barbante de linho. Se havia escutado alguma coisa específica sobre a balbúrdia que ele provocara para começar o dia, pelo menos não mencionara nada.

– Mais do que alguma coisa? – perguntou ela. – Alguma delas tem a ver comigo?

Isso é que era o conforto morno da incerteza.

– Você sabe que *eu estou* ligado em você – respondeu Locke, tentando parecer alegre enquanto os dois tocavam os bastões de novo.

– Ou gostaria de estar, hein?

– Quadrado médio, quadrado médio, diamante médio! – gritou Jean. – Vão!

Eles teceram seus padrões de golpes e contragolpes, batendo os

bastões um no outro até o fim da sequência, quando Sabeta derrubou a arma de Locke e deu uma pancada dolorosa em seu bíceps direito. O único comentário dela sobre essa vitória foi girar preguiçosamente o bastão enquanto Locke esfregava o braço.

– Esperem aí – falou Jean. – Vamos tentar um novo exercício. Locke, fique aí parado com as mãos dos lados do corpo. Sabeta, bata nele até cansar. Tenha certeza de se concentrar na cabeça dele, de modo que ele não sinta nada.

– Muito engraçado. – Locke assumiu a postura de novo. – Estou pronto para outra.

Não estava nem um pouco. No fim da sequência seguinte, Sabeta o acertou de novo no bíceps direito. E de novo, depois do outro padrão, com uma precisão que era obviamente deliberada.

– Sabe, na maior parte dos dias você consegue ao menos bater de volta – disse ela. – Quer desistir e admitir que foi um trabalho ruim?

– Claro que não – respondeu Locke, tentando enxugar com discrição as lágrimas que nasciam nos cantos dos olhos. – Mal comecei.

– Como quiser.

Ela se preparou de novo e Locke não pôde deixar de ver a frieza na postura. Ah, deuses. Quando Sabeta sentia que não a estavam levando a sério tinha um modo de irradiar a mesma calma gélida que Locke imaginava que passaria do carrasco para a vítima condenada. Ele sabia muito bem o que era ser objeto dessa consideração.

– Diamante alto – anunciou Jean, cauteloso, captando a mudança no humor de Sabeta. – Quadrado médio, cruz baixa. Vão.

Eles fizeram os padrões com uma velocidade furiosa, Sabeta estabelecendo o ritmo e Locke se esforçando para acompanhá-la. No instante em que o último golpe do exercício formal foi dado, Locke voou para uma posição de guarda que desviaria qualquer golpe

destinado ao seu bíceps direito que sofrera abusos demais. Mas Sabeta estava mirando um ponto logo acima do seu coração, e a pancada ardente quase o derrubou.

– Deuses do céu! – exclamou Jean, metendo-se entre os dois. – Você conhece as regras, Sabeta. Só valem pancadas nos braços e nas pernas.

– Existem regras numa briga de taverna ou de beco?

– Esta não é uma porcaria de briga de beco. É só um exercício para aumentar o vigor!

– Não parece estar funcionando para nenhum de nós dois.

– O que deu em você?

– O que deu em *você*, Jean? Vai ficar protegendo-o resto da vida?

– Ei, ei. – Locke contornou Jean e tentou ocultar uma quantidade considerável de dor por trás de um sorriso falso. – Tudo bem, Jean.

– Não está tudo bem – retrucou Jean. – Alguém está levando isso a sério demais.

– Fique de fora, Jean – disse Sabeta. – Se ele quer enfiar a mão no fogo, pode aprender a tirá-la sozinho.

– *Ele* está bem aqui, muito obrigado, e *ele* está bem – reagiu Locke. – Tudo bem, Jean. Vamos fazer outra sequência.

– Sabeta precisa se acalmar.

– Eu não estou calma? Locke pode ter uma folga quando pedir.

– Não quero ceder por enquanto – replicou Locke, com o que esperava ser uma espécie de sorriso charmoso, despreocupado. A expressão de Sabeta só ficou mais sombria. – Mas, se você está preocupada comigo, pode recuar o quanto quiser.

– Ah, não. – Sabeta não estava nem um pouco calma. – Não, não, não. Não recuo. Recue *você*! Ou vamos continuar até que você não consiga mais ficar de pé.

– Isso pode demorar um bocado. Vejamos se você tem paciência...

– Maldição, quando você vai aprender que se recusar a admitir que perdeu não é o mesmo que ganhar?

– Depende um pouco de quanto tempo a gente continue recusando, não é?

Sabeta fez uma carranca, uma expressão que feriu Locke mais profundamente do que qualquer golpe de bastão. Encarando-o, segurou o bastão com as duas mãos, partiu-o sobre o joelho e jogou os pedaços no chão.

– Desculpem, *cavalheiros*. Parece que não sou capaz de me ajustar ao espírito desse exercício.

Ela se virou e saiu. Quando havia sumido no corredor dos fundos do templo, Locke soltou um suspiro desanimado.

– Pelos deuses, que diabo está acontecendo entre nós? O que aconteceu agora?

– Ela tem um lado cruel – respondeu Jean.

– Não mais do que qualquer um de nós! – exclamou Locke, mais acaloradamente do que poderia pretender. – Bom, nós temos algumas... diferenças filosóficas, com certeza.

– Ela é perfeccionista. – Jean pegou as metades quebradas do bastão de Sabeta. – E de vez em quando você é um verdadeiro idiota.

– O que eu fiz, além de não conseguir ser um mestre duelista com bastões? – Locke massageou alguns dos doloridos lembretes que Sabeta havia deixado com sua técnica superior. – Eu não treinei com Dom Maranzalla.

– Nem ela.

– Ora, em que sentido isso me torna um idiota?

– Você não é nenhum Sanza, mas sem dúvida pode ser um tremendo pé no saco. Olha, você teria ficado parado aqui, deixando que ela o transformasse em pasta, só para estar no mesmo cômodo que ela. Eu sei. Você sabe. *Ela* sabe.

– Bom, ahn...

– Isso não é *cativante*, Locke. Você não corteja uma garota convidando-a a abusar de você do nascer ao pôr do sol.

– Sério? Isso se parece bastante com os cortejos de todas as histórias que já li...

– Estou falando de ser abusado literalmente, como ser transformado em cocô de passarinho com um porrete de madeira. Não é charmoso nem impressionante. Só faz você parecer idiota.

– Bom, ela não gosta quando eu a venço em nada. Com certeza ela não vai me respeitar se eu desistir! Então que diabo eu *posso* fazer?

– Não tenho ideia. Talvez eu veja algumas coisas com mais clareza do que você porque não estou apaixonado, mas o que fazer com vocês dois, só os deuses sabem.

– Você é um profundo poço de tranquilização.

– Vendo pelo lado bom, tenho certeza de que, neste momento, você tem um posto mais alto na estima dela do que os Sanzas.

– Doces deuses, que elogio doentio! – Locke se encostou numa parede e se espreguiçou. – Por falar nos Sanzas, você viu a cara do Correntes quando nós o acordamos hoje de manhã?

– Queria não ter visto. Ele vai quebrar aqueles dois em cima do joelho, igual ao bastão de Sabetá.

– Para onde você acha que ele foi?

– Não faço ideia. Nunca o vi sair com raiva antes mesmo de o sol nascer.

– O que está acontecendo com a gente, por todos os diabos? Esse verão inteiro foi um longo exercício de fazer tudo errado.

– Correntes murmurou comigo há algumas noites – respondeu Jean, mexendo com o bastão quebrado. – Algo sobre anos incômodos. Disse que talvez nos colocasse todos trancados juntos.

– Espero que isso não signifique mais estágios de aprendizado. Realmente não estou com clima para aprender rituais de outro templo e depois fingir que me mato.

- Não faço ideia do que significa, mas...
- Ei, vocês dois! – Galdo apareceu no corredor dos fundos, imagem cuspida e escarrada de Calo, a não ser pelo fato de ter o crânio raspado sem deixar nem mesmo uma sombra de cabelo. – Balofó e saco de pancadas! Correntes voltou, quer todo mundo na cozinha depressa. E o que você fez com Sabeta desta vez?
- Eu existo – respondeu Locke. – Em alguns dias isso basta.
- Você deveria fazer algumas amigas no Lis Dourado, meu chapa. Por que cair de cara tentando domar um cavalo quando você pode ter uma dúzia já selados?
- Então agora você gosta de trepar com cavalos – observou Jean. – Bravo, careca.
- Ria o quanto quiser, nós somos requisitados por lá. Convidados favoritos. Podemos exigir performances.
- Tenho certeza de que vocês são populares. – Jean bocejou. – Quem não gosta de ser pago por um trabalho rápido e fácil?
- Vou fazer uma oração por você na próxima vez que eu estiver com duas ao mesmo tempo. Talvez os deuses me ouçam e deixem seus bagos caírem. Mas, sério, o Correntes chegou pela entrada do rio e acho que todos nós estamos para morrer.
- Urra – disse Locke. – Quando o tempo está assim, quem quer viver?

3

ESPERANDO NA COZINHA DO REFÚGIO de vidro, Correntes não estava usando nenhum dos seus disfarces ou adereços usuais. Nem bengalas ou cajados para se apoiar, nem mantos, nem ar de benevolência marota naquele rosto escarpado e barbudo. Estava vestido para andar na cidade, bastante suado pelo esforço, e todas as rugas na testa pareciam se encontrar num vale agourento acima dos olhos escuros e ferozes. Locke ficou inquieto; raramente vira

Correntes com uma carranca assim para um inimigo ou um estranho, quanto mais para seus aprendizes.

Locke notou que todos os outros mantinham agora certa distância instintiva de Correntes. Sabeta estava sentada numa bancada, bem longe de todo mundo, de braços cruzados. Os Sanzas estavam perto um do outro, mais pelo hábito antigo do que por uma afeição atual. Suas aparências divergiam: Calo com os cachos compridos, hidratados e bem cuidados e Galdo com a cabeça raspada feito um lutador de rua. Os gêmeos não compartilhavam gracejos, nem gestos, nem conversa fiada.

– Acho que é justo começar pedindo desculpas por ter fracassado com todos vocês – disse Correntes.

– Hum... – murmurou Locke, adiantando-se. – Como você fracassou com a gente?

– Como mentor. Minha responsabilidade de não permitir que nosso lar feliz se transformasse num poço borbulhante de ressentimentos mútuos... uma coisa que aconteceu. – Correntes tossiu, como se tivesse irritado a garganta só ao colocar essas palavras para fora. – Eu achei que poderia aliviar o regime dos verões anteriores. Menos lições, menos tarefas, menos testes. Esperava que, sem restrições, vocês pudessem florescer. Em vez disso, vocês se enraizaram fundo, sem evoluir.

– Espere aí – falou Calo –, não foi uma pausa tão desagradável, foi? E nós treinamos. Jean cuidou para que continuássemos batendo uns nos outros.

– Essa não é sua principal forma de exercício hoje em dia – retrucou Correntes. – Ouvi coisas do Lis. Inválidos passam menos tempo na cama do que vocês dois. Certamente vocês passam mais tempo lá do que planejando ou treinando nosso trabalho.

– Então nós não aplicamos um golpe em ninguém durante algumas semanas. Isso equivale a uma porra de fogo dos Ancestres caindo do céu? Quem liga a mínima se a gente tira uma folga? O

que deveríamos estar fazendo, senhor, estudando mais vadrã? Mais danças? Um décimo sétimo modo de segurar facas ou garfos?

– Seu ranhento grão-duque da insolência – vociferou Correntes, falando mais alto a cada palavra. – Seu cachorrinho ignorante de orelha suja, caçador de cobres, sua barca de bosta! Você tem alguma ideia do que recebeu? De para que você trabalhou? O que você é?

– Um sujeito cansado de ouvir gritos...

– Dez anos sob meu teto – cortou Correntes, erguendo-se sobre Calo como uma montanha ambulante, cheio de indignação moral –, dez anos sob minha proteção, comendo à minha mesa, alimentado pela minha mão e minhas moedas. Eu bati em você, comi o seu rabo, coloquei você na chuva?

– Não – respondeu Calo, encolhendo-se. – Não, claro que não...

– Então você pode suportar uma maldita bronca sem abrir a matraca.

– Claro – concordou Calo, agora muito humilde. – Desculpe.

– Vocês são ladrões educados. Não importa o quanto podem achar que lucraram fingindo que não, vocês *não são comuns*. Podem se fazer de serviçais, fazendeiros, mercadores, nobres; têm postura e modos para qualquer posto. Se eu não tivesse deixado que ficassem tão insensíveis, poderiam perceber a liberdade pessoal sem precedentes que todos vocês possuem.

Locke abriu a boca, num reflexo, para dizer algo tranquilizador, porém um mero olhar de meio segundo de Correntes mais do que bastou para mantê-lo em silêncio.

– *Para que* vocês acham que é tudo isso? – perguntou Correntes.

– A que vocês acham que tudo isso servia? Para que pudessem ficar à toa e fazer algum roubo mesquinho ocasional? Beber, frequentar prostitutas e jogar dados com as outras Pessoas Certas até serem presos ou enforcados? Vocês *viram* o que acontece com gente como nós? Quantos de seus coleguinhas de olhos brilhantes viverão até os

25 anos? Se chegarem aos 30, serão umas porcarias de anciãos. Acham que eles têm dinheiro guardado? Propriedades no campo? Os ladrões podem prosperar noite a noite, mas não há nada para eles quando chegar o tempo das vacas magras, entenderam?

– Mas existem os *garristas* – interveio Galdo – e o Capa, e um monte de figurões mais velhos na Tumba Flutuante...

– De fato – interrompeu Correntes. – Capas e *garristas* não passam fome porque podem arrancar migalhas da boca dos irmãos e irmãs. E como você acha que vão ficar velhos a serviço do Capa? Vocês vigiam as portas dele com uma arma de beco, como um policial a serviço. Veem seus amigos morrendo nas sarjetas e sendo enforcados e chamados para lições de dentes porque disseram a coisa errada enquanto bebiam ou porque, na porra de uma vez, esconderam algumas moedas de prata. Vocês baixam a cabeça e calam a boca para sempre. É isso que lhes garante um pouco de cabelos grisalhos.

Ele fez uma pausa e continuou com azedume:

– Sem justiça. Sem amizade verdadeira. Promessas no escuro, só isso, válidas até a primeira vez que alguém passe fome ou precise de algumas moedas. Por que você acha que eu criei vocês duvidando da Paz Secreta? Nós, as Pessoas Certas, somos como um cachorro doente que morde as próprias entranhas. Mas vocês têm a chance de viver na confiança e na amizade verdadeiras, ser ladrões como os deuses pretendiam, como um flagelo dos ricos e vivendo fiéis a si mesmos. Prefiro me danar a deixar que vocês esqueçam o presente que cada um é para os outros.

Nenhuma observação espertinha jamais feita poderia se sustentar diante da tempestade daquele corretivo. Locke notou que não era o único com uma súbita compulsão avassaladora de olhar para o chão.

– Assim, preciso pedir desculpas pelo meu fracasso. – Correntes pegou uma carta dobrada de dentro do casaco. – Por deixar que

chegássemos a este belo estado de coisas, brigando uns com os outros e nos esquecendo de nós mesmos. É um tempo ruim para todos vocês, confusos amontoados de nervos e paixão, trancados aqui embaixo, onde podem se causar dano máximo. Certamente têm sido uma companhia desagradável para mim. Decidi que preciso de férias.

– Bom, então, para onde você vai? – perguntou Jean.

– Para onde vou? Beber, acho. Talvez vá ver o velho Maranzalla. E estou pensando em buscar um pouco de música de câmara. Mas desculpem se não fui claro. Eu quero férias de todos vocês, mas não vou sair de Camorr. Vocês cinco farão uma viagem a Epara. Arranjei trabalho lá, para mantê-los ocupados durante vários meses.

– Epara? – indagou Locke.

– É. Não é empolgante? – O cômodo ficou em silêncio. – Achei que essa seria a reação. Olhem, enfiei um alfinete na minha casaca exatamente para esse momento.

Correntes tirou um alfinete de prata de uma lapela e jogou-o no ar. Ele bateu no chão com um pequeno tilintar.

– Uma das expressões que eu sempre quis testar. Mas, sério, vocês estão fora. Todos vocês. Expulsos. Há uma caravana de carroças que parte do Portão de Cenza no Dia do Duque. Vocês têm dois dias para se juntar a ela. Depois disso, é uma semana e meia até chegar a Epara.

– Mas e se nós não quisermos ir para a maldita Epara? – questionou Calo.

– Então vão embora e não voltem a este templo. Abandonem tudo. Na verdade, saiam de Camorr. Não quero vê-los de novo, em lugar nenhum.

– O que há de tão importante em Epara? – perguntou Sabeta.

– A parceria de vocês. Já passou o tempo de ela ser testada de verdade, fora do meu alcance. Aproveitem todos os seus anos de treinamento e façam alguma coisa com eles. Usar identidades falsas

juntos, contar um com o outro e voltar vivos. Provem que não estivemos perdendo tempo aqui embaixo. Provem a mim... e provem a si mesmos.

Correntes levantou a carta dobrada.

– Vocês vão a Espara desfrutar de uma carreira no palco.

4

– ANTES DE TERMINAR MEU TEMPO como soldado – continuou Correntes – e antes de voltar a Camorr, eu cedi a vários vícios, e o pior deles não foi o de atuar. Entrei para uma companhia em Espara, administrada pelo filho da puta mais azarado e obtuso que já se arrastou para fora de um útero. Jasmer Moncraine. Eu salvei a vida dele de propósito e ele salvou a minha por acaso. Nós mantivemos contato no correr dos anos.

– Ah, pelos deuses, você está nos mandando como pagamento de uma dívida! – exclamou Sabeta.

– Não, não. Jasmer e eu estamos quites. O favor é mútuo. Eu preciso que vocês cinco estejam ocupados em outro lugar. Jasmer tem uma necessidade desesperada de atores e uma necessidade igualmente desesperada de não ter que pagar por eles.

– Então são *mesmo* circunstâncias questionáveis.

– Ah, jamais duvide. Pelas cartas que recebi, tenho a impressão de que, com mais um erro, ele será acorrentado por dívidas. Eu gostaria que vocês evitassem isso. Ele quer fazer a *República de ladrões*, de Lucarno. A história que vocês contarão é que são um bando de aspirantes a atores vindos de Camorr; mandei uma carta dizendo a ele como usar a abordagem certa. O resto fica totalmente por conta de vocês.

– Você tem uma cópia da carta para nós? – indagou Locke.

– Não.

– Bom, então o que devemos fazer sobre...

Correntes jogou um saco tilintante na direção da cabeça de Locke, que mal conseguiu pegá-lo no ar antes de ser acertado no nariz.

– Ah, olhe, um saco de dinheiro. Essa é toda a ajuda que vocês vão receber de mim, meu garoto.

– Mas... identidades falsas, arranjos de viagem...

– Problema de vocês, não meu.

– Nós não sabemos nada sobre teatro!

– Sabem sobre figurinos, maquiagem, empostação e postura. Todo o resto vocês podem aprender ao chegarem lá.

– Mas...

– Olhem, não quero passar o resto do dia interrompendo as perguntas de vocês, por isso vou me esquecer temporariamente de como fazer as palavras saírem da minha boca. Até segunda ordem, vou acalentar uma garrafa de vinho branco vadrã, geladinha, lá no Lar do Tombo. Lembrem-se da caravana. Dois dias. Vocês podem se juntar a ela ou abandonar os Nobres Vigaristas. Daqui para a frente, o seu tempo é de vocês mesmos.

Correntes saiu da cozinha num estado de extrema satisfação. Alguns instantes depois, Locke ouviu o ranger e a pancada da porta escondida do refúgio, voltada para o rio. Locke e seus colegas trocaram olhares perplexos.

– Bom, isso é que é levar um punho enfiado no rabo e tomar um banho de óleo em chamas – disse Calo.

– Há alguém aqui que prefere sair da quadrilha a ir para Espara?
– indagou Locke em voz baixa.

– É melhor que *não* haja – retrucou Galdo.

– A cabeça de bola de bilhar está certa pela primeira vez – concordou Calo. – Não é que eu esteja entusiasmado, mas quem quiser sair pode pular do telhado do templo.

– Ótimo – comentou Locke. – Então precisamos conversar. Arranjar um pouco de tinta e pergaminho.

- Contar o dinheiro – acrescentou Sabeta.
- Vou pegar um pouco de vinho – avisou Jean. – Vinho forte.

5

NÃO ESTAVAM NEM UM POUCO confortáveis juntos. Os Sanzas sentaram-se em lados opostos da mesa e Sabeta se recostou numa cadeira empurrada para longe dos outros. Mas todos pareciam entender a urgência da situação; no decorrer de duas garrafas de vinho de limão verrari, apresentaram argumentos quase sempre educados e rabiscaram uma lista de suprimentos e responsabilidades.

– Certo, então – disse Locke quando seu copo estava vazio e as páginas, cheias. – Sabeta vai tentar afanar quaisquer exemplares de *República de ladrões* das lojas e dos escribas, para que possamos dar uma olhada na estrada.

– Eu tenho algumas outras peças do Lucarno que vou levar – comentou Jean. – E algumas porcarias de Mercallor Mentezzo de que não gosto tanto, mas deveríamos estudá-las e decorar algumas falas.

– Jean e eu vamos encontrar uma carroça e fazer amizade com um mestre de caravana – afirmou Locke. Em seguida, entregou uma das suas listas a Galdo. – Os Sanzas vão arrumar as mercadorias e suprimentos comuns.

– Precisamos de identidades falsas – observou Sabeta. – Podemos aprimorar nossas histórias no caminho, mas devemos ter os nomes de jogo prontos para usar.

- Quem você quer ser? – perguntou Jean.
- Hummm. Me chamem... de Verena. Verena Gallante.
- Lucaza – disse Locke. – Vou ser Lucaza... de Barra.
- É preciso? – questionou Sabeta.
- É preciso o quê?

– Você sempre escolhe um nome falso que começa com “L” e Jean sempre pega um “J”.

– Isso simplifica as coisas – alegou Jean. – Agora, só porque você disse isso, vou ser... Jovanno. Diabos, Locke e eu podemos ser primos. Eu vou ser Jovanno de Barra.

– Os nomes falsos são divertidos – falou Calo. – Me chamem de Tapadão Paupequeno.

– Nós precisamos de identidades falsas, não de resumos biográficos – replicou Galdo.

– Ótimo, então. Me ajudem. Existe uma forma masculina de Sabeta, não existe?

– Sabazzo – respondeu Galdo, estalando os dedos.

– É, Sabazzo. Eu vou ser Sabazzo.

– Não vai porcaria nenhuma – reagiu Sabeta.

– Ei, já sei – continuou Galdo. – Eu vou ser Jean. Você pode se chamar Locke.

– Vocês dois vão cagar lascas de madeira durante um mês quando eu fizer vocês comerem esta mesa – retrucou Jean.

– Bom, se você coloca dessa forma, por que não usamos nossos segundos nomes? – sugeriu Calo. – Eu vou ser Giacomo e você pode ser Castellano.

– Pode funcionar – concordou Galdo, relutante. – Precisamos de um sobrenome.

– *Asino!* – exclamou Calo. – É “jumento” em trono terim.

– Que os deuses me deem força – murmurou Sabeta.

6

– MESTRE DE BARRA – disse Anatoly Vireska duas noites depois, olhando para cima com um sorriso que colocava à mostra cada falha nos dentes, como ameias numa muralha meio desmoronada. O mestre de caravana vadrã, magro, alto e de meia-idade, deu um

tapa amigável na carroça dos Nobres Vigaristas quando Jean fez seus quatro cavalos pararem. – E companheiros. Escolheram uma boa hora para aparecer.

– Já vi este lugar nos períodos de maior movimento.

Locke olhou para trás, para a Rua das Sete Rodas, no bairro Quedas do Moinho, que estava sob a estranha névoa multicolorida da Falsaluz, já diminuindo de intensidade. O tráfego na rua calçada de pedras era esparso, pois poucos viajantes entravam ou saíam pelo Portão de Cenza quando a escuridão ia caindo.

– Achei que poderíamos evitar o caos.

– Isso mesmo. Parem em qualquer lugar na área comum embaixo da muralha. Agora, se quiserem um abrigo um pouco melhor, há o estábulo da Andrazi na rua à direita e o do Umbolo um pouco depois, o que tem um monte de mulas. O primeiro me passa uns cobs por semana para indicar pessoas, mas eu não aceitaria o dinheiro se não achasse que o estabelecimento dela é a melhor opção, não é?

– Está devidamente anotado – respondeu Jean.

– Quer que eu envie um garoto para ajudar com seus cavalos? Eu também poderia mandar meu arrumador verificar suas bagagens.

– Tenho certeza de que estamos bem, obrigado – garantiu Locke.

– Bom saber. Mas, só para ficar claro, meus guardas não entram em serviço até colocarmos todos os nossos patinhos em fila amanhã de manhã. Já que estamos dentro da muralha, sua segurança é problema de vocês. Como vão dormir a 20 metros de um alojamento da guarda, eu não me preocuparia muito com isso.

– Nós também não vamos nos preocupar.

Jean acenou despedindo-se e convenceu os cavalos a levá-los até a sombra da muralha de Camorr. Precários painéis cobriam cerca de 100 metros de espaço comum junto à muralha, onde podiam estacionar os que não quisessem ou não pudessem pagar pelo serviço nos estábulos comerciais. Sabeta, Calo e Galdo saíram de

cima da carroça descoberta enquanto ela ia parando.

– Já fizemos 400 metros, só faltam meros 300 quilômetros – disse Locke.

O ar úmido estava carregado com os cheiros de feno velho, suor e bosta de animais. Outros viajantes acendiam lanternas, desenrolavam sacos de dormir e faziam fogueiras para cozinhar; havia pelo menos uma dúzia de carroças paradas junto à muralha. Locke se perguntou quantas iriam para Espara, como parte da caravana de Vireska.

– Vamos preparar vocês para a noite, garotos.

Jean pulou da carroça e deu um tapinha tranquilizador no flanco do cavalo mais próximo. Ele havia passado vários meses no papel de aprendiz de cocheiro dois anos antes e assumira a responsabilidade de guiar e cuidar dos animais sem reclamações. Os cavalos representavam uma parcela significativa do dinheiro dado por Correntes, mas poderiam ser revendidos em Espara para melhorar as finanças temporariamente reduzidas.

– Dê uma varrida embaixo da carroça, está bem, Giacomo? – pediu Galdo. – Não quero bosta de cavalo servindo de travesseiro.

– Varra você mesmo, *Castellano* – rebateu Calo. – Ninguém pôs você no comando.

– Cuidado – sussurrou Sabeta, segurando Calo pelo braço. – Temos dez dias de estrada pela frente. Eles precisam ser um sofrimento insuportável sem motivo?

– Eu não sou a droga do criado dele.

– Isso mesmo. – Locke se meteu entre os dois Sanzas, pensando depressa. – Ninguém é. Vamos dividir os serviços de limpeza, todos nós. Calo começa esta noite...

– Eu sou Giacomo.

– Certo, desculpe. Giacomo começa esta noite. O outro irmão faz o serviço quando pararmos amanhã. Eu pego a noite seguinte, e assim por diante. Uma rotatividade justa. Está bom assim?

– Dá para aguentar – murmurou Calo. – Não tenho medo de sujar as mãos. Só não quero que ele fique de nariz empinado.

Locke trincou os dentes. Os Sanzas tinham passado os últimos meses descartando seus antigos hábitos de sincronicidade nas ações e na aparência. Esforçavam-se para se distinguir um do outro e as diferenças no modo de se vestir eram meras exterioridades desse fenômeno. Locke jamais se incomodaria com o fato de os gêmeos terem uma fase individualista, mas o momento escolhido fora extremamente incômodo e as brigas constantes eram como lenha nova colocada numa fogueira já enorme.

– Olhem – disse Locke, percebendo que os mecanismos de companheirismo da gangue precisavam urgentemente de lubrificação –, com tantas tavernas por perto, não vejo necessidade de nenhum de nós se torturar com ensopado e chá. Vou pegar alguma coisa mais agradável para nós.

– Temos dinheiro para esse luxo? – perguntou Sabeta.

– Talvez eu tenha cortado uma ou duas bolsas quando saí hoje cedo. Só em nome da... é... da flexibilidade financeira. – Locke arrastou os pés e pigarreou. – Quer ir comigo?

– Você precisa de mim?

– Bom... eu gostaria.

– Hummm.

Sabeta o encarou por alguns segundos e Locke experimentou uma sensação curiosa, como se seu coração afundasse vários centímetros no peito. Então, ela deu de ombros.

– Tudo bem.

Deixaram Jean com os cavalos, Galdo vigiando os suprimentos e Calo limpando escrupulosamente o chão embaixo da carroça. Havia uma taverna bem iluminada no fim da rua junto à muralha, logo depois do estábulo da Andrazi; em um consenso mútuo e silencioso, eles se dirigiram até ela, em meio à crescente escuridão. Locke lançou um olhar para Sabeta enquanto andavam.

O cabelo preso dela estava enfiado sob um gorro de linho justo e todas as roupas eram compridas e largas, disfarçando as curvas. Era o tipo de vestimenta que uma jovem prudente, tranquila e discreta escolheria para viajar, logo não combinava nem um pouco com Sabeta. Mesmo assim, aquilo lhe caía melhor do que na maioria das pessoas, aos olhos de Locke.

– Eu estava... é... querendo falar com você – começou ele.

– Isso é fácil. Abra a boca e deixe as palavras saírem.

– Eu... Olhe, será que você pode... será que você pode, por favor, não ser tão superficial comigo?

– Estamos pedindo milagres agora, é? – Sabeta olhou para baixo e chutou uma pedra para fora do caminho. – Olhe, desculpe. Pensar em dez dias juntos na estrada... E com os irmãos sendo... Você sabe. Essa coisa toda faz com que eu me sinta como um porco-espinho, enrolado e com os espinhos para fora. Não consigo evitar.

– Ah, um porco-espinho é a *última* coisa com a qual eu compararia você – replicou Locke, rindo.

– Interessante, eu menciono meus sentimentos e você parece achar que estou querendo um apoio com relação às suas percepções.

– Mas... – Locke sentiu outro nó no peito. As conversas com Sabeta sempre pareciam chamar sua atenção para mistérios internos defeituosos que anteriormente ele não soubera que possuía. – Ah, qual é, você precisa *dissecar* tudo o que eu digo, espetar com um alfinete como um anatomista e perscrutar?

– Primeiro, eu sou superficial, agora estou sendo detalhista demais. Sem dúvida você deveria estar feliz por suas falas receberem uma atenção tão grande.

– Você sabe... – Locke sentiu as mãos trêmulas só de pensar no que iria colocar às claras – ... você *sabe* que, quando estou perto de você, acho muito fácil trocar os pés pelas mãos. Às vezes os dois pés e as duas mãos. E você percebe isso.

- Mmmmm.
- Mais do que percebe. Você se aproveita.
- Eu me aproveito. – Ela o olhou estranhamente. – Você gosta de mim.
- Isso... – disse Locke, sentindo-se atordoado. – Não... na verdade... não é assim que eu diria...
- Não soa tão grandioso em voz alta como soa aqui dentro? – Ela bateu na própria testa.
- Sabeta, eu... eu valorizo sua opinião favorável mais do que tudo no mundo. Não tê-la me mata. Me mata não saber se eu tenho. Nós moramos juntos durante todos esses anos e ainda há uma névoa entre nós. Não sei o que a colocou aí, mas eu me jogaria embaixo de uma carroça para dissipá-la, acredite.
- Por que você presume que é alguma coisa que *you* fez, uma coisa que você possa desfazer quando quiser? Eu não sou um problema de aritmética só esperando que você mostre o seu trabalho, Locke. Você já parou para pensar que eu posso... pelos deuses, agora você está me fazendo tropeçar... que eu posso estar colaborando para essa... para a nossa falta de jeito?
- Colaborando?
- É, como se eu tivesse motivos próprios, de sangue quente, já que não sou uma pintura a óleo nem outro objeto decorativo de desejo...
- Você gosta de mim? – perguntou Locke, chocado consigo mesmo por fazer a pergunta. Era um convite para ter seu coração exposto e esmagado numa bigorna, e havia mil coisas que ela poderia dizer que fariam o serviço da marreta. – Um pouco? Alguma vez eu a agrado com minha companhia? Sou pelo menos preferível a uma sala vazia?
- Há ocasiões em que a sala vazia é uma tremenda tentação.
- Mas...
- Claro que eu *gosto* de você – respondeu ela, levantando as

mãos como se fosse tocá-lo com um gesto tranquilizador, mas não chegou a completar o movimento. – Você consegue ser inteligente, empreendedor, charmoso, se bem que raramente as três coisas ao mesmo tempo. E... às vezes eu admiro você, se é que ouvir isso ajuda.

– Ouvir isso significa tudo – assegurou ele, sentindo o aperto no peito se transformar num calor esperançoso. – Vale mil constrangimentos. Porque... porque eu sinto a mesma coisa. Por você.

– Você não sente a mesma coisa por mim.

– Ah, sinto. Sem ressalvas, inclusive.

– Isso é...

– Ei, você aí!

Um porrete polido baixou sobre o ombro de Locke, uma pancada fraca, mas impossível de ignorar. Atrás dele, um homem atarracado com o arnês de couro e a casaca amarelo-mostarda da guarda cidadina estava acompanhado por um colega mais novo que carregava uma lanterna na ponta de uma vara.

– Você está no meio de uma rua – avisou o casaca-amarela grandalhão –, e não numa maldita sala. Saia daí.

– Ah, claro, senhor – disse Locke, numa das suas melhores vozes de cidadão respeitável (como o policial não estava agitado, não era necessário que Locke usasse a melhor de todas).

Ele e Sabeta saíram do meio da rua para as sombras junto à muralha, onde vaga-lumes riscavam pálidos arcos verdes contra a escuridão.

– Ninguém pensa em ninguém sem *ressalvas* – disse Sabeta. – Eu adoro o Correntes e, mesmo assim, ele e eu já... desapontamos um ao outro. Sempre vou gostar dos Sanzas, mas, neste momento, gostaria que eles ficassem longe durante um ano. E você...

– Eu frustrei você, sei disso.

– E eu retribuí o favor. – Ela o tocou no braço esquerdo com

delicadeza e Locke precisou de todo o autocontrole para não dar um pulo. – Ninguém admira ninguém incondicionalmente. Se for assim, está atrás de uma imagem, e não de uma pessoa.

– Bom, nesse caso eu tenho muitos ressentimentos, reservas e suspeitas com relação a você. Isso a agrada mais?

– Você está tentando ser charmoso de novo – replicou ela baixinho –, mas eu opto por não cair no charme, Locke Lamora. Pelo menos agora do jeito como as coisas estão.

– Eu posso consertar o que fiz para frustrar você?

– Isso é... complicado.

– Gosto de pensar que sou capaz de captar dicas, como qualquer pessoa. Por que não joga algumas na minha cabeça?

– Acho que vamos ter muito tempo para matar, daqui até Espara.

– Podemos... conversar de novo amanhã à noite? Quando pararmos?

– O cavalheiro requisita o favor de um encontro pessoal amanhã à noite?

– Se agradar à dama, antes da dança e do vinho gelado, imediatamente após a grande varredura embaixo da carroça para tirar bostas de cavalo.

– Posso consentir.

– Então vale a pena viver.

– Não seja estúpido – retrucou ela. – Nós deveríamos ir logo à taverna e voltar antes que os Sanzas tentem ir pela última vez até o Lis Dourado.

Saíram da taverna com frango cozido frio, azeitonas, pão preto e dois odres de vinho amarelo com um sabor entre terebintina e mijo de vespa. Apesar de simples, a refeição foi uma indulgência ducal em comparação com a carne-seca e o biscoito duro que esperava nos caixotes dentro da carroça. Comeram em silêncio, distraídos pela visão das Cinco Torres brilhando na noite que chegava e por insetos famintos.

Jean se ofereceu para fazer o primeiro turno de vigia – nenhum camorri, ainda mais algum que tivesse saído do Morro das Sombras, confiaria na Providência, nem mesmo estando praticamente à sombra de um alojamento da guarda da cidade. Depois de reconhecer esse nobre sacrifício, os outros quatro se enrolaram para dormir embaixo da carroça, suados e assolados por mosquitos.

Ocorreu a Locke que, tecnicamente, aquela era a primeira vez que ele e Sabeta dormiam juntos, ainda que estivessem separados por nada menos que os gêmeos Sanzas.

– Nós engatinhamos antes de andar – disse, suspirando consigo mesmo. – Andamos antes de correr.

– Ei – sussurrou Galdo, que estava enrolado às suas costas. – Você não peida quando dorme, peida?

– Como você conseguiria detectar um peido acima do seu odor natural, Sanza?

– Tenha vergonha na cara! – disse Galdo. – Não existe nenhum Sanza aqui, lembra? Eu sou um Asino.

– Ah, é – respondeu Locke com um bocejo. – Sem dúvida que é.

CAPÍTULO CINCO

O Jogo dos Cinco Anos: Posição inicial

1

- SABETA ESTÁ EM KARTANE – disse Locke.
 - Ela não poderia fazer o serviço se estivesse em outro lugar – retrucou Paciência.
 - Sabeta. A minha Sabeta...
 - Fico pasma com uma declaração de posse tão confiante.
 - A *nossa* Sabeta, então. A Sabeta. Como vocês sabem tanto sobre minha vida? Como a encontraram?
 - Não fui eu. Nem sei como isso foi feito. Só sei que as instruções e os recursos dela serão equivalentes aos de vocês.
 - Só que ela começou antes – falou Jean, ajudando Locke a sentar-se de novo em sua cadeira.
- A expressão de Locke era a de um lutador que tinha acabado de receber um tremendo soco no queixo.
 - E ela está trabalhando sozinha – argumentou Paciência. – Já vocês dois têm um ao outro. Assim, podemos esperar que a vantagem dela seja puramente temporária. Ou ela é tão feroz a ponto de fazer vocês dois tremerem?
 - Não estou tremendo – disse Locke baixinho. – É só...

inesperado demais.

– Você sempre esperou um reencontro, não foi?

– Nos meus termos. Ela sabe que vai estar contra nós? Ela sabia antes de pegar o trabalho?

– Sabia.

– Seus opositores... não fizeram nada contra ela?

– Pelo que sei, ela não precisou de nenhuma chantagem.

– É difícil aceitar isso. Os Nobres Vigaristas... bem, nós treinamos uns contra os outros e discutimos, obviamente, mas nunca, ah, nunca nos opusemos um ao outro, pelo menos de verdade.

– Já que ela se afastou da companhia de vocês há tanto tempo, como podem acreditar que ela ainda se considera parte da gangue?

– *Obrigado*, Paciência – resmungou Jean. – Você tem mais alguma coisa para nós? Se não tiver, acho que precisamos...

– É, tenho certeza de que precisam. A cabine é de vocês.

Ela saiu. Locke pôs a cabeça nas mãos e suspirou.

– Não espero que a vida faça sentido – disse depois de alguns instantes –, mas sem dúvida seria mais agradável se ela parasse de ficar chutando nosso saco.

– Você não quer vê-la de novo?

– Claro que quero! Eu *sempre* quis encontrá-la. Queria fazer isso em Camorr; queria fazer isso depois que aplicamos um grande golpe em Tal Verrar. Só... Você sabe que tudo acabou. Ela não vai ficar impressionada.

– Talvez ela *queira* ver você. Talvez ela tenha adorado a chance quando os Magos-Servidores a procuraram. Talvez ela já tivesse tentado nos achar.

– Deuses, e se ela tentou? Imagino o que ela pensou da confusão que deixamos para trás em Camorr. Simplesmente não consigo acreditar... Trabalhar contra ela! Que *escrotos*!

– Ei, nós só devemos fraudar uma eleição. Ninguém vai machucá-la, muito menos nós.

– Espero que sim. – Locke se animou. – Espero... Maldição, não faço ideia do que esperar.

Ele passou alguns minutos mordiscando a comida num atordoamento nervoso, enquanto Jean bebericava seu vinho ruim e quente.

– De uma coisa eu sei – disse Locke por fim. – No lado dos negócios, nós já estamos na merda.

– Enfiados até os cotovelos – concordou Jean.

– Se tivesse opção, eu não gostaria de dar dez minutos de vantagem a ela, quanto mais alguns dias.

– Isso me faz pensar na época em que o Correntes jogava vocês dois um contra o outro. Todas aquelas discussões... aqueles impasses. E depois mais discussões.

– Não pense que não me lembro. – Locke bateu distraidamente com um pedaço de bolacha na mesa. – Bom, diabos. Já faz cinco anos. Talvez ela tenha aprendido a perder com graça. Talvez esteja destreinada.

– Talvez uns macacos adestrados saiam do meu cu e me sirvam um copo de conhaque de Austershalin.

2

AMANHECER NO AMATEL, NO DIA SEGUINTE. Uma faixa laranja-dourada e nevoenta subia do horizonte leste e as águas calmas e escuras espelhavam o céu cobalto. Uma dúzia de barcos pesqueiros passava em grupo pelo *Andarilho do Céu*; as esteiras brancas e triangulares davam às pequenas embarcações uma aparência de pontas de flecha deslizando numa lentidão onírica. A Kartane propriamente dita se aproximava a bombordo, a menos de 800 metros.

Do tombadilho superior, Jean podia ver os terraços limpos e brancos da cidade, protegidos por densas filas de oliveiras, ciprestes

e pés de madeira-bruxa, levemente encobertos por uma névoa que lhe deu uma saudade inesperada de Camorr. Um atarracado farol de pedra dominava o litoral da cidade, mas, no momento, suas grandes lanternas douradas estavam amortecidas, logo o brilho não passava de uma aura quente coroando a torre.

Locke se encostou no corrimão de popa, contemplando a cidade que se aproximava, comendo carne fria e queijo branco e duro que havia empilhado desajeitadamente na mão direita. Tinha andado de um lado para outro na cabine durante a maior parte da noite, incapaz ou sem vontade de dormir, só se acomodando na rede para descansar as pernas instáveis.

– Como está se sentindo?

Enrolada numa capa comprida e num xale, Paciência optou por não aparecer do nada e se aproximou a pé.

– Maltratado – respondeu Locke.

– Pelo menos está vivo para se sentir assim.

– Não precisa dar deixas. Você vai ver nosso desempenho memorável, não se preocupe.

– Eu não estou preocupada – disse ela em voz doce. – Lá vem o nosso pessoal das docas.

– Pessoal das docas? – Jean olhou para além de Paciência e viu um barco comprido e baixo de dois bancos, com vinte pessoas remando, aproximar-se por trás do último pesqueiro.

– Para levar o *Andarilho do Céu* e cuidar dos cabos, das velas e de outras coisas tediosas.

– Não está com clima para balançar os dedos e ajeitar tudo? – perguntou Locke.

– Uma das poucas coisas em que concordamos, tanto os excepcionalistas quanto os conservadores, é que nossas artes não existem para lavar conveses.

O pessoal das docas subiu a bordo na área central do navio, um grupo de marinheiros de aparência bastante comum. Paciência

sinalizou para Locke e Jean a acompanharem enquanto dois recém-chegados assumiam o timão.

– Presumo que você esteja com suas machadinhas, não é, Jean? E todos os documentos que eu lhe dei.

– Claro.

– Então vocês não vão se incomodar se forem para a terra imediatamente.

Ela levou-os até o lado de bombordo no centro do *Andarilho*, onde Jean viu quatro marinheiros ainda esperando no bote. Foi uma descida fácil pela rede de abordagem, de menos de 3 metros. Até Locke conseguiu seguir sem problemas e, então, Paciência, que evidentemente só exigia ser içada quando a gravidade não era a favor.

– Parte do pessoal de vocês está esperando no píer – avisou ela, acomodando-se num banco de remador. – Todos sabem da urgência da situação.

– Nosso pessoal? – perguntou Locke.

– Neste momento, eles são totalmente *de vocês*. O arranjo das questões deles está nas suas mãos.

– E eles vão fazer o que mandarmos? Até que ponto?

– Até um ponto *razoável*, Locke. Ninguém vai se jogar no lago porque você quer, mas vocês dois são os cabeças do aparato de eleição do partido Raízes Profundas. Funcionários cumprirão suas ordens. Candidatos beijarão suas botas.

Os marinheiros remaram, afastando-os do *Andarilho*, e foram para o litoral iluminado por lanternas.

– Esta é a Ponta Corbessa – informou Paciência, gesticulando à frente. – O cais da cidade. Imagino que nenhum dos dois saiba muito sobre este lugar, não é?

– Nosso plano anterior era evitar Kartane... ahn... *para sempre* – respondeu Jean.

– Seus novos colegas vão colocá-los a par de tudo. Daqui a

alguns dias, vocês estarão muito confortáveis, tenho certeza.

– Hrm – fez Locke.

– Por falar em conforto, há uma última coisa que eu deveria mencionar.

– O quê? – perguntou Locke.

– É claro que vocês estarão livres para se comunicar com Sabeta de qualquer modo que ela permita, mas conluíus não serão aceitáveis. Vocês são oponentes. Vão se opor e receber oposição, sem folga. Estamos pagando para ver uma disputa. Se nos desapontarem nesse sentido, garanto que não receber o pagamento será a menor das suas preocupações.

– Dê um tempo nas ameaças. Você vai ter sua porcária de disputa.

O escaler parou junto a um cais de pedra. Jean saiu, puxou Locke e depois, de má vontade, ofereceu o braço a Paciência. Ela o segurou, assentindo.

Agora estavam à sombra do farol, num trecho de rua calçada de pedras onde havia armazéns e lojas fechadas. Uma esparsa floresta de mastros erguia-se por trás dos prédios – provavelmente numa espécie de laguna, pensou Jean, onde os navios podiam ficar em segurança. A área estava estranhamente deserta, sem levar em conta um pequeno grupo de pessoas paradas junto a uma carruagem.

– Paciência – chamou Jean –, o que nós deveríamos... Ah, diabos!

Paciência havia desaparecido. Os marinheiros no escaler afastaram o barco sem dizer uma palavra, voltando em direção ao *Andarilho*.

– A vaca sabe fazer uma saída – resmungou Locke. Em seguida, enfiou o resto da carne e do queijo na boca e limpou as mãos na túnica.

– Com licença! – Um rapaz atarracado, com uma casaca de

brocado cinza, afastou-se do grupo da carruagem. – Os senhores devem ser mestre Callas e mestre Lazari!

– Devemos ser – respondeu Jean, abrindo um sorriso amistoso. – Por favor, dê-nos um momento.

– Ah – fez o homem, que tinha o verdadeiro sotaque kartani: algo como a fala de um lashani depois de alguns goles de uma bebida forte. – Claro.

– Agora – disse Jean baixinho, virando-se para Locke –, quem nós somos?

– Um par de ratos em vias de enfiar os focinhos na porra de uma armadilha enorme.

– Personagens, seu idiota. Lazari e Callas. Deveríamos combinar os detalhes antes de começarmos a falar com as pessoas.

– Ah, certo. – Locke coçou o queixo. – Não temos tempo de treinar o sotaque kartani, então que se dane esconder que somos de fora da cidade.

– Quanto menos trabalho, melhor.

– Bom, precisamos decidir quem é o punho de ferro e quem é a luva de veludo.

– Parece que você vai contratar duas putas para ajudar.

– Eu bateria em você se achasse que adiantaria, Jean. Você sabe o que eu quero dizer.

– Certo. Sejamos óbvios. Eu sou o brutamontes; você, o fuinha.

– Concordo. Você é o brutamontes; eu, o gênio charmoso. Mas não faz sentido esticar demais as coisas antes mesmo de sabermos com quem estamos lidando. Seja um brutamontes que banca o gentil até ser provocado.

– Então não estamos representando papéis, não é?

– Bom, diabos. – Locke estalou os nós dos dedos e deu de ombros. – É um detalhe a menos para atrapalhar. De qualquer modo, Paciência disse que essas pessoas comeriam na nossa mão. Vamos testar isso.

– Bom, comece a falar de novo – ordenou Jean, virando-se de novo para o jovem atarracado.

– É um deleite vê-los vivos e em boa saúde, senhores!

O estranho se aproximou e Jean notou suas feições redondas e avermelhadas, a expressão de um homem ansioso para agradar e ser agradado. No entanto, os olhos, por trás de ópticos finos, eram astutos e avaliadores. O cabelo havia fracassado em se agarrar a qualquer área à frente das orelhas, mas ele tinha uma trança grossa e bem cuidada que pendia, preta como as asas de um corvo, até o meio das costas.

– Quando ouvimos falar do naufrágio, ficamos consternados. Ultimamente, o Amatel está muito calmo, é difícil acreditar...

– Naufrágio – repetiu Locke. – *Ah*, sim, o naufrágio! O terrível e conveniente naufrágio. O que mais poderia nos trazer aqui sem roupas ou bolsas decentes? Bom, por infelicidade, tudo aconteceu depressa demais, mas disseram-me que nós sobrevivemos.

– Rá! Esplêndido. Não temam nada, senhores, estou aqui para resolver a situação de vocês em todos os aspectos. Meu nome é Nikoros.

– Sebastian Lazari.

Locke estendeu a mão. Nikoros apertou-a com expressão de surpresa.

– Tavrin Callas – apresentou-se Jean.

O aperto de Nikoros era seco e firme.

– Bom, obrigado, senhores, obrigado! Que demonstração inesperada de confiança. Recebo-a com muito prazer.

– Demonstração de confiança? – perguntou Locke. – Desculpe, Nikoros, somos novos em Kartane. Não sei se entendemos bem o que fizemos.

– Ah, estupidez minha. Peço desculpas. É só que... bom, os senhores vão pensar em nós como um bando de palermas crédulos, mas, garanto... é tradição. Aqui em Kartane nós somos discretos,

extremamente discretos, com relação aos nossos nomes. Por causa, os senhores sabem, da Presença.

Foi bastante fácil para Jean ouvir o "P" maiúsculo quando Nikoros pronunciou a palavra.

– Quer dizer, os Magos-S...

– Sim, os magos da Isas Escolástica. Quando falamos da "Presença", bom, só estamos sendo educados. Na verdade, estamos muito acostumados com eles. Não são objetos de... ahn... curiosidade, como podem ser em outros lugares. De fato, posso garantir que eles quase parecem pessoas comuns. Os senhores ficariam pasmos!

– Não duvido – falou Locke. – Bom, isso é útil. Imagino que não devamos dizer nossos nomes quando formos apresentados em Kartane?

– Bom, sim. É a superstição mais antiga que existe, mas é nosso costume desde a queda do antigo Trono. A maioria de nós usa títulos de ordens de nascimento ou apelidos. Eu sou chamado de Nikoros Via Lupa, já que meu escritório fica na Avenida dos Lobos. Mas o simples Nikoros serve bem.

– Muito obrigado – agradeceu Jean. – Mas o que você faz exatamente?

– Sou segurador comercial. Navios e caravanas. Porém, ahn, o mais relevante é que sou do comitê atual do Raízes Profundas. Sou uma espécie de guia para os negócios do partido.

– Você tem autoridade real nas questões do partido?

– Ah, bastante. Verbas e operações, com alguma latitude. Mas, ah, na verdade, senhores, minha tarefa mais importante é cumprir com suas instruções. Assim que tiver ajudado os senhores a se estabelecer, claro.

– E você sabe qual é a natureza de nosso serviço? – perguntou Locke. – Isto é, a *verdadeira* natureza.

– Ah, ah, sim. – Nikoros bateu várias vezes na lateral do nariz

com um dedo e sorriu. – Nós, que estamos no topo, sabemos que metade da luta é... bem... não convencional. Somos todos a favor! Afinal de contas, o Íris Negra está aí para fazer o mesmo conosco. Achamos que eles podem até trazer especialistas como os senhores.

– Tenha certeza de que sim. Há quanto tempo você está envolvido com tudo isso?

– Quer dizer, com os negócios do partido? Ah, há cerca de dez anos. É a coisa mais importante, em termos sociais. Mais divertido do que o bilhar. Eu trabalhei com nosso... é... especialista na eleição passada. Conseguimos nove cadeiras e quase ganhamos! Temos muita esperança desta vez.

– Bom, quanto antes estivermos acomodados, mais cedo poderemos alimentar essa esperança – comentou Jean.

– Certo! Para a carruagem. Vamos embrulhar vocês dois em algo mais adequado. – Ele fez um sinal e uma loura magra usando casaca de veludo preto encontrou-os na metade do caminho. – Permitam-me apresentar Segunda-filha Morenna.

– Sua serviçal. – Ela fez uma reverência e uma fita métrica, com peso de latão, apareceu em suas mãos, tão rapidamente quanto uma faca de assassino. – Parece que os senhores estão com uma emergência de indumentária.

– É – confirmou Locke. – A circunstância nos jogou para baixo e dançou em cima de nós.

– Roupas primeiro – disse Nikoros, apressando Locke e Jean para dentro da carruagem fechada. – Depois cuidaremos das suas verbas.

Morenna entrou por último. Nikoros fechou a porta e bateu no teto da carruagem. Enquanto o veículo partia chacoalhando, a mulher agarrou a gola do velho casaco de Locke e puxou-o com firmeza para uma posição de pé e meio encurvada.

– Peço os mais profundos perdões – murmurou ela, passando a fita métrica em volta do pescoço e dos ombros dele. – Em geral, mantemos um sujeito à disposição na oficina para tomar as medidas

dos nossos clientes importantes, mas ele adoeceu. Garanto que eu faço essas intromissões de modo tão impessoal quanto um galeno.

– Jamais me ocorreria ficar ofendido – garantiu Locke com voz atordoada.

– Maravilhoso. Se me der licença, senhor, teremos que tirar seu casaco. – De algum modo, ela conseguiu dobrar, torcer e girar Locke naquele espaço confinado, por fim tirando seu casaco e provocando uma pequena chuva de farelos de bolacha de bordo no interior da carruagem. – Ah, ora, eu não fazia ideia...

– Não é sua culpa – assegurou Locke com uma tosse embaraçada. – Eu, ah, gosto de alimentar os pássaros.

Por baixo dos braços, em volta do peito, pelo lado externo das pernas – Morenna tirou as medidas de Locke com a velocidade de um esgrimista marcando pontos. Logo era a vez de Jean.

– A mesma coisa, senhor – murmurou ela, segurando o casaco dele.

– Não precisa... Se você me der um momento... – disse Jean, mas era tarde demais.

– Céus! – exclamou Morenna, tirando as machadinhas do esconderijo improvisado às costas dele. – Essas já foram bastante usadas.

– Já precisei resolver alguns desentendimentos ocasionais.

– O senhor prefere carregá-las assim, enfiadas embaixo de um casaco ou uma jaqueta?

– Não há lugar melhor.

– Então vou lhe mostrar vários aparatos que podem ser costurados em seus casacos. Temos arneses de couro, tiras de pano, elos de metal, tudo confiável e discreto. O senhor pode enfiar todo um arsenal em seus calções e coletes se quiser.

– Você é minha nova costureira predileta – comentou Jean, submetendo-se, contente, ao movimento rápido da fita métrica enquanto a carruagem continuava andando.

3

A VIAGEM DEMOROU CERCA DE DEZ MINUTOS; o sol subia e tingia as paredes e os becos ao redor deles com uma luz quente. Jean aproveitou o lugar perto da janela para formar várias impressões de Kartane ao longo do caminho.

A primeira era a de uma cidade escalonada. À medida que se moviam do cais para o interior, passando pela laguna cheia de navios, viu que os trechos mais ao norte subiam, em morros e terraços, até uma espécie de platô que devia ficar várias dezenas de metros acima da Ponta Corbessa. Nada tão extremo quanto os penhascos escarpados de Tal Verrar, mas parecia que os deuses ou os Ancestres haviam inclinado Kartane em cerca de 45 graus na direção da água.

Além disso, a cidade dava a impressão de ser um lugar extremamente bem-cuidado. Talvez Nikoros tivesse optado por um caminho que favorecesse a cidade, não? Qualquer que fosse o caso, Jean não conseguia deixar de notar as ruas varridas, a pedra branca e limpa das casas mais novas, as árvores bem podadas, o borbulhar suave de cada fonte e cachoeira ou os mosaicos decorativos esmaltados nos bondes que deslizavam por cabos entre os prédios mais altos.

O mais impressionante era o caráter do Vidrantigo. As pontes por cima do amplo Karvanu – que se derramava em cinco cachoeiras, cheias de espuma branca, antes de chegar ao coração da cidade – não eram arcos sólidos e, sim, estruturas suspensas feitas de milhares de painéis de Vidrantigo preto e leitoso, conectados por incontáveis cabos de vidro da grossura de dedos a torres de sustentação que pareciam finas caricaturas de pináculos de templos humanos.

A primeira ponte que atravessaram movia-se de modo desconcertante. Só alguns centímetros, sem dúvida, mas qualquer

oscilação era de interesse imediato para alguém que estivesse muito acima da água, numa carruagem.

– Não temam – disse Nikoros, percebendo as mesmas expressões no rosto de Locke e no de Jean. – Vocês vão se acostumar num instante. É Vidrantigo! Nada que pudéssemos fazer sequer arranharia um cabo.

Jean olhou para as outras pontes enormes atravessando o Karvanu. Pareciam obra de aranhas gigantes e loucas ou harpas projetadas para mãos do tamanho de palácios. Também notou, pela primeira vez, um zumbido e estalos estranhamente afinados, que presumiu que fosse a música dos cabos.

– Bem-vindos a Isas Salvierro – falou Nikoros quando a carruagem parou alguns minutos mais tarde, felizmente de volta à pedra firme. – É um distrito comercial, um dos corações da cidade. Meu escritório fica logo ao norte daqui.

O pequeno grupo saiu da carruagem e entrou na Alfaiataria Morena, uma loja ampla cercada por uma galeria no segundo andar. Segundafilha trancou a porta depois de entrarem.

– Estas não são nossas horas de trabalho usuais – explicou ela. – Os senhores são uma emergência.

Um cheiro forte de café tomava a loja e Jean salivou. Nas paredes do salão térreo, havia camadas de peças de tecido em uma centena de cores e texturas diferentes, e vários cabideiros de madeira, com casacas e jaquetas, tinham sido trazidos para o meio do cômodo.

– Permitam-me apresentar Primeirafilha Morena – disse Segundafilha, apontando para uma loura mais alta e mais pesada que estava no andar de cima, puxando um fio metálico brilhante do eixo de um mecanismo que chacoalhava. – E, claro, nossa querida Terceirafilha.

A mais jovem das irmãs da alfaiataria era miúda como a segunda, porém tinha o cabelo um pouquinho mais escuro, e era a

única das três que usava ópticos. Estava absorvida em cortar uma trouxa de veludo com uma tesoura de ferro enegrecido e cumprimentou-os com um curtíssimo meneio de cabeça.

– Ponham os dedais, garotas, é hora da batalha – comandou Segundafilha.

– Ora, ora – falou Primeirafilha, que se afastou de sua máquina e desceu ao primeiro andar. – Naufrágio, foi? Os senhores parecem ter estado na guerra. Lashane está passando por algum tipo de dificuldade?

– Lashane mantém o velho charme, madame – respondeu Locke. – Nosso infortúnio foi pessoal.

– Vieram ao lugar certo. Nós adoramos um desafio. E adornamos os que foram desafiados! Segunda, você tirou as medidas deles?

– Tudo o que pude fazer com decência. – Com um pedaço de giz guinchando, Segundafilha escreveu duas colunas de números em uma lousa e jogou-a para Primeirafilha. – A não ser pelo gancho dos calções. Poderia fazer a gentileza?

Primeirafilha conjurou uma fita métrica na mão livre e avançou para Locke e Jean sem hesitar.

– Bom, senhores, nosso aprendiz está doente, portanto terão que suportar meu exame por um momento. Animem-se: há muitas esposas que não dariam esse tipo de atenção ao marido nem por amor nem por dinheiro.

Dando risadinhas, ela tirou as medidas com rapidez e profissionalismo desde a virilha até os tornozelos dos dois homens, em seguida acrescentou alguns rabiscos à lousa.

– Presumo que tenhamos de substituir todo um guarda-roupa, não é? – perguntou Terceirafilha, pousando seu veludo.

– Sim – respondeu Locke. – Esses finos panos de pratos representam a totalidade de nosso guarda-roupa atual.

– O senhor fala como um homem do leste – comentou Terceirafilha. – Gostaria do estilo ao qual está acostumado ou de

algo mais...

– Local – completou Jean. – Absolutamente local. Vistam-nos como se fôssemos nativos.

– Vai demorar vários dias para entregar todo o trabalho encomendado, os senhores entendem – explicou Segundafilha, segurando um grande tecido marrom junto ao pescoço de Jean e franzindo a testa –, isso se trabalharmos como motores d'água. Mas, nesse meio-tempo, podemos lhes dar algo respeitável o suficiente.

– Mas não fazemos botas – acrescentou Primeirafilha, tirando o casaco de Jean e deixando suas machadinhas caírem no chão com estardalhaço. – Ah, nossa. O senhor vai querer algum lugar para enfiar isso?

– Sem dúvida.

– Nós temos mil modos. – Ela pegou as Irmãs Malvadas e colocou-as respeitosamente numa mesa. – Mas, como eu estava dizendo, Nikoros, nós não viramos sapateiras nas últimas horas. Você pensou nisso?

– Claro – respondeu ele. – Esta é apenas a primeira parada. Farei com que eles estejam arrumados como a realeza antes do almoço.

A meia hora seguinte foi uma furiosa tempestade de provas, remoções, testes, medidas, remedidas, sugestões, contra-argumentos e discussões entre as irmãs, enquanto Locke e Jean eram gradualmente despidos de seus trapos e ganhavam pele nova como boas imitações de cavalheiros. As macias camisas de seda eram um pouco grandes demais, os coletes e os calções tinham sobras ou faltas. O casaco comprido de Locke ficou largo e o de Jean estava apertado no peito. Mesmo assim, era uma melhora drástica, pelo menos dos tornozelos para cima. Agora podiam pôr os pés numa casa de contabilidade sem fazer com que os guardas levantassem as armas.

Assim que a transmutação mais imediata se completou, as três mulheres tomaram medidas para um guarda-roupa mais extenso –

casacas para a noite, jaquetas para a manhã, coletes formais e informais, calções em uma dúzia de estilos, gibões de veludo, camisas de seda justas e todos os acabamentos.

– Bom, o senhor disse que estaria mais envolvido em... ahn... entretenimento, por assim dizer – disse Terceirafilha a Locke. – Então, imagino que precise de uma variedade de casacas maior do que mestre Callas.

– Exatamente – respondeu Jean por Locke, girando os braços e desfrutando do retorno a um estado de elegância, apesar do casaco apertado. – Além disso, eu sou o cauteloso. Posso me virar com menos. Dê um pouco mais da sua atenção ao meu amigo.

– Como quiserem – concordou Terceirafilha, agarrando Jean gentilmente, mas com firmeza, pelo punho esquerdo. Um fio comprido pendurado tinha atraído a sua atenção; ela pegou a tesoura com um giro gracioso e cortou-o num piscar de olhos. – Pronto. Resolvido. Acredito, então, que vamos começar com sete casacas para mestre Lazari e quatro para o senhor.

– Vamos mandá-las à sua estalagem quando tivermos terminado – informou Primeirafilha, anotando números que não tinham nada a ver com as medidas de Locke e Jean.

Ela entregou a lousa a Nikoros e ficou radiante com sua concordância.

– Ótimo – comentou Locke. – Só que ainda não sabemos onde vamos ficar.

– O partido Raízes Profundas sabe – garantiu Nikoros com uma pequena reverência. – Neste momento, os senhores estão no nosso seio. Não terão carência de nada. Agora, será que posso pedir que me acompanhem só alguns passos rua acima? Esses pés descalços não ficarão bem para o almoço ou o jantar.

AS DUAS HORAS SEGUINTEs FORAM GASTAS, como Nikoros havia profetizado, andando pelas ruas da Isas Salvierro em busca de botas, sapatos, joias e cada detalhe que ajudasse Locke e Jean a passar por homens de alta conta. Várias lojas envolvidas ainda não tinham aberto para os negócios regulares, mas a força das conexões e a carteira de Nikoros destrancavam todas as portas.

À medida que a lista de necessidades imediatas encurtava, Jean notou que Locke passava cada vez mais tempo olhando os becos, as janelas e os telhados ao redor.

Comportamento óbvio demais, sinalizou.

Ameaças extremamente sérias, foi a resposta.

E, mesmo contra a vontade – apesar de saber por experiência própria que era uma das coisas menos inteligentes a fazer quando se acredita estar sendo espionado –, Jean inclinou a cabeça em todas as direções e demonstrou sua suspeita. Enquanto a carruagem chacoalhava em direção à casa de contabilidade Tivoli, ele lançava olhares impacientes pela janela.

Sabeta. Pelos deuses abaixo, não conseguia imaginar um antagonista mais problemático. Não só ele e Locke haviam posto os pés numa cidade onde sua presença era esperada, como ela sabia exatamente como os dois operavam. Isso era verdade no sentido contrário, até certo ponto, mas, ainda assim, parecia que tinham acabado de sair do ponto de largada numa corrida que tinha começado sem eles.

– Acha que ela vai nos atacar cedo? – perguntou Jean.

– Ela está nos caçando enquanto falamos – murmurou Locke. – Só não sabemos onde ainda.

– Senhores, o que os está incomodando? – perguntou Nikoros, que se esforçava para impedir que a pilha de embrulhos no banco ao seu lado despencasse no piso da carruagem a cada curva.

– Nossa oposição – respondeu Locke. – O pessoal do Íris Negra. Você está sabendo de uma mulher nova, que chegou recentemente?

- A ruiva, você quer dizer? Ela é importante?
- Ela... – Locke pareceu pensar no que iria dizer. – Ela é problema nosso. Não diga a ninguém que nós perguntamos, mas fique com os ouvidos aguçados.
- Ainda não a identificamos. Ela não é kartani.
- Não. Não é. Você tem alguma ideia de onde ela está?
- Eu poderia lhes mostrar alguns cafés e tavernas que pertencem aos membros do Íris Negra. Para não mencionar o próprio Marco da Íris Negra. Eles receberam o nome por causa desse estabelecimento. Se eu tivesse que apostar, é lá que procuraria por ela.
- Quero uma lista de todos esses lugares – pediu Locke. – Dê-me o nome de cada negócio, cada estalagem, cada buraco na parede que tenha a ver com o pessoal do Íris. Anote tudo. Vou pedir que lhe mandem papéis enquanto estivermos na Tivoli.
- Acho que posso lhes fazer uma lista útil só de cabeça. O senhor vai querer algo mais completo depois? Tenho listas de membros, listas de propriedades...
- Vou querer tudo. Faça cópias. Você tem um escriba em quem confia de verdade?
- Tenho um escrivão servidor que uso desde sempre. Ele vota no Raízes Profundas.
- Mande o pobre coitado cancelar a vida durante um ou dois dias. Pague o que ele pedir. Presumo que você possa abrir a bolsa do partido quando quiser, não é?
- Bem, é...
- Ótimo, porque essa teta vai ser ordenhada. Mande seu escriba copiar tudo o que seja importante. Tudo. Qualquer coisa relacionada com a eleição vai para nós. Qualquer coisa pessoal vai para o nosso cofre na casa de contabilidade.
- Mas por que...
- Durante o próximo mês e meio, espero que você se comporte como se seu escritório estivesse correndo perigo de pegar fogo a

qualquer momento.

– Mas certamente eles não iriam...

– Nada está fora de cogitação. Nada! Entendeu?

– Se o senhor insiste...

– Talvez tenhamos um encontro com a oposição, cedo ou tarde.

Para estabelecer algumas regras. Até lá, um acidente ruim é quase certo. Sei que, se eu pudesse descobrir alguém como você no Íris Negra e transformar os papéis dele em cinzas, ficaria extremamente tentado.

– Posso lhe dar nomes...

– Anote-os. Escreva todos. Receio que você vá sentir gosto de tinta no almoço.

5

A TIVOLI ERA UM CLÁSSICO, um cruzamento perfeito entre a extravagância convidativa e uma intimidação explícita.

Locke admirou o prédio de três andares isolado num pátio de terra batida. As janelas estreitas, como seteiras de fortaleza, tinham barras de ferro, e os ressaltos sob as janelas eram blocos de cimento cravejados de vidro quebrado. As quatro paredes externas eram pintadas com bem executados afrescos de Gandolo, gordo e infinitamente contente, abençoando livros de contabilidade, balanças e pilhas de moedas. A resina alquímica usada para proteger essas imagens do desgaste do tempo dava às paredes um brilho fraco e Locke sabia, por experiência pessoal, que seria muito difícil escalá-las.

O interior cheirava a incenso adocicado. Lanternas douradas pendiam em nichos, lançando uma luz quente e convidativa, exceto onde colunas e cortinas criavam poças igualmente convidativas de sombras. Dos dois lados atrás da porta principal, guardas sentavam-se em banquetas em alcovas com portões e um olhar rápido para

cima confirmou que havia grades levadiças disfarçadas com bom gosto, prontas para serem baixadas por vigias escondidos atrás das paredes.

Não havia chance de roubar um lugar assim por veneta, nem com menos de uma dúzia de sujeitos armados e preparados, e mesmo assim era mais provável que a tentativa rendesse um banho de sangue, e não uma fortuna. A inviolabilidade de casas daquele tipo, que lembrava a de templos, era de fato tão necessária para os criminosos quanto para qualquer cidadão honesto. Não havia sentido em roubar bem ou sabiamente se o saque não pudesse ser guardado em local seguro.

– Estou vendo Nikoros na carruagem lá fora – disse uma mulher que emergiu de trás de uma divisória pintada. Tinha cerca de 40 anos e pele morena e o cabelo castanho estava preso sob um gorro de seda preta. Ela usava um par de ópticos sem a lente da direita, do lado do seu olho turvo, cego. – Os senhores devem ser os cavalheiros da política.

– Callas e Lazari – apresentou-se Jean.

– Sou Singular Tivoli, senhores. Sua serviçal.

– Singular? – perguntou Locke.

– É mais elegante do que “Só Tivoli”, acho, e muito mais sociável do que “Solitária Tivoli”. Os senhores têm algum documento?

Locke entregou os papéis que recebera de Paciência. Tivoli mal olhou-os antes de assentir.

– Crédito privado de 3 mil para cada. Eu mesma anotei há alguns dias. Querem sacar algo?

– Sim – respondeu Jean. – Pode dar 50 para cada um?

Era um dinheiro adequado para gastos comuns, pensou Locke: 220 gramas de ducados kartanis para cada. Ele converteu a quantia para coroas de Camorri e pensou no que isso poderia lhe render: uma pequena companhia de mercenários durante vários meses, meia dúzia de cavalos notáveis, uma dúzia de cavalos adequados,

comida e hospedagem comum durante anos... Não que ele tivesse motivo para comprar esse tipo de coisa. Mas certamente garantiria um jantar excelente. Seu estômago ribombou com o pensamento.

– Posso oferecer algo aos cavalheiros enquanto isso é resolvido?

– Tivoli olhou para Locke. Será que os ouvidos dela eram tão aguçados assim? – Cerveja escura? Vinho? Algo para comer?

– Sim – aceitou Locke, ressentindo-se da própria fraqueza, mas incapaz de dominá-la. – Sim, alguma coisa sólida, isso seria... ótimo.

– Deuses do céu, ele quase dissera “necessário”.

– Além disso – acrescentou Jean –, será que podemos incomodá-la pedindo para mandar papel, tinta e penas à nossa carruagem? Nikoros precisa fazer algumas anotações.

Tivoli acomodou Locke e Jean em uma alcova, em cadeiras que combinariam com os móveis falsos que eles haviam dado a Requin. Um empregado trouxe uma bandeja com pastéis marrons e crocantes ao estilo ocidental, cheios de queijo e cogumelos picados. Era a melhor coisa que Locke comia em semanas. Jean e Tivoli tomaram pequenos goles de cerveja escura e, perplexos, observaram Locke tirar a vida dos salgados, fileira após fileira.

– Desculpe – disse ele com a boca cheia. – Andei doente. Parece que meu estômago foi trancado em outro continente.

Sabia que estava sendo pouco educado, mas a alternativa era devorar mais bolachas de bordo, que ele havia transferido para um bolso interno do casaco novo.

– Não se preocupe – falou Tivoli. – Uma etiqueta que o mantenha passando fome não é digna de respeito. Devo pedir mais?

Locke assentiu e, em alguns instantes, os pastéis sobreviventes receberam reforços, sendo seguidos por um empregado que carregava uma tábua de madeira de superfície gradeada com pequenas pilhas de moedas de ouro e prata. Jean dividiu esse dinheiro em duas bolsas de couro novas enquanto Locke continuava a comer.

– Bom, creio que resta pouca coisa a dizer sobre suas verbas pessoais – observou Tivoli. – A outra questão que precisamos abordar é uma determinada quantia deixada aos meus cuidados, com instruções rígidas para que permaneça sem registros. Antes de discutirmos como ela será manuseada, devo pedir que não façam absolutamente nenhuma referência ao meu nome com relação a essa quantia, em qualquer momento, a não ser na privacidade mais absoluta, entre nós mesmos. Jamais por escrito.

– Garanto, senhora, que, em todas as questões de discrição que não tenham a ver com comida, nós fazemos os professores de etiqueta parecerem bárbaros babões – assegurou Jean.

– Excelente. – Ela se levantou. – Então deixe-me apresentar-lhes os 100 mil ducados que estou guardando para os senhores.

6

A QUANTIA NÃO REGISTRADA ESTAVA numa cela sem janelas num corredor subterrâneo guardado por portas mecânicas que deviam pesar meia tonelada cada uma. Uma pilha de baús com cintas de ferro estava encostada numa parede interna e Tivoli abriu um, revelando o conteúdo reluzente.

– Cerca de 340 quilos de ouro. Posso transformar uma boa porcentagem em prata num prazo curto, quando os senhores pedirem.

– Eu... Sim, isso pode ser mesmo necessário antes de terminarmos – concordou Locke.

Ele sentiu uma pressão estranha no coração. Durante bastante tempo, considerara garantida a enorme fortuna dos Nobres Vigaristas e ali estava outra, à sua disposição, como se a primeira jamais tivesse sido perdida.

– Há mais alguém além de nós que os senhores gostariam que tivesse acesso a essa verba? – perguntou Tivoli.

– Absolutamente não – respondeu Jean.

– E jamais haverá uma contraordem – acrescentou Locke. – *Jamais*. Ninguém mais virá em nosso nome. Qualquer um que diga isso estará mentindo. Qualquer prova que eles apresentem deverá ser rasgada e enfiada pelos calções deles.

– Devido à longa prática, desenvolvemos muitos meios eficientes de lidar com patifes – afirmou Tivoli.

– Será que meu colega e eu podemos conversar em particular? – indagou Locke.

– Claro. – Tivoli saiu da cela e começou a fechar a porta. – Esta porta vai se abrir pelo seu lado com apenas um toque na alavanca de prata. Demorem o quanto quiserem.

Quando a porta foi trancada ruidosamente, Jean fechou o baú e sentou-se em cima.

– Suas tripas estão dando cambalhotas como as minhas?

– Eu jamais acreditaria – disse Locke, passando os dedos sobre a madeira fria de outro baú. – Todos esses anos em que roubamos quantias cada vez maiores. O dinheiro era como uma paisagem pintada para mim. Mas agora que tivemos algumas fortunas arrancadas debaixo de nós...

– É. Parece mais agradável, de algum modo. Essa tal de Tivoli, até que ponto você acha que podemos confiar nela?

– Acho que podemos nos dar ao luxo de presumir o melhor no caso dela. Paciência nos mandou aqui. Isso provavelmente quer dizer que Sabeta não pode pôr a mão em nossos fundos na fonte, e que os dela estão igualmente fora do nosso alcance. É munição para o jogo. Se fosse um dos magos, você iria querer mantê-la em segurança para o uso apropriado, certo?

– Você me poupou explicações – disse alguém atrás de Locke com uma voz profunda e culta e um lânguido sotaque kartani. Ele girou.

Encostado na porta, estava um homem com mais ou menos a

idade e a altura de Locke, usando um casaco comprido da cor de pétalas de rosas secas. O cabelo e a barba curta eram de um louro platinado. As luvas, os calções, as botas e a echarpe eram pretos, sem ornamentos.

– Pelos deuses! – exclamou Locke, recuperando o autocontrole. – Eu abriria a porta se você batesse.

– Eu não quis esperar.

– Bom, não preciso pedir para ver os anéis no *seu* pulso. Quem é você, então? Está com Paciência ou contra ela?

– Com ela. Vim para trocar uma palavra em particular em nome de todos nós que vocês vão desapontar.

– Nós estamos trabalhando a favor de vocês há cerca de quatro horas. Sem dúvida você poderia esperar um ou dois dias antes de bancar o escroto. O que acha, Jean?

– Jean está ocupado – disse o estranho.

Locke se virou e viu que Jean estava com os olhos desfocados e a boca ligeiramente aberta. A não ser pela leve subida e descida do peito, era como se fosse uma estátua bem-vestida.

– Pela verdade dos deuses! – exclamou Locke, virando-se para o estranho. – Não me importa quem você é, estou cansado de falar com vocês, suas porras, em circunstâncias como...

Antes de terminar a frase, ele deu um soco. Sem demonstrar surpresa ou preocupação, o mago agarrou o punho de Locke numa das mãos enluvadas e golpeou de volta, direto contra a cintura dele. A força se esvaiu das pernas de Locke, que caiu ofegando. O mago continuou segurando sua mão e usou-a para torcê-lo, até ele estar de joelhos, de costas para o antagonista.

– Apenas respire – falou o mago em tom casual. – Mesmo para os seus padrões, essa atitude foi arrogante. No seu estado, você não é ameaça para ninguém.

– T-T-Tivoli – chamou Locke, ofegando. – Tivoli!

– Cresça.

O mago se ajoelhou atrás dele, pôs a mão esquerda em seu queixo e usou a outra para sufocá-lo. Locke chutou e se debateu, mas o homem manteve o controle de sua cabeça e apertou mais.

– Ela não pode ouvi-lo também.

– Paciência – sibilou Locke. – Paciência... vai... ngggghk...

– Essa conversa não vai ser da conta dela. Paciência não está pairando sobre vocês como uma nuvenzinha. Ela tem pessoas como *eu* para fazer isso.

– Ngggh... ssseu... ssskn... dgg prrrra!

– É – disse o mago, enfim soltando seu pescoço. Locke tossiu e sugou o ar para os pulmões que ardiam. – É, eu não tenho bons modos, certo? E você é um santinho. Está preparado para ouvir?

Aliviado por estar respirando de novo e profundamente envergonhado por sua condição enfraquecida, Locke ficou calado.

– A mensagem é a seguinte – continuou o mago, considerando que o silêncio significava concordância. – Queremos que a disputa seja genuína. Queremos ver vocês *trabalharem* durante seis semanas. Se fizerem as pazes com aquela mulher e aprontarem algum tipo de show idiota...

– Paciência já me alertou. – Locke tossiu. – Deuses do céu, você deve saber disso, seu pedaço de merda tedioso!

– Uma coisa é saber, outra é entender. Você tem um envolvimento real com a mulher do outro lado. Seríamos idiotas se não admitíssemos que você pode ficar tentado.

– Eu já prometi...

– Suas promessas não valem o cuspe de um defunto, camorri. Portanto, aqui está algo tangível. Se fizer algum acordo com sua amiga ruiva para combinar o resultado dessa disputa, nós vamos matá-la.

– Seu filho da... Vocês não podem...

– Claro que podemos. Assim que a eleição terminar. Vamos fazer isso devagar enquanto você assiste.

– Os outros magos...

– Você acha que eles ligam a mínima para ela? Os amigos do Falcoeiro? Eles a contrataram para atrapalhar *você* . Assim que o Jogo dos Cinco Anos terminar, eles não a protegerão.

Locke tentou se levantar cambaleando e, depois de um momento, o mago puxou-o para cima pelas costas do casaco. Locke se virou, fuzilou-o com os olhos e se espanou de maneira exagerada.

– Não adianta me olhar desse jeito, Lamora. Aceite o aviso. Você deveria se sentir lisonjeado porque sabemos como as meas medidas são inúteis com você.

– Lisonjeado. Ah, *é, lisonjeado* . É exatamente a palavra que estava na ponta da minha língua. Obrigado.

– A mulher é refém do seu bom comportamento. Você não receberá mais nenhum lembrete. E não se incomode em contar isso a Paciência. Você sofreria.

– É só?

– É só essa a conversa que eu tenho para você, amigo.

– Então acorde o Jean.

– O devaneio vai ser interrompido assim que eu for embora.

– Você é covarde demais para falar essas coisas na frente dele?

– Não lhe ocorreu que a *última* coisa de que seu parceiro precisa é de outro da minha espécie provando como ele fica impotente enquanto permanece acordado para testemunhar a desgraça?

– Eu...

– Eu não sou isento de simpatias, Lamora. Elas simplesmente não são por *você* . Agora, cuide do trabalho para o qual o contratamos.

Com um movimento de mão, ele sumiu. Locke balançou os braços no ar vazio onde o mago estivera, depois bateu na parede mais próxima, em seguida verificou se a porta ainda estava bem fechada. Deu um grunhido de resignação desgostosa e massageou o pescoço.

– Locke? Você disse alguma coisa?

Jean tinha voltado ao normal, parecendo em ótima forma.

– Ahn, não, Jean, desculpe. Eu só... é, tossi.

– Você está bem? – Jean espiou-o por cima dos ópticos. – Está suando feito um louco. Aconteceu alguma coisa?

– É só que... Nada.

Deuses do céu, o desgraçado de casaco vermelho estava certo. Jean não precisava ser lembrado da facilidade com que os magos podiam transformá-lo em marionete. Locke mal iniciava o caminho para a recuperação e precisava de toda a confiança e da energia de Jean, sem distrações.

– Tenho certeza de que é esse negócio de ficar andando de um lado para outro. Vou me acostumar logo com isso.

– Bom, então vamos pedir que o Nikoros nos leve para a hospedaria. Temos roupas; temos verbas. Vamos cuidar do seu conforto antes de iniciarmos o bom combate em nome de Paciência e seus correligionários.

– Certo – concordou Locke, estendendo a mão para a alavanca que abriria a porta da cela. – Ela é a última pessoa do mundo que eu desejaria desapontar.

7

– NIKOROS, QUEM DIABOS VOTA neste lugar, afinal de contas? – perguntou Locke enquanto a carruagem chacoalhava e oscilava numa das pontes suspensas feitas de Vidrantigo, indo para o nordeste, rumo a um lugar que Nikoros havia chamado de Distrito de Palanta.

– Bom, há... é... há três modos de ganhar o direito. Você pode mostrar um título de propriedade que valha pelo menos 60 ducados. Pode servir na polícia durante 25 anos. Ou pagar uma soma de 150, a qualquer momento, menos no dia da eleição.

– Humm. Parece um processo eminentemente corruptível. Isso pode ser útil. Qual é a população de Kartane e quantos podem votar?

– Cerca de setenta mil na cidade – respondeu Nikoros, que estava sentado de modo muito desajeitado, protegendo a pilha de embrulhos com uma das mãos e, com a outra, balançando suavemente uma folha de pergaminho ainda secando. – Cinco mil com direito a voto, mais ou menos. Terei números mais exatos à medida que o processo eleitoral for acontecendo.

– Com isso são o quê, cerca de 250 eleitores para cada cadeira no Konseil? – perguntou Jean. – Ou estou errado?

– Por aí. A pessoa tem permissão de escolher um dos dois candidatos finais no distrito em que mora. As cédulas são escritas e você também pode assinar o próprio nome.

– Então, em termos de votos, não estamos mesmo diante de uma luta grande e, sim, de dezenove lutas menores.

– De fato. Eu, ahn, se é que posso...

Jean pegou a lista. Examinou as colunas de letras mal rabiscadas (não era de espantar que Nikoros tivesse um relacionamento antigo com um escriba de confiança): uma pequena lista de negócios e outra mais longa de nomes.

– Essas pessoas é que movimentam o partido Íris Negra?

– São a nossa contrapartida, sim. Eles se chamam de Consórcio. Nós sempre nos referimos a nós mesmos como o Comitê.

– Quando podemos conhecer esse tal Comitê? – perguntou Jean.

– Bom, na verdade, eu esperava que os senhores não recusassem um encontro esta noite. Só o Comitê e alguns selecionados apoiadores do Raíces Profundas...

– Quantos?

– Não mais de 150.

– Pelos deuses abaixo! – exclamou Locke. – Mas acho que teremos de fazer isso cedo ou tarde. Onde você quer fazer essa

bagunça?

– Onde os senhores estarão hospedados. No Acomodações Amplas do Josten. Estou ansioso para que os senhores o vejam. É o melhor lugar da cidade, nosso templo para os assuntos do Raízes Profundas.

Poderia ser mesmo um templo, pelo tamanho. Eles pararam diante do Josten assim que o sol estava chegando ao zênite, num céu que ficava gradualmente cinzento com nuvens. Carregadores saíram às pressas da entrada sombreada do prédio e pegaram os pacotes, sob orientação de Nikoros. Jean saltou da carruagem antes de Locke e examinou a estrutura.

Era uma construção vasta de três andares, com empenas, várias dezenas de janelas e pelo menos nove chaminés visíveis. Uma dúzia de carruagens poderia ter se enfileirado na frente com espaço de sobra.

– Tremenda estalagem – disse Locke quando seus sapatos bateram no calçamento.

– Não é só uma estalagem – explicou Nikoros. – É um ótimo estabelecimento para jantar, um bar completo, um café. O paraíso na terra para mercadores e comerciantes com simpatias partidárias. Um quarto do comércio da cidade é resolvido aqui.

O interior estava à altura do entusiasmo de Nikoros. Pelo menos cinco dezenas de homens e mulheres bebiam e conversavam em mesas compridas em meio a colunas de madeira sólidas, pintadas com verniz escuro. Chapéus e casacos em número suficiente para encher uma loja pendiam praticamente de cada superfície e garçons com calções e casacas pretas andavam de um lado para outro com a pressa de organizadores de cerco preparando um ataque. Aos olhos de Jean, o lugar parecia a Meraggio virado pelo avesso: as comidas e bebidas eram a peça central dos negócios, e não um luxo oculto.

– Ali em cima – Nikoros apontou para galerias elevadas com corrimões de latão polido –, os senhores encontrarão as seções

reservadas. Uma para os maiores sindicatos, para os quais eu trabalho. Outra para os escribas e advogados; eles pagam o preço de um resgate à casa, para permanecerem perto da ação. E há uma galeria para os negócios do Raíces Profundas.

Nikoros atraía acenos e cumprimentos das pessoas e era óbvio que os Nobres Vigaristas tinham se tornado objeto de curiosidade só de entrarem com ele. Jean suspirou por dentro, pensando que uma entrada pelos fundos seria mais sensata, porém já era tarde. Se Sabeta não sabia que eles estavam à solta nas ruas de Kartane, era inconcebível que pelo menos uma pessoa ali não trabalhasse para ela, observando a chegada deles.

Atrás do bar bem provido na extremidade mais distante, havia um homem alto e negro, magro como um cabideiro de chapéus, usando uma versão mais cara dos uniformes dos garçons sob uma ampla gravata preta e um avental de couro. No instante em que viu Nikoros, pousou o livro-caixa que estava lendo e atravessou o salão, desviando-se dos garçons.

– Bem-vindos, senhores, bem-vindos ao Acomodações Amplas do Josten, o Alojamento Inclusivo! – O homem fez uma reverência diante de Locke e Jean. – Zelo Josten, senhores, o dono da casa. Os senhores são esperados. Como posso tornar sua vida mais fácil?

– Eu cometeria um assassinato público por uma xícara de café – confessou Jean.

– O senhor veio à única casa em Kartane que tem café pelo qual vale a pena assassinar. Temos sete misturas diferentes, desde o seco syrestí aromático até o denso...

– Vou querer do tipo em que eu não precise pensar.

– O melhor de todos. – Josten estalou os dedos e um garçom ali perto veio correndo. – Agora, os aposentos dos senhores. Eles ficam na ala leste, segundo andar, duas suítes contíguas, e mandarei que suas coisas...

– Sim, sim – interrompeu Locke. – Desculpe, preciso de um

momento.

Ele segurou Jean e Nikoros pelas lapelas e arrastou-os para uma conversa privada.

– Esse estalajadeiro... – sussurrou Locke. – Até que ponto podemos confiar nele, Nikoros?

– Ele é do Raízes Profundas desde que este lugar era apenas três tijolos e alguns buracos na lama para colunas. Deuses do céu, Lazari, ele tem tanta probabilidade de virar a casaca quanto eu.

– O que o faz pensar que confiamos em você?

– Eu... eu...

– Pode respirar, estou brincando. – Locke deu um tapinha nas costas de Nikoros e sorriu. – Se você estiver errado, claro, estamos completamente fornicados. Josten! Meu caro amigo. Sim, mande nosso lixo para os quartos, tenho certeza de que eles são perfeitos, com o número certo de paredes e tetos. Vou contá-los mais tarde. Você sabe por que estamos aqui?

– Ora, para nos ajudar a quebrar os dentes do Íris Negra, para variar. E para desfrutar do seu café.

Um garçom apareceu ao lado de Jean, oferecendo uma caneca fumegante numa bandeja de latão. Jean pegou-o e engoliu metade de uma vez, estremecendo de prazer quando o calor cascadeou por sua goela endurecida pela batalha.

– Ah, sim. É isso mesmo. Doce morte líquida. Com apenas uma pitada de gengibre.

– Sementes de Okanti – explicou Josten. – Minha família plantava nas ilhas natais, antes de virmos para o norte.

– Está se sentindo humano de novo? – perguntou Locke.

– Esta bebida poderia fazer um eunuco morto mijar relâmpago – respondeu Jean. Em seguida, engoliu a outra metade da caneca. – Quer subir e descansar?

– Pelos deuses, não. O tempo é precioso, a segurança é inexistente e nossa bunda coletiva está pendurada ao vento

implorando que um certo alguém crave uma flecha bem entre os glúteos. Josten, preciso usá-lo de modo cruel, infelizmente.

– Peça o que quiser. Eu entrego.

– Muito bem, mas logo você vai aprender a não me dizer esse tipo de coisa até que eu termine de falar. E depois, provavelmente, vai aprender a não dizer coisas gentis. Seus garçons, carregadores, coisa e tal. Você contratou algum na última semana?

– Cinco ou seis.

– Ponha os nomes deles num papel e o entregue a mestre Callas.

– Locke apontou o polegar para Jean. – Instrua seus empregados de maior confiança a vigiar os recém-contratados o tempo todo. Não *faça* nada, mas tenha um relatório completo das atividades deles. No papel.

– E devo entregar esse papel a mestre Callas?

– Exato. Em seguida, pense em cada porta, em toda a estrutura, que você costuma manter fechada. A não ser os quartos dos hóspedes, claro. Mude todas as fechaduras, absolutamente todas. Faça isso amanhã, no horário comercial. Nikoros vai reembolsá-lo com as verbas do partido.

– Eu... – começou Nikoros.

– Nikoros, seu trabalho esta tarde é dizer *sim* a tudo que sair da minha boca. Quanto mais você ensaiar, mais cedo isso vai se tornar um processo mecânico e fácil, sem lhe dar tempo para reflexões dolorosas. Pode treinar para mim?

– Sim.

– Você tem um talento natural. De qualquer modo, Josten, traga os chaveiros para cá amanhã, nem que tenha de lhes prometer pagamento de um mês. Certifique-se de que os empregados recém-contratados não recebam chaves novas. Faça parecer que os chaveiros não têm chaves suficientes. Diga que vão receber suas cópias em alguns dias. Veremos se um deles fará algo interessante. Está claro até agora?

Josten assentiu e bateu na têmpora direita com o dedo.

– Em seguida, mande um artesão fazer alguns cordões de pescoço simples para todos os seus empregados. Dignos mas baratos. Ferro dourado, nada que alguém queira afanar. Isso é importante. Não queremos nenhum espião empreendedor usando uma roupa que imite um dos seus garçons para poder espiar por aqui. Qualquer um que estiver de serviço vai usar essa corrente. Qualquer um que trabalhar sem ela vai ser arrastado para os fundos, para uma conversa mal-educada. *Ninguém* levará o cordão quando for embora, caso contrário será demitido. Entendeu? Os cordões serão entregues por você e por seus associados de maior confiança, e devolvidos no início de cada turno. Assim que tiver cuidado disso, anuncie a todos os empregados que você vai dobrar os salários até o dia depois da eleição. Nikoros vai reembolsá-lo com as verbas do partido.

– Ah... sim – disse Nikoros.

– Mencione também que é importante preservar a casa em segurança durante o período eleitoral e que o relato de *qualquer coisa* genuinamente incomum ou fora do lugar será recompensado. Se uma aranha peidar na adega, quero que você fique sabendo.

Os olhos de Josten haviam se arregalado, mas ele assentiu como antes.

– O que mais...? Segurança física! Precisamos de brutamontes. Digamos que meia dúzia. Figuras confiáveis, pacientes, prontas para a briga mas não babando para começar uma. Nada de idiotas. E algumas mulheres que possamos misturar à multidão. Gente hábil, garotas bonitas com facas embaixo da saia. Onde podemos conseguir algumas?

– No Pátio da Poeira – respondeu Nikoros. – Nas paradas e recepções de caravanas. Sempre há guardas para contratar. Não são exatamente Eruditos do Colégio, veja bem.

– Desde que não fiquem chupando o polegar no meio de pessoas

bem-educadas – disse Locke. – Cuide disso amanhã, Nikoros, e leve mestre Callas. Ele sabe separar o joio do trigo. Limpe os novos recrutas, arranje roupas decentes para eles e coloque-os aqui o tempo todo. Pague os quartos com a verba do partido. Além disso, deixe claro que qualquer um que seja trazido como segurança obedece diretamente a mim ou a Callas. Eles *não* recebem ordem de mais ninguém sem a nossa permissão.

– Ahn, claro – aceitou Nikoros.

– Agora, Nikoros, você tem um escritório cheio de papéis para preservar. Vá correndo e ponha o seu escriba para trabalhar. Dê os passos que nós discutimos antes. A que horas você vai nos exhibir?

– À nona hora da noite.

– Ótimo, ótimo, *merda*. Espere. Todo mundo que comparecer saberá que Callas e eu estamos comandando o espetáculo?

– Não, não, só os membros do Comitê. Nós os contratamos, lembre-se.

– Ah. Tudo bem. Continue dando o fora daqui e nós vemos você esta noite.

Nikoros assentiu, apertou a mão de Josten e saiu pela porta da frente.

– O que mais...? – Locke se virou de novo para Josten. – Quartos. Sim. Os quartos adjacentes à nossa suíte e à frente dela não devem ser alugados. Mantenha-os vazios. Faça com que Nikoros pague o aluguel das seis semanas com as verbas do partido. Mas entregue a mim as chaves dos quartos vazios, certo?

– Isso é fácil.

Jean estudou Locke atentamente. Essa rápida transição para um estado de planejamento enérgico, de olhos arregalados, era algo que ele vira muitas vezes. Mas havia uma qualidade nervosa, febril, no humor de Locke, que fez Jean morder o lábio, preocupado.

– O que mais...?

– Um lanche, talvez? – interrompeu Jean o mais gentilmente que

pôde. – Comida, vinho, café? Alguns minutos para sentar-se e recuperar o fôlego em particular?

– Quanto à comida, senhor... – começou Josten.

– Ponha qualquer coisa no meu prato, a não ser um escorpião vivo, e eu como. E... e... – Locke estalou os dedos. – Sei o que esqueci! Josten, você teve algum cliente novo nos últimos dias? Clientes *particularmente* novos, jamais vistos antes, que passaram muito tempo sentados por aqui?

– Bom, agora que o senhor mencionou... Não olhe, mas, à sua direita, na extremidade do salão, na terceira mesa a partir da parede dos fundos, embaixo da pintura da dama com os peit... o colar excepcional.

– Sei – disse Locke. – É, aquele é um lugar extraordinário para pendurar um colar. Três homens?

– Começaram a vir há três dias. Comem e bebem, mais do que o suficiente para manter o lugar à mesa. Mas eles ficam horas de cada vez, e às vezes vêm e vão em turnos. Há um quarto sujeito que não está ali agora.

– Eles têm quartos?

– Não. E não fazem negócios com os fregueses regulares. Às vezes jogam baralho, mas na maior parte do tempo... bom, não sei o que fazem. Nada ofensivo.

– Você diria que eles são cavalheiros? Pela maneira de se vestir, pela postura?

– Bom, eles não são desprovidos de dinheiro. Mas eu não diria que são cavalheiros.

– Contratados – afirmou Locke, tirando algumas joias mais óbvias que Nikoros havia comprado para ele e enfiando-as num bolso do casaco. – Serviçais. Profissionais de conveniência, a não ser que eu esteja errado. Estou um pouco vestido demais para isso, mas acho que posso compensar reduzindo meus bons modos.

– Vestido demais para quê? – perguntou Jean.

– Insultar pessoas totalmente estranhas – respondeu Locke, afrouxando o lenço do pescoço. – É preciso cuidar das delicadas nuances sociais quando você informa a algum pobre coitado que ele é um filho da puta imbecil.

8

– ESPERE AÍ – FALOU JEAN. – Se você quer começar uma briga, eu...

– Já pensei nisso – retrucou Locke. – Você provavelmente iria amedrontá-los. Preciso que eles se sintam insultados, e *não* ameaçados. Logo, o serviço é meu.

– Bom, você gostaria que eu interviesse antes que seus dentes sejam arrancados a socos ou isso faz parte do seu plano?

– Se eu estiver certo, você não vai precisar. Se eu estiver errado, concedo-lhe licença plena para um “eu avisei” quando eu estiver consciente outra vez, com um acréscimo de “seu escroto idiota”, se você quiser.

– Vou reivindicar esse privilégio.

O garçom rápido apareceu com uma segunda xícara de café para Jean, que a pegou e colocou um par de moedas de cobre no lugar. O homem fez uma reverência.

– Josten – disse Locke –, se por acaso eu fizer alguma patifaria com clientes honestos, vamos recompensá-lo.

– Serão seis semanas extremamente interessantes – murmurou Josten.

Locke respirou fundo, estalou os nós dos dedos e foi até a mesa onde os três estranhos estavam sentados. Jean permaneceu a certa distância, cuidando de sua xícara de café. Sua presença ali era um conforto, familiar como uma sombra.

– Boa tarde – cumprimentou Locke. – Meu nome é Lazari. Creio que estou me intrometendo.

– Desculpe – respondeu o homem mais perto dele –, mas nós estávamos...

– Infelizmente, não ligo a mínima.

Locke sentou-se numa cadeira vazia e avaliou os estranhos: jovens, limpos, bem cuidados, vestidos com roupas não muito caras. Estavam compartilhando uma garrafa de vinho e uma jarra d'água.

– Estávamos tendo uma conversa particular! – exclamou o homem à direita de Locke.

– Ah, mas eu estou aqui para prestar um serviço a vocês dois. – Locke fez um gesto para os dois homens sentados à sua frente. – Com relação ao sujeito ao lado de quem estou sentado, o boato que corre no bar é que ele só consegue ficar com o negócio duro quando está em cima de outro sujeito que ele pegou à força ou por subterfúgio.

– Que diabo é isso? – sibilou o homem à direita.

– Verbalizando de modo menos delicado, se vocês continuarem ligados a esse conhecido enganador, ele vai amarrar vocês dois, fazer uma coisa num lugar muito sujo até vocês sangrarem, e não vai se incomodar em desamarrá-los depois.

– Isso é *impróprio* – comentou um dos homens do outro lado da mesa. – Impróprio, e se você não se retirar agora mesmo...

– Eu ficaria mais preocupado se o seu amigo não se retirasse agora mesmo. Ele é conhecido por ser rápido.

– Qual é o objetivo dessa interrupção infantil? – O homem à direita de Locke deu um soco na mesa, só com força suficiente para sacudir a garrafa e os copos.

– Pelos bons deuses – disse Locke, fingindo notar o vinho pela primeira vez –, vocês, seus babacas incapazes, não *beberam* nada disso?

Ele tirou o chapéu e usou-o para derrubar a garrafa de vinho no colo dos dois homens à sua frente.

– Seu desgraçado! – exclamou um.

– Ora, eu... eu... – gaguejou o outro.

– Mas, afinal de contas, talvez o vinho não tenha narcóticos. – Locke agarrou a garrafa e tomou um longo gole. – Não precisaria ter, para kartanis. Os mijões mamadores de leite poderiam ficar bêbados com o cheiro de uma garrafa vazia!

– Eu vou... chamar o proprietário! – gritou o homem diante dele, à esquerda, pegando seu copo vazio no colo.

– Que medo! – exclamou Locke. – Selvagem feito um gatinho numa teta. Diga, você já ouviu aquela piada do kartani rico e do kartani que sabia quem era a própria mãe? Merda, espere, eu disse *kartani*, não foi? Conte essa porcaria errado.

– Saia – ordenou o homem à sua direita. – Saia! Agora!

– Ei, como é que um kartani descobre que a esposa está tendo o fluxo mensal? Ele se arrasta para a cama do filho e o pau do garoto já está molhado. Rá! Ah, você ouviu aquela do kartani que alegou ser capaz de contar até cinco...

O homem à direita de Locke empurrou a cadeira para longe da mesa e se levantou. Locke o agarrou pela lapela. O homem se imobilizou, olhando-o, furioso. Locke não tinha forças para arrastá-lo para baixo se decidisse lutar, mas o insulto crucial do toque sem permissão já fora dado.

– Aonde você vai? – perguntou Locke. – Ainda não terminei minha sensível troca cultural.

– Tire a mão do meu casaco, seu abominável...

– Ou então o quê?

– Nós vamos reclamar com o proprietário.

– *Eu* é que mando aqui. E você já sabe. Você foi enviado aqui para vigiar minha chegada. Está vendo o cavalheiro grandão 10 metros atrás de mim? Ele é o outro que vocês estão procurando. Deem uma olhada bem longa e cuidadosa, crianças. Não duvido que sua patroa espere um relatório detalhado.

O homem se afastou com um repelão.

– Ora bolas – disse Locke em tom razoável, tomando outro gole da garrafa de vinho. – Nenhum homem com um pingão de amor-próprio teria suportado essa minha agressão. Se vocês fossem cavalheiros, teriam me chamado para fora e, se fossem patifes, teriam me dado um soco nos dentes. O fato é que vocês receberam uma bela quantia para se sentar aqui e me espionar e ficaram extremamente confusos quanto ao que fazer quando eu mijei na sua dignidade.

Os dois homens do outro lado da mesa começaram a se levantar e Locke fez um gesto enfático para permanecerem sentados.

– Não façam nada estúpido *agora*, senhores. Não há como recuperar sua situação. Levantem um dedo num ato de pouca gentileza e eu garanto que seus ossos vão demorar seis meses para emendar de novo. Além disso, tenho cinquenta testemunhas jurando que vocês mereceram.

– O que o senhor quer conosco? – perguntou o homem da direita.

– Levem suas carcaças patéticas porta afora. Sejam rápidos e educados. Se eu pegá-los nas proximidades do Josten de novo, vocês vão acordar num beco com todos os dentes enfiados no cu. Isso serve para seu amigo ausente também.

Locke recolocou o chapéu e se afastou despreocupadamente. Lançou um sorriso para Jean, que levantou a xícara de café em saudação – o raspar de cadeiras no chão atrás dele indicou que os homens se apressavam para partir. Ele e Jean os observaram sair.

– Você é mesmo um sujeitinho vulgar quando está motivado – comentou Jean.

– Tenho coisa pior – replicou Locke. – Armazenada em alguma prateleira alta na mente, como venenos de alquimista. Peguei a maior parte com Calo e Galdo.

– Bom, você foi bastante venenoso com nossos amigos óbvios.

– É. Óbvios. É ótimo descobrir os espiões evidentes. Agora só

precisamos nos preocupar com os capazes.

9

LOCKE DESTRUIU UM EXCELENTE LANCHE para seis pessoas – Jean se contentou com uma pequena parte do festim e saiu grato por não perder nenhum membro –, depois teve um sono intermitente na suíte, alternando cochilos numa espreguiçadeira com episódios de caminhadas furiosas de um lado para outro.

À medida que o sol se punha e os minúsculos fragmentos de céu visíveis ao redor das cortinas da janela escureciam, homens da Alfaiataria Morena entregaram os primeiros itens do guarda-roupa prometido. Locke e Jean examinaram os novos casacos, coletes e calções em busca de agulhas escondidas ou pós alquímicos antes de pendurá-los nos enormes armários de pau-rosa que havia nos quartos.

Na oitava hora da noite, apareceram criadas e carregadores com banheiras de água fumegante. Locke testou cada uma mergulhando um dedo e, como sua carne não foi arrancada dos ossos, admitiu que elas poderiam ser seguras para o objetivo desejado.

Quando Nikoros bateu à porta, quarenta minutos depois, os Nobres Vigaristas estavam limpos e confortavelmente enfiados em roupas perfeitas.

– Senhores, trouxe algumas coisas que espero serem úteis – informou Nikoros, que também havia melhorado substancialmente suas roupas.

Ele entregou uma pasta de couro a Locke, que a abriu e encontrou pelo menos cem páginas dentro. Algumas estavam cobertas com a escrita densa de Nikoros; outras, com uma letra impecável que sem dúvida não era dele.

– Relatórios financeiros do Raízes Profundas – explicou Nikoros. – Listas de membros importantes, planos e minutas da última eleição,

listas de propriedades e agentes, listas equivalentes do que sabemos sobre o Íris Negra, cópias das leis eleitorais da cidade...

– Esplêndido – interrompeu Locke. – E você seguiu todos os passos que nós discutimos antes?

– Meu escriba ainda está trabalhando, mas todo o resto foi abordado. Se a terra se abrir e engolir meu escritório, juro que não perderei nada que seja impossível de substituir.

– Ótimo. Quer beber alguma coisa? Temos um armário de bebi... Não, espere, ainda não examinei as garrafas, desculpe.

– Tenho certeza de que qualquer coisa fornecida por Josten será perfeitamente segura – garantiu Nikoros, levantando as sobrancelhas.

– Não é com a fidelidade do Josten que eu me preocupo.

– Bom, deixe-me garantir que nós não damos festas em Kartane com o objetivo de ficarmos secos. – Ele enfiou a mão no casaco e pegou dois ornamentados distintivos prateados de lapela, presos em fitas verdes, idênticos ao dourado que estava sobre o lado direito de seu peito. – Por sinal, não posso me esquecer das suas insígnias.

– A plumagem oficial do Raízes Profundas? – perguntou Jean, estendendo a mão para o seu broche.

– Sim. Para a festa desta noite, os membros do Comitê usarão broches de ouro; os do Konseil, de jade; os outros privilegiados, de prata. Esses aí vão identificar os senhores como homens a serem respeitados, mas não que devam ser seguidos e comentados, se os senhores não quiserem.

– Ótimo – disse Locke, enfeitando sua lapela. – Agora que fomos adequadamente engalanados, vamos nos servir à família.

10

TODA A APARÊNCIA DO SALÃO PRINCIPAL da estalagem do Josten havia sido modificada para a noite. O número de funcionários junto

à porta da rua tinha dobrado e seus uniformes eram muito mais impressionantes. Estandartes verde-escuros pendiam dos caibros e das colunas envernizadas. Carruagens podiam ser ouvidas chegando e partindo constantemente e Locke vislumbrou vários funcionários barrando a passagem de um grupo de homens bem-vestidos sem fitas verdes. Sem dúvida a festa era fechada... Será que os homens na calçada eram fregueses legitimamente desinformados ou participavam de algum tipo de tramoia da oposição? Não havia tempo para investigar.

Um quinteto de cordas tocava uma música agradável nas galerias superiores e todas as lareiras visíveis tinham enormes chaleiras borbulhando para chá e café. Havia mesas carregadas com milhares de garrafas de vidro e um número suficiente de jarras, taças e copos para cegar cada olho na cidade com o reflexo das luzes. Locke piscou várias vezes e voltou a atenção para os homens e mulheres que entravam.

– Já são bem mais de 150.

– Acontece – replicou Nikoros, rindo energicamente como se aquilo fosse uma piada particular. – Nós planejamos com m-muita restrição, mas há várias pessoas que não podemos nos dar ao luxo de ofender.

Locke encarou-o. Nikoros havia mudado de algum modo nos poucos minutos entre o quarto deles e a festa. Suava profusamente, as bochechas vermelhas, os olhos saltando de um lado para outro como pequenas criaturas presas atrás de painéis de vidro. Mas não estava nervoso: parecia beatífico. *Pelos deuses!*

O homem de moral reta que zelava por eles, seu elemento de ligação com a nata do Raíces Profundas, era viciado em pó de Akkadris. Locke sentiu o odor pungente, parecido com pinho. Maldição! Akkadris, Musa-de-Fogo, matadora de poetas. O álcool aplacava e soltava o espírito, mas o pó fazia o oposto, acendendo fogos na mente até que o viciado tremia de empolgação sem motivo

discernível. Era um vício caro e acumulativamente suicida.

– Nikoros – disse Locke, agarrando uma das lapelas do sujeito –, você e eu precisamos ter uma discussão muito franca sobre...

– Via Lupa! Via Lupa, meu caro garoto!

Um velho gordo, com um rosto que parecia um pudim rosado cheio de costuras, partiu para cima deles, batendo, empolgado, a bengala de madeira-bruxa no chão. As sobrancelhas brancas do sujeito adejavam como fiapos de fumaça, e seu distintivo de lapela era de jade polido.

– Nikoros dos lobos, assim chamado por causa de suas margens de lucro! Rá!

– B-boá noite, Sua Excelência! – Nikoros aproveitou a interrupção para se soltar de Locke. – Ah! Senhores, gostaria de lhes apresentar Primeirofilho Epitalus, membro do Konseil pela Isas Tedra há 45 anos. Alguns o consideram, ahn, uma f-figura de proa de nosso navio político.

– Então eu sou uma figura de proa, é? Uma mulher desamparada espirrando água sem o bom senso de cobrir os peitos? Será que preciso mandar um amigo para exigir uma explicação sobre essa fala, meu jovem?

– Deixe o pobre garoto em paz, Primeiro. Está bem claro que você tem, *sim*, o bom senso de cobrir os peitos.

Uma mulher magra e idosa segurou Epitalus pelo braço com um gesto amigável. Para Locke, ela parecia uma bem vivida sessentona, mas tinha olhos vívidos e sorriso maroto. Também usava um distintivo de jade e, enquanto ela e Epitalus explodiam numa gargalhada, Nikoros os acompanhou, nervoso, com uma risada mais alta do que as dos outros.

– E permitam que eu também apresente... ahn...

Foi apenas um lapso momentâneo, mas a mulher o aproveitou, ansiosa.

– Ah, diga o nome, Nikoros, não vai queimar sua língua.

Ele pigarreou.

– É, ahem: Maldita Superstição Dexe, membro do Konseil pela Isas Mellia e chefe, ahn, chefe do Comitê do Raízes Profundas.

– Maldita Superstição? – indagou Locke, sorrindo mesmo contra a vontade.

– Exatamente – respondeu Dexe –, mas você notará que eu sigo as regras às riscas. A hipocrisia e a cautela são primos afetuosos.

– Excelências – interveio Nikoros –, por favor, por favor permitam-me o p-prazer de apresentar mestres Lazari e Callas.

Reverências, apertos de mão e amenidades foram trocadas com a velocidade de uma escaramuça e, assim que todos os golpes apropriados foram dados, as excelências voltaram imediatamente à informalidade.

– Então os senhores são os cavalheiros de quem temos falado tanto recentemente – observou Dexe. – Soube que expulsaram algumas víboras para fora do nosso meio esta tarde mesmo.

– Não eram víboras de verdade, excelência – replicou Locke. – Apenas alguns cagalhões que nossa oposição jogou na rua para ver se estávamos vendo onde pisávamos.

– Bom, continuem assim – incentivou Epitalus. – Temos muita confiança em vocês, rapazes, muita confiança.

Locke assentiu e suas entranhas estremeceram. Aquelas pessoas com certeza não haviam lido uma única anotação sobre os feitos fictícios de Lazari e Callas. Seu calor e seu entusiasmo tinham sido instalados pelos feitiços dos Magos-Servidores. Será que isso duraria para sempre ou se dissolveria como alguma moda passageira assim que a eleição terminasse? Será que poderia se dissolver *antes*, por acidente? Era um pensamento inquietante.

Nikoros conseguiu arrebanhar o pequeno grupo até as luzidias montanhas de bebidas. Apesar de sua conversa sincera com Nikoros ter sido adiada pelas circunstâncias, Locke sentiu-se mais confortável assim que garantiu um drinque. Um copo na mão parecia

uma exigência tão comum quanto uma fita verde no peito.

Logo Epitalus e Dexa foram cultivar seu prestígio. Nikoros circulou com Locke e Jean pelo salão várias vezes, fazendo apresentações, mostrando prodígios e curiosidades, membros do Comitê, amigos, primos, primos de amigos e amigos de primos.

No passado, Locke se acostumara a se misturar com a aristocracia de Camorr e, ainda que a nata de Kartane não carecesse de nada em termos de espirituosidade e pompa, parecia haver uma nítida diferença de caráter, que era mais profunda do que meras variações de hábitos entre leste e oeste. Ele demorou meia hora de conversas para enfim captar a natureza do contraste: a alta burguesia kartani não tinha uma qualidade marcial, onipresente nos ricos da maioria das outras cidades-estado.

As pessoas não possuíam cicatrizes de batalha óbvias, nem braços mutilados em mangas de casacos presas com alfinetes, nem o passo comedido de antigos soldados de infantaria ou o andar oscilante dos equestres. Locke lembrou que o exército de Kartane fora debandado quando os magos se instalaram. Durante quatro séculos, a agourenta Presença fora a única proteção (suficiente) da cidade contra a interferência externa.

As apresentações e as amenidades continuaram.

– Ora, quem é aquele sujeito ali? – perguntou Locke, bebendo seu segundo conhaque de Austershalin com água. – Aquele com o chapuzinho estranho.

– O cavalheiro de chapéu garboso? Droga... o nome dele me escapa no momento. – Nikoros tomou um gole generoso de vinho como se isso pudesse ajudar; se funcionou, não foi instantaneamente. – Desculpe, mas conheço o amigo dele, que está ao lado. É um dos organizadores do nosso distrito. Primeirofilho Cholmond. Sempre diz que está escrevendo um livro.

– De que tipo? – perguntou Jean.

– História. Um grande estudo histórico da cidade de Kartane.

– Que os deuses lhe concedam um acidente de carruagem paralisante.

– Simpatizo com você. A maioria dos historiadores sempre me pareceram perpetradores do tédio. Ele jura que seu livro é diferente. Mesmo assim...

O que quer que Nikoros fosse falar em seguida perdeu-se num alvoroço geral. Primeirofilho Epitalus havia subido a uma das galerias superiores e estava acenando, pedindo algum tipo de ordem à multidão, que nesse momento já tinha absorvido boa parte do próprio peso em álcool.

– Boa noite, boa noite, boa noite! – gritou Epitalus. – Boa noite!
– E então, como se alguém pudesse não saber ainda qual era o período do dia: – Boa *noite!*

O quinteto de cordas interrompeu os zumbidos e as vibrações agudas, e a aclamação geral baixou para um murmúrio de embriaguez.

– Bem-vindos, damas e cavalheiros, dedicados amigos, à septuagésima nona temporada de eleições na nossa República de Kartane! Peço que parem um momento para refletir com piedade sobre como restam poucos dos que ainda conseguem se lembrar da primeira.

Risos bem-humorados perpassaram a multidão.

– Até os que ainda usam fraldas devem ser capazes de recordar os nossos heroicos esforços há cinco anos. Apesar da oposição furiosa, conseguimos preservar nossa forte minoria de nove cadeiras no Konseil!

Gritos roucos e aplausos ecoaram no salão durante algum tempo. Locke se encolheu. Forte minoria? Será que ele estava deixando de captar algum tipo de piada kartani ou eles eram mesmo incapazes de admitir que haviam perdido?

– E assim, sem dúvida, o fardo de defender os antigos ganhos repousa pesadamente nos nossos inimigos e isso deve torná-los

eminentemente vulneráveis ao que virá desta vez!

Houve gritos a plenos pulmões, tilintar de copos, aplausos e o som de pelo menos um participante mais fraco sucumbindo à influência da bebida grátis. Por sorte, sua queda de uma galeria foi interrompida por uma multidão de pessoas de corpo macio, que estavam mergulhadas em seus copos o suficiente para não se ofenderem com a súbita chegada. Com discrição, garçons removeram o pobre coitado enquanto Epitalus prosseguia:

– Será que posso lhes pedir, portanto, para erguer uma taça brindando a nossa querida oposição, os rapazes e as moças com excesso de confiança do outro lado da cidade? O que devemos desejar a eles, hein? Confusão? Frustração?

– Eles já estão confusos! – gritou Dexa em algum lugar na frente da turba. – Então, que seja frustração!

– *Frustração para o Íris Negra!* – trovejou Epitalus, levantando sua taça.

O grito ecoou em todos os cantos da multidão e, após um longo gole, várias centenas de pessoas ficaram com uma necessidade premente de encher os copos outra vez. Garçons com garrafas nas duas mãos vagavam no meio da refrega. Depois que Epitalus recebeu um novo suprimento de vinho, voltou a erguer a taça.

– Kartane! Que os deuses abençoem nossa grande joia do Oriente!

Esse brinde também ecoou com entusiasmo, mas então Locke testemunhou uma coisa curiosa. Um bom número de pessoas ao seu redor levou a mão esquerda aos olhos, baixou a cabeça e sussurrou “Abençoada seja a Presença”.

– Que os deuses nos concedam toda a bênção de uma vitória há muito esperada – continuou Epitalus –, assim como me concederam a honra da atenção muito gentil de vocês. Não vou retê-los nem mais um instante! Temos trabalho suficiente nas próximas seis semanas, mas esta noite é para o prazer e devo insistir que todos o

busquem vigorosamente!

Epitalus desceu da galeria elevada sob uma salva de palmas que sacudiu os caibros. Os músicos recomeçaram a tocar.

– O que acha do velhinho? – perguntou Jean.

– Ele tem uma visão estranhamente luminosa de dez anos de derrota – respondeu Locke. – Mas, se eu for morto nas próximas seis semanas, quero que ele fale no meu funeral.

– Não quero mijar no bom humor – disse Jean em voz muito mais baixa –, mas você notou que nosso amigo Nikoros...

– É. – Locke suspirou. – Vamos dar um jeito nele mais tarde.

A massa de bem-vestidos Primeirofilhos, Segundofilhos, Terceirafilhas e coisas do tipo retornou aos seus grupinhos anteriores e encurralou as bandejas de prata cheias de comida que agora estavam sendo descobertas nos fundos do salão. Alquimistas performáticos com fantasias de seda brilhantes emergiram da cozinha, alguns para preparar bebidas, outros já fazendo malabarismo com fogo sem calor ou conjurando vapor reluzente multicolorido.

– Parabéns, Nikoros – congratulou Locke. – Sua festa parece um tremendo sucesso. Mas algo me diz que não vamos começar nenhum maldito trabalho antes do meio-dia de amanhã.

– Ah, Josten é a pessoa perfeita para isso. Ele, ah, ele prepara um remédio para ressaca que vai apagar os v-vapores do seu cérebro! Sem alquimia. Por isso, acho que podemos nos servir de mais um copo ou dois com a tranquilidade...

Foi então que Locke notou um novo murmúrio na multidão perto da porta principal: não era o ronronar baixo do contentamento bêbado e, sim, um sinal de inquietação se espalhando. Homens e mulheres com fitas verdes se separaram como nuvens diante de um sol nascente e, da abertura, saiu um homem atarracado com cabelos encaracolados usando casaco azul-claro e chapéu de quatro bicos da mesma cor. Carregava um cajado de madeira polida com cerca de

um metro de altura encimado por uma estatueta de prata na forma de um leão empinado. Era obviamente um cajado de oficial de justiça.

– Arauto Vidalos – disse Nikoros calorosamente. – C-caro amigo, você chegou em ótima hora! Você precisa, precisa tomar alguma coisa para afastar o frio! Sirva-se.

– Lamento profundamente, Nikoros. – O homem tinha uma voz de uma suavidade curiosa e era óbvio que sentia algum desconforto.

– Infelizmente, vim a serviço da Corte dos Magistrados.

– É verdade? – Nikoros se enrijeceu. – Bom, ahn, talvez eu possa, eu possa ajudá-lo a manter isso em discrição. Quem você precisa ver?

– Zelo Josten.

Nesse ponto, um amplo círculo havia se aberto no salão ao redor de Vidalos. Josten passou pela multidão e adentrou no espaço vazio.

– O que há de novo, Vidalos?

– Nada que me dê algum prazer. – Vidalos tocou seu cajado com suavidade no ombro esquerdo de Josten. – Zelo Josten, eu lhe entrego, diante de testemunhas, uma intimação da Corte dos Magistrados de Kartane.

Ele afastou o cajado e entregou ao estalajadeiro um tubo. Enquanto Josten retirava um rolo de pergaminho, rompia o lacre e o desenrolava, Locke moveu-se casualmente para ficar ao lado dele.

– Qual é o problema? – sussurrou.

– Caralho, pelos Dez Nomes Santos – praguejou Josten, passando o olhar pelos numerosos parágrafos bem arrumados no pergaminho. – Isto não pode estar certo. Todas as minhas taxas estão pagas...

– Sua licença para servir bebidas fortes está em atraso – interrompeu Vidalos. – Não há registro na Corte dos Magistrados de que o pagamento deste ano tenha sido recebido.

– Mas... mas eu paguei. Com certeza paguei!

– Josten, senhor, desejo acreditar com toda a alma, mas é meu dever executar esse mandado, e devo executá-lo, ou é a minha pele que eles vão arrancar no Dia da Penitência.

– Bom, podemos resolver esse negócio dos registros mais tarde. Só diga quanto eu devo e eu pago imediatamente.

– Eu sou *proibido* de receber pagamentos ou penalidades em mãos. Como o senhor sabe muito bem. O senhor terá que ir à próxima sessão de Ações Públicas na Corte dos Magistrados.

– Mas... isso é daqui a três dias. Até lá...

– Receio ter que dispersar esta festa – disse Vidalos baixinho. – Depois disso, é sua escolha se lacramos suas portas ou se retiramos sua bebida. São apenas alguns dias, senhor.

– Apenas alguns dias? – sussurrou Josten, incrédulo.

– Ah, Sabeta – murmurou Locke consigo mesmo. – Sua maldita artista. Olá para você também.

I N T E R L Ú D I O

Vigaristas no estrangeiro

1

ESTAVAM MAIS DE 60 QUILÔMETROS além da fronteira da grande Camorr, na terceira manhã de viagem, quando passaram pelo primeiro cadáver balançando sob o galho arqueado de uma árvore à beira da estrada.

– Ah, olhem – disse Calo, sentado junto de Jean na frente da carroça. – Todos os confortos do lar.

– É o que fazemos com bandoleiros quando há uma corda de força disponível – avisou Anatoly Vireska, que estava andando ao lado deles, mastigando um desjejum tardio composto de figos secos. A carroça deles ia à frente da caravana. – Há uma a cada 2 ou 3 quilômetros. Se a corda estiver ocupada, ou se não for conveniente, nós simplesmente abrimos a garganta deles e os jogamos fora da estrada.

– Há mesmo tantos bandoleiros assim? – perguntou Sabeta. Estava sentada no topo da carroça com os pés apoiados em Galdo, que roncava, tendo cumprido o turno de vigia antes do alvorecer. – Desculpe. É que não parece haver ninguém espreitando. – Ela soava entediada.

– Bom, há tempos bons e tempos ruins – respondeu o chefe da caravana. – Num verão como este, podemos ver um mensalmente. Nós penduramos o nosso amigo ali há mais ou menos um mês. Desde então, tudo está calmo. Mas, quando a colheita é ruim, que os deuses nos ajudem, eles aparecem nas florestas, amontoados feito bosta de pássaro. E, depois de uma guerra, são os mercenários e desertores causando um inferno. Eu dobro a guarda. E dobro os ganhos, rá.

Locke não sabia se concordava que não havia ninguém espreitando. O campo tinha o caráter mal-assombrado que ele recordava dos meses que passara aprendendo os rudimentos da vida agrícola. Todas aquelas noites em que ficara acordado ouvindo o estranho farfalhar das folhas, ansiando pelo clamor familiar das rodas de carruagens, dos passos nas pedras, dos barcos na água.

A velha estrada imperial fora bem construída, mas agora começava a desmoronar nos locais remotos entre os grandes poderes. Os fortes de guarnições vazios, silenciosos como mausoléus, estavam sumindo por trás de nevoentos bosques de cipreste e madeira-bruxa, e as pequenas cidades que haviam brotado ao redor tinham se reduzido a ruínas cobertas de musgo e

riscos na poeira.

Locke andava ao lado da carroça, do lado oposto a Vireska, tentando olhar a paisagem, e não Sabeta. Ela descartara seu capuz de matrona e o cabelo balançava à brisa morna.

Ela não cumprira com o “compromisso” na segunda noite. De fato, mal falara com ele, permanecendo concentrada nas peças que tinha trazido e desviando todas as tentativas de conversa com tanta habilidade quanto havia aparado seus golpes de bastão.

A caravana, seis carroças no total, sacolejava no calor da manhã. Ao meio-dia, passaram por um bosque parecido com um túnel escuro. Um nó de forca temporariamente vazio pendia de um dos galhos altos e escuros, como um pêndulo abandonado.

– Sabe, a princípio foi uma novidade – disse Calo –, mas estou começando a achar que este lugar poderia ter um marco de distância mais alegre.

– Os bandidos derrubariam as placas decentes – replicou Vireska. – Mas todos têm medo de tocar nos nós de forca. Dizem que, quando você não enforca alguém em cima de água corrente, a corda segura a alma inquieta. Quem encosta nela fica com um tremendo azar, a não ser que esteja lhe dando uma vítima nova.

– Humm. Se eu ficasse aqui atacando carroças no meio de porra nenhuma, acho que meu azar já seria o maior possível.

2

PARARAM PARA PERNOITAR NA ALDEIA de Tresanconne, um povoado com cerca de duzentas almas construído em três morros cercados por pântanos, protegido por paliçadas feitas de troncos pontudos. Era o único tipo de comunidade que poderia florescer ali, segundo Vireska: grande demais para os bandoleiros dominarem, porém remota demais para que grupos de soldados camorris achassem compensador visitá-la para cobrar “impostos de manutenção da

estrada”.

Não se tratava de um idílio rural. Os aldeões eram carrancudos e desconfiados, apreciando mais as mercadorias de fora do que os estranhos que as traziam. Mesmo assim, o terreno íngreme e áspero que eles forneciam para as caravanas era preferível a qualquer cama que os esperasse na umidade escura do ermo.

Era a vez de Locke varrer embaixo da carroça, enquanto Jean cuidava dos cavalos. Os Sanzas, aceitando de má vontade a proximidade mútua, foram examinar a aldeia. Sabeta permaneceu em cima da carroça, vigiando as posses. Locke só precisou de alguns minutos para garantir que o espaço onde eles abririam os cobertores não representava um embaraço à civilização, e então lhe ocorreu que os dois estavam mais ou menos a sós.

– Eu, ahn, lamento não ter tido a chance de falar com você ontem à noite – disse ele.

– Ahn? Foi uma perda verdadeira para algum de nós?

– Você pro... Bom, não creio que você tenha prometido. Você falou que pelo menos pensaria a respeito.

– Isso mesmo, eu não prometi.

– Bom... droga. Você está obviamente de mau humor.

– Estou? – Sua voz denotava perigo. – Estou mesmo? Por que isso seria excepcional? Um garoto pode ser desagradável quanto quiser, mas, quando uma garota se recusa a cagar luz do sol a qualquer minuto, o mundo murmura, sombrio, sobre o *mau humor* dela.

– Só falei isso por causa de, é... bem... de nada, mesmo. Foi só para começar uma conversa. Olha, é bastante... esquisito... ter que procurar algum ardil para falar com você, como se nós fôssemos totalmente estranhos!

– Se eu estou de mau humor – retrucou Sabeta depois de um momento de silêncio reflexivo –, é porque essa viagem está se desenrolando mais ou menos como eu tinha previsto. Tédio,

estradas esburacadas e insetos picando.

– Ah. Eu sou parte do tédio ou um dos insetos que picam?

– Eu juraria que o varredor de bosta de cavalo está tentando ser charmoso – disse ela baixinho.

– Pode muito bem presumir – Locke não tinha certeza se estava se sentindo ousado ou apenas querendo sentir-se ousado – que eu sempre tento ser charmoso com relação a você.

– Ora, isso é arriscado. – Sabeta rolou de lado e pulou para perto dele. – Esse tipo de fala direta exige uma resposta, mas qual será? Devo encorajar essa conversa ou fazer com que você pare de vez?

Ela deu um passo à frente, as mãos nos quadris, e mesmo contra a vontade Locke se inclinou para trás, firmando-se contra a carroça no último segundo, para evitar uma queda que seria, talvez, a coisa mais desprovida de graça já realizada na história da civilização terem.

– Eu posso votar? – perguntou, humilde.

– Se não vai ser um encorajamento, você pode aceitar que eu o pare de vez? – Sabeta ergueu um dedo e tocou o queixo dele. Não era um convite nem uma bronca. – Os Sanzas podem estar deixando todos nós malucos neste momento, mas vou dizer uma coisa a favor deles... quando as tentativas foram feitas e recusadas, eles nunca mais puxaram o assunto.

– Calo e Galdo *cantaram* você?

– Certamente não ao mesmo tempo. Por que está tão surpreso? Sem dúvida você já notou que não é o único idiota de sangue quente com as peças funcionando na nossa pequena gangue.

– É, mas eles...

– Sabem que meu sentimento por eles está em algum lugar entre o afeto fraternal e a tolerância santa. E, ainda que às vezes eu imagine que eles trepariam com árvores se achassem que ninguém está vendo, os dois respeitaram totalmente meus desejos. Você seria capaz de aceitar o desapontamento tão bem quanto eles?

– Se eu vou ser desapontado – falou Locke com o coração

martelando –, gostaria que você cortasse o prelúdio e apenas me desapontasse logo.

– Aaahh, algum fogo, enfim. – Sabeta cruzou os braços e chegou mais perto. – Diga: como você sabe, com certeza, que eu não gosto de *garotas*?

– Eu... – Locke teve sorte de cuspir a sílaba única antes que a capacidade de fala coerente levantasse uma bandeira branca e o abandonasse. Deuses do céu...

– Você nem pensou nisso, pensou? – indagou ela, com a voz que era um sussurro maroto.

– Bom, diabos... é isso... quero dizer, você...

– Será que eu gosto de ostras ou de lesmas? Que baita incômodo alguém na sua situação não ter certeza. Ah... pelo amor de Perelandro, você parece em vias de ser executado. – Sabeta se inclinou e sussurrou no ouvido direito dele. – Por acaso eu gosto *muito* de lesmas, obrigada.

– Ahhh – fez ele, sentindo a terra se solidificar outra vez embaixo dos pés. – Eu nunca... nunca fiquei tão feliz com esse tipo de comparação.

– É a campeã das metáforas – concordou ela com um minúsculo sorriso. – Extremamente adequada.

– E agora que você já praticou seu esporte comigo, devo me juntar a Calo e a Galdo no clubezinho exclusivo deles?

– Eles ainda são meus amigos. – Sabeta pareceu genuinamente magoada. – Meus irmãos de juramento. Não há nada a desprezar, em especial para um... futuro sacerdote da sua ordem.

– Sabeta, eu *gosto* de você. Fico completamente apavorado em admitir isso, mas digo com clareza, como você fez na outra noite. Só que não falo isso em tom casual. Eu... eu admiro você desde o instante em que nos conhecemos, sabe, desde aquele dia em que saímos do Morro das Sombras para assistir aos enforcamentos. Você lembra?

– Claro – sussurrou ela. – O garotinho estranho que não queria deixar o Ruas. Que coisinha lamentável você era. Mas o que havia para *admirar*, Locke? Nós eramos umas criaturinhas sujas, famintas. Você não devia ter nem 6 anos. Que sentimentos poderia *ter*?

– Só sei que eles estavam ali. Quando ouvi dizer que você se afogou, foi como se tivessem pisado no meu coração.

– Lamento por isso. Foi necessário. – Ela afastou o olhar por um longo instante antes de prosseguir: – Acho que você olha para o nosso passado baseado nos seus sentimentos atuais e imagina algum brilho que é... mais *reflexo* do que substância.

– Sabeta, eu não me lembro do meu pai. E, fora uma *única* lembrança de... agulhas de costura, minha mãe também é um mistério. Não recordo o lugar do meu nascimento, nem a peste do Pegafogo, nem o modo como sobrevivi a ela, nem *nada* que fiz antes que o Aliciador me comprou da guarda cidadina!

– Locke...

– Escute! Tudo se foi! Mas os momentos que passei com você, quer você soubesse que eu estava lá ou não, *esses* ainda estão comigo, queimando como carvões em brasa. Eu posso tocar neles e sentir o calor.

– Você andou lendo muitos romances do Jean. Que base para comparação você já teve, Locke? Você e eu estamos juntos durante todos esses anos... Por que você não desenvolveria algum tipo de fixação? É... perfeitamente natural... uma familiaridade esperada...

– Quem você está tentando convencer? – Agora no ataque, Locke entrou no jogo dela, deu um passo adiante. – Isso não parece estar sendo dito por minha causa. Você está tentando *se convencer* a não abrir o jogo comigo! Por que...

Sua voz tinha ficado mais alta a cada palavra, e Sabeta o assustou tapando sua boca com uma das mãos.

– Você está transformando uma coisa muito pessoal num discurso para todo o acampamento – ralhou ela em seu vadrã

impecável.

– Desculpe – sussurrou ele na mesma língua. – Olhe, isso não é uma porcaria de fixação, Sabeta. Se eu pudesse... de algum modo fazer com que você se visse através dos *meus* olhos! Garanto que seus pés nunca mais tocariam o chão.

– É uma magia que poderia ter alguma aplicação útil – disse ela, pensativa –, se você quisesse fazer isso. E se eu... se eu optasse por cair no seu charme agora.

– Bom, se não agora, então...

– Eu disse que meus sentimentos por você são complicados. Tudo o que tem a ver com você é *complicado*, e com isso não quero dizer que estou confusa, com a mente embaralhada ou... com medo. Quero dizer que existem circunstâncias reais, genuínas, *sobre* nós e *ao redor* de nós que tornam isso difícil. Existem obstáculos, droga.

– Fale sobre eles. Diga qualquer coisa que eu possa fazer...

– Estamos falando vadrã agora? – perguntou Calo, de seu poleiro anteriormente silencioso no lugar vago por Sabeta em cima da carroça.

– Ah, Sanza, seu desgraçado – sibilou Sabeta. – Você me mata de susto.

– Ah, que elogio! – falou Galdo, que rolou de debaixo da carroça.

– Não é fácil pegar você desprevenida. Devia estar mesmo com a cabeça...

– ... enfiada no rabo – completou Calo.

– Então vocês dois voltaram ao ritmo usual? – perguntou Locke, irritado.

– Não – respondeu Galdo. – Só estamos curiosos.

– Seu vadrã é fluente? – indagou Locke.

– Minha vadrã está fluente muito – disse Calo nessa língua, embolando exageradamente cada palavra. – Perfeito como sem falhas, eu o Sanza esperto está sendo.

– Mas acho que nós dois estamos meio enferrujados – observou

Galdo. – Logo, se vocês pudessem repetir as partes que perdemos...

– Acostumem-se com as falhas na sua compreensão – rebateu Sabeta. – O resto de nós certamente se acostumou.

– A aldeia não foi digna da atenção de vocês? – questionou Locke, suspirando.

– Pelo contrário – respondeu Galdo. – Nós pensamos em ganhar umas moedas de prata. Alguns desses montanheses fedorentos estão jogando cartas na imitação de taverna que eles têm.

– Não deve ser necessário usar muito do velho estilo camorri para ofuscá-los – opinou Calo, fazendo uma pedrinha aparecer e desaparecer da palma da mão. – Podemos partir de manhã como donos de metade deste maldito lugar.

– Não acho sensato – acautelou Sabeta.

– O que eles vão fazer? – perguntou Galdo. – Declarar guerra? Olhe, se nós voltarmos daqui a alguns meses e descobirmos que cem caipiras do pântano derrubaram as Cinco Torres, vamos escrever um pedido de desculpas sincero.

– E só precisamos de algumas moedas, de qualquer modo – completou Calo, jogando a lona de volta sobre os suprimentos. – Para entrar no jogo. Depois disso, vamos receber doações, e não fazer.

– Esperem aí – interveio Locke. – Desde quando vocês dois são criminosos?

– Desde... – Calo estreitou os olhos e fingiu calcular. – Desde algum ponto entre sairmos de mamãe e batermos no chão entre as pernas dela, imagino.

– De cabeça – acrescentou Galdo.

– Eu sei que os *Sanzas* são tortos feito uma cobra numa máquina de dobrar cobras, mas os *Asinos* são atores, e não trapaceiros com cartas – retrucou Locke.

– Você sabe como os atores ganham a vida entre dois trabalhos? – perguntou Calo. – Acredite, alguns deles são trapaceiros com

cartas de baralho. Aprendi parte das minhas melhores coisas com...

– O que eu quis dizer – interrompeu Locke – é que nós deveríamos ser somente atores, e *só* atores. Estive pensando nisso. Nada de jogos oportunistas no caminho. Nada de afanar bolsas. Nós deveríamos traçar um limite entre quem somos em Camorr e quem somos em Espara. Quando formos para casa, qualquer um que pense em nos seguir de volta à nossa vida real não deve encontrar *nada*. Nenhuma sugestão, nenhuma pista.

– Parece... sensato – concordou Galdo.

– E começa aqui – enfatizou Locke. – Isso quer dizer que não faremos nada para nos tornarmos memoráveis. Você acha mesmo que seus amigos caipiras vão deixar vocês limpá-los e se despedir alegremente de nós amanhã de manhã? Alguém vai ser *cortado*, Sanzas. Todo mundo nesta aldeia vai estar atrás da pele de vocês e os guardas não vão salvá-los. Eles precisam trabalhar nesta rota semana sim, semana não. Eles precisam dessas pessoas.

– Ele está certo – comentou Calo. – Eu sabia que era a porra de um plano idiota, seu careca degenerado.

– A ideia foi *sua*, seu ganancioso polidor de cagalhão!

– Bom, de qualquer modo, não vamos fazer isso – garantiu Calo a Locke.

– Então por que não começam a cozinhar o jantar? Ou, melhor ainda, se vocês querem mesmo gastar uma moeda na aldeia, vejam se conseguem um pouco de carne que não venha em forma de tijolo.

Os Sanzas receberam essa sugestão com entusiasmo e desapareceram outra vez pela trilha sinuosa até a que poderia ser considerada a rua principal de Tresanconne. A sós, Locke e Sabeta se encararam e ele detectou uma súbita frieza na postura dela.

– Isso seria um dos obstáculos que eu mencionei.

– O quê?

– Você não notou mesmo?

- Notei o *quê*? O que eu deveria perceber?
- Pense bem. – Ela cruzou os braços de novo, desta vez com os ombros encolhidos para a frente. Um gesto protetor, não receptivo. – Sério. Vou lhe dar um momento. Pense bem.
- Pensar em *quê*?
- Há anos eu era a criança mais velha numa gangue pequena. Fui mandada para longe, pelo meu mestre, para treinar dança e boas maneiras. Quando voltei, descobri que uma criança mais nova havia tomado o meu lugar.
- Mas... eu não...
- Calo e Galdo, que antes me tratavam como uma deusa na terra, tinham transferido a aliança para o pequeno recém-chegado. Com o tempo, ele conseguiu um terceiro aliado, outro garoto.
- Isso é a mais pura... Ora, Jean é devotado a você, como amigo.
- Mas não como meu amigo *particular*. Não como ele é com você.
- Esse é o seu obstáculo? – Locke sentiu como se um objeto pesado tivesse saído subitamente da escuridão e acertado sua cabeça. – Minha amizade com Jean. Ela deixa você com ciúme?
- Você ouve mais ou menos tão bem quanto observa. Nunca notou que as minhas sugestões são tratadas como sugestões, ao passo que as suas são tomadas como uma ordem sagrada? Mesmo se elas forem *idênticas*?
- Acho que você está sendo muito injusta – disse Locke debilmente.
- Você viu isso agora mesmo! Eu não conseguiria dissuadir os Sanzas de beber arsênico usando o mero bom senso, mas eles tropeçam nos próprios pés na ânsia de seguir suas orientações. Essa é a *sua* gangue, Locke, tem sido desde que você chegou, e com a bênção do Correntes. Você foi moldado e preparado como *garrista* para quando ele se for. E como... bem, como sacerdote. É o

substituto dele.

– Mas eu... eu não tinha ideia, nem intenção...

– Claro que não. Na verdade, você não questionou *nada* desde que chegou. Assumiu uma posição de primazia, coisa que é fácil de aceitar como certa... até que a gente é discretamente varrido para fora dela. Depois, acho que isso nunca sai dos nossos pensamentos.

– Mas... eu tenho trabalhado e sido testado tanto quanto você – falou Locke, lutando para manter a voz baixa. – Tanto quanto qualquer outro! Você lembra quanto tempo eu demorei para pagar por *isto*? – Ele enfiou a mão pela frente da túnica e pegou seu dente de tubarão aninhado na bolsinha de couro. – Deuses do céu, eu poderia ter uma casa na cidade e uma carruagem com o dinheiro que investi nesta porcaria. E passei por tantos aprendizados quanto...

– Não estou falando do seu *treinamento*, Locke, sei o que o Correntes fez com todos nós. Estou falando que você aceitou tudo como aceita a própria pele. Como uma coisa natural e que nem merecia reflexão. Bom, deixe-me garantir que a única mulher numa casa de homens costuma ter motivos frequentes para refletir.

– Isso é uma completa surpresa para mim.

– Eu sei – falou ela baixinho. – Esse é o problema.

Sabeta olhou para o céu, onde uma das luas estava emergindo de trás de uma névoa baixa de nuvens, e Locke não tinha ideia de como começar a responder.

– Falta uma semana – continuou ela por fim. – Uma semana longa, lenta, com todos os prazeres que citei antes. Vamos estar cansados, doloridos, fedorentos e picados até quase morrer quando chegarmos a Epara. Eu... teria vontade de conversar com você de novo, Locke, mas, nestas circunstâncias, não posso me obrigar a fazer disso um motivo de ansiedade esperançosa noite após noite. Nenhum de nós vai estar nas melhores condições.

– E isso merece nossas melhores condições – observou ele, de

má vontade.

– Acho que sim. Então, será que podemos manter as coisas na normalidade enquanto estamos viajando? Olhos no chão, bundas nos assentos e todas essas... questões adiadas para mais tarde?

– Você acha que é justo jogar isso tudo no meu colo e depois pedir uma trégua de conversas?

– Não acho nem um pouco justo. Só necessário.

– Tudo bem, então. No mínimo, parece que terei muito tempo para ruminar uma explicação para você...

– Uma explicação? Você acha que o que eu quero é algum tipo de *defesa*? Certamente você consegue ver que eu já expliquei. O que vem em seguida é...

– O quê?

– Não vou dizer. Acho que preciso que *você* me diga.

– Você só tem que...

– Não – cortou ela rispidamente. – Eu disse tudo que você precisa saber para deduzir o que vem em seguida. Se minhas palavras são mesmo como carvões em brasa, deixe que elas fiquem queimando. Fique remexendo nelas e me traga uma resposta depois de chegarmos a Espara. Traga uma *boa* resposta.

3

ESPARA, QUE JÁ FORA UM LOCAL de prestígio apenas um degrau abaixo da própria Terim Pel, havia decaído de seus anos imperiais do mesmo modo como alguns homens e mulheres decaem para a letargia da meia-idade, descartando o vigor e a ambição da juventude como se fossem roupas que não cabem mais.

Locke teve o primeiro vislumbre do lugar logo depois do meio-dia do décimo dia, quando a caravana virou a curva entre dois morros cravejados de ruínas e entrou nos redemoinhos familiares, irregulares, verdes e marrons de uma paisagem agrícola. No

horizonte sul, ficavam os vultos débeis de torres sob manchas de fumaça cinzenta e sinuosa.

– Espara – anunciou Anatoly Vireska. – Exatamente onde a deixei. Sem mais paradas para descansar, meus jovens amigos. Antes que o sol se ponha, vocês estarão na cidade procurando seus amigos atores.

– Muito bem, chefe da caravana – parabenizou Locke, que segurava as rédeas enquanto Jean roncava suavemente embaixo da lona da carroça. – Não é o que eu chamaria de uma viagem pitoresca, mas você nos trouxe sem um arranhão.

– Quando a colheita de bandoleiros é parca, trata-se de um passeiozinho tranquilo. Agora vocês voltam a se desviar de carruagens, respirar fumaça e pagar aluguel pelas camas em que dormem, não é?

– Que os deuses sejam louvados.

– As criaturas das cidades são as mais estranhas de todas.

Vireska balançou a cabeça amistosamente. Em seguida, foi visitar as outras carroças.

Todos os Nobres Vigaristas, mais ou menos com os pés e as bundas doloridas, sujos e exangues como Sabeta havia previsto, tinham desistido de andar naquela manhã. Calo e Galdo se apoiavam um no outro, olhando a paisagem passar em seu ritmo lento, enquanto Sabeta permanecia absorta no exemplar de *República de ladrões* que pegara antes de saírem de Camorr.

– A peça presta? – perguntou Galdo.

– Acho que sim – respondeu Sabeta –, só que o último ato foi arrancado deste volume e metade das páginas tem manchas cobrindo algumas falas. Fico imaginando que toda cena termina com os personagens jogando copos de café uns nos outros.

– Parece o meu tipo de peça – comentou Calo.

– Existe algum papel decente? – indagou Galdo.

– Todos são decentes – replicou Sabeta. – Mais do que decentes.

Acho que são muito românticos. Nós deveríamos ter nomes assim, como todos os heróis dessas peças, todos os bandidos, feiticeiros e imperadores famosos.

– A maioria das pessoas seria capaz de dar meia bosta seca para ter um nome de imperador – observou Galdo. – O que elas querem é a riqueza e o poder.

– O que eu quero dizer é que deveríamos ter nomes falsos como os das histórias antigas. Títulos grandiosos e imponentes como os Dez Vira-Casacas Honestos, sabe? Jessa Vermelho, o Duque dos Velhacos. Amadine, a Rainha das Sombras.

– Acho Verena Gallante um belo nome – comentou Locke.

– Não, eu quero dizer nomes *grandes, importantes e incomuns*. Não algo que podem gritar na sua cara. O tipo de nome que as pessoas sussurram quando acontece alguma coisa inacreditável. “Ah, deuses, isso só pode ser obra do Duque dos Velhacos!”

– Pelos céus – disse Galdo em voz profunda e dramática –, só um homem vivo poderia ter posto para fora tamanha joia marrom e reluzente: isso é obra de Calo Agachado, o Cagão da Meia-Noite!

– Vocês dois não têm imaginação – retrucou Sabeta.

– Pelo contrário: quanto mais baixo o empreendimento, mais quente arde o fogo da nossa invenção.

– Está ficando com vontade de se agitar, Sabeta? – perguntou Locke, secretamente feliz em ouvir a energia na voz dela depois de tantos dias de tédio pensativo.

– Talvez esteja. Fiquei presa nesta carroça contando peidos dos Sanzas durante uma semana; talvez eu mereça dar asas à imaginação um pouco. Quero dizer, não seria fantástico ter uma lenda que crescesse enquanto você estivesse vivo para desfrutar dela? Sentar-se numa taverna e escutar as pessoas em volta falando do que você fez, sem ideia de que você estava no meio delas, em carne e osso?

– Eu posso ficar sentado numa taverna e ser ignorado quando

quiser – murmurou Calo.

– Eu quero ver o Reino dos Tutanos algum dia – revelou Sabeta.
– Dando golpes de cidade em cidade... nos braços de nobres, esvaziando os bolsos deles, deixando-os tontos com meu charme. Eu seria uma força da natureza. Eles inventariam algum título elegante para sua aflição compartilhada. “Foi *ela*... foi... foi a *Rosa*.” – Sabeta pronunciou devagar a última palavra, obviamente saboreando-a. – A *Rosa dos Tutanos*, é o que eles dirão. “A Rosa dos Tutanos foi minha ruína!” E vão arrancar os cabelos explicando tudo às esposas e aos banqueiros, enquanto eu parto para a próxima cidade.

– Então todos nós vamos precisar de apelidos idiotas? – perguntou Calo. – Nós poderíamos ser... os Arbustos do Norte.

– As Ervas de Vintila – acrescentou Galdo.

– E se você é uma rosa – continuou Calo –, Locke também vai precisar de alguma coisa.

– Ele pode ser uma tulipa – sugeriu Galdo. – Tulipinha delicada.

– Não, se ela é a rosa, ele pode ser o espinho. – Calo estalou os dedos. – O *Espinho de Camorr*! Isso tem um tremendo brilho!

– É a coisa mais imbecil que já ouvi – retrucou Locke.

– Podemos fazer isso assim que chegarmos em casa: nos disfarçar – disse Calo. – Deixar pistas nos bares. Contar histórias aqui e ali. Vamos dar um mês e todo mundo vai estar falando do Espinho de Camorr. Até quem não sabe merda nenhuma vai contar mais mentiras para parecer que está por dentro das últimas novidades.

– Se algum dia vocês fizerem alguma coisa assim – reagiu Locke –, juro por todos os deuses que mato os dois.

4

LOGO DEPOIS DA QUARTA HORA DA TARDE, com uma levíssima garoa quente suando do céu cinza, a carroça passou pela lama sob o arco

de pedra do Portão do Rio Jalaan, no lado leste de Espara. Jean estava de novo com as rédeas e fez os cavalos pararem diante de um esquadrão de homens armados e com capas.

– O que há, Vireska? – perguntou o que era evidentemente o líder, um daqueles tipos volumosos e graciosos, que davam a impressão de ser capazes de dançar um minueto apesar da barriga perfeita para virar presunto. – Poderíamos acertar um relógio d'água observando você. Viagem monótona, hein?

– Exatamente como deveria ser – respondeu o chefe de caravana, apertando a mão do guarda. A gorjeta que sumiu no bolso do sujeito pesado foi generosa; Vireska havia falado dela em Camorr e recolhido uma porção igual de cada dono de carroça. – Agora, quando estiver cutucando tudo, sargento da guarda, seja delicado com as drogas e as armas escondidas, hein?

– Prometo não segurar você por mais de dez horas desta vez. – O grande esparano riu. Seus homens fizeram um exame extremamente superficial das carroças, mais por causa de alguém que estivesse olhando do que para cumprir as leis da alfândega da cidade.

– Bem-vinda – falou um dos guardas a Sabeta, que de novo tinha posto suas roupas mais modestas. – É sua primeira vez em Espara?

– Na verdade, sim.

– Será que podemos ajudá-la a encontrar alguma coisa? – perguntou o grande sargento da guarda, chegando ao lado do subalterno.

– Ah, seria *muito* gentil da parte de vocês – comentou ela, exalando encanto feminino. Locke mordeu a língua para conter um risinho. – Estamos procurando um homem chamado Jasmer Moncraïne. Da Companhia Moncraïne, de atores.

– Por quê? – indagou o sargento. – Vocês são credores?

Todos os homens atrás dele explodiram em gargalhadas.

– Ah, não. Somos atores, vindos de Camorr; vamos entrar para a

trupe.

– Existem teatros em Camorr, moça? – perguntou um dos guardas. – Achei que vocês gostavam mais de... digamos... tubarões cortando mulheres ao meio.

– Eu gostaria de ver isso – murmurou outro guarda.

– *Existe* muito disso no lugar de onde viemos – admitiu Sabeta. – Na verdade, nós passamos mais tempo viajando do que em casa. Moncraine vai nos contratar pelo resto do verão.

– Bom, nesse caso, boa sorte – falou o sargento. – Vocês podem encontrar alguns membros da Companhia Moncraine no... ahn, como é o nome daquele lugar que tem a oliveira arrancada do pátio?

– Quartos do Gloriano – respondeu um guarda.

– Isso mesmo. Gloriano. Olhe, sigam essa rua direto até o templo de Venaporta e logo depois virem à esquerda, entenderam? Peguem a rua que atravessa o rio e vocês vão chegar a um lugar chamado Morro do Consolo. A hospedaria Quartos do Gloriano fica à direita. Se encontrarem lápides em três lados, foram longe demais.

– Muito obrigado, é um prazer, senhor – disse Locke, alimentando uma leve premonição de que, no grande esquema das coisas, isso talvez não fosse totalmente verdadeiro.

Separaram-se da caravana de Vireska e entraram em Epara, seguindo as orientações do sargento da guarda. Pareceu a Locke que todos haviam se animado consideravelmente ao se verem de novo no mundo familiar das altas muralhas de pedra, da fumaça úmida de chuva, dos becos atulhados de lixo e de pessoas apinhadas nas partes secas dos bulevares.

– Três vivas a uma cerveja de verdade – falou Galdo, desejoso. – Numa taverna de verdade, que não tenha a porra de uma paliçada construída para manter do lado de fora o maldito monstro do pântano.

– Acho que isso aqui é o Morro do Consolo – observou Jean quando entraram num bairro que parecia regredir cada vez mais

para longe da prosperidade a cada giro das rodas da carroça. As construções ficaram mais baixas; as janelas, mais sujas; as luzes, em menor número. – Olhem, aquilo é um cemitério: o tal do Gloriano deve estar perto.

Encontraram a hospedaria a menos de um quarteirão, a estrutura mais bem-iluminada por alguma distância em todas as direções, se bem que a iluminação talvez não fosse uma boa coisa, já que revelava o estado das paredes e da cobertura. Dois guardas da cidade, parecendo encharcados atrás do brilho nevoento de suas lanternas, estavam parados na entrada para o pátio da estalagem, impedindo a passagem da carroça dos Nobres Vigaristas.

– Algum problema, guardas? – gritou Jean.

– Vocês não pretendem mesmo entrar aqui, não é? – indagou um dos homens em tom cauteloso, como se suspeitasse de que viraria motivo de piada.

– Acho que sim.

– Mas aqui é o caminho para o pátio da estalagem do Gloriano – continuou o guarda, mais cauteloso ainda.

– Fico feliz em saber.

– Vão entregar alguma coisa?

– Só nós mesmos.

– Deuses do céu, vocês pretendem mesmo! – exclamou o guarda. – Dava para ver que não eram daqui, mesmo eu nem tendo ouvido sua voz.

Ele e o companheiro saíram do caminho com cortesia exagerada e foram andando, balançando a cabeça.

Locke ouviu os gritos assim que Jean os levou até embaixo de um toldo de lona frouxa que tinha mais buracos do que pano, perto de um estábulo escuro com apenas um cavalo. O animal olhou-os como se esperasse ser resgatado.

– Que droga de barulho é esse? – perguntou Sabeta.

Não era uma balbúrdia que Locke reconhecesse. Brigas de socos,

roubos, assassinatos, disputas domésticas – todas essas coisas tinham ritmos e notas familiares, sons que ele identificaria num segundo. Aquilo era mais estranho e parecia vir de trás do canto direito do prédio.

– Jean, Sabeta, venham comigo em silêncio. Sanzas, vigiem os cavalos. Se eles tiverem algum cérebro, podem querer dar o fora.

Não lhe ocorreu, até que suas botas batessem na lama, que tinha feito outra vez exatamente a coisa contra a qual Sabeta havia se revoltado. Maldição, não era hora de colocar sua vida sob uma lente de aumento, mas de garantir que não fossem mortos.

– Quebrar-te-ei junta por junta – urrou um homem com voz profunda, exigindo atenção – e beberei teus gritos como um vinho fino, e arderei em êxtase cada vez mais luminoso a cada... desvanecente... gemido de tua garganta de covarde!

– Puta que pariu – praguejou Locke. – Não, esperem. Isso... é de uma peça.

– *Catalinus, o último príncipe de Amor Peth* – sussurrou Jean.

Lado a lado, Locke, Jean e Sabeta viraram cuidadosamente a esquina da construção. Viram-se diante de um pátio no interior de três alas de dois andares da estalagem, com um buraco feio e enorme no meio, onde algo fora arrancado do chão.

Um homem e uma mulher estavam sentados lado a lado, fora da luz. Olhavam um terceiro homem na beira do buraco lamacento, com uma garrafa em cada mão – um espécime físico prodigioso, ultrapassando o Padre Correntes em gordura e tamanho, com uma coroa de cabelos brancos molhados de chuva e grudados em volta do rosto enrugado. Usava um manto cinza frouxo e nada mais.

– Moerei teus ossos até se tornarem pó! – vociferou ele, perfurando os três Nobres Vigaristas com seu olhar brilhante. – E com esse pó farei cimento para pedras do pavimento, e durante os próximos cem anos não terás descanso sob o esmagar de rodas estranhas e o pisotear de botas estranhas! Os bêbados derramarão

sua água imunda sobre ti e eu gargalharei ao pensar nisso, Catalinus! Gargalharei até morrer, e *eu* morrerei com o corpo inteiro, inteiramente vingado de ti!

Ele jogou os braços à frente, talvez de propósito, talvez de forma aleatória, e quando pareceu perceber que ainda segurava as garrafas, bebeu delas.

– Com licença – disse Locke. Um trovão ribombou acima. A chuva ficou mais forte. – Nós estamos... ahn... procurando a Companhia Moncraïne.

– Moncraïne! – berrou o homem de cabelos brancos, largando uma garrafa e balançando os braços para se equilibrar na beira do buraco. – Moncraïne!

– O senhor é Jasmer Moncraïne? – perguntou Jean.

– Eu, Jasmer Moncraïne?

O homem pulou no buraco, fazendo espirrar água. Depois, andou de forma atabalhoada até o outro lado e foi na direção deles, agora totalmente enlameado da cintura para baixo.

– Sou Sylvanus Olivios Andrassus, o melhor ator num raio de mil quilômetros, em mil *anos*! Jasmer Moncraïne deseja... nos seus melhores dias... valer ao menos uma gota... DO MEU MIJO!

Sylvanus cambaleou adiante e pôs a mão vazia no ombro de Jean.

– Garoto estúpido, preciso que você me empreste... 5 régios... só até o Dia da Penitência. Ah, deuses...

Ele se abaixou sobre um dos joelhos e vomitou. Os reflexos de Jean foram suficientemente rápidos para salvar tudo, menos um dos seus sapatos.

– Quer me *foder*?! – exclamou Jean.

– Ah, não, garanto que isso está fora de questão.

Sylvanus tentou várias vezes se levantar outra vez; de novo, notou a garrafa que restava em sua mão e começou a mamar no gargalo, contente.

– Olhem, desculpem por isso – lamentou-se a mulher que estivera assistindo, enquanto saía das sombras. Era alta, morena e usava um xale sobre o cabelo. Seu colega espectador era um jovem rapaz tímido, apenas alguns anos mais velho do que os Nobres Vigaristas. – Sylvanus tem o que vocês poderiam chamar de ambição rara no campo da autodegradação.

– Vocês são da Companhia Moncraïne? – perguntou Locke.

– Quem quer saber? – questionou a mulher, hesitante.

– Sou Lucaza de Barra. Este é o meu primo, Jovanno de Barra, e esta é nossa amiga Verena Gallante. – Como não houve resposta, Locke pigarreou. – Somos os novos atores de Moncraïne. De Camorr.

– Ah, doces deuses do céu. Vocês são de verdade.

– É. E, ahn, estamos molhados e confusos.

– Nós achamos... bom, olha, nós achamos que vocês não *existiam*. Achamos que Moncraïne estava inventando vocês!

– Levamos dez dias numa carroça lenta para chegar aqui – interveio Jean. – Deixe-me garantir que ninguém nos inventou.

– Sou Jenora – apresentou-se a mulher. – E este é Alondo...

– Alondo Razi – completou o rapaz. – Não deveria haver mais de vocês?

– Os irmãos Asinos estão cuidando da carroça, ali do outro lado – explicou Locke. – Portanto, somos de carne e osso. Acho que a pergunta seguinte é: Jasmer Moncraïne existe?

– Moncraïne... – murmurou Sylvanus. – Eu não cagaria na cabeça dele para... protegê-lo do sol.

– Moncraïne é o motivo pelo qual Sylvanus está... é... dando uma folga na sobriedade neste momento – disse Jenora.

– Moncraïne está na Torre do Lamento – informou Alondo.

– O que é isso? – perguntou Jean.

– A prisão mais segura de Epara. Na porta, ficam os Dragões da Condessa, e não a guarda cidadina.

– Ah, pelos bagos purulentos do inferno – praguejou Locke. – Ele

já foi preso por causa da dívida?

– Dívida? – indagou Jenora. – Não, ele nem teve chance de ser apanhado por causa daquela confusão. Ele esmurrou a cara de um fidalgote insignificante. Foi preso por agredir uma pessoa de sangue nobre.

CAPÍTULO SEIS

O Jogo dos Cinco Anos: Mudança de jurisdição

1

– QUARTOFILHO VIDALOS – DISSE JOSTEN. – Gostaria que seus pais tivessem parado no terceiro! Quantas noites você passou encostado no meu balcão, hein? Quantas vezes eu o tirei da chuva para tomar um copo? Seu traidor, seu filho da...

– Pelo amor dos deuses – reagiu Vidalos. – Você acha que eu queria fazer isso? É o meu dever!

– Na frente de metade do Konseil e de todo o Raízes Profundas...

– Josten – interveio Locke, colocando-se entre o estalajadeiro e Vidalos –, vamos conversar. Arauto, como vai? Sou Lazari, consultor.

– Consultor de quem?

– De todo mundo. Sou advogado em Lashane, contratado em âmbito amplo. Peço um momento em particular com mestre Josten, para discutir as opções dele.

– Não creio que ele tenha alguma opção.

– O senhor tem ordens para nos recusar alguns minutos de reflexão?

– Claro que não.

– Então agradeço ao senhor por não cumprir as ordens que não

recebeu. – Locke passou o braço com firmeza em volta dos ombros de Josten, virou o atarantado estalajadeiro para longe do arauto e sussurrou: – Josten, uma coisa: você tem certeza absoluta de que sua licença foi paga?

– Tenho um recibo assinado, nos meus papéis. Eu poderia pegá-lo agora e enfiar no cu azul desse cafetão! Até esta noite eu chamava o sacana de amigo, juro. Jamais pensaria...

– Não pense – interrompeu Locke. – Eu sou pago para fazer isso por você. O arauto Vidalos não é seu inimigo, mas, sim, quem o chamou para trabalhar e lhe deu a intimação que *de algum modo* precisava ser entregue com urgência à décima hora da noite, entendeu?

– Ah. *Aaaahhh*.

– Nós não deveríamos agredir o pobre coitado cujas botas estão no pavimento. Nossos problemas vêm de cargos mais elevados. Nikoros, venha cá! Olhe este lacre e esta assinatura.

– Capacidade Peralis. – O suor escorria pela testa de Nikoros em fios brilhantes. – Segunda escritã, Corte dos Magistrados. Já ouvi falar dela.

– Ela não precisaria de um magistrado de verdade para assinar isso? – perguntou Locke.

– Não. Os magistrados só assinam... é... prisões.

– E isto é só uma espetada na bunda. Ela é do Íris Negra? Ou algum dos superiores dela?

– Segundo minhas listas, não. A maioria das pessoas do tribunal faz questão de não... é... não se declarar a favor de nenhum partido.

– Bom, alguém conseguiu que ela fizesse um favor. – De repente, Locke percebeu que a maior parte da festa, fileiras e mais fileiras de bêbados, estava observando atentamente para ver se a montanha de bebidas seria mesmo separada deles devido à palavra de um único funcionário nervoso. – Não creio que os membros do Conseil possam mandar o Vidalos embora, não é?

– Os magistrados são... ahn... equivalentes ao Konseil. Os arautos deles não precisam receber ordens de mais ninguém.

– Bom, nossos amigos bêbados vão pendurar esse pobre coitado nos caibros se eu deixar isso seguir em frente. – Locke se virou para Vidalos com um sorriso largo. – Tudo parece perfeitamente em ordem!

– Isso me dá pouca satisfação – replicou o arauto.

– Imaginei que o senhor ficaria feliz, já que não há nenhuma necessidade de encerrar a festa.

– Tendo entregado a intimação, dói-me informar que devo prosseguir com minhas ordens; devo garantir que mestre Josten tenha encerrado esta função e lacrado suas portas para novos clientes.

– Peço perdão, mas o senhor não tem permissão de fazer nada disso – insistiu Locke. – Isso é *restrição prematura de comércio*, que é proibida sob os Artigos de Kartane. Quem assinou este mandado deveria saber que Josten possui o direito, por lei, à verificação dessas acusações diante de um magistrado...

– Mas...

– Antes da interrupção do comércio! Olhe, isto é uma questão razoavelmente básica, decorrente daquela emenda comercial de mais ou menos... vinte anos atrás.

– Eu... Verdade? – O rosto de Vidalos perdeu parte da cor de ameixa. – O senhor tem certeza? Não sou totalmente familiarizado com isso. E já entreguei várias intimações semelhantes...

– Eu tenho autorização plena para exercer a profissão em Kartane. A imposição de pena sem verificação adequada dessas acusações iria expor o senhor a censura por negligência, cuja penalidade seria... bem, claro que *o senhor* sabe qual seria. Não precisamos falar sobre ela.

– Ah... Ah, claro.

– Então o senhor entregou seu mandado diante do grupo de

testemunhas mais digno de crédito que esta cidade poderia ter esperança de produzir. Aceito a intimação em nome de Josten e requiro formalmente a verificação das acusações por parte de um magistrado. Como talvez não possamos ter isso até pelo menos amanhã de manhã, a festa deve continuar.

– Rá! Bem feito! – berrou alguém na multidão. – Dê o fora, meirinho!

– Nada disso! – gritou Locke. – Que vergonha! Este homem é amigo da casa e recebeu a tarefa medonha de entregar a intimação contra a vontade. E ele se recusou? Não! Obediente ao dever, ele entrou na toca do leão!

– Isso mesmo! – berrou Epitalus. Quer tenha percebido a idiotice de tornar Vidalos desnecessariamente um inimigo ou se apenas desejava que sua voz ressoasse mais alta em qualquer aclamação, Locke agradeceu. – Kartane deve se orgulhar de ter um sujeito honesto e intrépido a seu serviço!

As pessoas logo imitaram Epitalus. Vaias que mal haviam começado foram substituídas por uma onda crescente de aplausos.

– Lamento minhas palavras ásperas – disse Zelo Josten, impelido para Vidalos por uma cotovelada sutil de Locke. – Perdoe-me e beba um copo conosco.

– Ah, mas... – Vidalos pareceu satisfeito, aliviado e sem graça ao mesmo tempo. – Estou de serviço...

– Certamente não – reagiu Josten. – A intimação foi entregue, portanto seus deveres estão encerrados.

– Bom, se você coloca desse modo...

Josten e vários cúmplices levaram o arauto para o meio da multidão e para o suprimento de bebidas.

– Ah, graças aos deuses – murmurou Nikoros. – Eu não fazia ideia de que você tinha tanto conhecimento das leis kartanis, Lazari.

– Não tenho. Quando o céu está caindo, eu me abrigo embaixo do papo furado. Alguém vai deduzir isso amanhã bem cedo.

- Então esse estatuto não existe?
- É tão falso quanto um homem com três paus.
- Verdade? Maldição! Pareceu tão r-razoável. Mentir a um oficial de justiça é uma ofensa que eles poderiam...
- Não vale a pena se preocupar com isso. Se eu for pressionado, usarei o infalível pedido universal de desculpas.
- Qual é o i-inalfível pedido universal de desculpas?
- “Fui muito mal-informado, lamento profundamente o erro, vá se foder com esse saco de dinheiro.” Mas não devemos chegar a esse ponto. A primeira coisa a ser feita amanhã cedo é falar com essa tal de Capacidade Peralis. Se descobrirem, por mágica, que os papéis de Josten foram “arquivados fora do lugar”, tudo morre antes que possa atrair mais atenção.
- E se ela não ceder? – perguntou Jean, que estivera rondando os dois.
- Arranjamos outra pessoa. O primeiro escrivão, talvez, ou um magistrado. Amanhã vamos comprar um cantinho da Corte dos Magistrados, haja o inferno ou o fogo dos Ancestres. Quando os tribunais abrem?
- À nona hora da manhã.
- Esteja diante da nossa porta às oito.
- Ah, é...
- Às *oito* – enfatizou Locke, reduzindo a voz a um sussurro frio. – Portanto, não enfie mais dessa merda pela garganta esta noite.
- Ah, eu... é... não tenho ideia do que o senhor...
- Tem. *Tem, sim.* Não me importo que você esteja totalmente doido de Akkadris, mas eu vou colocar uma coleira no seu pescoço e arrastá-lo com ela. Vamos todos juntos apagar esse fogo antes que ele se espalhe.

– NIKOROS – MURMUROU LOCKE, de olhos remelentos e com o cérebro enevoado enquanto abria a porta do apartamento em resposta às batidas frenéticas. – Que diabo você quer, homem? Ainda não podem ser oito horas.

– Cinco e pouco. – Nikoros parecia ter sido pisoteado por uma gangue de espíritos da ressaca. Seu cabelo estava desgrenhado, as roupas estavam amarrotadas e as bolsas sob os olhos podiam ser usadas para guardar moedas. – Eles invadiram meu escritório, Lazari. Como você previu.

– O quê? – Locke piscou para desgrudar bem os olhos e puxou Nikoros para dentro. – Alguém incendiou seu escritório?

– Não, não foi um incêndio criminoso. – Nikoros assentiu para Jean, que passara pela porta que dava à outra suíte; estava com uma camisola de seda preta e carregava as machadinhas casualmente na mão direita. – O departamento do Mestre Busca-Rato isolou todo o meu maldito prédio para cuidar de uma infestação de aranhas-chupadoras. Por sorte, eu não estava lá quando eles apareceram, caso contrário receberia um banho alquímico e ficaria de quarentena.

– E seu escriba?

– Ele também conseguiu escapar. Quase tudo foi copiado ou removido a tempo, mas agora vão fumigar tudo com enxofre durante três dias. Não posso usar o lugar até que eles terminem.

– E você nunca viu nem um pelo de rabo de aranha-chupadora, não é?

– O prédio tem dois anos! É puro como a alma de um bebê.

– Outro cumprimento dos nossos amigos do outro lado da cidade. Quantas pessoas trabalham para esse tal Busca-Rato?

– Cerca de uma dúzia. Alquimistas, andarilhos de esgotos, caçadores de cadáveres. Eles cuidam de todas as coisas pestilentas e sanitárias.

– Como eles são considerados?

– Mestre Bilezzo é um herói! Diabos, até eu acho isso. Ele mantém a cidade extremamente limpa, se for comparar com um monte de outros lugares. Há quarenta anos não há peste em Kartane, nem mesmo cólera. As pessoas notam esse tipo de coisa.

– Então é uma questão sensível – interveio Jean. – Não poderemos pegar pesado, senão vai estourar na nossa cara. Sab... Alguém da oposição está escolhendo instrumentos delicados para nos cutucar.

– Precisamos de alguns instrumentos delicados também – observou Locke. – Não teremos tempo de lidar com a eleição se precisarmos correr de um lado para outro mijando em cima dessas distrações.

– Você acha que eu posso ter meu escritório de volta?

– Hummm. – Locke coçou a barba crescida. – Não. Olhe, Nikoros, sem ofensa, mas, se nós temos você e seus documentos, não precisamos do seu escritório. Deixe que eles o fumiguem. Nosso serviço, com relação a esse tal de mestre Bilezzo, é garantir que o Josten não seja fechado para um tratamento semelhante.

– Muito bem. Mas eu... ah... meus aposentos... Acho que terei de me hospedar aqui durante alguns dias.

– Pode não ser ruim. Este lugar é o nosso castelo e o cerco foi estabelecido. Por falar nisso, depois de cuidarmos da Corte dos Magistrados, consiga-me alguns advogados de verdade. De confiança. Presumo que o partido tenha alguns, não?

– Claro.

– Faça com que eles se juntem ao safári aqui, nas melhores suítes que o Josten ainda tiver. Na próxima vez que alguém entrar com mandados, intimações ou os deuses sabem o quê, quero especialistas em papelada à mão para tecer absurdos autênticos.

– Parece que estamos começando mal.

– Estamos.

– E devo pedir desculpas pelo meu... ah... o senhor sabe. É só

uma coisa ocasional, entende? Me ajuda a trabalhar nas noites longas. Eu posso... parar se o senhor...

– Pare. Jogue essa merda fora. Precisamos de você firme e confiável. Cabeças de pó não são firmes nem confiáveis.

– Não sou cabeça de pó.

– Ah, me poupe. Já vi mais cabeças de pó, Mirantes, mijadores, queimadores e lambedores de pedra do que você pode imaginar. Até já me arrastei para dentro de uma garrafa uma ou duas vezes. Não tente aliviar comigo; só faça um favor a todos nós e fique longe disso. Encharque-se de biritá como um membro comum do Raíces Profundas.

– Posso... Como o senhor quiser. Posso fazer isso.

– E não se preocupe com nossa situação. Esta noite vamos estar fortificados com brutamontes e advogados, a maior parte das fechaduras estará trocada, Josten vai cuidar do pessoal dele... Você vai se sentir melhor assim que nossas defesas básicas estiverem postas. Agora pegue um quarto e durma o quanto puder. Mestre Callas e eu vamos pegá-lo às oito. E diga a quem estiver de serviço que queremos café suficiente para matar um cavalo.

A empregada que trouxe o café alguns minutos depois usava uma reluzente corrente de latão no pescoço.

– Josten trabalhou rápido – observou Jean, servindo duas xícaras fumegantes. – Quero dizer, com os cordões. Mas você não acredita que isso vai nos livrar de encrências verdadeiras, não é? Isso não impediria nós dois, acho.

– O objetivo não é esse. É um obstáculo simples para os burros e azarados. Quanto menos tempo precisarmos perder com idiotas, mais podemos dedicar a todo o resto que Sabeta fizer.

3

A MANHÃ ESTAVA FRESCA, ASSOMBRADA por névoa. A água escorria

em todas as janelas e os pavimentos estavam escorregadios. Alguns minutos antes das oito, Locke e Jean puseram Nikoros, que parecia ter dormido pouco, numa carruagem. Locke devorava indelicadamente meio pão cheio de carne fria da festa e já dera cabo dele quando chegaram à primeira parada da manhã, na Tivoli, para reforçar as moedas das bolsas com algumas centenas de colegas.

Em seguida, chacoalharam em direção ao norte até a Casta Gravina, a antiga cidadela de Kartane, cujas muralhas interiores e cujos portões tinham sido derrubados anos antes a fim de abrir mais espaço para um governo que não precisava temer algo tão mundano como um exército hostil diante das portas. As praças e os jardins eram tão belos que a névoa parecia apenas mais uma decoração, artisticamente conjurada e moldada por equipes de jardineiros ambiciosos ao extremo.

– A Corte dos Magistrados – anunciou Nikoros, saindo da carruagem. – Conheço o lugar. Se você quiser ganhar dinheiro na minha área de atuação, vai acabar como parte ou testemunha em um bom número de processos judiciais.

Locke e Jean o acompanharam atravessando uma praça circular, adentrando a névoa úmida e prateada que se abria alguns passos à frente deles e, atrás, engolia a carruagem a uma distância igual. A neblina repercutia debilmente os sons de uma cidade acordando: portas se abrindo, cavalos e rodas fazendo barulho, pessoas gritando umas com as outras.

– O departamento dos escrivães fica logo ali – informou Nikoros.
– UUF!

Uma mulher saiu da névoa à esquerda de Locke e, antes que pudesse reagir, colidiu com ele, firmou-se e foi arrancada ignominiosamente por Jean.

– Deuses do céu! – gritou ela. A voz era rachada, de meia-idade, com sotaque kartani.

– Tudo bem, mestre Callas, tudo bem – disse Locke.

Em seguida, tateou a bolsa e os papéis, confirmando que estavam intocados. A colisão podia não ser inocente, mas a mulher não parecia uma ladra.

– Mil desculpas. A senhora nos deu um susto – falou Jean, soltando-a.

Ela era alguns centímetros mais baixa do que Locke, ampla e pesada, vestida de modo sem graça mas caro. Seu cabelo castanho com fios grisalhos estava preso sob um elegante gorro de quatro bicos e o rosto estava riscado por todas as preocupações que a haviam perseguido pela vida. Locke rezou em silêncio para que não tivessem acabado de incomodar uma funcionária que eles poderiam querer subornar.

– Foram os senhores que me assustaram, umas montanhas saindo da névoa como um bando de salteadores!

– Eu não nos chamaria de montanhas, senhora. Alguns de nós simplesmente não têm tamanho para isso – replicou Locke.

– O senhor, talvez, não, mas eu poderia plantar seu amigo grandalhão na rua para sombrear o telhado da minha casa. – Ela ajeitou o casaco com um puxão forte e foi andando, de cara fechada. – Bom dia, palermas.

– Nikoros, ela é importante? – perguntou Jean.

– Nunca a vi antes.

– Bom, vamos entrar antes que tropeçemos em alguém que não possamos nos dar ao luxo de ofender – sugeriu Locke.

O departamento dos escrivães não era particularmente grande, mas era confortável. O purgatório de corredores silenciosos e cadeiras vazias do lado de fora das salas de escrituração parecia um local decente onde cair no sono. Capacidade Peralis, uma mulher rotunda e atraente com pouco mais de 40 anos, estava rabiscando papéis atrás de sua mesa quando Locke, Jean e Nikoros entraram na sala.

– Sinto muito – disse ela, afastando, irritada, cachos escuros de

cima dos olhos enquanto levantava a cabeça. – Não recebo ninguém antes das dez e meia. Onde está a secretária do corredor?

– A secretária aproveitou meus excessivos encantos naturais e financeiros – respondeu Locke, que fora encantador no nível de um salário mensal. – Tenho certeza de que a senhora pode entender.

Locke deslizou para uma das cadeiras diante da mesa de Peralis, e Jean fechou a porta num movimento casual. Nikoros ficou de pé, de lado, e fingiu admirar as paredes.

– Não faço ideia de quem o senhor acha que é...

– Ontem à noite, uma intimação foi assinada e mandada desta sala, uma intimação para o Acomodações Amplas do Josten.

– Se o senhor é advogado de Josten, sabe muito bem quando são realizadas as Audiências Públicas!

– O que eu sei é que algum milagre fez sumirem os registros de pagamento da licença de Josten para vender bebidas fortes, que está perfeitamente em dia. Eu gostaria que esse milagre fosse revertido. Sei que milagres são coisas caras.

Suspirando por dentro diante da falta de arte dessa abordagem (não havia tempo a perder com sutilezas), Locke passou a mão sobre a mesa, deixando uma cauda de cometa composta de moedas de ouro.

– Isso se destina a me impressionar? – perguntou Peralis baixinho, ferozmente. Ah, sua versão de Funcionária Pública Honesta Ofendida merecia aplausos! – Tentativa de suborno de um funcionário público. Você vai abandonar a ousadia quando estiver acorrentado numa parede de cela de interrogatório.

– Santos *deuses*, que lindo! – exclamou Locke. – Lamento de fato, mas não tenho tempo para esse jogo com a senhora. O que está aqui na mesa é o seu salário anual. Proponho lhe dar mais seis pagamentos como este, um por semana, até o fim desta eleição. Só peço que mais nenhuma complicação para os negócios do partido Raízes Profundas seja especialmente conjurada por seu pessoal.

Nada mais.

– Bom – reagiu ela, abandonando a fachada de ultraje –, e se um benfeitor da oposição estiver disposto a proporcionar verbas adicionais?

– Notifique-nos. Vamos igualar qualquer coisa que seja oferecida. Nem quero que a senhora aja contra esse outro benfeitor; apenas não tome atitudes contra nós. Invente desculpas. Sugira que está sendo vigiada, que outros acordos são temporariamente impossíveis. Sem dúvida a senhora pode ver que é um trato muito bom.

– Não é isento de tentações – disse ela, pensativa.

– Pare de bancar a recatada. Só diga sim e ganhe uma fortuna.

– Bom, então... sim.

– Tenho sua palavra de que essa intimação para o Josten é um mal-entendido e que o registro em questão será encontrado, por um acaso felicíssimo, assim que eu sair desta sala?

– O senhor pode considerar o assunto resolvido.

– Ótimo. Se continuar resolvido na semana que vem, eu venho de novo com mais enfeites para sua mesa. Agora, se nos dá licença, temos uma programação apertada: precisamos empurrar umas pedras morro acima.

– Sabe – falou Nikoros baixinho enquanto saíam da sala da segunda escritã –, não quero criticar, mas, se não for necessário qualquer tato específico nessas questões, eu tenho uma centena de homens e mulheres do Raízes Profundas que podem fazer essas visitas oficialmente...

– Não – interrompeu Locke. – Quando se trata de distribuir dinheiro, deixe nossos amigos oficiais de fora. Guarde-os para áreas em que a autoridade deles for necessária. Não há sentido em cegar nossas ferramentas usando-as em aplicações erradas.

– Bom, é impossível argumentar com o senhor, mestre Lazari.

– Não é impossível – retrucou Jean placidamente. – Mas ele é quase tão intratável quanto um cágado com fogo no rabo.

– Se quisermos alcançar a oposição – explicou Locke –, temos que ser ousados a cada...

– Ali está ele! *É o homem que roubou minha bolsa!* – gritou uma voz familiar enquanto Locke emergia de novo na praça coberta de névoa.

A mulher de meia-idade estava ali, flanqueada por dois homens com casacos azul-claros que lembravam o de Vidalos, mas que usavam coletes de couro com rebites de ferro e tinham porretes pendurados na cintura.

Pelos deuses. Então não havia sido uma colisão inocente, afinal de contas.

– Perdão, senhor – disse um dos guardas, adiantando-se –, mas preciso pedir para ver seus bolsos.

– Uma bolsa de seda preta, com as iniciais “N.V.” em vermelho num dos cantos – completou a mulher. – Há 7 ducados nela. Ou pelo menos havia!

Locke se apalpou apressadamente. Sim, *havia* um peso novo e fino no bolso esquerdo interno de seu excelente casaco novo. Ele não tinha notado o acréscimo; estivera satisfeito demais em verificar que nada fora removido. Estúpido, desajeitado, amador...

– Ora, essa é uma acusação intolerável! – cuspiu ele. – Como ousa, senhora, como ousa? E como ousa, senhor, sugerir que um cavalheiro possa ser virado de cabeça para baixo e sacudido como um reles corta-bolsas!

– Seja razoável, senhor – falou o guarda. – A dama tem uma descrição exata do que foi tirado, e certamente provar que o senhor não está com a bolsa vale um momento do seu tempo...

– É uma liberdade que ultrapassa a compreensão! Isto aqui é Kartane, e não os ermos sem lei! – Em suas gesticulações furiosas, Locke incluiu uma variedade de rápidos sinais para Jean. – Eu me sinto muito... eu me sinto bastante... eu me sinto sinto sinto... arrrrrrgggggggh!

Locke teve um espasmo e engasgou. Seus olhos se reviraram e ele tombou para a frente gemendo, agarrando o guarda que se aproximava. Alarmado, o homem estendeu a mão para o porrete. Enquanto Nikoros olhava numa perplexidade muda, Jean saltou entre Locke e o guarda.

– Tenha piedade! – sussurrou Jean. – Não pegue esse porrete, ele está tendo um ataque!

– Nnnnnnggggggggghhhhh – fez Locke, espalhando cuspe e balançando a cabeça furiosamente.

– Ele é amaldiçoado! – exclamou o outro guarda, fazendo um gesto contra o mal com as duas mãos. – Ele tem a influência de um espírito!

– Ele não é amaldiçoado, seu maldito simplório. É uma doença – rebateu Jean. – Sempre que fica com as emoções exaltadas, há uma chance de ele ter um ataque e devo dizer que a *senhora* o levou a esse estado!

De um modo que parecia perfeitamente acidental e natural (a interferência de Jean era nada menos do que especializada), Locke se afastou dele e do guarda. Sacudindo-se como uma marionete cujo manipulador estivesse morrendo devido a algum veneno convulsivo, ele tropeçou soluçando na mulher, que berrou e o empurrou para longe. Locke terminou deitado de costas, com Jean agachado protetoramente acima enquanto ele babava, retorcia-se e chutava o ar.

– Para trás – disse Jean. – Deem um pouco de ar a ele. O ataque vai passar. Num instante ele vai ficar calmo.

Pegando a deixa, Locke reduziu aos poucos a severidade dos sintomas até que só estava tremendo e murmurando baixinho.

– Se for mesmo necessário dar esse tratamento a um cavalheiro – continuou Jean –, sugiro que examine os bolsos dele agora, enquanto ele não voltou completamente a si.

O guarda contra quem Locke havia tropeçado no início se

ajoelhou junto dele e, com cuidado, como se Locke pudesse saltar sobre ele a qualquer momento, revistou seu casaco.

– Papéis particulares e uma bolsa que não combina com a sua descrição – constatou ele, levantando-se. – Senhora, infelizmente ela não está aqui.

– Ele deve ter largado a bolsa lá dentro! – gritou a mulher. – Reviste o prédio!

– Ora, isso vai *além* de tudo que é justo – retrucou Jean. – Meu amigo é um cavalheiro e advogado, e a senhora o insulta com essas acusações ridículas!

– Ele é um batedor de bolsas. Ele esbarrou em mim para roubar minha bolsa!

– Esse homem é *convulsivo*! – berrou Jean. – Ele tem ataques meia dúzia de vezes por dia! Que diabo de batedor de carteira a senhora acha que ele seria? Sacudindo-se, tremendo e caindo? Deuses!

– Senhora – disse o guarda parado perto de Locke –, ele não está com a sua bolsa e a senhora deve admitir que um cavalheiro com... é... febre de tremedeira não parece um provável corta-bolsas.

– Verifique o amigo dele. Verifique o grandão.

– Entrego meu casaco com prazer – concordou Jean, lenta e friamente, fingindo ter uma ideia. – Mas devo insistir que a *senhora* faça o mesmo.

– Eu?

– Sim. Agora sei o que está acontecendo. Fico maravilhado por não ter percebido antes. Há um ladrão trabalhando, senhores, mas é um ladrão usando vestido de mulher, e não calças de homem honesto.

– Seu verme estrangeiro! – gritou a mulher.

– Guardas, sem dúvida os senhores estão na companhia desta mulher desde que ela os procurou reclamando. Eu verificaria, se fosse os senhores, para garantir que suas próprias bolsas estão no

lugar.

Os guardas se apalparam, e o que estava junto a Locke ofegou.

– Minha bolsa de moedas! Estava aqui, no meu cinto!

– O senhor pode me revistar o quanto quiser – falou Jean, estendendo os braços com as palmas das mãos viradas para cima. – Mas devo insistir que o caminho mais frutífero seria examinar quem me acusa.

O guarda mais próximo da mulher pôs a mão em seu ombro, murmurou um pedido de desculpas e cautelosamente revirou os bolsos do seu casaco enquanto ela guinchava e lutava. Depois de um instante, levantou uma pequena sacola de couro com moedas e uma bolsa de seda preta.

– Bordada com as iniciais “N.V.”! – exclamou ele.

– Mas ela estava sumida! – berrou a mulher. – Não achei em lugar nenhum!

– E minha bolsa de moedas, hein? – O primeiro guarda pegou a bolsa de couro com o colega e sacudiu-a para ela. – O que isso estava fazendo no seu bolso?

– Estou totalmente confuso – murmurou o outro guarda.

– É para estar mesmo – afirmou Jean. – Desculpe-me por dizer. Já vi esse número antes. Nossa amiga inofensiva aqui andou roubando bolsas. Sem dúvida ela pretendia acusar *meu* amigo por seus feitos, ao mesmo tempo que exercia o ofício com os senhores. Assim, quando o senhor e alguma outra vítima descobrissem os bolsos leves, já teriam um culpado à mão, pronto para ser acusado. Só posso imaginar que ela tentou colocar a bolsa no meu amigo e não conseguiu. Talvez a idade a esteja alcançando, não é, senhora?

– Desgraçado mentiroso! – gritou ela, tentando se soltar da mão firme do guarda, mas em vão. – Mentiroso, ladrão, estrangeiro batedor de bolsas!

– Certo, você – disse o primeiro guarda, segurando o outro braço dela. – Não tolero que se aproveitem de mim. Senhores, gostariam

de entrar conosco e registrar queixa também?

– Na verdade – respondeu Jean –, eu gostaria de levar meu amigo para casa, ou talvez para um galeno. Suponho que essa mulher já esteja suficientemente encrencada por roubar sua bolsa. Posso me contentar com isso.

– E, se precisar de mais alguma coisa de nós – complementou Nikoros, entregando um cartão pequeno branco a um dos guardas –, sou Nikoros Via Lupa, da Isas Salvierro. Esses homens são meus convidados.

– Muito bem, senhor – respondeu o primeiro guarda, pondo no bolso o cartão de Nikoros. – Desculpem o estorvo. Espero que o cavalheiro se recupere.

– Tempo e ar puro – disse Jean, levantando Locke e sustentando-o sob o braço direito.

– Tempo é a única coisa que ele não tem! – gritou a mulher enquanto os guardas a arrastavam para os escritórios do tribunal. – E vocês dois sabem! *Vocês sabem!* Vejo vocês em breve, senhores!

Assim que os três estavam abrigados em segurança na carruagem que se afastava sacolejando pela rua, Locke voltou à vida e explodiu numa gargalhada.

– Obrigado, Nikoros – agradeceu, limpando cuspe do queixo. – Essa última nota de respeitabilidade no fim foi bem o que a cena necessitava para trazer tudo de volta à terra.

– Fico num tremendo regozijo ao saber. Mas o que diabo aconteceu?

– A mulher enfiou uma bolsa no meu casaco quando tropeçou em mim. Obviamente pretendia fazer com que eu fosse preso como ladrão. Eu verifiquei se faltava alguma coisa, mas, feito um idiota, não pensei em procurar algum presente inesperado. Ela quase me pegou.

– Quem era ela?

– Não faço ideia – respondeu Locke. – Trabalha para a nossa

contrapartida, obviamente. E é uma joia... Qualquer um que possa chegar àquela idade enfeitando casacos para viver conhece a profissão. Vamos vê-la de novo.

– Ela vai estar numa cela escura e fria.

– Ah, ela vai escapar daqueles dois idiotas em cinco minutos – garantiu Jean. – Haverá acordos. Acredite em nós.

– Sinto vergonha em admitir que eu pensei mesmo, por um momento, que você... ah... estava genuinamente doente, Lazari.

– Não tivemos tempo para avisar. Fingir um ataque é um teatro grosseiro, mas é surpreendente como funciona.

– Como vocês adivinharam que ela havia roubado a bolsa do guarda?

– Não adivinhamos – respondeu Locke com um risinho indulgente. – Eu peguei emprestada quando tropecei nele.

– Em seguida, passou-a para a nossa amiga, junto com a bolsa dela, quando tropeçou nela – completou Jean.

– Deuses do céu! – exclamou Nikoros.

– E *não* pense que ela não percebeu – acrescentou Jean. – Mas só há uns poucos modos de esbarrar os peitos em estranhos antes que isso comece a parecer esquisito.

– Não somos espertos? – perguntou Locke, examinando preguiçosamente seus bolsos de novo. – E tenho certeza de que ainda tenho... tudo. *Pelos santos infernos!*

Havia um pedaço de pergaminho dobrado, lacrado com cera, em seu bolso esquerdo interno. Ele pegou-o e olhou.

– Isso não estava no meu bolso quando saí pela porta! Ela... ela colocou em mim no momento em que eu lhe passava as duas bolsas!

Jean deu um assobio baixo enquanto Locke rompia o lacre e abria o pergaminho apressadamente. Leu o conteúdo em voz alta:

Mestres Lazari e Callas

Creio que desculparão o modo pouco ortodoxo pelo qual esta carta chega às suas mãos. Os chefes do correio de Kartane, por mais empreendedores que sejam, raramente fazem a entrega direto no bolso interno de um cavalheiro. Apresento meus cumprimentos e desejo que se apresentem a mim à sétima hora desta tarde, no Marco da Íris Negra, no Vel Vespala.

Sua mais afetuosa servidora...

– *Verena Gallante* – disse Locke com um sussurro áspero. Seu coração pareceu se expandir e preencher todo o peito com as batidas. – Ela quer... Ah, pelos deuses...

Ele olhou pela janela, esticando o pescoço furiosamente para enxergar atrás, na névoa prateada e cheia de redemoinhos, onde, claro, não havia nada significativo a encontrar.

– O que é? – perguntou Nikoros.

– Não havia nenhuma estranha de meia-idade. Era *ela*.

– Quem?

– A oposição – respondeu Locke, acomodando-se no banco, atordoado. – Nossa contrapartida. A mulher de quem falamos.

– *Verena Gallante*?

– Parece que é a alcunha atual dela.

– Nossa, as iniciais na bolsa de seda... Isso foi mesmo descarado.

– Se ao menos não fôssemos burros demais para notar imediatamente!

– Não vejo como “*Verena Gallante*” possa ter as iniciais “N.V.” – replicou Nikoros.

– É um assunto particular – explicou Locke. – Eu tenho... Nós temos uma história com essa mulher.

– O que devemos fazer agora?

– Agora você pode mandar nosso cocheiro para onde quer que fique o escritório desse tal Chefe Busca-Rato e, depois de convencê-

lo a parar de ser um chato, o senhor e mestre Callas podem arranjar os brutamontes dos quais falamos ontem.

– E você?

– Eu, bem... – falou Locke, passando a mão na barba crescida. – Preciso achar um barbeiro.

4

A ENTREVISTA NÃO ANUNCIADA COM o Chefe Busca-Rato demorou menos tempo do que a conversa alongada nas salas do tribunal. Após a troca de cumprimentos inicial e da súbita aparição de uma pilha de ducados na mesa de Bilezzo, logo ficou claro para Locke e Jean que ele era um sujeito presunçoso, do contra, satisfeito consigo mesmo, que estava se divertindo com a chance de ser inofensivamente malicioso com seus poderes cívicos de longo alcance.

Os Nobres Vigaristas decidiram corrigir sua atitude no modo camorri tradicional. Locke dobrou o suborno proposto enquanto Jean agarrava Bilezzo pelas lapelas, raspava o teto com sua cabeça e se oferecia animadamente para pregar sua língua na traseira de uma carruagem e chicotear os cavalos pela cidade.

Nenhum funcionário público de meia-idade numa posição confortável poderia recusar essas gentilezas e eles se separaram com um arranjo mutuamente satisfatório. Os homens de Bilezzo continuariam (em nome das aparências) a fazer a fumigação inútil no prédio de Nikoros, Locke conjuraria pilhas de ouro para garantir que isso não acontecesse de novo ali nem em qualquer outro lugar de valor para o partido Raízes Profundas e Jean pouparia Bilezzo do passeio de carruagem indesejado.

Nikoros saiu da reunião conhecendo várias palavras novas, além de novos usos para outras familiares, e uma fascinante reviravolta na arte da negociação, que sua formação anterior havia deixado de

fora.

5

LOCKE RETORNOU SOZINHO À ESTALAGEM de Josten antes da segunda hora da tarde, com o ar do outono fresco no rosto recém-barbeado, mastigando o último da meia dúzia de bolos que tinha pegado para o almoço.

O lugar estava num ótimo estado de quase pandemônio, com ferreiros realizando cirurgias em pelo menos três portas visíveis, enquanto a multidão costumeira de empresários se agitava comendo, gritando, negociando ou simplesmente tentando manter o ar de importância. Ao mesmo tempo, dava-se continuidade ao negócio comum e legítimo do Raízes Profundas. Locke e Jean haviam concordado que não era necessário os dois supervisionarem todos os detalhes do Comitê, para não enlouquecerem ao mesmo tempo que enlouqueciam todo mundo ao redor.

Porém, acontecimentos incomuns e retrocessos faziam parte do seu trabalho, e Locke não tinha dado cinco passos depois de passar pela porta da frente quando um pequeno bando de mensageiros e ajudantes de Nikoros baixou sobre ele balançando pedaços de papel. Locke folheou-os enquanto andava entre a multidão e subia para a galeria particular do partido.

Guardas haviam detido vários apoiadores importantes do partido por bebedeira em público. Um organizador distrital tinha jogado as economias de toda a vida numa bolsa e fugido da cidade logo antes do amanhecer, por motivos desconhecidos. Um candidato à cadeira da Isas Vadrasta iria travar um duelo no dia seguinte e não havia um substituto de qualidade caso ele terminasse cheio de buracos. Locke suspirou. Relatos de baixas, por todos os deuses, como se ele fosse um capitão num campo de batalha! A mão de Sabeta podia estar em qualquer uma daquelas coisas, ou em nenhuma delas. Sem dúvida a

lista de complicações só ficaria maior à medida que as semanas passassem.

– Aqui está mestre Lazari – disse Jean enquanto Locke subia o último degrau até a galeria particular.

Jean e Nikoros estavam parados diante de um grupo de oito homens. A maioria parecia capaz, aos olhos de Locke: valentões, óbvios ex-policiais e alguns com o bronzeado intenso e os rostos desgastados de guardas de caravanas. Todos assentiram ou murmuraram cumprimentando.

– Temos dicas para algumas mulheres também – sussurrou Jean no ouvido de Locke. – Guarda-costas. Nikoros as encontrou; vai trazê-las amanhã.

– Ótimo. – Locke balançou os pedaços de papel para Jean. – Já viu isso?

– Se são as notas sobre os pés no saco de hoje, sim. Tem alguma coisa para dizer aos nossos novos amigos?

– Queremos vocês contentes – afirmou Locke aos homens. – Queremos que sintam que estão sendo bem tratados. Se isso não acontecer, avisem-nos. Se alguém ameaçar vocês ou se fizerem uma oferta... vocês sabem do que estou falando... tragam a nós. Discretamente. *Garanto* que faremos um acordo melhor.

Não havia sentido em mencionar consequências ou fazer ameaças – pelos deuses, não. Fazer isso em público era sinal certo de insegurança. As ameaças, quando necessárias, seriam algo particular. Se aqueles homens fossem bons de verdade, apreciariam não ser tratados como idiotas.

– Vão procurar o Josten – falou Jean. – Comam alguma coisa. Vou organizar os turnos assim que vocês tiverem comido.

Enquanto os homens saíam da galeria, Jean se virou para Locke.

– Aonde você foi se barbear, em Lashane?

– Eu não pretendia ficar fora tanto tempo. Só... ahn, pensei em mandar o cocheiro passar comigo em alguns dos lugares do Íris

Negra que o Nikoros listou para nós. Para ver se havia alguma coisa interessante acontecendo.

– Estava procurando por ela, não é?

– Ahn... é. Mas não a vi em nenhuma rua. – Locke passou a mão pelo queixo pela vigésima vez. – Como está?

– O quê?

– A barba feita.

– Como uma barba feita. Ótima.

– Tem certeza?

– Pelo amor de Perelandro. Você teve o pelo de pêssago raspado com uma navalha; não encomendou um busto em mármore.

Locke amarrotou os bilhetes que estivera segurando e colocou-os num bolso do casaco.

– Bom, olhe, se você está com os novos capangas à mão e se já ouviu as novidades, eu... é... vou para o quarto... me preparar.

– Você tem pelo menos quatro horas antes de precisarmos sair.

– É, mas, se eu não começar a andar nervoso de um lado para outro agora, nunca terminarei a tempo.

6

– COMO ESTÁ?

Quase exatamente quatro horas depois, Locke estava parado diante de um espelho de corpo inteiro na suíte, mostrando uma ligeira variação no modo de amarrar o lenço preto no pescoço.

– Parecem roupas – respondeu Jean, que se vestira quase uma hora antes e agora estava largado numa cadeira de encosto alto, fazendo malabarismos agourentos com uma machadinha numa das mãos.

– Afetado demais? Oriental demais?

– Você percebe que já enrolou essa porcaria no pescoço pelo menos uma dúzia de vezes?

– É que não parece certo.

– Você percebe que nem *tinha* nenhuma dessas roupas até ontem? Por que está preocupado com o significado profundo de roupas que são mais novas do que parte da bosta que está sendo digerida nessa sua pança magra?

– Porque não consigo evitar, e sei que não consigo evitar, e isso não *ajuda*, entendeu?

– Entendi – respondeu Jean baixinho. – Tudo bem. Mas não adianta eu dar tapinhas nas suas costas por causa do nervosismo. Você precisa empinar o queixo e achar que está pronto em algum momento.

– Nervoso. Eu gostaria de estar nervoso! Nervoso eu fico quando pessoas armadas tentam me matar. Isso aqui é outra coisa. Deuses, já faz cinco anos. Ela poderia... Eu só... Eu nem... – Ele fechou os olhos e se encostou na moldura do espelho.

– Seria bom você treinar para terminar as frases. Ouvi dizer que as mulheres acham isso irresistível.

– Cinco anos. – Locke ergueu os olhos e a expressão assombrada no espelho parecia uma autoacusação. – Terei que contar a ela sobre Calo e Galdo.

– Talvez ela já saiba.

– Duvido. Ela estava brincando com a gente hoje de manhã. Só não acho... que ela teria feito isso. Eu não teria feito, no lugar dela.

– Cinco anos separados e você imagina que tem um humor tão parecido com o dela? Vocês tinham quando estavam juntos?

– Bom...

– Você e eu temos *sorte de estar vivos* para ao menos vê-la. Lembre-se disso. Quanto ao que aconteceu enquanto ela estava longe, a decisão de ir embora foi dela, assim como a de ficar foi nossa.

– Eu sei. Na minha cabeça. A mensagem ainda não chegou às entranhas. Parece haver um homenzinho minúsculo lá dentro me

atacando com penas. Agora... joias. Eu deveria...

– Deuses do céu. – Jean se levantou da cadeira. – Você acha que ela vai se jogar por uma janela se seus sapatos tiverem fivelas demais?

– O senso de moda dela pode ter ficado mais extremado desde que nos vimos pela última vez.

– Pare de se fazer de idiota babão. Encontre o caminho para a porta.

Saíram do quarto, foram para o corredor principal, passaram pelo bar e pelas mesas ocupadas pelo pessoal de Nikoros com suas listas, planos e tarefas chatas. Deuses, ele estava mesmo indo! Seus joelhos pareciam feitos de algodão molhado; a pulsação, o som do oceano nos ouvidos.

Novos advogados olhavam da galeria do Raízes Profundas; novos capangas o examinaram na porta da frente; novas correntes reluziam no pescoço de todos os garçons. Tantos cordões de segurança bem armados contra todas as possibilidades e ali estavam ele e Jean, planejando uma visita social ao coração do poder de Sabeta.

Em voz alta, ele teria o cuidado de dizer “a oposição” ou “sua contrapartida”, mas na privacidade dos próprios pensamentos não havia como se esconder dela.

Nikoros encontrou-os e os levou à porta.

– Você estava certo com relação aos guardas e advogados – sussurrou ele. – Estou me sentindo melhor!

– Ah... ótimo, ótimo – respondeu Locke, com vergonha da própria distração.

– Agora que temos alguma segurança – interveio Jean, assumindo imediatamente o peso de confiança e autoridade que Locke deixara escapar –, é hora de começarmos a entregar aos nossos amigos algumas dificuldades também. Pense nisso para nós, está certo? Pontos fracos que possamos explorar, rápidos e fáceis.

– O prazer será meu. Sabe, em apenas dois dias isto já ficou mais interessante do que qualquer coisa que aconteceu da vez anterior. Vou esperar por vocês, está bem? Adoraria descobrir que tipo de mulher nossa... ahn... oposição é.

– Nós também – disse Jean.

7

A IDA DE CARRUAGEM ATRAVÉS das úmidas cortinas de névoa do anoitecer não contribuiu para os nervos de Locke, mas, à medida que os minutos passavam, ele se dominou bastante bem, pensou, a ponto de ser capaz de falar frases simples e de andar.

O Vel Vespala, o Terraço Vespertino, era um dos bairros mais elegantes de Kartane, com praças salpicadas de tavernas, casas de tavadagem, cafés e bordéis. Todos esses lugares não passavam de luzes turvas, cor de âmbar e água-marinha em meio à névoa, enquanto a carruagem de Locke e Jean parava diante do Marco da Íris Negra, o lugar que Nikoros e seus amigos chamavam de Taverna do Inimigo.

– Tudo bem, então – disse Locke. – Aqui nós...

– Não vou demorar quinze minutos para sair da carruagem – cortou Jean. – Saia pela porta com os próprios pés ou de cabeça pela janela. Pense rápido.

Locke conseguiu realizar a primeira opção.

O Marco da Íris Negra era um lugar confortável, não tão grande quanto o Acomodações do Josten, porém talvez mais luxuoso, com o lambris de madeira ligeiramente mais ricos, o mármore dos acabamentos exteriores um pouquinho mais brilhante. Sem dúvida a rivalidade entre as duas estalagens mantinha os bolsos de muitos artesãos kartanis admiravelmente recheados.

A distração nervosa de Locke foi diminuindo à medida que seus antigos instintos de rua voltavam à vida. O porteiro não era nada de

especial, mas os dois homens no fundo do saguão na penumbra eram interessantes. Não estavam à vontade em suas roupas finas, e que coincidência dois sujeitos com aquelas cicatrizes e os narizes tortos passarem tempo juntos! Eram capangas com certeza. Sabeta também havia posto cães de beco para guardar seu covil.

– Ahh, senhores. – Um tipo de criatura bastante diferente entrou no saguão para recebê-los. Tinha cabelos prateados, era magro feito uma bainha de espada, com uma flor preta murcha presa na lapela direita do casaco. – Primeirofilho Vordrata. Sou secretário confidencial da Sra. Gallante. Os cavalheiros realmente se movem a passo tranquilo. Ela já está esperando os dois *há algum tempo*, sim, algum tempo mesmo.

– Eu observaria – replicou Jean, indicando um relógio mecânico na parede do saguão – que ainda não são nem cinco para as sete.

– Claro. Eu não fiz qualquer reflexão quanto à precisão do relógio, humm? – As rugas nos cantos da boca de Vordrata subiram uma fração de centímetro.

Então ele era desse tipo de sujeito, metido a besta e irritante, incapaz de resistir a se divertir com pilhérias sem graça. A concentração de Locke assumiu um foco mais nítido ainda à medida que aumentava a ânsia de bater a cabeça de Vordrata contra a porta.

– Venham, ela deseja vê-los. Em particular.

Locke e Jean o acompanharam até um corredor no andar de cima. Passaram por tantos homens e mulheres que não poderiam estar percorrendo o caminho mais rápido para uma audiência particular... Ah, mas claro, todos examinavam Locke e Jean com indiferença fingida. Captando vislumbres de rostos, corpos e maneiras, para o caso de os dois tentarem outra visita sem convite. Era lisonjeiro, de fato.

No fim do corredor, Vordrata segurou uma porta aberta. O espaço do outro lado estava na penumbra, iluminado pelo brilho

dourado de pequenas lâmpadas em várias mesas. Um espaço de jantar privativo, com janelas altas dando para a névoa do fim de tarde.

Havia uma mulher de pé, sozinha, na outra extremidade da sala, com o cabelo comprido solto, uma cascata de cobre escuro caindo até o meio das costas. Ela se virou lentamente e, antes que Locke soubesse o que estava acontecendo, ele e Jean haviam passado pela porta, que se fechou com um estalo, e Sabeta vinha na direção deles pela passagem sombreada entre as fileiras de lâmpadas.

8

ELA USAVA UMA JAQUETA DE veludo cor de sangue, um pouquinho mais escura do que o cabelo. A roupa tinha o ar de uma vestimenta de montaria, estreitando-se para enfatizar a cintura fina, e por baixo da saia comprida e escura ela calçava botas de couro bastante usadas. Uma echarpe, branca como penas de pombo, estava apertada em volta do pescoço. Com exceção de uma única íris de lapela, igual à de Vordrata, ela não usava qualquer ornamento a não ser o contraste: a combinação harmônica de pele, echarpe, cabelo e casaco. Havia feito de si mesma uma paleta de artista, enfatizando uma beleza que tinha florescido nos cinco anos de separação.

Locke se adiantou a Jean e tirou as luvas de couro com as mãos trêmulas. Cinco anos de sonhos e planejamentos para aquele momento o abandonaram instantaneamente, deixando-o sem nada além de um olhar hipnotizado e meio imbecil e do ar na garganta.

– O-olá.

– Oi, Locke.

– É. Sabeta. Olá. Ahn.

– Queria dizer alguma coisa mais grandiosa e inteligente, não é?

– Bom... – A voz normal dela, sem afetação, sem disfarces, sem sotaque, era como um copo de conhaque engolido por um estômago

vazio. – O que quer que eu fosse dizer parece que tinha um compromisso longe daqui.

– Você vai lembrar quando menos estiver esperando. – Ela sorriu.
– Então escreva e mande para mim. Vou ler de modo favorável.

Pouco mais de um metro os separava agora e, no rosto de Sabeta, ele podia ver a alquimia peculiar do tempo: cada linha estava onde devia estar, mas toda a suavidade e magreza de menina haviam sumido. O corpo e as feições estavam mais cheios. Os olhos tinham mudado, passando de um castanho animado para outro mais verdadeiro, mais escuro, um tom que se refletia um pouco no cabelo.

– Tome minhas mãos – pediu ela, e gentilmente redirecionou os dedos dele quando Locke tentou entrelaçá-los com os seus.

Ficaram parados palma contra palma enquanto Sabeta retribuía seu olhar; o toque dela era macio e seco. Por um momento de pura ansiedade, Locke achou que ela poderia puxá-lo num abraço, mas Sabeta manteve uma distância respeitável entre os dois.

– Você está magro demais – afirmou ela, perdendo parte da postura dominadora.

– Andei doente.

– Disseram que você foi envenenado.

– Quem disse?

– Você *sabe*. E você não tem pegado sol. Sua cor de vadrã está aparecendo.

– Parece que voltamos às nossas raízes.

– Ah, está falando do cabelo?

– Não, da parte de trás dos seus *joelhos*. Claro que estou falando do cabelo.

– É estranho. Já usei cada tom de preto, castanho e louro nos últimos anos, por isso consigo me disfarçar melhor voltando ao natural. Isso agrada a você?

– Você sabe que isso me distrai de modo infernal. – Locke sentiu-

se ruborizar. – Me deixa numa tremenda desvantagem.

– Eu sei – disse ela, de novo permitindo-se um leve sorriso. – Talvez eu quisesse que nós estivéssemos em terreno familiar esta noite.

Sabeta soltou suas mãos, fez uma meia reverência brincalhona e passou por ele.

– Olá, Jean. Você perdeu toda a barriga e ganhou todos os ombros, acho.

– Olá, Sabeta. – Ele estendeu a mão esquerda. – Você ganhou muito e não perdeu nada, que eu possa ver.

– Querido. – Sabeta segurou a mão dele, e suas sobrelhas se arquearam quando ele a segurou pelo antebraço e o apertou num cumprimento educado. – O que é isso? Cinco anos separados e de repente eu não passo de uma relação comercial?

Locke mordeu o lado interno do lábio enquanto ela envolvia Jean e encostava a cabeça nas lapelas do casaco dele. Após uma brevíssima hesitação, Jean retribuiu o gesto, enlaçando-a com facilidade; seus braços até se sobrepuseram no meio das costas.

– Só preciso de um momento para garantir que tudo ainda está no meu bolso – disse ele enquanto se separavam. Ela gargalhou. – O quê, você não acha que estou falando sério?

Jean examinou o casaco cuidadosamente. Não se incomodou em rir para amenizar o momento.

– Ahh – disse Sabeta, afastando-se dos dois e entrelaçando as mãos diante do corpo. – Quanto tempo vocês demoraram para deduzir?

– Cerca de um minuto – respondeu Locke.

– Nada mau.

– Foi um minuto a mais do que deveria. As iniciais naquela bolsa extremamente descaradas. Mas o disfarce era excelente.

– Você gostou? Ótimo. Não foi fácil tirar alguns centímetros da minha altura.

– É uma das coisas mais difíceis num disfarce – concordou Locke, assentindo. – Você estava se exibindo.

– Não mais do que você antes de terminarmos. Continua fingindo doença em público.

– Funcionou – retrucou Locke. – De certa forma. Mas você já tinha visto isso, então não foi apanhada desprevenida demais.

– Sim, e vocês dois devem lembrar que ainda entendo a maioria dos seus sinais de mão.

Locke e Jean se entreolharam; o fato de compartilharem essa negligência pouco servia de consolo.

– Essa lembrança eu lhes dei de graça – comentou ela.

– Então por que você fez aquilo? – perguntou Locke.

– Eu queria ver vocês dois – respondeu ela, desviando o olhar. – Descobri que estava impaciente. Mas não estava pronta para... isto aqui, ainda.

– Nós poderíamos chegar um pouco tarde para esse encontro se eles tivessem nos jogado numa cela – observou Jean.

– Você está insultando todos nós. Como se não pudessem ter se livrado daqueles imbecis antes do almoço. Afinal de contas, seu amigo Josten ainda está com a licença para bebidas fortes. Sem dúvida vocês dois não se esqueceram de como se manter em alerta.

– Aquilo foi uma gracinha – comentou Locke.

– Assim como a reação de vocês. Para mim é um espanto ver quantas pessoas são tão dispostas a acreditar nas leis sob as quais vivem.

– Elas não tiveram as nossas vantagens. De qualquer modo, você não deveria ter mandado um sujeito gordo e afável para aquele tipo de trabalho. Deveria ter posto a intimação nas mãos de algum pau de barraca enrugado como o seu Vordrata.

– Ele não é um tesouro? Uma tremenda vaca seca e metida a besta. Ele não deve ter passado mais de um minuto com os dois e apostado que vocês seriam capazes de se arrastar por cima de vidro

quebrado só para dar um chute nas partes preciosas dele.

– Mostre onde está o vidro – murmurou Jean.

– Talvez... assim que ele tiver me dedicado umas boas seis semanas de trabalho. – Sabeta jogou o cabelo para trás e encarou Jean. – Será que posso pedir para... você deixar Locke e eu sozinhos um instante? Eu orientei Vordrata a colocar uma cadeira do lado de fora da porta.

– Não sei se me sinto confortável com isso.

– Então não se sente nela.

A única resposta de Jean foi pigarrear.

– Será que posso observar – insistiu Sabeta – que a última chance razoável que vocês tiveram de ser cautelosos foi quando saíram da carruagem? Eu poderia ter vinte pessoas armadas agachadas na sala ao lado. Se tivesse, por que me incomodaria em pedir privacidade?

– Bom... – Jean suspirou. – Acho que posso fingir educação.

Ele saiu num instante. A porta se fechou com um estalo, deixando Locke e Sabeta sozinhos com 1,20 metro de piso escuro entre os dois.

– Será que eu ofendi o Jean? – perguntou Sabeta.

– Não.

– Ele pareceu satisfeito ao me ver por um momento e agora está azedo.

– Jean... Jean conheceu alguém. E a perdeu do pior modo possível. Por isso não pense... É só que ele não consegue ficar muito à vontade com as questões que existem entre mim e você.

– A que questões você poderia estar se referindo?

– Por favor, *não* faça isso.

– O quê?

– Me pedir para dar nome aos meus problemas como se eles fossem desconhecidos.

– O instrumento com o qual você está me confundindo se chama

espelho, Locke. Eu não reflito seus sentimentos tão bem quanto você parece imaginar, por isso acho que você precisará dar o nome deles, para o bem de todo mundo.

– Cinco anos, Sabeta. Cinco *anos*!

– Eu sei contar! E daí? Não estou pulando nos seus braços, não estou rasgando suas roupas embaixo dessas mesas. Você pode ter notado que eu passei esses cinco anos sem me arrastar de volta para Camorr à sua procura. Nem encontrei *você* exatamente agarrado aos meus calcanhares!

– Eu queria... Eu queria...

– Você *queria*. Esta é uma moeda sem valor, Locke. O passado não é uma coisa que nós podemos negociar. Eu posso não ter voltado para você, mas sem dúvida você não correu atrás de mim.

– Houve dificuldades.

– Ah, então *você* é o homem cuja vida desenvolve complicações! Eu ansiei muito para encontrar você; o resto de nós aqui neste mundo teve a vida fácil demais, infelizmente.

– Calo e Galdo morreram.

Sabeta se encostou na mesa mais próxima, cruzou os braços e olhou pela janela durante um tempo.

– Eu suspeitei – disse por fim.

– Porque Jean e eu viemos sozinhos para Kartane?

– Passei por Camorr há cerca de um ano. Achei melhor não me anunciar. O lugar está como nos velhos tempos, antes do Barsavi. Trinta Capas e nenhuma Paz Secreta. Ouvi dizer umas coisas confusas... Que vocês tinham sido expulsos pelo usurpador de Barsavi e ninguém viu vocês desde a confusão.

– O martelo baixou sobre todo mundo. O Capa Raza nos usou, depois nos traiu. Era para todos nós morrermos, mas eles só conseguiram pegar os Sanzas. E um amigo mais novo... Nós tínhamos um novo aprendiz. Você teria gostado dele.

– Bom, você certamente foi um *garrista* fantástico para ele, não

foi?

– Eu teria morrido, Sabeta, teria *morrido* se isso os salvasse! Não tive uma chance, porra. E você foi de uma tremenda ajuda, aonde quer que tenha ido...

– Como eu poderia ficar? Como poderia ajudar você a fingir que mantinha a casa? Você queria tudo igual: o mesmo refúgio de vidro, o mesmo templo, as mesmas tramas, e agora fico sabendo que você até começou a pegar aprendizes. Garotos, claro.

– Essa é a coisa mais injusta...

– As raízes servem para os vegetais, Locke, e não para os criminosos. Correntes já tinha pontos cegos suficientes, muito obrigada. A última coisa que eu poderia fazer era saracotear de mãos dadas com sua imitação pálida. Eu poderia viver tendo você como parceiro. Como sacerdote, *garrista*, figura paterna, não. Nem por um instante! Deuses, a porra daquela pilha de dinheiro que o Correntes deixou para nós foi a pior maldição que ele poderia ter sonhado, nem se passasse a vida inteira planejando isso. Eu gostaria que ele tivesse jogado tudo no mar. Gostaria que nós mesmos tivéssemos queimado aquele templo.

– Nós o queimamos. E eu *joguei* o dinheiro no mar.

– Como assim?

– Eu fiz todo ele afundar no Porto Velho de Camorr. Como oferenda de morte para Calo e Galdo.

– Tudo se foi mesmo?

– Para os tubarões e os deuses, até a última moeda de cobre.

– Obrigada por isso – sussurrou ela, e esticou o braço, encostando o dorso da mão direita no rosto dele.

Locke inspirou, trêmulo, estendeu a mão e sentiu o sangue esquentar quando Sabeta não afastou a pressão de sua mão sobre a dela.

– Por ter perdido tudo? – perguntou.

– Pelos Sanzas.

– Ah.

– Você ganhou algumas rugas desde que eu o vi pela última vez.

– Foi um envenenamento ruim. E não foi o primeiro.

– Não imagino como alguém tão charmoso e fácil de lidar como você poderia incitar alguém a envenená-lo. Eu *sinto muito* pelo Calo e pelo Galdo. Sinto muito por não estar lá para ajudar. Se é que isso vale alguma coisa.

– Acho que eu sinto muito por ter sido um *garrista* de merda.

– Talvez, numa vida melhor, eu pudesse ter ficado para ver essas rugas surgirem em você. Talvez eu mesma poderia colocá-las – falou ela com um sorriso minúsculo. – Mas eu expressei meus sentimentos da forma mais clara possível antes de optar por ir embora.

– Francamente, às vezes eu ficava surpreso por você ter permanecido tanto tempo com a gente.

– Eu não consegui reunir coragem para partir de uma hora para outra. – Ela baixou a mão e a fez escorregar para longe da dele. – Quando o Correntes morreu, você achou que precisava preservar tudo como era. Congelar nossa vida em âmbar. Talvez esse fosse o seu jeito de cumprir com o luto. Não podia ser o meu.

– Bem, eu, ahn... rastreei você até Ashmira. Nunca disse isso a ninguém, a não ser ao Jean. Eu tinha alguém lá que me devia um favor. Depois disso...

– Venha cá. – Ela puxou a cadeira mais próxima. – Sente-se. Nós estamos sendo muito reservados.

– Essa é a cadeira que tem o alçapão embaixo?

– Ah, não seja idiota. Escolha a que quiser.

Locke puxou uma cadeira da mesa no seu lado do corredor e colocou-a perto da que Sabeta havia oferecido. Sinalizou para ela sentar-se primeiro e depois se acomodou, virado para a porta. Não estavam exatamente de frente um para o outro, mas voltados para dentro, em ângulo, com os joelhos quase se tocando.

– Eu fiz o que tinha planejado – continuou Sabeta. – Circulei no

Reino dos Tutanos. Comecei em Emberlane e fui para o oeste, dando golpes em solteiros ricos e em lordes casados querendo pular a cerca.

– Eles inventaram um nome lendário para você?

– Tenho certeza de que inventaram um monte de nomes para mim. – Ela deu um sorrisinho. – Mas, quando eu estava no meio daquilo, decidi que era melhor ficar anônima do que criar um mito.

– Você sabe que não fui eu que comecei com aquela besteira do Espinho de Camorr...

– Paz, Locke, isso não foi uma censura.

– Então por que saiu dos Tutanos? Ficou entediada?

– Os Tutanos estão ficando perigosos. Emberlane pretende se separar do resto. Todos os cantões estão afivelando os cintos das espadas. Pareceu um bom momento para sair.

– Eu ouço isso há anos. Emberlane está *sempre* a ponto de uma secessão. O rei *sempre* está para despençar. Até usei esse absurdo como base para um golpe. Diabos, acho que a paz nos Tutanos vai durar mais do que eu.

– Então deve estar planejando morrer no mês que vem, ou daqui a dois meses. Confie em alguém que esteve lá, Locke. O antigo rei não tem herdeiros e está caduco. Não é segredo para ninguém que ele ordenou que o conselho privado escolha o sucessor quando ele enfim morrer.

– E isso implica que haverá uma guerra?

– Há cerca de dez famílias nobres que têm direito ao voto, e cem que não têm. Você acha que elas não vão preferir simplesmente sacar espadas e partir para o trabalho? Elas vão estar afundadas em cadáveres até os quadris assim que começarem a trocar opiniões.

– Sei. Então você estava se livrando daquilo e recebeu uma oferta de trabalho para uma temporada aqui em Kartane?

– Eu estava saindo de Vintila. Num momento, sozinha na minha carruagem; no outro, conversando com um Mago-Servidor.

– Sei como é. – Locke respirou fundo antes de fazer a pergunta seguinte: – E... ele contou sobre Jean e eu antes de você aceitar o serviço? Quero dizer, contou que você seria posta contra nós?

– Contou.

– Antes...

– É, *antes*. E eu concordei mesmo assim. Você quer um momento para pensar muito, muito a sério antes de continuar com este assunto?

– Eu... Você está certa, não tenho motivos para dizer nada.

– Nós não somos inimigos, Locke; somos rivais. Certamente nós dois estamos acostumados com esta situação. E, diga, como você teria reagido se as posições fossem invertidas?

– Se eu não aceitasse, estaria morto.

– Bom, se eu não tivesse dito sim, ainda estaria em algum lugar dos Tutanos com os agentes de Graf kul Daros um passo atrás de mim. Devo confessar que não consegui sair com tanto dinheiro ou anonimato quanto esperava. Na verdade, eu... amenizei a descrição da bagunça que deixei para trás. Desculpe.

– Jean e eu... também não estávamos saindo de um dos nossos golpes mais lucrativos.

– Então nenhum de nós tinha um motivo sensato para recusar este serviço. – Sabeta se inclinou à frente. – Os magos se ofereceram para me tirar de lá. Para apagar os rastros, me ajudar a desaparecer em completa segurança. Esse foi o lado deles no negócio. E, de minha parte, a chance de reencontrar você e Jean era agradável.

– Agradável?

– Sem dúvida você acha essa palavra amena. Mas esta conversa é curta demais para voltarmos aos nossos passos, por enquanto. Eu lhe dei meus fatos; agora me dê os seus. Diga o que aconteceu em Camorr.

– Ah. Bom... – Locke se pegou tentando coçar a barba que não

estava mais presente no queixo. – Nós estávamos dando um golpe. Era bom e teria acrescentado uma bela quantia àquela pilha de tesouro que você detestava.

– Foi quando o Rei Cinza estava na cidade?

– Rei Cinza, Capa Raza, o mesmo homem. É, nós fomos escolhidos para a honra dúbia de ajudar o sacana em sua guerra contra os Barsavis. Ele tinha contratado um Mago-Servidor.

– Meus... contratantes me contaram sobre ele.

– A mancha assassina de merda não serviu como crédito para os seus contratantes, independentemente do que eles pensem. De qualquer modo, ele deve ter nos espionado, junto com o dinheiro no nosso cofre. Já tive muito tempo para pensar na situação, e essa é a única explicação que faz sentido. Nós fizemos o serviço e, por acaso, o Rei Cinza cobiçava nossa fortuna. Ele tinha muitas contas a pagar. Por isso fomos para o cepo. Foi... – Cada fibra do seu ser, já desconjuntado pela doença mais recente, se revoltou com a lembrança daqueles momentos em que se afogava num barril de imundície quente e grossa. – ... foi por pouco.

– Algum Barsavi sobreviveu?

– Nenhum. Nazca foi assassinada para colocar os nervos do pai à flor da pele. Com nossa ajuda, o Rei Cinza enganou Barsavi, fazendo-o acreditar que a vingara. O Capa deu uma festa na Tumba Flutuante, onde ele e os filhos foram despedaçados. Tremendo espetáculo. Lembra-se das irmãs Berangias?

– Como iria me esquecer?

– Elas estavam lá. Por acaso eram irmãs do Rei Cinza. Serviram a Barsavi durante todos aqueles anos esperando o momento de atacar.

– Pelos deuses, o que aconteceu com elas?

– Jean.

– E esse tal Rei Cinza?

– Ah. – Locke pigarreou. – Ele foi coisa minha. Nós cruzamos espadas.

– Ora, devo admitir que essa é uma surpresa agradável – comentou Sabeta, e Locke sentiu um novo calor em volta do coração ao ver uma fagulha de interesse nos olhos dela. – Você enfim começou a prestar atenção ao trabalho com espadas?

– Ah, não se engane. Infelizmente, ele me abriu como um galeno. Eu tive que enganá-lo para conseguir enfiar uma adaga nas suas costas.

– Humm. Fico feliz porque você o matou. Mesmo assim, é uma pena você nunca ter resolvido sua falta de jeito com o aço longo.

– Bom, Sabeta, diferentemente de algumas pessoas, acho que nunca tive condições de possuir, de forma instantânea, uma especialidade impecável em *absolutamente todas as esferas* do conhecimento humano.

– Não havia nada de instantâneo. Você *poderia* ter se lançado no treinamento com o mesmo vigor que eu se não tivesse vivido com a expectativa de que Jean Tannen sempre estaria às suas costas pelo resto da vida.

– Não. Pelos deuses, eu ouviria de boa vontade você me censurar até o nascer do sol, *mas não nesse assunto*. Jean não é um cachorro que eu enganei para manter numa coleira. Ele é meu amigo íntimo, verdadeiro. Ainda é *seu* amigo íntimo, verdadeiro, mesmo que talvez vocês dois precisem de algum tempo para se lembrar disso.

– Desculpe. Eu estava pensando no seu bem.

– Para alguém cuja principal ambição na vida *sempre* foi a de ser considerada íntegra e sem falhas, sem se dobrar às vontades dos que estão ao redor, você tem um interesse curioso na correção da *minha* condição!

– Ai – disse ela baixinho.

– Porra. – Locke bateu com os punhos nas pernas. – Desculpe. Sei que você tinha boa intenção...

– Não, você está certo. Sou uma perfeita hipócrita. Retiro

qualquer coisa que tenha desagradado você. Por favor, continue com a história.

– Ahhh... certo. Bom, não há muito mais a dizer sobre Camorr. Nós pegamos um navio para Vel Virazzo na noite em que o Rei Cinza morreu. Ah! Eu conheci o Aranha.

– O quê? Como isso aconteceu?

– Quando os negócios do Rei Cinza chegaram ao fim, o pessoal do Duque não teve opção além de se envolver. Depois de um desentendimento inicial, o Aranha e eu trabalhamos juntos. Muito brevemente.

– Doces deuses, você foi *perdoado* por seus crimes?

– Ah, diabos, não. Assim que o Rei Cinza morreu, Jean e eu demos o fora em disparada, como coelhos.

– E ficaram sabendo da identidade verdadeira do Aranha?

– É, ela e eu trocamos palavras em várias ocasiões.

– Então era mesmo uma mulher! Como eu sempre achei.

– Como você sabia?

– Todos aqueles anos de boatos e o único detalhe que emergia com clareza absoluta da névoa era que o Aranha era um homem. Todo mundo tinha certeza. Agora, se essa pessoa podia manter total controle sobre os outros detalhes da identidade, por que essa verdade fundamental pôde vazar? Só podia ser uma pista falsa.

– É. Era mesmo.

– E quem era ela, afinal?

– Ahhh. Vejo que tenho uma coisa que intriga você genuinamente. Acho que vou guardar isso durante um tempo.

– É? Vou me lembrar disso, mestre Lamora. Você tem minha palavra. Então vocês pegaram um navio. E depois?

Animado com o assunto, Locke passou uns dez minutos resumindo os dois anos em Tal Verrar e nos arredores: a natureza do golpe na Agulha do Pecado de Requin, a interferência de Maxilan Stragos, o tempo passado nos Ventos Fantasmas, as batalhas no

mar, a perda de Ezri, a perda de quase tudo.

– Incrível – comentou Sabeta ao término da história. – Eu tinha ouvido sobre a encrenca em Tal Verrar. Vocês *provocaram* tudo aquilo. Derrubaram a droga do Arconte! Seus sacanas tolos, estúpidos e sortudos.

– E, como resultado de nossa genialidade, deixamos Tal Verrar sem o amor de Jean, sem uma fortuna e sem um antídoto.

– Lamento tudo isso. Especialmente pelo Jean.

– Eu diria algo reconfortante, do tipo: ele vai superar com o tempo, mas sei que não vai. – Locke fez uma pausa e baixou a voz: – Eu sei que não superei.

– Ah – disse Sabeta em um tom totalmente neutro. – E cá estamos, então.

– Cá estamos. Histórias contadas.

– Eu tenho... instruções dos meus contratantes. Não somos proibidos de conversar uns com os outros, mas, na questão da eleição... Olhe, nós temos que lutar até o fim. Sinceramente. Com todos os nossos truques, todas as nossas habilidades. As consequências de não ir até o fundo seriam severas. Tão severas que eu jamais...

– Entendo. Tenho orientações semelhantes dos meus... é, contratantes.

– Deuses, eu gostaria que pudéssemos conversar a noite toda.

– E por que não conversamos?

– Porque eu não esperava receber tanta honestidade da sua parte. – Sabeta se levantou. – E, se eu não fizer o que trouxe você aqui para fazer, posso perder a coragem.

– Espere, o que você quer dizer...

Sabeta respondeu puxando-o da cadeira para os braços. Num reflexo, ele resistiu por um momento, mas a intensidade do abraço o dominou.

– Fico feliz por você estar vivo – sussurrou ela. – Por favor,

acredite, independentemente do que acontecer, estou feliz em ver você.

– Não acredito que tenho dois motivos para sentir gratidão aos Magos-Servidores.

Pelos deuses, ela era quente e forte, e seu cheiro era instantaneamente familiar sob o levíssimo perfume adocicado de maçã. Ele passou a mão pelos cachos suaves do cabelo de Sabeta e suspirou.

– Babacas. Eu trabalharia de graça por qualquer chance de ficar perto de você. Eles estão me oferecendo uma fortuna e eu a jogaria no Amatel em troca disto. Eu...

– Locke – sussurrou ela. – Faça minha vontade.

– Hein?

– Me beije.

– Com toda...

– Não, assim, não. Do meu modo preferido. Você sabe o que eu quero dizer. De quando nós éramos...

– Ahhh – fez ele, rindo. – Seu serviçal, madame.

Sabeta sempre tivera uma fraqueza peculiar, algo que ele descobrira por acaso quando se tornaram amantes, tantos anos atrás. Locke pôs gentilmente a mão esquerda embaixo do queixo dela e inclinou sua cabeça para trás, depois grudou os lábios na lateral do pescoço, embaixo da orelha.

O modo como ela se moveu nos braços de Locke dobrou sua sensatez e a escondeu num lugar profundo, escuro.

– Então foi mesmo para isso que você me trouxe?

– Continue – disse ela, ofegante – e vamos descobrir.

Locke beijou-a várias vezes mais e, quando sentiu que a havia provocado o suficiente, passou a língua para cima e para baixo nos mesmos centímetros de pele quente. Sabeta ofegou e o agarrou com mais força ainda.

– Nossa – disse ele, rindo e estalando os lábios. Engoliu várias

vezes para tirar um curioso gosto seco na língua. – Seu perfume. Acho que tirei um pouco. Espero que não tenha sido caro.

– Uma formulação especial, só para você – sussurrou ela.

E continuou agarrada a Locke, cravando as mãos nos seus ombros, e por mais um instante ele ficou em paz com o mundo inteiro.

O entorpecimento começou na borda da língua e, em alguns segundos, espalhou-se, pinicando, em volta da boca e subindo à ponta do nariz.

– Não – sussurrou ele, golpeado tanto pelo choque quanto pelo que tinha acabado de engolir. Tentou se afastar, mas Sabeta era forte demais; seus membros já assumiam uma desassociação nebulosa. – Não, não... Jnnnn... *Jnnnn!*

– Ssshhhh – fez Sabeta, não mais estremeando, não mais ofegante com antecipação compartilhada. – É uma formulação especial. A garganta e a voz são atacadas primeiro. Apenas relaxe. Jean não pode ouvi-lo.

– Pqqqq... Pqqqq?

– Desculpe. – Sabeta o aninhou enquanto as pernas dele viravam geleia. Ajoelhou-se lentamente, trazendo-o para baixo, deitando-o sobre seus joelhos. – Eu não sabia se ia mesmo fazer isso ou não. Se serve de consolo, sua história sobre Tal Verrar foi o que me convenceu. Você não é tão bom quanto eu, Locke, mas é bom demais para eu deixá-lo por aí, lutando de modo justo. Preciso vencer você, por nós dois.

– Nnngh...

– Não fale, só escute: você não tem muito tempo de sobra. Há um segundo motivo. Agora vejo como você esteve doente e como terá que se pressionar para me acompanhar. Não posso deixar que você faça isso, Locke. Não posso ver você fazer isso. Você vai se *matar* tentando me vencer e não pode pedir que eu permita isso. Não quando posso impedir. Eu já gostei muito de você. Gosto agora.

Lembre-se disso.

Sabeta beijou-o suavemente na testa e ele mal sentiu.

– Lembre-se disso e me perdoe.

9

– NNNNNGH – FEZ LOCKE, emergindo de camadas de negrume que pareciam postas sobre ele como mortalhas. – Nnnngh... Sab... Não, por favor!

Ofegou, com a gratidão incrédula de alguém que enfim tivesse voltado a despertar depois de um interminável pesadelo de sufocamento. Sentiu o cheiro do próprio suor e os odores familiares de madeira molhada e ar fresco do lago.

Seus olhos se abriram com relutância. Estava deitado de costas na grande cabine de outro navio, mais luxuoso do que qualquer um que ele já conhecesse, até mesmo que o de Zamira Drakasha. Suaves globos alquímicos cor de laranja lançavam uma luz convidativa nos adereços e peças finas. Gaivotas gritavam em algum lugar próximo e o mundo estalava suavemente ao redor.

– Idiota, idiota, idiota – murmurou, adorando a recuperação total de sua capacidade de fala. Sentou-se e logo notou sua fome insuportável. – Ah, *idiota, idiota, idiota...*

– Você não pode se culpar – disse Jean.

Locke se virou e o viu sentado junto à parede oposta, numa cama suspensa com lençóis bordados. Jean tinha hematomas novos nos antebraços nus e em volta dos olhos.

– Pelos deuses. O que aconteceu com você?

– Lembra como ela brincou sobre vinte pessoas armadas na sala ao lado? – respondeu Jean com um suspiro. Em seguida, pousou o livro que estivera lendo. – *Havia* vinte pessoas armadas na sala ao lado.

– Foda-me de lado com pimenta e uma pitada de sal. Quanto

tempo fiquei sem sentidos?

- Metade de um dia.
- Onde estamos?
- No Amatel, indo para o oeste. Para o mar.
- Está brincando?

Jean apontou para alguma coisa atrás de Locke, que se virou. As janelas de trás da cabine, que estavam abertas, dando vista para uma manhã cinzenta sobre água azul, tinham uma trama de grossas barras de ferro na superfície exterior. Os espaços eram pequenos demais até mesmo para Locke pensar em se espremer através delas.

– Ela colocou a gente num navio-prisão extremamente luxuoso – disse Jean. – Somos os únicos passageiros. E vamos fazer uma viagem ótima e lenta pelo mar, dando a volta no continente.

– Está brincando, porra?

– Se tudo acontecer como ela planejou, vamos voltar a Kartane uma ou duas semanas depois da contagem dos votos.

I N T E R S E Ç Ã O (I I)

Pavio

DEVO DIZER QUE NÃO ESTAMOS *terrivelmente impressionados com seus rapazes até agora.*

Nós achamos que eles se saíram muito bem até o encontro com o seu exemplar.

É esse encontro com o nosso exemplar que inspira certa falta de premonição da nossa parte.

Eles logo voltarão para nós.

Eles estão indo para o mar, a ferros.

Você sabe quem mais os desconsiderou? O Falcoeiro.

Muito engraçado.

Coisas interessantes vão acontecer ao redor do Lamora, amigo. Mantenha a atenção concentrada nele o tempo todo.

INTERLÚDIO

A Companhia Moncraïne

1

– ELE FOI PRESO PORQUE deu um soco num nobre? – perguntou Locke.

– Foi levado a ferros – respondeu Jenora.

– Por todos os malditos... Como está a situação por aqui? Eles não vão enforcá-lo, vão?

– Masmorra por um ano e um dia – disse Alondo. – Depois ele perde a mão ofensora.

– Imagino que Moncraïne tenha sorte porque não chutou o sujeito – observou Jean.

– Sem dúvida ele tem sorte – falou Sylvanus, erguendo o olhar da garrafa. – Ele está no único lugar da cidade onde os credores não podem esfolar os bagos dele e colocar sal! Eles deveriam deixar que a gente ficasse com a mão quando ela for cortada... para embalsamar com alcatrão... Daria um excelente adereço, especialmente quando eu fizer um taumatu... taumur... uma pessoa mágica.

– Como podemos trazê-lo de volta? – perguntou Sabeta.

– De volta? – indagou uma mulher que surgiu das sombras atrás

de Alondo e Jenora. Próxima da meia-idade, era bem musculosa e atarracada, com pele cor de mogno e cabelo grisalho como cinzas de madeira. – Por que alguém iria querer Jasmer Moncraïne *de volta*, tendo se livrado dele com tanta facilidade? E por que há estranhos no pátio da minha estalagem?

– Imagino que eles possam ser chamados de *clientes*, tia – falou Jenora. – A senhora se lembra de quando eles vinham voluntariamente?

– É, sou uma boa estudante de história antiga – respondeu a mulher mais velha. – Alizana Gloriano, proprietária e mártir semiprofissional, ao seu dispor. Vocês estão mesmo procurando Jasmer Moncraïne?

– Ele é nosso empregador – explicou Sabeta. – Ou pelo menos deveria ser.

– Meus deuses do céu! – exclamou a Sra. Gloriano, passando os braços em volta dos ombros de Alondo e Jenora. – Os *camorris*. Eles são de *verdade*!

– Estamos tão chocados quanto você, titia – admitiu Jenora.

– É agradável sermos considerados maravilhas tão absurdas – disse Locke –, mas precisamos falar com Moncraïne.

– Bom, só precisam esperar a condenação dele depois de amanhã – retrucou a Sra. Gloriano. – Depois, esperar mais um ano e um dia e, então, ficar do lado de fora da Torre do Lamento. Ele vai ser o que sair sem a mão direita.

– E quanto a um advogado?

– Não mantemos um exatamente – respondeu Alondo.

– Diga o que *podemos* fazer. Podemos vê-lo?

– Ah, sim, meu garoto – respondeu Sylvanus. – Procure o cavalheiro ou a dama de alta estirpe mais próximos e lhe dê um soco nos dentes. Você pode acabar compartilhando a cela de Jasmer.

– Maldição – murmurou Locke. – Sem ofensa, mas vocês quatro

parecem ter mais probabilidade de cortar a garganta de Moncraïne do que de dedicar algum tempo a ele... *Existe* uma Companhia Moncraïne, afinal de contas? Vocês vão fazer alguma peça neste verão? Nossa situação exige que estejamos empregados. Então, por Perelandro, sejam claros.

– Ainda somos uma companhia – afirmou Jenora –, mas tivemos algumas baixas. Alondo, Sylvanus e Jasmer são os atores integrais que restam. Um ou dois talvez voltassem se Jasmer pudesse mostrar o rosto em público.

– Você não é atriz? – perguntou Jean.

– Coordenadora de palco – explicou Jenora. – Figurinos, cenários, adereços. Se não anda com as próprias pernas, é da minha responsabilidade.

– E, presumindo que ocorresse um milagre e que os próprios deuses transportassem Moncraïne para fora da cadeia, nós teríamos trabalho durante o verão? – indagou Locke.

– Nós perdemos algum tempo de ensaios – esclareceu Sylvanus, recostando-se com um suspiro.

– Isso parece uma sugestão de *sim* – observou Locke.

– O verdadeiro problema é o dinheiro – interveio a Sra. Gloriano.
– Eu investi em Moncraïne há dois anos, por causa da minha sobrinha, e ele ainda me deve 12 régios. E eu sou a pessoa *menos* problemática a quem ele...

– Problemas financeiros podem ser resolvidos com artifícios – interrompeu Locke.

– Não há crédito – retrucou Alondo. – Nenhum de nós pode comprar sequer um grão de arroz fiado. Podemos arranjar trabalho braçal para comer, ou mesmo fazer peças de moralidades na rua, mas a companhia não tem verbas... para escribas, figurinos, máscaras, luzes...

– E não temos local de apresentações, nem transporte para lá – completou Jenora. – Temos dois quartos com adereços e figurinos

antigos com os quais podemos trabalhar, tudo guardado aqui, mas viraríamos motivo de risadas se fôssemos vistos carregando tudo a pé.

– Motivo de mais do que risadas – murmurou Alondo.

– Nós temos uma carroça – avisou Locke. – Deem um momento para nós.

Ele puxou Jean e Sabeta para longe dos restos esfrangalhados da Companhia Moncraïne.

– Um monte do nosso dinheiro depende da carroça e dos cavalos – observou Jean.

– Eu sei – disse Locke. – E se nós vendêssemos dois cavalos e mantivéssemos a outra parelha?

– Cuidar deles vai custar mais tempo e dinheiro que não tínhamos planejado gastar – respondeu Sabeta.

– É, mas, se não pudermos colocar essa trupe de volta ao trabalho, é melhor dar meia-volta e ir direto para Camorr. Se esse é o plano, tenho certeza de que vou ficar com incapacidade de fala quando tivermos de dar explicações ao Correntes.

– Não é culpa sua o Moncraïne ter socado um grã-fino – replicou Jean.

– Correntes vai esperar mais da nossa parte do que uma farejada rápida antes de desistirmos – falou Sabeta. – Fomos mandados aqui *expressamente* para restaurar a sorte de Moncraïne. Temos que dar um jeito de arrancá-lo dessa encrenca.

– E se não pudermos? – perguntou Jean baixinho.

– Então pelo menos tentamos – respondeu Locke. – Sabeta está certa. Uma coisa é ir para casa tendo esgotado as opções; outra é se encolher ao primeiro sinal de problema.

– Vamos precisar de mais dinheiro – afirmou Sabeta. – Não acho muito provável que consigamos fazer um esquema inteligente, mas bolsos são bolsos e bolsas são bolsas. Se nós...

– Não – reagiu Locke. – Não podemos ser ladrões, lembra?

Temos mais problemas do que pedimos só por fingir que somos atores.

Sabeta irradiava tanta raiva que Locke pôde senti-la como o calor de uma lâmpada a óleo antes mesmo de se virar para encará-la. Ele levantou as mãos com as palmas para a frente.

– Sabeta, sei o que você está pensando... Andei meditando sobre o que você disse, acredite. Não posso forçá-la a seguir minhas ordens. Mas peço que considere meus argumentos e deixe que eu a convença.

A expressão dela se suavizou.

– Talvez haja esperança para você, afinal de contas. Então faça sua defesa.

– Nós não *conhecemos* este lugar. Não conhecemos os guardas, as quadrilhas nem os esconderijos. O que iríamos pensar de algum escroto de fora que tentasse bancar um batedor de bolsas em Camorr? Iríamos rir do caipira e observá-lo ser enforcado. Bom, em Espara *nós* somos os caipiras. E, se cometermos um erro, não há Paz Secreta para a qual voltar. Isso não significa que não precisaremos afanar e provocar um pouco. Só que *ainda* não. Pelo menos até aprendermos como é a situação por aqui.

– Entendo seu argumento – afirmou Sabeta. – Na verdade, não tenho dúvida de que você está certo. Talvez eu esteja acostumada demais às conveniências de casa.

Ela estendeu a mão e, depois de um momento, Locke sorriu e apertou-a com firmeza.

– Quem, diabos, são vocês – perguntou Jean – e onde conseguiram esses excelentes disfarces de Locke e Sabeta?

– Chega de queixo caído, Jean. Vamos agir depressa – retrucou Sabeta com doçura. – Precisamos vender dois cavalos, pôr os outros no estábulo, libertar Moncraïne, trocar dinheiro e arranjar quartos. E isso é só o que me vem à cabeça agora.

– Sra. Gloriano! – gritou Locke, virando-se para ela. – Não

queremos causar problema, mas precisamos de quartos depressa, para podermos descarregar a carroça.

– Vocês vão ficar mesmo, então?

– Claro. E mantenha uma conta separada do resto da companhia.

Nós vamos pagar com dinheiro.

Pelo menos durante alguns dias, pensou.

– Bom – disse a dona da hospedaria, como se saísse de um transe –, não tenho escassez de quartos.

– Giacomo! – chamou Sabeta. – Castellano!

Calo e Galdo vieram quase correndo e pararam derrapando na frente de Sylvanus.

– Esses são os irmãos Asinos – apresentou Sabeta. – Vocês dois, descubram onde a Sra. Gloriano vai nos colocar e tirem nossas coisas da carroça o mais depressa possível.

– O quê, primeiro somos os malditos guardas da carroça, agora somos umas porras de estivadores? – perguntou Calo. – Quer uma massagem nos pés e um pouco de vinho gelado enquanto nos olha trabalhar?

– Todos temos trabalho – retrucou Sabeta. – E, se você encostar a mão nos meus pés, eu corto suas orelhas. *Mexam-se!*

Os quinze minutos seguintes foram um borrão de atividades para todos, menos Sylvanus, para quem eles foram meramente um borrão. Jean levou um tempo para montar uma pequena tenda sobre o ator prostrado usando a lona da carroça e alguns pedaços de pau. Depois, os Nobres Vigaristas levaram as posses para dois quartos escolhidos pela estalajadeira, que eram ótimos exemplos de como a meia-idade, apesar de charmosa em alguns seres humanos, é menos atraente em construções de madeira e tapeçarias de parede sem manutenção. Os gêmeos ficaram com um quarto, Locke e Jean com outro, e Sabeta aceitou o convite de Jenora para compartilhar seus aposentos, mais adiante no corredor.

Assim que a carroça foi esvaziada, Jean escolheu o par de

cavalos menos saudável e, com a ajuda de Jenora, colocou-os no estábulo. Alondo falou que tinha um primo que trabalhava como cavalariaço perto do Portão do Jalaan, por isso Jean convocou o jovem ator para ajudá-lo a levar os dois animais melhores até a área de descanso de caravanas, para serem revendidos.

– Agora precisamos do Jasmer de volta – disse Locke à Sra. Gloriano. – Para isso, acho que vamos precisar de um advogado.

– Creio que seja impossível. Eu passei demais a mão na cabeça do Jasmer nos últimos anos, com a esperança de que meu investimento encontrasse o caminho de volta para casa.

– Vamos passar mais um pouco. Nós estamos aqui agora, se é que isso vale alguma coisa. E *precisamos* de uma peça do Moncraïne. Não temos trabalho em casa.

– Eu fiquei imaginando qual seria a natureza da sua dedicação. Jasmer é syrestí, sabe. Caprichoso e de humor instável. Pouco confiável! Não é um okanti de temperamento calmo como eu ou Jenora. Vou lhe dizer, garoto, se eu soubesse em que buraco estava jogando meu dinheiro...

– É, sem dúvida a senhora está certa – interrompeu Locke, num tom conciliatório. – Mas um advogado...?

– Existe um sujeito na avenida por onde vocês vieram. Acordado Salvard, é como o chamam, por causa do seu horário peculiar. Ele já fez documentos para mim. Eu não chegaria ao ponto de acusá-lo de ser um cavalheiro. Trabalha para muitas... figuras pitorescas.

– Isso é bom – afirmou Locke. – É fantástico. Nós somos figuras pitorescas.

2

– ETIENNE DELANCARRE DOMINGO SALVARD – disse Sabeta, lendo em voz alta a placa iluminada por uma lanterna ao lado da entrada do prédio. – Mestre advogado, escriba legal juramentado, notário

autorizado, executor de testamentos e escrituras, tradutor e transcritor de vadrã. Fortunas garantidas, justiça entregue, inimigos confundidos. Custos razoáveis.

Só Locke e Sabeta tinham vindo para essa tarefa, depois de lavar o cheiro da estrada nas partes mais acessíveis do corpo e trocar as roupas imundas da caravana por vestes menos ofensivas. O escritório de Salvard ficava empoleirado nos limites da desolação crescente que levava ao Morro do Consolo, um ponto intermediário entre os bairros elegantes e incultos da cidade.

A mobília de madeira desconfortável e as paredes internas vazias pareciam indicar, aos olhos de Locke, certo desejo de não dar à clientela desordeira qualquer objeto para vandalismo. Um homem magro, com cabelo bem penteado para trás, estava sentado atrás de uma pequena bancada e, perto da escada do lado oposto da sala, havia uma mulher incomumente grande. Sua túnica preta acolchoada tinha óbvias placas de blindagem no forro.

– Boa noite – cumprimentou o homem magro. – Têm hora marcada?

– Precisamos mesmo? – questionou Sabeta. – Temos um caso urgente.

– São 2 cobrins pela consulta, mais 1 para a taxa de urgência.

– Acabamos de chegar de Camorr – informou Locke. – Ainda não trocamos o dinheiro.

– Aceitamos barões camorris – falou o secretário. – Um por um, e mais um como taxa de câmbio.

Locke tirou quatro moedas de cobre da bolsa. O homem enfiou uma pena num tinteiro e começou a rabiscar num cartão.

– Nomes?

– Verena Gallante – respondeu Sabeta – e Lucaza de Barra.

– Súditos camorris?

– Sim.

O secretário pousou a pena, abriu um painel na parede atrás

dele, pôs o cartão dentro desse compartimento e girou uma manivela. Um monta-cargas em miniatura subiu e, um minuto depois, o tilintar abafado de um sino foi ouvido pelo poço do equipamento.

– Armas não são permitidas lá em cima – avisou o secretário, batendo os nós dos dedos na superfície de sua bancada. – Serão bem guardadas aqui. Estendam os braços para a revista.

A mulher grande apalpou-os de cima a baixo. Um garrote ou uma faca de descascar frutas poderia ter passado, mas sem dúvida Etienne Delancarre Domingo Salvard tinha sentimentos fortes com relação a permitir qualquer coisa mais convenientemente mortal em sua presença.

– Eles estão limpos – garantiu a mulher com um meio sorriso. – No que diz respeito a armas, pelo menos.

– Sigam em frente. – O secretário apontou para a escada. – Tenham uma consulta agradável.

Acordado Salvard estava sentado atrás de uma mesa que dividia completamente o piso de sua sala, percorrendo toda a extensão do cômodo e garantindo que qualquer um que tentasse pular em cima dele teria um último obstáculo a superar enquanto ele escapava ou se armava. Locke se perguntou se seria a natureza de seus clientes ou a qualidade de seus serviços que o havia tornado um sujeito tão cauteloso.

– Sentem-se. Vocês dois são meio novos para terem sido apanhados nos tentáculos vorazes da lei, não é?

Salvard era um homem magro, com 40 e poucos anos e uma juba leonina grisalha desemaranhada, como se tivesse acabado de passar vinte minutos galopando. O nariz era feito para sustentar o peso de ópticos muito mais pesados do que a peça elegante que estava empoleirada nele. Dois cachimbos repousavam em suportes de madeira em sua mesa atulhada, emoldurando-o em colunas cinzentas de fumaça aromática.

– Ou será alguma questão de casamento?
– Certamente não – respondeu Sabeta. – Temos um amigo com problema.

– Forneçam os detalhes.

– Ele golpeou um cavalheiro acima de seu nível.

– Seu amigo foi preso? Ou fugiu?

– Colocaram-no em algo chamado Torre do Lamento – explicou Locke.

– Complicado. Infelizmente, o peso da lei está contra seu amigo e ele deve ter a expectativa de ser aparado como uma cerca viva. Mas às vezes esses incidentes podem ser retratados sob uma luz simpática. O que mais devo saber?

– Ele é meio beberrão.

– Muitos dos meus clientes já se arrastaram para dentro de uma garrafa em busca de consolo. Não é um desafio incomum.

– E é membro de uma raça de pele noturna. É um syrestis negro.

– Um povo nobre, tão antigo quanto o nosso, com muitos admiradores no tribunal.

– Nosso amigo está... quase sem um tostão.

– Mas sem dúvida tem aliados com quem pode contar para assumir seus interesses – disse Salvard calorosamente, estendendo os braços para Locke e Sabeta. – Minhas tabelas de honorários são bastante flexíveis. Mais alguma coisa?

– Ele é dono e administrador de uma trupe teatral.

Salvard perdeu o sorriso. Deu uma longa tragada no cachimbo da esquerda, pousou-o e depois fumou o outro. Alternou os cachimbos várias vezes, olhando Locke e Sabeta. Por fim, perguntou:

– Então estamos falando de Jasmer Moncraine?

– O senhor o conhece? – indagou Locke.

– Eu deveria ter adivinhado a identidade antes, pelas particularidades, a não ser pelo fato de que vocês parecem querê-lo genuinamente de volta. Isso me afastou da pista verdadeira. Qual é

o interesse de vocês na causa dele?

– Somos atores contratados por ele para o verão – respondeu Sabeta. – Acabamos de chegar à cidade.

– Meus pêssames. Tenho um conselho relevante.

– Qualquer coisa – disse Sabeta.

– Muitos homens em profissões mais baixas se adaptam à perda de uma das mãos e usam ganchos. No caso do Jasmer, a vaidade jamais permitirá isso. Se vocês ainda estiverem em Epara no próximo verão, enquanto o cotoco dele estiver cicatrizando, consigam-lhe uma capa de couro simples para o braço e...

– Nós precisamos dele de volta *agora* – interrompeu Sabeta. – Precisamos soltá-lo.

– Bom, vocês não vão conseguir, não através do serviço de alguém da minha profissão. Ora, ora, minha cara, dói-me ver essa expressão no seu rosto tanto quanto me dói recusar um trabalho, portanto deixe-me explicar. Minha sorte é o azar de vocês. Vocês devem ter ouvido falar de Amilio Basanti.

– Na verdade, não – respondeu Locke.

– Vocês acabaram mesmo de sair da carroça, não é? Basanti é o empresário da outra grande companhia de atores da cidade, a estável e bem-sucedida. Daqui a quinze dias, mademoiselle Amilyn Basanti, a irmã mais nova dele, vai se tornar a Sra. Amilyn *Salvard*.

– Ah – disse Sabeta.

– Se eu me tornasse advogado do arquirrival que meu futuro cunhado tanto despreza, bom, certamente vocês podem ver que o efeito sobre minhas relações conjugais seria... gélido.

– O senhor poderia recomendar alguém que não tenha interesses impeditivos? – perguntou Locke.

– Há outros cinco advogados em Epara e nenhum deles tocará nesse caso. Vocês devem entender: se eu não fosse me casar com Amylin, poderia pegá-lo por prazer. Eu *gosto* de irritar os magistrados e aceito até mesmo os clientes mais baixos e mais

difíceis. Sem ofensa. Porém, meus colegas preferem vencer seus processos, e esse não pode ser vencido.

– Mas essas desculpas que o senhor acabou de dar...

– Poderiam *mitigar* a situação, talvez. Sem dúvida vocês entendem que as pessoas de sangue elevado não mantêm leis nos livros que lhes permitam sofrer abusos por parte dos inferiores. Eu não citaria nenhuma lei; imploraria misericórdia! Teceria lamentos sobre amigos e filhos destituídos. Mas, como não farei essas coisas, o julgamento de Moncraïne vai durar mais ou menos tanto quanto esta conversa.

– Temos mais alguma opção?

– Candidatem-se à trupe do Basanti – respondeu Salvard com gentileza. – No Pétala da Colombina, lá no Declive Cinza. É onde eles bebem. Eu poderia falar de vocês com Amilyn. Eles arranjarão trabalho para vocês, mesmo que fosse apenas carregando lanças. Não se prendam ao Moncraïne.

– É gentileza sua, mas, se quiséssemos fazer parte do cenário teríamos ficado em casa – comentou Sabeta. – Na companhia de Moncraïne, podemos escolher nossos papéis. Numa trupe estabelecida, vamos ficar no fim de uma fila enorme.

Salvard fumou de novo seus cachimbos alternadamente, depois esfregou os olhos.

– Acho que não posso ser contra a ambição, mesmo que vá acabar em lágrimas. Mas não há como Moncraïne escapar do gancho, crianças. A não ser que um de dois milagres ocorra.

– Milagres... – disse Locke. – Estamos à procura disso. Quais são eles?

– Primeiro, a condessa Antônia poderia conceder um perdão. Ela tem liberdade para fazer o que quiser. Mas não irá salvá-lo. Moncraïne está muito longe das graças dela. De qualquer modo, hoje em dia ela tem mais interesse pelas orientações de seu enólogo do que de seu conselho privado.

– O que mais?

– O nobre que Moncraine atacou poderia conceder um perdão pessoal, recusando-se a fazer uma acusação diante de um magistrado. Isso anularia o caso. Mas tenho certeza de que vocês podem imaginar como os de sangue azul adoram demonstrar fraqueza diante de seus pares.

– É. Inferno! Nós podemos ao menos *falar* com Moncraine?

– Nesse aspecto, posso oferecer algum ânimo. Qualquer pessoa com conexão de sangue ou de negócios com um prisioneiro pode ter uma audiência antes do julgamento. Reivindiquem o que quiserem, só não tentem entregar nada a ele. Vocês compartilhariam da sentença se fossem apanhados.

– Uma audiência. Ótimo. Ahn... onde?

– No coração de Epara, no topo da Escadaria da Legião, procure a torre de pedra preta com um fosso e cem guardas terrivelmente sérios. Vocês não vão deixar de ver, nem mesmo na chuva.

3

MIL SOLDADOS MORTOS ASSOMAVAM DA névoa por trás da noite que chegava enquanto Locke e Sabeta subiam a Escadaria da Legião.

Os marchadores de mármore, rachados e desgastados pela vigília de seiscentos anos, usavam armaduras de legionários do Trono Terim. Locke reconheceu a vestimenta das pinturas e manuscritos que vira em Camorr. Até se lembrou de parte da história deles: um tal imperador, insatisfeito com a falta de importantes monumentos de Vidrantigo em Epara, encomendou uma obra de arte humana para enfeitar o centro da cidade.

Cada estátua teria a aparência de um soldado verdadeiro, de uma legião da época, e parte de seu fascínio melancólico era que não estavam posados em triunfo marcial e, sim, de cabeça baixa e com os escudos pendurados, como seriam vistos caminhando pelas

estradas que um dia haviam costurado o império caído. Agora marchavam sem sair do lugar, fileira após fileira, para sempre, em colunas espaçadas regularmente, nos 200 metros da escada em arco.

– Precisamos achar esse tal acusador e conseguir que ele conceda o perdão – disse Locke.

– Parece que é nossa única chance – concordou Sabeta.

– Deuses, eu gostaria que tivéssemos mais dinheiro. Visitar alguém da sociedade vestindo farrapos não vai ser fácil.

– Está tentado a recuar do seu plano de evitar os roubos?

– Estou. Mas não vou fazer isso.

– Mas vai continuar tentado. – Ela sorriu.

– A honestidade não cai bem em nenhum de nós.

– Eu sei. Não é estranho? Eu vivo me perguntando como as pessoas aguentam *viver* assim.

O que Salvard havia chamado de “fosso” era na verdade um enorme poço com laterais irregulares, com pelo menos 10 metros de profundidade, onde os canais de drenagem lançavam jorros de água cinza. Só se podia atravessá-lo por uma ponte coberta e elevada, com uma bem iluminada casa da guarda servindo de boca. Enquanto Locke e Sabeta se aproximavam, um quarteto de guardas se postou bloqueando a entrada.

Locke percebeu imediatamente o significado do que aqueles guardas portavam. Não carregavam cassetetes nem cajados – armas que poderiam ser usadas com gentileza se a pessoa quisesse –, mas espadas, que tinham um emprego mais direto.

– Parados – ordenou uma mulher marcada pelo tempo, chegando à meia-idade, com o pescoço e o rosto cheios de cicatrizes.

Todos os guardas aparentavam ter um serviço intenso. A Torre do Lamento não era piada, percebeu Locke; tentar subornar um daqueles cães velhos seria suicídio.

– Digam o que querem.

– Boa noite – cumprimentou Sabeta, adotando instantaneamente uma postura assertiva, porém não imperiosa. Locke já a vira usá-la antes. – Viemos falar com Jasmer Moncraïne.

– Moncraïne não receberá ninguém por muito tempo. O que uma camorri tem a dizer a ele?

– Somos membros da Companhia Moncraïne e precisamos fazer acordos empresariais agora que ele está incapacitado. Nosso advogado nos avisou que estamos autorizados a ter uma audiência antes do julgamento.

Pelos deuses! Para Locke, observar Sabeta manipulando pessoas era tão bom quanto olhar qualquer outra garota no mundo tirar a roupa. O modo como ela escolhia as palavras – “estamos autorizados” e não algo mais humilde como “temos direito”. E a menção específica a *uma* audiência: era um sinal à guarda de que as regras tinham sido pesquisadas, que seriam obedecidas. Sabeta havia apresentado todas as necessidades deles, ao mesmo tempo que dava o suporte mais firme à ideia de que ela e Locke estavam completamente envolvidos no poder da lei e daqueles guardas que a serviam.

Por acaso, a mulher ficou bastante satisfeita em deixá-los entrar. Não, claro, sem uma embaraçosa revista corporal completa, suas assinaturas em pergaminhos, um inventário do que havia nas bolsas e uma espera de quarenta minutos. Mas era melhor assim, pensou Locke. Só os prisioneiros tinham entrada fácil numa prisão.

4

PELA SEGUNDA VEZ NAQUELE DIA, Locke e Sabeta se viram numa câmara dividida ao meio por uma barreira física, mas agora eram barras de ferro negro. A sala de audiências da Torre do Lamento tinha paredes de pedra lisa e piso de pedra áspera, sem janelas, sem enfeites, sem móveis. Os guardas trancaram a porta depois de

eles entrarem e permaneceram em posição de sentido diante dela.

Precisaram esperar mais alguns minutos antes que a porta no lado oposto da sala se abrisse. Mais dois guardas trouxeram um homem com mãos e pés algemados. Prenderam uma corrente a uma argola no chão e aos ferros das pernas do prisioneiro, permitindo-lhe se mover só até a uns 60 centímetros das barras. Esses guardas se postaram de forma simétrica aos da câmara ocupada por Locke e Sabeta.

O homem acorrentado era alto, sua pele parecia couro de bota engraxada e o cabelo fora raspado até restar apenas uma sombra cinza. Era robusto, mas não gordo. A carga dos anos e dos apetites parecia ter se espalhado igualmente, acomodando-se em todas as juntas e fissuras, e ainda havia uma sugestão de perigosa vitalidade nele. Seus olhos eram grandes e brilhantes, contrastando com a escuridão do rosto, e ele os fixou intensamente em Locke e Sabeta, como se o ato de piscar fosse indigno de seu interesse.

– Uma oportunidade de descer dois lances de escada e ser acorrentado de novo. Urra. Quem diabos são vocês?

– Seus novos atores – respondeu Locke. – Seus novos atores muito *surpresos*.

– Aaaahhh. – As papadas de Moncraime moveram-se como se ele fosse comido algo desagradável. – Não deveriam ser cinco?

– Você não deveria estar em liberdade? – retrucou Sabeta. – Os outros três estão tentando manter sua trupe unida na Gloriano.

– Uma pena vocês não terem chegado mais cedo. Infelizmente, não há nada a fazer, a não ser as malas, para a volta. Diga ao seu mestre que aprecio o gesto.

– Isso não basta – replicou Locke. – Viemos aqui para subir no palco. Fomos mandados para aprender com você.

– Quer uma lição, garoto? Se você se pegar nascendo, suba de volta o mais rápido que puder, porque a vida é *um festim de bosta sem fim*.

– Podemos tirá-lo daqui – afirmou Sabeta.

– Se você cooperar – completou Locke.

– Ah, vocês podem me soltar, é? – Moncraime se ajoelhou e passou a mão algemada pelo piso. – Vocês têm um exército de cerca de mil homens escondidos fora da cidade? Diga quando eles estiverem invadindo a torre para que eu esteja com as calças vestidas.

– Você conhece o nosso mestre – disse Locke, baixando a voz. – Certamente pode adivinhar qual é a natureza dos alunos dele.

– Eu *conheci* o seu mestre. Há anos. E achei que ele ia me mandar atores. É isso que vocês são? É aí que os deuses se inclinaram e tocaram suas pequenas almas camorris? Deram-lhe o dom da fala macia?

– Nós sabemos representar – garantiu Sabeta.

– Sabem? Mas vocês são *leões*? Só há espaço para *leões* na minha companhia! – Ele virou a cabeça para os guardas junto à porta. – Leões, não é o que somos, rapazes?

– Só se você não baixar a porra da voz – disse um deles.

– Estão vendo? Leões! Vocês sabem rugir, crianças?

– No palco e fora dele – respondeu Sabeta friamente.

– Hummm. Isso é fascinante, porque, vistos daqui, vocês parecem ter... o quê? Dezesseis anos? Dezessete? Com certeza não ficaram úmidos com nada a não ser sonhos na noite, não é? Bom, você poderia ser passável no palco, querida... se deixar o cabelo solto e balançar os peitos como bandeiras, você poderia manter a ralé desperta. Mas *ocê*... – Ele se voltou para Locke. – Quem você quer enganar? Um garoto de ossos pequenos feito um pardal. Tem sementes de figo no saco onde homens deveriam ter a fruta inteira, hein? Você ao menos se barbeia? Que diabo pretende vindo aqui e tentando enfiar alegria no meu rabo?

– Somos sua única chance de se libertar – assegurou Locke, fumegando, pensando em dizer várias coisas menos construtivas.

– Me libertar? Por quê? Eu gosto daqui. Estou alimentado e meus credores não podem me alcançar pelo menos durante um ano. O Estado de Espara vai parar a um palmo de distância. Diabos, isto é uma pechincha comparado com o que eu poderia ganhar quando minhas dívidas forem cobradas na rua.

– Qual é o nome do nobre em quem você bateu? – perguntou Sabeta.

– Por que você se importa? Como isso pode ajudar enquanto vocês CORREM DE VOLTA PARA A PORRA DO LUGAR DE ONDE VIERAM?

– Mantenha a voz baixa – ordenou um dos guardas. – Ou terá que ser carregado para o tribunal amanhã.

– Sabe, isso pode ser agradável – retrucou Moncraine. – Podemos tentar?

– Jasmer – chamou Sabeta rispidamente. – Olhe para mim, seu asno idiota.

Ele obedeceu.

– Não me importa o que você pensa de nós – sussurrou ela. – Você sabe que tipo de pessoa o nosso mestre é. De que tipo de organização nós viemos. E, se não parar de zurrar feito um jumento, é isto que vai acontecer: nós *vamos embora*.

– Adoro esse plano. Leve esse plano *até o fim!*

– Você vai passar um ano e um dia dentro desta torre. Depois vão cortar a porcaria da sua mão e jogar você pela porta. E sabe quem vai estar ali parado? *Mais camorris do que você já viu na porra da vida*. Não só nós, ou os outros três que no momento *estão trabalhando a seu favor* do outro lado desta pústula de cidade. Estou falando de escrotos grandes, grossos, vesgos, saídos direto do útero do inferno, e eles vão levá-lo para um passeio. Trancado numa caixa, dez dias, até Camorr, chafurdando no próprio mijo.

– Ei, espere um minuto aí.

– Você não tem mais nenhum outro credor, entendeu? Agora nós

estamos na frente da fila. Você só precisa se preocupar conosco. Você fez um acordo com o nosso *garrista*. Sabe o que significa essa palavra?

– Claro...

– Obviamente não sabe! Nosso mestre mandou cinco de nós, de graça, prontos para colocar sua trupe de pé. Você só precisava nos ensinar sua profissão. Mas prefere violar o trato e insultar um *garrista*. Então, tenha um ano confortável, seu palhaço estúpido. Assim que tudo acabar, você vai nos ver outra vez. Venha, Lucaza.

Sabeta se virou depressa e Locke, apoiando sua representação integralmente, lançou um sorrisinho azedo para Moncraïne antes de lhe dar as costas.

– Esperem – sibilou Jasmer.

– Qual é o nome do nobre em que você bateu?

Sabeta não lhe deu tempo de pensar, implorar ou embromar; partiu para cima dele tão depressa quanto fingira ir embora.

– Bouldazi. O barão Bouldazi do Palazzo Corsala.

– Por que você fez isso?

– Eu estava bebendo. Ele queria... Ele foi até a estalagem da Gloriano. Queria comprar minhas dívidas, instalar-se como patrono da companhia.

– E por causa disso você lhe deu um soco nos dentes? – perguntou Locke. – O que você vai fazer se o tirarmos daqui, tentar arrancar nosso coração?

– Bouldazi é um imbecil! Um imbecil metido a besta! Ele só é pouco mais velho que você e acha que pode me comprar e me vender como se eu fosse a droga de um móvel. Uma companhia teatral com o nome dele em tudo, não seria uma doçura? Eu demorei vinte anos para construir minha trupe. Nunca mais serei empregado de ninguém. Prefiro a Torre do Lamento em qualquer dia, em qualquer ano.

– Por que *agredi-lo* era preferível a deixar que ele salvasse sua

trupe? – perguntou Sabeta. Ela parecia tão incrédula quanto Locke.

– Bouldazi não *se importa* com a trupe. Ele quer que ela seja colocada na sua parede como a porra de um troféu de caça! Quer um projeto de caridade que possa balançar diante de qualquer boceta de ouro que estiver perseguindo, para mostrar como é um sujeito sensível e artístico. Eu me recuso a vender meu bom nome para ajudar cachorrinhos ricos a afogar o ganso!

– Que bom nome? – questionou Locke. – Até os membros da sua própria companhia querem ver você comido por um urso.

– E eu ficaria feliz em fornecer um – acrescentou Sabeta. – Infelizmente para todo mundo, ainda vamos salvá-lo. Por isso quero que você fique quietinho na sua cela e cale a boca.

– Amanhã – continuou Locke – esse tal barão Bouldazi vai perdoar seu insulto e se recusar a fazer a acusação.

– *O quê?* – reagiu Moncraine. – Garoto, escute. Mesmo se Bouldazi tivesse mil cacetes dentro do calção e você chupasse cada um como se fosse uma fruta desde o nascer até o pôr do sol...

– Ele vai perdoar o seu insulto – interrompeu Sabeta com os dentes trincados – porque essa é a *única salvação* que podemos arranjar para você. Entendeu? Não temos outras cartas na manga. Então vai ser assim. Quando você tiver saído, vamos discutir de que você precisa para colocar sua *República de ladrões* em produção outra vez.

– O problema dessa fantasia, garota, é que exige que nós dois não estejamos loucos – rebateu Moncraine baixinho.

– Ela só exige que você cale a boca e se comporte. E meu nome não é *garota*. Na maior parte do tempo você pode me chamar de Verena Gallante. Mas, quando eu estiver no palco, você vai me chamar de *Amadine*.

– Vou? – Moncraine riu. – Essa é uma presunção um pouco fora do meu alcance. Mostre sua gentileza ao Bouldazi. Depois conversamos sobre peças.

– Volte à sua cela. Garanto que vamos nos falar de novo amanhã.

5

– MESMO SE CONSEGUIRMOS TIRÁ-LO, vamos precisar colocar esse cara numa coleira – disse Locke.

– Ele é uma ameaça a si mesmo e ao resto de nós – concordou Sabeta. – Quando nós o tirarmos, vamos pressioná-lo. Deixar claro que ele está sendo vigiado e avaliado o tempo todo.

– Por sinal, quem é Amadine?

– O melhor papel de *República de ladrões* – respondeu Sabeta, dando um sorriso enviesado.

– Ainda não li nada da peça.

– Deveria, antes que peguem todos os bons papéis.

– Alguém segurou o texto até chegar aqui!

– Moncraïne deve ter mais cópias em algum lugar na confusão da trupe dele. Jenora talvez saiba de algo. Mas primeiro precisamos fazer nosso milagre.

– Milagre mesmo.

Estavam descendo de novo a Escadaria da Legião, por entre as fileiras imóveis de soldados de mármore. O chuveiro tinha parado, mas havia ribombos fracos de trovão lá em cima.

– Precisamos achar esse tal de Boulidazi – continuou Locke, – mais ou menos como estamos, e convencê-lo a perdoar uma agressão completamente injustificada e bêbada feita por um dos escrotos mais malucos que já conheci.

– Alguma ideia?

– Ahn... talvez.

– Desembuche. Eu consegui calar o Jasmer por tempo suficiente para apresentar nosso argumento. Ganhei o dia.

– E foi um prazer observar. Mas, afinal de contas, você é

sempre...

– *Você* não tem tempo de ser charmoso. – Sabeta lhe deu um soco de leve no ombro. – E eu certamente não tenho tempo de cair no charme de ninguém.

– Certo. Claro. Precisamos de uma abordagem. Por que ele deveria abrir a porta para nós? Ei, e se nós fôssemos nobres camorris transitando incógnitos?

– Escondidos em Epara – completou ela, obviamente gostando da ideia. – Problemas em casa?

– Hummm. Não. Não, se não estivermos em boa posição em casa, não poderemos lhe oferecer nada. Na verdade, seríamos um risco para ele.

– Está certo. Tudo bem. Você e eu... somos primos. Primos em primeiro grau.

– Primos – concordou Locke. – O que não falta são primos imaginários. Você e eu somos primos... Se tivermos que mostrar Jean e os Sanzas, eles são empregados da família. Nós somos, ahn, netos de... um velho conde que não sai muito.

– Espadanegra. Enrico Botallio, Conde de Espadanegra. Eu trabalhei como copeira na casa dele há alguns anos, naquele verão que você passou na fazenda.

– Uma família das Cinco Torres. Nós morávamos na torre?

– É, a maior parte da família dele mora. E ele não sai da cidade há vinte anos; é velho como o Duque Nicovante. Vou ser a filha do filho mais velho dele... e você é o filho do mais novo. Ele não tem outros filhos. Ah, o seu pai morreu, por sinal. Caiu de um cavalo há dois anos.

– É bom saber. Se precisarmos de algum detalhe real da casa, eu passo o jogo para você sempre que puder. – Locke estalou os dedos.

– Estamos em Epara porque você quer ceder ao desejo de ser atriz...

– ... o que jamais seria permitido usando meu nome verdadeiro

em Camorr!

Antes, Sabeta nunca havia terminado um dos pensamentos dele, como Jean fazia o tempo todo. Locke sentiu uma onda de calor.

– Fantástico – prosseguiu ela, sem perceber. – Então estamos incógnitos, mas com permissão da nossa família.

– Assim, quem nos ajudar faz um amigo poderoso e rico em Camorr. – Locke não pôde deixar de sorrir com o pensamento improvável de que eles podiam ter encontrado uma saída, afinal de contas. – Sabeta, isso é fantástico. Também é a corda de papo furado mais fina em que já nos penduramos.

– E ainda nem estamos há um dia inteiro aqui.

– Precisamos de nomes falsos.

– Nisso podemos ser preguiçosos. Sou Verena Botallio, você é Lucaza Botallio.

– Diabos, sim. – Locke olhou em volta, certificando-se de que ainda estavam no limitado corredor de Epara com o qual ele conseguira meio que se familiarizar. – Deveríamos voltar à Gloriano e ver como eles se saíram com os cavalos. Depois podemos visitar o tal de Boulidazi e implorar que ele não pense demais sobre o lugar de onde viemos.

6

– O PRIMO DE ALONDO cumpriu com a promessa – avisou Jean.

Ele gesticulou em direção a um rapaz, uma versão mais barbuda e pesada de Alondo, sentado junto à parede dos fundos do salão da Gloriano, acompanhado pelo primo, por Sylvanus, os Sanzas e várias garrafas meio vazias. Não havia ninguém novo ou desconhecido no salão.

– Ele conseguiu pouco mais de 1 régio em cada um dos cavalos. Tudo o que isso nos custou foram duas garrafas de vinho. E, ah, eu prometi que iríamos dar um papel a ele na peça.

- O quê?
- Sem falas. Ele disse que só quer se fantasiar e levar uma facada.
- Desde que ele não espere ser pago – retrucou Sabeta.
- Com nada além de ressacas – garantiu Jean. – Vejo que vocês não arrastaram de volta um enorme empresário syrestí.
- Esse jogo está sendo disputado – assegurou Locke. – Venha despejar sua bolsa. Irmãos Asinos! De pé por um momento, precisamos trocar uma palavrinha sobre finanças.
- Ah, deixe que eles fiquem – pediu Sylvanus. – Este aqui é o lado divertido do salão e nosso jovem cavaliço ia pegar mais vinho.
- Vocês não terminaram com as três garrafas que estão aí – replicou Locke.
- Elas estão escrevendo bilhetes de despedida para as famílias. As covas delas já estão cavadas. Ah, acho que eu deveria mesmo me levantar antes de mijar, não é? – Sylvanus rolou de lado vagamente na direção da porta que dava no encharcado pátio da estalagem. – Dê uma mãozinha, cavaliço, dê uma mãozinha. Terei que ficar de quatro para usar seu conhecimento.
- Maravilhoso – comentou Locke, puxando Calo e Galdo de pé. – Lindo. Vocês dois estão seguindo Sylvanus pelo caminho tomado por vômito?
- Talvez estejamos socialmente turvos – respondeu Calo.
- Meio borrados nas bordas – completou Galdo.
- Provavelmente é melhor assim. Preciso que vocês venham aqui e abram as bolsas.
- Precisa de quê?
- Precisamos de uma bolsa de exibição – respondeu Sabeta.
- Que diabos é uma bolsa de exibição? – questionou Jenora, aparecendo num momento calculado com precisão para ouvir o que os Nobres Vigaristas amontoados iam fazer.
- Já que pergunta – disse Jean –, é uma bolsa de moedas que se

junta para parecer que a pessoa está acostumada a carregar grandes quantias.

– Ah. Deve ser uma coisa boa de se ter.

Usando uma mesa livre, os cinco camorris jogaram suas verbas pessoais, às quais Jean acrescentou o resultado da venda dos cavalos e Locke misturou os restos da bolsa que Correntes dera a eles. Barões, tirinos e sólons camorris tilintaram contra quintos e cobrins esparanos.

– Tirem todos os cobres da pilha – pediu Locke. – Eles são tão inúteis quanto um irmão Asino.

– Vá chupar vinagre do meu rego – vociferou Calo.

Cinco pares de mãos remexeram nas moedas, separando os cobres, deixando um montante reduzido, porém reluzente.

– Os cobres vão ser divididos por cinco, de modo que todo mundo ganhe alguma coisa – informou Locke. – O ouro e a prata vão para a bolsa.

– Você quer que titia troque algum desse dinheiro camorri? – perguntou Jenora, espiando por cima do ombro direito de Jean.

– Não. Por enquanto, isso é um ponto a nosso favor. Qual é a contagem para exibição?

– São 5 coroas e 2 tirinos – disse Sabeta. – E 2 régios e 1 quinto.

– É mais dinheiro do que qualquer cliente da titia viu em *muito* tempo – observou Jenora.

– É pouco menos do que eu quero – comentou Locke. – Mas pode ser convincente. Nenhum ator ambulante carrega um ano e meio de pagamento.

– A não ser que não esteja recebendo porcaria nenhuma – retrucou Jenora.

– Vamos cuidar disso amanhã – garantiu Locke enquanto fechava com força a sacola de exibição. – Esperemos que com o Moncraine ouvindo atentamente.

– Aonde vocês vão agora? – perguntou Jean.

– Encontrar o saco de pancadas do Moncraine – respondeu Sabeta. – E, se aquele filho da puta syresti puder nos ensinar a representar melhor do que o necessário para sermos bem-sucedidos, ele merece mesmo o resgate.

– Quer uma escolta? – perguntou Jean.

– Baseado no que você viu esta noite – murmurou Locke –, quem precisa mais, Sabeta e eu ou os gêmeos?

– Bem observado. – Jean limpou os ópticos no colarinho da túnica e os ajeitou de novo no nariz. – Vou mantê-los fora de encrenca e ver se posso convencer o Sylvanus a dormir dentro de casa.

– Onde fica o Palazzo Corsala? – perguntou Sabeta a Jenora.

– No lado norte, no bairro dos grã-finos. Não há como errar. Ruas limpas, casas lindas, pessoas como Sylvanus e Jasmer espancadas à primeira vista.

– Vamos em uma carruagem de aluguel – disse Locke. – Sem uma, não pareceremos respeitáveis.

– Então vamos visitar o barão Boulidazi? – indagou Sabeta.

– Sim – respondeu Locke. – *Não*. Espere. Esquecemos uma coisa terrivelmente importante. Vamos correr de volta ao Acordado Salvard e torcer para que ele ainda simpatize conosco.

7

– **A** ENTRADA DE SERVIÇO FICA NOS FUNDOS – resmungou um sujeito parecido com um tronco de árvore que abriu a porta da frente de Boulidazi. – O horário para os vendedores é...

– Que tipo de vendedor contrata um cocheiro e quatro cavalos para fazer as entregas? – perguntou Locke, apontando com um polegar por cima do ombro.

A carruagem alugada estava esperando do outro lado das fileiras de oliveiras alquimicamente miniaturizadas que escondiam a mansão

de Boulidazi da rua. O cocheiro não tinha gostado das roupas dos dois, mas a prata respondera por eles adequadamente.

– Por favor, entregue isto ao seu patrão – pediu Sabeta, estendendo um cartãozinho branco obtido no escritório de Acordado Salvard, que, com ar divertido, concordou em lhes cobrar algumas moedas por ele e por um pouco de tinta.

O empregado olhou de relance para o cartão, lançou-lhes um olhar duro e depois voltou a fitar o cartão.

– Esperem aqui – disse, e fechou a porta.

Vários minutos se passaram. O som lento de água pingando do toldo de lona acima da cabeça deles virou um tamborilar suave, constante, à medida que a chuva aumentava outra vez. Por fim, a porta se entreabriu e um retângulo de luz dourada do interior da casa se derramou sobre eles.

– Venham – solicitou o empregado corpulento.

Mais dois homens esperavam atrás dele e, por um instante, Locke temeu uma emboscada. Porém, esses serviçais não seguravam nada mais ameaçador do que toalhas, que usaram para secar os sapatos de Locke e Sabeta.

A casa do barão Boulidazi não era excepcional, levando-se em conta as do mesmo nível que Locke já vira. Era bastante confortável, mobiliada para mostrar riqueza de sobra, mas não havia nada grandioso ou especial, nenhuma “peça de salão”, como costumavam ser chamadas, para evocar admiração nos recém-chegados.

O serviçal levou-os para fora do saguão, passou por uma sala de espera e entrou num cômodo iluminado de modo caloroso, com paredes forradas de feltro. Um homem moderadamente bonito, de cerca de 20 anos, com cabelo preto indo até o pescoço e olhos escuros e próximos, estava encostado numa mesa de bilhar com um taco na mão. O cartão branco se achava sobre a mesa.

– A honorável Verena Botallio e seu acompanhante – anunciou o serviçal sem entusiasmo, e logo saiu da sala.

– Da Isla Zantara? – perguntou Bouldazi, mais afável. – Acabo de ler seu cartão. Isso não faz parte de Alcegrante?

– Faz, lorde Bouldazi – confirmou Sabeta, inclinando ligeiramente a cabeça e fazendo a meia reverência, como era usual em uma recepção nobre informal de Camorr. – O senhor já esteve lá?

– Em Camorr? Não, não. Sempre quis visitar a cidade, mas nunca tive esse privilégio.

– Lorde Bouldazi, posso apresentar meu primo, o honorável Lucaza Botallio?

– Seu primo, é? – perguntou ele, assentindo enquanto Locke baixava a cabeça.

O nobre esparano estendeu a mão. Durante o cumprimento, Locke notou que Bouldazi tinha o físico sólido, mais ou menos do tamanho do primo cavaliço de Alondo, e não continha a força no aperto de mão.

– Obrigado por nos receber – agradeceu Locke. – Nós dois teríamos mandado nossos cartões, mas infelizmente apenas Verena está portando um.

– É? Vocês não foram roubados ou algo assim? É por isso que estão vestidos desse jeito? Perdoem por eu mencionar isso.

– Não, nós não fomos maltratados – respondeu Sabeta. – E não há o que perdoar; não estamos viajando em nossa condição real. Estamos incógnitos, com apenas um guarda-costas e um par de serviçais, mas no momento nós os deixamos em outro lugar.

– Incógnitos. Vocês estão correndo algum perigo?

– Nem um pouco – garantiu Sabeta, rindo. Em seguida, virou-se e fingiu surpresa ao ver um sabre na bainha, sobre uma prateleira de madeira-bruxa. Locke estava certo de que só a longa familiaridade lhe permitia notar que era uma mudança voluntária. – Aquilo é o que eu acho que é?

– O que você acha que é? – perguntou Bouldazi, e pareceu a Locke que ele foi um pouquinho mais ríspido do que antes.

– Sem dúvida é um DiVorus? O sinete no punho...

– É – respondeu Boulidazi, perdendo instantaneamente o tom de impaciência. – Uma das últimas armas dele, mas, ainda assim...

– Eu treinei com um DiVorus – interrompeu Sabeta, pondo a mão sobre o punho do sabre. – O *Voillantebona*. Não me entenda mal: não era meu. Era do meu instrutor. Ainda me lembro do equilíbrio, e os padrões no aço... Este punho parece honradamente gasto. Presumo que o senhor treine com ele, não?

– Com frequência. Este se chama *Drakovelus*. Está na minha família há três gerações. Combina com o meu estilo. Não é o mais rápido que existe, mas, quando eu me movo, sou capaz de colocar um pouco de força no golpe.

– O sabre recompensa um usuário forte – concordou Sabeta.

– Estamos negligenciando o seu primo – observou Boulidazi. – Desculpe, Lucaza, por favor, não permita que meus entusiasmos o empurrem para fora da conversa.

– De jeito nenhum, lorde Boulidazi. Já tive meus anos com os mestres de esgrima, claro, mas Verena é a especialista da família.

O corpulento serviçal de Boulidazi voltou e sussurrou no ouvido do patrão. Locke contou silenciosamente até dez antes que o homem terminasse. O grandalhão se retirou de novo e o barão encarou Locke.

– Sabe, acabo de me lembrar: Botallio... não é um dos clãs das Cinco Torres?

– É claro – respondeu Sabeta.

– E, no entanto, você deu seu endereço como a Isla Zantara.

– Eu gosto do vovô – continuou Sabeta. – Mas sem dúvida o senhor entende que alguém da minha idade prefere uma mansãozinha própria.

– E o seu avô é...? – perguntou Boulidazi, na expectativa.

– Dom Enrico Botallio.

– Mais conhecido como Conde de Espadanegra? – indagou o

barão, ainda cauteloso.

– O pai de Verena é o primogênito de Espadanegra – informou Locke. – Eu sou filho do mais novo.

– É? Creio que eu possa ter ouvido algo sobre o seu pai, Lucaza. Espero que ele esteja bem.

Locke sentiu uma onda de alívio porque eles fingiam ser de uma família que Sabeta conhecia. Bouldazi devia ter acesso a algum registro de pares de Camorr. Locke se permitiu ficar cabisbaixo por um instante, depois deu um sorriso obviamente forçado.

– Sinto muito, mas devo informar que meu pai morreu há alguns anos.

– Ah – reagiu Bouldazi, relaxando visivelmente. – Desculpe. Eu devia estar pensando em outra pessoa. Mas por que vocês dois não deram o nome do conde quando...

– Nobre primo – disse Sabeta, mudando instantaneamente para seu excelente trono terim –, o nome Espadanegra atrai atenção instantânea em Camorr, mas o senhor não nos consideraria muito vulgares se tentássemos lhe causar admiração em Espara, logo após nos conhecermos e sermos recebidos em sua casa?

– Ah... vulgar, ah, *não*, nunca! – exclamou Bouldazi na mesma língua. Qualquer pessoa bem-nascida devia suportar anos de tutela em trono terim e ele claramente passara seu tempo no purgatório de tempos e conjugações verbais. – Eu não quis sugerir que esperava qualquer coisa inculta por parte de vocês!

– Lorde Bouldazi – interveio Locke, trazendo a conversa de novo para o terim comum –, nós é que deveríamos nos desculpar por nos impormos ao senhor em nossa situação atual. Temos motivos, mas o senhor não precisa se arrepender de ser cauteloso.

– Fico feliz por vocês entenderem – falou o barão. – Tymon!

O serviçal grande, que devia estar espreitando do lado de fora da porta, entrou.

– Tudo bem, Tymon. Acho que nossos convidados ficarão durante

um tempo. Vamos querer algumas cadeiras.

– Claro, milorde – respondeu o serviçal, relaxando a postura fria e intimidante com a mesma facilidade com que tiraria um chapéu.

– Espero que vocês não se incomodem por conversarmos aqui – disse Boulidazi. – Meus pais... Bom, foi só no ano passado. Ainda não consigo pensar na sala de estar como *minha* por enquanto.

– Sei como é – afirmou Locke. – A gente herda as memórias de uma casa, além das pedras. Eu não toquei nada na biblioteca do meu pai durante meses.

– Acho que eu deveria chamá-los de Dom e Dona Botallio, não é?

– Só se quiser nos adular – respondeu Locke com um sorriso.

– Enquanto meu avô ainda tem o título – disse Sabeta –, meu pai, como herdeiro direto, é chamado de Dom. Mas como nós estamos dois degraus atrás, no momento somos apenas um par de *honoráveis*.

Tymon retornou, junto com os serviçais que tinham limpado os sapatos, e três cadeiras foram postas perto da mesa de bilhar.

Agora Boulidazi parecia razoavelmente convencido da autenticidade deles e Locke sentiu uma pontada de espanto misturado com ansiedade. Ali estava um nobre de Epara, capaz de colocá-los na prisão (ou coisa pior) com apenas uma palavra, abrindo-se às suas identidades falsas como qualquer vendedor, guarda ou funcionário público. Correntes estava certo: o treinamento deles havia mesmo lhes dado uma notável liberdade de ação.

Mesmo assim, parecia sensato lacrar o caso do modo mais apertado possível.

– Deuses do céu! – exclamou Locke. – Que grosseiro eu fui! Lorde Boulidazi, desculpe. É costume em Epara dar uma consideração aos serviçais da casa... *Maldição!*

Locke retirou sua bolsa e fez o que achava ser uma demonstração excelente de tropeçar na direção de Tymon, que ia se retirando. Caiu contra a mesa de bilhar e um jorro de ouro e prata

se espalhou tilintando na superfície de feltro.

– Você está bem?

O barão logo alcançou Locke, ajudando-o a se levantar, e Locke ficou satisfeito porque Bouldazi teve uma visão integral das moedas.

– Estou ótimo, obrigado. Sou um asno desajeitado. Dá para ver que toda a graça da família foi para Verena. – Locke varreu as moedas de volta para a bolsa. – Desculpe pelo seu jogo.

– Era só uma diversão solitária. – Bouldazi levou Sabeta a uma cadeira. – E, sim, nos feriados damos gratificações aos empregados, mas há um pouco de cerimônias e algumas bobagens no templo. Não precisa se preocupar com isso.

– Bom, ficamos gratos ao senhor – comentou Locke, aliviado porque poderia escapar sem abrir mão de qualquer verba da sacola de exibição. Só era preciso que Bouldazi *acreditasse* que dinheiro não era problema para eles.

– Agora – disse Sabeta –, imagino que o senhor gostaria de saber por que viemos procurá-lo.

– Claro. Mas, primeiro, por que não me dizer como prefere ser chamada, se não como Dona Botallio?

– Isso é fácil. – Sabeta abriu um sorriso que acertou Locke como uma bota no peito, mesmo que ele não estivesse posicionado para receber todo o impacto. – O senhor deveria me chamar de Verena.

– Verena. Então imploro que me chamem de Gennaro e não deixemos que coisas como “lorde Bouldazi” entulhem o ar entre nós.

– Com prazer.

– Gennaro, estamos aqui para discutir a situação de um homem chamado Jasmer Moncraine – revelou Locke.

– O quê?

– Para colocar de modo mais simples – continuou Sabeta –, viemos pedir que você não apresente as acusações contra ele.

– Vocês querem que eu o *perdoe*?

– Ou que aparente perdoar – respondeu Sabeta com uma voz doce.

– Aquele sujeito desprezível bateu em mim diante de testemunhas. Com as *costas* da mão! Vocês não podem esperar que eu acredite que um *camorri* suportaria isso, caso algum de vocês estivesse no meu lugar!

– Se eu não tivesse nada a ganhar com uma demonstração de misericórdia – disse Locke –, chicotearia o rosto do canalha imbecil até virar uma carne moída sanguinolenta. E, se nenhum de nós tivesse o que ganhar agora, eu iria ao tribunal com você apenas pelo prazer de ouvir a sentença.

– Não somos desconhecidos do Moncraine – prosseguiu Sabeta.
– Fomos vê-lo na Torre do Lamento...

– Por quê?

– Por favor, apenas ouça. Sabemos que idiota ele é. Não viemos aqui para discutir as facetas mais brilhantes do caráter do sujeito, porque sabemos que ele não tem nenhuma, e não estamos pedindo misericórdia pelo bem dele. Gostaríamos de propor um arranjo mutuamente lucrativo.

– Como eu poderia lucrar aceitando essa vergonha na frente de toda a cidade?

– Primeiro diga: você falou sério quando disse que desejava financiar a trupe de Moncraine e comprar as dívidas dele? – perguntou Locke.

– Falei. Certamente, até ele decidir me agradecer me atacando como um macaco.

– Por que você fez a oferta?

– Eu cresci assistindo às peças dele. Mamãe adorava teatro. Moncraine era bom mesmo, antes... há anos.

– E você queria ser um patrono.

– Todo o dinheiro da minha família está em segurança em cofres, pegando pó e cagando juro. Pensei em fazer alguma coisa

significativa, para variar. Pegar Moncraïne, administrar as coisas direito, associar meu nome a alguma coisa. – Boulidazi tamborilou no braço da sua cadeira. – Que diabo Moncraïne poderia significar para vocês?

– Eu vim aqui para fazer parte da trupe dele durante o verão – explicou Sabeta. – Eu... ah... tenho certa inclinação. Mas é incômodo falar de mim. Por favor, Lucaza.

– Claro – concordou Locke. – A prima Verena sempre adorou o teatro, pelo menos o que pôde ver em Camorr. Vovô contratou atores uma dúzia de vezes para ela. Mas Verena sempre quis estar *no* palco. Representar. E isso não era possível.

– Se eu escolhesse alquimia – completou Sabeta –, ou jardinagem, ou pintura, ou investimento financeiro, tudo bem. Até poderia cavalgar para a guerra, se tivéssemos tido alguma. Mas os herdeiros nobres não sobem no palco, pelo menos em Camorr.

– Não se quiserem ter uma herança – prosseguiu Locke. – E vovô não estará conosco para sempre. Depois dele vem meu tio e, então, Verena.

– Condessa Espadanegra, hein? – disse Boulidazi.

– O Duque é que sabe se manterá a Espadanegra; as Cinco Torres estão ao dispor dele. Mas nossas terras não irão a lugar nenhum. Se a Espadanegra for rescindida, eu serei condessa das antigas propriedades da família.

– Então você veio aqui posar de atriz para evitar um escândalo em Camorr.

– Você entende perfeitamente. Verena Gallante pode ter um ou dois verões no palco em Espara e, depois, Verena Botallio pode voltar a ser respeitável em casa. Esse foi o acordo que eu fiz com papai, desde que Lucaza e alguns homens de confiança viessem para ficar de olho em mim.

– E esse foi o trato que fizemos com Moncraïne – explicou Locke.
– Nós fornecíamos vários atores e ele nos usaria numa peça.

Imagine nossa surpresa quando chegamos esta tarde e descobrimos a situação.

– Imagine minha surpresa quando Moncraine me atacou! – reagiu Bouldazi. – Vocês estão me colocando entre dois fogos, amigos. Eu posso proteger minha dignidade segundo as leis e costumes de Espara ou posso ceder a esse pedido, para o qual normalmente eu estaria muito disposto. Não posso fazer as duas coisas.

– Se você deixasse de castigar Moncraine por covardia ou indiferença – replicou Sabeta –, concordo que seu comportamento seria impróprio. Mas e se seus pares vissem que você o perdoou em nome de um desígnio mais elevado?

– Misericórdia, ambição, arte e o bom e velho bom senso financeiro – enumerou Locke, juntando as mãos lentamente como se espremesse as palavras numa massa enquanto falava. – Tudo ao mesmo tempo.

– Moncraine não quer ter nada a ver comigo – retrucou Bouldazi – e fico feliz em retribuir o sentimento. Que o desgraçado apodreça durante um ano e um dia. Talvez ele ganhe algum tino quando perder a mão.

– Não tenho um ano e um dia, Gennaro – rebateu Sabeta.

– Então por que não procura o Basanti? Ele é o sucesso. Até construiu o próprio teatro. Tenho certeza de que ele colocaria vocês no palco num instante. Você certamente... ah...

– O quê?

– Você certamente teria muitos olhos acompanhando-a com atenção, se pode perdoar minha ousadia.

– O perdão é dado com prazer. Mas, se o Basanti é de fato o sucesso, por que, em vez dele, você abordou Moncraine para uma parceria?

– Basanti não precisa de um curativo nas finanças. Além disso, não há nada a *construir* com ele. É difícil receber o crédito por algo

que já foi alcançado.

– Acredite ou não, nós sentimos o mesmo com relação ao Moncraïne – afirmou Sabeta. – Ele é o meio para alcançarmos um fim. Perdoe-o. Solte-o, e garanto que ele aceitará seu patrocínio.

– O que faz vocês presumirem que ainda estou disposto a oferecê-lo?

– Ora, Gennaro... – disse Sabeta, tornando a voz um pouco mais profunda, adotando um tom um pouco provocante. – Não se castigue pela estupidez do Moncraïne. Seu plano era bom.

– Se você nos ajudar, ficará com ele totalmente sob o seu controle. Dívida financeira e moral, e você terá a nós para mantê-lo na linha.

– A Companhia Moncraïne-Boulidazi – completou Sabeta.

– Ou a Companhia Boulidazi-Moncraïne – sugeriu Locke.

– Eu vou parecer um fraco – comentou o barão, mas sua voz tinha o tom hesitante de alguém a ponto de pular do precipício para onde eles o estavam empurrando.

– Você vai parecer *inteligente* – contrapôs Locke. – Diabos, vai parecer que você planejou a coisa toda, para atrair atenção!

– Isso é *maravilhoso*! – exclamou Sabeta. – No fim do verão, depois de termos nos satisfeito através do Moncraïne, você deixa escapar que tudo foi apenas um artil para atrair atenção. Esse é o pagamento por um pouquinho de dor no tribunal amanhã! Basanti será esquecido num momento e toda a admiração da cidade será depositada no que você fez.

– Você parecerá um tremendo *gênio* – garantiu Locke, imensamente satisfeito consigo mesmo.

– A companhia Boulidazi-Moncraïne... – murmurou o barão. – Isso tem um certo... peso. Um certo tom nobre.

– Ajude-me a ter uma ou duas temporadas sob as luzes – pediu Sabeta. – Depois leve a companhia em turnê a Camorr. Vamos apresentá-lo ao vovô, a todos os condes e condessas, ao Duque...

– Vão poder se apresentar em todas as Cinco Torres – completou Locke. – Nos jardins dos terraços. Verena e eu teremos que desaparecer como atores, claro, mas ficaremos deliciados em comparecer às apresentações como seus anfitriões.

– Não é uma boa recompensa para uma inconveniência temporária? – perguntou Sabeta com um sorriso que poderia persuadir um bloco de gelo a soltar fumaça.

– Eu precisarei... de um momento para refletir – respondeu Bouldazi.

– Devemos deixá-lo a sós? – indagou Sabeta, levantando-se ligeiramente da cadeira.

– Sim, mas só por um momento. Tymon vai lhe servir qualquer coisa que você deseje no salão de recepção.

Locke também mencionou sair, mas Bouldazi ergueu uma das mãos.

– Você não, Lucaza, por favor. Eu apreciaria trocar uma palavrinha.

Locke se acomodou de novo na cadeira, lançou um olhar breve para Sabeta e captou um levíssimo assentimento de sua parte. Ela saiu por onde os dois haviam entrado.

– Lucaza – falou o barão, inclinando-se à frente e baixando a voz –, espero que possa me perdoar esta liberdade. Sei que os camorris não devem ser desconsiderados em questões que tenham a ver com honra familiar, e não pretendo ofender.

– Francamente, Gennaro, nós pedimos um favor amanhã em troca de promessas que demorarão meses ou anos para serem totalmente pagas. Duvido que você possa encontrar duas pessoas em Espara que sejam mais difíceis de ofender do que Verena ou eu neste momento.

– Vocês dois falam muito bem. Vejo por que gostariam de ter um tempo como diletantes no palco. Mas agora me deixe fazer uma confidência. Sua prima... tem um aspecto que *floresce* ao ser

considerado. Quando entrou nesta sala, ela era apenas bonita, mas depois de observá-la, ouvi-la... sinto como se o ar tivesse sido arrancado dos meus pulmões.

Locke sentiu como se o ar tivesse sido arrancado dos *seus* pulmões.

– Diga, por favor – pediu Boulidazi, notando claramente a mudança na postura de Locke enquanto ele lutava pelo autocontrole. – Ela ama de fato o teatro? E o trabalho com espadas?

– Ela, ah... ela vive para essas coisas.

– Você é prometido a ela?

Locke foi assolado por um alvoroço de reações imediatas: a ânsia de se levantar e dizer sim, dar um tapa no rosto de Boulidazi, agarrá-lo pelos cabelos e fazer rasgos no feltro da mesa de bilhar usando os dentes dele... E então vieram os cálculos secundários como um balde de água fria: o ciúme no meio profissional condenaria os Nobres Vigaristas ao fracasso completo.

– Não – respondeu quase com calma. – Não, eu sou destinado a outra... desde que mal conseguia andar. Vamos nos casar quando ela tiver idade.

– E Verena?

Outro lampejo pouco útil na imaginação de Locke, protestando contra o que sua razão mais elevada sabia ser inevitável. Jean Tannen atravessando uma porta dos fundos, levantando Boulidazi acima da cabeça, jogando-o na mesa de bilhar... Por que todas as suas fantasias eram tão calamitosas para com a mesa, que não lhe fizera nenhum mal? E, dane-se, de qualquer modo, isso jamais aconteceria!

– Não tem compromisso – respondeu Locke, odiando a frase ao mesmo tempo em que a dizia. – O pai dela e vovô sempre acharam que Verena... é uma fruta que é melhor deixar pendurada, ahn, até que eles saibam como ela pode ser... colhida de modo mais vantajoso.

– Obrigado. Obrigado! Essa é... uma notícia bem-vinda. Espero que você não pense que estou tentando agarrar algo acima da minha condição, Lucaza. Venho de uma linhagem longa e honrada. Possuo várias propriedades com rendimentos seguros. Tenho muito a oferecer como... como pretendente.

– Tenho certeza de que sim – observou Locke, devagar. – Se isso agradar a ela, e com o consentimento do conde Espadanegra.

– Sim, sim. Com a bênção da família... e se agradar a ela. – Bouldazi passou a mão pelo cabelo e fez ajustes nervosos, sem sentido, no lenço de seda em volta do pescoço. – Farei isso, Lucaza. Perdoarei Moncraine e confio que você o mantenha sob o meu controle. Fornecerei tudo de que vocês precisarem para pagar as dívidas dele e domar a trupe. Só peço...

– Sim?

– Ajude-me. Ajude-me a mostrar minhas virtudes a Verena. Minhas intenções honradas. Ensine-me como posso agradá-la. Aconselhe-a favoravelmente, por mim.

– Se Moncraine for libertado...

– Ele será. Ele não ficará na Torre do Lamento um instante a mais do que o necessário.

– Então serei seu parceiro – disse Locke baixinho, lutando contra outras visões de Gennaro Bouldazi cuspiendo fragmentos da mesa de bilhar. – Estarei *do seu lado*, amigo.

CAPÍTULO SETE

O Jogo dos Cinco Anos: Contragolpe

1

– QUAL É O NOSSO problema, Jean? – Locke esfregou os olhos e notou alguns desconfortos nas entranhas e ao redor dos tornozelos, nessa ordem. – Ela enrolou a gente feito duas tendas velhas. E que porra são essas coisas nas minhas pernas?

Os tornozelos magros e pálidos estavam envolvidos por aros de ferro suficientemente largos para deixar o sangue correr, mas pesavam mais de 2 quilos cada.

– Imagino que sejam para nos desencorajar de nadar – respondeu Jean. – Não são bem pensadas? Combinam com seus olhos.

– As barras nas janelas não bastam, é? Deuses do céu, meu estômago parece que está tentando comer o resto de mim.

Locke fez um exame mais meticuloso do ambiente. Almofadas, sedas e lanternas – a cabine era perfeita para o Duque de Camorr. Havia até uma pequena prateleira de livros e rolos de pergaminho perto de Jean.

– Olhe o que ela deixou para nós. – Jean jogou para Locke o livro encadernado em couro que ele estivera lendo.

Era um velho exemplar in-quarto com folha de ouro gravada alquimicamente em três linhas na capa:

REPÚBLICA DE LADRÕES
UMA HISTÓRIA VERDADEIRA E TRÁGICA
CAELLIUS LUCARNO

– Uhhhh – disse Locke baixinho, pondo o livro de lado. – Aquela beldade tem um veio maligno com a largura de dez rios.

– Como foi que ela drogou você?

– De modo bastante embaraçoso.

Houve uma batida à porta da cabine. Ela se abriu um instante depois e um sujeito magro, de pernas compridas e com um bronzado de muitos anos de atividade gravado nas feições esguias, desceu a escada.

– Olá, rapazes – cumprimentou o estranho com um leve sotaque verrari. – Bem-vindos ao Resolução de Volantyne. Solus Volantyne, ao seu dispor. E falo sério! Vocês, rapazes, são nosso primeiro e único negócio nesta viagem.

– O que quer que você esteja recebendo, nós podemos pagar o dobro se der meia-volta nesse navio agora mesmo – garantiu Locke.

– Nossa amiga mútua disse que essa seria provavelmente a primeira coisa dita pelo senhor, mestre Lazari.

Locke estalou os nós dos dedos e olhou-o, irritado. Precisava dar crédito a Sabeta por pelo menos preservar as identidades falsas deles, mas, no momento, não *queria* ter nenhum pensamento gentil sobre ela.

– Estou inclinado a concordar com a sugestão dela – continuou Volantyne – de que tenho mais probabilidade de desfrutar do sucesso e de uma boa recompensa na parceria com a mulher que ainda está livre do que com os dois homens que ela me trouxe acorrentados.

– Podemos triplicar o pagamento dela.

– Um homem que trocava tamanha fortuna pelas promessas de um prisioneiro raivoso é idiota demais para ser capitão do próprio navio.

– Bom, inferno, se você não vira casaca, pelo menos poderia me arranjar um pouco de bolacha de bordo ou algo assim?

– Nossa amiga mútua disse que a comida seria a segunda coisa na sua mente. – Volantyne cruzou os braços e sorriu. – Mas não vamos comer bolachas de bordo nesta etapa da viagem. Vamos comer pão de pimenta fresco, ganso recheado de azeitonas com crosta de mel, e rãs do lago cozidas com conhaque e creme de leite.

– Acho que levei uma pancada na cabeça. Esse é o sonho mais idiota que tenho há anos, não é?

– Não é sonho, amigo. Nós recebemos um cozinheiro tão bom que eu treparia com ele seis dias por semana só para mantê-lo a bordo, se eu gostasse de homens. Mas ele é outro presente pago por nossa amiga mútua. Venham ao convés e deixem-me explicar as condições da sua viagem. Seus filhos da puta sortudos!

No convés, Locke viu que o *Resolução de Volantyne* era um brigue de dois mastros com o cordame em boa ordem; as velas não tinham acabado de sair do estaleiro, mas não estavam em farrapos. Cerca de duas dúzias de homens e mulheres haviam entrado em formação para olhar Locke e Jean emergir da grande cabine. A maioria tinha a aparência bronzeada e esguia de marinheiros, porém alguns dos mais pesados – com certeza animais de terra, de ossos grandes – pareciam capangas recém-contratados.

– Esta é a viagem mais fácil que já recebemos – afirmou Volantyne. – Vamos para o oeste, subir o Cavendria e desembocar no mar. Teremos uma excursão de outono durante um mês, depois vamos dar meia-volta e retornar lentamente a Kartane. Os cavalheiros irão desfrutar de uma cabine luxuosa, livros, boas refeições. Os vinhos que temos para a viagem vão fazê-los pensar

que são da realeza. Tudo isso com apenas uma condição: bom comportamento.

– Eu posso pagar três vezes o que cada um de vocês está recebendo agora! – disse Locke, elevando a voz até um berro. – Vocês só precisariam nos levar de volta a Kartane! Dois dias de trabalho em vez de dois meses!

– Ora, senhor – falou Volantyne, olhando-os atravessado pela primeira vez –, isso não é bom comportamento. Qualquer outra fala desse tipo fará com que o senhor seja mandado para o porão. Há dois modos de fazer esta viagem: com membros livres e estômagos cheios ou amarrados no escuro, saindo uma vez por dia para comer e mijar. Eu devo tomar o maior cuidado com a vida de vocês, mas sua liberdade pode ser jogada ao mar se nos causarem problemas.

– E essas coisas nos nossos tornozelos? – perguntou Locke.

– São escudos contra a tentação.

– Bah – murmurou Locke. – Além disso, onde está essa tal comida...

– Senhores, mil desculpas! – gritou um homem com manto marrom manchado, que veio cambaleando de baixo pela escotilha principal. Era pálido, com cabelo louro grisalho, e carregava uma bandeja de prata com uma terrina de ferro simples e vários pedaços de pão. – Tenho a comida!

– O seu famoso cozinheiro é um *vadrã*? – questionou Jean.

– É, eu *sei* – disse Volantyne. – Mas vocês devem confiar em mim. Adalric foi treinado em Talisham e conhece o serviço.

– As ostras, em molho da cerveja cozinhei eu – disse o cozinheiro.

Ele estendeu a bandeja para Locke, e o perfume de comida fresca parecia um punho no queixo.

– Ah, a discussão da situação pode recomeçar em cerca de meia hora – sugeriu Locke.

– Desde que parem de tentar subornar minha tripulação, os

senhores podem falar o que quiserem, honrados passageiros – garantiu Volantyne.

2

À MEDIDA QUE PASSAVA O PRIMEIRO DIA, e depois o segundo, ficou claro que a situação deles era a prisão mais confortável e mais vexatória que Locke poderia imaginar.

As refeições eram fartas e magníficas; o vinho, melhor ainda do que o prometido; a cerveja, fresca e doce; e seus pedidos eram realizados sem hesitação ou reclamações.

– Esses desgraçados fizeram fortuna com esse empreendimento – comentou Jean, sobre os restos do almoço do dia seguinte. – Não é, marinheiros? É a única explicação possível para o nosso tratamento. Uma pilha de ouro em cada bolso.

Cada refeição era consumida na presença de pelo menos quatro pessoas, silenciosas, educadas e absolutamente vigilantes. Cada faca e garfo eram contados, cada migalha e cada osso eram recolhidos. Locke poderia ter roubado qualquer item útil, mas não havia sentido, pelo menos até que as outras dificuldades da situação fossem superadas.

A roupa de cama era tirada e trocada todo dia, e mantinham os dois no convés enquanto isso acontecia. Locke podia ver apenas o suficiente da atividade dentro da cabine para perder o ânimo. Sacudiam todos os livros, abriam e reviravam os baús, verificavam as redes, examinavam minuciosamente as tábuas do piso. Quando tinham permissão de voltar, tudo estava no lugar de sempre e a cabine parecia jamais ter sido usada, mas era inútil esconder qualquer coisa.

Eles eram revistados várias vezes por dia e nem podiam usar sapatos. O único objeto que possuíam, de fato, era a mecha de cabelos de Ezri, no bolso de Jean. Locke ficou surpreso ao vê-la na

manhã do terceiro dia.

– Eu troquei algumas palavras com Sabeta depois que o pessoal dela enfim me derrubou. – Jean estava deitado em sua rede, preguiçosamente virando a mecha de cabelos nas mãos. – Ela disse que algumas cortesias não devem ser recusadas.

– Ela disse mais alguma coisa? Sobre mim ou para mim?

– Acho que ela disse tudo o que pretende dizer, Locke. Esse navio é como um bilhete de despedida.

– Ela deve ter dado a Volantyne e à tripulação dez páginas de orientações sobre nós.

– Até o bote deles está amarrado mais apertado do que o usual, como se algum deus pudesse baixar a mão e arrancá-lo do convés – comentou Jean em tom casual.

– Ah, verdade? – Locke saiu da rede, foi até o lado da cabine ocupado por Jean e baixou a voz. – No lado de bombordo do convés principal? Você acha que poderíamos fazer algo com relação a isso?

– Nunca teríamos tempo de içá-lo direito. Mas, se pudéssemos enfraquecer as cordas e se o convés estivesse adernando...

– Merda. Assim que chegarmos ao Cavendria, vamos nos manter estáveis feito uma xícara de chá até chegar ao outro lado. De quantos dos nossos amigos você acha que pode cuidar ao mesmo tempo?

– De quantos *eu* poderia cuidar ao mesmo tempo? Sejam pragmáticos e digamos que três. Tenho certeza de que eu poderia apagar a tripulação inteira, dois de cada vez, se ninguém soasse um alarme, mas você já viu os hábitos deles. Nunca trabalham sozinhos. Não sei se a abordagem pela força bruta vai nos levar muito longe.

– Sabe, sem dúvida seria bom receber uma visita não anunciada da nossa benfeitora Paciência. Ou de alguém ligado a ela. Mais ou menos agora. Ou... agora!

– Acho que estamos sozinhos. Tenho certeza de que alguém ou *alguma coisa* está nos vigiando, mas Sabeta nos colocou aqui.

Parece que isto está dentro das regras que Paciência explicou.

– Imagino se os Magos-Servidores *dela* teriam tanta esportividade.

– Bom, há um lado positivo. Nós estamos comendo bastante bem. Você não parece mais um palerma semimorto.

– Fantástico, Jean. Eu não estou simplesmente exilado; estou sendo engordado para a matança. Será que há alguma chance de tropeçarmos na Zamira se chegarmos ao Mar de Bronze?

– Que diabo ela estaria fazendo de volta aqui, tão pouco tempo depois de tudo o que aconteceu? – Jean bocejou e se espreguiçou. – O *Orquídea Venenosa* tem tanta probabilidade de aparecer no horizonte e nos salvar quanto eu tenho de dar à luz um albatroz vivo.

– Foi só um devaneio. Uma droga de devaneio. Bom, acho que devemos rezar pedindo mau tempo.

– E nos preocupar em cortar umas cordas. Alguma ideia?

– Eu poderia ter uma faca improvisada em menos de uma hora. Desde que soubesse que ela seria usada antes que eles revirassem nossa cabine no dia seguinte.

– Ótimo. E quanto às algemas dos tornozelos? Você sempre foi melhor com esse tipo de coisa do que eu.

– Os mecanismos são delicados. Eu poderia arranjar lascas de osso suficientemente pequenas para caber, mas elas são quebradiças. Basta uma se partir e elas emperram o fecho de uma vez por todas.

– Então talvez seja melhor ficarmos com elas até chegarmos à terra. Bom, uma coisa de cada vez. Precisamos estar a uma distância razoável de uma praia e precisamos que o convés balance bastante e precisamos não estar presos no porão quando a chance chegar.

3

O CÉU FICOU CINZENTO DE NOVO naquela noite e nuvens agourentas se aglomeravam no horizonte, mas o movimento suave do Amatel mal fazia inclinar o convés do *Resolução* numa direção ou na outra. Locke passou várias horas encostado no corrimão do convés principal, fingindo placidez, esforçando-se secretamente para enxergar qualquer vislumbre de relâmpago ou de uma tempestade se aproximando. Mas as únicas luzes visíveis eram as que tremeluziam fantasmagóricas nas profundezas negras do lago, piscando feito constelações de fogo.

O progresso era vagaroso. Os estranhos ventos de outono estavam contra eles na maior parte do tempo e, sem magos para moldar o clima, precisavam mover-se com uma bordada longa após a outra, em direção ao sudoeste. Volantyne e sua tripulação não pareciam se importar nem um pouco. Quer viajassem por metade do mundo ou meio quilômetro, o pagamento seria o mesmo.

Na noite do quarto dia, Locke captou clarões de um amarelo esbranquiçado iluminando o horizonte sul, mas sua empolgação morreu quando ele percebeu que estava olhando para Lashane.

No quinto dia, ganharam velocidade e os ventos caprichosos ficaram mais fortes. Todo o céu se manchou com nuvens promissoras e, logo depois do meio-dia, as primeiras gotas de água fria começaram a cair. Locke e Jean foram para a cabine, tentando parecer inocentes. Enterraram-se em livros e conversas despreocupadas, olhando com satisfação as ondas se elevarem e a espuma engrossar nas cristas.

Na terceira hora da tarde, com a chuva constante e ondas de quase 1,5 metro de altura, Adalric veio à porta deles receber instruções para o jantar.

- Que tal uma sopa de vitela, senhores?
- Sem dúvida – respondeu Locke.

Se surgisse alguma chance de escapar, ele queria enfrentá-la com pelo menos mais um dos prodigiosos festins do prodígio vadrã enfiados goela abaixo.

– E que tal frango? – perguntou Jean.

– *Fazerei* um assassinato mesmo agora.

– Sobremesa também – disse Locke. – Vamos ter uma tempestade grande esta noite. As tempestades me deixam com fome.

– Tenho um bolo do mel e da gengibre.

– Bom garoto – comentou Jean. – E vamos tomar um pouco de vinho. Duas garrafas de maçã borbulhante, hein?

– Duas garrafas – repetiu o cozinheiro. – Eu *manda traz* para os senhores.

– Sujeito decente, apesar da forma como pisoteia a língua – disse Locke quando a porta se fechou. – Odeio me aproveitar dele.

– Ele não vai sentir nossa falta se escaparmos: tem toda a tripulação para apreciá-lo. Você sabe que tipo de gororoba estariam comendo se ele não estivesse a bordo.

Locke foi ao convés alguns minutos depois, deixando a chuva encharcá-lo, parado junto ao mastro de proa, fingindo indiferença enquanto o convés balançava lentamente de um lado para outro. Ainda era um movimento suave, mas, se o tempo continuasse a piorar, era uma tendência muito promissora.

– Mestre Lazari! – Volantyne desceu do tombadilho superior com a capa impermeável balançando ao vento. – Sem dúvida o senhor estaria mais confortável na cabine, não?

– Talvez nossa amiga em comum não tenha lhe contado, capitão Volantyne, que mestre Callas e eu já estivemos no mar. Comparado com o que suportamos nos Ventos Fantasmas, isto é revigorante.

– Sei um pouco da sua história, Lazari, mas também estou encarregado da sua segurança.

– Bom, até que alguém tire a porcaria desses braceletes dos

meus tornozelos, não posso exatamente nadar até a terra, não é?

– E se pegar um resfriado?

– Com Adalric a bordo? Ele deve ter tisanas capazes de expulsar a própria morte.

– Será que você ao menos consentiria em usar uma capa impermeável, para não parecer tanto um maluco?

– Seria bom.

Volantyne pediu que um marinheiro trouxesse uma capa e Locke voltou a falar enquanto a prendia nos ombros:

– Agora, perdoe minha ignorância, mas onde diabos estamos, afinal?

– Quarenta milhas a oeste de Lashane, errando pela distância de um fio de cabelo em qualquer direção.

– Ah. Achei que tinha visto a cidade ontem à noite.

– Não estamos fazendo um bom progresso para o oeste. Se eu tivesse que cumprir horário, estaria de mau humor, mas graças a vocês não temos pressa, não é?

– Certo. Aquilo ao sul são tempestades mais fortes?

– Aquela sombra? É um litoral a sota-vento, mestre Lazari. A porcaria de um litoral a sota-vento. Estamos a 8 ou 9 milhas do litoral sul do Amatel e lutando para não chegar mais perto. Se pudermos atravessar essa confusão e ganhar mais 20 ou 30 milhas a oeste-noroeste, devemos chegar direto ao Cavendria, e de lá é como um laguinho raso até o Mar de Bronze.

– É bom saber disso. Fique tranquilo, não tenho o menor interesse em me afogar.

4

O JANTAR FOI EXCELENTE E PRODUTIVO. Quatro dos marinheiros de Volantyne observavam dos cantos da cabine enquanto Locke e Jean engoliam sopa, frango, pão, bolo e um reluzente vinho de maçã

borbulhante. Logo depois de abrir a segunda garrafa, Locke sinalizou para Jean, avisando que teria um momento desajeitado.

Ajustando o tempo com o balanço do navio, Locke derrubou a garrafa nova da mesa. Ela se abriu, derramando o vinho frio em seus pés descalços. Percebendo que a garrafa não havia se despedaçado nos cacos afiados que ele esperava, fez cair o copo de vinho também, com resultados mais satisfatórios.

– Ah, merda, era uma bebida boa – exclamou, deslizando da cadeira e se agachando sobre a sujeira.

Balançou as mãos em cima, como se não soubesse o que fazer, e num instante um pedaço comprido e grosso de vidro havia passado de sua mão para a manga da túnica. Era um trabalho delicado; uma mancha vermelha embaixo do pano certamente atrairia atenção.

– Não – ordenou um dos marinheiros, sinalizando para um colega subir ao convés. – Não toque em nada. Nós tiramos para o senhor.

Locke levantou as mãos e deu vários passos cautelosos para trás.

– Eu pediria mais vinho – falou Jean, erguendo seu copo de modo provocador –, mas é possível que você já tenha tomado o suficiente.

– Foi o balanço do navio – explicou Locke.

O guarda que havia saído voltou com uma vassoura e uma panela de metal. Rapidamente, varreu todos os cacos.

– Vamos lavar o convés quando limparmos a cabine amanhã, senhor – avisou um dos marinheiros.

– Pelo menos o cheiro é bom – observou Locke.

Os guardas não o revistaram. Locke admirou a escuridão que ia se aprofundando através da janela da cabine e se permitiu o luxo de um sorrisinho.

Quando os restos do jantar foram tirados (e todas as facas, os garfos e as colheres, devidamente contados) e a cabine era de novo dele e de Jean, Locke retirou com cuidado o caco de vidro e colocou-o na mesa.

- Não parece grande coisa – comentou Jean.
- Precisa de uma proteção para segurar. E sei onde conseguir.

Enquanto Jean se encostava na porta da cabine, Locke usou o caco de vidro para soltar cuidadosamente a capa da frente do exemplar de *República de ladrões*. Depois de alguns minutos cortando e raspando, obteve um pedaço irregular do couro de encadernação e uma quantidade do barbante usado na lombada do volume. Aninhou o fragmento de vidro no couro e enrolou-o bem apertado nas bordas, criando algo parecido com uma serra minúscula. O lado coberto podia ser aninhado com segurança na palma da mão e a borda cortante podia ser usada contra o que precisasse ser cortado.

– Agora – disse Locke baixinho, segurando sua ferramenta sob a luz da lanterna e examinando-a com uma mistura de orgulho e empolgação – vamos dar uma volta no convés e desfrutar do clima?

O tempo havia piorado agradavelmente até uma forte chuva de outono. O Amatel era chicoteado, criando ondas com cerca de 2 metros, e relâmpagos espocavam atrás das nuvens sempre móveis.

Locke e Jean, ambos usando capas impermeáveis, se acomodaram junto ao lado interno do escaler amarrado de cabeça para baixo no convés principal. O barco tinha cerca de 4,5 metros, do tipo que geralmente ficava pendurado na popa de um navio. Locke supôs que a necessidade urgente de colocar as barras de ferro em volta das janelas da grande cabine havia forçado a tripulação a mudar o lugar do barco. Ele estava preso ao convés com cabos e argolas; nada que uma tripulação de marinheiros não pudesse manobrar em alguns minutos, mas se ele e Jean tentassem soltar a embarcação do modo convencional, demoraria demais e atrairia atenção. A resposta era cortar: enfraquecer os cabos mais importantes, esperar um movimento fortuito do navio, soltar o escaler e depois, de algum modo, juntar-se a ele quando tombasse no mar.

Jean ficou sentado placidamente enquanto Locke trabalhava com o importantíssimo caco de vidro – cinco minutos, dez minutos, vinte minutos. A capa impermeável de Locke era uma bênção, tornando possível esconder a atividade, mas a necessidade de manter o braço e o ombro imóveis colocava todo o esforço no punho e no antebraço. Locke trabalhou até sentir dor, então, com cuidado, entregou o caco a Jean.

– Vocês dois parecem estranhamente despreocupados com o tempo! – gritou Volantyne, passando com uma lanterna.

Ele os examinou, os olhos saltando aqui e ali em busca de algo estranho. Por fim, relaxou e o coração de Locke retomou as atividades normais.

– Ainda estamos aquecidos pelo jantar, capitão – garantiu Jean. – E já sobrevivemos a tempestades no Mar de Bronze. Esta é uma ótima folga da monotonia da nossa cabine.

– Monotonia, talvez, mas também segurança. Podem ficar aqui por enquanto, desde que continuem sem atrapalhar. Logo teremos trabalho com as velas. Se chegarmos muito mais perto da terra, vou exigir que desçam.

– Está com problemas? – perguntou Locke.

– É uma porcaria de vento chato vindo do norte e do noroeste; parece mudar do modo menos conveniente. Estamos a 8 quilômetros da praia, quando deveríamos estar a 16.

– Somos suas peças de lastro mais leais e dedicadas, capitão. Deixe-nos digerir um pouquinho mais e talvez nós voltemos para dentro.

Assim que Volantyne se afastou, Locke sentiu Jean retornar ao trabalho.

– Não temos muito tempo – murmurou Jean. – E um ou dois cabos que não estejam cortados são o mesmo que vinte; algumas coisas não se partem sem a força de um homem.

– Eu causei alguns danos de verdade do meu lado. Tudo o que

podemos fazer é continuar pelo máximo de tempo possível.

Os minutos passaram. Marinheiros iam e vinham no convés, verificando falhas em todos os lugares, a não ser bem atrás dos dois homens que trabalhavam desesperadamente para causar uma. O navio balançava com força de um lado para outro, relâmpagos surgiam em todos os horizontes e Locke se pegou cada vez mais tenso à medida que o tempo transcorria. Se aquilo desse errado, ele não tinha dúvida de que a ameaça de Volantyne, de trancá-los num porão, seria cumprida de imediato.

– Ah, diabos – murmurou Jean. – Sentiu isso?

– Senti o quê? Ah, maldição. – O navio havia adernado para estibordo e o peso do escaler pressionava com mais firmeza as costas e os ombros de Locke. Os cabos que o prendiam estavam cedendo mais cedo do que o esperado. – Que diabos vamos fazer agora?

– Fique firme – orientou Jean.

O navio adernou para bombordo e houve um fraco som de algo raspando o convés. Locke rezou para que o tumulto do clima impedisse que o ruído fosse escutado por alguém.

Como um pêndulo, o navio balançou para estibordo de novo e, dessa vez, o raspar cresceu até um guincho alto. A pressão contra as costas de Locke se tornou agourenta e algo estalou ruidosamente atrás dele.

– Merda – sussurrou Jean. – Por cima!

Os dois Nobres Vigaristas se viraram e subiram no escaler no instante em que as amarras cederam por completo. Locke e Jean rolaram de cima do bote com uma embaraçosa falta de suavidade, pousaram com força, e a embarcação partiu pelo convés, guinchando e deslizando em direção ao corrimão de estibordo.

– Arrá! – gritou Locke, incapaz de se conter. – Estamos livres!

O escaler bateu com força contra o corrimão de estibordo e parou.

– Merda – praguejou Locke, não tão alto.

Um instante depois, o navio adernou para bombordo e Locke percebeu que ele e Jean estavam justamente no único caminho que o escaler poderia tomar, voltando pelo convés inclinado. Empurrou Jean com força para a esquerda e rolou para o outro lado. O bote passou raspando pelo convés entre os dois, pegando impulso. Locke se virou, certo de que dessa vez o escaler passaria por cima da amurada...

Com uma pancada áspera, o barco bateu com força no corrimão de bombordo, que, apesar de se vergar, não cedeu completamente e o bote emborcado permaneceu bem longe da água.

– Pelo cacete pendurado de Perelandro! – gritou Locke, levantando-se.

– *Que diabo vocês dois acham que estão fazendo?*

Volantyne veio saltando com agilidade pelo convés principal, a lanterna ainda na mão.

– Seu bote se soltou! Ajude-nos! – berrou Jean.

Um instante depois, ele pareceu pensar melhor, acertou Volantyne com um gancho de direita no queixo e agarrou a lanterna enquanto o capitão caía.

– Jean! Atrás de você! – gritou Locke, desviando-se do bote pela segunda vez no momento em que o convés se inclinou de novo.

Um tripulante havia chegado por trás de Jean, segurando um pino de mareação. Jean se esquivou do primeiro ataque do sujeito e acertou a lanterna no seu cocuruto. O vidro se despedaçou e a gosma alquímica branca e reluzente se espalhou no pobre coitado, da testa até a cintura. Em geral, era uma substância inofensiva, mas não algo que a pessoa quisesse ter nos olhos. Gemendo e brilhando feito um fantasma de conto de fadas, o homem caiu de encontro ao mastro de proa.

À frente de Locke, o escaler deslizou para estibordo, bateu no corrimão a toda velocidade, provocando um terrível ruído de algo se

partindo, e caiu no mar.

– Graças aos deuses – murmurou Locke enquanto corria até a abertura no corrimão bem a tempo de ver o bote mergulhar de proa na água, como uma flecha, e ser engolido imediatamente sob uma onda estourando. – Ah, *QUAL É!*

– Pule! – berrou Jean, desviando-se do golpe de um tripulante que se lançou para ele com um remo. Jean deu dois socos nas costelas do infeliz, que fez uma imitação convincente de uma marionete com os fios cortados. – Pule na água, inferno!

– O bote afundou! – gritou Locke, examinando a escuridão inutilmente em busca de um vislumbre dele. Apitos soavam no tombadilho superior e dentro do navio. Toda a tripulação seria chamada contra eles. – Não consigo vê-lo!

– Não estou escutando você. Pule!

Jean correu pelo convés e deu um empurrão bem-intencionado em Locke, através da abertura no corrimão. Não houve tempo de fazer nada além de ofegar com surpresa. A capa impermeável de Locke flutuou em volta enquanto ele caía feito um morcego ferido na água escura do Amatel.

O frio o acertou como um choque. Ele girou no negrume borbulhante, lutando contra a capa e o peso das algemas nos tornozelos. Elas não estavam arrastando-o diretamente para baixo, mas iriam aumentar bastante a velocidade com que ele iria se exaurir batendo os pés para manter a cabeça sobre a água.

Seu rosto rompeu a superfície; ele sugou o ar e o borrifo de água doce. O *Resolução de Volantyne* assomava como uma sombra monstruosa, iluminada por uma dúzia de lanternas que pulavam e balançavam. Uma forma familiar e escura se destacou de algum tipo de luta junto ao corrimão mais próximo e caiu na direção da água.

– Jean – falou Locke, ofegando –, não tem...

O barco perdido voltou à superfície como um tubarão rasgando a água, cuspidor numa torrente branca. Jean caiu de cara sobre ele,

com uma pancada medonha, e despencou pesadamente na água ao lado.

– Jean! – gritou Locke, agarrando a amurada do escaler e examinando desesperadamente a água em busca de algum sinal do amigo.

O grandalhão já havia afundado. Uma onda se partiu sobre a cabeça de Locke e soltou-o do barco. Ele cuspiu água e procurou freneticamente... ali! Uma forma escura pairava a pouco mais de 2 metros abaixo dos seus pés, iluminada por baixo por uma luz azul fantasmagórica. Locke mergulhou justo quando outra onda se quebrava contra o bote.

Agarrou Jean pelo colarinho e sentiu uma consternação fria diante da reação débil. Por um momento, pareceu que os dois pairavam suspensos num mundo cinzento entre os topos das ondas e a luz fantasmagórica e, de repente, Locke percebeu qual era a fonte da iluminação ao redor. Não eram raios nem lanternas e, sim, os fogos desconhecidos que ardiam no fundo do Amatel.

Vislumbrados de baixo d'água, eles perdiam seu reconfortante aspecto de joias e pareciam se agitar, pulsar e se turvar. Faziam os olhos de Locke arderem e sua pele se arrepiava com a sensação irracional, instintiva, de que algo absolutamente hostil estava ali perto – e se aproximando mais. Passou as mãos por baixo dos braços de Jean e bateu as pernas com toda a força, puxando os dois de volta à superfície e à tempestade.

Raspou o rosto contra o escaler ao subir, sugou o ar com força e içou Jean de novo, para que a cabeça dele ficasse acima da água. O frio era como uma pressão física, entorpecendo seus dedos e transformando os membros lentamente em chumbo.

– Volte para mim, Jean – cuspiu Locke. – Sei que seu cérebro travou, mas, pelo Guardiã Torto, volte! – Ele puxou Jean, apoiando-se na amurada do bote sacudido pelas ondas com a outra mão, e apesar de todos os esforços só conseguiu quase emborcá-lo de

novo. – Merda!

Locke precisava entrar primeiro, mas, se soltasse Jean, o amigo provavelmente afundaria outra vez. Viu o tolete, a peça de ferro fundido em forma de U presa na amurada para sustentar o remo. Ele fora amassado pelo deslizamento do bote no convés, mas poderia servir a um novo propósito. Locke puxou a capa impermeável de Jean e torceu uma das pontas, fazendo um nó grosseiro em volta do tolete, de modo que Jean ficou pendurado no barco pelo pescoço e pelo peito. Não era um modo sensato de deixá-lo, mas isso iria impedi-lo de se afastar enquanto Locke subia a bordo.

Uma nova onda lançou a lateral do bote contra a cabeça de Locke. Pontos pretos dançaram diante dos seus olhos, mas a dor o instigou a uma ação furiosa. Ele mergulhou pelo negrume embaixo do barco, depois abriu caminho de novo subindo até a amurada do lado oposto. Outra onda o acertou e Locke saiu do meio da espuma, fazendo força até passar por cima da borda. Ricocheteou dolorosamente no banco de remador e caiu na água que balançava no fundo, até a altura dos tornozelos.

Estendeu a mão por cima da amurada e agarrou Jean. Seu puxão era desesperado, desequilibrado e inútil. O bote balançava e chacoalhava a cada esforço, subindo e descendo nas ondas como um pistão numa máquina de pesadelo. Por fim, o tino de Locke arreventou as paredes de sua exaustão e seu pânico. Ele virou Jean de lado e o puxou por um braço e uma das pernas, usando a capa para se equilibrar. Assim que o grandalhão estava em segurança no escaler, ele tossiu, murmurou e se balançou.

– Ah, eu odeio os Ancestres, Jean. – Locke ofegou, deitado ao lado de Jean no fundo do barco que se sacudia, golpeado por ondas e chuva. – Odeio. Odeio tudo o que eles fizeram, odeio a merda que eles deixaram para trás, odeio o modo como nenhum dos mistérios deles acaba sendo uma porra agradável e de boa vizinhança!

– *Luzes bonidaz* – murmurou Jean.

– É, luzes bonitas. Marinheiros amigáveis, o Amatel tem de tudo.

Locke empurrou Jean de lado e sentou-se. Balançavam feito uma rolha de vinho num caldeirão com água fervendo, mas o bote parecia mais capaz de suportar os movimentos agora que o peso estava no seu centro. Tinham se desviado para trás e mais para o litoral com relação ao *Resolução de Volantyne*, que agora se achava a mais de 50 metros de distância. Gritos confusos podiam ser ouvidos, mas o navio não parecia estar dando a volta para pegá-los. Locke só podia esperar que a pancada de Jean em Volantyne impedisse o resto da tripulação de decidir as coisas até que fosse tarde demais.

– *Zandoz infernoz* – disse Jean –, *gomégueu jegueiagui?*

– Não se preocupe. Está vendo algum remo?

– *Ahn, ajo gueu arrebendei go gara gue dava gom elez.* – Jean estendeu a mão e sondou o rosto cautelosamente. – *Ai, deusez, ajo gueu guebrei o dariz de dovo.*

– Você usou o nariz para aliviar a queda quando bateu no barco.

– *Foi izo gue me abagou?*

– É, fiquei me cagando de medo.

– *Vozê me zalvou!*

– É minha vez, a cada dois anos – disse Locke com um sorriso débil.

– Obrigado.

– Tudo o que eu fiz foi salvar meu próprio rabo quatro ou cinco vezes. E pegar você depois de um pouso infernal. Se as ondas continuarem levando a gente para o sul, devemos chegar à praia daqui a alguns quilômetros, mas, sem remos para manter o controle, pode ser difícil sair da água.

As ondas fizeram sua parte, levando o barquinho para o sul numa velocidade apavorante, e quando a praia finalmente surgiu, a chegada deles foi tão violenta quanto Locke havia suposto. O Amatel jogou-os contra a areia vulcânica preta como um monstro vomitando

um brinquedo que não era mais interessante.

5

A ESTRADA LITORÂNEA A OESTE de Lashane chamava-se Via das Areias Negras e era um local solitário para viajar naquela manhã de outono batida pelo vento. Uma carruagem puxada por oito cavalos chacoalhava sobre as pedras centenárias levantando cascalho molhado em vez das nuvens de poeira mais comuns em estações secas.

O serviço de carruagens seguras vindas de Salon Corbeau e pontos mais ao sul era destinado a viajantes ricos incapazes de pensar em pôr os pés a bordo de um navio. Com portas reforçadas com ferro, janelas com postigos e trancas internas, o veículo era uma pequena fortaleza para passageiros com medo de salteadores.

O cocheiro usava um gibão blindado, assim como o guarda sentado junto dele no topo da carruagem, aninhando uma balestra que parecia capaz de abrir um buraco do tamanho de uma porta de templo em qualquer coisa contra a qual fosse disparada.

– Ei, vocês aí! – gritou um homem magro perto da estrada. Ele usava uma capa impermeável jogada sobre os ombros e havia um homem maior caído no chão ao lado dele. – Ajudem-nos, por favor!

Normalmente o cocheiro teria chicoteado os cavalos e passado a toda velocidade por qualquer um que tentasse pará-los, mas nada daquilo se assemelhava a uma emboscada. O terreno era plano por centenas de metros ao redor, logo, se aqueles homens eram iscas, seus aliados não poderiam estar num raio de 800 metros. E seu aspecto parecia genuinamente precário: sem armaduras, sem armas, sem nada da bravata dos bandoleiros de fato. O cocheiro puxou as rédeas.

– O que você acha que está fazendo? – perguntou o homem da balestra.

– Não es quente. Você está aqui para vigiar minhas costas, não é?
O que aconteceu, estranho?

– Naufrágio! – gritou o homem magro. Ele estava desalinhado, tinha estatura mediana, com cabelo castanho-claro puxado de forma frouxa para trás. – Ontem à noite. Fomos jogados em terra.

– Que navio?

– *Resolução de Volantyne*, vindo de Kartane.

– Seu amigo está ferido?

– Ele apagou. Vocês vão para Lashane?

– É, 40 quilômetros por terra. Vamos chegar amanhã. O que vocês gostariam de nós?

– Carregue-nos, nos cavalos ou na prancha traseira. O sindicato do nosso patrão tem um agente de navegação em Lashane. Ele pode pagar pelo incômodo de vocês.

– Cocheiro – disse uma voz ríspida e esganiçada dentro da carruagem –, não é meu negócio resgatar quem é insensato a ponto de encarar o desastre em pleno Amatel. Reze pela saúde deles se for preciso, mas vá em frente.

– Senhor – retrucou o cocheiro –, o sujeito que está no chão parece mal. O nariz dele está roxo feito uva.

– Não é da minha conta.

– Existem certas regras sobre como nos comportamos na estrada, senhor, e lamento ter que recusar sua ordem, mas logo estaremos de novo a caminho.

– Não vou pagar para alimentá-los! E não vou pagar pelo tempo que estamos perdendo sentados aqui!

– Desculpe de novo, senhor. Isso tem que ser feito.

– Está tudo bem – falou o guarda com um suspiro. – Esses sujeitos não são salteadores.

O cocheiro e o guarda desceram e foram até onde Locke estava, junto de Jean.

– Se vocês me ajudarem a colocá-lo de pé – disse Locke ao

guarda –, podemos tentar acordá-lo.

– Perdão, estranho, é idiotice pousar no chão uma arma carregada. Ela pode facilmente disparar por acidente. Basta um cutucão com um passo em falso...

– Bom, é só apontá-la para longe de nós – murmurou o cocheiro.

– Está bêbado? Uma vez, em Tamalek, eu vi um sujeito colocar uma besta no chão só por...

– Tenho certeza de que você está certo – interrompeu o cocheiro, irritado. – Nunca, jamais, ponha essa arma no chão enquanto você viver. Você pode acidentalmente acertar um sujeito em Tamalek.

O guarda gaguejou, suspirou e, com cuidado, apontou a arma para um trecho de areia na beira da estrada. Houve um estalo alto, chapado, e o quarelo se cravou bem fundo no chão.

Assim, tudo estava feito. Jean voltou milagrosamente à vida e, com alguns golpes rápidos dos punhos, convenceu, com eloquência, os dois guardas a se deitarem e ficarem inconscientes por um tempo.

– Eu lamento mesmo, *de verdade* – disse Locke. – E vocês deveriam saber que não agimos assim normalmente.

– Bom, e agora, seus corações molengas? – gritou o homem dentro da carruagem. – Vocês sabem das coisas, não é? Se tivessem alguns miolos, estariam dentro de uma dessas coisas, e não guiando-as!

– Eles não podem ouvi-lo – respondeu Locke.

– Bandidos! Filhos da imundície! Desgraçados sem mãe! – O homem dentro da carruagem gargalhou. – Mas, para mim, tanto faz. Vocês não podem invadir isto aqui. Roubem o que quiserem dos meus contratados covardes, *senhores*, mas não terão nada meu!

– Deuses do céu! – exclamou Locke. – Escute, sua porra de fuinha sem coração. Sua fortaleza tem rodas. A cerca de um quilômetro, a leste daqui, há penhascos acima do Amatel. Vamos

desatrelar a carruagem lá e empurrá-la pela borda.

– Não acredito em você!

– Então é melhor treinar voo. – Locke saltou no banco do cocheiro e pegou as rédeas. – Venha, vamos levar o merdinha para a viagem mais curta da vida dele.

Jean subiu ao lado de Locke, que instigou os cavalos bem treinados e a carruagem começou a andar.

– Ei, esperem um minuto! – berrou o passageiro, subitamente relutante. – Pare, pare, pare!

Locke deixou-o gritar durante uns 100 metros antes de diminuir a velocidade dos cavalos.

– Se quer viver, abra a...

A porta se abriu com um estrondo. O homem que saiu teria uns 60 anos, era baixo e de barriga oval, com olhos de coelho assustado. O chapéu e a camisola eram de seda carmim, cravejados de botões de ouro. Locke saltou no chão e olhou-o, furioso.

– Tire essa coisa ridícula – rosnou.

O homem se despiu rapidamente até ficar com a roupa de baixo. Locke agarrou suas vestes finas, que fediam a suor, e jogou-as na carruagem.

– Onde estão a comida e a água?

O homem apontou para um compartimento na parte exterior traseira da carruagem, logo acima da prancha. Locke abriu-a, escolheu algumas coisas para si mesmo e jogou parte dos pacotes de ração bem embrulhada na terra ao lado da via.

– Vá acordar seus amigos e desfrute da caminhada – disse Locke enquanto subia de novo ao lado de Jean. – Não deve demorar mais de um dia até chegarem aos povoados nos arredores de Lashane. Ou talvez alguém apareça e sinta pena de vocês.

– Seus desgraçados! – gritou o homem sem camisola e sem carruagem. – Ladrões desgraçados! Vão ser enforcados por isso! Eu garanto!

– É uma possibilidade remota. Mas sabe o que é certo? Para a próxima fogueira que eu precisar fazer, vou usar suas roupas, seu escroto.

Locke deu um aceno alegre e, depois, a carruagem blindada foi ganhando velocidade na estrada, mas não para Lashane e, sim, para Kartane, dando a longa volta ao redor do Amatel.

I N T E R L Ú D I O

Aurin e Amadine

1

– POR QUE, COM TODOS OS DIABOS, vocês aceitam esse abuso? – perguntou Jean, sentado ao lado de Jenora, tomando café no segundo dia depois da chegada dos Nobres Vigaristas a Espara. – Lidar com Moncraine, as dívidas, as besteiras...

– Nós, que restamos, somos acionistas. Temos participação na propriedade comum e nos lucros, quando eles aparecerem por milagre. Alguns de nós economizamos durante anos para fazer esse investimento. Se abandonarmos Moncraine, estaremos abrindo mão de tudo.

– Ah.

– Olhe o Alondo. Ele teve uma noite fantástica no jogo de cartas e usou os ganhos para comprar uma parte da trupe. Isso foi há três anos. Na época estávamos fazendo *Os dez vira-casacas honestos*, *Mil espadas por Terim Pel* e *O Baile dos Assassinos*. Uma dúzia de produções inteiras por ano, bailes de máscaras para a condessa

Antônia, peças em festivais, turnês pelo oeste, onde o terreno não é um ermo amaldiçoado como o espaço entre aqui e Camorr. Quero dizer, nós tínhamos *perspectivas*; não estávamos malucos.

– Eu não disse que estavam.

– Foram principalmente os atores contratados e os de período curto que evaporaram. Eles não têm âncoras, a não ser o pagamento semanal, e podem ganhar isso com o Basanti. Diabos, eles aceitariam menos dele, porque pelo menos haveria trabalho certo.

– O que aconteceu?

– Não sei – respondeu Jenora, olhando para a caneca como se ela pudesse guardar novas respostas. – Acho que às vezes simplesmente baixa uma escuridão sobre a pessoa. Você *espera* que isso vá embora.

– Quer dizer, sobre o Moncraïne.

– Se você pudesse vê-lo naquela época, acho que entenderia. Você sabe sobre os Quarenta Cadáveres?

– Ahn... se disser que não, eu viro o quadragésimo primeiro?

– Se eu matasse gente, quatro-olhos, Moncraïne não viveria o suficiente para ser preso. Chamamos de Quarenta Cadáveres as quarenta peças famosas que sobreviveram à queda do império. As grandes, escritas pelos famosos do Trono Terim... Lucarno, Viscora, aquela turma.

– Ah.

– São chamadas de cadáveres porque não mudaram mesmo depois de quatro ou cinco séculos. Quero dizer, nós amamos a maioria, mas elas vão *mofando* um pouco. São recitadas como rituais de templo, secos e sem vida. Só que, quando Moncraïne estava ativo, quando Moncraïne era bom, ele fazia os cadáveres *pularem fora das sepulturas*. Era como se ele fosse uma fagulha e toda a trupe pegasse fogo com ela. Depois que se vê isso e se faz parte disso... Vou lhe dizer, Jovanno, você aceitaria praticamente

qualquer coisa só para ter tudo de novo.

– Retornei do exílio ao qual meu orgulho me condenou! – trovejou uma voz na porta da estalagem.

– Ah, pelos deuses abaixo, vocês conseguiram mesmo! – exclamou Jenora, saltando da cadeira.

Um homem entrou no salão comunitário, um grande syrestí escuro com roupas sujas, e gritou ao vê-la:

– Jenora, minha visão sombria, eu sabia que poderia...

O que quer que ele soubesse foi perdido quando a palma aberta de Jenora acertou sua bochecha. Jean piscou; o braço dela fora apenas um borrão castanho-claro. Ele fez uma anotação mental de que Jenora era rápida quando estava com raiva.

– Jasmer – berrou ela –, seu *porra* idiota, teimoso, bêbado, com cérebro de banha! Você quase arruinou a gente! Não foi a porcaria do seu orgulho que o colocou na cadeia, foram seus punhos!

– Paz, Jenora – murmurou Moncraïne. – Ai. Eu estava meio que citando a fala de uma peça.

– *Aiiiiiaahhhhhh!* – berrou a Sra. Gloriano enquanto saía correndo de uma passagem lateral. – Não acredito! Os camorris tiraram você! E é mais do que você merece, seu desgraçado imundo! Seu bêbado syrestí imundo!

– Tudo bem, titia, eu já bati nele por nós duas – avisou Jenora.

– Ah, pelos gatinhos famintos do inferno – murmurou Sylvanus, entrando atrás da estalajadeira. Seus olhos injetados e o cabelo bagunçado do sono lhe davam a aparência de alguém apanhado num vendaval. – Vejo que os guardas da Torre do Lamento podem ser subornados, afinal.

– Bom dia para você também, Andrassus – disse Moncraïne. – As reentrâncias profundas do meu coração se aquecem ao ouvir tantas explicações possíveis para minha libertação, *menos* o pensamento de que eu poderia ser inocente.

– Você é tão inocente quanto convencemos Boulidazi a fingir que

– você é – falou Sabeta, entrando da rua.

Ela e Locke haviam saído naquela manhã cedo para esperar junto à Torre do Lamento, prontos para agarrar Moncraïne assim que ele fosse solto, depois do comparecimento ao tribunal.

– Ele disse algumas coisas inesperadas e bonitas – admitiu Moncraïne.

– Você vai organizar a reunião ou eu devo fazer isso? – perguntou Sabeta.

– Eu posso dar a notícia, garot... Verena. Muito obrigado. – Moncraïne pigarreou. – Um momento do seu tempo, damas e cavalheiros da Companhia Moncraïne. E você também, Andrassus. E nossa... é... benfeitora e credora paciente, a Sra. Gloriano. Há... algumas mudanças vindo por aí.

– Doces deuses! – exclamou Sylvanus. – Seu canalha com pele de carvão, que arruína a vida dos outros, está sugerindo mesmo que um emprego com ganhos vai pôr as mãos em volta do nosso pescoço de novo?

– Sylvanus, eu adoro você, como adoro meu sangue syrestí, mas feche esse buraco de biritá babão. Sim, Espara terá sua produção da *República de ladrões* pela Companhia Moncraïne.

Sabeta tossiu.

– Mas sou compelido a aceitar alguns arranjos – continuou Moncraïne. – Lorde Boulidazi concordou em reconsiderar minha... é... minha recusa à sua oferta de patrocínio. Assim que Salvard estiver com os papéis prontos, nós seremos a Companhia Moncraïne-Boulidazi.

– Um patrono – disse, incrédula, a Sra. Gloriano. – Isso quer dizer que podemos receber pagamento pelo nosso...

– Sim – respondeu Locke, vindo do pátio da estalagem com várias bolsas nas mãos. – E aqui está o seu.

– Pelas partes privadas de Gandolo, garoto! – Ela pegou a sacola tilintante que Locke jogou. – Simplesmente não acredito.

– Sua casa de contabilidade vai acreditar – replicou Locke. – São 12 régios para saldar a dívida com a senhora. Lorde Boulidazi está comprando as dívidas de mestre Moncraine para aliviá-lo do sofrimento trazido por elas.

– Para enrolar uma corda nas minhas pernas e me fazer voar feito uma pipa – disse Moncraine com os dentes trincados.

– Para impedir que você seja esfaqueado na porcaria de um beco! – corrigiu Sabeta.

– Não que isso não seja milagroso – falou Jenora –, mas aqueles de nós com participação na companhia têm precedência sobre qualquer arranjo proposto por Boulidazi. Nobres ou não, nós temos documentos nos quais ele não pode simplesmente mijar em cima.

– Sei disso – retrucou Locke. – Não estamos aqui para tirar a participação de vocês. Boulidazi está dando a Moncraine as verbas necessárias como adiantamento para a futura parte de Moncraine nos lucros da companhia. Os interesses de vocês estão protegidos.

– Pode ser, mas, se esta companhia vai voltar a fazer pagamentos, quero outra pessoa de olho nos livros. Sem ofensa, Jasmer, mas coisas estranhas podem acontecer com os lucros antes de eles chegarem aos acionistas.

– Jovanno é que é bom com números – sugeriu Locke. – Ele é um gênio.

– Ei, obrigado por me oferecer – falou Jean. – Eu estava imaginando quando poderia parar de fazer coisas interessantes e me enterrar nos livros de contabilidade.

– Eu falei isso como um elogio! Além do mais, se tivesse chance, você confiaria em mim ou nos Asinos...

– Maldição – resmungou Jean. – Eu cuido dos livros.

– Mestre Moncraine, este, por sinal, é meu primo, Jovanno de Barra.

– O terceiro dos camorris misteriosos – comentou Moncraine. – E onde estão o quarto e o quinto?

– Os irmãos Asinos ainda estão dormindo – respondeu Jean. – E, quando acordarem, acho que terão uma ressaca. Eles cruzaram garrafas com aquela *coisa*. – Ele indicou Sylvanus. – Fiz todo o possível para mantê-los vivos.

– Bom, então, vamos ser misericordiosos. Quero um banho e roupas limpas. Alguém cace o Alondo e teremos uma reunião de verdade sobre a peça depois do almoço. Que tal?

– Moncraïne!

A porta da rua se abriu com estrondo, chutada por um homem de aparência desagradável. Suas roupas caras estavam manchadas de vinho, molhos e agourentos borrões escuros que não tinham nada a ver com comida. Meia dúzia de homens e mulheres o acompanharam para dentro da sala; obviamente eram exemplares variados de brutamontes. As Pessoas Certas de Espara estavam em cena.

– Ah, bom dia, Pastor. Posso lhe oferecer algo para beber...

– Moncraïne – replicou o homem –, seu saco de couro seco de boceta de putas! Você parou numa casa de contabilidade depois de escapar da Torre do Lamento?

– Não tive tempo. Mas...

– Num determinado ponto, Moncraïne, os juroz compostos se tornam menos interessantes para o meu chefe do que enfiar você no cu de um cavalo morto e afundá-lo na porra de um *pântano*.

– Com licença – disse Locke humildemente.

– Ah, desculpe, não percebi que esta é a semana do Festival Infantil. Está querendo um chute na bunda ou o quê?

– Posso perguntar qual é a dívida de mestre Moncraïne com seu chefe?

– São 18 régios, 4 quintos, 36 copins, exatos até esta hora.

– Foi o que pensei. Há 19 nesta bolsa – informou Locke, estendendo uma bolsa de couro. – Do Moncraïne, claro. Ele gosta de fazer esse tipo de coisa, o senhor sabe. Para causar efeito

dramático.

– Isso é a porra de uma piada?

– Dezenove régios. Sem piada.

Pastor abriu a bolsa, passou os dedos pelas moedas e soltou um grunhido espantado.

– Dias estranhos caem sobre nós. – Ele fechou a bolsa rapidamente. – Sinais e maravilhas. Jasmer Moncraïne pagou uma dívida. Esta noite vou fazer as porras das minhas orações, vou mesmo.

– Estamos quites? – perguntou Moncraïne.

– Quites? É, *essa* questão está encerrada. Mas não venha se arrastando e pedindo mais, Moncraïne. Pelo menos durante alguns meses. Deixe o chefe esquecer que degenerado cancro de cu você é.

– Claro. Exatamente como você diz.

– Claro, se você tivesse algum cérebro, jamais se arriscaria a me ver de novo.

Pastor esboçou uma saudação, virou-se e partiu com seu grupo de capangas, a maioria dos quais pareceu desapontada.

– Uma palavrinha – disse Moncraïne, levando Locke para um canto da sala. – Apesar de eu estar satisfeito como um bebê num seio por ter sido aliviado desse peso, começo a me perguntar se não serei nada além de uma testemunha muda nos meus negócios daqui em diante.

– Se *você* fizesse as coisas do seu jeito, começaria sua sentença na prisão hoje. Você não pode nos culpar porque queremos mantê-lo fora de mais encrencas.

– Não fico satisfeito em ser tratado como se não pudesse administrar um negócio simples. Me dê as bolsas que ainda restam e eu pagarei minhas próprias dívidas.

– O alfaiate, o sapateiro, o escriba e os atores que partiram para a companhia Basanti? Nós mesmos podemos localizá-los, obrigado.

– As contas não são suas para você saldar, garoto!

- E este dinheiro não é seu para você segurar.
- Jasmer – falou Sabeta, vindo por trás deles com Jean –, eu odiaria pensar que você está tentando acuar e intimidar um de nós em particular.
- Estávamos apenas discutindo como eu poderia assumir a responsabilidade por minhas próprias falhas – respondeu Moncraïne.
- Você pode cumprir com sua parte no trato e se lembrar de quem o tirou da Torre do Lamento e trouxe nosso novo patrono. Seu trabalho é nos dar uma peça. Quanto a isso, somos seus súditos, mas, em termos de sua segurança, você é *nosso*.
- Ah, estou me sentindo envolto no próprio seio do amor!
- Só tente não estragar mais nada. Não vai ser uma vida tão difícil.
- Então vou tomar o meu banho. Vocês três querem olhar, para garantir que não vou me afogar?
- Se você se afogasse – disse Locke –, nunca teria a satisfação de nos dar ordens no palco.
- É verdade. – Moncraïne coçou sua barba crescida e grisalha. – Vejo vocês depois do almoço, então. Ah, já que estas são questões relativas à peça... Lucaza, pegue uma dúzia de cadeiras do salão comunitário e coloque-as no pátio. Verena, dê uma olhada no acervo e encontre todos os exemplares de *República de ladrões* que temos. Jenora pode lhe dar uma mão.
- Claro – respondeu Sabeta.
- Ótimo. Agora, se precisarem de mim para mais algum negócio, estarei no meu quarto, pelado.

2

LOGO ANTES DO MEIO-DIA, O sol passou atrás de uma grossa camada de nuvens e o calor capaz de cozinhar o cérebro se suavizou até se tornar preguiçoso e mais suportável. A lama do pátio, local

anterior de descanso do muito bêbado Sylvanus, havia secado até formar uma crosta macia sob os pés da empolgada e perplexa Companhia Moncraïne-Boulidazi.

Todos os cinco Nobres Vigaristas tinham cadeiras, mas Calo e Galdo, com manchas escuras sob os olhos, recusaram-se peremptoriamente a sentar-se juntos, por isso Locke, Jean e Sabeta estavam entre os dois.

Alondo folheou preguiçosamente uma cópia rasgada e manchada de *República de ladrões*. Cada volume na pequena pilha de textos encontrada por Sabeta era de tamanho diferente e não havia duas cópias com a mesma letra. Algumas tinham a inscrição COMPANHIA MONCRAÏNE OU COPIADO PARA J. MONCRAÏNE, ao passo que outras eram expropriedades de trupes diversas. Uma delas tinha até mesmo a inscrição BASANTI na contracapa.

Sylvanus, sóbrio, ou pelo menos sem beber naquele momento, estava sentado junto de Jenora. O primo de Alondo estava encostado numa parede com os braços cruzados.

Então essa era a totalidade da companhia. Locke suspirou.

– Olá de novo. – Moncraïne surgiu, parecendo quase respeitável com um gibão cinza acolchoado e calções pretos. – Agora vamos descobrir juntos quais entidades poderosas da história estão sentadas conosco e quais teremos que implorar, pegar emprestadas ou roubar. *Você!*

– Eu, senhor? – perguntou o primo de Alondo.

– É. Quem é você, por todos os infernos? É um camorri?

– Ah, deuses do céu, não, senhor. Sou primo do Alondo.

– Tem nome?

– Djumein Kurlin. Todo mundo me chama de Jumento.

– Que porra de azar. Você é ator?

– Não, senhor, sou cavaliário.

– Por que está espionando a reunião da minha companhia desse jeito?

– Só quero ser morto no palco, senhor.

– Foda-se o palco. Venha cá e eu concedo seu desejo agora mesmo.

– Ele quer dizer – interveio Jean – que nós prometemos um papel pequeno para ele em troca de ter nos ajudado a vender alguns cavalos.

– Ah – disse Moncraïne. – Um *entusiasta*. Eu ficaria muito satisfeito em ajudá-lo a morrer no palco. Fique do meu lado bom e isso pode até ser só de mentirinha.

– Ah, obrigado, senhor.

– Agora precisamos de um *Aurin*. Aurin é um jovem de Terim Pel, basicamente de bom coração, inseguro. Além disso, é filho único e herdeiro do imperador. Parece que temos uma sobra de rapazes, portanto vocês podem lutar pelo papel nos próximos dias. E precisamos de uma Amadine...

– Ei – cortou Calo. – Desculpe interromper. Eu estava pensando, antes de todos sermos medidos para os enchimentos nas braguilhas ou sei lá o quê, onde diabos vamos apresentar essa peça? Ouvi dizer que o tal de Basanti tem um teatro. O que nós temos?

– Você é um dos Asinos, certo? – perguntou Moncraïne.

– Giacomo Asino.

– Bom, sendo de Camorr, Giacomo, você provavelmente não ouviu falar do Pérola Antiga. É um teatro público, construído por um conde...

– Poldaris, o Justo – murmurou Sylvanus.

– Construído por Poldaris, o Justo, como legado perpétuo ao povo de Epara. Um grande anfiteatro de pedra, com cerca de duzentos anos.

– Cento e oitenta e oito – esclareceu Sylvanus.

– Perdão, Sylvanus, diferentemente de você, eu não estava aqui. Portanto, Giacomo, nós podemos usá-lo desde que paguemos uma pequena quantia à ministra de cerimônias da condessa.

– Se é um lugar tão bom, por que Basanti construiu o dele?

– O Pérola Antiga é perfeitamente adequado. Basanti construiu um para lisonjear seu amor-próprio, não para engordar a carteira.

– Porque os empresários gostam de gastar muito dinheiro para substituir estruturas perfeitamente adequadas que eles podem usar em troca de quase nada, certo?

– Olhe, garoto, não importaria se o novo teatro de Basanti transformasse cocô de cachorro em platina e se pôr os pés dentro do Pérola Antiga causasse lepra nas pessoas. O que há é o Pérola Antiga. Não há tempo nem dinheiro para nada além disso.

– Ele causa? – perguntou Calo. – Quero dizer, causa lepra nas pessoas?

– Vá lambar o palco e descubra. Agora vamos falar sobre Amadine. Amadine é uma ladra num tempo de paz e abundância. Os bandidos se multiplicaram nas antigas catacumbas embaixo de Terim Pel. Eles zombam dos costumes das pessoas importantes, do imperador e seus nobres. Alguns até chamam seu mundinho de república. Amadine é a líder deles.

– Você deveria ser a nossa Amadine, Jasmer – disse Sylvanus. – Pense nas saias lindas que Jenora poderia fazer para você!

– Verena é a nossa Amadine. Há certa deficiência de seios na companhia e, ainda que os seus possam ser maiores do que os dela, Sylvanus, duvido que muitas pessoas paguem para vê-los. Não, já que nossa antiga Amadine nos abandonou... ela vai servir.

Sabeta assentiu ligeiramente, satisfeita.

– Agora todo mundo pegue um texto com as falas. Mantenham-nas à mão para consulta. Uma trupe aprende uma peça como todos nós aprendemos a trepar, cambaleando e se sacudindo até que tudo enfim chegue ao lugar certo.

Locke sentiu as bochechas esquentarem um pouco, apesar de o sol ainda estar escondido pela parede alta de nuvens de verão.

– Bom, Aurin se apaixona por Amadine, eles têm um monte de

problemas, tudo é muito *romântico* e *trágico* e a plateia nos dá muito dinheiro para assistir. Mas, para chegar lá, precisamos afiar muito bem as coisas... cortar um pouco de peso morto do texto. Mais tarde indicarei os cortes integrais a vocês, mas, por enquanto, acho que podemos descartar todas as partes onde está o cortesão Marolus. E também Avúnculo e Tremedeira, os ladrões cômicos, com certeza.

– É, com certeza – disse Sylvanus. – E que decisão ousada, já que os nossos Marolus, Avúnculo e Tremedeira correram para o outro lado da cidade, atrás do dinheiro de Basanti, quando você assumiu o novo passatempo de lesa-majestade.

– Obrigado, Andrassus. Você terá muitas semanas para desmerecer cada escolha minha; não se desgaste numa tarde. Agora você, Asino...

– Castellano – completou Galdo, bocejando.

– Castellano. Levante-se. Espere, você sabe ler, não é? Todos vocês sabem *ler*, presumo.

– Ler é quando a gente desenha imagens com giz ou quando a gente bate com um pau num tambor? – perguntou Galdo. – Eu me confundo.

– A primeira coisa que acontece – falou Moncraïne com um muxoxo –, o primeiro personagem que a plateia conhece, é o Coro. O Coro surge... Diga as falas dele, Castellano.

– Hum... – murmurou Galdo, olhando seu caderninho.

– Qual é a *porra* do seu problema, garoto? – gritou Moncraïne. – Quem diz “hum” quando tem o texto nas mãos? Se você disser “hum” diante de quinhentas pessoas, garanto que alguma vaca suja e cheia de vinho nos lugares mais baratos vai jogar alguma coisa em você. Eles aproveitam qualquer deixa.

– Desculpe – disse Galdo. Em seguida, pigarreou e leu:

“Vocês, que nos veem com seus olhos, veem errado,

E não escutam nada de verdadeiro, mesmo forçando os ouvidos.
Que ladrões espantosos são esses sentidos, sussurrando:
Este palco é madeira, estes homens são poeira...
E são poeira seus feitos, tantos séculos passados.”

– Não – falou Jasmer.

– Como assim, “não”?

– Você está recitando, e não discursando. O Coro é um personagem. O Coro, em sua mente, é de carne e sangue. Ele não está lendo frases num caderninho. Está numa missão.

– Se você diz...

– Sente-se – ordenou Moncraïne. – O outro Asino, levante-se. Você pode fazer melhor do que o seu irmão?

– Apenas pergunte às garotas com quem ele esteve – respondeu Calo.

– Dê-nos um Coro.

Calo ficou de pé, empertigou-se, estufou o peito e começou a ler alto, com clareza, enfatizando palavras que Galdo deixara soar chapadas:

“Vocês, que nos veem com seus olhos, veem *errado*,
E não escutam *nada de verdadeiro*, mesmo forçando os ouvidos.
Que *ladrões espantosos* são esses sentidos, sussurrando...”

– Basta – disse Jasmer. – Melhor. Você está dando ritmo, enfatizando as palavras certas, discursando com alguma competência. Mas ainda está só recitando as palavras como se fossem um ritual num livro.

– Elas são apenas palavras num livro – reagiu Calo.

– São as palavras de um homem! São as palavras de um *homem*. E não uma fórmula chata. Ponha *carne e osso* por trás delas, caso contrário por que alguém pagaria para ver no palco o que poderiam

ler em voz baixa, sozinhos?

– Porque não sabem ler porra nenhuma? – perguntou Galdo.

– Levante-se de novo, Castellano. Não, não, Giacomo, não se sente. Quero os dois para isso. Vou mostrar meu argumento, de modo que até mesmo uns imbecis camorris possam entender. Castellano, vá até seu irmão. Continue segurando o texto. Você está com *raiva* do seu irmão, Castellano! Com raiva do jumento que ele é. Ele não entende essas falas. Por isso você vai mostrar agora a ele! – Moncraine acrescentou, levantando a voz: – Corrija-o! Represente como se ele fosse um IDIOTA!

– Vocês, que nos veem com seus *olhos*, veem *errado*! – exclamou Galdo. Em seguida fez um gesto desdenhoso junto ao próprio rosto, com a mão livre, e deu dois passos ameaçadores para mais perto de Calo. – E não escutam nada de verdadeiro, mesmo forçando os *ouvidos*!

Ele estendeu a mão e deu um peteleco numa orelha de Calo. O gêmeo de cabelos compridos se encolheu e Galdo se moveu agressivamente para ele outra vez.

– Que *ladrões espantosos* são esses sentidos, *sussurrando* – prosseguiu Galdo, quase sibilando com desdém – este palco é madeira, estes homens são poeira, e são poeira seus feitos e tantos... poeira seus peitos... ah, merda, me perdi, desculpe.

– Tudo bem – assegurou Moncraine. – Você conseguiu alguma coisa aí, não foi?

– Foi divertido – concordou Galdo. – Acho que entendi.

– As palavras são mortas até você lhes dar um *contexto*. Até que você ponha um personagem por trás delas e lhe dê motivo para dizê-las de certo modo.

– Posso dar o troco, como se ele é que fosse o idiota? – perguntou Calo.

– Não. Já provei meu argumento. Vocês, camorris, têm certa postura e inventividade. Só preciso acordá-los para usar isso da

forma certa. Agora, o que o nosso Coro está fazendo aqui?

– Está implorando – respondeu Jean.

– *Implorando*. É. Exatamente. A primeira coisa é o Coro vindo implorar à plateia. A plateia quente, suada, bêbada e cética. *Escutem*, suas porras de cães vadios e inúteis! Olhem, há uma *peça* acontecendo, bem na frente de vocês! Calem a boca e deem a atenção que ela merece!

Moncraïne mudou a voz e a postura num instante. Sem nem olhar para o texto, disse:

“Que *ladrões espantosos* são esses pobres sentidos, sussurrando:

Este palco é madeira, estes homens são poeira...

E são poeira seus feitos, tantos séculos passados.

Para nós não são.

Vejam *agora*, e conjurem com vigor

Um império *feliz*! Que seus inimigos durmam em ruínas de ambições frias

E aceitem como lei o menor capricho do conquistador *Salerius*

Segundo desse nome e o mais *imperial* a usá-lo!

Cuja juventude foi passada em marchas exaustivas e disciplina férrea,

Quando encontrou os mais orgulhosos vizinhos de seu império...

Tendo como corte os campos pisoteados, espadas rubras como embaixadores,

E deu, a cada um deles, sua atenção mais humilde.

Agora, todos que não se curvam têm os pés cortados

para mais facilmente se ajoelharem.”

Moncraïne pigarreou.

– Pronto. Fiz meu pedido. Assumi o comando, fechei aquelas bocas abertas, virei aqueles olhos penetrantes na direção do palco. Sou parteira de maravilhas. Com a atenção deles roubada, dou-lhes

história. Voltamos ao tempo do Trono Terim, de Salerius II. Um imperador que saiu e chutou alguns traseiros. Assim como faremos, talvez com exceção do Sylvanus.

Sylvanus se levantou e jogou de lado sua cópia do texto. Jenora conseguiu pegá-la antes que ela caísse no chão.

– Você se chama de Coro – disse ele. – Você tem a presença de um peido de camundongo num vendaval. Fique de lado e tente não pegar fogo se eu soltar fagulhas de gênio.

Se ficara impressionado com a mudança na postura de Moncraine, Locke se espantou com a mudança em Sylvanus. O jeito perpetuamente azedo, desfocado e alcoolizado do velho desapareceu e, sem aviso, ele estava falando com clareza, de modo convidativo, fascinante:

“Da guerra travada longe vem a paz bem vivida,
E, agora, vinte anos de intervalo abençoado puseram
Uma última coroa de louros sobre a testa do bravo e merecedor
Salerius!

Porém, essa paz é pesada para seu único filho e herdeiro.
Onde um dia o leão rugiu, agora se esvai o levíssimo eco dos
tempos de guerra,

Todos os olhos se voltam para o filhote, e todos os homens
esperam

testemunhar a fúria e a majestade
que deve brotar de tão portentosa paternidade!
Infelizmente o pai, ao não poupar os inimigos da juventude,
Não deixou ao filho qualquer herança de inimigos.
Cidadãos, amigos, humildes e imperiais...
Deem-nos agora a preciosa indulgência,
vejam para além deste frágil artífice!
Que os corações dispostos governem olhos e ouvidos preguiçosos
E deste palco façam o império;

Da poeira de uma era desfeita ouçam palavras vivas,
no hausto de homens vivos!
Desafiem as limitações de nosso pobre fingimento,
E conosco, juntos, imaginem e acolham
a história de Aurin, filho e herdeiro do velho Salerius.
E, se é verdade que a tristeza é a semente da sabedoria,
Vejam agora por que jamais um homem mais sábio tornou-se
imperador.”

– Bem lembrado, devo admitir – disse Moncraine. – Mas, afinal de contas, qualquer coisa com mais do que três versos é bem lembrada para você.

– Está tão fresco na minha mente quanto na última vez que fizemos – retrucou Sylvanus. – Há quinze anos.

– Você e eu faríamos um ótimo Coro. – Moncraine suspirou. – Mas precisamos de um Salerius e de um mago para aconselhá-lo e fazer todas as partes ameaçadoras, ou então a trama se estraga.

– Eu serei o Coro! – exclamou Galdo. – Posso fazer isso. Acordar todo mundo no início, depois ficar sentado e assistir a vocês na peça. Parece um trabalho extremamente bom.

– O diabo que você vai fazer – reagiu Calo. – Você, com essa cabeça careca, parece o cacete de um abutre. Esse serviço exige alguma elegância.

– Você, que está para levar uma *porrada*, vê errado!

– Calem a boca, idiotas. – Moncraine olhou irritado para os gêmeos até eles se sentarem. – Seria vantajoso deixarmos Sylvanus e eu livres para outros papéis, portanto, sim, um de vocês pode ser o Coro. Mas não vão ter vida fácil; os dois vão aprender o papel e lutar para ver quem é melhor. Não preciso tomar a decisão final tão cedo.

– E o que o perdedor ganha? – perguntou Calo.

– O perdedor vai ser o substituto do vencedor, caso este seja

levado embora por cães selvagens. E não se preocupem: haverá outros papéis. Agora vamos nos levantar e colocar Alondo e nossos outros camorris para fazer alguns exercícios, e veremos quais são seus supostos pontos fortes.

3

O SOL SEGUIU SEU CAMINHO, E AS NUVENS, os delas. Antes que outra hora se passasse, o pátio estava de novo sob a luz e o calor plenos do dia. Moncraine pôs um chapéu de aba larga, mas, fora isso, não parecia se incomodar com a temperatura. Sylvanus e Jenora se agarravam às paredes da estalagem, ao passo que Sabeta e os rapazes entravam e saíam do lugar coberto à medida que precisavam encenar.

– Nosso jovem príncipe Aurin vive à sombra do pai – disse Moncraine.

– Então ele provavelmente se sente feliz por estar fora da porcaria do sol! – exclamou Galdo, ofegando.

– Não há glória a ser obtida, porque Salerius II já se apropriou de toda ela – continuou Moncraine. – Nenhuma guerra a ser travada, nenhuma terra a reivindicar, e ainda falta um ou dois imperadores antes que os vadrãs comecem a criar confusão no norte. Como se isso já não fosse ruim o bastante, Aurin tem um melhor amigo chamado Ferrin, que é ainda mais ávido por glória e não cala a boca sobre isso. Vamos fazer... Ato um, cena dois. Alondo, você faz o Aurin e vejamos o Jovanno fazer o Ferrin.

Alondo se recostou preguiçosamente numa cadeira. Jean se aproximou dele, lendo seu texto:

“O que é isso, preguiçoso filhote de leão?

As areias da manhã já correram por metade da ampulheta!

Não há nada em sua cama que valha esse fascínio.

O sol governa o céu, seu pai governa o reino,
E você governa um aposento de dez passos por dez!”

Alondo riu e respondeu:

“Por que ser filho de imperador, se preciso me levantar
como se fosse ceifar os campos?

Qual o lucro, então, da minha ancestralidade?

Que homem vivo, mais do que eu,
tem o direito a reivindicar o ócio?”

– Ele lhe *deu* o ócio – disse Jean. – Tendo-o arrancado como
uma carne malpassada dos ossos dos inimigos.

– Chega – interrompeu Moncraine. – Menos *recitação*, Jovanno.
Menos *fórmula*.

– Ah, claro – falou Jean, obviamente sem graça. – Como você
quiser.

– Alondo, faça o Ferrin. Lucaza, vejamos o que você faz com o
Aurin.

Locke precisou admitir que, dos cinco, Jean era o que estava
menos à vontade. Apesar de sempre ter se mostrado disposto a
representar um papel em qualquer trama criminosa que o exigisse,
não costumava ousar tanto quanto Locke, Sabeta ou mesmo os
Sanzas. Jean era um consumado “homem reto”: o guarda-costas
raivoso, o funcionário obediente, o serviçal respeitável. Era uma
parede sólida onde as vítimas dos jogos deles ricocheteava, mas não
do tipo que saltava para trás e para a frente trocando rapidamente
de papéis.

Locke deixou esses pensamentos de lado e tentou se imaginar
como Aurin. Lembrou-se de seu próprio mau humor a cada vez que
era arrancado do sono antes da hora, mais frequentemente por
causa da travessura de algum dos Sanzas. A lembrança lhe serviu

bem e ele falou:

“Quer me ensinar como amar meu próprio pai?
Você leva a presunção aos limites, Ferrin.
Se eu quisesse escárnio e censura,
Já estaria casado.”

Alondo assumiu um tom mais enérgico, mais confiante e enfático na fala:

“Muito bem dito, ó príncipe, ó majestade! Imploro misericórdia.
Não vim pisotear com grosseria os sonhos entorpecidos,
Nem corrigi-lo sobre como honrar nosso senhor, o seu pai.
Seu perfeito amor por ele é considerado equivalente
À sua dedicação às camas quentes e macias,
Portanto está fora de qualquer questionamento.”

Locke continuou, decidindo que seria bom acrescentar um riso:

“Se você *não* fosse o grande amigo da minha juventude
E, sim, o espírito inquieto de algum inimigo
Morto nas guerras do meu pai,
Não poderia me causar mais vexação, Ferrin.
Você é *como* um casamento,
Carecendo apenas do rosto bonito e dos acasalamentos
agradáveis...”

Você ocupa a tal ponto minhas manhãs com censuras
Que até quase esqueço qual de nós é da família real.”

– Bom – elogiou Moncraïne. – Bastante bom. Uma disputa amigável, escondendo alguma coisa. Ferrin vê sua passagem para a glória vadiando, sem realizar nada. Esses dois precisam um do outro

e se ressentem disso, ao mesmo tempo que tentam ocultar esse fato por trás do bom humor.

– Moncraïne, pelo amor de todos os deuses, não haverá peça a ser vista nem papéis a representar se você explicar tudo na primeira chance que tem – reagiu Sylvanus.

– Eu não me importo – replicou Alondo.

– Nem eu – concordou Locke. – Acho que isso ajuda. Pelo menos a mim.

– Moncraïne ensinaria vocês a representar cada papel como *Moncraïne*. – Sylvanus deu uma risadinha. – Não se esqueçam disso.

– Se pudessem, todos os atores fariam amor ao som da própria voz – comentou Moncraïne. – Você não é exceção, Andrassus. Agora vamos encontrar algumas espadas. Ferrin leva Aurin para treinar nos jardins e é lá que a trama os envolve em seus laços.

Horas se passaram com suor e esforço. Eles fingiam lutar ao sol, de um lado para outro, com espadas de madeira cheias de mossas e mofadas de tanto ficarem guardadas. Locke, Jean e Alondo trocavam de papéis, e Moncraïne até colocou os Sanzas para variar um pouco, até que a coisa se tornou uma espécie de pantomima de luta. Estocar, aparar, recuperar-se, dizer falas. Estocar, aparar, dizer falas, aparar, dizer falas...

Sylvanus conseguiu uma garrafa de vinho e terminou com sua seca pessoal. Ficou gritando encorajamentos para os duelistas durante toda a tarde, mas não se moveu do lugar que escolhera à sombra, perto de Sabeta e Jenora. Quando o sol já descia para o oeste, Moncraïne os mandou parar.

– Cá estamos, rapazes, é o bastante para um começo ameno.

– Ameno? – chiou Alondo.

Ele havia mantido a postura durante um tempo respeitável, mas definhou com os outros à medida que os murmúrios e o treinamento com espadas prosseguira.

– É, ameno. Você está fora de forma, Alondo. Vocês,

cachorrinhos, é que fazem todo o saracoteio e que dizem quase todas as falas. Se a plateia vir vocês sugando o ar como peixes no fundo de um barco...

– Vão jogar coisas, certo – completou Alondo. – Já fui acertado por legumes.

– Não na *minha* companhia – rosnou Moncraine. – Certo, todos vocês, sentem-se antes que comecem a vomitar.

O alerta veio tarde demais para Calo, que já cambaleava por causa da ressaca. Ele perdeu ruidosamente o que lhe restava no estômago, num canto distante do pátio.

– Música para os meus ouvidos – continuou Moncraine. – Está vendo, Andrassus? Enquanto eu for capaz de inspirar esse tipo de reação nos nossos jovens corajosos, acredito que posso dizer que não perdi o jeito.

– Que papéis você pensa para nós, então? – perguntou Sylvanus.

– Se o imperador do Trono Terim tivesse um tom moreno tão lindo quanto o meu, a plateia poderia notar que o filho dele não seria um terim rosado comum. E o papel do mago exige mais movimentos, por isso eu fico com ele. Portanto, resta você para sentar-se no trono.

– Eu serei imperial. – Sylvanus suspirou.

– Ótimo. Agora preciso de uma cerveja antes de ficar assado feito uma torta.

– Imperador, hein? – disse Locke, sentando-se encostado na parede perto de Sylvanus. – Por que está tão desanimado? Parece um papel bom.

– E é – respondeu Sylvanus. – Para as poucas falas que tem. A peça não é sobre o pai e, sim, sobre o filho. – O velho tomou um gole da garrafa e não fez qualquer menção de passá-la adiante. – Invejo vocês, seus merdinhas. Invejo mesmo, ainda que ninguém possa acusá-los de qualquer conhecimento profundo da arte de representar.

– O que há para ser invejado? – questionou Alondo. – Nós estamos aqui fora, derretendo ao sol, enquanto você fica sentado na sombra.

– Falou como um verdadeiro garoto de 20 anos. Na minha idade, você não *decide* sentar-se na sombra, garoto. É para lá que você é mandado para ficar fora do caminho dos outros.

– Você está mal-humorado. São as uvas falando, como sempre.

– Esta é a primeira garrafa em que eu pus a mão desde que minha cabeça bateu no chão ontem à noite. E, quanto a mim, isso significa estar sóbrio como um bebê saído do útero. Não, senhores, eu sei uma coisa que vocês não sabem. Podem ler qualquer texto que esteja na nossa propriedade comum e vão encontrar *muitos* papéis para os quais vocês servem: soldados, príncipes, amantes, tolos. Vocês jamais poderiam representar todos, nem se vivessem o dobro da minha idade, o que é um número apavorante. Aos 20 anos, você pode ser qualquer coisa. Aos 30, pode fazer o que quiser. Aos 40, só algumas portas se fecham, mas, aos 50, ah! Essa é uma pontada que o Moncraïne sente, sem dúvida. Aos 50, você está se tornando um perfeito estranho para todos aqueles papéis que já lhe serviram como a pele de seu próprio pau.

Locke não tinha ideia do que dizer, por isso simplesmente ficou olhando Sylvanus terminar a garrafa e jogá-la na lama endurecida do pátio.

– Eu costumava revirar essas peças em busca de todos os bons papéis jovens que minha ambição podia suportar. Agora procuro os papéis quebrados, os homens doentes, os homens esquecidos, e fico imaginando qual deles será meu. Você não ouviu por que eu sou o imperador? Porque o imperador não precisa que seu rabo velho e gordo se *mexa*. Estou tanto no túmulo quanto no trono.

Sylvanus se levantou com as juntas estalando.

– Não pretendo oprimir o espírito de vocês, rapazes. Venham me encontrar dentro de uma ou duas horas e estarei alegre. Sim, terei

esquecido tudo o que falei aqui, com certeza.

Depois que Sylvanus entrou, Locke ficou de pé, espreguiçou-se e foi atrás dele. Não tinha ideia do que diria, se é que diria alguma coisa. Numa tarde curta, já havia se acostumado à vantagem de ter todas as suas falas escritas para ele num pedaço de papel.

4

– CERTO – DISSE JASMER após três horas de ensaio no terceiro dia sob o sol hostil. – Jovanno, tenho certeza de que você é um ótimo sujeito, mas não tem nada que ficar dizendo falas na frente das pessoas. Acho que posso espancar seus amigos até virarem algo parecido com atores, mas você é tão inútil quanto luvas para uma cobra.

– Ahn – falou Jean, erguendo o olhar do texto –, o que eu faço de errado?

– Se você tivesse algum talento para o trabalho, já saberia. Vá sentar-se e contar nosso dinheiro ou algo assim.

– Espere aí – interveio Locke, que estivera fazendo Aurin com Jean como Ferrin. – Você não pode falar desse jeito com o Jovanno.

– Este é o negócio da peça – retrucou Moncraïne – e, neste reino, eu sou todos os deuses em seus tronos celestiais, falando com apenas uma voz, dizendo para ele fechar a matraca e ir embora.

– Concordo, você pode dar ordens a ele. Mas tenha bons modos.

– Garoto, não tenho a porra do tempo...

– Tem, sim. Você *sempre* tem tempo para ser educado com Jovanno e, quando não tiver, nós vamos fazer as malas e voltar para Camorr! Fui claro?

– Ei – disse Jean, puxando a túnica de Locke –, tudo bem.

– Não está tudo bem, não. – Sabeta se juntou a Locke e Jean no centro do pátio. – Lucaza está certo, Jasmer. Nós vamos ser seus escravos, como é necessário, mas não vamos comer merda sem

motivo.

– Mandem-me de volta à cadeia – murmurou Moncraïne. – Fodam-me e me mandem de volta à cadeia.

– Não realizaremos nenhum dos dois pedidos – retrucou Sabetá.

– Eu posso usá-lo – sugeriu Jenora, aparecendo na porta da estalagem. – Quero dizer, o Jovanno. Se ele não vai estar no palco, pode me ajudar a administrar o material de cena e a alquimia.

– Eu, ah, acho que não tenho... opção de verdade, não é? – indagou Jean.

– E, por falar no material de cena – continuou Jenora –, preciso dizer agora: os camundongos e as traças-vermelhas andaram trabalhando. Todas as máscaras e mantos mortuários estão destroçados demais para serem usados, e a maioria dos outros figurinos só serve para ser cortada e usada como farrapos.

– Bom, então faça isso – replicou Jasmer. – Estou ocupado transformando bosta de cachorro em diamantes; é justo que você faça o mesmo no seu trabalho.

– Preciso de verba – afirmou Jenora – e é necessária uma reunião, com todos os acionistas, para decidir de onde virá o dinheiro e como cuidaremos das partes dos nossos amigos que fugiram...

– Pelos bons deuses – disse Moncraïne.

– ... e em que termos! E preciso contratar alguém capaz de usar agulha e linha.

Jean levantou a mão.

– Você sabe costurar? – perguntou Jenora. – O quê, remendando túnicas rasgadas ou algo assim? Eu preciso...

– Sei qual é a diferença entre plegueado e plissado. E o significado de franzido e de alinhavado. E tenho calos de dedais para provar.

– Não é possível. – Jenora agarrou Jean pelo braço. – Você não pode ter esse aqui de volta nem se decidir que *precisa* de outro ator.

– Não vou decidir – rebateu Moncraine com azedume.

– Vamos dar uma parada? – perguntou Calo, sentando-se com força.

– Claro, sente esse rabo, queridinho. Nós, que ainda estamos em condições, vamos representar para a sua diversão – respondeu Galdo. Em seguida, chutou terra nos calções do irmão.

Calo nem perdeu tempo olhando-o com raiva. Golpeou com as pernas, prendeu Galdo sob os joelhos e derrubou-o. Galdo rolou de costas, segurando o pulso esquerdo, e uivou de dor.

– Ah, diabos – disse Calo, saltando de pé. – Machucou? Não foi de propósito, sério... GNNNAKKKH!

Esse último som extremamente desagradável foi arrancado dele por um chute de Galdo na sua virilha.

– Não, está ótimo – garantiu Galdo. – Só estava treinando representar um pouco.

Locke, Jean, Alondo, Jenora e Sabetá separaram os gêmeos antes que Moncraine pudesse se envolver na confusão. O que se seguiu foi um pandemônio de acusações e palavras duras em que a inteligência, a cidade de nascimento, a capacidade artística, os hábitos de trabalho, a cor da pele, o gosto para se vestir e a honra pessoal de cada participante foram insultados pelo menos uma vez. O tempo todo o sol irradiava um calor implacável e, quando uma relativa ordem foi restaurada, a cabeça de Locke estava girando. Ele só notou que alguém havia virado a esquina da rua quando a pessoa pigarreou alto.

– Que fantástico – comentou a recém-chegada, uma mulher alta, com cerca de 30 anos.

Usava uma túnica cinza apertada e calças largas e era de origem mista, terim e de pele escura, porém mais clara que Jasmer e as Glorianos. Seus cachos pretos eram cortados logo acima das orelhas e ela tinha o tipo de postura tranquila que Locke associava aos *garristas* de Camorr.

– Jasmer, estou impressionada, mas não realmente como esperava.

– Chantal – disse Moncraïne, conjurando a dignidade com a velocidade de um duelista. – Uma ótima tarde para você também, sua vira-casaca oportunista.

– Você estava na Torre do Lamento. Eu gosto de comer mais de uma vez por mês. Não tenho por que me desculpar.

– Qual é o problema, Basanti não está fazendo caridade com mais um dos meus desgarrados?

– Basanti tem trabalho para quem quiser. Mas ouvi umas coisas interessantes. Soube que você encontrou um patrono.

– É, por acaso nem todo o bom gosto desapareceu das pessoas importantes de Epara.

– Também ouvi dizer que os tais camorris prometidos não eram mentira, afinal de contas.

– Estão todos aqui. Conte-os.

– E você ainda está falando sério sobre montar a *República de ladrões*?

– Sério como uma garganta cortada.

– Jenora finalmente vai subir no palco?

– Deuses do céu, não!

– Arrá. – Chantal foi caminhando até Moncraïne. – Pela minha contagem, você precisa de pelo menos uma mulher, então.

– O que lhe importa isso?

– Olhe, Jasmer. – O sorriso provocador de Chantal desapareceu.

– Basanti está montando *O vinho da reverência feminina* e não quero passar o verão dando risinhos e saracoteando como a Criada Atraente Número Quatro. Nós estamos em condições de nos ajudar mutuamente.

– Hummm. Depende. Você arrastou aquele seu marido para cá também?

Como se aproveitasse a deixa, um terim de cabelos castanhos

virou a esquina atrás de Chantal. Usava uma túnica branca aberta, mostrando um físico rude, decorado com marcas e cicatrizes, e faltava metade de sua orelha direita. Locke supôs que ele era um veterano jogador de handebol ou um espadachim envelhecido que já passara por maus bocados.

– Claro que arrastou – disse Moncraïne. – Bom, meus novos jovens amigos, permitam-me apresentar Chantal Couza, que já foi da Companhia Moncraïne, e seu marido, Bertrand, o Multidão.

– O Multidão? – perguntou Locke.

– Ele troca de figurino entre uma cena e outra como ninguém – respondeu Alondo. – Ele é meia dúzia de coadjuvantes num só.

– Eu poderia usá-lo – falou Moncraïne –, mas o que faz você pensar que perdoei qualquer um dos dois?

– Corte o papo furado, Jasmer – retrucou Chantal. – Eu quero um trabalho decente. Você quer uma plateia feliz.

– Será que ousou perguntar se haverá mais alguma deserção?

– Nem em troca de um cesto de rubis do tamanho do seu ego, Jasmer. Eles estão mais preocupados com a possibilidade de serem considerados cúmplices de agressão e sedição do que de perder o lugar na sua trupe.

– Bom, eu voto a favor de aceitar Bert e Chantal de volta – opinou Alondo.

– Eu também – concordou Jenora. – Há papéis para preencher e não temos tempo de ser exigentes. Devo arrancar Sylvanus da cama e perguntar o que ele acha?

– Não – respondeu Moncraïne. – Ele vai dizer que sim só porque não consegue afastar os olhos dela. Ótimo! Vocês dois estão com sorte, mas é só o pagamento normal, sem porcentagens. Vocês conhecem os documentos. Vocês os perderam quando foram embora.

– Talvez tenhamos que questionar isso – falou Chantal. – De qualquer modo, vale a pena só para não ser a Criada Atraente

Número Quatro. Acredite, eu preferiria ser Amadine, a Rainha das Sombras.

– Lamento muitíssimo – disse Sabeta. Se as palavras ISSO FOI UMA MENTIRA tivessem brotado subitamente atrás dela em letras de fogo com 3 metros de altura, o efeito não poderia ser maior do que o causado pelo seu tom de voz. – Esse papel não está mais disponível.

– Está brincando? – Chantal atravessou o pátio até olhar Sabeta de cima a baixo, já que era meio palmo mais alta. – Quem é você?

– Amadine – respondeu Sabeta com frieza. – A Rainha das Sombras.

– Maldita camorri. Você tem idade para ter saído do meio das minhas pernas! Mas não é bonita o suficiente. Não pode estar falando sério.

– Ela pode, sim – interveio Locke.

O calor e a frustração se misturavam mal com sua sensibilidade aguda ao ouvir uma estranha dizer qualquer coisa pouco elogiosa sobre Sabeta.

– Jasmer, você está louco – reclamou Chantal. – Ela não pode ser Amadine. Deixe que ela faça Pentra, tudo bem, mas não Amadine! Quantos anos ela tem, 16? Com bunda de garoto e beleza mediana!

– Mediana? – perguntou Locke. – *Mediana?* Como diabo você consegue andar pela cidade com dois olhos de vidro na porcaria da cabeça, mulher? Você só pode ser imbe...

Antes que Locke pudesse acrescentar a última sílaba dessa palavra sincera porém mal escolhida, Bertrand, o Multidão, fiel à sua aparência, estava com uma das mãos ásperas na túnica de Locke e arrastou-o para um encontro com seu outro punho, já puxado para trás. O mundo se moveu horripelantemente lento; Locke, que não desconhecia uma surra, era amaldiçoado pela capacidade espantosa de reconhecer uma antes mesmo que ela deixasse de ser teórica.

Um milagre com o tamanho e a forma de Jean Tannen apareceu

no canto da visão de Locke. Um instante antes que Bertrand pudesse dar o soco, Jean o acertou na barriga com o ombro e o jogou no chão.

– Bert! – gritou Chantal.

– Céus – disse Jenora.

Locke percebeu que estava segurando alguma coisa e olhou para baixo, descobrindo que, de algum modo, Jean havia jogado seus preciosos ópticos nas mãos dele enquanto o separava de Bertrand.

Jean era um garoto de barriga redonda, silenciosamente digno, de cerca de 16 anos. Nem mesmo os pelos de barba cultivados com cuidado conseguiam dar alguma ameaça verdadeira ao seu aspecto. Bertrand tinha pelo menos uma década a mais do que ele, para não mencionar 15 centímetros e 10 quilos, e parecia capaz de rasgar uma manta de carne ao meio por puro capricho. O que aconteceu em seguida surpreendeu até mesmo Locke.

Soco foi trocado por soco. Jean e Bertrand rolaram, um emaranhado furioso de braços e pernas, pancadas, tapas e empurrões. A vantagem mudava de lugar a intervalos de segundos. Jean pôs as mãos em volta do pescoço de Bertrand e descobriu o sujeito mais velho socando suas costelas. Bertrand prendeu Jean embaixo do corpo, mas de algum modo o garoto lhe deu uma rasteira e o empurrou de volta para o chão.

– Deuses do céu! – exclamou Chantal. – Parem! Parem com isso! Podemos conversar!

Jean tentou passar um braço pelo pescoço de Bertrand, que reagiu com algo rápido e inteligente, lançando o adversário por cima do ombro. Mas, quando tentou aproveitar a vantagem, Jean fez algo igualmente rápido e inteligente, jogando Bert contra uma parede. Os dois combatentes se agarraram de novo, fazendo e desfazendo golpes mútuos, até que por fim Jean se soltou e rolou para longe. Isso foi um erro: Bertrand usou o espaço entre eles para dar um soco giratório que acertou Jean no queixo e enfim o derrubou.

Um instante depois, Bertrand cambaleou e caiu de cara no chão, tão exaurido quanto seu jovem antagonista.

– Chantal – disse Moncraïne –, eu teria ficado feliz em lhe dizer que o papel de Amadine estava fora de negociação, por vários motivos. E, pela estapafúrdia bosta quente, vocês *não podem* esperar que eu acredite que esse garoto consegue fazer tudo isso e ainda trabalhar com um dedal!

Jenora e os Nobres Vigaristas se reuniram em volta de Jean, enquanto Alondo, Chantal e Moncraïne cuidavam de Bert. Os dois lutadores recuperaram os sentidos em pouco tempo e foram postos sentados contra a parede da estalagem.

– Ópticos – tossiu Jean.

Quando Locke os entregou, ele os ajustou cuidadosamente no nariz e suspirou com alívio.

– Fumo – murmurou Bertrand.

Chantal lhe entregou uma folha de tabaco enrolada e acendeu um fósforo alquímico. Bert partiu o charuto ao meio, acendeu a metade apagada com a brasa vermelha da outra e a entregou a Jean. O garoto assentiu, agradecendo, e os dois combatentes fumaram em paz por alguns instantes enquanto todo mundo olhava, pasmo.

– Você joga handebol, garoto? – perguntou Bertrand com uma voz profunda e um sotaque verrari carregado.

– Certamente.

– Venha jogar com o meu time nas tardes do Dia da Penitência. Nós jogamos em troca do dinheiro da cerveja; custa 2 copins para participar.

– Eu adoraria. Só não tente bater em mais nenhum amigo meu.

– Claro, garoto. – Bertrand balançou um dedo para Locke. – E, *você*, não fale assim sobre minha mulher.

– Então diga à sua mulher para não insultar Verena.

– Ei, magricelo, nós dois falamos terim. – Chantal cutucou com

força o peito de Locke. – Se tiver alguma coisa para me dizer, diga na cara.

– Ótimo – retrucou Locke, encarando Chantal. – Não insulte Verena...

– Com licença – interveio Sabeta, empurrando Locke de lado sem humor nem delicadeza. – Será que eu fiquei invisível? Não estou me escondendo atrás *dele*, Chantal.

Locke se encolheu diante da ênfase pouco gentil na palavra *dele*.

– Quer travar suas próprias lutas, cachorrinha? – perguntou Chantal. – Ótimo. Quando você quiser uma educação de verdade, tente jogar uma...

– CHEGA! – berrou Moncraïne numa voz capaz de sacudir os caibros, separando as duas mulheres com um empurrão. – *Malditos* vocês todos, seus cabeças de merda! Comportem-se ou eu vou dar um soco em outro nobre, juro pelos meus bagos e pelos meus ossos!

– Chantal, meu doce – disse Bertrand, dando uma baforada –, quando o *Jasmer* é a voz da razão, você deve admitir que é hora de se acalmar.

– Verena é Amadine – declarou Moncraïne. – É assim que vai ser! Você pode fazer Pentra ou fazer a Criada Atraente Número Quatro e sacudir os peitos para o Basanti o verão inteiro.

Chantal fechou a cara, depois estendeu a mão para Sabeta.

– Paz, então. Só espero que, quando você estiver no palco, o sol brilhe saindo do seu traseiro, garota.

Sabeta apertou a mão de Chantal.

– Quando eu terminar, você não poderá imaginar mais ninguém como Amadine.

Bertrand assobiou e deu um sorriso enviesado.

– Rá! Isso é bom. Dê uns dois dias para a minha mulher conquistar você, Verena. Ela vai fazer você ficar igual a ela.

– Já tive um monte de oportunidades na vida para aprender a

tolerância – disse Sabeta com um sorriso fino.

– Bom, se você é Amadine – perguntou Bertrand –, quem é Aurin? Quem vai dar todos aqueles beijos e olhares e devanear, hein?

O coração de Locke pareceu falhar uma batida.

– Era isso que estávamos tentando descobrir quando vocês apareceram – comentou Moncraïne. Em seguida, esfregou a testa e suspirou. – Acho que posso decidir. Vou me precaver. Lucaza, você vai ser Ferrin.

– Eu adoraria... Espere aí, *o quê?* – perguntou Locke.

– Você ouviu. Aurin é um papel que precisa de mais nuance. Quero que Alondo o faça.

– Mas...

– Basta. Por hoje chega. Sem mais discussões. E que os deuses me ajudem: eu posso citar o contrato da companhia tão bem quanto Jenora. O próximo de vocês que encostar *um dedo* em qualquer outro vai ser punido. Salário, participação nos lucros, tempo de trabalho, não me importa. Vou espancar vocês como um pai raivoso. Agora vão!

5

– PENTRA – MURMUROU JEAN, lendo o texto em voz alta –, uma nobre decaída de Terim Pel. Companheira de Amadine.

– Já li a porcaria da lista de personagens, Jean.

Locke e Jean estavam sentados no canto do salão mais distante do bar, onde Bertrand, Jasmer, Alondo, Chantal e Sylvanus bebiam uma parte significativa dos lucros futuros da companhia. O jantar havia acontecido pouco antes.

– Espere, você está tentando me ignorar?

– Estou. – Jean fechou seu exemplar da peça com um suspiro. – Minhas costelas estão doendo, eu fui expulso da peça, agora sou um

guarda-livros e você está sondando novas profundezas do tédio com seus resmungos.

– Mas eu...

– Sério, se você quer tanto beijá-la no palco, fale com o Jasmer.

– Ele não quer falar sobre isso. – Locke bebericou sua caneca de cerveja quente e escura, mal sentindo o gosto. – Diz que é uma decisão artística e que, portanto, não está sujeita a discussões.

– Então fale com o Alondo.

– Ele ganha a vida representando. Por que abriria mão do papel principal?

– Não sei, porque você o enganou? Porque o convenceu? Segundo boatos, você teve algumas aulas sobre ser enganador e convincente.

– É, mas... ele é um cara bem decente. Não é como empurrar o Jasmer de um lado para outro. Parece errado.

– Então escute, meu amigo. Eu não sou um oráculo e não vou virar um, não importa quanto tempo você fique aí sentado chorando na sua cerveja. Você sabe que eu achava os Sanzas a coisa mais chata que existe? Estava errado. Até você e Sabeta resolverem essa merda, eles são o menor de todos os males possíveis.

– Ela é simplesmente impenetrável.

– Você estava falando com ela antes, certo?

– É. A coisa ia bem. Agora tudo está estranho.

– Você já pensou em medidas extremas, desesperadas, como falar com ela de novo?

– É, mas, bem...

– Você só sabe dizer *é, mas*. E vai ficar no *é, mas* até chegar a hora de voltar para casa, e não duvido de que vai afastá-la da sua vida com o *é, mas*. Pare de ficar andando em círculos, a distância. Vá falar com ela, pelo amor de Preva.

– Onde ela está?

– Ela costuma subir no telhado enquanto o resto de nós fica aqui

embaixo bancando idiotas.

– Ela não vai... Não sei, não é que...

– Enfie a mão entre as pernas e encontre os próprios bagos – rosnou Jean –, ou então *não* me fale sobre ela pelo resto do verão.

– Desculpe. Só odeio a ideia de estragar mais ainda as coisas. Você sabe que eu tenho talento para isso.

– Rá. Tem mesmo. Tente ser direto e honesto. Não posso dar mais nenhum conselho específico. Quando, diabos, *eu* já consegui entrar debaixo do vestido de alguém usando charme? Só sei que, se você e Sabeta não chegarem a um entendimento, todos vamos lamentar. Mas principalmente você.

– Está certo. – Locke respirou fundo para se acalmar. – Está certo!

– Quase sempre. – Jean suspirou. – Você vai?

– Claro.

– Não com essa cerveja. Deixe comigo.

Locke obedeceu com ar distraído e Jean esvaziou a caneca num gole.

– Certo. Vá! Antes que seu suposto bom senso tenha tempo de acordar de novo. Espere, esse não é o caminho lá para cima. Aonde, diabos, você vai?

– Só vou dar um pulo no bar. Tive uma ideia brilhante.

6

O CREPÚSCULO LÂNGUIDO, COM UM ar denso, havia baixado sobre Espara, e as luzes da cidade se acendiam sob um céu cor de uvas na colheita. As empenas tortas da estalagem escondiam uma pequena sacada, virada para o oeste, onde duas pessoas podiam sentar-se lado a lado, presumindo que estivessem de bem. Locke abriu com cuidado a portinhola da sacada, olhou para fora e encontrou Sabeta encarando-o com as sobrancelhas erguidas. Ela baixou sua cópia da

República de ladrões.

– Oi – disse Locke, muito menos confiante do que havia imaginado ao subir pela pequena passagem que vinha do segundo andar. – Posso... é... dividir sua sacada um pouquinho?

– Eu estava estudando meu papel.

– Espera que eu acredite que você ainda não decorou tudo?

Era como se ela não conseguisse decidir se deveria ficar satisfeita ou exasperada – Locke conhecia bem essa expressão. Depois de um momento, Sabeta pousou o texto e chamou-o. Ele sentou-se com as pernas cruzadas, como ela, e os dois se encararam.

– O que você está escondendo aí atrás? – perguntou Sabeta.

– Uma pequena gentileza. – Locke lhe mostrou o odre de vinho e dois pequenos copos de barro. – Ou um suborno. Dependendo de como você enxergar.

– Não estou com sede.

– Se eu estivesse preocupado com sede, teria trazido água. Estava preocupado com facas.

– Facas?

– É, as que você está segurando há alguns dias. Eu esperava cegar um pouco o gume.

– Isso não é trapaça? Tentar dobrar uma garota com bebida?

– Nesse caso, é mais autodefesa. E eu meio que achei que você poderia só... querer um copo de vinho.

– E depois talvez um segundo? E um terceiro, e assim por diante, até que minhas inibições estivessem suficientemente elásticas?

– Eu não merecia isso.

– É, bem... talvez não.

– Deuses, esqueci que qualquer um que queira ser gentil com você precisa de permissão antecipada e de uma armadura grossa. – Mordendo o lábio, Locke serviu descuidadamente o vinho claro e empurrou um dos copos na direção dela. – Olhe, você pode fingir que ele apareceu aqui por magia, se isso a deixa feliz.

– É vinho de laranja Anjani?

– Se é Anjani, minha bunda é feita de ouro – respondeu Locke, tomando um gole. – Mas já foi algum tipo de laranja, num passado distante.

– E que milagre você está tentando arrancar de mim, exatamente?

– Uma simples conversa? O que aconteceu, Sabeta? Nós estávamos falando, falando de verdade. Foi... foi muito bom. E nós trabalhamos bem juntos! Mas você estoura sem motivo. Encontra desculpas para me isolar. Fica levantando essas muralhas e, mesmo quando eu as escalo, descubro que você cavou fossos do outro lado...

– Você está me creditando uma quantidade extraordinária de trabalho – interrompeu ela, e Locke ficou deliciado ao ver uma levíssima sugestão de sorriso nos seus lábios, ainda que tenha desaparecido entre duas respirações. – Talvez eu esteja preocupada com a peça.

– Ah, olhe, agora o fosso está cheio de lanças. Além disso, não acredito em você.

– Esse é o nosso problema.

– O que você tem a ganhar não falando comigo?

– Talvez eu só não queira...

– Mas você falou. Falou, e nós estávamos chegando a algum lugar. Você quer mesmo passar o resto da nossa estadia aqui fazendo essa dança idiota, indo e vindo? Eu não quero.

– Mas não é exatamente uma dança, é? – perguntou ela baixinho.

– Não. Você é que fica recuando. Por quê?

– Não é fácil explicar.

– Se fosse, um idiota como eu já teria deduzido a resposta. Posso me sentar ao seu lado?

– *Isso* é colocar a carroça na frente do cavalo.

– O cavalo está cansado e precisa de um descanso. Ande, vai ficar mais fácil bater em mim se você não gostar do que eu disser.

Depois de uma pausa que pareceu durar uns dez anos, ela se virou para contemplar a cidade e deu um tapinha na pedra ao lado. Locke deslizou, ansioso mas cauteloso, até que seu ombro esquerdo tocasse o direito dela. O vento quente passava ao redor deles e Locke captou os leves perfumes de almíscar e óleo de sálvia no cabelo dela. Mil coisas com asas ganharam vida em seu estômago e imediatamente encontraram motivos para voar por todo canto.

– Você está tremendo – constatou ela, virando-se para olhá-lo.

– Você não é exatamente uma estátua.

– Vai tentar fazer com que eu me arrependa disso ou só vai ficar aí sentado, me encarando?

– Gosto de encarar você – respondeu Locke, chocado e surpreso com a própria recusa em afastar o olhar.

– Bom, eu gosto de jogar garotos de telhados. Não é um hábito que eu consigo exercer com frequência.

– Isso não iria livrá-la de mim. Eu sei cair suavemente.

– *Maldição*, Locke, se você quer dizer alguma coisa...

– Quero – cortou ele, firmando-se como se esperasse o golpe de um bastão de madeira. – Eu, é, estou cansado de falar por trás das mãos, dar deixas e tentar provocar alguma reação em você. Estas são as minhas cartas na mesa. Acho você linda. Me sinto um idiota com a cara suja de terra sentado perto de alguém que saiu de uma pintura. Acho... acho que eu sou imbecil para você. Sei que esta não é bem uma fala doce, de uma peça. Francamente, eu beijaria sua sombra. Beijaria a terra que tem sua pegada impressa. *Gosto* de me sentir assim. Não ligo a mínima para o que você ou qualquer pessoa ache... é assim que me sinto *toda vez que olho para você*.

Essa eloquência desesperada era como uma carruagem fora de controle e, se ela parasse ao bater em alguma coisa, talvez não pudesse se mover outra vez. Locke rezava para conseguir pôr tudo

para fora antes que Sabetta o interrompesse.

– E admiro você. Admiro tudo em você. Até seu temperamento, seu mau humor e o modo como você se ofende quando eu *respiro* errado perto de você. Eu preferiria estar confuso com relação a você do que totalmente certo com relação a qualquer outra pessoa, entendeu? Admiro o modo como você é boa em tudo o que faz, até quando isso faz com que eu me sinta pequeno a ponto de me afogar neste copo de vinho.

– Locke...

– Não acabei. – Ele levantou o copo que havia usado para ilustrar o argumento anterior e engoliu todo o conteúdo. – A última coisa. A coisa mais importante... é isto: eu sinto muito.

Ela estava encarando-o com uma expressão que o fez sentir que suas pernas não tocavam mais as pedras da sacada.

– Sabetta, eu sinto muito. Você disse que queria alguma coisa importante de mim e que não era defesa nem justificativa... então só pode ser isso. Se eu empurrei você de lado, se dei você como certa, se fui um mau amigo e ferrei tudo o que você achava que era seu por direito, peço perdão. Não tenho desculpas e gostaria de dizer como sinto vergonha porque você teve que chamar minha atenção.

– Maldição, Locke – sussurrou ela. Os cantos de seus olhos brilhavam.

– De novo? Olha, se eu disse alguma coisa errada...

– Não – interrompeu ela, enxugando os olhos, tentando em vão fazer isso de modo casual. – Não, o problema é que você disse a coisa certa.

– Ah. – O coração dele pareceu bambolear para trás e para a frente no peito, como uma balança de alquimista mal equilibrada. – Sabe, mesmo para uma garota, isso é confuso.

– Você não entende? É fácil tomar uma atitude quando você está sendo idiota. É fácil empurrá-lo de lado quando você está cego para

tudo o que está fora do seu crânio. Mas, se você presta atenção e se obriga a... agir como adulto, não posso, não posso me obrigar a continuar com isso. – Ela enfim pegou seu copo de vinho, engoliu a maior parte e riu, quase asperamente. – Estou apavorada, Locke.

– Não está, não – retrucou ele com veemência. – Nada apavora você. Você pode estar muitas outras coisas, mas nunca fica apavorada.

– Nosso mundo é deste tamanho – ela estendeu o polegar e o indicador da mão esquerda, separados por meros 2 centímetros –, como diz o Correntes. Nós vivemos num buraco, pelo amor dos deuses. Dormimos separados por 5 metros. Conhecemos um ao outro por mais da metade da nossa vida. O que nós vimos de outros homens ou mulheres? Não quero... não quero que uma coisa assim aconteça porque não pode ser de outro modo. Não quero ser amada porque é *inevitável*.

– Nem tudo o que é inevitável é ruim.

– Eu deveria querer alguém mais alto. Deveria querer alguém mais bonito, menos teimoso e mais... Não sei. Mas não é assim. Você é desajeitado, frustrante e peculiar, e eu *gosto* disso. Gosto de como você me olha. Gosto de como você se senta, encara, pondera e se preocupa com tudo. Ninguém mais tropeça tanto quanto você, Locke. Ninguém mais consegue... fazer malabarismo com tochas acesas enquanto o palco pega fogo ao redor, como você. Eu adoro isso. E isso... me apavora.

– Por que deveria apavorar? – Locke estendeu a mão e seu coração ameaçou quebrar as costelas quando ela segurou-a com suas duas mãos. – Por que você não pode ter seus sentimentos? Por que não pode gostar de quem você quiser gostar? Por que não pode *amar*...

– Eu gostaria de saber. – De repente, os dois estavam de joelhos, virados um para o outro, mãos cruzadas, e o rosto de Sabeta era um mapa de tristeza e alívio misturados. – Eu gostaria de ser como

você.

– Não gostaria, não. Você é linda. E é melhor do que eu em praticamente tudo.

– Eu sei, seu idiota – disse ela com um sorriso mais largo. – Mas o que você *sabe* é como mandar o mundo inteiro se foder. Você mijaria no olho de Aza Guilla mesmo se isso lhe rendesse um milhão de anos no inferno e, depois de um milhão de anos, você *repetiria*. É por isso que Calo, Galdo e Jean adoram você. É por isso... É por isso que eu... Bom, é isso que eu gostaria de saber fazer.

– Sabeta. *Nem tudo o que é inevitável é lamentável*. É inevitável respirar, sabia? Eu gosto mais de carne de tubarão do que de lula. Você gosta mais de vinho cítrico do que de tinto. *Isso* não é inevitável? Por que diabos importa? A gente gosta do que gosta, a gente quer o que quer, e ninguém precisa dar permissão para a gente se sentir assim!

– Está vendo como para você é fácil falar isso?

– Sabeta, deixe-me dizer uma coisa. Você disse que era bobagem, mas eu *me lembro* da primeira vez que vi você, quando a gente morava no Morro das Sombras. Eu me lembro de como você perdeu seu chapéu e me lembro de que o cabelo ruivo estava aparecendo nas raízes. Aquilo me deixou abestalhado, entende? Eu nem sabia por quê, mas fiquei *deliciado*.

– O quê?

– Eu sou fixado em você desde que me entendo por gente. Nunca fui atrás de outra garota, nem mesmo fui com os Sanzas... você sabe, para ver as meninas do Lis Dourado. Eu sonho com você, e só com você, e sempre sonhei com o modo como você é de verdade... sabe, ruiva. Não com o disfarce...

– *O quê?*

– Falei alguma coisa errada?

– Você viu a cor verdadeira do meu cabelo uma vez. – Ela afastou as mãos da dele. – Uma vez, quando você era praticamente

a porcaria de um bebê, e não consegue superar isso, e acha que isso me agrada?

– Espere aí, por favor...

– Como eu sou de verdade? Eu pinto meu cabelo de castanho há dez anos! É ASSIM que eu sou de verdade! Deuses, sou tão idiota... Você não é fixado em mim... Você quer trepar com uma garota ruiva, como todo tarado deste lado de Jerem!

– Absolutamente não! Quero dizer...

– Sabe por que eu vivo me desviando dos traficantes de escravos a vida toda? Sabe *por que* Correntes me deu uma adaga envenenada quando Calo e Galdo mal podiam usar Truques de Órfãos? Já ouviu o que dizem sobre as ruivas terins que não tiveram as pétalas arrancadas?

– Espere, espere, espere, honestamente, eu não...

– Eu sou tão, tão *idiota!*

Sabeta o empurrou para trás e ele esmagou o copo de vinho vazio, sentando-se em cima.

– Eu deveria saber. Deveria saber. Você me admira? Me respeita? Droga nenhuma. Não acredito que eu ia... Eu só... *Saia*. Saia daqui.

– Espere, por favor. – Locke tentou dissipar a névoa que ardia subitamente nos seus olhos. – Eu não quis...

– O que você quis está claro. *Vá embora!*

Sabeta jogou seu copo vazio contra ele, errando, mas acelerando sua fuga atabalhoada pela pequena passagem que descia ao segundo andar. Enquanto Locke tentava se levantar desajeitadamente, um par de mãos fortes o agarrou por trás, levantando-o.

– Jean – murmurou ele. – Obrigado, mas eu...

As mãos o giraram e o pressionaram com força contra a parede do corredor. Locke se viu cara a cara com o novo patrono da Companhia Moncraïne-Boulidazi.

– Lorde Boulidazi – gaguejou Locke. – Gennaro!

O esparano corpulento segurou Locke no lugar com um antebraço de ferro e enfiou a outra mão por baixo de sua roupa simples, empoeirada. Sacou 25 centímetros de aço, brilhante à luz da porta da sacada, o tipo de lâmina feita para discussões, e não para vitrines. Num instante, a ponta estava encostada na bochecha esquerda de Locke.

– *Primo* – cuspiu Bouldazi. – Pensei em vestir uma coisa mais simples e ver como ia meu investimento. Os idiotas na sala disseram que você poderia estar aqui em cima. A conversa que você estava tendo era *fascinante*, primo, mas ela me faz pensar que você não contou algumas coisas. – A ponta da lâmina pressionou mais a pele de Locke e ele gemeu. – Tudo, por exemplo. Por que não começamos com *tudo*?

LIVRO III

HONESTIDADE FATAL

*Jamais conheci alguém mais linda que você:
Cacei-a embaixo dos pensamentos,
 Sucumbi sob o vento
E dentro das rosas procurando-a.
 Jamais encontrarei alguém
 maior que você.*

CARL SANDBURG, "THE GREAT HUNT"

CAPÍTULO OITO

O Jogo dos Cinco Anos: Variação infinita

1

– **ALGUÉM VAI NOS RECONHECER** – opinou Locke.

– Nós estamos horríveis – contrapôs Jean, exercitando o eufemismo num nível magistral. – Somos apenas mais dois viajantes cobertos de poeira e bosta.

– Volantyne já deve ter retornado. Com certeza Sabeta tem pessoas vigiando os portões. – Locke bateu na lateral da cabeça. – Você e eu faríamos isso.

– Essa é uma avaliação generosa da nossa capacidade de previsão.

Tinham sido quatro dias difíceis para voltar a Kartane. Eles haviam saqueado a carroça e a empurrado numa ravina no dia seguinte, precisando de toda a velocidade possível com os cavalos desatrelados. Os guardas de Lashane não eram ameaça, mas o ocupante anterior da carruagem sempre poderia contratar mercenários. Não havia lei na estrada longa e antiga entre as cidades-estados; uma coluna de poeira subindo depressa no céu atrás deles provavelmente significaria que alguém iria morrer.

Agora a cidade, enfim à vista, os assombrara por meio dia com a

perspectiva de relativa segurança. Os dois tinham subido a estrada litorânea a partir do leste, através de morros e aldeias com plantações em terraços, os corpos totalmente castigados pelas péssimas selas de emergência que haviam roubado da carruagem.

– Mas talvez você esteja certo – comentou Jean. – Se não tivermos chance de nos esconder, precisaremos contar com a velocidade. Temos uma jogada, talvez, antes que ela possa reagir.

– Vamos direto até ela.

A carranca de Locke fez sair pequenos sopros de poeira das rugas de seu rosto sujo da estrada.

– Para fazer o quê?

– Terminar uma conversa.

– Está com pressa de voltar ao mar? Eu posso cuidar de duas pessoas de Sabeta de cada vez. Ela tem mais de duas.

– Isso já está resolvido. Conheço um sujeito que ficaria ansioso para nos ajudar a passar pelos guardas.

– Conhece?

– Você não notou que Vordrata gosta de calções justos?

– Que diabo isso tem a ver?

– Todo detalhezinho importa. Espere só, vai ser uma surpresa divertida.

– Bom, merda, eu não faço nada especialmente inteligente há meses. Por que começar agora?

2

PENETRARAM NO TRÁFEGO E NA SEMICONFUSÃO usual dos inspetores de alfândega, guardas, carroceiros, viajantes e esterco de cavalo. Apesar da limpeza geral de Kartane, poderiam ter arrancado o Pátio da Poeira por baixo das pedras do pavimento e posto no lugar de um equivalente de quase qualquer outra cidade terem sem chamar muita atenção.

Locke examinou a multidão enquanto ele e Jean eram apalpados e cutucados por guardas cheios de tédio. Os vigias de Sabeta sem dúvida estariam trabalhando em duplas: uma pessoa para vigiar e outra plausivelmente absorta em algum negócio trivial. Depois de contar cinco pares possíveis de vigias, Locke balançou a cabeça. De que adiantava?

Porém, notou algo incomum acontecendo. Uma agitação no Pátio que ia além dos negócios mundanos. Ele havia passado horas demais roubando bolsos em multidões como aquela para não sentir algo estranho.

Jean também estava alerta.

– Por que a agitação? – perguntou a uma guarda que ia passando.

– São os Tutanos. Não ouviu falar? – A mulher indicou uma multidão que se formava em volta da desgastada estátua de uma mulher nobre do Trono Terim. – O arauto já vai recomeçar.

Locke viu que uma jovem, com pouco mais de 1,30 metro de altura, havia subido no pedestal da estátua. Usava a casaca azul de Kartane e, abaixo dela, estava um homem trajando a mesma indumentária do arauto Vidalos, com o cajado e tudo.

– PEÇO A ATENÇÃO, cidadãos e amigos de Kartane! – berrou a mulher. Locke ficou impressionado: devia haver mais couro forrando os pulmões daquela figura do que na sua sela. – Ouçam este relato dos FATOS fornecidos e autorizados pelo KONSEIL! A falsidade NÃO será tolerada! Os disseminadores de boatos serão sujeitos ao ENCARCERAMENTO nas BARCAS PENITENCIÁRIAS! Vencezla Valgasha, Rei dos Sete Tutanos, está MORTO! SABE-SE que ele morreu na cidade de Vintila, HÁ SEIS DIAS. Ele morreu SEM PROLE e sem herdeiro legítimo! Uma guerra de secessão está acontecendo! O Cantão de EMBERLANE, o mais ao leste dos Sete Tutanos, EXILOU seu governante e declarou-se uma REPÚBLICA SOBERANA! O Conseil de Kartane RECUSA-SE a reconhecer formalmente Emberlane

neste momento e aconselha enfaticamente os cidadãos de Kartane a EVITAR todas as viagens para o norte até que a situação se estabilize!

– Pelos santos infernos! – exclamou Locke. – Sabeta estava certa! Os Tutanos enfim se arrebutaram. Deuses, que confusão vai ser.

– Não poderemos fazer de novo o trambique do conhaque de Austershalin. Pelo menos por um bom tempo.

– Haverá outras oportunidades – garantiu Locke, pensativo. – Se há guerra, pessoas desesperadas vão começar a transportar um monte de coisas valiosas. Mas venha, precisamos nos mexer.

Esporearam as montarias cansadas por uma avenida larga em direção ao oeste, passando por uma ponte de vidro sacolejante e sussurrante, atravessaram o Pátio das Adivinhações com sua névoa de incenso e entraram no Terraço Vespertino. Parecia surreal estarem de novo em ruas limpas, em meio a jardins luxuriantes e fontes borbulhantes, como se Kartane fosse mais um sonho recorrente do que um lugar verdadeiro.

Do lado de fora do Marco da Íris Negra, eles atraíram interesse imediato. Pelo menos dois vigias, inconfundivelmente reais, fizeram sinais de mão para formas escuras nos telhados. Uma criança ágil disparou para um beco ao lado do quartel-general de Sabeta. Locke levou seus cavalos exaustos para um local na beira da rua mais comumente usado para carruagens e, quando apeou, uma nuvem de poeira da estrada se despreendeu das botas. Ele cambaleou e quase caiu antes de retomar o autocontrole. Suas pernas pareciam geleia pinicante. Sem qualquer afeto por ele, o cavalo sacudiu as orelhas e mostrou os dentes.

– Esses animais são propriedade pessoal de Verena Gallante – avisou Locke ao laçao de aparência ansiosa. – Ela quer que sejam bem cuidados.

– Mas, senhor, por favor...

– Não. Coloque-os no estábulo.

Locke passou pelo homem e estendeu a mão para a porta do foyer, mas Jean empurrou sua mão de lado e entrou primeiro.

Dentro estavam os dois cães de beco que Locke tinha visto na última vez.

– Ah, inferno – praguejou o mais próximo.

Jean já estava dentro da guarda dele. Uma variedade de coisas rápidas, ruidosas e dolorosas aconteceu, nenhuma delas com Locke ou Jean. Quando um guarda bateu no piso, Jean empurrou o colega dele de cara contra a porta do saguão, como se fosse um aríete. Então os Nobres Vigaristas seguiram adiante.

Ali estava Vordrata, vestido impecavelmente e com uma íris negranova pregada na casaca, acompanhado por dois guardas com porretes. Pessoas mais bem-vestidas se espalharam para as portas e escadas atrás.

– Senhores – disse o mordomo, olhando o guarda que tinha acabado de pousar aos seus pés –, este é um estabelecimento apenas para sócios, com regras rígidas contra deixar os empregados inconscientes.

– O jogo agora é seu, Lazari – falou Jean.

– Obrigado. – Locke levantou as mãos para mostrar que estavam vazias. – Por favor, leve-nos imediatamente à Sra. Gallante.

– Ora, como posso fazer isso, se os senhores serão jogados pela porta do beco com hematomas no crânio?

– Nós realmente gostaríamos de vê-la. – Antes que os guardas pudessem chegar perto, Locke se moveu em direção a Vordrata, levou a mão ao calção do sujeito, agarrou seus bagos através da seda e lhes deu uma torção considerável. – *Ou* gostaríamos de ver o rosto do seu galeno quando ele olhar os hematomas nisto aqui.

Vordrata gemeu e seu rosto assumiu tons de cores raramente vistas fora de vinhedos na época da colheita. Os guardas começaram a se adiantar, mas Locke levantou a mão livre.

– Peça para seus amigos se afastarem. Não sou um homem forte, mas não preciso ser, não é? Vou torcer tanto esta coisa que você vai mijar saca-rolhas nos próximos vinte anos!

– Façam o que ele diz, maldição – ordenou Vordrata, ofegando.

– Leve-nos até Verena – exigiu Locke, observando os guardas recuarem devagar – e eu devolvo seus bens valiosos sem danos duradouros.

Foi um passeio desajeitado, com Vordrata cambaleando de costas e Locke mantendo o aperto e a torção nas esperanças de procriação do mordomo, mas isso serviu para deixar os guardas a distância.

– Bom, e agora, seu escroto? – perguntou Locke. – Não tem mais frases engraçadinhas para nós? É a primeira vez que eu guio um cara pelo saco de joias. É meio parecido com guiar um barco usando o leme.

– Cão camorri... sua mãe... chupava...

– Se você terminar esse pensamento, vou esticar suas partes preciosas mais do que uma corda de arco.

Vordrata conduziu Locke e Jean subindo uma escada até o salão de jantar privativo onde haviam encontrado Sabeta antes. Os guardas mantiveram uma distância respeitosa, mas seguiram-nos. Vordrata abriu a porta do salão com o traseiro e Locke viu que Sabeta já os esperava.

Vestia-se de modo adequado para qualquer coisa, desde assinar papéis até mergulhar por janelas: calções pretos, uma jaqueta marrom curta e botas de montaria. O cabelo estava enrolado em varetas laqueadas; sem dúvida continham truques, eram armas ou as duas coisas. Atrás dela havia mais três guardas, armados com porretes e escudos.

– Olá de novo, Verena – cumprimentou Locke. – Estávamos passando por perto e pensamos em investigar os boatos persistentes de que mestre Vordrata não tem bolas.

– Isso não é meio grosseiro, mesmo para os seus padrões

frouxos? – questionou Sabeta.

– Acho que ter a pegada da sua bota gravada na minha bunda me deixou irritado. Diga para seus amigos irem embora.

– Ah, que coisa linda! Devo me amarrar para você também?

– Só queremos conversar.

– Solte Vordrata e conversamos o quanto você quiser.

– No instante em que eu soltar Vordrata, o inferno vai se abrir.

Não sou idiota. Pelo menos hoje.

– Eu prometo...

– RÁ! – gritou Locke. – Por favor.

– Então não temos base para confiança.

– *Você* não nos deu nenhuma base para confiança. Não fui eu que...

– Isso está ficando pessoal.

Sabeta encarou-o com verdadeira irritação. Ela tinha sempre menos autocontrole quando era pressionada, uma raiva quente em contraste direto com a fúria fria de Jean. Locke havia passado anos esforçando-se desesperadamente para decifrá-la e agora via que ela não tinha um plano inteligente para terminar com esse impasse. A posição dele – com a segurança garantida apenas enquanto conseguisse continuar segurando as partes privadas de outro homem – de repente lhe pareceu dolorosamente ridícula.

– Quero falar com você – disse ele devagar. – Só isso. Não vou fazer mal a você nem tentar tirá-la deste lugar. Juro pela alma de dois homens que nós dois amávamos.

– O que você quer d...

Com a mão livre, Locke fez dois dos antigos sinais secretos.

Calo. Galdo.

Sabeta o encarou; então, algo se partiu atrás dos olhos dela. Alívio? De qualquer modo, ela assentiu.

– Todo mundo, saia. Ninguém põe a mão nesses homens sem minhas ordens. Solte o Vordrata.

Locke obedeceu. O mordomo tombou no chão e se enrolou numa meia-lua de sofrimento. Os guardas de Sabeta recuaram lentamente para fora da sala, atrás dela, e Jean se agachou junto de Vordrata.

– Vou tirá-lo daqui. Acho que vocês dois querem alguma privacidade.

Num instante, Jean carregou o magro vadrã por onde haviam entrado e, de novo, Locke ficou diante de Sabeta numa sala vazia.

– Não podemos usar esses nomes como palavras mágicas sempre que estivermos com objetivos opostos – falou ela.

– Eu sei. Mas não é minha culpa se eu precisei...

– Me poupe.

– NÃO! – Locke tremeu de fome, adrenalina e emoção. – Não vou ser dispensado! Não vou deixar que meus sentimentos sejam empurrados de lado pela conveniência de qualquer pose que você esteja adotando aqui.

– Seus *sentimentos*? Nós estamos em Kartane, trabalhando para os Magos-Servidores, maldição, não somos crianças nos remexendo na parte de trás de uma carroça.

– Você me usou.

– E é isso que nós *fazemos*. Nós dois, profissionalmente. Eu enganei você, e queria enganar, e sinto muito se isso dói, mas esse é o nosso negócio.

– Isso, não. Você não me enganou simplesmente. Você usou os sentimentos mais profundos que eu *já* tive por alguém, e sabe disso! Você explorou uma fraqueza que só existe quando estou perto de você!

– Mulher convence homem a se empalar no próprio pau duro. É uma história muito antiga! O mundo não parou só porque ela aconteceu de novo.

– Não sou um bebê, Sabeta. Não estou falando de sexo; estou falando de confiança.

– Eu coloquei você naquele navio pelo seu próprio bem, Locke.

Eu sabia que isso ia acontecer! Eu não precisava de você apenas fora do caminho e não estava só cuidando da sua saúde. Eu sabia que você ia bater com o cérebro de novo contra sua obsessão idiota.

– Ah, maravilhoso. Que plano *lindo* da porra, porque eu certamente não pensei em você *nenhuma vez* durante os nove dias que demoramos para voltar a Kartane.

Sabeta fez a gentileza de afastar o olhar.

– Que diabo é isso, afinal? Primeiro você não precisa se justificar, e agora aquilo foi para o meu *bem*? – Sentindo calor, Locke desabotoou com raiva a jaqueta de montaria manchada que havia tirado da carruagem roubada. – E *você NÃO* é uma obsessão idiota!

– Sou uma mulher adulta que está dizendo que não podemos voltar o relógio cinco anos só porque você não consegue juntar coragem para dar uma cantada em outra pessoa.

– Coragem? Quem, diabos, você pensa que é para me falar de coragem? *Coragem* é o necessário para ir atrás de você! Coragem é o necessário para aguentar seu número hipócrita de mártir!

– Seu escrotinho metido a besta, presunçoso!

– Diga que nunca gostou de mim. – Locke avançou passo a passo. – Diga que nunca achou que eu valesse a pena. Diga que não tivemos anos bons juntos. Só precisaria dizer isso!

– Seu teimoso, fissurado...

– Diga que não ficou feliz em me ver!

– ... presunçoso...

– Pare de falar coisas que eu já sei! – De repente, estavam a menos de 30 centímetros de distância um do outro. – Pare de inventar desculpas. Diga que não me suporta. Caso contrário...

– Seu... seu... Eca, Locke, sinceramente, você está *fedendo*.

– Isso é surpresa? O que eu deveria fazer, nadar de volta até Kartane?

– Você deveria ficar na porcaria do navio! Eu dei orientações muito específicas sobre a disponibilidade de banhos, para começo de

conversa.

– Se quisesse que eu ficasse no navio, *você* deveria estar nele.

– Você está ridículo. – Locke lutou para manter o autocontrole enquanto Sabeta passava dois dedos lentamente por sua bochecha esquerda. – Está com as pernas arqueadas. Deuses do céu, você deixou *alguma* poeira na estrada depois de passar?

– Você não consegue, não é?

– Não consigo o quê?

– Não consegue mandar eu me catar. Pelo menos na minha cara, pelo menos agora que eu paguei para ver. Você não quer mesmo que eu vá embora.

– Eu *não* preciso me explicar segundo seus termos!

– É melhor apertar essa jaqueta, Sabeta, acho que sua consciência está aparecendo.

– Nós somos serviais dos Magos-Servidores – sussurrou ela com raiva. – Viemos aqui por livre e espontânea vontade e nós dois ferramos as coisas o suficiente para *precisarmos* disso. Nossa posição é precária. E, se ficarmos muito amigáveis, pelo menos um de nós será morto.

– Eu sei. Não estou dizendo que não precisamos ter cuidado. Só estou observando que não há nada que nos impeça de ter uma vida pessoal.

– Conosco, tudo o que é pessoal são negócios. – Ela limpou a poeira do rosto dele em sua jaqueta. – E toda a porcaria dos nossos negócios é pessoal.

– Jante comigo.

– O quê?

– Jantar. É uma refeição. Homens e mulheres costumam fazer isso juntos. Pergunte por aí se não acredita em mim.

– Foi para isso que você torceu os bagos do meu mordomo?

– Você disse que não somos crianças nos remexendo na traseira de uma carroça, e está certa. Estamos no controle da droga da

nossa vida, não importando o quanto nos chutem. Podemos voltar o relógio quantos anos quisermos. Ele é nosso!

– Isso é loucura.

– Não. Há duas semanas, eu estava implorando para morrer. *Isso* é loucura. Há duas semanas, eu cheguei perto, *assim*. – Ele levantou o polegar e o indicador sem qualquer espaço entre os dois. – Bati no muro negro entre esta vida e a outra, acredite. Estou *cheio* de fazer merda. Talvez isso vá complicar tremendamente as coisas. E daí? Você é a complicação que eu quero, mais do que qualquer coisa. Você é minha complicação *predileta*. Não importa que tipo de buracos você faça na minha confiança.

– Sabe, a autopiedade é a única coisa que fede mais do que quatro dias de suor de estrada.

– A autopiedade é o último fio que resta para um sujeito se agarrar depois que VOCÊ acontece. Nós podemos ter isso se os dois quisermos. Mas *você* também precisa querer. Eu não estou tentando convencer você de nada, a não ser...

– A não ser?

– A não ser que alguma parte de você já esteja convencida.

– Jantar – disse ela baixinho.

– E uma opção contratual para... complicações subsequentes. À sua escolha.

Ela não podia ou não queria encará-lo durante o silêncio que preencheu os segundos seguintes. O sangue de Locke pareceu virar gel nas veias.

– Aonde nós vamos? – perguntou ela finalmente.

– Como, diabos, eu vou saber? – O alívio bateu tão forte que ele bamboleou.

Sabeta segurou-o pela cintura com o braço direito. Os dois ficaram olhando o ponto de contato por um momento longo, congelado, então ela recolheu a mão.

– Você está bem? – perguntou baixinho.

– Eu, ah, acho que gostei de verdade da sua resposta. Mas, ora, quanto tempo você deixou para que eu descobrisse onde fica alguma coisa nesta porcaria de cidade? Você tem a obrigação moral de escolher o lugar. Amanhã à noite.

– Ao pôr do sol. Posso mandar uma carruagem? Você confia em mim?

– Jean e eu não vamos estar juntos. Vamos garantir isso. Se eu não voltar num período de tempo razoável, você pode enfrentá-lo, puto da vida e sem restrições. Que tal isso como salvaguarda?

– Não é uma encrenca que eu atrairia se pudesse evitar. – Sabeta levou as mãos às costas e o avaliou. – E agora?

– Depende. Eu ainda tenho uma estalagem para ir?

– Deixei o Josten em paz. Quase totalmente.

– Bom, então vou acalmar minhas crianças e, ahn, deduzir como diabos vou vencer você.

– Merdinha metido a besta e irritante – xingou ela sem malícia.

– Vaca arrogante – replicou ele, sorrindo e recuando para a porta. – Vaca arrogante, teimosa e linda. E, ei, se eu sentir ao menos um pouquinho daquele perfume que você usou da última vez...

– Se eu sentir um pouquinho de cheiro de cavalos e suor de estrada, você vai voltar para o mar.

– Vou tomar um banho.

– Tome dois. E... vejo você amanhã, então.

– Vai ver.

Locke chegou à porta, sendo inteligente o bastante para não dar as costas a ela, pelo menos ainda não. Já ia sair quando outro pensamento lhe veio.

– Ah, sabe, nós pegamos uns cavalos emprestados para chegar aqui. Nós os deixamos em péssimas condições. Você se incomoda em fornecer estábulo para os coitados?

– Vou limpar a sujeira que vocês deixaram, claro. E...

- Sim?
- Jean está bem? O rosto dele...
- Ele quebrou o nariz fugindo do seu navio. Vai ficar bem. Você sabe o que é necessário para realmente deixá-lo mais lento. Mas me ocorre que você ainda está com as Irmãs Malvadas.
- Vou devolvê-las... em breve. – Sabeta deu um sorriso débil. – Elas podem ser minhas reféns em troca do *seu* bom comportamento.
- Se você precisa de reféns, pode tentar uma versão mais suave do que eu fiz com o Vor...
- Saia daqui, porra – ordenou ela, contendo uma gargalhada.

3

– E ENTÃO, O QUE VOCÊ conseguiu para a gente? – perguntou Jean.

– Ahn, um jantar. Acho que poderei discutir o estabelecimento de alguns limites sensatos para que nenhum de nós precise se preocupar em acordar no meio do mar outra vez.

Tinham saído despreocupadamente e sinalizaram para a primeira carruagem de aluguel que passou e que agora chacoalhava na direção de um território mais amistoso através das sombras lançadas pelas torres da cidade no fim de tarde.

– Presumo que você tenha falado das minhas Irmãs.

– Ela vai devolvê-las se eu me comportar.

– Ótimo, então.

A voz de Jean continuava com uma alarmante característica nasal e Locke pensou em mandar que um galeno o examinasse, quer ele gostasse ou não.

– Você não está com raiva? – indagou Locke.

– Claro que não. Suponho que vocês dois, seus idiotas, tenham sugerido um ao outro reacender os fogos antigos, não é?

– Essa foi a minha impressão nítida.

– Bom, presumindo que você não deixe que ela o drogue outra vez, sinto orgulho de você. Sou o último homem na terra que iria desencorajá-lo de ir atrás da mulher que você adora. Acredite. Cuide dos negócios e depois torne tudo o mais pessoal possível.

– Obrigado.

Locke sorriu e desfrutou de um breve momento de verdadeiro relaxamento, que terminou assim que ele piscou e percebeu que Paciência estava sentada diante dele, os lábios apertados numa carranca abaixo dos olhos escuros como a noite.

– Eu diria que você está colocando uma ênfase alarmante no prazer acima da responsabilidade, não é?

– Deuses do céu! – Locke se esgueirou para longe dela, num reflexo, e viu Jean se encolher também. – Por que você não pode aparecer na rua, como uma pessoa comum?

– Não sou boa em ser uma pessoa comum. Seu comportamento recente foi sinistramente divertido, mas devo confessar que meus colegas e eu começamos a nos preocupar com a eficácia de seu plano geral de resistência. Se é que esse plano existe.

– Ele precisou ser posto de lado durante alguns dias. Nós conseguimos escapar da humilhação *total*, e não graças a você.

– Como você sabe?

– Não me lembro de você ter nos oferecido um barco de reserva e uma refeição quente quando tentávamos não nos afogar – respondeu Jean.

– Ventos fortes, atípicos para a estação, sopraram vocês para fora do rumo durante mais de uma semana, deixando-os à distância de uma cusparada do litoral, e vocês não pararam para pensar nas implicações disso?

– Espere – disse Locke. – Achei que vocês eram rigidamente proibidos de...

– Não vou confirmar nem negar nenhuma conjectura – interrompeu Paciência, parecendo satisfeita como um gato

alimentado com leite. – Estou apenas observando que sua alardeada imaginação parece estar bastante fraca. Claro que é possível termos ajudado vocês. É possível que o outro lado também tenha violado as regras e merecido certa censura. Você nunca saberá com certeza.

– Maldição, Paciência. Você fez o máximo para nos garantir que as regras da sua disputa idiota são férreas!

– E você fez o máximo para insistir que não confia nem um pouco em mim.

– Por que, diabos, você está aqui? Tem alguma mensagem?

– A mensagem é a seguinte: cuide da sua tarefa, Locke Lamora. Você está aqui para vencer, e não para namorar.

– Estou aqui para as duas coisas. O acordo foi eu ter carta branca. Está renegando isso?

– Só estou repassando...

– Meu desinteresse pelo seu papo furado é tão tangível que você poderia fazer tijolos com ele. Carta branca, sim ou não?

– Sim. Mas você deve ter muito, muito cuidado ao testar nossa indulgência. Quando lidamos com um cavalo que não corre muito, tendemos a dar uma chicotada nos flancos dele, não é?

– Você disse que os magos se divertem assistindo aos seus agentes correrem de um lado para outro. Então faça a gentileza de calar a boca e se divertir.

– Pretendo fazer isso – falou ela, e sumiu imediatamente, sem nem mesmo um farfalhar de tecido.

– *Maldição!* – exclamou Locke. – Diga que eu não seria um pé no saco tão grande se tivesse esses poderes.

– Seria pior. – Jean suspirou. – Eu mesmo teria matado você há muito tempo. E sabe o que mais?

– Hrrrm?

– Paciência pode ir lambar escorpiões no inferno. Você e Sabeta, aproveitem e resolvam o que os últimos cinco anos fizeram com os dois. Estou aqui para cuidar da casa enquanto vocês estiverem fora.

4

– AH, DEUSES – DISSE NIKOROS, que estava sentado junto ao balcão da estalagem de Josten com uma bebida inacabada, um pouco grande demais e um pouco cedo demais. – Ah, graças aos deuses! Onde vocês dois estiveram?

– Na estrada, caro amigo – respondeu Locke, agarrando Nikoros pelos ombros e puxando-o de pé. Locke trincou os dentes ao notar o cheiro forte de algo alquímico no hálito de Nikoros e suas pupilas dilatadas, mas não havia tempo para lhe dar uma bronca. – Envolvidos em questões secretas e terrivelmente importantes! Em que pé estamos?

– Nós... é... sofremos complicações inesperadas – falou Nikoros, perplexo. – Estamos levando uma *surra*. Os corretores de apostas estão projetando uma maioria de catorze cadeiras no Konseil para o Íris...

– Fantástico – interrompeu Locke, vermelho com a empolgação inebriante que resulta da liberdade absoluta para falar bobagens. – Isso é *fantástico*. É exatamente o objetivo do exercício! Mestre Callas e eu estivemos fazendo arranjos cuidadosos para criar a falsa impressão de um *estado total de desorganização* do nosso lado. Entendeu? Estamos com o Íris Negra exatamente onde queremos que ele esteja.

– Ah... verdade? – A esperança trouxe uma nova cor ao rosto de Nikoros numa velocidade espantosa e Locke suspirou. Contando o que ele estivera bebendo e os “ajustes” dos Magos-Servidores, Nikoros provavelmente tinha o livre-arbítrio de uma esponja. – Parece ótimo!

– Não é? Agora chame um galeno. Depois pegue todos os recrutas e escribas de confiança em quem você possa colocar as mãos e traga-os para mim na galeria particular do Raízes Profundas em cinco minutos. Vá, vá, vá! Josten?

– Ao seu dispor, mestre Lazari.

– Comida para cinco homens gordos e famintos, na galeria particular, o quanto antes.

– Dei algumas ordens quando vi os senhores entrando.

– Bendito seja. Mestre Callas também vai querer café. Quente a ponto de arrancar tinta. Você teve algum problema enquanto estávamos fora? Problemas de segurança?

– Seu pessoal pegou meia dúzia de pessoas tentando invadir. Mandou-os embora com dor de cabeça. Além disso, me disseram que estamos sendo vigiados a partir de vários pontos da vizinhança.

– Vamos cuidar disso logo.

Locke chamou Jean e os dois passaram pela multidão de empresários e comerciantes da tarde, trocando cumprimentos amigáveis com apoiadores do Raízes Profundas de quem mal se lembravam da noite da festa de Nikoros. Em instantes, estavam na galeria particular do partido, temporariamente a sós.

– *Existe* algum plano girando na sua cabeça? – chiou Jean.

– Fagulhas de merda até que alguma coisa pegue fogo. – Locke se acomodou numa cadeira de encosto alto e espanou poeira de sua túnica imunda. – Ruído e ação para manter Sabeta em dúvida enquanto cozinhamos um esquema de verdade. Vamos começar com brincadeiras infantis e ir crescendo cada vez mais. Pelos deuses, eu gostaria que tivéssemos uns moleques de rua de verdade, algumas Pessoas Certas que soubessem o que fazem.

Os fora da lei de Camorr nunca haviam tido muita consideração por seus associados fraternos de outras cidades, mas Kartane era a menos considerada de todas. Locke não ouvira falar nenhuma vez de uma gangue kartani que tivesse qualquer alcance, nada do orgulho selvagem ou da inventividade que as camorris, verraris ou mesmo lashanis tinham habitualmente.

– É a Presença – explicou Jean. – Os Magos-Servidores domaram essas pessoas.

A comida e o café foram os primeiros recursos reivindicados a chegar. Locke devorou carne e pão; nenhuma das duas coisas demorou o suficiente diante de seus olhos ou em sua boca para ser totalmente identificada. Jean bebericou café e comeu um pãozinho, quase com delicadeza, com óbvio desconforto.

Alguns instantes depois, uma mulher de pele escura com cabelo grisalho bem arrumado subiu a escada carregando uma bolsa de couro.

– Sou a Erudita Triassa – apresentou-se, franzindo a testa para Jean. – E esse nariz conta uma tremenda história.

Enquanto ela começava o exame, tendo o bom senso de não dizer nada sobre o fato de que Locke e Jean fediam como bodes, Nikoros e meia dúzia de escribas e ajudantes subiram a escada.

– Ótimo. – Locke engoliu um último bocado de comida. – É hora de dar àquela Íris Negra o gosto de uma sacanagemzinha artística. Molhem as penas. Anotem tudo com exatidão. Entreguem as anotações a Nikoros quando tiverem acabado e ele vai distribuir as tarefas. Quero que seja redigida imediatamente uma carta para o chefe de polícia de Lashane, quem quer que ele seja. Digam que quatro cavalos roubados de uma carruagem blindada que ia para Lashane foram localizados no estábulo do Marco da Íris Negra em Kartane. Cada um tem uma marca claramente visível no pescoço. Esses animais foram recebidos como propriedade roubada e nada foi informado às autoridades kartanis. Assinem a carta como “um amigo” e a coloquem no próximo navio que atravessar o Amatel levando correspondência.

Jean deu um risinho, depois grunhiu quando a Erudita continuou seu trabalho. Locke ficou andando de um lado para outro enquanto falava:

– Amanhã vou garantir um acréscimo às verbas do partido. Quero mil ducados entregues a membros confiáveis do Raízes Profundas em incrementos de 5 a 20 ducados cada. Quero que

todos sejam usados esta semana com apostas de que o Raízes Profundas vai vencer a eleição. Quero um jorro súbito de confiança no partido, de modo que a oposição tenha uma bela preocupação com a possibilidade de que sabemos algo que eles não sabem. Quero mais mil gastos em bolos e vinho, postos em cestas com fitas verdes, que serão presenteadas a comerciantes, mercadores, alquimistas, escribas, galenos... qualquer pessoa respeitável que ainda *não* faça parte da família do Raízes Profundas. Vamos adular novos eleitores.

– Isso pode, ahn, causar problema com alguns dos... membros seniores do partido – replicou Nikoros. – Tradicionalmente, somos muito criteriosos com relação a novos membros. Temos festas particulares, por convite. Nós não... é... saímos varrendo a rua em busca de recrutas.

Locke encheu uma caneca de café e tomou um longo gole. *E por causa desses gostos refinados, seus idiotas, vocês foram surrados nas últimas duas eleições*, pensou.

– Eu estou no comando aqui, Nikoros?

– Ah... é... pelos deuses, sim, absolutamente, senhor. Eu não quis sugerir nada além...

– Nós *vamos* varrer as ruas em busca de recrutas se for necessário. Vou colocar um saco de ouro nas mãos de qualquer fodeador de ovelhas vesgo e com um tijolo no lugar do cérebro que puder fazer uma marca num pergaminho. Quando quiser me questionar, lembre que a oposição não compartilha de suas porcarias de tradições delicadas. Eles só se importam em vencer.

– É... claro.

– As cestas vão ser entregues. Sem exigências, sem obrigações, pelo menos por enquanto. Só queremos que as pessoas pensem bem a nosso respeito. A pressão vem mais tarde. Mais discretamente, descubram os membros do nosso partido que tenham dívidas, encrencas nos tribunais, esse tipo de coisa. Deem-

me uma lista de seus probleminhas e vamos mandar pessoas para resolvê-los. Em troca, vamos ser donos do rabo deles e colocá-los para trabalhar.

Ele fez uma pequena pausa e prosseguiu:

– Agora, o outro lado. Membros do Íris Negra que tenham fraquezas. Dívidas, casos amorosos, escândalos, vícios, emaranhados jurídicos. Quero essa lista! Quero coçar cada ferida, colocar vinagre em cada corte, obter coisas fáceis. Perseguição total, constante, aproveitando cada oportunidade que eles derem, começando antes do sol nascer.

– Como quiser – disse Nikoros.

– Com esse objetivo... preciso de um alquimista de confiança. E de uma carroça... algumas poucas dúzias de pequenas gaiolas de animais... o maior número de cobras vivas em que pudermos pôr as mãos...

– *Cobras* vivas? – questionou um escriba. – Quer dizer...

– É. Elas têm escamas, arrastam-se. Cobras. Continue escrevendo. Só queremos as que não sejam venenosas! Isso significa serpentes-de-celeiro, cobras-do-pântano, cobras-correias, qualquer outra coisa desse tipo que vocês tenham por aqui. Usem mercenários, crianças, qualquer um... Ofereçam um pagamento adequado, porém mantenham em segredo. Não quero que a notícia sobre esse projetozinho vá muito longe. Levem as gaiolas para o porão e deixem as cobras lá até segunda ordem. Como está o nariz de mestre Callas?

– Mal encaixado – respondeu a galena. – Pelo aroma bastante evidente de vocês, suponho que os cavalheiros não tenham podido descansar durante vários dias.

– Lamentavelmente correto.

– Ele terá que ser quebrado de novo. Está claro que este não é o seu primeiro ferimento desse tipo, mestre Callas, e o senhor está ficando com uma obstrução respiratória.

– Então faça isso – falou Jean.

– Vou precisar de dois copos de conhaque, alguns assistentes e um pouco de corda.

– Não há tempo para tudo isso – resmungou Jean – e quero minha mente clara para o trabalho. Faça isso aqui e agora.

– Com o devido perdão, mestre Callas, não gosto da ideia de um homem do seu tamanho me dar um soco...

– Erudita – interrompeu Locke –, é mais provável que este prédio desmorone do que meu amigo perder o controle.

– Estou dobrando o preço da minha consulta – retrucou a mulher, séria.

– E eu estou triplicando – contrapôs Jean. – Ande, parta essa porcaria e ponha onde deve estar. Já passei por coisa pior, e foi sem aviso.

Triassa posicionou as mãos com cuidado, como se a cabeça de Jean fosse uma escultura de barro e ela pretendesse arrancar o nariz e recomeçar a moldá-lo. Aplicou pressão com um movimento suave; Jean permaneceu imóvel, mas cedeu a um gemido longo, profundo, adequadamente teatral. O som do que quer que estava se movendo ou se quebrando dentro do nariz dele fez Locke estremecer como se suas partes privadas tivessem sido postas em água gelada, e um ofegar coletivo brotou dos escribas.

– Talvez só um conhaque pequeno – murmurou Jean com voz rouca, mal movendo os lábios.

Lágrimas escorriam por seu rosto. Locke apontou para uma escriba, que assentiu e saiu correndo da galeria.

Triassa prendeu habilmente o nariz de Jean em talas alquímicas cor de creme e enrolou um pano na cabeça.

– Mantenha isso no lugar – orientou ela. – Você já passou por essa situação, portanto não faça nada idiota. Firme a cabeça ao dormir. Venha me ver amanhã; meu consultório é do outro lado da rua.

– Obrigado – agradeceu Jean.

Um instante depois, a escriba solícita voltou com um copo de bebida cor de caramelo, que Jean tomou cuidadosamente.

– Bom, então – disse Locke. – Agora que todos vimos como *nunca* seremos tão durões, vamos ver o que temos. Entreguem as listas a Nikoros e ele vai cuidar dos detalhes.

– Senhores – começou Nikoros, enquanto suas mãos se enchiam rapidamente com papéis –, fico feliz em vê-los de volta e assumindo um papel mais ativo nas nossas questões, mas, ah... esse volume de trabalho...

– Não se preocupe, Nikoros, há tempo suficiente, presumindo que nenhum de nós durma antes do amanhecer. – Locke apertou o braço de Nikoros, tranquilizando-o, depois baixou a voz para um sussurro particular: – Além disso, se eu pegar você enfiando outra migalha de alquimia negra garganta abaixo, seu cargo vai ficar *vago*. Entendeu?

– Mestre Lazari, o que posso dizer? Estou envergonhado... mas os senhores haviam sumido... tudo estava tão confuso...

– Tudo agora foi desconfundido. Nós vamos tomar um banho e voltar à civilização. Vá trabalhar. Dê-me aquela lista e me consiga o tal alquimista. Há duas damas em particular que estão esperando para ver o que temos na manga, e é hora de as coisas ficarem feias.

– Ahn, claro, mestre Lazari.

– Nikoros!

– Ah... sim, senhor?

– Acabo de ter uma ideia empolgante. Traga-me a lista, o alquimista e depois *um policial da cidade!* Um bem corrupto. Alguém que pense com a bolsa e não seja tímido com relação a isso.

– Ah, certamente, mas isso pode demorar...

– Esta noite, Nikoros, esta noite!

5

LOCKE E JEAN ENCONTRARAM BANHEIRAS com água fumegante na suíte, além de mais comida e toalhas, raspadores corporais e jarros de óleo perfumado suficientes para suprir um harém bastante higiênico. Revigorados e reembrulhados em camadas exteriores respeitáveis, voltaram à galeria particular do Raízes Profundas e encontraram Nikoros esperando, com novos papéis na mão. Locke os examinou o mais rapidamente que a letra ruim permitia.

– Ótimo, ótimo – murmurou. – Dívidas, um monte de dívidas. São jogadorezinhos empolgados, os nosso amigos do Íris Negra... Quem é o credor da maioria?

– A maior parte das dívidas que não acontecem entre pessoas de bem deve implicar Quintofilho Lucidus, do Vel Verda... Bom, ele é dono das casas de tavadagem do Vel Verda, mas mora em algum lugar da Isas Merreau.

– Maravilhoso. Um pequeno duque dos antros de jogatina. Não é um grande jogador em nenhum dos dois partidos políticos, é?

– Não liga a mínima para as eleições, pelo que sei.

– Está ficando cada vez melhor. Exatamente o tipo de homem que mestre Callas e eu devemos visitar no meio da noite, como galenos solícitos fazendo uma consulta em domicílio.

– Galenos?

– Sem dúvida. Queremos que ele se convença firmemente de que, se desconsiderar nosso conselho, poderá sofrer problemas de saúde. Bom, onde estão meu alquimista e meu policial?

– Estão vindo, mestre Lazari, estão vindo...

6

AS LUAS ESTAVAM TÍMIDAS, como os ladrões preferem, ocultas por

trás de nuvens parecidas com lã negra, e o forte vento do sul carregava cheiros de água do lago e fumaça de forja. As fornalhas com fogo reduzido eram manchas fracas de vermelho e laranja aninhadas entre as sombras da Ilha dos Martelos, e a vista da janela do quarto de Quintofilho Lucidus no segundo andar capturava tudo isso lindamente.

Locke demorou um instante para apreciar o quadro da forma adequada antes de se virar e acordar Lucidus com um tapa no rosto.

– Mmmmmf! – fez o kartani atarracado.

A exclamação foi abafada por Jean, que, parado junto à cama, tapou sua boca com uma das mãos e puxou-o com a outra até colocá-lo sentado.

– Shhh – disse Locke, aos pés de Lucidus. Ele ajustou a abertura de sua lanterna, lançando um fecho fino direto sobre o sujeito barbado e remelento, cujo rosto tinha os anos extras que advinham de uma garrafa de vinho. – Seu primeiro pensamento será lutar, por isso eu gostaria que você pensasse em *onde* e *com que profundidade* eu posso cortá-lo, ao mesmo tempo que o deixo perfeitamente capaz de conversar.

Locke desembainhou uma lâmina de aço comprida, recém-polida, e certificou-se de fazer a luz da lanterna bater sobre ela antes de acertar as pernas de Lucidus com a parte chata da arma.

– Seu segundo pensamento – continuou Locke, que usava uma máscara improvisada de pano – será chamar o grandalhão que deveria estar vigiando sua porta da frente. Infelizmente, nós o pusemos para dormir um pouco. Logo, agora meu colega vai tirar a mão de cima da sua boca e você vai controlar o tom da voz.

– Quem, diabos, são vocês? – sussurrou Lucidus.

– *O que* nós somos é a pergunta importante. Somos *melhores do que você*. Não há defesa que você possa inventar nem buraco em que possa se esconder que nos impeça de fazer isto com você quando quisermos.

– O que... o que vocês querem?

– Dê uma boa olhada nestes nomes.

Locke embainhou a arma e tirou um pedaço de pergaminho rasgado, com uma lista curta de nomes, que tinham sido retirados do rol maior, fornecido por Nikoros. Não eram apenas eleitores da oposição e, sim, componentes, com importância variada, da máquina política do Íris Negra.

– Alguns desses homens lhe devem dinheiro, não é?

– É – respondeu Lucidus, forçando a vista para o pergaminho. – É... a maioria, de fato.

– Ótimo. Porque você vai ter alguns problemas financeiros, entendeu? Vai cobrar as dívidas de todos esses ótimos cidadãos.

– Espere só um... Rggggrrrrkkkk...

Essa última exclamação foi porque Jean reafirmou sua presença, sem precisar ser instigado por Locke, através da aplicação cuidadosa de um antebraço na traqueia de Lucidus.

– Não estou solicitando *opiniões* – rebateu Locke, sinalizando para Jean aliviar a pressão. – Estou dando uma ordem. Puxe a coleira dessas pessoas ou você vai ter azar. Casas de tavolagem *queimam*. Casas bonitas como esta *queimam*. Os tendões das suas pernas são cortados. Entendeu?

– Entendi... entendi...

– Quanto a essas questões de dinheiro... – Locke ergueu uma bolsa quase explodindo com cerca de 5 quilos de moedas, e os olhos de Lucidus se arregalaram. – Um painel escondido no chão? Sério? Eu aprendi a descobrir esse tipo de coisa quando tinha 6 anos. Esprema bem essas pessoas, entendeu? Cobre as dívidas. Faça o melhor que puder e ganhará essa bolsa de volta, além de 100 ducados. Não é nem um pouco desprezível, é?

– N-não.

– Se fizer merda – disse Locke, baixando a voz para um rosnado –, o dinheiro some. Tente ficar no meu caminho e eu destrincho

ocê como um assado. Vá trabalhar amanhã e não se preocupe em nos procurar. Quando quisermos conversar de novo, nós o encontraremos.

7

— AGORA DIGA — PEDIU JEAN, olhando um mapa detalhado de Kartane com todas as avenidas e ilhas —, que bairros são geralmente considerados garantidos para cada partido?

Era fim de tarde no dia depois da visita noturna à casa de Quintofilho Lucidus. Locke e Jean estavam na galeria particular com Maldita Superstição Dexa e Primeirofilho Epitalus. Nikoros, que fora posto para trabalhar feito um autômato durante mais tempo do que Locke pretendia, havia apagado numa cadeira de espaldar alto. Fosse fadiga honesta ou induzida alquimicamente, Locke lhe permitira roncar por enquanto.

— Nós temos todos os lugares certos, meu caro rapaz — respondeu Dexa, apontando para a porção sudeste do mapa. — Isas Mellia, Tedra e Jonquin. As Três Irmãs, distritos do dinheiro herdado. Oito décimos do Caça-Prata e de Vorhala também votam no Raízes Profundas.

— Já a oposição tem a Ilha dos Martelos e os bairros ao redor. Barresta, Merreau, Lacor, Agarro, distritos comerciais, veja bem. — Epitalus exalou dois jatos de fumaça branca de cachimbo pelas narinas e breves formações de nuvens pairaram sobre a cidade ilustrada. — Novos homens e mulheres. Com tinta ainda molhada nos recibos dos privilégios eleitorais, entendeu?

— Então são cinco contra cinco — resumiu Locke. — E os outros nove distritos estão no jogo?

— Mais ou menos — respondeu Dexa. — O sentimento na cidade...

— Pode ir se enforcar — completou Locke. — O plano básico é o seguinte, pelo menos o que posso revelar agora. Vamos manter a

maior parte do nosso dinheiro fora dos bairros estabelecidos. Não temos tempo para ganhar as fortalezas do Íris Negra e não devemos nos preocupar com a hipótese de eles ganharem as nossas. Vamos fazer algumas jogadas de desorientação e pregar peças infantis, mas a maior parte do nosso esforço vai para os nove indecisos. Vocês dois estão muito ocupados com tarefas do Konseil?

– Nem um pouco – garantiu Dexa. – Nós entramos parcialmente em recesso na temporada da eleição. Kartane praticamente se governa sozinha, a não ser nas emergências.

Epitalus murmurou algo e Locke teve certeza de que era *Abençoada seja a Presença*.

– Ótimo – comentou Locke. – Gostaria que vocês dois me fizessem um favor. Vão procurar alguns eleitores indecisos em distritos fora dos de vocês. Façam visitas pessoais. Pessoas importantes, a nata da classe média. Tenho certeza de que vocês podem pensar em uma centena de candidatos. Ganhem votos com charme, um por um, nos distritos onde cada um desses votos conte. Isso parece agradável?

– Com todo o respeito, mestre Lazari – observou Epitalus –, não é assim que fazemos as coisas aqui em Kartane.

– Duvido que seus colegas da hierarquia do Íris Negra relutariam diante dessa tarefa.

– Não é como as pessoas de *substância* fazem as coisas – concordou Dexa gentilmente, como se explicasse a uma criança muito pequena que o fogo é quente.

– Espera-se mais de nós do que do Íris Negra – continuou Epitalus. – Padrões mais firmes. Não saímos por aí cortejando qualquer um, mestre Lazari. Sem dúvida o senhor consegue ver que isso nos faria parecer mendigos.

– Duvido que alguém que receba as visitas que eu propus deixaria de ficar profundamente lisonjeado em receber alguém da estatura de vocês – retrucou Locke.

– Não estamos falando deles – replicou Dexa – e, sim, de nossos colegas membros do Raízes Profundas. Esse tipo de comportamento não poderia ser apoiado...

– Sei – interrompeu Locke. – Não importa que esse tipo de escrúpulos tenha trazido uma derrota embaraçosa a vocês nas últimas duas eleições. Não importa que vocês passem a aplicar seus “padrões mais firmes” para um círculo de associados cada vez menor, com influência cada vez mais reduzida, e permitam alegremente que o Íris Negra vença de novo.

– Ora, ora, caro mestre Lazari – disse Dexa. – Com certeza não há motivo...

– Estou encarregado de vencer essa eleição. Para isso, violarei cada costume que deve ser violado. Se não tenho sua confiança plena, os senhores podem ficar com minha demiss...

– Ah, não – interveio Epitalus. – Não, por favor...

De novo Locke viu o funcionamento curioso das artes dos Magos-Servidores, à medida que os preconceitos entranhados dos kartanis guerreavam com seu condicionamento para enxergá-lo como algum tipo de cruzamento entre um chefe de espões e um profeta. Era algo por trás dos olhos deles e, apesar de parecer que a coisa pendia para o seu lado, ele achou melhor colocar um pouco de doçura, para dar mais garantia.

– Eu não pediria isso a vocês – falou em tom afável – se não acreditasse que os estou mandando para o sucesso garantido. Sua qualidade e sua graça irão lançar esses indivíduos imediatamente para o nosso campo e, como vocês mesmo os estarão escolhendo, eles trarão nada menos do que crédito para o Raízes Profundas. Consigam-nos uns cem. A vitória valerá a pena, tenho certeza.

Dexa e Epitalus aquiesceram. Não energicamente, mas Locke ficou satisfeito ao ver que o assentimento era sincero.

– Esplêndido. Agora eu tenho um encon... um jantar. Jantar de trabalho. Algo... ah... que pode ser muito vantajoso para nós. Mestre

Callas estará aqui caso vocês precisem de algo.

– Achei que o senhor estava vestido bem demais para uma sessão de planejamento – comentou Dexa.

– E o pobre Via Lupa? – perguntou Epitalus.

– Hummm? Ah, Nikoros... Deixem-no dormir um pouco. Ele vai estar completamente atolado em cestas e fitas verdes amanhã.

Locke fez vários ajustes inúteis em sua casaca azul-escura e espanou poeira imaginária da gravata de seda preta.

– Se eu não voltar... – murmurou para Jean.

– Vou derrubar o Marco da Íris Negra até os alicerces e colocar Sabeta num navio para Talisham.

– Isso é reconfortante – sussurrou Locke. – Certo. Preciso ir esperar a carruagem. Prenda um bilhete na lapela do Nikoros, está bem? Ainda estou esperando a porcaria do alquimista e do policial.

8

A CARRUAGEM CHEGOU NA HORA e era confortável, mas Locke viajou em alerta, com as janelas do compartimento escancaradas e uma das mãos num bolso do casaco. Teria conjurado instantaneamente gazuas, uma adaga, um cassetete ou um pequeno pé de cabra se a situação exigisse.

No entanto, antes que surgisse qualquer necessidade para os truques escondidos na casaca, a viagem terminou embaixo de uma torre de pedra iluminada calorosamente, em algum lugar do que Locke supôs ser o distrito do Caça-Prata. Pelo menos uma dúzia de pessoas bem-vestidas eram visíveis, aparentemente à vontade. Um lacaios com casaca de seda vermelha abriu a porta da carruagem para ele e fez uma reverência.

– Bem-vindo ao Supervisão, mestre Lazari – anunciou o lacaios quando Locke pisou na calçada. – O senhor já é esperado, siga-me, por favor.

Permitindo-se ter esperança de que haveria um jantar de verdade, e não uma emboscada, Locke olhou para cima e ficou pasmo. Gaiolas de latão esféricas, unguidas com lanternas alquímicas, envolviam o nível mais alto da torre. Estavam suspensas por algum complexo aparato mecânico e formavam uma espécie de halo reluzente, a cerca de 20 metros do chão.

Enquanto o laçao o levava ao redor da torre num caminho isolado por uma cerca viva, Locke ouviu um ruído baixo vindo de cima. A gaiola do lado diretamente oposto à parada das carruagens desceu com suavidade e pousou num círculo de pavimento com cerca de 5 metros de diâmetro. O laçao segurou duas alavancas e abriu a porta da gaiola, revelando o interior luxuoso... e Sabetá.

Ela usava um vestido creme por baixo de um casaco cor de conhaque escuro, e o cabelo pendia solto abaixo dos ombros. Estava sentada numa almofada ao estilo jereshti, com as pernas cruzadas, atrás de uma mesa da altura dos joelhos. Atordoado pela visão dela e pela estranheza do ambiente, Locke entrou com mansidão na gaiola e se ajoelhou em sua almofada. O laçao fechou a porta e, depois de um instante, a gaiola subiu devagar, levada por algum mecanismo que sem dúvida era obsessivamente lubrificado em deferência aos ouvidos delicados dos clientes.

– Se você quisesse que eu estivesse pronto antes – começou ele –, eu ficaria feliz...

– Ah, deixe pra lá. Como eu poderia ser adequadamente misteriosa e fascinante se não estivesse esperando calmamente por você quando a porta abrisse?

– *Você* conseguiria isso, de algum modo.

Locke examinou a gaiola com mais atenção. Apesar de a mesa ser cercada por cortinas de gaze, no momento elas estavam puxadas para o teto e amarradas. A gaiola era composta por barras finas separadas por espaços de pouco mais de 2 centímetros, através das quais Locke podia ver a região nordeste de Kartane sob as linhas

vermelho-douradas de um crepúsculo se esvaindo.

– Na nossa terra, eles castigam criminosos com um negócio parecido com esse.

– Bom, em Kartane, os criminosos pagam pelo privilégio de serem içados. Disseram-me que o Supervisão foi inspirado no Palácio da Paciência. Algo sobre o modo como o oeste suaviza e aperfeiçoa os costumes do leste.

– Eu estou por aqui há vários anos e não me sinto suavizado nem aperfeiçoado.

– É mesmo, você ainda nem se ofereceu para servir o vinho – concordou Sabeta, fingindo desdém.

– Ah, maldição.

Locke se levantou atabalhoadamente. Havia uma garrafa de alguma coisa decantando na mesa, ao lado de três taças. Ele cumpriu com o dever graciosamente, enchendo duas taças e oferecendo uma a ela, com uma reverência exagerada.

– Melhor assim, mas você esqueceu alguém – comentou ela, apontando para a taça vazia.

– Humm? – A proximidade com Sabeta era como areia nas engrenagens de sua mente. Ele imaginou que podia senti-las se esforçando para girar enquanto olhava a taça vazia, e então veio uma onda quente de vergonha. – Inferno e castração – murmurou, servindo de novo. – Uma taça servida pelos amigos ausentes. Que o Guardião Torto abençoe seus servidores tortos. Correntes, Calo, Galdo e Pulga...

– Que eles riam para sempre em mundos melhores do que este – completou Sabeta, tocando a taça de Locke.

Os dois tomaram goles pequenos. Era uma safra boa, suave e forte, com gosto de ameixas e laranja ácida. Locke sentou-se de novo na almofada e os dois compartilharam uma pausa incômoda.

– Desculpe – disse Sabeta. – Não pretendia dar um toque melancólico.

– Eu sei. – Locke bebericou o vinho, raciocinando que, se ele estava drogado, todas as suas esperanças e suposições eram inúteis, de qualquer modo. O arsenal em miniatura em sua casaca pareceu subitamente cômico. – Então... é, gostou da flor que eu trouxe?

– A flor invisível? A flor hipotética?

Locke arqueou as sobrancelhas e bateu no lado direito da casaca. Sabeta olhou para baixo, bateu apressadamente em seu próprio casaco e tirou uma rosa sem haste, as pétalas de um púrpura escuro com borda de carmim.

– Ah, seu trapaceirozinho esperto. Enquanto servia o vinho.

– E você estava olhando a garrafa, e não o mancebo – disse Locke com um suspiro teatral. – Tudo bem. Meu orgulho já foi totalmente pisoteado. Mas espero que você goste da cor. Estufa de Kartane. Tinha haste, mas tornaria muito difícil carregá-la ou manipulá-la.

– Não me importo. – Sabeta pousou a rosa com cuidado no meio da mesa. – Presumindo que não vá explodir, me colocar para dormir ou algo do tipo.

– Abri mão da vingança nesse quesito. Mas precisamos falar sobre o assunto, para que possamos superá-lo.

– O que há para dizer?

– Sequestro. Agressão. Exílio. Alquimia. Truques sujos dessa natureza, voltados contra mim ou Jean.

– Nós aprendemos uma dúzia de modos de incapacitar alguém antes de termos 10 anos – retrucou Sabeta. – Isso é bem rotineiro para nós. Concordei com uma trégua esta noite...

– Deveríamos estabelecer uma trégua constante. Imunidade mútua contra qualquer ataque pessoal direto. Se vamos travar essa luta, vamos fazê-la mente contra mente, plano contra plano, sem precisar dormir embaixo da cama porque estamos com medo de acordar num navio no dia seguinte.

– *Eu* não tenho medo de acordar num navio.

– Tente a sorte, lindeza, e eventualmente a sorte se voltará contra você. Eu posso ser burro a ponto de jantar com você numa jaula de metal, mas pense no Jean. Se ficar livre para agir por conta própria, ele vai esmagar seu exercitozinho como fígado de ganso cozido e você irá para Talisham numa caixa.

– Ele é tão temível assim, é?

– Diga de novo quantas pessoas você destacou para pegá-lo enquanto estava ocupada me drogando.

– E se os Magos-Servidores interpretarem isso como conluio...?

– Não é nada do tipo. Diabos, isso só aumenta o valor da diversão para nossos senhores canalhas. Eles *querem* que façamos esse negócio do modo ao qual estamos acostumados. Cabeças funcionando, e não sendo quebradas. E você não pode dizer que isso não estimula seu orgulho.

– Só para ser clara, você está sugerindo que eu descarte uma abordagem que já me trouxe sucesso considerável e continue com a luta num nível mais adequado às restrições da sua... bom... da sua inadequação, e que eu deveria agir assim porque isso vai fazer com que eu sinta o brilho caloroso da virtude?

– Acho que, se você descartar a adorável ressonância emocional da minha sugestão e ficar com o significado puro...

– Que estranho. Você está parecendo um trapaceiro falando de confiança. Mas não tenho objeção quanto a terminar um joguinho enquanto estou por cima de você – disse ela com um pequeno sorriso. – Trégua discutida, *estritamente* limitada a você, Jean e eu, a fim de que tenhamos mais tempo para nos preocuparmos com a disputa propriamente dita. Um brinde a isso?

– A taça cheia é uma promessa vazia.

As taças dos dois soaram quando eles brindaram e ambos tomaram o vinho até a última gota.

– O dobro ou a desonra – falou Sabeta, enchendo depressa as taças.

De novo os dois disputaram para chegar ao fundo das taças e, ao término, o riso dela pareceu suficientemente genuíno para Locke sentir que um vento novo havia soprado sobre a brasa adormecida em seu coração.

– Você não faz ideia – disse enquanto a névoa quente do vinho subia do peito para a cabeça – de quanto sofrimento estou disposto a aguentar para ouvir esse riso outra vez.

– Ah, merda. – Sabeta revirou os olhos sem banir o sorriso. – Direto dos negócios para a caça às saias.

– Você é que está me dobrando com o vinho!

– Qualquer mulher de bom senso prefere seus homens bêbados e tratáveis.

– E agora você está falando de mim possessivamente. Pelos deuses, continue assim.

– Isso está muito longe da criatura suja que invadiu minha estalagem e me acusou de puxar cruelmente os fios do seu coração.

– Experimente ficar quatro dias numa sela sem preparação e ver o humor em que isso vai deixá-la.

A conversa foi interrompida quando uma prancha de ferro deslizou da torre e se travou ao lado da gaiola. Um garçom apareceu e abriu a porta na treliça de latão, através da qual fez várias viagens para entregar mais vinho e começar a servir a comida em pratos dourados.

– Espero que você não se incomode por eu ter feito o pedido – disse Sabeta.

– Estou à sua mercê – garantiu Locke, cujo estômago roncou dolorosamente.

Por sorte, Sabeta pareceu sensível à estranheza de seu novo apetite. Ela atacou os pratos com um prazer indelicado que combinava com o dele.

Havia os cogumelos subaquáticos do Amatel, translúcidos e cozidos até uma textura de teia de aranha, acompanhados por trufas

pretas como carvão em molho de malte e mostarda. Havia queijos frescos cremosos e pimentões crocantes, cáusticos e dourados. Pães com especiarias, fritos com cebolas doces e salpicados com iogurte amarelo picante, uma variação de um prato que Locke reconheceu da culinária de Syrune. Cada uma das comidas era acompanhada de vinho e mais vinho. Apesar de sentir o juízo se suavizando, Locke ficou animado ao ver o rubor cada vez mais profundo no rosto de Sabeta e o modo como os sorrisos dela ficavam mais largos e fáceis à medida que a noite prosseguia.

O crepúsculo púrpura se tornou a escuridão plena da noite, e Kartane, um mar de formas meio sombreadas suspenso entre o negrume e as fagulhas alquímicas.

O prato principal era uma tartaruga em tamanho real feita com pães multicoloridos cobertos de glacê. O topo da carapaça crocante da criatura era fino como papel e, depois de atravessado por uma concha, revelou um lago de ragu de tartaruga e ostra. O prato sofreu um cerco entusiasmado dos dois lados da mesa.

– Você já teve a chance de olhar por cima da Isas Escolástica antes? – perguntou Sabeta, recuperando parte da delicadeza de uma dama ao limpar o queixo com um guardanapo de seda. – Fica atrás de mim, do outro lado do canal. A Ilha dos Eruditos. Lar dos magos, ou pelo menos é o que afirmam.

– Afirmam? Não, nunca tive chance de ver. Não dá para ver muita coisa agora, com a escuridão e o vinho.

– Parece que eles não se incomodam com o fato de as pessoas construírem torres ao redor dos limites de seu pequeno santuário. Andei fazendo um pouco de turismo. Digo *afirmam* porque não sei se acredito que eles todos vivem felizes juntos como estudantes do Colégio em quartos. Acho que estão espalhados por toda parte. Acho que a Isas Escolástica é só para onde eles querem que todo mundo olhe.

– Então todos aqueles parques, prédios e coisa e tal são apenas

um embuste?

– Não, tenho certeza de que eles *usam* o lugar, só que não como única residência. – Ela tomou um último longo gole de vinho e empurrou a taça para o lado. – Mas não acredito que eu já tenha visto um deles lá embaixo. Nenhum.

– O quê, eles usam sinais ou algo assim? Chapéus engraçados? Eles são fáceis de identificar quando a gente vê os pulsos e os modos de agir, mas, ao longe, devem parecer pessoas comuns.

– Já vi serviçais. Pessoas guiando carroças, descarregando coisas, mas não eram Magos-Servidores, com certeza. Nunca vi ninguém andando à vontade pela Isas Escolástica, nem dando ordens, nem falando com outras pessoas. Nem guardas, nem senhores e senhoras, apenas serviçais. Se eles estão lá embaixo, escondem-se. Até mesmo de olhos que estão a centenas de metros de distância.

– São pessoas estranhas. – Locke olhou para os restos de seu vinho laranja-claro. – E digo isso como um sujeito profissionalmente estranho, totalmente qualificado, no grau mais alto. Gostaria que eles não fossem uns canalhas tão arrogantes, mas acho que pessoas estranhas têm hábitos estranhos.

– Eu fico pensando. Você... você sente que seus... controladores foram honestos com relação aos motivos para essa disputa deles?

– Diabos, não. Mas essa foi uma pergunta fácil. Talvez você não tenha conhecido meu lado da família dos magos. Por que, você acha que os seus são...

– Não sei – disse ela baixinho, contemplando a noite. – Eles entregaram todas as ferramentas que prometeram entregar. Parecem felizes com o meu trabalho, e acho que as promessas que fizeram sobre as consequências são sinceras. Mas os segredos, a desorientação, é uma coisa tão habitual...

– Você *realmente* não está acostumada a se sentir como uma peça num tabuleiro.

– É. – Sabeta encerrou seu breve momento pensativo mostrando a língua para ele. – Não tive todas as oportunidades que você teve para se aclimatar a essa sensação.

– Ah, não! Serpente de vestido. Bom, se eu não fosse cavalheiro demais para golpear seu espírito com uma réplica cortante e inteligente, madame, você seria... completamente... hum, replicada nesse momento.

– Se você fosse cavalheiro, não seria uma companhia divertida para o jantar.

– Você admite que está se divertindo?

– Admito que é como eu temia. – Ela olhou para a mesa por um instante antes de continuar. – Sua presença é... cada vez menos uma tarefa árdua e cada vez mais um conforto.

– Bom – Locke deu um risinho –, eu sempre adoro não ser o fardo que você estava esperando!

– Sobremesa?

– Você me perdoaria se eu implorasse para recusar? – Locke deu um tapinha na barriga, que misericordiosamente chegara ao limite absoluto de sua gulodice. – Estou estufado como um saco de grãos.

– Ótimo. Você ainda está magro demais.

O garçom levou os pratos e deixou uma prancheta com uma nota dobrada. Sabeta pegou-a e olhou-a preguiçosamente.

– O que é?

– A nota, item por item. Aqui eles a trazem à mesa. É a última moda. Deixa os que sabem ler demonstrarem isso em público.

– Estranho. Mas aqui é o oeste. E agora, Sra. Gallante? Uma caminhada, um passeio de carruagem, talvez um...

– Agora descansamos sobre os louros. – Ela se levantou da mesa e se espreguiçou, revelando a precisão com que o vestido e o casaco se ajustavam às curvas. – Olhe, não é que eu não tenha apreciado esta pausa, mas certas coisas... precisam ir devagar.

– Devagar – disse Locke, sabendo que estava fracassando

miseravelmente em esconder o desapontamento. – Claro.

– Devagar – repetiu ela. – Temos cinco anos e mais gumes afiados para limar. Eu posso estar disposta a trabalhar nisso, mas não creio que consiga fazer tudo em uma noite.

– Sei.

– Ah, não me venha com esse olhar de cachorrinho se afogando.
– Sabeta tocou a cintura dele e lhe deu um beijo no rosto que não era exatamente passional, mas foi um pouquinho mais longo do que o educado. – Vamos fazer isso de novo. Daqui a três noites. Vou escolher outro lugar interessante.

– Daqui a três noites. – Locke ainda sentia a pressão quente dos lábios dela contra a pele. – Três noites. Certo. Tente me impedir.

– Não posso. Parece que prometi uma luta limpa.

Ela tirou um par de luvas do casaco e calçou-as.

– Posso pelo menos levá-la à sua carruagem?

– Mmmmm... acho que não – falou Sabeta com malícia. – Eu tento viver segundo a regra básica de nossa profissão compartilhada, ou seja: sempre deixe o otário querendo mais.

Sabeta enfiou a mão embaixo da mesa e pegou um rolo de semisseda que estava escondido ali. Locke olhou, perplexo, ela conjurar uma fina gazua de metal e aplicá-la à porta do garçom, que se abriu em segundos.

– Ei, espere um minuto...

– Era para o caso de você tentar alguma tramoia. Se eu iria usá-la para escapar ou para enforcar você ainda é uma questão em aberto.

– Sério?

– Eu não diria isso – respondeu ela com um sorriso. – Mas sou definitivamente *sincera*. Obrigada pela flor. Em troca, deixei uma coisinha para você.

Então ela se foi. A corda estava ancorada num ponto da gaiola embaixo da mesa; Sabeta chutou-a pela porta e desceu fazendo

rapel para dentro da noite, sem um arnês, deslizando com a fricção de botas e luvas, o vestido se enfunando como as pétalas de uma flor golpeada pelo vento.

– *Maldição* – sussurrou Locke olhando-a pousar em segurança e sumir lá embaixo.

Depois de um momento, as últimas palavras dela enfim passaram se espremendo pela película de vinho grudada no cérebro e ele se apalpou freneticamente. Havia um pedaço de papel no bolso esquerdo da casaca. Uma carta de amor?

Desdobrou-o às pressas e encontrou a conta do jantar.

9

– **MEXA-SE! MEXA-SE! PELA SUA vida, mexa-se!**

Porteiros se espalharam, saindo da frente de um par de cavalos mal controlados que arrastavam uma carreta guiada por um cocheiro de olhos arregalados. A traseira do veículo estava cheia de sacos e barris, um dos quais havia deixado escapar uma trilha crescente de fumaça cinza por toda a rua. Com um estrondo, a carreta quebrou uma roda contra o meio-fio e tombou, derramando o conteúdo numa pilha diante da porta da frente do Marco da Íris Negra.

– É alquimia! – O cocheiro, um sujeito magro, de barba branca, com um volumoso casaco roído por ratos, saltou para o chão enquanto a fumaça aumentava, passando por ele. Fagulhas saltavam e lampejavam no meio da carga derramada, e o homem desatrelou seus animais frenéticos. – Montes de alquimia! Peguem água e areia ou fujam para salvar a vida!

Clientes, serviçais e guardas afluíram da estalagem para investigar a confusão, mas recuaram consternados à medida que a fumaça passava por eles, entrando no prédio. Estalos soavam agourentos em meio à névoa e fogos de cores fantasmagóricas ganhavam vida. O cocheiro da carreta acidentada levou os cavalos

para o outro lado da rua, onde encontrou vários garotos com a libré do Íris Negra observando o desastre se desenrolar.

– Aqui! – gritou ele, pondo as rédeas nas mãos de um garoto. – Vigie meus animais! Já volto!

O sujeito barbudo atravessou a rua e entrou no meio da fumaça. Fumaça verde, fumaça vermelha e fumaça amarelo-mostarda se desenrolavam do fogo que se espalhava, fiapos subindo como sinistras serpentes do ar. As névoas tinham odores nauseabundos de alho, enxofre e carne podre. Todo o lado da rua onde ficava o Marco da Íris Negra estava submerso num pitoresco pesadelo alquímico.

Mais ou menos escondido na fumaça que se adensava, através da qual o sol da tarde mascarado brilhava num bronze débil, o cocheiro correu por um beco ao lado da estalagem. Jogou o casaco e o chapéu atrás de uma pilha de caixotes vazios, depois tirou a calça larga e as botas, revelando um calção preto justo e sapatos polidos. A barba foi a última coisa a ir embora. Recém-descascado como uma fruta humana, de queixo liso e bem-vestido, Locke Lamora saiu andando casualmente pela extremidade do beco enfumaçado e entrou no pátio atrás da estalagem.

– Mestre Lazari. Boa-*uuff*-tarde!

Sabeta rolou da empena mais baixa nos fundos do Marco da Íris Negra, pousou com força, recuperou-se com graciosidade e fez uma pequena reverência a uns 3 metros de distância. Três seguranças a seguiram, aterrissando desajeitadamente, e se espalharam num arco em volta de Locke. A janela de onde eles haviam se jogado permaneceu aberta, com os postigos balançando à brisa suave.

– Ah, olá, Sra. Gallante – cumprimentou Locke, animado. – Está tendo problemas com sua estalagem?

– Nada que não possa ser corrigido com uma pequena ajuda, tenho certeza.

– Eu gostaria de poder ajudar. Estava passando por perto, por acaso. Aahhh! Agora me lembro! Vocês estão fazendo uma espécie

de grande reunião festiva do Íris Negra hoje, não é? Meus pêsames! A fumaça, as chamas... só posso imaginar a consternação.

– Tenho certeza de que você imaginou em detalhes. – Sabeta chegou suficientemente perto para baixar a voz: – Camponês barbudo entra pela ponta de um beco, cavalheiro barbeado sai pela outra? Sério mesmo?

– É um clássico!

– Tem teias de aranha. Poderia enganar quem não tivesse visto você fazer isso antes. Agora, quer vir comigo graciosamente ou nos ombros dos meus amigos?

– Quero lembrá-la, querida, de que minha pessoa é inviolável.

– Não me chame assim quando estamos usando as caras de trabalho. E a pessoa de ninguém vai ser violada. Mas você não pode achar que vou deixá-lo sair passeando enquanto uma carroça cheia de merda alquímica fica queimando na minha porta.

– Claro que posso. É tudo perfeitamente inofensivo. Ah, o cheiro pode ser medonho, e uma parte reage mal com água, e não há como dizer o que é o quê até que você experimente, mas espere algumas horas, depois areje sua estalagem por um ou dois dias. Não vai restar nada.

– Mesmo assim, acho que você deveria se sentar numa salinha e ficar entediado até que eu controle a confusão.

– Ora, ora. Você deve me dar o crédito de ter pensado em um plano B para o caso de você decidir fazer isso.

– E, claro, você deve esperar que eu tenha o meu, para o caso de você querer jogar duro.

– Ah, *sem dúvida*.

– Bom... – Sabeta correu um dedo para cima e para baixo por uma lapela do casaco dele. – Eu mostro o meu se você mostrar o seu.

– VOCÊ AÍ! FIQUE PARADO!

O grito ecoou pelo pátio enquanto um trio de policiais com

sobretudos saía da fumaça. O líder, um homem com barba cor de trigo e a estética de uma peça de banha, tocou Locke no ombro com um bastão de madeira.

– Como policial de Kartane, senhor, devo detê-lo formalmente.

– Que pavoroso. – Locke fingiu um bocejo. – Qual é a acusação?

– O senhor se parece com um suspeito procurado para ser interrogado numa questão confidencial. Terá que vir conosco.

– Que pena! – Locke permitiu que os guardas se reunissem em volta dele e tirou um chapéu imaginário para Sabetá, enquanto recuava com eles. – Verena, eu gostaria de continuar nossa conversa, mas parece que as deficiências do meu caráter se tornaram assunto de preocupação oficial. Desejo sorte no tratamento de sua pequena... conflagração.

Logo antes que a nuvem de fumaça o engolissem de novo, Locke fez um gesto rápido, em código: *Estou ansioso por amanhã à noite.*

A reação dela *foi* um gesto, só que não se originava nos sinais particulares dos Nobres Vigaristas. Ainda assim, Locke sentiu-se tranquilizado pelo fato de que ela sorriu ao fazê-lo.

A rua diante do Marco da Íris Negra se tornara uma confusão fedorenta. Homens e mulheres bem-vestidos e com flores pretas pregadas nos casacos procuravam fugir, enquanto pessoas bem-intencionadas com baldes de água tropeçavam umas nas outras e rolavam como bolas de bilhar. Os fogos alquímicos continuavam queimando alegremente, um arco-íris parcial de luzes enfeitadas dentro do miasma. Os “captadores” de Locke andaram com ele durante cerca de um quarteirão antes de se desviarem para um pátio vazio e sem janelas.

– O momento foi *perfeito*, sargento – elogiou Locke, pegando três bolsas de couro de tamanho igual. – Digno de aplauso.

– Nós nos orgulhamos de realizar nosso dever cívico – respondeu o sujeito barbudo.

Ele e seus colegas aceitaram as bolsas com sorrisos largos; cada

um recebeu o equivalente a três meses de salário em troca dos poucos minutos aguardando por perto, para o caso de Locke precisar. Foi tremendamente agradável, pensou Locke, percorrer os familiares reinos da avareza depois de lidar com a maleabilidade fantasmagórica do pessoal "ajustado" do Raízes Profundas.

– Agora, nada daquilo era perigoso *de verdade*, certo? – perguntou o sargento, com uma sobrancelha farta levantada.

– Inofensivo como cuspe de bebê. Desde que ninguém seja idiota a ponto de enfiar a mão num fogo.

Satisfeitos, os policiais partiram. Locke só precisou esperar alguns minutos antes que Jean viesse passeando pela avenida, vindo da direção da fumaça, com vários sacos vazios sobre o ombro.

– Como foi? – indagou Locke enquanto os dois sincronizavam o passo.

– Mais do que perfeito. Eles estavam todos tão distraídos que seria perda de tempo eu me incomodar em ser furtivo. Foram 37 cobras jogadas pelas chaminés frias.

– Magnificamente infantil, se bem que sou eu que estou dizendo.
– Locke coçou o queixo para tirar algumas partículas teimosas do adesivo para a barba. – Espero que isso os mantenha inquietos durante alguns dias.

– E se ela responder com coisas do gênero?

– Fiz arranjos para que as equipes de trabalho da cidade façam algumas mexidas desnecessárias nas pedras do calçamento em volta da estalagem do Josten nos próximos dias. Nenhuma carruagem vai chegar a menos de 20 metros. Nossos amigos vão reclamar, mas isso deve manter um bocado de tramoia a distância.

Enquanto andavam, Locke notou pela primeira vez que tinham começado a aparecer estandartes pendurados em sacadas e janelas. Aqui e ali, havia uns poucos verdes corajosos, mas, naquela vizinhança, a maioria era preta. O interesse dos cidadãos estava aumentando; metade das seis semanas quase se passara. Pregar

peças irritantes era uma ótima jogada, mas chegada a hora de começar a cortar de verdade alguns dos recursos de Sabeta.

- Aqueles espiões continuam a vigiar nossa sede... – disse Locke.
- Está a fim de uma visitinha de hospitalidade assim que o sol baixar?

10

A SEGUNDA NOITE DE TRABALHO nos andares de cima foi tão fácil quanto a primeira. Varreram o quarteirão ao redor da Acomodações do Josten logo depois da meia-noite, esgueirando-se em silêncio por jardins de terraços e por telhados bem cuidados, usando chaminés e parapeitos para se esconder.

Nem todo mundo com quem cruzavam era pago por Sabeta. Uma mulher bêbada, encolhida no canto de seu terraço, soluçava sobre uma pequena pintura e não notou quando eles passaram. Dois rapazes ágeis enrolados nos braços um do outro alguns jardins adiante estavam absorvidos de modo similar. Locke se esgueirou por perto das roupas abandonadas por eles, suficientemente perto para revistá-las em busca de bolsas, mas pontadas de simpatia contiveram o impulso. Fazer maldade com amantes felizes poderia dar ensejo a uma justiça cruel que pisotearia suas próprias esperanças.

O primeiro alvo legítimo foi apanhado desprevenido e as posses do sujeito deixaram claro seu serviço. Ele usava uma capa estampada em cinza e marrom, ideal para se fundir às sombras da cidade, carregava uma luneta, e os restos de uma refeição fria estavam espalhados ao redor do esconderijo. Num instante, Jean jogou-o de barriga para baixo e se agachou em cima, puxando para trás os braços do pobre coitado. Locke se ajoelhou perto da cabeça do sujeito, achando divertida a familiaridade que ele e Jean estavam adquirindo com o velho número do Voz Ameaçadora e do Fortão

Silencioso.

– Se tentar gritar – sussurrou Locke –, vamos arrancar os seus braços, enfiar um pela garganta e o outro pelo cu, de modo que você vai parecer carne num espeto. Quantos de vocês estão vigiando o Josten?

– Não sei – sibilou o homem.

Locke lhe deu um empurrão na nuca, fazendo o rosto quicar nas telhas. Com força, mas não muita.

– Isso não vale a pena. Sua patroa não espera uma lealdade de vida ou morte, certamente. Mas nós *vamos* machucar você para dar um recado.

– Tem mais um – cuspiu o cativo. – Um, que eu saiba. Talvez mais. Olhe para além desse parapeito. Depois de quatro telhados, o telhado da botica. Ele está lá, em algum lugar. Juro que é só isso que posso dizer.

– Está bom – disse Locke. Em seguida, sacou a adaga e retalhou a capa do sujeito. Quando o agente de Sabeta estava amordaçado e totalmente amarrado, Locke lhe deu um tapinha nas costas. – Agora não se incomode. Assim que terminarmos de tirar todos os seus amigos, vamos dar a dica a um deles e todos vocês serão recolhidos. Não deve demorar mais do que algumas horas. Não faça nenhuma idiotice.

O segundo agente estava agachado em cima da botica, porém um pouquinho mais alerta, e os recebeu com um cassetete na mão. O que se seguiu foi uma verdadeira escaramuça, com Locke agarrando as pernas do sujeito enquanto Jean tentava desarmá-lo, atrapalhado pela necessidade de evitar matá-lo. Tamanho era o espírito de luta do sujeito que os dois tiveram de deixá-lo inconsciente antes de poderem trocar uma palavra.

Ao se aproximarem do fim do circuito pela vizinhança, quem sabe dez minutos depois, encontraram um terceiro e, ao que parecia, último observador, felizmente não mais alerta do que o primeiro.

– Nós cuidamos de todos os seus amigos – disse Jean, animado, enquanto pendurava o sujeito por cima do beco ao lado do prédio, pelo colarinho do casaco. – Estão amarrados feito frangos de festa.

– Pelos grandes deuses, amigo, não é nada pessoal – soluçou o sujeito, encarando as sombras quatro andares abaixo. – Só estamos fazendo o nosso maldito trabalho!

– Encontre outro trabalho – rebateu Locke. – Nós estamos sendo muito, muito cordiais. Na próxima vez que pegarmos espiões espreitando nesta vizinhança, vamos aleijá-los. Isto aqui agora não é Kartane, é o estado soberano do Vá se Foder e Vá Para Casa.

– Mas...

– Dê uma boa olhada nesse beco. Imagine a sensação daquelas pedras frias e duras quando jogarmos você deste telhado. Se vier aqui de novo, é melhor ter asas. Agora, seus colegas estão amarrados no lugar deles. Pegue-os e deem o fora.

– Será que não podemos discutir...

– Tire a bosta de cachorro dos ouvidos, seu peido de cadáver – rosnou Jean. – Quer fazer o que a gente mandou ou quer beijar a calçada?

Por acaso, ele queria fazer o que os dois mandaram.

11

– VOCÊ JÁ PENSOU EM como o Correntes fodeu com todos nós?

– Deuses do céu! – Locke evitou por pouco engasgar com a cerveja. – Você está bêbada?

– Nem um pouco.

Sabeta segurou seu copo com firmeza total durante vários instantes para sustentar a afirmação.

– Entendo sua frustração com o modo como algumas coisas aconteceram – comentou Locke. – Você *sabe* que eu escutei você.

– Sei.

– E sabe que eu acho que você tinha argumentos bons. Mas o Correntes era um homem generoso. Um homem generoso e atencioso, independentemente dos defeitos.

– Não é disso que estou falando. Ele queria uma família, desesperadamente. Já percebeu isso?

– Claro. Nunca pensei nisso como um defeito.

– Com frequência, acho que ele queria uma família mais do que uma gangue.

– De novo...

– A consciência é um peso morto na nossa profissão. – Sabeta olhou para as profundezas cor de âmbar de seu copo com bebida pela metade. – Não se engane, ele algemou uma consciência em cada um de nós. Até em Calo e Galdo, que suas almas estejam em paz. Apesar de pensarem principalmente com o pau e em segundo lugar com os bagos, até eles acabaram tendo um caráter essencialmente gentil. Correntes pegou todos nós, no fim das contas. Direitinho.

O segundo jantar dos dois, na noite seguinte ao “desastre” alquímico no Marco da Íris Negra, aconteceu na *Alegre Errante*, uma barca de teto plano, com jardins e biombos laqueados para privacidade. A embarcação havia flutuado suavemente pelo coração de Kartane, sob a música estranha das pontes de Vidrantigo, antes de ancorar no Amatel, perto da Ponta Corbessa. À medida que o céu escurecia e os globos alquímicos eram acesos, pequenos botes traziam e levavam outros clientes, mas Locke e Sabeta permaneceram em sua mesa especial, na popa da barca.

– Não acredito que estou ouvindo isso de alguém que saiu do Morro das Sombras – comentou Locke. – Você preferiria aquilo? Ser espancada e passar fome? Talvez ser comida aqui e ali quando ele quisesse.

– Claro que não...

– Sabeta, você sabe quanto eu a respeito, mas se não consegue

enxergar o maldito *paraíso* em que nós caímos por sorte quando o Correntes nos pegou, precisa parar de tomar essa cerveja agora mesmo.

– Não lamento os confortos nem a formação. Ele foi um provedor impecável. A não ser num aspecto... ele colocou um lado gentil em nós e deixou que fingíssemos que isso jamais custaria alguma coisa.

– Você acha que deveríamos ter sido mais cruéis? Preparados para nos virarmos uns contra os outros como tubarões diante do sangue, como todas as outras malditas gangues em volta de nós? Não sei o que deu em você, mas não foi fraqueza que ele colocou em nós. Foi *lealdade*. E a lealdade é uma tremenda arma.

– Você tem o luxo de pensar assim.

– Ah, não venha com isso outra vez. É a situação do Jean, certo? Direto e simples, lindeza, não *ouse* ficar aí sentada e me bater com sua inveja hipócrita de uma amizade que eu mantive e da qual você fugiu.

Sabeta pousou a cerveja e o encarou friamente. Depois, justo quando o coração de Locke começava a se encolher com a expectativa de mais um desentendimento habitual, o gelo derreteu e ela tentou dar um sorriso. Assobiou, imitando o som de uma flecha voando, e agarrou uma haste imaginária logo acima do coração.

– Desculpe – lamentaram-se os dois, num uníssono ao estilo dos Sanzas, e deram risinhos.

– Você está ruminando alguma coisa – disse Locke, estendendo a mão por cima da mesa até pousar sobre a dela. – Desabafe. Esteja aqui. Seja apenas Sabeta, jantando, flutuando no Amatel. Deixe o mundo acabar nas bordas desta barca.

– Eu *estou* ruminando uma coisa.

– Bom, não tenha uma visão tão venenosa sobre a nossa formação. Ande. Nós mentimos para viver; não é saudável mentirmos para nós mesmos.

– O que nós fazemos ALÉM de mentir para nós mesmos, Locke?

Nós não deveríamos ser ricos? Não deveríamos estar no controle da nossa vida, livres para ir aonde e quando quiséssemos, com todos os simplórios honestos do mundo jogando moedas aos nossos pés? Cá estamos, do outro lado do mundo, trabalhando para a porcaria dos Magos-Servidores só para permanecermos vivos.

– Sabe, Jean me tirou a tapas de várias situações em que eu estava com o humor igual ao seu agora. – Locke tomou um longo gole de cerveja. – Você está olhando o mundo de um modo tremendamente pessoal. O Correntes nunca falou com você sobre o Princípio Teológico de Ouro?

– O... o quê?

– O único aspecto congruente de todas as religiões conhecidas. A única suposição compartilhada, universal, sobre a condição humana.

– Qual é?

– Ele dizia que a vida se resume a ficar na fila para ter merda jogada na cabeça. Todo mundo tem um lugar na fila, não é possível sair dela, e justo quando você começa a se parabenizar por ter sobrevivido à sua dose de merda, descobre que a fila, na verdade, é circular.

– Eu tenho idade suficiente para descobrir que isso é perturbadoramente exato.

– Está vendo? É universal. Claro, eu sou um tremendo hipócrita ao dizer para você não levar isso para o lado pessoal. É fácil prescrever remédios para nossas próprias fraquezas quando elas estão confortavelmente abrigadas em outras pessoas. O que fez você ficar ruminando o passado?

– Não gosto de dançar na corda bamba, nenhuma corda bamba, nem nas minhas. Andei... examinando algumas, acho. Tentando segui-las até onde elas começaram.

– Ah. – Locke remexeu preguiçosamente em seu copo. – Você está tentando reconciliar os pensamentos contraditórios sobre este seu criado. E está se perguntando que tipo de decisão estaria

tomando se não houvesse nossa história compartilhada...

– *Maldição!* – Sabeta pontuou a exclamação jogando um guardanapo de seda molhado contra ele. – Não faça isso. Parece até que meus pensamentos estão escritos na testa.

– Ora, é justo. Você *me* lê como se eu fosse um pergaminho.

– Eu tentei tirar você do caminho...

– Tentou muito mal. Muito mal. Admita. Você dificultou a coisa, mas parte de você *queria* que Jean e eu saíssemos daquele navio e voltássemos para a cidade.

– Não sei. Eu queria ver você, mas queria que você fosse embora. Tentei recusar o jantar. Não pude. Não... não quero que ninguém se torne um *hábito* para mim, Locke. Se eu amar alguém, quero que a escolha seja minha... quero que seja a escolha certa.

– Eu nunca senti que tinha uma escolha. Desde as primeiras horas em que conheci você. Lembra de quando eu lhe disse, pela primeira vez? Você quase me jogou do telhado...

– Achei que você merecia. Sabe, é uma opinião à qual eu volto de tempos em tempos, haja um telhado disponível ou não.

– Você é uma mulher difícil, Sabeta. Mas, afinal de contas, as mulheres difíceis são as únicas pelas quais vale a pena se apaixonar.

– Como *você* saberia? Não parece que você já tenha ido atrás de alguém mais...

– Essa parte é fácil. Eu comecei com a mulher mais difícil que existe, de modo que nunca houve necessidade de procurar mais longe.

– Você está tentando ser sedutor. – Sabeta apertou a mão dele uma vez, depois se afastou. – Eu opto por não me sentir totalmente seduzida, Locke Lamora.

– Não totalmente?

– Não totalmente. Pelo menos por enquanto.

– Bom... – Locke suspirou. A noite talvez não acabasse como ele ousava esperar, mas isso não era motivo para não ser uma boa

companhia. – Acho que ainda tenho duas ambições a manter enquanto estou em Kartane. Sobremesa?

– Que tal voltarmos para a margem?

– Eu estava curioso com relação ao que poderia acontecer quando você sugerisse isso. Você vai sair lançada de uma catapulta? Voar com uma pipa gigante?

– Uma saída espalhafatosa foi divertida; duas seria passar do ponto. Não podemos deixar que esses orientais achem que os camorris são desprovidos de contenção.

O retorno para a margem foi num bote de fundo chato com almofadas de veludo, guiado por um velho admiravelmente silencioso remando na popa. Locke e Sabeta foram lado a lado, num silêncio de companheirismo, através de águas que reluziam em branco e azul com as lanternas da barca-restaurante. O ar estava cheio de riscos claros, pulsando como vaga-lumes, acrescentando toques suaves de luz à tela da água.

– Faíscas-soberanas – sussurrou Sabeta. – As borboletas noturnas kartanis. Dizem que elas eclodem ao crepúsculo e morrem com o alvorecer.

– Você e eu também somos nativos da escuridão. Fico feliz porque alguns de nós duramos um pouquinho mais do que isso.

Duas carruagens esperavam na área adjacente ao cais.

– A minha e a sua, presumo – disse Locke.

– Para nos levar de volta às fitas, aos deveres e às carroças de alquimia incendiária largadas junto às portas. – Sabeta o conduziu à primeira carruagem e manteve a porta aberta. – O cocheiro está com as machadinhas do Jean. Em segurança, para serem entregues após a chegada.

– Obrigado. Então... daqui a três noites? – Locke segurou a mão dela enquanto colocava um dos pés no degrau, e mordeu a parte interna da bochecha para não sorrir demais quando ela não se afastou. – Ande. Você sabe que quer dizer sim.

– Três noites. Eu mando uma carruagem. Mas dessa vez *você* deve arranjar um local. Você já percorreu a cidade o suficiente para ter alguma ideia, acho.

– Ah, estou cheio de ideias. – Locke fez uma reverência e beijou a mão dela, depois entrou na carruagem. – Posso lhe sugerir uma última coisa?

– Pode.

Sabeta fechou a porta e olhou-o através da janela gradeada.

– Pare de ser tão dura consigo mesma. Nós somos o que somos; amamos o que amamos. Não precisamos nos justificar a ninguém... nem a nós mesmos. Acho que me lembro de já ter lhe dito isso.

– Obrigada. – Ela fez algo com a tranca da porta da carruagem. – Nós *somos* o que somos. Agora escute: meu cocheiro vai deixá-lo sair quando você tiver chegado em casa. Não se incomode em mexer com a porta; eu mandei que o mecanismo da tranca fosse lacrado pelo lado de dentro.

– O qu... Espere um minuto, o que você está...

– Bom passeio – falou ela, acenando. – O negócio das cobras foi bem bonitinho. Me esforcei para que elas não sofressem nada, porque tinha certeza de que você iria querer que aquelas criaturas adoráveis fossem devolvidas.

Sabeta bateu duas vezes na lateral do veículo. Um painel no teto da cabine se abriu acima de Locke e, enquanto a carruagem chacoalhava pelas pedras do calçamento, a chuva de cobras começou.

12

– **PINTE O QUADRO PARA MIM** – pediu Locke, de pé na galeria particular do Raízes Profundas dois dias depois.

Desde a volta do jantar numa carruagem cheia de serpentes nem um pouco mortais, porém agitadas, ele fora consumido pelos papéis,

examinando mapas e alocando verbas, verificando e reverificando as listas, sem chance de participar diretamente de mais trabalhos ardilosos.

– Nikoros acabou de descer para pegar os últimos relatórios – respondeu Jean, soltando baforadas de um charuto aromático de folhas syrestis, que custaria um dia de pagamento de um trabalhador comum. – Mas nossos membros do Konseil aqui estiveram jogando conversa fora em todas as melhores partes da cidade.

– E com sucesso, imagino. – Maldita Superstição Dexa tomou um gole de sua taça de conhaque e gesticulou para o mapa de Kartane usando seu próprio charuto. O ascetismo era uma virtude pela qual o Raízes Profundas tinha pouca consideração. – Nós arrancamos muitas promessas na Plaza Gandolo e no distrito de Palanta. A maioria, de pessoas que estavam em cima do muro. E de alguns velhos amigos que trouxemos de volta ao aprisco.

– *Compramos* de volta, melhor dizendo – retrucou Primeirofilho Epitalus. – Ingratos malditos.

– O que vocês estão oferecendo para firmar a decisão deles? – perguntou Locke.

– Ah, sugestões sobre alívio nos impostos – respondeu Dexa. – Todo mundo adora a ideia de manter um pouquinho a mais do próprio dinheiro.

– O pessoal do Íris Negra pode dar as mesmas sugestões – replicou Locke. – Não pretendo ensinar o serviço de vocês, mas, porra, se algo tão tedioso quanto alívio nos impostos basta para conseguir votos, essas pessoas não vão se importar com o partido que vai entregar a mercadoria. Nós precisamos de algumas razões pouco práticas para motivá-los. Razões emocionais. Isso implica espalhar boatos. Quero esfregar sujeira em todo mundo que apoia o Íris Negra nesses distritos. Algo nojento. Na verdade, vamos evitar jogar lama em alguns lugares, para fazer com que os outros se

destaquem mais ainda. O que garantiria a repulsa dos bons eleitores de Kartane?

– Depende de quanta vulgaridade você esteja disposto a sustentar, meu garoto. – Dexa tragou longamente enquanto ponderava. – Terceirofilho Jovindus é o candidato deles para o distrito de Palanta. Ele tem o que você poderia chamar de política de portas abertas para o conteúdo de seu calção, mas ao mesmo tempo é suficientemente arrojado para se sair bem com isso.

– Segundafilha Viracois é o nome deles na Plaza Gandolo – completou Epitalus. – Ela é limpa como um reboco novo.

– Humm. – Locke bateu com os nós dos dedos no mapa. – Limpa só significa que podemos pintar o que quisermos nela. Mas não vamos fazer isso diretamente. Mestre Callas e eu arranjaremos uma equipe. Pessoas amedrontadoras em rédeas curtas. Eles vão visitar algumas pessoas indecisas na Plaza Gandolo e vão fazer ameaças: “Vote em Viracois e no Íris Negra, caso contrário coisas ruins vão acontecer com suas belas casas, seus lindos jardins, suas carruagens caras...”

– Bom, eu não pretendo ensinar o *seu* trabalho, mestre Lazari – rebateu Epitalus –, mas não deveríamos amedrontar os eleitores para votar no nosso pessoal?

– Não quero que eles fiquem amedrontados. Quero que fiquem *chateados*. Ora, Epitalus, como você se sentiria se um bando de capangas de meia-tigela invadissem o seu saguão e tentassem amedrontá-lo? Os ricos não estão acostumados a serem pressionados. Vão se ressentir bastante. Vão murmurar sobre isso com todos os amigos e vão liderar a fila para votar contra o Íris Negra, só por raiva.

– Ora, ora, pode dar certo. E que tal o Jovindus?

– Vou pensar em algo adequado para ele também. Deixe a panela ferver um pouco. – Locke bateu na lateral da cabeça. – Cadê o Nikoros?

– Estou indo, senhores, estou indo! – Com a trança preta e comprida balançando atrás, Nikoros subiu correndo a escada da galeria e entregou um maço de papéis a Jean. – Frescos como o tempo, todos os relatórios que você pediu e algo, ahn, infeliz...

– Infeliz?

Jean folheou os papéis até encontrar um que atraiu sua atenção. As rugas em sua testa se aprofundaram durante a leitura e, ao término, ele puxou Locke de lado.

– O que é?

– O relatório oficial da polícia sobre a prisão de Quintofilho Lucidus, da Isas Merreau.

– *O quê?*

– Diz que, a partir de uma informação dada pelo legado de Lashane, um grupo de policiais fez uma visita a Lucidus e descobriu cavalos de carruagem lashanis roubados em seu estábulo particular, identificados devido às marcas...

– Filhos eunucos de malabaristas jeremitas com bosta! – Locke pegou o relatório e o examinou. – Aquela vaca ardilosa. Aquela vaca linda e ardilosa. Simplesmente não pode deixar que a gente se sintam bem, nem por alguns dias. Ah, olhe, em nome do aspecto diplomático da situação, estão mantendo o Lucidus em prisão solitária até depois da eleição!

– De fato.

– Alguns pintinhos do Íris Negra devem ter reclamado com a galinha mãe sobre o grande cobrador de dívidas. Lá se foi aquele plano.

– Deveríamos reagir rápido e com força.

– Concordo. – Locke fechou os olhos e respirou fundo várias vezes. – Continue pressionando todo mundo daquela lista de pessoas vulneráveis. Mande cortesãs e garotos bonitos atrás de todas as pessoas do Íris Negra que tenham olhos para isso. Certifique-se de que os jogadores recebam convites para jogos com

apostas altas. Toque as fraquezas da carne como cordas de harpa, em todas as direções.

– Acho que há dinheiro no banco se coçando para ser gasto. – Jean suspirou.

– Isso mesmo. Vamos gastá-lo até a poeira embaixo do último pedaço de cobre. Depois vamos varrer a poeira e ver o que conseguimos com ela.

– Ah, mais uma coisa, senhores – alertou Nikoros. – Josten disse que há vigias de novo nos telhados ao redor.

– Deixe isso comigo – garantiu Jean. – Nós demos um aviso. Desta vez vou dar serviço para os galenos.

13

VÉUS FRIOS E CINZENTOS DE GAROA e névoa cobriam o bairro quando Jean saiu, uma hora depois da meia-noite, para fazer uma visita aos novos vizinhos. Subiu aos telhados o mais devagar e cautelosamente possível, usando rotas que notara na excursão anterior. Naquele tempo, não havia bêbados ou amantes em quem tropeçar e ele tinha confiança de que nunca antes se esgueirara de forma tão silenciosa.

Seu primeiro alvo era óbvio: tão óbvio que Jean o vigiou durante quase quinze minutos, forçando os sentidos para encontrar a emboscada ou armadilha que devia estar ali. O vigia estava sentado (sentado!) numa cadeira desmontável, de madeira e couro, ao lado de um parapeito, enrolado numa capa e num cobertor. Se a figura não se mexesse de tempos em tempos, Jean teria jurado que era um boneco.

Uma minúscula fonte de luz ao lado da cadeira revelava diversos equipamentos e confortos, inclusive uma garrafa de vinho, um guarda-sol de seda e várias lunetas diferentes. Só podia ser uma piada ou uma armadilha... no entanto, não havia mais ninguém por

perto. Ele aproveitou a abertura. Foi brincadeira de criança se esgueirar por trás do vigia sentado e tapar sua boca.

– Grite e eu quebro seus braços – sibilou Jean.

O vigia levou um susto, mas ficou claro num instante que ele era pequeno e fraco, incapaz de uma resistência séria. Perplexo, Jean pegou a fonte de luz, que por acaso era uma lanterna com a abertura no mínimo. Abriu-a mais um pouco e levantou-a para enxergar o vigia.

Pelos deuses, era uma velha. Uma mulher muito velha, com 70 anos ou mais, e não se tratava de Sabeta com maquiagem. A idosa era genuinamente leve e frágil; o rosto, um vale de rugas; um dos olhos, cinza como o céu nublado. Mas o outro se fixou nele com vitalidade maliciosa.

– Ah, olá, querido – sussurrou ela enquanto Jean recolhia a mão.

– Não vou gritar, prometo. Você me deu um susto, se bem que ela avisou que você apareceria cedo ou tarde.

– Ela?

– Minha empregadora, querido.

– Então você admite que é...

– Espiã. Ah, sou. – A velha deu um risinho, um som seco e não totalmente saudável. – Uma espiã que espia muito bem. Fico sentadinha aqui, toda confortável, para ver o que puder. O que, infelizmente, não é muita coisa. É por isso que eu tenho todas essas lunetas adoráveis. E agora, o que vai fazer comigo, querido? Vai me espancar?

– O que... *Não!*

– Vai me jogar do telhado? Me amarrar e me deixar aqui durante algumas horas? Arrancar meus dentes a chutes?

– Pelos deuses, mulher, claro que não!

– Ah, foi exatamente isso que ela me disse. – A velha deu um sorriso radiante. – Disse que você não era o tipo de sujeito que levanta a mão para uma velha desamparada. O que, para ser

honestas, foi o que o tempo fez de mim.

Jean baixou a cabeça contra a pedra fria do parapeito e gemeu.

– Ah, qual é, filho, ter escrúpulos não é uma coisa vergonhosa.

– Todos os novos espiões dela são tão... é...

– Velhos como eu? Ah, não há mal em dizer isso. Sim, querido, você está cercado por mulheres velhas. Todas enroladas em cobertores, segurando guarda-sóis. Temos apartamentos para usar e pessoas que pegam coisas para nós; de agora em diante, nós é que vamos vigiar. A não ser que você nos espanque.

– Ora, a senhora sabe que não farei isso.

– Sei, sim.

– Acho que não posso pedir educadamente que a senhora desça deste telhado e vá embora, não é?

– Ah, deuses, não. Peço desculpas, querido, mas o dinheiro que estou ganhando em troca disto... Bom, não creio que eu possa viver o suficiente para que o dinheiro volte a ser problema.

– Eu poderia propor um acordo melhor.

– Ah, não. Não, que os deuses o abençoem pela oferta, mas não. Você tem os seus escrúpulos e eu tenho os meus.

– Eu poderia carregá-la até a rua!

– Claro que sim. E então eu começaria a berrar e você teria que lidar com isso de algum modo. E, quando você tivesse terminado, eu voltaria aqui para cima o mais rápido que minhas juntas pudessem me levar, e como você não vai me apagar com um soco, precisaríamos fazer isso tudo de novo. – Ela pontuou as palavras batendo suavemente no peito dele com um dedo muito fino. – Tudo de novo. E de novo. E de novo.

– Bom, merda. – Jean desabou contra o parapeito, completamente constrangido. – Não... é... não venha se arrastando atrás de nós para pedir ajuda se pegar um resfriado ou algo assim.

– Não se preocupe, querido. Garanto que estamos sendo muito bem-tratadas. Assim como a sua estalagem está sendo vigiada.

14

NO MESMO INSTANTE EM QUE Jean Tannen descobria mulheres velhas nos telhados, Nikoros Via Lupa batia a uma porta iluminada por uma lâmpada num beco nevoento atrás da Avenida dos Cantores Noturnos, na Isas Vorhala. Sentia uma coceira quente e nervosa na garganta – uma coceira que ele não tinha mais meios para aplacar.

A botica dos Irmãos Faragers disponibilizava a porta do beco como uma cortesia discreta para os que tivessem necessidades em horas incomuns. Isso incluía fregueses que buscavam substâncias não sancionadas pelas leis de Kartane.

O guarda corpulento atrás da porta, enrolado numa pesada capa preta, era novo para Nikoros; o que sempre o recebera era mais velho e mais magro. Mesmo assim, o sujeito permitiu que ele entrasse, indicando a escada estreita com um grunhido e deixando Nikoros encontrar seu próprio caminho para a sala dos fundos. Ali, Terceirofilho Farager estava sentado com as costas encurvadas atrás de um balcão, com fiapos de alguma fumaça floral envolvendo-o como um xale fantasmagórico, preguiçosamente misturando pós numa tábua de medição.

– Nikoros – disse o alquimista, soturno. – Achei que iria vê-lo cedo ou tarde. O que deseja?

– Você sabe por que estou aqui.

Terceirofilho Farager sempre fora o único fornecedor do pó de Nikoros... Na verdade, ele o levava a se iniciar na substância.

– Musa-de-Fogo – grunhiu Farager, pondo de lado a haste de vidro que estivera usando no trabalho. – Precisa de mais relâmpagos para essas nuvens na sua cabeça, não é?

– O mesmo de sempre.

Nikoros umedeceu os lábios e tentou ignorar a sensação oca e seca dentro do crânio. Pretendera adiar a compra por mais alguns dias, pretendera obedecer a Lazari e Callas... mas a ânsia havia

crescido. Uma caminhada, de início sem objetivo, o levava até ali, inevitavelmente como água correndo morro abaixo.

– Akkadris – falou Farager. – Bom, se é isso que você quer, vejamos suas moedas.

Nikoros jogou um saco de moedas de prata no balcão. Nem bem o saco havia pousado, algo o acertou dolorosamente no lado esquerdo. Encolhendo-se, ele se virou e descobriu que o guarda corpulento tinha se esgueirado atrás dele, com um bastão de madeira laqueada na mão. Agora a capa volumosa do sujeito estava aberta, revelando o azul-claro do casaco de guarda por baixo.

– Isso é desapontador, Via Lupa. Você deveria saber uma ou duas coisas sobre as leis relativas à alquimia negra – disse o guarda com um sorriso. – São dez anos numa barca penitenciária que estão aqui em cima do balcão. O confisco dos seus bens. A retirada das licenças e da cidadania. O exílio também, se você sobreviver aos dez anos de prisão.

– Mas certamente – falou Nikoros, com o medo enterrando as garras nas suas entranhas – deve haver algum... é... engano...

– É, e foi você que o cometeu.

– Desculpe – murmurou Farager, desviando o olhar. – Eles me pegaram na semana passada. Não tive escolha. Eu já estaria numa barca se não tivesse concordado em ajudar.

– Ah, deuses, por favor – sussurrou Nikoros.

– Foi um arranjo inteligente – disse uma mulher, aparecendo na porta atrás de Farager. Usava uma capa com capuz escuro, o tipo de coisa que Nikoros poderia ter desprezado como sendo teatral em qualquer momento antes que o guarda kartani tivesse ameaçado acabar com sua vida. – Terceirofilho Farager fez um acordo que o tirou da força. Você pode fazer a mesma coisa.

A mulher empurrou o capuz para trás, revelando cabelos compridos e ruivos. Seus olhos brilhavam enquanto ela começava a explicar a Nikoros o que seria exigido dele.

15

KARTANE ERA A CIDADE MAIS desenvolvida e bem cuidada que Locke já vira, e o Vel Verda, o Terraço Verde, era talvez seu distrito mais desenvolvido e bem cuidado. As mansões e os passeios de lá eram cercados por densos bosques de choupos, oliveiras, árvores de madeira-bruxa, carvalho claro e plantas frondosas, e por trás de tudo isso erguia-se a sombra meio desmoronada da velha muralha de Kartane. Em qualquer outra cidade terim, ela estaria iluminada, seria vigiada e passaria por manutenções obsessivas, mas os kartanis não se preocupavam com isso havia mais de três séculos.

– Esta é uma mansão particular, e não um restaurante – disse Sabeta, guiada por Locke por uma escada em caracol feita de ferro preto. – Se você está pensando em algum tipo de emboscada idiota, mestre Lamora, devo avisar que ficarei seriamente desapontada...

– O lugar está vazio. Uma das minhas damas do Raízes Profundas herdou-o de um primo. Ela não pensou em vendê-lo porque não precisa do dinheiro, mas ficou feliz em me emprestá-lo por uma noite.

– Uma pilha de cobras vai cair na minha cabeça?

– Rá. Não, e obrigado por *isso*, por sinal. Fiquei preocupado demais com aquelas amiguinhas enquanto estavam longe de mim. Não, Mestra das Dúvidas, eu a trouxe aqui, a este canto recluso da cidade, com o abominável objetivo de preparar pessoalmente o seu jantar.

Chegaram ao segundo andar da mansão escura e não decorada e Locke abriu uma porta na parede norte com um floreio dramático. Revelou-se uma sacada de ladrilhos com balaustrada de mármore, dando para as copas escuras de incontáveis árvores que oscilavam suavemente à brisa de outono. Lanternas com cúpulas de papel semiopaco enchiam o espaço com uma luz dourada e suave.

– Ooh – fez Sabeta, e permitiu que Locke puxasse uma cadeira

junto à minúscula mesa redonda, de madeira-bruxa, no centro da sacada. – Ora, isto é mais promissor.

– Eu não escolhi apenas o cenário. Esta noite sou o chef, o sommelier e o alquimista, num pacote muito conveniente, e, claro, disponível a um custo espantosamente insignificante, se for adequado à dama...

– Não sei se eu trouxe alguma moeda pequena o bastante para pagar o preço adequado por você.

– Eu pratico a surdez seletiva às frases dolorosas, jovem dama. Mas devo perguntar: estamos sob observação por parte de um dos seus bandos de *velhas*?

– Não, aqui, não. Por mais que fosse bom ter uma acompanhante, elas estão ocupadas onde estão.

– Elas têm uma tremenda sorte porque foi o Jean que as encontrou. Eu não tenho pruridos quanto a dar um soco nos dentes de velhotas.

– Bom, então porque você mesmo não as subjugou?

– Alguns comportamentos não podem parecer razoáveis.

Locke suspirou.

– Não diga! Você poderia tê-las drogado, claro.

– Ah, sim. Jogar alquimia em cima de velhas com problemas físicos que só os deuses conhecem. Se não posso assassiná-las, não deixaria que isso acontecesse por acidente.

– Esse pensamento me passou pela cabeça – disse Sabeta, sorrindo.

– E como está a sua candidata da Plaza Gandolo? Qual é o nome dela mesmo... Segundafilha Viracois? Foi presa com uma acusação bem séria, pelo que ouvi dizer. Receptação de mercadorias roubadas? Roubou mercadorias das casas de *apoiadores do Raízes Profundas*? Que coisa chocante!

– E bem idiota – retrucou Sabeta, fingindo um bocejo profundo.

– Os advogados vão resolver a questão em apenas um ou dois dias.

– Bom, sem dúvida você está certa ao não se preocupar. Afinal de contas, você tem um bom número de candidatos substitutos se ela ficar atolada nos tribunais. A mais bela coleção de zeros à esquerda que já provocou os eleitores à indiferença.

– Ora, Locke – disse ela baixinho –, você e eu continuarmos assim até que os resultados finais sejam contabilizados é como espiar um festival de presentes antes que eles sejam abertos. Este não é o jogo que eu vim fazer esta noite.

– Adoro ouvir isso! Olhe, então, e fique pasma enquanto eu realizo a parte mais insignificante de um espantoso processo alquímico e reivindico todo o crédito.

Na mesa, havia um balde de prata dentro de outro balde, construído de modo que houvesse um espaço mais ou menos da grossura de um dedo entre as paredes interna e externa. No balde do centro estava uma garrafa de vinho laranja-claro mergulhada na água.

Locke descobriu duas jarras cobertas de couro. Derramou o conteúdo incolor no canal externo do balde duplo, depois fez malabarismo com as jarras vazias algumas vezes e fez uma reverência.

Uma pátina de gelo apareceu na superfície externa do balde, adensando-se cada vez mais até formar uma parede de gelo branco. Sopros de vapor claro subiram do canal externo do balde, e ouviu-se um estalo. Locke contou quinze segundos em silêncio, calçou uma luva de couro e inclinou cuidadosamente o balde para Sabeta. A garrafa de vinho, nublada pelo frio, estava agora imersa numa mistura de gelo e água.

– Veja! Eu gelei o vinho. Sou o verdadeiro senhor dos elementos. Magos-Servidores por toda a cidade estão entregando suas cartas de demissão.

Sabeta aplaudiu, batendo com um dedo na palma da mão oposta, sem provocar nenhum som. Locke sorriu, tirou a garrafa da

água semicongelada, desarrolhou-a e serviu o vinho em duas taças.

– O primeiro brinde da noite é a você. – Locke pegou sua taça e encostou-a suavemente na dela. – Ao crime, à confusão e a todas as artes insidiosas. À praticante mais encantadora que elas já tiveram.

– Isto é incômodo: pedir que eu beba em minha própria honra.

– Tenho certeza de que uma consideração própria tão robusta quanto a sua pode suportar facilmente esse esforço.

Beberam; o vinho doce de laranja e gengibre estava frio como um outono nortista. Locke serviu uma segunda taça para os dois.

– É a minha vez – disse Sabeta. – Aos garotinhos estranhos e às garotinhas impacientes. Que seus erros verdadeiros... sejam gentis e esparsos.

– Eu estou errando feio ou você está com o humor melhor do que há três noites? – perguntou Locke enquanto terminava a segunda taça.

– Foi um tremendo humor, não foi?

– Você deduziu alguma coisa?

– Só que eu não encontraria respostas verdadeiras numa noite mal-humorada. Além disso, colocar você numa armadilha ricamente merecida sempre me anima.

– Talvez você veja aquelas cobras de novo, senhora, se continuar contando vantagem desse jeito. Agora, acredito que lhe prometi um jantar.

Num dos lados da sacada, havia uma comprida mesa de carvalho e um braseiro aceso, onde Locke jogou mais lascas de madeira aromática, remexendo-as. Ficando agradavelmente bêbado enquanto o vinho subia pelo estômago vazio, examinou a pilha de ingredientes e utensílios que tinha arrumado antes. Houve uma batida no seu ombro.

– Ora, *não* é assim que se faz – disse Sabeta.

Ela havia tirado a jaqueta de veludo preto, revelando uma túnica de seda branca e uma echarpe amarrada frouxamente, pouco mais

escura do que o cabelo.

– Eu ainda nem comecei a cozinhar!

– No lugar de onde viemos, não cozinávamos um para o outro, lembra? Cozinávamos juntos.

– Bom...

– Vejamos que tipo de bagunça você tem aqui.

Sabeta lhe deu uma leve trombada com o quadril. Juntos, examinaram os componentes da refeição que ele havia planejado: funcho, cebolas, laranjas-de-sangue cortadas, azeitonas-brancas, amêndoas e avelãs, um frango que ele tinha depenado e temperado, e óleos variados suficientes para fritar qualquer coisa menor do que um cavalo.

– Que estranho – comentou ela. – Parece que você juntou algumas das minhas coisas prediletas.

– Minha vida é assombrada por coincidências loucas.

– Acho que eu deveria admirar sua constância num aspecto, Locke Lamora. Todos esses anos e você ainda se esforça tremendamente para dormir com uma garota ruiva.

– É? – O sorriso dele sumiu, junto com parte da capacidade de flutuar induzida pelo vinho. Estendeu a mão e tocou uma mecha solta do cabelo dela, cor de cobre queimado. – Sabe, se você se ofende com essa ideia, tem um modo *infernamente* estranho de demonstrar.

– “À confusão e a todas as artes insidiosas” – disse ela, desviando os olhos.

– Você deixou mesmo a cor original só para me desequilibrar? Tornar mais fácil jogar comigo?

– Não. Não totalmente.

– Não totalmente. – Locke a encarou, tentando forçar os músculos do rosto, em geral tão leais e flexíveis, a se torcerem até uma paródia de sorriso. – Sabe, odeio o modo como um de nós consegue dizer uma coisa... Nós nos divertimos por não sei quanto

tempo, mas basta uma palavra errada e, de repente, parece que nem estamos mais na mesma sala.

– “Nós” é um modo educado de dizer “eu”, não é?

– Só desta vez, Sabeta, me escute. Você sabe o que eu quero. Minhas cartas estão na mesa e sempre estiveram. Eu sou fissurado? *Sim*. Totalmente. Lamento isso? *Não*. Estou aqui, com minhas intenções claras como o sol nascente, esperando que você se convença de uma coisa ou de outra. E vou esperar isso. Vou esperar até ficar velho, encurvado e precisar de ajuda para soletrar meu próprio nome. Mas você sabe: se eu tivesse o luxo de *algum* respeito próprio com relação a você, ficaria insultado com a ideia de que o grande fim do jogo seria convencê-la a abrir as pernas.

– Desculpe. Eu sei. Sei que você quer mais do que isso e que, apesar de todos os seus defeitos, você dá mais...

– Está certíssima. Quero dizer, quem sabe, talvez nós pudéssemos dormir juntos *duas vezes*. – Locke se empertigou, estufou o peito e pôs a língua para fora. – Ambições ilimitadas, mulher! *Ilimitadas!*

– Ah, seu canalha! – Sabeta lhe deu um soco, mas foi o tipo de soco dado com um sorriso caloroso. – Então faz... bem, quanto tempo faz, para você? Desde, você sabe...

– Você sabe a resposta. Pense no dia em que você foi embora. Recue duas noites, e aí está.

– Nem uma vez?

– Acho que é ridículo pra caralho, não é? Mas não. Eu tentei. Tentei arranjar ajuda. Uma das principais residentes do Lis Dourado. Por acaso, uma ruiva não é uma ruiva se ela não for, sabe, duas vezes mais inteligente do que eu e três vezes mais irritante.

– Três vezes mais inteligente. Com metade da irritação. E... Sinto muito.

– Não sinta. Não foi tão ruim. – Locke rolou uma cebola sobre a mesa e ela ricocheteou numa jarra de azeite. – Ela era uma amiga,

íntima do Correntes e de mim. Sabia qual era o meu problema e que a resposta não era pressionar. Recebi uma massagem que valeu o preço da entrada.

– Acho que eu deveria dizer... Comigo não foi a mesma coisa nos últimos anos. Por vários motivos.

– Sei. – Ele sentiu nós frios se formando nas entranhas, mas lutou contra a sensação. – Não vou mentir: meus sentimentos a seu respeito são tremendamente egoístas. Não gosto de pensar em você com outra pessoa, mas... eu não estava lá. Você é adulta e não me devia nada. Você esperava que eu ficasse com raiva?

– Esperava.

– Eu poderia ter ficado, antigamente. Talvez a única vantagem real da idade é que a gente tem tempo para levar a cabeça um pouquinho mais para fora da bunda. Eu não *quero* me importar, entendeu? Você está aqui agora. Com sorte... espero mesmo que esteja aqui mais tarde. Além disso, parece seguro presumir que você não ficou caída por algum jovem nobre vadrã com um ou dois castelos de sobra...

– Eu tive algum conforto com isso, uma ou duas vezes. – Sabeta tocou o braço dele, mas não suavemente, como se tivesse medo de que Locke pudesse decidir de repente estar em outro lugar. – E no resto do tempo foi para esvaziar alguns bolsos. Ou um cofre. Você sabe.

– Sei. – Ele estendeu a mão, meio conscientemente, e começou a mexer em outra cebola, girando-a como um pião. – Na verdade, estou esvaziando um cofre de banco por sua causa a cada dia que passa.

– Ótimo. Porque nunca fui o que poderiam chamar de fácil, e *certamente* não sou barata.

Ela segurou o outro braço dele.

– Sabeta, o que...

– Estou tomando uma decisão. Agora você vai parar de brincar

com a porra dessa cebola e ver o que acontece se me beijar, ou será que terei de encostar uma espada no seu pescoço?

– Promete que não vou acordar num navio?

– Se me desapontar, Lamora, eu *não* faço promessas com relação a onde e quando você vai acordar.

Locke pôs as mãos sob os braços dela, levantou-a do chão e colocou-a na mesa. Rindo, Sabeta enganchou as pernas atrás da cintura dele e puxou-o para perto. Seus lábios estavam quentes e ainda carregavam o leve sabor de gengibre e laranja; Locke não fez ideia de por quanto tempo se beijaram, braços enganchando o pescoço um do outro, aliás, perdeu até a noção de que estava de pé.

– Uau – disse Sabeta depois que os dois enfim se separaram com relutância. Em seguida, encostou um dedo nos lábios dele. – E, olhe só, você ainda está consciente. Você é incomparável quando o assunto é beijo em Kartane.

– Pretendo melhorar ainda mais meu desempenho... Sabeta? Sabeta, o que foi?

Ela havia ficado rígida nos seus braços. Com a cabeça ainda rodando do golpe duplo, de vinho e mulher, virou lentamente para olhar por cima do ombro.

Paciência estava parada ao lado da mesinha redonda, vestindo um manto cor de cornalina com um capuz amplo.

– Ah, qual é – rosnou Locke. – Agora, não. Sem dúvida você tem coisas melhores a fazer do que nos incomodar *neste exato momento*.

– Quem é a senhora? – perguntou Sabeta, calma e respeitosamente.

– Arquidama Paciência. Você trabalha para o meu rival.

– Paciência – disse Locke –, se isso não for importante, juro pelo Guardião Torto que...

– É importante. Na verdade, é crítico. É hora de conversarmos.

Já que não puderam ser dissuadidos dessa tolice, vocês dois têm o direito de saber.

– Nós dois? – indagou Sabeta. – O que temos o direito de saber?

– De onde Locke vem realmente. – Paciência sinalizou para se afastarem da mesa de comida. – E o que Locke realmente é.

I N T E R L Ú D I O

Acontecimentos em quartos

1

– HONRADO... PRIMO — SIBILOU Locke. – Eu preciso...

– *Regale-me* com suas necessidades – disse Bouldazi.

– Ar!

– Ah.

A pressão do ferro contra o pescoço de Locke se aliviou apenas o bastante para permitir uma respiração.

– Não é o que você está pensando – falou ele, ofegante.

– Gennaro!

Sabeta estava junto à porta da sacada e seu tom de voz era suficiente para conter um cavalo empinando. Bouldazi baixou a lâmina.

– Verena, eu... Desculpe, mas o seu comportamento...

– É o *seu* comportamento que exige explicação, primo!

– Eu estava escutando vocês dois...

– Você estava espreitando feito um ladrão!

– Vocês proclamaram amor um pelo outro! Eu ouvi a discussão!

Tarde demais, Bouldazi pareceu se lembrar de que ainda não havia professado seu interesse para a própria Verena. A consternação se espalhou por seu rosto como tinta jogada numa tela em branco e Sabeta não negligenciou essa brecha:

– Era um exercício de interpretação, seu pateta! Uma improvisação! E por que isso teria a ver com você, se não fosse?

– Uma... improvisação?

– Eu pedi ao Lucaza para dar continuidade à minha fala inicial e improvisar uma cena! – Ela empurrou o braço de Bouldazi com firmeza para longe do pescoço de Locke. – Uma cena que você interrompeu! Nós podemos estar vestidos como plebeus, barão Bouldazi, mas você nos superou em falta de modos!

– Mas...

Locke admirou a engenhosidade do ardil de Sabeta, mas talvez ela estivesse indo longe demais. Os dois precisavam de Bouldazi controlado, e não esmagado. Esfregou o pescoço dolorido.

– Prima Verena. – Ele tossiu. – O que Gennaro quer dizer é que eu lhe contei sobre o meu noivado. Por isso, quando ele escutou o exercício, bom, teve motivo para suspeitar de alguma falsidade.

– Ele não tinha motivos para pôr a mão em você!

– Prima, seja sensata. Nós falamos disso antes de partirmos. Sabíamos que viver incógnitos iria exigir que abrissemos mão de parte da dignidade de nossa verdadeira condição.

– É, mas...

– Além disso, não há mais nenhuma testemunha, logo não sinto necessidade de exigir satisfação.

Locke tentou parecer o mais natural e confiante possível, apesar de suspeitar de que Bouldazi consideraria a perspectiva de um duelo com ele uma ameaça física equivalente a uma ligeira prisão de ventre. Mas a ideia de afastar Verena...

– Parece que cometi um erro. – Bouldazi embainhou a arma. A fria raiva de instantes atrás foi afastada do mesmo modo. – Verena,

peço desculpas pelo equívoco. Diga, por favor, como posso voltar a cair nas suas graças?

Locke piscou diante do pedido unilateral de desculpas e da mudança rápida para modos suaves, lisonjeiros. Ele havia considerado Bouldazi um sujeito sincero e honesto, até mesmo um pouquinho bobo, mas o esparano obviamente relegava o “nobre” Lucaza ao papel de um instrumento de seus desígnios para com Sabeta. Isso, além de sua facilidade para se tornar violento, sugeria nuances perigosas.

– Para começar – respondeu Sabeta –, você pode parar com essa coisa de se esgueirar nas sombras. Você é um nobre de Epara e patrono desta companhia. Eu preferiria vê-lo transitar às claras, de um modo mais condizente com seu sangue.

– É... é claro.

– E se quiser se tornar genuinamente útil, poderia garantir um espaço de ensaios mais adequado para nós. Estou ficando cansada do pátio da estalagem da Sra. Gloriano.

– Onde você preferiria...

– Disseram-me que iríamos usar um teatro chamado Pérola Antiga.

– Ah. Naturalmente. Bom, isso é apenas questão de dar uma pequena gratificação para a ministra de cerimônias da condessa...

– Então cuide dessa gratificação, barão Bouldazi – interrompeu Sabeta, de súbito suavizando a postura e o tom de voz. – Sem dúvida é algo insignificante para você. Será bom para a companhia ensaiar no palco verdadeiro o quanto antes. Faça isso e eu ficarei feliz em chamá-lo de Gennaro outra vez.

– Considere feito.

Bouldazi fez uma reverência com excesso de formalidade galante, deu um tapinha mecânico no ombro de Locke e se afastou depressa. Seus passos ressoaram no corredor e a porta do segundo andar da estalagem se fechou com estrondo.

– Essa foi por pouco – sussurrou Locke.

– Nosso patrono está começando a assumir sentimentos de posse com relação aos seus primos nobres. Ele é mais ardiloso do que eu imaginava.

– Meu pescoço concorda. – Com a ameaça de Bouldazi temporariamente aplacada, os pensamentos de Locke retornaram à conversa que o barão havia interrompido. – E, ah, olha, o que você e eu tivemos...

– Nada – sibilou Sabeta. – Evidentemente, eu estava errada em dizer o que disse, e estava errada em sentir essas coisas, para começo de conversa.

– Besteira! – Mal sentindo a dor no pescoço diante da nova ferida causada pelas palavras dela, Locke ficou chocado ao agarrar o braço dela e puxá-la de volta para a sacada. – Eu tropecei em alguma coisa. Não sei o que é, mas você *me deve* uma explicação. Depois de tudo que acabamos de dizer um para o outro, *não* vou deixar você me empurrar de lado só porque está tendo um chique!

– Não estou tendo um chique!

– Você faz os Sanzas parecerem malditos diplomatas quando age assim. Prefiro correr atrás do Bouldazi e arranjar outra briga com ele do que deixar isso de lado. O que irritou você?

– Você não pode ser tão ignorante assim... Sabe o que os homens pagam por garotas ruivas em Jerem? Sabe o que eles fazem conosco se formos intocadas? O Aliciador sabia, e é tão medonho que era *demais para a consciência dele*. Entendeu? Aquele monstro era capaz de foder uma ratazana morta com a língua se isso rendesse algum dinheiro, mas vender *ruivas* era vil demais. Foi ele que me ensinou a manter o cabelo tingido e coberto.

– Ouvi falar dessas coisas, mas nunca, nunca pensei em você...

– Primeiro eles cortam. Direto do sexo da menina. O que eles chamam de doçura, o morro pequeno. Você esteve perto do Calo e do Galdo por tempo suficiente e deve ter ouvido uma dúzia de

nomes para isso. E aí, enquanto o ferimento está jorrando, trazem o velho desgraçado com pau podre, feridas infectadas ou o que quer que ele queira que seja curado milagrosamente e ele faz o negócio. “Sangue da criança de cabelo cor de sangue”, é como chamam...

– Sabeta...

– E então, ainda que a *maior parte* do milagre já esteja consumido, trazem os próximos cem homens que queiram usar o buraco sangrento, porque ele continua trazendo sorte. Na verdade, é uma sorte *especial* se você a estiver montando quando ela finalmente morrer.

– Deuses.

– É. Que todos passem dez mil anos bebendo merda salgada no inferno mais profundo que existe. – Sabeta se recostou na parede da sacada e olhou os copos de vinho e os textos largados. – Maldição. Eu *estou* tendo um chique.

– Você tem motivo!

Ela deu uma espécie de riso agudo, com nojo de si mesma.

– Como *eu* iria saber disso tudo na primeira vez que pus os olhos em você? – perguntou Locke. – Eu me lembro daquele primeiro vislumbre como se tivesse acontecido ontem. Mas não é a única coisa em que eu penso... se isso incomoda tanto você...

– Meu *cabelo* não me incomoda – replicou ela enfaticamente. – São os canalhas idiotas que me acorrentariam por causa desse absurdo. Eu tive de pensar nisso em todos os dias da minha vida desde que fui para o Morro das Sombras. Todas as horas que desperdicei olhando meu cabelo num espelho, lambuzando-o com alquimia... Algum dia terei idade para isso não importar mais. Algum dia, o quanto antes.

– E antes do Morro das Sombras?

– Nada antes do Morro das Sombras importa – disse ela baixinho.

– Eu estava protegida. Depois fiquei órfã. Deixe a coisa assim.

– Como você preferir.

Devagar, hesitante, Locke se encostou na parede ao lado dela. As estrelas estavam começando a furar o céu cor de hematoma acima deles e os sussurros familiares da noite se intensificavam: o zumbido dos insetos, o chacoalhar das carroças, o ruído do jantar, de risos e discussões.

– Desculpe, Locke – falou Sabeta depois de alguns instantes. – É idiota e injusto ficar chateada com você. Eu o insultei.

– De jeito nenhum. – Ele pôs a mão no braço dela e sentiu-se encorajado ao encontrá-la retomando o hábito de não se afastar bruscamente. – Fico *feliz* porque você me contou isso. Seus problemas deveriam ser nossos problemas, e suas preocupações deveriam ser *nossas* preocupações. Você percebe a raridade com que se incomoda em se explicar?

– Ora, isso é uma tremenda...

– Uma tremenda verdade! Você poderia dar aulas de impenetrabilidade aos próprios Ancestres. Sabe, é meio amedrontador quando você começa a dizer coisas que fazem sentido.

– Isso pretendia ser um elogio?

– Talvez para nós dois – respondeu Locke.

As mudanças de humor dela, parecidas com as do clima, as breves temporadas de calor seguidas por afastamento e frustração, sua ânsia de controlar tudo na vida com tamanha precisão e previsão: um comportamento que havia deixado Locke perplexo durante anos e, de repente, ganhava um contexto.

– Honestamente, não me importa a cor do seu cabelo, contanto que você esteja em algum lugar embaixo dele.

– Você me perdoa por ser... irracional?

– Você não me perdoou pelo mesmo motivo?

– Nós podemos estar de novo correndo sério risco de um entendimento feliz – disse ela, e o modo como o sorriso chegou aos seus olhos fez a pulsação de Locke acelerar.

De súbito, os dois pareciam competir para ver quem poderia levar os lábios mais para perto dos lábios do outro sem parecer que faziam isso...

O som de passos rápidos e despreocupados ecoou na passagem e os dois saltaram, afastando-se instintivamente. A porta da passagem se abriu com estrondo e Alondo Razi saiu, suando, com as bochechas vermelhas.

– Alondo – disse Sabeta com doçura obviamente exagerada –, você se consideraria em paz com os deuses?

– Desculpe – lamentou-se ele, ofegante, com a voz engrolada. – Não queria atrapalhar vocês, mas não consigo achar o Jovanno. São os irmãos Asinos. Precisam de ajuda...

– Não diga que eles começaram uma briga – cortou Locke, esforçando-se para banir a súbita imagem mental de um Sanza insultando lorde Bouldazi e todas as interseções de carne e aço que poderiam resultar.

– Não, deuses, não! Sylvanus apostou que eles não conseguiriam beber o Canalha de Cinzas. *Ninguém* consegue beber o Canalha de Cinzas. Então eles tentaram e levaram o que mereciam. Rá!

Locke agarrou Alondo pelo colarinho suado e se esqueceu brevemente de que o esparano tinha meia década de crescimento a mais do que ele.

– Razi – rosnou ele –, que diabo maldito é um Canalha de Cinzas?

– Venha – disse o jovem ator instável. – É melhor vocês verem pessoalmente.

Locke e Sabeta o acompanharam até o salão da estalagem, onde encontraram a companhia e os bebedores de cerveja noturnos mais espalhados ainda do que o usual. Calo e Galdo estavam caídos de lado, artisticamente simétricos, no meio de uma poça vermelho-escura escorregadia. O cheiro no ar era algo entre pelo molhado de animal e uma câmara de tortura não lavada, mas todos os

espectadores não-Sanzas morriam de rir. A Sra. Gloriano era a única exceção.

– Eu disse para levar isso para o pátio! Idiotas! Bebês terins rosados! – Ela notou Locke e Sabeta e os envolveu na carranca. – Que tipo de idiota experimenta o Canalha de Cinzas num lugar fechado?

– De que diabo vocês estão *falando*? – perguntou Locke.

Ele se ajoelhou ao lado de Calo. Os gêmeos estavam vivos, mas chapados pela bebida, e claramente haviam perdido uma luta contra aqueles dois potentes antagonistas: o vômito e a gravidade.

– O Canalha de Cinzas – disse Jasmer, encostado num Sylvanus quase em coma – é aquela escarradeira medonha.

Locke olhou para onde Jasmer apontava e viu uma barrica cor de alcatrão, com cerca de 60 centímetros de comprimento, caída de lado no chão. A coisa que se derramava dela parecia cinzas de fogueira de acampamento após uma chuva forte.

– É um antigo ritual da casa. – Jasmer abriu um sorriso malicioso.

– Realizado no pátio! – berrou a estalajadeira.

– Verdade. Mas o essencial, caro Lucaza, é que o Canalha recolhe cinza de tabaco e cuspe durante semanas, quando as pessoas se lembram de não usar o chão. Nós testamos os cabeças de pickles, como os seus amigos aqui, desafiando-os a beber do Canalha de Cinzas, o que significa que o enchemos até a borda com um horroroso vinho de junípero que a Sra. Gloriano importa diretamente do inferno. Nós mexemos bem a bebida e fizemos eles tomarem a mistura.

– Que coisa idiota – comentou Sabeta, verificando se Galdo ainda tinha pulsação.

– Completamente idiota. – Jasmer riu. – Ninguém na história da companhia tomou o Canalha de Cinzas sem vomitar na mesma hora. E vejam só, o Canalha é vitorioso outra vez!

– Jasmer – falou Sabeta, baixando a voz –, não quero ser chata, mas nós precisamos desses dois livres do veneno se quisermos que eles continuem ensaiando. Na verdade, precisamos de todo mundo! Vocês, seus idiotas, não conseguem ficar um pouquinho secos...

Sylvanus, apesar de mal parecer consciente da existência do próprio rosto, quanto mais do mundo em volta, soltou um bufo elephantino.

– De ressaca ou não, a companhia sempre sobe ao palco, minha cara – garantiu Jasmer. – Além do mais, isso nem pode ser chamado de excesso, segundo nossos altos padrões. Seus amigos seguram a bebida como se fossem peneiras, esse é o problema.

– Desculpem incomodar vocês com isso – disse Alondo, deixando-se afundar numa cadeira –, mas precisamos de alguma ajuda para limpar o chão e transportar os Asinos. Todos estamos chapados demais para ter alguma utilidade, e não conseguimos achar Jenora nem Jovanno... Ei, vocês dois viram o lorde Bouldazi? Ele também esteve aqui!

– Sabemos disso – respondeu Sabeta. – Sra. Gloriano, precisamos de alguns baldes d'água. Lucaza, é melhor arrastarmos esses dois para o pátio e começarmos a trabalhar. Eles vão ficar grudados no chão feito cracas se os deixarmos em paz.

– Eu ia agradecer você de novo por me arrancar das garras do Bouldazi – sussurrou Locke –, mas agora acho que vou esperar e ver primeiro como a noite termina.

– Como você acha que eu me sinto? – Ela apertou seu braço e lhe esboçou um sorriso, como um colega viajante pelo deserto compartilhando água preciosa. – Agora pegue pelos braços ou pelas pernas. Vamos levar este aqui para fora.

– Onde, diabos, está Jovanno? – murmurou Locke.

JEAN TINHA VISTO LOCKE SUBIR A ESCADA, levando o odre de vinho numa das mãos, com uma mistura de alívio e irritação. Já passava da hora de Locke e Sabeta se resolverem ou se jogarem de uma janela alta. A paz de espírito de Jean seria beneficiada nos dois casos.

Fechou os olhos, inclinou a cabeça para trás e deixou a parede fazer o serviço de sustentá-lo por um momento. Que situação ele estava vivendo, quando meramente sentar-se sozinho e parar de fingir que os hematomas não doíam parecia uma indulgência bastante razoável.

Abriu os olhos de novo e deparou com Jenora, sorrindo para ele, a 60 centímetros de distância.

– Encontrei um rapaz em frangalhos! – exclamou ela. – Deixe-me ajudá-lo a subir para o seu quarto.

– Ah, é, meu quarto?

– Confie em mim. – Ela puxou-o de pé. – Até que o resto da companhia esteja bêbado demais para se mexer, você nunca vai querer ser o primeiro a dormir perto deles. Só os deuses sabem com que maldades você vai acordar.

Havia uma quentura estranha nas bochechas dele, como o calor provocado por excesso de cerveja. Jenora estava com a mão em sua cintura como se fosse a coisa mais natural do mundo, e juntos eles saíram rapidamente do salão.

– O que você está escondendo, Jovanno?

Ela fechou a porta do quarto de Locke e Jean sem fazer barulho e, em seguida, pôs os braços nos ombros dele.

– Escondendo?

– Ah, ora... – Os dedos de Jenora começaram a trabalhar nos nós entre as omoplatas dele. – Você lê, escreve e calcula, mas os escribas não ganham músculos como *esses* levantando penas. Sei que você fala vadrã, além de terim. Você sabe usar agulha e linha. Lutou com um homem adulto até um impasse... e não era um

homem qualquer, mas o Bert, que é um tremendo lutador.

– Eu tive uma formação... é... estranha – respondeu Jean, sentindo a tensão mental se afrouxar tão agradavelmente quanto os músculos sob os cuidados de Jenora.

– Vocês, camorris, são todos estranhos. E têm uma formação estranha.

– Não é nada sinistro. Nós só estamos...

– Visitando os pobres, é? Não é o que dizem quando alguém se veste mal e finge estar abaixo do próprio status?

– Jenora! – Jean se virou, agarrou as mãos dela e parou com a massagem. Sua consciência aplacada reagiu de má vontade à ocasião. Se ela os estivesse xeretando, uma negativa chapada seria provavelmente inútil. – Olhe, imagine o que quiser, mas *por favor* acredite... todo mundo vai ficar melhor aceitando as coisas como elas parecem ser.

– Existe algum perigo na minha curiosidade?

– Só digamos que não há nenhum perigo em *não* ser curiosa!

– Fique tranquilo. É só uma suposição, Jovanno. Seu primo Lucaza, bem, parece meio surpreso sempre que nota que o mundo não gira ao redor dele. E Verena não é nenhuma criada de cozinha, sabe? Modos, dicção, conhecimento, postura. E há calos de espadachim nestas suas mãos. – Ela passou os dedos levemente pelas palmas das mãos dele e a sensação fez o sangue de Jean correr quente em mais de um lugar. – Os deuses montaram vocês todos usando partes estranhas. Há uma história a ser contada.

– Não há. São muitas confianças que eu estaria quebrando... Jenora, por favor.

– Certo – disse ela, tranquilizando-o. – Posso viver com um pouquinho de mistério. Vamos trabalhar no que aflige você, então.

– No que me aflige... Eu não... Ah, bem, ah...

Jenora enfiou as mãos embaixo da túnica dele e subiu-as por suas costas, onde começaram gentilmente, mas com firmeza, a

colocar seus músculos doloridos numa ordem semelhante à correta. Isso teve o efeito natural de aproximá-los; os seios dela estavam quentes contra o peito dele e os lábios estavam separados num meio sorriso logo diante do nariz dele.

– Heh. – Ela soprou de brincadeira nos ópticos dele, embaçando-os. – Você não tem medo de mulheres mais velhas e mais altas, não é?

– Eu, ah, não sei de fato do que deveria sentir medo.

– É? Então você é de uma safra que ainda não foi provada, humm?

– Jenora, não estou acostumado... Sem dúvida você pode ver que eu não penso em nós como, ah, você sabe...

– Sabe do que eu *não* gosto, Jovanno? – Ela brincou com a fina linha de pelos que descia pela barriga dele. – De homens idiotas, de homens fracos, de homens iletrados. Homens que não sabem a diferença entre um texto de teatro e uma pilha de papel para acender o fogo.

Os lábios se juntaram e, enquanto os dois se beijavam, ela guiou lentamente uma das mãos dele até pousá-la em cima de um seio. Apertou pelos dois, pressionando os dedos dele, e Jean sentiu sua percepção do mundo se estreitando até o delicioso corredor de calor que parecia crescer entre eles.

– O Lucaza – sussurrou. – Ele pode...

– Tenho a sensação de que seus amigos vão ficar lá em cima no telhado por muito tempo – murmurou ela. – Você não acha?

Logo, por algum processo que estava entre a prestidigitação e a luta, as roupas foram arrancadas e eles caíram na cama. Jean mal podia dizer onde terminava a pele clara e começava a escura. Estava enrolado no gosto, no cheiro e no calor dela, o cabelo cor de fumaça caindo ao redor dele como uma coberta provocadora. Jenora parecia muito à vontade assumindo a liderança, ficando em cima dele, alternadamente diminuindo e acelerando o ritmo da cópula. Logo ele

chegou ao limite de sua resistência destreinada e, com uma erupção jubilosa, dolorida, havia um mistério a menos na vida de Jean.

Empolgado, exausto e agradavelmente perplexo, ele se agarrou a ela por algum tempo enquanto os batimentos cardíacos dos dois reduziam do galope para o trote. As dores de sua luta com Bertrand, o Multidão, pareciam estar centenas de anos no passado.

Jenora encontrou seu casaco entre as roupas espalhadas, tirou um fino cachimbo de madeira e encheu-o com uma mistura de tabaco que tinha um cheiro estranho e temperado para Jean. Eles cobriram o débil globo alquímico do quarto e compartilharam o cachimbo na penumbra, conversando baixinho sob a luz laranja das brasas.

– Então eu fui mesmo a sua primeira.

– Foi tão óbvio assim? Você saberia se eu não tivesse dito?

– O entusiasmo é o primeiro passo. Depois vem a arte.

– Espero não ter desapontado você.

– Não estou insatisfeita, Jovanno. Diabos, ter um amante novo na dança significa que a gente pode treiná-lo direito. Me dê algumas noites e eu vou colocá-lo em forma, nem que seja a chicote.

– Os irmãos Asinos... Eles sempre, bom, sempre me convidaram para ir com eles, quando saíam. Para comprar, sabe.

– Não há vergonha nisso. E não há vergonha em não ter feito. Mas aqueles dois são *cães de caça*, Jovanno. Qualquer mulher pode sentir o cheiro a um quilômetro de distância. Às vezes uma corrida com os cães é exatamente o que a gente quer, mas no fim eles sempre rolam no esterco e cagam no chão da gente.

– Ah, eles têm um lado amável. Que se manifesta uma vez por mês, quando a primeira lua está cheia. São como lobisomens ao avesso.

– Bom, quando eu levo alguém para a cama, prefiro cérebro e bagos em proporção igual.

– Gosto disso. Ei, há um... Desculpe, entre as suas pernas, será

que nós...

– Ah. Meu aprendiz, permita-me apresentar-lhe o conceito do lugar molhado.

– Isso é desconfortável?

– Bom, não é o que eu chamaria de ideal. Ei, o que você...

Com um excesso entusiasmado de agarramentos e risadinhas, ele usou de força para trocaram de posição. Em alguns instantes, a empurrara para o lado seco da cama e ocupara o lugar dela.

– Mmmm. Jovanno, você tem um lado galante. Outro cachimbo?

– Sem dúvida.

Estavam acabando de acender cuidadosamente o segundo cachimbo quando a porta se abriu com estrondo.

– Jovanno! – gritou Locke. – São os Asinos, você não acreditaria no que eles *ah meus deuses puta merda!*

Ficou olhando por um ou dois segundos, depois girou de cara para o corredor.

– Desculpe. Sinto muito, eu não sabia...

– Os gêmeos idiotas arranjam encrenca? – perguntou Jean.

– Não – respondeu Locke, com uma pressa não muito plausível.

– Não, não, não. Na verdade não é nem um pouco importante. Nós resolvemos tudo. Você, é, você só... Diabos, eu posso dormir no salão, esqueçam que eu existo. Desculpe. Tenham, ahn, uma boa noite!

– Estamos tendo – comentou Jenora, exalando calmamente um fiapo de fumaça.

– Fantástico! Ótimo! Excelente! Já... estou indo!

– Ele desceu do telhado muito antes do que eu tinha imaginado – disse Jenora assim que a porta se fechou de novo.

– É. – Jean franziu a testa. – Deve ter acontecido alguma coisa. O que quer que os Asinos tenham feito...

– Seus amigos... Eles procuram você para resolver as coisas quando há encrenca, não é?

- Bom, esse é um modo bem lisonjeiro de dizer, mas...
- Deixe que eles se virem sozinhos por uma noite – sussurrou ela. – Agora vamos ter privacidade. Se Verena quiser dar um jeito no Lucaza, pode levá-lo para o meu quarto.
- Pode. *Pode* mesmo. Então, é, está cedo demais para começar a ouvir falar sobre essa tal arte que você mencionou?

3

– LONGO VERÃO DO TRONO TERIM – gritou Calo, os braços abertos para abarcar o pátio da estalagem –, tempo certo para construir e cultivar, enquanto céu e terra são generosos! Esses anos, para o príncipe Aurin, estão sem cultivo como um campo, arado mas não semeado com *valooooorrrrrgh...*

Calo tombou de joelhos e terminou o que fora uma declamação boa e vigorosa vomitando. Locke, olhando da sombra de uma parede, pôs as mãos na testa e gemeu.

– Deuses do céu – disse Moncraine. – Já vi passarinhos com mais força na goela do que vocês, camorris. Basta uma dança com o Canalha de Cinzas e você está representando como se tivesse sido morto nas guerras. Substituto!

Galdo, também com a pele esverdeada, parecia pela primeira vez desinteressado em zombar do desconforto de Calo. Avançou e pôs as mãos nos ombros do irmão.

– Posso fazer... estou bem... – garantiu Calo, ofegante. Em seguida, cuspiu e se levantou cambaleando.

– O diabo é que está, seu idiota – falou Galdo. – Tenho uma ideia. Vamos fazer juntos.

– Como assim?

– Vamos jogar de um para o outro. – Galdo encarou Moncraine e falou com o tom e o volume exato do irmão gêmeo antes do tropeço: – Espadas sem uso pendem em bainhas intactas, e, como o

sol em sua generosidade, a corte imperial distribui grandeza pelo mundo.

– Doce verão do Trono Terim – continuou Calo, interrompendo facilmente, dominando os joelhos bambos e afastando à força a rouquidão da garganta. – Pessoas que vivem como mendigos do lado de dentro desprezariam viver como duques fora dele, tal é o império, e alguns usam esplendor roubado com a dignidade de reis nascidos por direito! Abaixo das ruas, os vadios, os trapaceiros, os vagabundos da fortuna fazem ousados negócios em reinos de catacumbas, desconhecidos da honesta luz do dia.

– Se os ladrões fingem importância – prosseguiu Galdo – e se reúnem em regimentos empolgados, desafiando a lei legítima e a coroa, isso não combina com o espírito da era? Tão altas erguem-se as marés da fortuna sob o Trono Terim que seus fora da lei pagam tributo com igual insolência!

– Insolentes equivalentes são vocês, Asinos! – vociferou Moncraine. – Espere, todo mundo, espere. Isso tudo é *muito* bonito. Por que não abandonamos totalmente a ideia de papéis? Podemos ficar no palco como um grupo e entoar as falas de todos os personagens. Diabos, podemos até dar as mãos para manter o espírito animado enquanto chovem pedras e legumes.

– Eu gostei bastante – opinou Chantal.

– Como se eu desse a...

– Ela está certa, Moncraine. – Sylvanus se remexeu, emergindo da sombra tanto quanto de seu torpor matinal. – Com que frequência você vê gêmeos no palco? Nós deveríamos aproveitar de algum modo. Temos pouquíssimo espetáculo, como está.

– Quando quisermos espetáculo, Andrassus, vou começar a andar por aí sem os calções.

– Syrestis inútil e metido a besta! Pense só: gêmeos fazendo o coro. Algo jamais visto antes, para que todos saibam que não estão assistindo à Reprise Tediosa do Velho Pai Chato e Moleirão e, sim,

algo verdadeiramente da Companhia Moncraïne!

– Na verdade, agora é Companhia Moncraïne-Boulidazi – emendou Chantal.

– A qualquer momento em que você queira voltar a ser um par de peitos ambulantes, vira-casaca, pode voltar direto para o Basanti e perguntar quantos papéis de criada foga ainda estão disponíveis.

– Locke notou que os ombros de Moncraïne relaxaram apesar do tom de voz. Por mais que o empresário quisesse ridicularizar Sylvanus, ocasionalmente o velho bêbado tinha influência sobre ele.

– Ah, deuses, depois da terceira ou quarta fila de imbecis, quem vai saber que eles são gêmeos, afinal?

– É o que eles fazem com a voz – insistiu Alondo. – Você tem de admitir que é bom, quando eles não estão jogando vômito para todo canto.

– Precisamos fazer alguma coisa com o cabelo deles – sugeriu Moncraïne.

– Colar uma peruca no careca – disse Calo.

– Segurem o almofadinha e raspem a cabeça dele – murmurou Galdo.

– Chapéus – propôs Sabeta num tom educadamente autoritário.

– Os dois podem usar chapéus. É uma questão de figurino.

– E isso exigiria a atenção dos figurinistas – trovejou Moncraïne.

– Tenho certeza de que eles estão em algum lugar por aí cuidando de roupas, nesse mesmo instante, mas a questão é se eles estão colocando ou tirando.

– Moncraïne!

Um atarracado terim de meia-idade entrou no pátio. Ele não tinha propriamente queixo e o cabelo comprido era tão malcuidado que parecia que um falcão marrom havia se empoleirado na sua nuca e se agarrado ali até morrer.

– Jasmer, seu sacana sortudo, não acreditei quando disseram que você estava solto. Quantos paus você precisou lamber para que eles

tirassem as correntes?

– Mestre Calabazi – disse Moncraine –, você sabe que um cavalheiro jamais faz seu próprio trabalho sujo. Simplesmente fiz um monte de promessas em nome das suas filhas. Ou seriam seus filhos? Os deuses sabem que eu não consigo identificar quem é o quê.

– Rá! Se você é um cavalheiro, eu peido incenso. Mas você saiu e agora alguém conjurou uma fantasia louca sobre você se apresentar no Pérola. Esse é o espetáculo? Um pequenininho?

– O que importa não é o tamanho e, sim, a aplicação dele – retrucou Moncraine, perdendo parte do bom humor forçado. – Por que está me incomodando?

– Bom, você sabe do que eu e meus rapazes precisamos.

– Fale com Jenora; ela é a mulher de negócios.

– Bom, achei que, com aquele novo dono chique que você arranhou, você poderia dar uma garantia...

– *Patrono*, Calabazi. Nós temos um patrono nobre, e não um novo dono. E você não receberia uma garantia nem se o próprio imperador Salerius saísse do túmulo para assistir à peça. Você vai ser pago quando o resto de nós também for, nas noites de apresentação.

– É só que há uma certa... ah... incerteza na sua situação e nós gostaríamos de algo mais firme do que uma declaração sincera de que vamos trabalhar...

– Eu fiquei preso dois dias, seu idiota; não respirei fumaça de Pedra-Fantasma nem perdi a cabeça. Se você quer o trabalho, pode ter os termos de sempre, e se não quiser, não vou ficar acordado à noite imaginando onde vou conseguir três ou quatro idiotas para limpar merda!

Os dois se aproximaram e continuaram discutindo em tom baixo, passional. Locke sinalizou para Alondo, que estava ali perto, e sussurrou:

– O que é isso?

– São os homens das fossas, Lucaza. – Alondo bocejou. – A condessa pode ficar satisfeita em entregar o Pérola Antiga para as apresentações, mas não paga para manter o lugar limpo. Nós pagamos. Isso implica fossas vazias para que centenas de pessoas mijem toda noite, cuidadas por macacos como o Calabazi.

– Essa coisa toda é mais complicada do que eu imaginava.

– Verdade. E Jasmer odeia o lado comercial do negócio, sabe? Ele negocia como se estivesse tendo os bagos raspados.

Do outro lado do pátio, Jasmer interrompeu a conversa com Calabazi erguendo as palmas das mãos diante do rosto do feio limpador de fossas e dando-lhe as costas.

– Mestre Moncraïne! – gritou outro recém-chegado, vindo da direção do estábulo.

Moncraïne girou.

– Pela paz dos deuses, seu idiota da porra, não vê que estou trabalhando... Ah, *deuses*, barão Boulidazi, não o reconheci! O senhor... é... veio fantasiado de novo.

– Rá! Eu queria combinar com o espírito do nosso empreendimento! – De novo vestido como plebeu, Boulidazi usava um chapéu de aba larga sujo que escondia parcialmente suas feições. – E, claro, me intrometer o mínimo possível nos seus negócios.

– Claro – disse Moncraïne, e Locke teve certeza de que ouviu dentes rilhando, mesmo do outro lado do pátio.

– E quem é esse aí? Alguém importante?

– Ahn, eu sou Paza Calabazi, ah, senhor. Eu cuido...

– Não, isso não é importante ou você saberia que deveria dizer "milorde". Vá ser insignificante em outro lugar.

– Ahn... sim, milorde.

Locke franziu a testa ao ver Calabazi praticamente se arrastar para longe. Sua impressão original sobre Boulidazi pareceu mais

ingênua do que nunca.

– Agora, Moncraïne. – O jovem nobre deu um tapa firme nas costas do empresário. – Sei que este pátio tem um certo encanto sem refinamento, mas arranjei um ambiente melhor.

– O Pérola Antiga? – Moncraïne fez um esforço visível para engolir o ressentimento. – É nosso, milorde?

– Podemos ensaiar lá a partir de amanhã e teremos dois dias de apresentação. A ministra de cerimônias é amiga da minha família. Até vou colocar um homem para garantir que vocês não sejam incomodados pelos Paza Calabazis do mundo.

– Isso é... bom, acho que é muito generoso, lorde patrono. Obrigado.

– Não há de quê. O interesse é meu, não é? Bom, qual é a cena?

– Não há cena, milorde. Nós, é... precisamos de uma pausa, acho. Discutir com Calabazi...

– Bobagem. Você não é homem de ser domado por uma simples discussão, Moncraïne. – Bouldazi fez a mímica de um punho se chocando no próprio queixo, gesto que deixou Moncraïne obviamente desconfortável. – O que vocês estavam ensaiando?

– Nada muito importante...

– A cena, maldição.

– Ahn, seis. Ato um, cena seis. Estávamos resolvendo... resolvendo a situação do coro.

– “Vagabundos da fortuna fazem ousados negócios em reinos de catacumbas, desconhecidos da honesta luz do dia” – declamou Bouldazi. – Gosto dessa parte. Mas isso quer dizer que Amadine está para aparecer pela primeira vez. Sem dúvida você não vai parar agora.

– Bom, talvez não...

– É. Talvez não. – Bouldazi se acomodou na cadeira onde Moncraïne havia descansado ocasionalmente enquanto assistia ao trabalho da manhã. – Srta. Verena, posso implorar alguns instantes

de sua Rainha das Sombras?

– Ora, lorde Boulidazi, sua atenção é sempre muito bem-vinda – respondeu Sabeta com uma perfeita reverência.

Locke juraria ter sentido o sangue coagular no coração e lutou para manter uma fachada de complacência entorpecida.

– Ladrões no lugar para a cena seis! – gritou Moncraïne.

Bert correu para o meio do pátio, seguido por Calo e Galdo, que deveriam se juntar aos figurantes para várias cenas de multidão depois de terminar suas falas. Moncraïne prometera contratar um grupo de atores para aumentar a aglomeração, mas não parecia disposto a começar a pagá-los cedo demais no processo de ensaios.

– Saudações, nobres colegas e patifes! Saudações na Corte dos Pés Descalços! – Chantal avançou de seu lado do pátio, os quadris balançando, os braços estendidos, jogando com a multidão minúscula. – O que há, seus pretendentes esfarrapados, para trazê-los aqui, afastando-os da bebida, dos dados e das atenções calorosas?

– Aliança, bela Pentra – respondeu Bertrand. – Aliança, bela e decaída senhora, pois aquela que reivindica nossa consideração profunda faz com que os confortos pareçam frias distrações.

– Valedon, você sempre foi um demônio de fala áspera e agora o ar está cheio de seda. O que provocou a mudança? – Chantal tocou no queixo do marido, num gesto brincalhão.

– A minha senhora e sua. A bondade dela aferroa minha consciência. Tenho sido negligente nos meus tributos e devo emendar minhas cortesias.

– Assim como todos nós – completou Calo. – Pentra, deixe-a vir. Ela nos abrigou e acendeu o companheirismo leal, e até uns pobres coitados como nós devemos prestar obediência.

– Todos somos pobres coitados em nossa corte maltrapilha, portanto ninguém é mais pobre do que os outros.

A voz de Sabeta era régia sem esforço enquanto ela deslizava

para o meio da cena, saindo do que seriam as sombras do palco verdadeiro. Nem mesmo a distração de Boulidazi poderia embotar o prazer de Locke ao assistir Sabeta desaparecer no papel que ela tanto desejara.

– Com a graça do calor da fogueira, sinto-me envergonhado com meu tributo – declamou Calo, ajoelhando-se. – És Amadine, chamada de Rainha Sob as Pedras, ou eu jamais nasci. Meu presente não merece esse nome diante de tamanha beleza. Empalidece, e com ele empalidece meu orgulho. Imploro uma segunda chance, para roubar uma cortesia mais digna!

– De fato, a oferenda dele é pequena como uma moda passageira – concordou Bertrand. – Tenha certeza do meu amor, radiante Amadine, e receba meu tributo primeiro.

– Rude Valedon, isto não é uma corrida, com linhas a cruzar antes de todos os outros. Calma. Sem dúvida um momento de espera não fará mal aos seus preparativos.

Bertrand fez uma reverência e deu um passo atrás.

– Sou Amadine, chamada de muitas coisas – disse Sabeta, sinalizando para Calo se levantar. – Não há honra mais digna do que essa, seu presente de amizade. Vejo que você é novo entre nós.

– Há muito tempo sou ladrão, senhora, mas muitos anos se passaram antes que a gentil fortuna me trouxesse à sua companhia. Ah, deixe-me trocar este ouropel por algo mais adequado ou ser enforcado de boa vontade por tentar.

– Jamais fale de um mal assim – retrucou Sabeta. – E jamais fale de vergonha, mas dê o que você tem.

Calo fingiu entregar algo, hesitante, e Sabeta fez mímica de segurar a coisa entre o polegar e o indicador.

– Um insignificante anel de prata – zombou Bertrand. – Desgastado como as mãos de um ajudante de cozinha.

– Com mais orgulho aceito um anel insignificante de um homem com bolsos vazios do que riquezas de um homem cuja bolsa

permanece pesada. Que coisa boa não poderia ser cunhada a partir desta cortesia? Ela se tornará pão e vinho, roupas e aço afiado. Endurecerá os tendões de nossa amizade, por isso recebo-o com apreço. Você é bem-vindo ao nosso bando, irmão.

– Com a vontade dos deuses, jamais vou deixá-lo!

– Com a vontade dos deuses. – Sabeta estendeu a outra mão e Calo beijou-a. Em seguida, ela se virou para Bert. – Agora, Valedon, conheçamos o seu coração. Você passou alguns meses conosco, mas distante, orgulhoso e solitário.

– Orgulhoso e solitário como tu, astuta Amadine, mas devo admitir meu pobre companheirismo. Eis o remédio! Ah, como esforcei meus talentos para obter um presente digno!

– Um bracelete – disse Chantal enquanto o marido fingia mostrá-lo com um floreio. – Safiras negras engastadas em ouro.

– Adequado a uma rainha das sombras – completou Bertrand. – Rezo para que agrade. Imploro que o uses, ao menos uma vez, ainda que mais tarde o lances numa pilha de moedas dignas de um resgate de rei.

– Um grande peso para enfeitar um único pulso. Agradecemos, Valedon; seu caráter obscuro torna-se claro. Como conseguiu esse tesouro?

– Três dias e três noites de esforços vigiando uma casa grandiosa – respondeu Bertrand –, até que vi a chance de roubá-lo.

– Você pode colocá-lo primeiro, para mostrar como funciona?

– Ora, o fecho é simples, graciosa Amadine. Dê-me a mão e eu irei consagrá-la.

– Eu preferiria ver esse tesouro no seu pulso, antes que ele toque o meu. Ou sua profunda consideração ficou rasa?

– Esta beleza não se destina a um braço tão indigno!

– Indigno mesmo.

Com um gesto de Sabeta, Chantal agarrou Bertrand e fingiu segurar uma faca contra seu pescoço.

– Senhoras, por favor, em que eu as ofendi?

– Seu rosto é um pergaminho – respondeu Sabeta –, com a traição escrita claramente. Você tem medo de tocar a joia e o veneno que está na agulha oculta! – Ela fez mímica de pegar o bracelete e desdobrá-lo para que todos vissem. – Acha que somos parvos, que com esse estratagema infantil poderia tirar minha vida? Meus espões me alertaram de sua falsidade.

– Juro que, quando roubei o bracelete, não sabia o que havia dentro!

– Roubou? Será que eu não reconheceria um ladrão através de cada cicatriz e cada calo do ofício? Eu tenho todos eles, Valedon, familiares como filhos. Suas mãos são macias e seus tendões são frouxos. Este bracelete você recebeu como presente de seus senhores.

Calo e Galdo fizeram a melhor interpretação possível de um alarde indignado na multidão e agarraram Bertrand pelos braços.

– Agora vejo que minha mentira estava condenada antecipadamente – sussurrou ele. – Prendam o bracelete no meu pulso e deixem que a justiça seja feita.

– A dispensa rápida é misericórdia indevida. Você terá seu bracelete de volta, assassino fracassado, após muita reflexão. Amarrem-no! Aqueçam um cadinho e derretam nele a joia-escorpião. Sim, dourem suas entranhas com o tesouro derretido, depois deixem-no na rua para que seus senhores ponderem.

– Imploro...

O último rogo do infeliz Valedon foi abafado pelo ruído de Calo vomitando outra vez. Bert e Chantal saltaram para trás, evitando sujar os pés, enquanto Galdo tapava a boca e empalidecia.

– Rá! – gritou Boulidazi. – Rá! Acho que um dos seus gêmeos tem algo do qual se culpar, Moncraïne.

– Sinto muito, milorde – gemeu Calo.

– Talvez vocês devessem viver virtuosamente durante alguns

dias, amigos. – Bouldazi se levantou e se espreguiçou. – Parabéns, apesar do final súbito. De verdade! Em especial às damas. Pelos deuses, acho que tenho algo aqui. De fato vou me juntar a vocês no Pérola pelo resto dos ensaios.

A dor súbita entre as têmeoras de Locke combinava com a expressão de Moncraïne.

4

– VAMOS ACHAR UMA OPORTUNIDADE de ficar sozinhos – sussurrou Sabeta mais de uma vez nos dias seguintes, mas essas oportunidades pareciam deliberadamente saltar para fora do caminho à medida que os ensaios prosseguiam.

O Pérola Antiga era um testamento da generosidade do conde que, morto havia muito tempo, o deixara para a cidade de Epara. Ainda que não fosse sequer uma paródia da noção de longevidade dos Ancestres, o teatro fora construído para ser usado durante séculos. As paredes e as galerias elevadas eram de mármore branco, agora envelhecido até um cinza suave, e o palco, construído com madeira de lei laqueada alquimicamente, poderia durar um período igual.

O pátio circular era ao ar livre e, apesar de haver postes de madeira, os toldos que eles deveriam sustentar em si estavam ausentes, não oferecendo abrigo do sol e da chuva. Segundo Jenora, esse conforto para a plateia do chão, como as fossas sanitárias, era um dos gastos ocultos do teatro “grátis” que a condessa não tinha interesse em custear.

Não havia como negar que o lugar era muito mais adequado do que o pátio da estalagem. O Pérola tinha dignidade de sobra, até mesmo para os ensaios mais precários, e o que pareceria uma pantomima idiota a 6 metros de um estábulo era, de alguma forma, enobrecido à sombra das silenciosas galerias de mármore.

Mesmo assim, toda vantagem nova parecia vir acompanhada de uma complicação. Cada dia começava cedo demais, com membros da companhia de ressaca pondo figurinos, adereços e miudezas inacabados na carroça dos camorris. A caminhada até o Pérola era de 3 quilômetros e, no fim de cada jornada de ensaio, eles precisavam colocar tudo no veículo e fazer a viagem de volta. Tinham permissão de ensaiar no teatro, mas não de residir lá, e a guarda citadina os expulsaria como vagabundos se demonstrassem qualquer sinal de que passariam a noite ali. Assim, horas preciosas eram devoradas pelo deslocamento.

Apesar de Locke e Sabeta evitarem os piores excessos, que eram um ritual noturno (a Sra. Gloriano, apesar de toda a alardeada moralidade, parecia incapaz de se recusar a servir a qualquer bêbado que ainda conseguisse empurrar uma moeda na sua direção), havia pouca liberdade ou tempo disponível na estalagem. Por um lado, havia a simples pressão do tempo, e o sono era uma mercadoria preciosa depois dos longos ensaios e das caminhadas tediosas. Por outro, havia Bouldazi.

Fiel à sua palavra, o jovem barão se tornou um adereço da companhia, “disfarçado” em roupas comuns, e enquanto Locke ia para cama toda noite mais exausto do que ficara desde seus meses como trabalhador de fazenda, Bouldazi parecia ter energia equivalente à de dez mulas. De algum modo, correra o boato de que a Companhia Moncraïne voltara à vida com um nobre no coração do grupo, de modo que oportunistas, curiosos e atores desempregados se juntavam à confusão do salão da estalagem toda noite, distraindo Moncraïne.

Mas Bouldazi jamais se distraía. Seus olhos estavam fixos em Sabeta.

– CALAMAXES, VELHO CONSELHEIRO – disse Sylvanus, agachando-se num banco dobrável, caracterizado como Sua Excelsa Majestade Salerius II, Imperador de Todos os Terins. – Não se passa um dia luminoso sem que você encontre alguma nuvem para lançar diante do Nosso sol.

– Majestade. – Jasmer esboçou uma reverência, expressando mais tolerância do que humildade. – É sobre filhos que desejo falar. O príncipe Aurin chegou a uma idade voraz e quer ser empregado.

– Empregado? Ele é herdeiro de Nosso trono, esse é o ofício dele.

– Ele quer distinção, majestade. Uma espada que jamais viu sangue e à espera de ser desembainhada, esse é Aurin.

– Você toma liberdades, declamador de feitiços. Sugere que nascer de sangue real não é suficiente para determinar o mérito dele?

– Perdão, soberano. Por minh'alma, Aurin é um herdeiro digno de uma linhagem digna. Digo apenas que ele anseia por equivaler méritos à herança, como fez seu pai, e agitar esta corte magnífica com novos triunfos.

– Ele – disse Sylvanus em tom pensativo – e o caro e ambicioso Ferrin.

– Justificada e lealmente ambicioso – falou Jasmer. – Sua Majestade não foi servido, em seu tempo, por amigos e generais?

– E feiticeiros.

– Majestade...

– Bom, não é falha Nossa que os inimigos de antigamente tenham se tornado tão débeis!

– Aqueles inimigos diriam o contrário, majestade. O senhor foi o arquiteto dos sofrimentos deles.

– Ora, ora... Algumas serpentes lisonjeiam, depois picam. Então agora vejamos suas presas.

– Majestade, há em Terim Pel um descontentamento que rói,

como cupins nas madeiras de uma casa. A questão dos ladrões.

– Deuses do céu! Não vimos Nós seus feitiços lançados em batalha, e homens ceifados, mortos como grãos na colheita? Não vimos Nós trovões e raios lançados sob sua vontade? Agora você Nos diz para temermos vagabundos.

– Temer, não, majestade, jamais temer. Mas cuidar, posto que há uma doença se alastrando. Tenho notícias de reuniões em grandes números, de ousadia inconveniente, de desprezo deliberado por seu trono imperial.

– Todos os ladrões desprezam a lei, caso contrário não seriam ladrões. Por que alardear essa revelação rançosa?

– Majestade, eles fazem sociedade sob a luminosa Terim Pel e falam de um soberano para sua corte falsa!

– Como piada. Nós dignificamos demais esse absurdo com Nossa consideração.

– Majestade, por favor, se o senhor sofre desprezo de vis fingidores, como isso não vai se procriar, através do exemplo, em postos mais elevados? Admito que o senhor possa rir em particular...

– Você *admite*?

– Perdão, majestade. Eu sugiro. Aconselho com toda a seriedade. É certo que o senhor *pense* que essa insolência é trivial, mas é certo, em nome da paz obtida duramente, que o senhor deve esmagá-la no útero! Para que ela não se espalhe até aqueles cujo espírito está mais próximo do seu.

– Matar a ralé agora ou os cortesãos mais tarde, é o que você diz? Quem, então, seria esse tal soberano dos ladrões e como se tornaram tão temíveis a ponto de seus instrumentos, feiticeiro, não serem capazes de acabar com eles?

– Uma mulher, majestade, uma mulher de temperamento digno de nota, cujos seguidores chamam de Rainha das Sombras. Ela se guarda bem contra meus servidores mais simples. Um deles foi morto ontem à noite e deixado numa rua, como alerta e desafio.

– E quanto aos feitiços? – Sylvanus deixou a palavra pairar pesadamente no ar por um momento. – Sob Nosso comando, você não poderia matá-la quando quisesse, rápido como um vento frio?

– Sob seu comando – respondeu Jasmer, com relutância –, ela poderia morrer neste instante, mas com isso eu assassinaria a oportunidade.

– O que, então, você sugere e aconselha enfaticamente?

– Deixe Aurin e Ferrin serem seus instrumentos, majestade. O rosto deles é pouco conhecido dos fora da lei. Deixe que eles entrem no covil dos ladrões, ganhem a confiança dessa mulher e executem o julgamento dela.

– A poeira do cadáver de seu ex-agente ainda não se assentou e você colocaria meu filho no lugar dele?

– Paz, majestade. O príncipe Aurin não tem uma habilidade maravilhosa com as armas? Ferrin não tem a força do ferro, como indica seu nome? Eu sou a própria alma da prudência com relação à sua prole e colocaria minhas artes e meu olhar sobre seu filho, de longe, ainda que ele não soubesse disso. Ele não poderia ficar mais seguro em seus próprios aposentos... e faria muito de bom.

– Estranho conceito, tornar assassino o filho de um imperador.

– Fazer com que seja sabido que o próximo leão tem algo de raposa, que combina sutileza com força e ousa dar uma reação pessoal ao insulto pessoal!

– Aurin deseja isso? – perguntou Sylvanus, baixinho.

– Ele arde por ser testado, majestade. Os deuses generosos colocaram um desafio diante de nós. Eu o faria aceitar.

– Por muito tempo você Nos serve, o melhor e mais brilhante de Nossos magos, inteligência afiada e conselho rápido. Mas se isso der errado para Aurin, saiba com certeza que você compartilhará a perdição dele, nem que sejam necessários todos os magos do império para atá-lo.

– Soberano, se meu conselho se desviasse tão terrivelmente do

objetivo, eu não desejaria viver.

– Então faça os preparativos para observar com feitiços vigilantes e veremos isso ser feito. Traga Aurin e Ferrin diante de Nós.

Locke se esgueirou da sombra das colunas do palco para o calor. Sombras cobriam as galerias ocidentais do Pérola como máscaras, mas o centro do palco estava à mercê do sol do fim da tarde. Alondo veio do lado oposto, encontrou-o diante de Jasmer e Sylvanus, e juntos eles deram prosseguimento ao ato.

Cena por cena, dia após dia, o drama se desenrolava aos arrancos, como se deuses caprichosos brincassem com a vida de Salerius II e sua corte. Saltando à frente, revertendo o tempo, mudando de papéis e lugares, exigindo repetição de certos momentos até que cada participante estivesse pronto para dar socos, Jasmer Moncraine conjurou o esboço da história e depois começou a dar o acabamento.

Para Locke, os dias se tornavam uma frustração rítmica à medida que ele e Sabeta eram arrebanhados por Bouldazi, à medida que se aplicava diligentemente para se tornar um personagem que ele não queria representar. Aquilo não era diferente de vivenciar um papel como Correntes havia ensinado e, em outras circunstâncias, poderia ter sido fascinante. Mas, cada vez que olhava Alondo tomar Sabeta pela mão ou pelo ombro, ou ensaiar beijos e abraços no palco, aprendia de novo como o tempo era capaz de se arrastar vagaroso quando se lidava com algum sofrimento.

– Você não parece bem, Lucaza – comentou Bouldazi baixinho enquanto a companhia caminhava para casa num fim de tarde poeirento.

Vivendo com humildade ou não, Bouldazi e seus homens jamais chegavam ao ponto de dispensar cavalos e, naquele instante, o barão apeou, puxando o animal pelas rédeas para andar ao lado de Locke.

– Você tropeçou em algumas falas que deveria saber de cor.

– Não... não são as falas, milorde. – Locke estava tão chateado, tão cansado dos ensaios e do céu esparano sem nuvens, que começou a se abrir com Boulidazi antes de conseguir se conter: – Eu esperava ser Aurin. – Resolveu esticar a confiança com uma pequena mentira, para que Boulidazi não suspeitasse de que desejava mais proximidade com Sabeta. – Eu... ah... li e estudei Aurin na viagem para cá. Ensaiei. Ele tem todas as melhores falas. Eu simplesmente... não me sinto tão à vontade como Ferrin.

– Você e eu compartilhamos de certos gostos – disse Boulidazi, dando aquele seu sorriso insolente.

Só um que importa, pensou Locke, e lutou contra uma nova visão de uma carreira como assassino de aristocratas.

– Também não acho que você seja um bom Ferrin – continuou Boulidazi. – Ele deveria ser mais velho do que Aurin, maior, o mais confiante dos dois. Aquele tal de Alondo é mais adequado ao papel, se você me desculpa a reflexão. Tenho certeza de que, se lhe fosse oferecida a escolha, ele preferiria ter seu nascimento e seu dinheiro do que mais alguns centímetros de altura e de músculos, não é?

– Certamente – murmurou Locke.

– Anime-se, nobre primo. Levante a cabeça. – Boulidazi olhou casualmente ao redor, para garantir que ninguém importante estava ouvindo. – A sorte é mutável. Olhe só o seu serviçal, o Jovanno, hein? Fisgou aquela bela costureira de pele escura, os deuses sabem como. Não é o tipo a quem você gostaria de dar seu sobrenome, mas é apertada e úmida onde importa. E ela deve adorar a coisa, com toda a certeza.

– Jovanno tem algumas qualidades que não são evidentes ao olhar – disse Locke, forçando um tom de fanfarronice.

– Carrega uma espada de verdade, é? Esses sujeitos bem nutridos costumam estufar os calções, pelo que ouvi dizer. Bom, de qualquer modo... como vai nossa Verena?

– Você não pode ter deixado de vê-la no palco.

De fato, ela estava se saindo bem. Dentre os Nobres Vigaristas, era quem tinha mais facilidade para o teatro, de longe a mais agradável aos olhos e às sensibilidades românticas. Até mesmo o ceticismo de Chantal dera lugar primeiro à tolerância e, depois, ao respeito explícito.

– Naturalmente. Eu estava falando das horas de folga, das noites e manhãs. Sem dúvida ela não pode achar que a estalagem Gloriano é algo que preste, nem de brincadeira. Os deuses sabem que eu gosto de rolar no lixo, mas não durmo lá, não é? Ela poderia querer uma folga... nem que só por uma noite. Uma refeição de verdade, um banho, lençóis de seda. Tenho muitos quartos vazios em casa. Você poderia dar a sugestão.

– Poderia.

– E eu poderia trocar uma palavra com o Moncraïne sobre uma mudança de papéis para você.

– Ora, bem, milorde, isso não seria... isto é, não sei se o Moncraïne está aberto a ser persuadido com relação a isso.

– Você tem algumas ideias liberais para um camorri, amigo. Eu não persuado: eu ordeno. A não ser, claro, na busca de uma bela mão e um belo coração. – Boulidazi deu um risinho, mas ficou sério num instante. – Então você vai falar com ela?

– Farei o que puder ser feito.

O que era nada, pensou Locke, absolutamente nada. Sabeta jamais se permitiria ser sondada em segredo pelo prazer de Boulidazi, mas o barão não sabia disso. E se ele pudesse colocar Locke no papel de Aurin? Um caloroso sentimento de satisfação inesperada cresceu nas entranhas de Locke.

– A prima Verena é muito meticulosa com relação aos confortos, milorde. Tenho certeza de que ela está bastante pronta para... ah... visitar sua casa pela segunda vez.

– Você me faria um tremendo serviço, Lucaza. – O tapa de Boulidazi nas costas de Locke foi forte e descuidado, mas Locke

suportou-o como a suave unção de um sacerdote. – Ela não precisa temer qualquer indiscrição, seja na ida ou na vinda. Meus homens já cuidaram desse tipo de coisa.

Sem dúvida, pensou Locke.

6

– NÃO É QUE EU ME INCOMODE em reutilizar tanto material antigo...
– disse Jean na manhã seguinte, enfiando uma agulha de ferro num pedaço de tecido recuperado. – Só fico curioso para saber por que você é tão avessa a beliscar um pouquinho mais do dinheiro do nosso estimado patrono para comprar coisas novas.

– Porque ele daria dois beliscões de volta em troca do nosso – respondeu Jenora, revirando uma pilha de velhas rendas de figurinos.

Os dois estavam sentados confortavelmente atrás do palco do Pérola, cercados pelo amontoado usual de roupas e adereços. Por um processo de canibalismo constante, transformavam os restos empoeirados de todas as produções anteriores da trupe em acabamentos adequados e talvez até ambiciosos. No momento, estavam fazendo espectros.

Era tradicional no teatro terem que os atores de personagens mortos se vestissem como espectros, com máscaras mortuárias e mantos claros, para assombrar o resto da produção como espectadores fantasmagóricos.

– Há dois tipos de patrono – continuou ela. – Alguns fazem chover dinheiro como doces festivos e não se importam se tiverem prejuízo, desde que a produção corra bem. Eles fazem isso para impressionar alguma pessoa ou porque podem mijar moeda o quanto quiserem. Outros assumem o que você pode chamar de posição mais interessada. Esperam um reembolso completo e inflexível. Bom, o nosso nobre senhor não é daqueles que ficam

contando tudo, mas alguma criatura dele é, até o último cobre amassado. Eu vi os papéis. Podemos ter tudo o que quisermos para que a produção seja grandiosa, certo, mas, se gastarmos além do que é possível recebermos da plateia, não haverá lucro suficiente para nós, a ralé, depois que o Boulidazi pegar o dele.

– Mas você disse que vocês tinham alguma precedência, como sócios originais...

– Ah, nós temos garantida uma parte dos lucros; só que os lucros têm a capacidade de se transformar em outra coisa, por magia, antes que a divisão seja feita. Boulidazi tem a segurança de seus gastos segundo a lei de Epara. O resto de nós divide o que sobrar. Portanto, veja bem, se nós usarmos nosso nobre patrono para muitas coisas bonitas e caras, só vamos jogar fora nossa parte.

– Entendi – afirmou Jean, pensando que Camorr não tinha esse privilégio específico para nobres com mentalidade empresarial; sem dúvida a riqueza dos agiotas e cambistas lhes davam vantagens que os plebeus de Epara ainda não possuíam. – Estou vendo por que você faz tanta questão de economizar.

– Um pouco de dor nos pulsos e cotovelos pode nos economizar a dor de uma faca afiada na bolsa quando tudo isso...

Ruídos pouco característicos vindos do palco arrancaram Jean e Jenora de seu devaneio usual. Moncraïne atravessara o palco pisando firme, seguido de perto por Boulidazi, interrompendo a cena que era ensaiada. Jean tinha visto isso muitas vezes e aprendera a ignorá-los, mas dessa vez não havia como fazer isso.

– O senhor não tem o direito de interferir nas minhas decisões artísticas! – gritou Moncraïne.

– Nenhuma das suas decisões é privilegiada pelo nosso acordo, seja ela artística ou não – retrucou Boulidazi.

– É a porcaria do princípio da questão...

– O princípio lhe garante palavras gentis no templo da sua escolha, e não poder sobre mim.

– Que os deuses maldigam seus olhos de serpente, seu diletante metido a besta!

– Isso mesmo. – Bouldazi chegou perto de Moncraïne, tornando impossível que o empresário errasse, caso explodisse outra vez. – Agrida-me. Esqueça que você é um camponês de pele noturna. Diga algo que eu não possa perdoar. Melhor ainda, bata em mim. Você voltará à Torre do Lamento com a velocidade de um disparo de flecha e eu terei a companhia teatral. Acha que você não pode ser substituído? Você tem cinco cenas. Eu contrato outro Calamaxes arrancando alguém do Basanti. A peça vai continuar sem você, e você vai perder uma das mãos.

Jasmer ficou parado numa rigidez terrível, as rugas do rosto escuro se aprofundando à medida que a mandíbula se comprimia com mais força, e por um momento pareceu que ele iria se condenar. Por fim, deu um passo atrás, suspirou fundo e vociferou:

– Alondo! Lucaza!

Locke e Alondo apareceram rapidamente diante dele.

– Troquem de papéis – rosnou Moncraïne. – De agora em diante, Lucaza é Aurin, e Alondo faz o Ferrin. Se não gostarem, discutam as ramificações estéticas com o nosso honorável maldito patrono.

– Mas nós acabamos de fazer o figurino do Aurin ontem, com as medidas do Alondo – protestou Jenora.

Moncraïne foi na direção dela, obviamente doido para descontar em alguém o que acabara de receber de Bouldazi.

– Então passe a faca nele ou ponha o Lucaza na porra de um ecúleo e o faça crescer 10 centímetros. Não me importa qual das duas opções!

Jenora e Jean saltaram, mas, antes que qualquer um deles pudesse falar, Moncraïne se virou e se afastou pisando duro. Bouldazi deu um sorrisinho, balançou a cabeça e sinalizou para que os atores continuassem ensaiando.

De olhos arregalados, Jean se acomodou lentamente em seu

banco. O barão nunca fora provocado de modo tão público nem havia contrariado tanto seu infeliz “sócio”, e por mais rude que fosse, Boulidazi sempre parecera agir com um desígnio. A que objetivo estaria servindo esse ardil?

– Eu... é... lamento por isso, Alondo – disse Locke, rompendo o silêncio antes que se estendesse demais.

– Bah – fez o jovem esparano. – A culpa não é sua. Se o Jasmer falar para eu representar um filhote de coelho, eu serei um filhote de coelho, sabe? E continuo na maior parte das cenas melhores, de qualquer modo. Se eu precisasse implorar trabalho ao Basanti, nem teria um papel de criada fogosa me esperando, não é?

7

LOCKE E SABETA CONFERENCIARAM, num momento raro e breve de privacidade, sobre a natureza mutável das expectativas de Boulidazi. Por mais que estivessem diferentes, os antigos hábitos do barão esparano não se alteraram e era simplesmente perigoso demais tentarem conseguir mais privacidade significativa na estalagem Gloriano. Boulidazi ou um dos seus vários empregados poderia aparecer a qualquer momento, de qualquer esquina, subindo ou descendo qualquer escada.

Além do mais, o barão havia cumprido com sua promessa de transmutar o papel de Locke e precisava continuar pensando que Lucaza de Barra era seu fiel aliado. Com esse objetivo, Sabeta começou a fazer um jogo de flerte mais próximo e mais perigoso com Boulidazi. Mesmo não admitindo que fosse o tempo certo para desfrutar de um pernoite secreto sob o teto do barão, ela o adulava com mais frequência, encontrava seu olhar mais vezes, fingia sorrir de suas supostas piadas. Também se valia mais de seu arsenal de fascínios femininos, deixando casualmente a bata pender alguns centímetros mais baixa no peito, trocando botas por chinelos baratos

para mostrar os tornozelos e as canelas elegantemente musculosas. Esses atos, combinados com a facilidade com que Jean e Jenora saíam juntos toda noite, mantinham as chamas gêmeas da distração e do ciúme tremulando vívidas no peito de Locke.

Seu novo papel como Aurin acabou não ajudando na questão. Apesar de o fato de trabalhar tão perto de Sabeta provocar um arrepio que subia e descia por todos os nervos, ao professar amor na linguagem maravilhosamente melodramática de Lucarno, o olhar de falcão de Boulidazi era um freio em qualquer outra expressão de paixão. De fato, ele era tão cuidadoso e tão casto nos abraços no palco que Moncraïne, com a paciência transformada em cinzas enterradas fundo na terra de seu humor, logo explodiu:

– Pelo mijo dos deuses, seu pateta desajeitado, o amor é o assunto básico da peça! Quem, diabos, quer pagar um bom dinheiro para ver uma trágica história de amor se os amantes se tocam como se fossem de porcelana fina? Bert! Chantal! Eduquem esse idiota.

Marido e mulher avançaram dispostos, ao perceber que não iriam compartilhar a bronca. Chantal desmaiou nos braços de Bertrand, que se virou para Locke e Sabeta.

– Exagerem e se inclinem. Inclinarse é o que faz um bom abraço, garoto. O beijo no palco vocês dominam. Quando ela estiver nos seus braços, incline-a um pouco. Tire-a do chão. A plateia gosta. É o jeito mais rápido de demonstrar paixão de modo que até os bêbados no fundo podem ver. Não é, minha joia?

– Ah, Bert, você não seria capaz de explicar a um peixe como nadar. Mas sempre foi bom em *fazer*, hein?

Rindo e se cutucando de modo brincalhão, os dois conseguiram corrigir depressa as falhas da técnica de Locke fingindo que abraçava uma garota. Até Moncraïne grunhiu satisfeito e, de repente, Locke se viu capaz de estar com Sabeta, braço encostado em braço, peito encostado no peito, rosto encostado no rosto, sem que Boulidazi tivesse a mínima objeção. Mas qualquer um que já

segurou de mentirinha uma pessoa intensamente desejável saberá como isso serve pouco para aplacar o desejo de contato genuíno, da rendição genuína, portanto nem mesmo essa evolução serviu como bálsamo para o humor ou os desejos de Locke.

Assim a situação continuou, ganhando ímpeto como uma carroça empurrada do topo de um morro. A freguesia na Gloriano ficou maior e mais barulhenta. Calo e Galdo cediam ao apetite pelos dados e pelas cartas, vigiados de perto pelos outros, para garantir que não cedessem ao apetite por jamais perder. Jean e Jenora produziam um figurino depois do outro, restauravam armas teatrais até o lustre completo, produziam pequenos milagres a partir de restos poeirentos. Os ensaios diários se tornaram mais limpos, textos e anotações eram descartados, provas de figurinos e adereços eram feitas. Por fim, numa tarde, enquanto o disco de bronze do sol deslizava para o oeste, Moncraïne chamou a companhia ao palco.

– Não posso dizer com certeza que estamos ficando melhores – rosnou –, mas pelo menos não estamos mais piorando. Acho que é hora de divulgarmos ao público. Milorde Boulidazi, o senhor e os acionistas devem consentir.

– Consinto – respondeu o barão. Alondo, Jenora e Sylvanus assentiram.

– Que os deuses nos salvem. O que isso significa, meus caros camorris, é que vamos contratar nossos coadjuvantes e figurantes. Depois anunciamos os horários das apresentações e, se não conseguirmos realizá-las, estaremos em dívida. Para com os cuidadores das fossas, os vendedores de cerveja e pão, os fornecedores de almofadas, a ministra de cerimônias e a própria condessa, que os deuses não permitam.

– Presumo que vamos precisar de alguns panfletos, não é? – perguntou Jean.

– Panfletos? Quem lê? Distribua-os na maioria dos bairros e os bons cidadãos irão usá-los para limpar a bunda. Nós mandamos

pregoeiros aos bairros pobres, e bilhetes aos melhores. Talvez apenas uns poucos panfletos nas ruas comerciais, mas, na maior parte, vamos manter o mais antigo dos estilos antigos.

– Que seria...? – indagou Galdo.

8

– **ESTÁ CANSADO DA VIDA?** – gritou Galdo, tentando fazer a pose mais enérgica possível, empoleirado em um velho barril de feira. – Está embotado para o espetáculo? Está surdo à poesia atemporal de Caellius Lucarno, mestre artesão das palavras do Trono Terim?

Uma chuva fraca e quente caía, ondulando a lama da praça do mercado, onde dezenas de esparanos vendiam comida, velharias ou serviços embaixo de lonas em várias condições de desgaste. Parecia natural para Galdo que, depois de intermináveis dias de sol implacável, o céu se fechasse e começasse a mijar no instante em que ele tentava parecer impressionante.

– Porque, mesmo que esteja... – disse Calo, no chão ao lado do irmão.

– Fodam-se! – xingou o mercador mais próximo.

– **MESMO QUE ESTEJA** – continuou Calo –, você não poderá resistir ao romance, à empolgação, ao grande festival ofuscante de perplexidades explícitas que o espera quando a Companhia Moncraïne-Boulidazi fizer sua apresentação exclusiva da lendária...

– ... da ousada... – berrou Galo.

– ... da sangrenta e passional **REPÚBLICA DE LADRÕES**, nos próximos Dia do Conde e Dia da Penitência...

Galdo precisava admitir que o estado de sobriedade total, ainda que na maioria das considerações fosse muito menos interessante do que qualquer grau de embriaguez, pelo menos resultava num emprego melhor dos reflexos. O mercador irado jogou um nabo, que Calo pegou no ar logo antes que batesse na sua cabeça. Ele jogou-o

para Galdo, que saltou do barril, deu uma cambalhota no ar, pegou o nabo e pousou com os braços estendidos num floreio.

– Nabos não podem parar a Companhia Moncraïne-Boulidazi!

– Eu tenho batatas também! – ameaçou o mercador.

– No Dia do Conde! No Dia da Penitência! Ingressos limitados! – gritou Calo. – No Pérola Antiga! Não percam a sensação mais estupendamente empolgante que já surgiu na sua vida! Os mortos viverão, respirarão e falarão de novo! Amor verdadeiro, espadas reluzindo, traição do coração e os segredos de uma dinastia imperial, tudo isso será seu, mas, se perderem agora, perderão para sempre!

Outro nabo foi lançado na direção dos gêmeos, que se desviaram com facilidade.

– Você errou agora e vai errar sempre! – exclamou Galdo. Em seguida, se virou para o irmão e baixou a voz. – De qualquer forma, ainda restam oito paradas. Talvez já tenhamos favorecido esses imbecis por tempo suficiente.

– Certíssimo – concordou Calo. Os gêmeos fizeram reverência à indiferença geral da praça do mercado e saíram correndo pela chuva. – Onde, agora?

– No Portão do Rio Jalaan. Deve ser um pessoal receptivo e paciente, com certeza, recém-saído da estrada e com lama até o rego da bunda.

– É. Deuses, onde essa gangue estaria sem nós para fazer toda a porcaria do serviço de rua?

– Nós temos a aptidão, temos as tarefas. Mas, pelo lado positivo, você preferiria cuidar dos livros?

– Não, porra. Mas não me incomodaria em bancar o ajudante de guarda-livros.

– É, mas alguém chegou primeiro!

– Ah, eu sei. O gorducho está fazendo bem, costurando ela. Eu estava começando a me preocupar com ele.

– Com isso, restam a ruiva e o gênio. Ainda há motivo para

preocupação aí.

– Afinal de contas, qual é a dificuldade de se jogar um em cima do outro e deixar que as partes empolgantes de verdade se resolvam sozinhas?

– A dificuldade não é fazer, acho; é que o nosso amado patrono não deixa Sabeta fora das vistas. É o próprio vigia do inferno.

– Acha que a gente deveria dar uma mãozinha?

– Ei, eu corto a garganta do sacana se você cavar o buraco – garantiu Galdo. – Mas isso arruinaria toda essa dança e esse canto que estamos fazendo pela companhia.

– Você deve ter posto os miolos no cabelo antes de raspar tudo, carecão. Eu não estava falando em *apagar* o Boulidazi. Estava pensando mais em soltar uma dica útil no ouvido de Sabeta.

9

– O RESULTADO VAI SER MELHOR do que eu esperava – comentou Jasmer, encurvado sobre uma caneca rachada, cheia de conhaque e água da chuva.

– Que reconhecimento generoso. – O barão Boulidazi estava sentado diante de Moncraïne numa mesa de canto nos fundos do salão da Sra. Gloriano. – O resultado é melhor do que você tinha o *direito* de esperar, seu idiota.

– Muito provavelmente, milorde.

Locke estava encostado na parede ali perto, esforçando-se para fazer parecer que não escutava a conversa. Segurava uma caneca com sidra pela metade. Era a véspera da apresentação do Dia do Conde e, por tradição, a companhia havia feito quatro brindes seguidos: o primeiro a Boulidazi, o segundo a Moncraïne, o terceiro à companhia e o último a Morgante, o Pai da Cidade, uma súplica por ruas e multidões ordeiras. Felizmente, Correntes tinha ensinado a Locke a arte de fazer com que goles pequenos parecessem vastos

e amigáveis e, sem violar o espírito dos brindes, conseguira proteger o raciocínio contra a substância da bebida.

– Provavelmente? Eu me esforcei por você de novo, Moncraine – retrucou o barão, descartando a bravata tranquila de sempre. Ele não havia se contido enquanto brindava e sua voz estava tensa de preocupação. – Não posso pedir que meus amigos apareçam como claque contratada, pelo amor dos deuses. Onze cavalheiros importantes com seus séquitos. Numa primeira apresentação, ainda por cima. Você sabe que em geral eles esperam para saber se vale a pena se incomodar. Portanto, é melhor que valha.

– O senhor conhece a qualidade. Esteve em cima de nós feito uma sanguessuga durante todos os ensaios.

– Não preciso apenas que seja bom. Quero que seja ótimo. Impecável. Sem incidentes, sem erros, sem deixas erradas.

– Não é possível escapar das deixas erradas. Se a peça for boa, elas passam despercebidas; ninguém liga...

– *Eu* ligo – interrompeu o barão. Locke percebeu que Bouldazi estava genuinamente bêbado. – Esta é a porcaria da minha companhia agora, tanto quanto sua, e minha reputação está ao léu. Fracasse e você vai se arrepender do primeiro dia em que viu o sol.

– Com toda a vontade de agradar ao meu generoso lorde – disse Moncraine, acidamente –, se isso fosse tão fácil quanto *ordenar* que alguém faça a coisa certa, não haveria nenhuma peça ruim. Nem pinturas, canções ou...

– Faça uma merda e eu mando quebrar suas pernas. Que tal isso como motivação?

– Eu já estava adequadamente motivado. – Jasmer se levantou. – Acho que vou me retirar, milorde, pois sua companhia inebriada esmaga minhas sensibilidades de camponês.

Jasmer adentrou a multidão para se juntar a Sylvanus e Chantal. Os novos figurantes e a turba usual de vagabundos e parasitas estavam fazendo um barulho jubiloso com as canecas de vinho e

cerveja. A Sra. Gloriano alimentava a farra com bebida nova como um ferreiro enfiando carvão numa fornalha.

– Andrassus, seu bode, como está o vinho esta noite? – gritou Jasmer.

– Indistinto. – Sylvanus arrotou. – Se ele não tivesse melhorado no sétimo ou oitavo copo, eu precisaria recorrer a formas mais sérias de abuso contra mim mesmo.

Boulidazi se levantou inseguro, raivoso, ignorando Locke. Por acaso, Sabeta acabara de chegar por trás dele enquanto abria caminho através do tumulto, aparentemente animada, como uma anfitriã. O copo na sua mão era tão artisticamente decorativo quanto o de Locke.

– Verena – disse o barão em voz baixa –, sem dúvida você cumpriu seu dever para com a companhia esta noite. Deixe que eu lhe conceda alguns dos confortos ao qual você está acostumada, para descansar antes da apresentação. Um banho quente de verdade, uma cama boa, vinhos gelados, talvez até...

– Ah, Gennaro... – sussurrou Sabeta, removendo com delicadeza a mão de Boulidazi de seu braço, depois entrelaçando os dedos com os dele. – Você tem sido tão generoso! Com certeza sabe que dá azar comemorar assim antes de uma apresentação, não é? Eu ficarei felicíssima em aceitar sua oferta *após* recebermos os últimos aplausos.

Era praticamente a melhor recusa possível nas circunstâncias, pensou Locke, mas também alarmante. Agora Sabeta havia se comprometido a ficar a sós com ele apenas dali a dois dias, quando terminasse a segunda apresentação. Depois de semanas de flertes e meias promessas, Boulidazi só poderia reagir mal a outras desculpas.

– Ah, que seja – falou o barão. – Deixe-me levá-la para longe dessas pessoas malditas e viver como deveríamos, mesmo que por um ou dois dias. Foi sua companhia que me manteve aqui incógnito,

e não o desejo de corrigir Moncraïne. E, ao término disto tudo, quero você... isto é, quero que você pense no que deseja fazer em seguida. Imagine qualquer papel que deseje. Farei com que Moncraïne o monte para você, qualquer coisa que você queira...

– Você sabe exatamente o que dizer a uma dama – interrompeu Sabeta, pondo um dedo nos lábios dele e calando-o com muita eficácia. – Vou refletir sobre a sua oferta. Sobre todas as suas ofertas, Gennaro. Acho que nossos desejos para o futuro podem ser considerados muito parecidos.

– Você tem certeza – insistiu Boulidazi, obviamente enfrentando uma súbita afluência de sangue em algum lugar menos útil para conversas do que o cérebro –, certeza absoluta, de que não gostaria esta noite...

– Não – confirmou ela, com doçura mas também firmeza. – Temos dois longos dias pela frente e tempo demais para gastar como quisermos depois. Não vamos colocar a carroça diante do cavalo. Ou deveríamos dizer do *garanhão*, hein?

– Certo. Certo. Como... como você quiser, sempre. No entanto...

Locke se obrigou a parar de ouvir enquanto Boulidazi soltava um novo fluxo de bobagens apaixonadas. A previsível recusa do barão em aceitar a sugestão educada de Sabeta para dar o fora significava que ela cuidaria dele até ficar cansada para fazer qualquer coisa além de desmoronar, azeda e exausta, em algum momento após a meia-noite. Cada passo hesitante que Locke dera com Sabeta, cada precioso instante de entendimento que os dois haviam suado para obter estava de novo sendo desperdiçado. Locke olhou fixamente para sua bebida, imaginando se seria hora de parar de representar e engolir um pouco.

– Olá, Lucaza – cumprimentou Calo, surgindo de lugar nenhum para segurar Locke pelos braços, e falou bastante alto: – Estamos precisando de alguém para o jogo Foda o Sujeito do Lado.

– Mas não quero jogar dados...

– Bobagem – insistiu Calo, afastando-o de Sabeta e Boulidazi. – Você só fica aqui, mal-humorado, quando poderia estar perdendo moedas como um rapaz de verdade. Venha, você vai jogar com a gente.

– Mas... mas...

Suas reclamações não deram em nada. Calo pegou seu vinho e bebeu-o em dois goles. Arrastou-o por um caminho em zigue-zague pela multidão, saiu por um corredor lateral e subiu a escada estreita perto do quarto de Sabeta e Jenora.

– Que diabo você...

– É o maior favor da sua vida, seu pateta. – O Sanza cabeludo chutou a parede e, para surpresa de Locke, aquele trecho de painel de madeira deslizou para trás com um estalo. – Confie em mim. Entre na caixa.

O empurrão de Calo fez Locke se esparramar dentro de um cômodo oculto, talvez com um 1,20 metro de altura e 2 metros de comprimento. Uma camada de cobertores suavizou sua aterrissagem. O espaço estava iluminado pelo brilho pálido e vermelho de uma lâmpada alquímica minúscula em cima de uma pequena pilha de barris de vinho. O painel secreto se fechou atrás dele.

Perplexo, Locke olhou ao redor, absorvendo as poucas características interessantes do lugar.

– Sanzas de merda – murmurou.

– Acho que não – disse Sabeta um instante depois, quando o painel se abriu de novo.

Ela fechou-o o mais rapidamente possível e se jogou nos cobertores com um suspiro aliviado.

– Ah, deuses – reagiu Locke –, isso tudo foi sua...

– Os gêmeos me contaram sobre este lugar. Parece que, antigamente, a Sra. Gloriano fazia contrabandos. Calo abriu a porta por acaso uma noite, quando tropeçou e bateu na parede.

- O que vamos fazer com relação àquele barão desgraçado?
- Nada. Ele não existe.
- Meu pescoço discorda.

Sabeta o agarrou pela túnica e não havia nada de brincalhão ou hesitante no modo como grudou os lábios no seu pescoço.

– Seu pescoço é da minha conta – sussurrou ela. – E não existe nada fora deste cômodo. Nem agora nem enquanto estivermos aqui.

– Sua ausência vai ser óbvia para o Bouldazi como se alguém roubasse o calção dele.

– Normalmente é o que aconteceria. Foi por isso que me certifiquei de lhe entregar a última bebida enquanto brindávamos.

– Você não fez isso!

– Fiz. – O sorrisinho dela pareceu extremamente atraente para Locke. – Uma coisinha fraca, para embotar os pensamentos. Logo, logo ele não vai querer nada além de ir para a cama e, pela primeira vez, aquele asno miserável e eu queremos a mesma coisa.

– Mas e se ele...

– Eu já disse que ele não existe. – Sabeta segurou a cabeça de Locke e enfiou os dedos entre os cabelos. – Estou cansada de todo mundo tendo o que quer, menos nós. Indo e vindo à vontade, dormindo com quem quer, enquanto você e eu vivemos de uma interrupção à outra.

Ela lhe deu um beijo bem suave nos lábios, depois um mais longo, e quando começou com o terceiro, Locke corria um sério risco de esquecer o próprio nome.

– Então você enfim optou por se render ao meu charme, hein? – conseguiu sussurrar.

– Não. – Sabeta lhe deu um soco no peito, brincalhão mas firme. – Não estou aqui porque você me seduziu, seu idiota. Você estava certo, naquela noite no telhado. Nós queremos o que queremos. Não precisamos justificar. E, quando podemos, devemos fazer o que queremos. Eu quero você. E estou *fazendo isso*.

O beijo seguinte indicou que ela queria parar com a conversa por algum tempo.

10

O SALÃO DA ESTALAGEM GLORIANO oscilava ao redor de Gennaro Bouldazi como se estivesse equilibrado em cima de uma bola gigantesca, e as luzes e cores haviam começado a se misturar como aquarelas pintadas na chuva. A pressão no crânio indicava que ele tinha passado em muito o horizonte da indulgência inteligente, mas como isso seria possível? A bebida vagabunda da Gloriano o havia dominado sem que ele percebesse. Esse pensamento lhe deu mais uma vaga diversão do que um alerta. Muito pouca coisa o alarmava.

Verena, bom, ela estava no mínimo lhe causando consternação. A vaca insinuante! Sem dúvida a garota o *queria*, mas, se não fosse o fato de ela ser tão jovem, juraria que estava deliberadamente guiando-o para a frustração. Verena precisava ser arisca, é óbvio. Ainda era virgem. Bom, ele poderia consertar isso. *Deuses*, como poderia consertar isso!

A simples ideia fez imagens de seu desejo nadarem em sua mente, misturando-se com a cena já confusa ao redor. No máximo 17 anos, corpo rígido e firme como de uma dançarina, com o sangue de uma família camorri que remontava até o antigo império. Ele poderia moldá-la em todos os sentidos. Com os pais na sepultura, ele era seu próprio casamenteiro, seu próprio juiz e conselheiro. Se não pudesse ou não quisesse tomar um prêmio tão doce quanto Verena, deveria cortar os próprios bagos e deixar a casa da família Bouldazi cair! Ela não podia subir no palco em Camorr? Que Camorr se danasse. Em Espara, poderia fazer o que quisesse, pelo menos até começar a ter filhos.

– Milorde. – Era um dos seus homens, Brego, com cara de machadinha, sussurrando em seu ouvido, respeitoso ou

amedrontado demais para tocá-lo. – Posso chamar uma carruagem para o senhor?

– Estou bem – murmurou o barão, perscrutando o salão, tonto. – Os deuses me amam, porra. Preva me ama! Olhe só o que ela mandou para mim.

Boulidazi se concentrou, lutando contra a névoa quente que se adensava aos poucos entre seus sentidos e o mundo ao redor. Atores bêbados por toda parte – *sua* companhia. E ali estava a costureira boquirrota, a de pele noturna, que tinha os papéis e as respostas para tudo. Ah, mas ela era gostosa, apesar dos ares a que se dava, não era virgem e certamente não era uma menina. Cabelo como seda preta encaracolada e seios como bolsas pesadas sob aquele corpete frágil. Deuses, sim, ela saberia o que fazer assim que tivesse as pernas abertas. Um homem poderia afundar direto e sentir-se em casa.

O pensamento o excitou, uma pressão súbita e intensa. O barão cambaleou e precisou empurrar um bêbado ao acaso para se firmar. O pobre coitado despencou no chão, descartado pela mente de Boulidazi antes mesmo de se estabacar.

A costureira! Ele precisava se aliviar um pouco, drenar a ânsia apenas o bastante para restaurar o autocontrole por uns dois dias. Jenora cairia bem... provavelmente iria se sentir lisonjeada. Boulidazi olhou-a com atenção, notou seus sussurros furtivos com o gorducho camorri, Jovanno. Por algum motivo ela havia levado o garoto para a cama. Teria alguma ideia de quem eram de fato Lucaza e Verena? Estaria tentando, do seu modo patético, abrir caminho para melhores circunstâncias trepando com o homem do Lucaza? Ora, isso era bastante divertido.

Jenora saiu do salão da estalagem um instante depois, tendo obviamente comunicado ao garoto as intenções para a noite. Mas Jovanno estava jogando dados com Alondo e aqueles gêmeos. Portanto, ficaria ocupado ao menos por alguns minutos. O educado

Jovanno, o sociável Jovanno... o garoto faria companhia a eles até o fim da partida. Bom, aquela noite lhe custaria o primeiro lugar na fila para uma boceta.

Verena jamais precisaria saber. Jenora, como todos os seus colegas, tinha a bolsa vazia e uma profunda consciência disso. Era a coisa mais fácil do mundo manter em silêncio uma mulher sem um tostão.

– Preciso de alguma privacidade. Só uns minutos – murmurou Bouldazi para Brego.

Então, juntando as migalhas de sua concentração, pôs um pé inseguro na frente do outro e foi na direção da escada por onde Jenora havia subido.

11

CADA BEIJO ERA MAIS LONGO e feroz do que o anterior.

As mãos de Locke tremiam com a quente ansiedade da impaciência e da inexperiência. Havia coisas demais a serem deduzidas muito rapidamente entre as respirações curtas e desesperadas. Uma coisa era rolar com uma garota nos sonhos, quando a mente pode descartar as inconveniências da realidade física; outra eram as garotas de verdade, que tinham peso, massa e demandas que as oníricas não têm. A primeira paixão é uma dança complicada.

Estranhamente, o fato de que Sabeta parecia ter uma impaciência igual contribuiu. Ela o manteve a distância por um momento enquanto quase arrancava a fita do cabelo, derramando-o nos ombros. Estava ruborizada, suada, tão desajeitadamente excitada quanto ele, e tinha posto de lado a graça imponente que em geral fazia Locke sentir-se tão pequeno e cambaleante junto dela. *Nenhum* dos dois podia ser gracioso num lugar tão apertado e Locke achou isso um tremendo alívio.

O calor aumentava no espaço minúsculo enquanto eles embolavam os braços e as pernas, e o choque de estar com ela deu lugar, enfim, à explosão do desejo reprimido. As línguas se encontraram, a princípio hesitantes, e os dois compartilharam um riso nervoso, abafado. Depois, exploraram juntos a nova sensação, com mais e mais ousadia. As mãos também pareciam se desamarrar da inibição e viajavam livremente.

A ordem e o planejamento foram esquecidos. Locke se pegou fazendo coisas sem perceber ao menos que as começara. As roupas foram descartadas com uma velocidade imprudente, como se arrancadas por fantasmas. Era quase como estar numa luta: a mesma empolgação intrépida, o mesmo sentimento do tempo desconjuntado em clarões brilhantes, quentes, que consumiam tudo. Suas mãos nos seios dela... os lábios dela contra os músculos retesados de sua barriga... a luta final para se posicionar para algo que nenhum dos dois entendia.

Em direção a esse *algo* os dois lutaram, e luta era uma boa descrição. Por mais passionais que estivessem, por mais que fosse profundo e puro o prazer da conexão, havia algo hesitante e incompleto no amor que faziam. Eram como duas peças de um mecanismo ainda sem acabamento e polimento, assim não se encaixavam adequadamente. Por fim, os dois se separaram, exaustos porém não contentes. Era óbvio, para Locke, que Sabeta se esforçava para esconder o desapontamento, ou o desconforto, ou até mesmo ambos.

É isso? O pensamento veio sem amarras do canto da mente dele que era responsável pelo pessimismo inútil. Era só isso? *Esse* era o ato que fazia o mundo inteiro girar, que deixava homens e mulheres loucos, que assombrava seus sonhos, que transformava os Sanzas em cães?

– Olhe – murmurou ele ao recuperar o fôlego, e se apoiou nos cotovelos. – Eu, ah... Desculpe...

Sabeta o empurrou de volta para baixo e o segurou com força, os seios em suas costas. Ela abriu as mãos possessivamente sobre seu peito e beijou seu pescoço, um ato que o desconectou no mesmo instante de qualquer força de vontade que conseguira invocar.

– Por que está se desculpando? – sussurrou ela. – Você acha que é isso? Acha que nunca vamos tentar de novo?

– Bom, eu só pensei que você iria...

– O quê, banir você como uma moda passageira? – O beijo dela se tornou uma mordida brincalhona e Locke deu um gritinho. – Que Preva me ajude, eu gosto de um idiota.

– Nós... Eu machuquei você?

– Eu não diria exatamente "machucou". – Ela o abraçou com mais força por um instante, tranquilizando-o. – Foi... estranho. Mas não foi *ruim*.

Houve uma pancada abafada num quarto ali perto, seguido por algum tipo de explosão passional que se esvaiu rapidamente.

– Esse som poderia ter sido feito por nós, após um breve descanso – disse ela. – Acredite, tenho toda a intenção de treinar até acertamos essa coisa.

Ficaram deitados um tempo, murmurando doces bobagens, deixando os minutos se desenrolarem num langor prazeroso. As mãos de Sabeta tinham começado a viajar de novo, testando o ardor que retornava em Locke, quando a porta do quarto secreto se abriu apenas alguns centímetros. Alguém se moveu contra a luz fraca do corredor e o coração de Locke martelou.

– Vistam-se – sussurrou Calo.

– Que porcaria é essa? – retrucou Sabeta. – Isso não é engraçado!

– Não é mesmo. É ruim.

– O que pode ter...?

– Não faça perguntas. Se confiam em mim e querem viver, ponham as malditas roupas. Precisamos de vocês dois neste

instante.

O alívio de Locke por não ver Bouldazi do lado de fora do pequeno aposento foi logo esmagado pela seriedade fria da voz de Calo. Um Sanza sério era um presságio infernal. Locke encontrou as roupas o mais depressa possível e, mesmo assim, Sabeta chegou mais rápido ao corredor.

12

NÃO HAVIA MAIS NINGUÉM NO corredor quando eles saíram, apesar de os sons da farra continuarem no mesmo nível, vindos do salão. Calo, visivelmente tenso, levou-os pela curta distância até a porta do quarto de Jenora. O pavor de Locke cresceu quando Calo bateu baixinho num padrão três-dois-um.

Foi Galdo que atendeu, deu passagem para que eles pudessem entrar e fechou a porta. A cena no quarto fez com que os joelhos de Locke parecessem ter se dissolvido e ele se pegou agarrando-se a Sabeta para ficar de pé.

Jenora estava encolhida num canto ao lado de uma cama virada, os olhos arregalados e tremendo, a túnica rasgada no pescoço. Jean se encontrava agachado ao lado dela, com as mãos em seus ombros.

Gennaro Bouldazi estava embolado contra a parede oposta, a figura imponente estranhamente murcha, o rosto pálido. Uma tesoura de costura, com o cabo áspero e manchado pelas longas horas de trabalho de Jenora, estava cravada fundo numa mancha vermelha que se espalhava no lado direito do peito do barão.

Enquanto Locke olhava horrorizado, Bouldazi gemeu baixinho, mexeu as pernas e tossiu mais sangue na túnica. Por mais que o barão parecesse embotado e impotente, por mais que seu ferimento devesse ser mortal, ele ainda permanecia muito vivo.

CAPÍTULO NOVE

O Jogo dos Cinco Anos: Dúvida razoável

1

- LOCKE É O HOMEM QUE vai preparar meu jantar – disse Sabeta.
 - Certamente vocês dois viram mais longe do que isso – retrucou Paciência.
 - Não é da sua conta. – Sabeta se soltou dos braços de Locke, perigosamente tensa, tendo banido o ar de respeito cauteloso. – Locke pode prestar contas a você, mas eu, não. É melhor pensar em como meus contratantes podem reagir se você usar sua magia para me impedir de arrastá-la para fora desta casa.
 - Tome cuidado quando lançar regras para uma fazedora de regras, minha cara. Provoque-me fora dos limites do Jogo dos Cinco Anos e eu estarei livre para reagir como quiser. E vocês estão *bastante* fora dos limites do jogo esta noite, não é? Porque, se não estão, estarão perigosamente perto da única coisa que os dois concordaram...
 - Enfie seu *conluio* em algum lugar escuro e doloroso – interrompeu Locke, pondo as mãos nos ombros de Sabeta. – Você sabe que não estávamos falando de negócios quando você apareceu. Só uma xereta poderia ter um sentido de tempo

dramático tão impecável. Por que, diabos, você está aqui?

– É uma questão de consciência.

– Sério? Sua? Você vive aludindo à existência dessa coisa. De algum modo não estou convencido.

– Essa interrupção é totalmente culpa sua! – A Arquidama apontou um dedo na direção de Locke. – Eu lhe dei o aviso mais claro e justo possível! Disse para colocar de lado suas questões pessoais. Para trabalhar, e não namorar. E o que você fez?

– O que nós *dois* fizemos? – perguntou Sabeta.

Ela cruzou os braços, mas Locke ainda podia sentir a tensão borbulhando, tão familiar para ele quanto a voz ou o perfume dela. Segurou os ombros de Sabeta com mais força, duvidando que ela tivesse uma experiência igual à sua, com magos que atacavam fisicamente. Sabeta não relaxou, mas deu um aperto breve e tranquilizador em sua mão.

– Esclareça-nos, Arquidama. E quero mesmo dizer *nós*.

– Essa busca imprudente do seu antigo romance – falou Paciência. – Deixem-na de lado. Voltem às tarefas estabelecidas. Não me faça levar adiante essa obrigação, Sabeta. Agora Locke é responsabilidade minha e há coisas nele que você não entende. Coisas que você não *precisa* entender se parar por aqui.

– Parar o quê? Minha *vida*?

– Vejo que estou desperdiçando o fôlego. Lembre que eu fiz a oferta, se é que isso vale alguma coisa. – Paciência fez um gesto casual e a porta da sacada se fechou atrás dela. – Veja bem, Locke é único. Mas não estou meramente falando do egoísmo. Se quer continuar com ele, tem o direito de saber de sua verdadeira natureza.

– Ele não é estranho para mim – replicou Sabeta.

– Ele é estranho para todo mundo. – Paciência fixou seus olhos perturbadoramente escuros em Locke. – Em especial para ele próprio.

– Chega de besteira cifrada – rosnou Locke. – Vá ao cerne do que...

– Há 23 anos – interrompeu Paciência com rispidez –, o Sussurro Negro caiu sobre Camorr. Centenas de pessoas morreram, mas a quarentena e os canais salvaram a cidade. Assim que a peste se foi, você saiu andando do antigo Pegafogo, sem ser reconhecido por ninguém. Sua casa era desconhecida, sua idade era desconhecida, seus pais e amigos eram desconhecidos.

– É, eu me lembro muito bem disso – retrucou Locke.

– Aceite isso como prova. Reflita sobre isso.

– Aqui vai uma coisa em que refletir, sua...

– Eu *sei* por que você não tem lembranças verdadeiras do tempo anterior à peste. – De novo Paciência aparou suas palavras com o tom peremptório. – Sei por que você não se lembra do seu pai. Na verdade, sei por que você inventou histórias sobre como escolheu o nome Lamora. Você diz a algumas pessoas que o pegou de um vendedor de salsichas. Diz a outros que foi de um velho marinheiro gentil.

– Você... você me disse que foi de um marinheiro – falou Sabeta.

– Olhe – começou Locke, com um arrepio sinuoso se esgueirando para cima e para baixo pela coluna –, olhe, eu explico. Só... Paciência, como, diabos, você *pode* saber disso?

– Nenhuma instância do sobrenome Lamora jamais foi registrada num censo em Camorr. Nem em qualquer século desde o colapso imperial. Você vai descobrir que esse é um bom motivo para verificar. Você trouxe o nome consigo quando saiu do Pegafogo, formado em sua mente, mesmo jamais sabendo de onde ele vinha. Eu sei.

Paciência foi na direção deles com um deslizar espantosamente suave, facilitado por seu manto elegante.

– Sei que você tem uma única lembrança imutável e verdadeira reluzindo fraca na escuridão de antes da peste no Pegafogo. Uma

lembrança da sua mãe. Uma lembrança do que ela fazia.

– Era costureira – murmurou Locke.

– É. – Paciência fez um gesto para si mesma. – Afinal de contas, eu lhe disse qual é o meu nome cinzento. O que eu escolhi, muito antes de ser elevada a Arquidama...

– *Costureira* – interrompeu Locke. – Ah, não. Ah, *porra, não. Porra, não!* Você não pode estar falando sério!

2

ELA COMPLETOU SEU PAVOROSO SENTIMENTO de choque com uma gargalhada.

– Sério como aço frio – respondeu Paciência com um sorriso levemente felino. – Mas você deu um salto divertido para a conclusão errada. Garanto que o Falcoeiro é meu único filho.

– *Deuses* – disse Locke, ofegando, aliviado. – Então aonde, diabos, você quer chegar?

– Eu falei que sua memória é imutável e verdadeira. Mas não tem nada a ver com a profissão da sua mãe. Na verdade não tem nada a ver com sua mãe. É de *mim* que você lembra.

– E como isso é possível?

– Houve um dia um mago extraordinariamente dotado na minha ordem, o mais jovem Arquidom em séculos. Ganhou o quinto anel quando tinha metade da idade que tenho agora e assumiu o cargo de Prudência. Ele era meu mentor, meu amigo verdadeiro. Além disso, foi abençoado no amor. Sua esposa era kartani, uma mulher lindíssima, com um tipo de beleza muito rara entre o povo terim. Os dois estavam encantados um pelo outro. Ela morreu... jovem demais.

Paciência fez uma pausa e continuou, hesitante, como se lhe doesse pronunciar cada palavra:

– Foi um acidente. Uma queda de uma sacada. Eu lhe disse que

nossas artes têm capacidade ilimitada de causar danos e quase nenhum poder para desfazê-los. Podemos transmutar; podemos limpar. Seu envenenamento foi uma condição externa que pudemos separar do seu corpo. Mas contra ossos despedaçados e sangue derramado somos impotentes. Somos *comuns*. Comuns como *você*.

Ela encarou Locke com algo que parecia raiva de verdade.

– Sim – falou ela, mais lentamente. – Comuns como você é *agora*. A tragédia provocou uma mudança terrível no meu amigo. Ele cometeu um erro de avaliação fatal. Ficou obcecado por trazer a esposa *de volta*. A dura experiência nos diz que não podemos dominar a morte. Mesmo assim, ele caiu na armadilha do sofrimento e do egoísmo. Convenceu-se de que esse domínio era apenas uma questão de vontade e conhecimento. Vontade que ninguém jamais tivera. Conhecimento que ninguém jamais revelara. Começou a experimentar com a tolice mais proibida de todas as nossas artes: a interferência com o espírito depois da morte. A transição do espírito para carne nova. Sabe que horror ele teria conjurado se fosse bem-sucedido?

– Os deuses jamais permitiriam algo assim – sussurrou Locke, sem estar certo de que acreditava, mas sabendo que queria acreditar. A imagem dos olhos mortos de Pulga, gravados com pecados, relampejou em sua memória.

– Pela primeira vez concordo com você – comentou Paciência secamente. – Mas os deuses são cruéis. Eles não proíbem essa ambição, mas a castigam. A vida tenta se afastar da necromancia, como a inflamação da carne tenta se afastar de uma picada venenosa. Mexer com ela produz males, doenças. Não há como escondê-la. Ele acabou sendo descoberto, mas o confronto foi mal administrado. Meu amigo conseguiu escapar.

Paciência empurrou o capuz para trás. Sabeta parecia enraizada no lugar tanto quanto Locke, fascinada com a história, praticamente sem respirar.

– Antes de sua elevação a Arquidom, ele havia usado um nome cinzento, do Trono Terim. Chamava-se de Pel Acanthus, “Amaranto-Branco”. A flor lendária que nunca morre. Era natural que, depois da loucura e da traição, nós o chamássemos...

– Não – sussurrou Locke.

A força abandonou suas pernas. Sabeta não foi suficientemente ágil para pegá-lo antes que seus joelhos batessem no chão.

– ... de Lamor Acanthus. “Amaranto-Negro”. Vejo que o nome significa alguma coisa para você.

– Você não poderia conhecer esse nome – retrucou Locke, ofegante, com a voz que mal passava de um grasnar. Até mesmo para seus ouvidos, a negação parecia patética e infantil. – Não pode.

– Posso – rebateu Paciência, e sem gentileza. – Pel Acanthus era meu amigo, Lamor Acanthus era minha vergonha. Esses nomes significam muito para mim. Significam mais ainda para você, porque eles são quem você é.

– O que você está *fazendo* com ele? – perguntou Sabeta.

Locke se agarrou a ela, trêmulo. Seu peito parecia espremido por tiras de ferro.

– Encerrando os mistérios – respondeu Paciência, suavizando a voz. – Fornecendo as respostas. Esse homem já foi Lamor Acanthus de Kartane, já foi o Arquidom Prudência, da minha ordem. Já foi um mago mais poderoso do que eu.

Ela levantou o braço esquerdo e deixou a manga do manto cair, revelando seus cinco anéis tatuados.

– *Eu não sou um maldito mago* – disse Locke com a voz rouca.

– Não é mais – retrucou Paciência.

– Você está inventando essa merda! – falou Locke, enfatizando cada palavra, forçando-as a se tornar uma espécie de talismã emocional. – Então você conhece um... nome. Admito que estou atônito. Mas eu tenho... Não sei quantos anos eu tenho, mas não posso ter 30 ainda. *Trinta!* Este homem de quem você está falando

seria mais velho do que você!

– Originalmente. E de certa forma você ainda é.

– Que diabo isso significa?

– Há 23 anos, um órfão sem passado apareceu depois de uma peste mortal. Eu não acabei de dizer o que acontece quando nossa arte mais proibida é praticada? Um golpe mortal contra a própria vida. Doença. O Sussurro Negro que veio de lugar nenhum. Lamor Acanthus estava em Camorr, escondido nos barracos do Pegafogo. Foi lá que você continuou com seus estudos, usando os pobres e esquecidos como material de trabalho.

– Ah, bobagem...

– Nós *sabemos*. Houve um evento de feitiçaria em Camorr antes da erupção da peste. Vários membros da minha ordem estavam perto o bastante para sentir. Ao término do período de quarentena, nosso pessoal foi para lá em força máxima. Reviramos o Pegafogo, casa por casa, até encontrarmos a resposta. Aparatos mágicos. Os papéis e os diários de Lamor Acanthus, assim como seu corpo, claramente identificável pelos anéis tatuados. Assim, achamos que a questão estava encerrada, de forma horrível, mas, em última instância, era melhor assim. Anos se passaram. Então, veio o negócio desagradável envolvendo o meu filho. Isso chamou a nossa atenção para você. Jean e você foram cuidadosamente examinados. Em particular Jean, já que o fato de possuímos o nome vermelho dele tornava as coisas muito mais fáceis. Imagine a intensidade da nossa surpresa quando ele contou que seu amigo mais íntimo, um órfão camorri, havia confessado que seu nome secreto era Lamor Acanthus.

– Você... contou seu nome verdadeiro ao Jean? – perguntou Sabeta.

Locke insistiu desesperadamente para si mesmo que a dor por baixo da surpresa dela era apenas obra de sua imaginação.

– Eu, ah, bem... merda. – Sua vontade, esmagada até virar uma

pasta, não parecia capaz de fazer o esforço heroico para se erguer. – Eu sempre quis lhe contar. Só...

– Ele contou a Jean *um* nome verdadeiro – interrompeu Paciência. – Mas ainda há outro, não é? Você tem nomes cinzentos por baixo de nomes cinzentos, Locke. Lamor Acanthus não me dá a chave para você, tanto quanto Locke Lamora, Leocanto Kosta ou Sebastian Lazari não me dão. Por baixo de tudo isso há outro nome, o que meu mentor jamais compartilharia com outro mago. Por isso não sei qual é ele... talvez nem você lembre. Mas você e eu sabemos que ele está *aí*.

– Não sou o que você diz que eu sou. – Locke se afrouxou nos braços de Sabetá, atarantado. – Eu nasci em Camorr.

– Seu corpo nasceu. Não vê? Lamor Acanthus teve sucesso, de certa forma. Por isso a erupção da peste foi tão súbita, tão virulenta. Você arrancou o próprio espírito do corpo antigo. Roubou um novo. Uma segunda juventude, uma nova fartura de anos para passar aperfeiçoando seus poderes. Mas não foi assim que a coisa funcionou... Suas memórias foram fragmentadas, sua personalidade foi queimada. Você se trancou num corpo que não tinha o dom que você usou para colocar-se nele. Demorou mais de vinte anos para que víssemos ambas as peças do quebra-cabeça, mas você não pode negar que elas se encaixam perfeitamente.

– Posso – replicou Locke. – Claro que posso negar!

– Por que você acha que eu fiz confidências a você? – Paciência suspirou com a exasperação comedida de uma professora ensinando a um aluno particularmente lento. – Conte o que tenho de magia, mostrei o que sei sobre os magos. Você achou que eu só estava *jogando conversa fora*? Acreditou mesmo que você era tão especial? Eu preciso de você agindo como meu exemplar no Jogo dos Cinco Anos. Mas também usei isso para justificar sua vinda para cá, para nos dar mais tempo para estudá-lo. Para me dar tempo de fazer esta abordagem.

– Essa é alguma porra de jogo cruel da sua parte.

– Você ainda é um de nós, de certa forma. Você tem obrigações para conosco, e nós para com você. Uma dessas obrigações é a verdade. Se vocês dois não tivessem reacendido seu caso particular, eu poderia ter adiado isto. Como a situação é esta, os dois têm o direito de saber e eu tinha a responsabilidade de contar. – Paciência tocou gentilmente um dos braços de Sabeta. – Veja bem, eu sei o motivo para ele ter sonhado com mulheres ruivas durante toda...

– Pare! – Sabeta se soltou de Paciência, levantou-se e recuou para longe de Locke também. – Não quero ouvir! Não quero mais ouvir!

– Não me diga que você acredita nela! – exclamou Locke.

– Coincidências se empilham em coincidências até que a prova se torna forte demais para ser ignorada – insistiu Paciência.

– Enfie isso no rabo – rosnou Sabeta. – Eu não... não sei que diabo pensar sobre isso, Locke, só...

– Você *acredita*. – O choque se transformou instantaneamente numa raiva quente. Confuso, atordoado, Locke estava pronto para golpear qualquer alvo que encontrasse. Antes que soubesse o que fazia, escolheu o errado: – Todas as coisas que nós fizemos, todo o tempo que passamos reconstruindo isso... e você acredita nela!

– Você disse que pegou esse nome de um marinheiro – disse ela, insegura. – Você acreditava nisso? Você... acredita agora? Como você pode ter certeza de que não estava apenas preenchendo algum buraco ou fazendo com que ele fosse preenchido por outra pessoa...

– Como você pode pensar nisso? – A raiva chamejou, ainda mais intensa, quente e afiada, como uma faca recém-tirada das chamas.

– Você *me* abandonou! Me manipulou, você me *drogou*, porra, e ainda assim eu voltei. Mas basta uma história dessa porra de *bruxa* kartani e você me olha como se eu tivesse caído da porcaria do céu! Espere, não, *merda*...

O remorso e a sensatez voltaram, tarde como sempre, como

convidados de uma festa chegando logo depois que o desastre social da temporada já havia irrompido. O rosto de Sabeta se obscureceu e ela abriu a boca várias vezes, mas no fim não falou nada. Virou-se com toda a graça medonha e decisiva própria da raiva feminina, abriu a porta da sacada com violência e desapareceu na casa escura.

Locke ficou olhando, perplexo, ouvindo as pancadas da pulsação nas têmporas. Um instante depois, saltou de pé, agarrou o balde de prata com o vinho gelado e jogou-o com um rosnado contra a mesa de carvalho. Ingredientes voaram, vidro se despedaçou, e gelo e vinho espirraram no braseiro, onde levantaram uma nuvem suave de vapor sibilante.

– Obrigado pela porra da sua apresentação imparcial, Paciência.

– Locke chutou um caco de vidro e olhou-o cair pela borda da sacada. – Obrigado pelos gentis esforços a meu favor, sua, sua...

– Minha responsabilidade era lhe dizer a verdade, e não enrolá-lo em ataduras. – Ela ergueu o capuz outra vez, escondendo parte do rosto em sombras. – Nem protegê-lo de seu temperamento mal direcionado. Ouça alguém que foi cortejada para um casamento feliz, mestre Lamora. Seu estilo de fazer a corte não poderia ser mais perfeitamente projetado para lhe render uma vida solitária.

– Vá pular numa fogueira – vociferou Locke, de súbito lamentando ter quebrado a única garrafa de bebida que ele pensara em trazer para a sacada.

– Mais tarde vamos falar sobre isso. E, assim que a eleição terminar, vamos discutir os arranjos futuros.

– Não acredito em absolutamente nada que você disse – sussurrou Locke, sabendo como havia pouca convicção em sua voz.

– Você se recusou a acreditar que eu preservei sua vida em Tal Verrar por motivos de consciência. Agora eu lhe dou o motivo egoísta que você insistiu em conhecer antes, e você se recusa a acreditar também. Você é mesmo tão arrogante a ponto de a lógica ser opcional como um acessório de moda? Você pode optar por

acreditar que nós confiaríamos a um homem normal até mesmo os fragmentos da verdade secreta que eu lhe mostrei. Ou pode abrir os olhos. Aceitar que lhe demos uma chance de resolver os mistérios do seu passado. Talvez até uma chance de se redimir de um crime terrível. Um crime cujo corpo roubado da primeira vítima você usará como uma máscara até o dia da sua morte.

Locke não disse nada, contemplando a bagunça que fizera com os ingredientes do festim que planejara preparar menos de quinze minutos antes.

– Fique de mau humor o quanto quiser – continuou Paciência. – Fique carrancudo a noite toda. Você tem um talento incrível para isso, não é? Mas, de manhã, esperamos que esteja mais sóbrio, concentrado, trabalhando furiosamente por nós. Meus jovens colegas mais entusiasmados imaginam que as ameaças pitorescas que fizeram a você escaparam ao meu conhecimento. Mas agora suspeito de que você entende como valorizo pouco Jean Tannen por ele próprio, e como... minha proteção a ele pode ser arbitrária. A segurança constante de Jean depende totalmente da sua disciplina e da sua inspiração.

Paciência se virou e caminhou devagar para dentro da casa.

– Que os deuses salvem Jean Tannen! – gritou ela por cima do ombro.

Deixou Locke parado sozinho na sacada e não se incomodou em fechar a porta depois de sair.

I N T E R S E Ç Ã O (I I I)

Fagulha

O VELHO RETIROU SILENCIOSAMENTE O feitiço de observação que

tecera ao redor da Arquidama Paciência, o trabalho mais complexo de sua vida, e soltou um grande suspiro de alívio. O esforço de espionar e de revelar os resultados dessa espionagem em pensamento para o seu contato do outro lado da cidade o havia testado ao máximo.

Isso não pode ser verdade! Ele podia sentir a fúria por trás dos pensamentos que agora o martelavam, vindos desse contato. A Arquidama Presciência era poderosa e sua raiva chegava como a pressão de uma dor de cabeça crescente. *Eu não ouvi NADA disso! Os outros três ficaram LOUCOS?*

Por favor, calma, Arquidama. Tive uma noite difícil. Eles não estão loucos... mas foram longe demais. Agora a senhora vê por que precisei lhe contar.

Como isso foi escondido de mim?

Paciência reivindicou o direito de examinar os dois camorris depois da mutilação do Falcoeiro. Eu jamais saberia o que ela havia descoberto se não estivesse lá, pessoalmente, durante interrogatório de Jean Tannen. Nós o pegamos em Tal Verrar, meses antes que os amigos do Falcoeiro tivessem permissão de brincar com eles. Só Paciência, Temperança e eu sabemos o que Tannen nos contou. Assim o segredo foi guardado.

Lamor Acanthus de volta! Tudo é tão gigantesco, eu nem posso começar a pensar a respeito. Essa questão tem a ver com todos nós! Vou escancará-la na Câmara do Céu!

NÃO! O velho sentiu gotas de suor escorrendo pelas bochechas e pela testa. A intensidade da comunicação dos dois ia muito além do leve toque da fala mental. **Paciência e Temperança têm apoio demais na câmara. Prudência vai ficar do lado deles em qualquer discussão. Você sabe tanto quanto eu que, sem o Falcoeiro, você fica com poucos Oradores para comandar. Seus seguidores são dedicados, mas estão em número muito**

pequeno para abordar esse assunto sem preparação.

Se Lamor Acanthus transferiu seu espírito para outro corpo, mesmo um corpo sem o dom, ele alcançou algo que nenhum outro mago na história conseguiu fazer.

Com desgraça e desastre!

É. Mais motivo ainda para o examinarmos coletivamente, pesquisar seus processos à exaustão. A mente e o poder de um homem não bastaram para superar as dificuldades. Mas o que as mentes e os poderes de cem magos poderiam fazer? Ou de todos nós, todos os quatrocentos? É assim que isso DEVE ser abordado!

Concordo com você. Eu devo demais a Paciência; você acha que eu me voltaria contra ela em troca de algo menos do que uma questão realmente existencial? Por favor, ouça-me, Arquidama. Se você levar isso à Câmara do Céu sem preparativos, a situação não correrá bem. Você deve atacar com base em uma posição de força verdadeira. E, para isso... ousou dizer que devemos tomar medidas sem precedentes.

Sem dúvida você não pode estar sugerindo...

Jamais. Nenhum sangue deve ser derramado, pelo menos sem provocação. Mas você deve exercer a força. Deve... assumir o controle de Paciência e de alguns apoiadores dela por algum tempo. Eles são importantes para que a balança do poder penda a favor deles. Se você demonstrar que não é bem assim, pode introduzir a questão num ambiente genuinamente receptivo. Só isso pode garantir a discussão franca que essa situação exige.

O que você sugere ainda pode ser considerado um golpe.

Apenas um pequeno golpe. O velho abriu um sorriso torto e passou essa sensação através dos pensamentos. **E só por pouco tempo. Nosso próprio futuro está em jogo. Se deixarmos o Jogo dos Cinco Anos continuar, se deixarmos Paciência e seus apoiadores ficarem distraídos... com minha orientação,**

você poderá agir instantaneamente, decisivamente. Na mesma noite em que o jogo terminar. Se pusermos os outros Arquimagos sob custódia, demonstraremos poder. Se depois os liberarmos incólumes, demonstraremos boas intenções. Então, e só então, acredito que as circunstâncias serão adequadas para confrontarmos a bagunça feita por Paciência e os segredos que ela desenterrou.

Na noite da eleição, então.

É. Na noite da eleição.

Se você puder mesmo servir como nossos olhos, prometo que encontrará mãos capazes para fazer o serviço.

A Arquidama Presciência saíra de sua mente sem demonstrar sentimentos, como era de seu feitio. Aliviado, ele esfregou as mãos para acalmar o tremor.

Então estava feito. Era como devia ser, e pelo bem de toda a sua espécie, ele se lembrou. Tivera uma vida longa e confortável por causa de seus anéis. Sem dúvida, se alguém era capaz de suportar o esforço e o fardo do que viria, era ele.

O ar da sala silenciosa pareceu subitamente gelado em sua pele. Tutanofrio decidiu que precisava demais de uma bebida.

INTERLÚDIO

Um patrono inconveniente

1

— JOVANNO... — DISSE LOCKE. — Você...

– Fui eu – interveio Jenora, com a voz rouca. – Ele tentou... ele tentou...

– Ele tentou arrancar a porcaria da roupa dela – explicou Jean, envolvendo Jenora com os braços. – Ele estava no chão antes de eu entrar aqui.

– Eu não queria machucá-lo, mas... ele está bêbado – falou Jenora. – Ele pôs as mãos no meu pescoço. Começou a me esganar.

Locke se agachou cautelosamente perto de Boulidazi e tirou a lâmina do barão de dentro da bainha. Arfante, sangrando, o homem não fez qualquer esforço para impedi-lo. Locke tinha visto antes cortes sangrentos no pulmão, provocados em duelos na corte de Capa Barsavi: era a morte quase certa, mas não rápida. Boulidazi ainda podia ter força para lhes causar mal verdadeiro. Então por que não estava lutando? Seu olhar permanecia distante, as pupilas aumentadas demais. O sangue borbulhava em volta da arma improvisada que ainda se projetava de seu peito e isso parecia estar lhe causando perplexidade, e não um pânico mortal.

– Ele não está apenas bêbado – disse Locke. – Deve ser a coisa que você deu a ele.

– Merda – murmurou Sabeta, encostando-se na porta. – Isso é tudo minha culpa.

– Que diabo você está falando? – perguntou Jean.

– A bebida do Boulidazi – explicou Calo. – Nós pusemos uma coisa nela. Para mantê-lo longe de... Verena e Lucaza.

– Merda – repetiu Sabeta, e sua expressão era demais para Locke suportar.

– Olhem – disse ele –, metade dessa maldita companhia está bêbada há semanas. Os gêmeos estiveram fora de si tomando qualquer coisa que viesse numa garrafa ou num barril. Quando foi que eles tentaram estuprar alguém? – Locke apontou para Boulidazi. – Isso é culpa *dele*, porra, e de mais ninguém!

– Ele está certo – concordou Calo, pondo a mão no pulso de

Jenora. – Você fez uma coisa ao estilo de Camorr. Você fez a coisa *certa*.

– A coisa *certa*? – Jenora afastou Calo e segurou as mãos de Jean. – Eu me enforquei. Derramei sangue nobre.

– Ainda não é assassinato – replicou Galdo.

– Não importa se ele viver ou morrer. Eles vão me matar por causa disso. Vão matar o máximo de nós que puderem, eu com certeza.

– Foi claramente em legítima defesa – rosnou Jean. – Vamos arranjar uma dúzia de testemunhas. Vamos pegar toda a porcaria da companhia; vamos ensaiar a história perfeitamente...

– E eles vão matá-la – interrompeu Sabeta. – Ela está certa. Não importa se tivermos cem testemunhas, Jovanno. Ela é uma plebeia de pele noturna e nós somos atores estrangeiros, e agora somos todos cúmplices da extinção do último herdeiro de uma casa nobre esparana. Se formos apanhados, eles vão nos moer até virar pasta e nos semear nos campos.

– Como observou meu irmão – interveio Galdo –, ainda não temos um cadáver.

– Temos, sim – contrapôs Locke baixinho.

Suas mãos se moveram com uma firmeza decisiva que surpreendeu sua cabeça. Ele tirou a faixa suja da cintura do barão e o amordaçou com ela. O ferido lutou para respirar, mas continuou sem perceber o que lhe acontecia.

– Deuses, o que você está fazendo? – perguntou Jenora.

– O necessário – respondeu Locke, friamente empolgado, enquanto seus mais antigos reflexos, seus instintos camorris, empurravam de lado os sentimentos de clemência e piedade. – Se ele disser uma palavra disso a alguém, estamos condenados.

– Ah, deuses – sussurrou Jenora.

– Eu ficarei feliz em fazer isso – comentou Jean.

– Não – reagiu Locke.

Ele havia demandado a tarefa; Correntes esperaria que não passasse o fardo adiante. Suas mãos tremeram enquanto ele desafivelava o fino cinto de couro do barão e o enrolava nas mãos. Depois, a imagem de Jean, Sabeta e os Sanzas pendurados numa forca esparana relampejou em sua mente e suas mãos ficaram firmes como pedras de um templo. Passou a correia no pescoço de Boulidazi.

– Espere! – exclamou Sabeta.

Ela se ajoelhou na frente de Boulidazi, que agora devia parecer tragicamente ridículo, percebeu Locke, com a tesoura enterrada no peito, a própria faixa amordaçando-o e um adolescente magro apertando sua traqueia com um cinto.

– Você não pode espremer o pescoço dele.

– Fique observando – replicou Locke com os dentes trincados.

– Um homem pode ser esfaqueado por muitos motivos – insistiu Sabeta. – Mas se ele for furado e estrangulado, não vai parecer acidental.

Ela segurou a tesoura com movimentos ternos. Seus olhos eram implacáveis feito o oceano noturno.

– Só o segure para mim – sussurrou.

Locke desenrolou as mãos do cinto e agarrou Boulidazi pelos braços grossos. Sabeta deu um empurrão forte com a tesoura de Jenora, para cima e para dentro. Boulidazi gemeu e se sacudiu nos braços de Locke, mas sem força verdadeira. Mesmo no momento da morte, ele estava trancado fora da realidade.

Boulidazi ficou frouxo, as pernas se sacudindo cada vez mais debilmente até que, por fim, ele se imobilizou. Sabeta se acomodou de volta nos próprios joelhos, suspirou de forma irregular e estendeu a mão suja de sangue como se não soubesse como limpá-la. Locke soltou a faixa do barão e entregou-a a ela, depois colocou o peso morto de Boulidazi no chão. Se pudessem manobrá-lo com cuidado, Locke achava que manteriam a maior parte do sangue dentro do

corpo, ou pelo menos em cima dele.

Jenora encostou o rosto nos braços de Jean.

– Agora podemos fazer com que isso pareça qualquer coisa – afirmou Sabeta. – Discussão, crime passional, qualquer coisa. Vamos colocá-lo em algum lugar plausível e criar uma fábula. Só precisamos deduzir qual. E, ah, fazer isso nas próximas duas...

Alguém bateu à porta do quarto.

Locke lutou para manter o autocontrole; ao primeiro som, fora como se sua pele tentasse pular fora do corpo. Um olhar rápido ao redor mostrou que ninguém tinha um controle firme dos próprios nervos.

– Milorde Bouldazi? – A voz abafada pertencia a Brego, o guarda-costas e faz-tudo de Bouldazi. – Milorde, o senhor está aí? Está tudo bem?

Locke encarou a porta, da qual Sabeta havia se afastado para dar cabo de Bouldazi. Calo e Galdo estavam mais perto, mas até eles se encontravam a três ou quatro passos de distância. A porta não estava trancada; se Brego decidisse abri-la, até mesmo uma fresta, olharia diretamente para o cadáver de Bouldazi.

2

SABETA SE MOVEU COMO UMA seta atirada por um arco, e a primeira coisa que fez foi tirar a túnica.

O queixo de Locke ainda não havia terminado de cair quando Sabeta chegou à porta, sem fazer o mínimo barulho, leve como um fantasma.

– Ah, Brego – disse ela, ofegante. – Ah, só um momento!

Ela gesticulou em direção ao cadáver de Bouldazi. Calo e Galdo saltaram para ajudar Locke e, em segundos, conseguiram empurrar o corpo do barão para baixo da cama. Com um cobertor, Jean tapou parcialmente a lâmpada alquímica do quarto, diminuindo a luz. Um

instante depois, Calo, Galdo e Locke se espremeram contra a parede logo atrás de Sabeta, fora do arco visual da porta – desde que ela não ficasse toda escancarada.

Sabeta desgrenhou o cabelo com um movimento preciso da cabeça, então entreabriu a porta para lhe dar uma visão inesperadamente boa de uma jovem preocupada. Sua túnica estava comprimida contra o peito com uma das mãos, para cobrir um mínimo artístico dos seios.

– Ora, Brego – falou ela, imitando um ofegar perfeito –, seu sujeito zeloso!

– Ora, Sra. Verena, eu... Milorde, ele...

– Está ocupado, Brego. – Ela deu um risinho. – Está *muito* ocupado e vai ficar assim durante um bom tempo. Acho que você pode esperar lá embaixo. Ele está nas *melhores* mãos possíveis.

Sabeta não lhe deu tempo de dizer mais nada: com um acenozinho lascivo, fechou a porta e trancou-a.

Alguns segundos agonizantes se passaram, depois Locke ouviu os passos de Brego afastando-se pelo corredor. Sabeta vestiu a túnica, afundou o corpo contra a porta e deu um suspiro de alívio.

– Vamos todos ficar com a porra dos cabelos grisalhos antes que o sol nasça – comentou Galdo.

Ele e Calo estavam segurando adagas a postos, que, então, voltaram a esconder. O ar no quarto pareceu subitamente denso com os cheiros de sangue e suor nervoso.

– Agora podemos dar o fora daqui? – perguntou Jenora.

– Aonde você que ir? – indagou Jean.

– Para Camorr! – sussurrou ela. – Pelo amor dos deuses, sei que vocês podem fazer... alguma coisa! Sei que vocês não são só atores.

– Calma, Jenora. – Locke olhou para uma das botas de Boulidazi, que se projetava incongruente de debaixo da cama. – Você não é exatamente insignificante. Como as pessoas não notariam você se esgueirando horas antes de termos que encenar a peça? Como

poderíamos manter você escondida na estrada?

– Um navio, então.

– Se você fugir, vai abrir um buraco na história que vamos inventar para explicar o que aconteceu – retrucou Sabeta. – E você terá que deixar sua tia sofrer as consequências! Se não pudermos fazer com que a história seja bem contada e óbvia, o pessoal da condessa vai começar a pegar bodes expiatórios.

– Mesmo que a história seja bem contada e óbvia – reagiu Jenora –, estamos todos esmagados. Nós temos dívidas, lembra? Com o pessoal das fossas, os confeitores, os vendedores de cerveja, os alugadores de almofadas. Sem a peça, vamos ter uma dívida tão grande com todos eles que seria melhor nos entregarmos agora mesmo na Torre do Lamento.

– E quanto aos atos dos deuses? – perguntou Calo. – Certamente vocês não teriam dívidas se viesse um furacão. Ou se o Pérola Antiga desmoronasse.

– Claro que não. Mas, quaisquer que sejam os poderes que vocês tenham, duvido que cheguem tão longe.

– Não tão longe. Mas o palco é feito de madeira.

– Um incêndio! Ótimo! – exclamou Galdo. – Nós dois podemos cuidar disso. Entramos e saímos como sombras. Não vai demorar duas horas.

– As madeiras do palco são quimicamente petrificadas – replicou Jenora. – Não vão pegar fogo com facilidade. Vocês precisariam de uma dúzia de carroças de lenha; seria como fazer um maldito cerco.

– Então não podemos destruir o Pérola – murmurou Sabeta.

– E não podemos fugir – completou Jean. – Isso atrairia todo tipo de encrenca e não é provável que algum de nós chegasse em casa.

– E se ficarmos e não fizermos a peça, vamos ser presos por dívidas – acrescentou Locke. – No mínimo por dívidas.

– Logo, só há um caminho sensato – disse Sabeta.

– Ganhar asas? – perguntou Calo.

– Precisamos fingir que está tudo bem. – Sabeta contou os itens de sua lista imaginária usando os dedos enquanto falava: – Precisamos tirar o Brego da porcaria da estalagem, assim teremos espaço para agir. Precisamos encenar a peça...

– Você ficou louca! – exclamou Jenora.

– ... e, quando a tivermos encenado, revelaremos que Bouldazi morreu, em circunstâncias que não incriminem ninguém de quem gostamos.

– O que vamos fazer com o cadáver do filho da puta? – Galdo chutou a bota mais próxima, para dar ênfase. – Você sabe que vai feder se nós o guardarmos até amanhã à noite.

– E vai ficar feio como um cu – disse Calo. – Qualquer imbecil verá que os ferimentos não são recentes.

– É *aí* que entra o incêndio – sugeriu Locke. – Nós podemos queimá-lo! Cozinhá-lo até que ninguém saiba se ele morreu há uma hora ou uma semana.

– Como vamos controlar isso? – questionou Jean. – Se nós o queimarmos até não ser mais reconhecido...

– Não se preocupem. – Locke ergueu a arma que havia tirado de Bouldazi, a mesma que o barão encostara em seu rosto. A lâmina era totalmente comum, mas o punho tinha granadas pretas e um delicado cloasonado em ferro branco. – Isso e todos os outros objetos de valor deixarão muito evidente a identidade dele.

– Onde vamos esconder essa coisa... quero dizer, ele? – perguntou Jenora.

– Não, você quis dizer *essa coisa* mesmo – replicou Jean, dando um sorriso rígido.

– Quanto ao cheiro... acho que tenho sachês aromáticos e um pouco de pó de rosas, que podemos colocar no corpo. – Jenora ainda não estava nem um pouco calma, mas sua decisão parecia se reforçar. – Isso deve ajudar a disfarçar. Pelo menos por um dia.

– Bem pensado – concordou Calo. – Quanto ao lugar, acho que

seria óbvio demais mantê-lo enfiado embaixo dessa cama, não é?

– Está totalmente fora de questão!

– Poderíamos colocar Sylvanus sentado em cima dele a noite toda – sugeriu Locke. – Ele não notaria nada até ficar sóbrio outra vez. Infelizmente, todas as outras pessoas notariam. Vamos escondê-lo com os adereços e figurinos.

– Vamos escondê-lo *como* um adereço – emendou Sabeta. – Temos uma peça cheia de cadáveres. Vamos cobri-lo com algo adequado, colocar uma máscara em cima e, para todo mundo, ele será apenas algo no cenário! Desse modo, podemos mantê-lo conosco...

– ... e não precisaremos nos preocupar com a hipótese de alguém encontrá-lo enquanto estamos no Pérola! – exclamou Locke. – É. Com isso resta um último problema... Há montes de cavalheiros e convidados esperando desfrutar da companhia dele durante a peça.

– Odeio acrescentar cagalhões ao festival de bosta – interveio Calo –, mas esse *não* é o último problema. O que vamos contar ao resto da trupe?

– *Por que* precisamos contar ao resto da trupe? – perguntou Jenora.

– Não me agrada dizer, mas nós vamos ter que colocá-los no negócio – respondeu Sabeta. – Eles vão estar em toda parte, no meio dos adereços e figurinos. Se não tivermos a cooperação deles, estamos acabados.

– Como vamos fazer com que eles cooperem? – indagou Jean.

– Vamos torná-los *cúmplices* – explicou Sabeta. – Garantir que entendam que o pescoço deles também está na forca, porque está mesmo.

– *Singua solus* – disse Galdo.

– Exatamente. – Sabeta encostou um ouvido na porta e prestou atenção por um momento. – *Singua solus*.

– O que é isso? – perguntou Jenora.

– É uma antiga tradição camorri para quando um punhado de pessoas está planejando algo idiota – respondeu Locke. – Na verdade, temos um bocado de tradições para isso. Você vai ver.

– Giacomo, Castellano, vocês estão muito bêbados? – indagou Sabeta.

– Nem de longe – garantiu Calo.

– Já estamos aqui dentro há tempo suficiente – continuou Sabeta. – Portanto, vocês dois, desçam ao salão e juntem todos os membros da companhia. Arranquem as bebidas das mãos deles se for preciso. Mandem-nos para a cama. Nós precisamos deles o mais inteiros e descansados possível quando revelarmos essa surpresa.

– Tirar as bebidas do Jasmer e do Sylvanus... – Galdo suspirou. – Certo. E, já que estamos com a mão na massa, vamos correr até Kartane e aprender magia com os...

– Vão – ordenou Sabeta. – Eu vou espiar lá fora primeiro, para o caso de o Brego ainda estar espreitando.

Outro sinal agourento da profundidade das águas em que eles nadavam foi que nenhum dos Sanzas fez mais qualquer piadinha ou reclamação. Sabeta entreabriu a porta, examinou o corredor e assentiu. Os gêmeos saíram num instante.

– Jenora, nos papéis da companhia você tem alguma coisa assinada pelo Bouldazi? – perguntou Sabeta. – Qualquer coisa em que ele tenha rabiscado?

– Ah, tenho... tenho. – Ela apontou para uma pasta de couro num canto distante. – Todos os papéis que designam a participação dele na companhia e alguns bilhetes de instruções. Ele é... *era* bem letrado. Gostava de alardear isso.

– Eu sei. – Sabeta pegou a pasta e jogou-a na cama ao lado de Jean e Jenora. – Examinem e peguem esses papéis para mim. Não tenho muito tempo para treinar, mas devo ser capaz de imitar a letra dele. De qualquer modo, ele deveria estar bêbado. E... exausto.

– Parece que os mortos conseguem falar – comentou Locke, constrangido por não ter pensado ele próprio em falsificar bilhetes do barão.

– O suficiente para se livrar do Brego – concordou Sabeta. – E modificar as instruções do barão para os empregados, de modo que só o esperem para depois da peça, amanhã à noite. Agora, Jenora, seus sachês estão com os outros adereços?

– Estão.

– Graças aos deuses pelos pequenos favores. Então só precisamos transportá-lo uma vez e perfumá-lo, e devemos estar bastante seguros até reunirmos a companhia amanhã.

Locke assentiu. Os adereços estavam armazenados três portas adiante. Presumindo que Jean ajudasse, eles poderiam levar até mesmo um saco de músculos como Boulidazi em segundos. Mas eram segundos cruciais! Locke pegou um velho cobertor na cama para usar como mortalha.

Jean pareceu acompanhar seus pensamentos. Abraçou Jenora e sussurrou algo no ouvido dela.

– Não – respondeu ela. – Não serei tratada como criança por causa daquele... daquele porco filho da puta. Deixe-me ajudá-lo.

Com o auxílio de Jean, Jenora se levantou trêmula e fez um esforço para ajeitar a túnica rasgada.

Agiram alguns instantes depois. Jenora foi à frente, com Locke e Jean carregando o corpo enrolado e Sabeta na retaguarda, de pés leves e olhos abertos. Os sons de gritos e farra ecoavam no salão. Jean suportava facilmente o peso de Boulidazi, mas Locke já estava com o rosto afogueado quando Jenora abriu para eles a porta do quarto de adereços.

Mais um instante e estava feito. Locke arrancou o cobertor do cadáver e embolou-o antes que pudesse se encharcar demais com sangue. Boulidazi ficou ali caído, com a estranha frouxidão dos mortos recentes, como um manequim cheio de areia, a expressão

perplexa no rosto.

– Um de nós tem que ficar – comentou Locke, relutante. – É perigoso demais deixá-lo por aí sem vigilância. Um de nós tem que bloquear a porta e passar a noite aqui.

– Olhe – disse Jean –, eu ficaria, mas...

– Entendo. – Locke conteve um gemido ao perceber que só havia um candidato para o serviço que ele propusera. – Você deve ficar com Jenora. Saiam daqui, os dois.

Jean apertou o ombro dele. Jenora, evitando cuidadosamente sequer roçar no cadáver do barão, passou por Locke e tirou um velho globo alquímico de uma pilha de retalhos de roupas. Sacudiu-o para produzir uma luz fraca e lhe entregou. Num instante, ela e Jean haviam saído.

– Obrigada – sussurrou Sabeta.

A simpatia e a admiração nos olhos dela eram demais para que Locke suportasse. Ele se virou e fez uma carranca para o cadáver de Bouldazi, depois foi incapaz de resistir enquanto Sabeta puxava-o para um abraço breve e apertado. Ela encostou os lábios nos dele pelo tempo de um batimento cardíaco.

– Tenho bilhetes a escrever – disse ela. – Mas você não escapou. Isso é apenas um adiamento. Vamos ter outra chance. *Outra* outra chance.

Locke quis falar algo inteligente e tranquilizador, mas sentia-se nitidamente exaurido de humor, e só conseguiu dar um aceno triste antes que ela fechasse a porta em silêncio. Locke trancou-a com um suspiro.

Demorou apenas alguns instantes para encontrar o suprimento de pó de rosas e os sachês de Jenora, já que a maior parte dos figurinos e do entulho no quarto fora organizada para ser transportada com facilidade. Locke engasgou e conteve um espirro enquanto salpicava um pouco de pó alquímico de cheiro doce no corpo do barão.

– Está satisfeito, seu saco de merda? – sussurrou. Sua raiva se intensificou e, com um rosnado, ele chutou o corpo de Boulidazi, levantando outro sopro leve de pó de rosas. – Até depois de morto você sacaneia minhas intimidades!

Locke apoiou as costas numa parede e foi escorregando lentamente, sentindo a força se esvaír das pernas, junto com a fúria. Que lugar para passar a noite! Uma dúzia de máscaras de espectros o encarava das paredes. Uma dúzia de mortos imaginários formando uma corte para um cadáver muito real.

Fechou os olhos e tentou afastar da mente a imagem das máscaras mortuárias. Sob o odor forte de rosas, ainda conseguia perceber o levíssimo perfume de Sabetá, grudado nos lábios, no cabelo e na pele.

Gemendo, acomodou-se para a pior noite de suposto descanso que já tivera em anos.

3

– POR QUE, EM TODOS OS INFERNOS afundados em bosta, vocês nos arrancaram da cama, camorris?

Jasmer Moncraïne estava bastante maltratado na décima hora da manhã seguinte. Sylvanus era apenas uma pequena porcentagem de ser humano, Jumento parecia rezar em silêncio desejando morrer, e Bert e Chantal estavam se usando mutuamente como suportes. Só Alondo, de todos os ardorosos farristas da noite, parecia quase intacto.

A companhia estava reunida no maior quarto da estalagem da Sra. Gloriano. Os Nobres Vigaristas haviam passado quase uma hora expulsando vagabundos, prostitutas, parasitas e curiosos da estalagem. Os figurantes da companhia tinham recebido sérias instruções para se reunirem no Pérola. Com a porta trancada e o prédio quase vazio, a privacidade nos minutos seguintes era o mais

garantida possível.

– Nosso lorde e patrono fez uma coisa que precisamos discutir – começou Sabetá.

Ela e os outros camorris, junto com Jenora, formavam uma parede entre o resto da trupe e a mesa da sala, onde estava um objeto coberto e perfumado.

– O que ele fez, exigiu que puséssemos pó de rosas nas túnicas? Pelas partes privadas dos deuses, isso está fedendo – resmungou Moncraïne.

– O que temos para mostrar – respondeu Jenora, com a voz falhando – é a coisa mais importante do mundo. Pela sua honra, por suas promessas uns aos outros, por suas almas, vocês *precisam* jurar que não vão gritar. Estou falando muito sério. A vida de vocês está em jogo.

– Guarde o drama para o palco, e para depois do meio-dia. – Chantal bocejou. – Que negócio é esse?

Locke engoliu em seco e assentiu. A parede humana em frente ao cadáver coberto se abriu; Jean e os Sanzas abriram caminho entre a companhia e assumiram nova posição vigiando a porta. Quando eles já estavam no lugar, Locke descobriu o corpo do barão num gesto rápido.

Houve um silêncio sepulcral, medonho, um vácuo de pavor que devorava tudo. O rosto de Moncraïne fez coisas que Locke teria jurado que estavam fora dos poderes até mesmo de um ator veterano.

Jumento foi cambaleando até um canto da sala, firmou-se contra a parede e vomitou.

– O que vocês fizeram? – sussurrou Moncraïne. – Meus deuses, deuses da minha mãe, vocês mataram a gente, porra. Vocês, seus assassinozinhos camorris da porra...

– Foi um acidente – interrompeu Jenora, torcendo as mãos com tanta força que Locke podia ouvir os estalos.

– *Acidente?* O quê, o quê, ele... esfaqueou a porra do coração?

– Ele estava bêbado – explicou Sabeta. – Tentou estuprar Jenora e ela se defendeu.

– *Você se defendeu?* – Moncraine encarou Jenora com o queixo caído, como se ela tivesse acabado de aparecer do nada. – Sua puta imbecil, você acabou com todos nós. Deveria ter aproveitado ao máximo e deixado que ele fosse embora!

Sabeta olhou-o furiosa, Chantal piscou como se tivesse levado um tapa e Jenora deu um passo adiante, com raiva. Curiosamente, o punho que acertou o queixo de Moncraine meio segundo depois pertencia a Sylvanus.

– Você perdeu a cabeça – rosnou o velho. – Você é que podia ter matado aquele chato inútil há semanas, se tivesse alguma coisa nas mãos! Seu pavão escroto traiçoeiro!

Sylvanus passou por Jasmer, que segurava o queixo e olhava arregalado para o velho. Sylvanus juntou cuspe com um trovejar catarrento e cuspiu uma gosma rosada no peito do barão morto.

– Então o que está aí deitado é a nossa morte. E daí? Há poucas vantagens em ser amigo de Sylvanus Olivios Andrassus, mas pelo menos há esta. Se você disse que precisou fazer, Jenora, sinto orgulho de você por isso.

Jenora abraçou o velho. Sylvanus deu um suspiro reflexivo e um tapinha nas costas dela.

– Jenora, eu... peço desculpas – lamentou-se Moncraine. – Andrassus está certo. Eu perdi a cabeça. Os deuses sabem que não posso falar sobre me conter diante de... provocações. Mas agora precisamos nos espalhar. Temos duas ou três horas no máximo. Há centenas de pessoas esperando por nós no Pérola no meio da tarde.

– Eu não posso fugir – retrucou Jumento, ofegante, miserável, limpando a boca na manga da túnica. – Não posso sair de Espara! Isso é loucura! Eu nem sou... Vamos nos explicar, vamos dizer que foi tudo um acidente, eles vão entender!

Locke respirou fundo, firmando-se. Era de Jumento que ele estivera com medo; a questão se resumia a quanto ele gostava de Alondo.

– Eles não vão entender porcaria nenhuma – resmungou Bert. – Somos um monte de estrangeiros, atores e gente de pele noturna para eles castigarem à vontade.

– Djumein, o Bert está certo. Eles não precisam *se importar* se alguém é inocente – disse Locke. – Portanto, ninguém vai fugir nem confessar. Nós temos um plano e todos vocês vão fazer um juramento se quiserem estar livres e vivos no fim do dia.

– Eu, não. Eu vou embora – retrucou Jasmer. – Vestido de sacerdote, vestido de cavalo, vestido como a porra da *condessa* se for preciso. Existem saídas da cidade que não são portões vigiados. A não ser que o seu plano envolva um Mago-Servidor, eu sou a favor de ir...

– Então teremos dois cadáveres sobre os quais mentir, em vez de um – cortou Sabeta.

Calo e Galdo enfiaram a mão nas mangas das túnicas, tomando o cuidado de serem o menos discretos possível.

– Vocês, cachorrinhos, adoram dar a porra das ordens – vociferou Moncraine. – Isso é loucura e fantasia! Nós não *brincamos* com cadáveres. Nós fugimos deles o mais depressa que pudermos!

– Jasmer, seu covarde de merda – censurou Jenora. – Dê uma chance a eles! Quem arrancou você da cadeia?

– Os deuses – respondeu Jasmer. – Os deuses são todos pervertidos e parece que sou a atual diversão deles.

– Chega! Agora isso é *singua solus* – afirmou Locke. – Significa “um só destino”. Todo mundo entendeu?

Moncraine apenas olhou-o, furioso. Chantal, Bert e Sylvanus assentiram. Jumento balançou a cabeça e Alondo falou:

– Eu, ahn, preciso confessar que não entendi.

– A coisa funciona assim. Agora todo mundo aqui é cúmplice de

assassinato e traição. Parabéns! Não há como recuar. Por isso vamos seguir em frente com esse negócio, com a cabeça bem erguida, ou vamos ser enforcados. Nós juramos cumprir com o plano, vamos contar exatamente as mesmas mentiras e vamos levar a verdade para a sepultura.

– E se alguém renegar – completou Sylvanus, devagar e sério –, se alguém pensar em confessar, e trocar o resto de nós por alguma vantagem, juramos vingança. O resto de nós jura acabar com a pessoa, custe o que custar.

– Misericórdia dos Doze. – Jumento soluçou. – Eu só queria me divertir um pouco no palco, só uma vez.

– A diversão precisa ser paga, primo. – Alondo segurou-o pelos ombros e firmou-o. – Parece que o preço aumentou para nós. Vamos mostrar aos deuses que temos um pouco de coragem, hein?

– Como você pode estar tão calmo?

– Não estou. Estou apavorado demais até para mijar direito. Mas, se os camorris têm um plano, é mais do que eu tenho, e vou me agarrar a ele.

– O plano é simples – garantiu Sabeta –, mas vai exigir um pouco de coragem. A primeira coisa que vocês precisam saber é que vamos fazer a peça esta tarde.

As reações foram as que Locke esperava: pânico, gritos, palavrões e ameaças, mais pânico.

– PELOS TREZE DEUSES! – gritou Calo, silenciando o tumulto. – Há uma saída e não se pode dar para trás. Se não subirmos ao palco como se nada estivesse errado, não poderemos escapar. Agora vocês estão nas nossas mãos e nós somos sua única chance!

– Nós mijamos excelência e cagamos finais felizes – acrescentou Galdo. – Confiem em nós e sobrevivam. Ouçam o Lucaza de novo.

Locke falou depressa, de forma sucinta, e descartou malignamente perguntas e reclamações. Delineou cada detalhe do plano, como o haviam conjurado na noite anterior, com algumas

reviravoltas que ele tinha pensado durante a longa vigília. Quando terminou, todo mundo, menos Sylvanus, parecia ter envelhecido cinco anos.

– Isso é ainda pior do que antes! – exclamou Jumento.

– Infelizmente, dá para ver que você é indispensável – retrucou Locke. – Você pode ter se oferecido para morrer no palco, mas vai ser morto de verdade se não fizer o jogo.

– O que... que diabos vamos fazer com o corpo? – perguntou Chantal.

– Vamos queimar – respondeu Sabeta. – Fazer com que pareça um acidente. Temos um plano para depois da peça. Vamos assá-lo o suficiente para esconder a verdadeira causa da morte, mas não o bastante para impedir a identificação.

– E o dinheiro? – indagou Jasmer, com a voz seca e tensa. – Não teremos uma segunda apresentação com um patrono morto. Mesmo se formos absolvidos de pagar as perdas a todos os vendedores, estaremos no buraco. Bem fundo.

– Esta é a minha última boa notícia – disse Locke. – Temos cópias das assinaturas do barão, além de seu anel de sinete. Vamos pegar todo o dinheiro da primeira apresentação; depois voltamos para cá. Você, Jasmer, vai assinar um recibo para o barão, de tudo que é devido a ele, como se ele tivesse recebido primeiro, como era de direito. Verena vai falsificar a assinatura dele. Depois *ele* morre num incêndio, o dinheiro vai discretamente para os *nossos* bolsos e nós agimos como se não tivéssemos ideia de que diabo Bouldazi fez com a grana antes de morrer.

– Vamos recolher o dinheiro? – perguntou Moncraïne.

– Claro. Achamos que Jenora poderia cuidar disso...

– Nós *não* podemos recolher o dinheiro – atalhou Moncraïne. – É uma das coisas que Bouldazi e eu estávamos discutindo ontem à noite antes que ele ficasse bêbado demais para pensar! Alguém virá, por ordem dele, para recolher o dinheiro.

– O quê?! – exclamaram Locke e Sabeta ao mesmo tempo.

– Isso mesmo que eu disse, seus pirralhos sabichões da porra. Boulidazi pode agora ser um presunto, mas contratou um mercenário para recolher o dinheiro por ele. Nenhum de nós terá permissão de tocar numa moeda de cobre!

CAPÍTULO DEZ

O Jogo dos Cinco Anos: Abordagens finais

1

– VOCÊ É TÃO BEM-VINDO quanto um escorpião num berçário – disse Vordrata, recebendo Locke com um olhar furioso e uma muralha de capangas bem-vestidos às costas.

Como estava se tornando rotina, Locke fora parado antes de chegar à metade do hall do Marco da Íris Negra.

– Preciso vê-la – replicou Locke, ofegante.

Sua corrida pela cidade não fora digna ou sutil; ele havia roubado um cavalo para torná-la possível e provavelmente os casacas-azuis estavam revirando o Vel Verda enquanto ele falava.

– Ora, você é a última pessoa em Kartane que teria permissão de fazer isso. – O sorrisinho de Vordrata cortava seu rosto magro como um ferimento de espada. – As ordens dela foram explícitas e veementes.

– Olhe, eu sei que nosso último encontro foi...

– Desagradável.

Vordrata fez um gesto. Antes que Locke pudesse se virar e correr, os guardas do Íris Negra o haviam agarrado.

– Lembre-se, mestre Vordrata, que o senhor praticamente

confessou sua intenção de mandar que fôssemos espancados e largados num beco. Logo, se nossas opções de conversa forem reduzidas, o senhor só poderá culpar a si mesmo!

– A senhora da casa especificamente não deseja vê-lo. – Vordrata chegou perto; seu hálito recendia a vinho velho. – Apesar de eu ter sido encarregado de não lhe fazer mal, vou argumentar que não sou responsável por qualquer coisa que aconteça entre o momento em que você sai da minha custódia e bate no pavimento.

Os guardas de Vordrata empurraram Locke para fora e o lançaram num arco impressionante que terminou num impacto contra as pedras do calçamento, capaz de abalar os ossos. Os sentimentos dele debateram violentamente sobre o próximo passo, orgulho e desejo contra a prudência e os reflexos de rua, esse último vencendo apenas quando ele notou a perigosa proximidade do tráfego de carruagens e o número de possíveis testemunhas de sua humilhação. Gemendo, arrastou-se de volta para o meio-fio.

Seu cavalo roubado tinha sumido e os cavaliços do Íris Negra lhe lançaram olhares maliciosos, como se soubessem das coisas. Foi uma caminhada longa e dolorosa até um bairro onde um cocheiro se dignou a pegá-lo.

2

– ... E ESSA É TODA A MALDITA SITUAÇÃO – concluiu Locke, segurando firmemente um copo que já contivera uma quantidade de conhaque capaz de queimar a garganta. – Encontrei uma carruagem e vim direto para cá.

Passava da meia-noite. Locke havia retornado, buscado Jean na suíte e, com a ajuda de grandes pratos de comida e uma garrafa do destilado mais caro de Josten, tinha desenrolado toda a história.

– Você precisa mesmo de mim para dizer que a vaca estava mentindo? – perguntou Jean.

– Eu sei que ela estava mentindo. Tem que haver mentiras misturadas em algum lugar. O que me preocupa são as partes que podem ser verdade.

– Por que não presumir que era TUDO mentira? – Jean passou os dedos rapidamente pelas têmporas, tentando massagear a dor surda que ainda se irradiava do nariz consertado. – Bobagem de proa a popa! Pelos deuses, é isso o que você e eu fazemos com as pessoas: nós as convencemos a ficar acuadas num canto onde não sabem separar a verdade do absurdo.

– Ela sabe o meu nome. Meu nome de verdade. O nome que eu...

– É. E eu sei quem contou a ela.

– Mas eu só...

– Isso mesmo. – O nojo ardeu como bile no fundo da garganta de Jean, que bateu no peito com as duas mãos. – Eles disseram que me abriram como um livro em Tal Verrar e que tiraram tudo o que queriam. Portanto, *eu* devo ter dado o nome a eles. Pense! O resto da história de Paciência deve ter sido montado a partir daí.

– Com isso, resta a questão do terceiro nome.

– O nome que Paciência diz que é mais profundo do que o que você me contou? Ele ao menos existe?

Locke esfregou os olhos.

– Eu não... não sei. Não é um nome. É só uma sensação, talvez.

– Mais ou menos o que eu esperava. Você se lembra *mesmo* de já ter tido essa sensação antes de hoje? Isso parece um blefe preparado. Eu tenho todo tipo de sentimentos estranhos e misturados no coração e na cabeça; *todos* nós devemos ter. Ela não lhe deu meia partícula de prova! Só fez plantar uma dúvida contra a qual você pode se debater para sempre, caso se permita.

– Se eu me permitir. – Locke jogou o copo de lado. – Durante toda a vida eu me perguntei de onde, diabos, eu vim. Agora recebo possibilidades como flechas nas entranhas e absolutamente *não*

tenho tempo de pensar nelas.

– Possibilidades. – Jean suspirou. – De verdade, agora, mesmo se fossem respostas verdadeiras, você iria querer essas em particular? Sei que para mim é fácil dizer... sabendo onde e quando nasci...

– Eu sei de onde eu sou. Sou de Camorr. Sou de Camorr! Mesmo que tudo que ela disse seja verdade, é só para isso que eu ligo a mínima. Para isso e para Sabeta. – Locke se levantou, o rosto contraído numa expressão séria. – Isso, Sabeta, e vencê-la de lavada nessa eleição idiota. Agora...

Alguém bateu à porta, com força e urgência.

3

LOCKE OBSERVOU JEAN DESTRANCÁ-LA com a cautela costumeira. Ali estava Nikoros, barbado, os olhos parecendo ovos fritos e o cabelo parecendo ter sido preso nos aros de uma roda de carroça. Ele estendia um pedaço de pergaminho na mão trêmula.

– Isto acaba de chegar – murmurou ele. – Especificamente para mestre Lazari, por um mensageiro do Íris Negra no AAAAHHHH!

Essa exclamação irrompeu dele quando Locke saltou adiante e agarrou a carta. Ele a abriu, notando os traços rápidos e familiares da letra de Sabeta:

Eu gostaria de poder escrever um nome no alto e assinar o meu embaixo, mas nós dois sabemos como essa seria uma ideia ruim.

Sei que minha recusa em vê-lo deve ter sido dolorosa, e peço desculpas por isso, mas acredito que estava certa. Meu coração está partido com essa estranheza e essas charadas. Mal consigo domar palavras para formar pensamentos inteiros e suspeito que você não poderia ser acusado de estar nas

melhores condições, tampouco. Não sei o que faria se estivesse com você ao alcance dos braços; o que poderia perguntar, o que poderia exigir em nome do consolo. A única certeza é que os termos de nosso serviço não foram afrouxados e ambos corremos o risco mais sério caso pisemos descuidadamente. Se estivéssemos juntos neste momento, não imagino que poderíamos pisar de outro modo.

Não entendo o que aconteceu esta noite. Só sei que me apavora. Apavora-me que sua controladora, por algum motivo, tenha sentido tanto interesse em nos contar tanta coisa. Apavora-me que existam coisas em movimento ao seu redor que parecem nos amarrar a esses segredos e essas obrigações.

Apavora-me que ainda possa haver algo escondido de você mesmo, alguma parte básica de você que ainda pode tombar como uma parede ruída, e fico assombrada pelo pensamento de que, quando encontrá-lo me olhando, pode não ser com os olhos que eu recordo e, sim, com os de um estranho.

Perdoe-me. Sei que você ficaria tão ansioso com meu silêncio quanto com minha honestidade, por isso optei pela honestidade.

Deixei que sentimentos que considerava enterrados voltassem com poder verdadeiro sobre mim e agora me vejo numa necessidade desesperada de me distanciar e clarear as ideias. Por favor, não tente voltar pessoalmente ao Marco da Íris Negra. Por favor não venha me procurar. Preciso que você seja meu oponente agora, mais do que preciso que você seja meu amante ou mesmo meu amigo. Nisso falo por nós dois.

– Ah, dane-se tudo – murmurou Locke, amassando o pergaminho e enfiando-o num bolso do casaco. – Dane-se absolutamente tudo.
Ele desmoronou de novo na cadeira, as sobancelhas franzidas, e

deixou o olhar vaguear sem objetivo pela parede. O tipo de silêncio mais incômodo baixou na sala, até que Jean pigarreou.

– Bom, ah, Nikoros, você parece ter sido espancado por demônios. O que está acontecendo?

– Negócios, senhor, negócios. É muita coisa. E eu... eu... Desculpe, estou sem... a substância da qual falamos.

– Você está se curando daquele pó maldito. – Jean apertou os ombros de Nikoros, um gesto que fez o sujeito bambolear feito gelatina. – Ótimo! Você estava se matando, e sabe disso.

– Pelo modo como minha cabeça está, eu meio que gostaria de ter conseguido.

A curiosidade de Locke arrastou-o de volta ao presente e ele examinou Nikoros. O kartani estava certamente em abstinência da alquimia negra; Locke tinha visto isso uma centena de vezes. O sofrimento sacudiria Nikoros durante dias, como um gato se divertindo com um brinquedo. Poderia ser sensato diminuir as tarefas do pobre coitado... ou mesmo acorrentá-lo a uma parede.

Diabos, pensou Locke, se eu for arrancado mais uma vez da própria pele, pode ser que precisem me algemar ao lado dele.

– Lazari – chamou Jean. – Bom, se essa carta é o que eu acho que é... É, digamos, algo definitivo? Ou só uma interrupção?

– É uma faca nas tripas. Mas acho... bom, acho que posso considerá-la mais como uma interrupção.

– Ótimo. Ótimo!

– Acho que sim – murmurou Locke. Depois, sentiu um calor antigo e familiar agitando-se no peito e acrescentou: – É, acho mesmo! Pelos deuses, preciso de barulho e malícia. Preciso de confusão e sacanagens até não conseguir enxergar direito! Nikoros! O que você andou fazendo a noite toda?

– Ah, bem, acabei de examinar a grande confusão. Grande e cada vez pior. Quero dizer, não só para nós. Para toda a cidade.

– Estou perdendo a condição de separar uma confusão da outra

por aqui.

– Ah! Estou falando do portão norte, senhores, e do Pátio da Poeira. Todos os refugiados vindos do norte.

– Ah. AH! Deuses, a maldita guerra. Eu meio que havia esquecido. Que tipo de refugiados?

– Nesse ponto, principalmente os endinheirados. Os que fugiram antes que a luta chegasse perto. E seus guardas, serviçais e coisa e tal. Todos se empilhando nas estalagens até poderem solicitar residência...

– Refugiados com dinheiro, você disse – interrompeu Jean. – Procurando lares novos. O que quer dizer *potenciais eleitores precisando de assistência imediata*.

– Diabos, sim! – gritou Locke. – Cavalos, Nikoros! Três, agora! Mande um escriba e um advogado nos acompanhar. Vamos pegar qualquer um que possa pagar pela franquía eleitoral; depois encontraremos acomodações permanentes para eles em distritos onde mais precisarmos de votos!

– E eles vão ser do Raízes Profundas até o fim da vida – completou Jean com um sorriso. – Ou pelo menos durante as próximas duas semanas, que é o que nos interessa.

– Eu, ah... eu virei, senhores, é só que... – Nikoros engoliu em seco e torceu as mãos. – Primeiro preciso de alguns minutos de privacidade, se for possível. Vou, é, encontrá-los lá embaixo.

4

A NOITE ESTAVA FRESCA. CAVALGAVAM através de pálidos fiapos de névoa se desenrolando das pedras do calçamento como espíritos inquietos, passando por estandartes pretos e estandartes verdes que pendiam frouxos de sacadas, em meio a um silêncio imponente, até chegarem ao Pátio da Poeira. Ali, encontraram a confusão que Nikoros tinha prometido.

Os casacas-azuis estavam em força total e Locke viu imediatamente como eles pareciam nervosos, como deviam estar desacostumados com surpresas de verdade. Havia carroças enfileiradas de qualquer jeito, cavalos bufando e balançando o rabo enquanto cocheiros e cavaleiros discutiam. Havia lâmpadas acesas em cada estalagem e taverna ao redor do pátio; grupos conversando e debatendo espalhavam-se por toda parte na multidão inquieta.

– Para onde, diabos, devemos ir, então? – berrou um laçao de carruagem com casaco comprido para um cavaleiro de aparência cansada. Sua linguagem terim era boa, mas o sotaque era óbvio. – Todas essas tavernas estão cheias e agora você diz que essa maldita estalagem do Josten está fechada para a porcaria da sua...

– Perdão, bom homem – interveio Locke, puxando as rédeas ao lado da discussão. – Se você tem pessoas de alta estirpe buscando acomodações, eu posso ajudar imediatamente.

– Verdade? Quem, diabos, é você?

– Meu nome é Lazari. *Doutor* Sebastian Lazari. – Locke abriu um sorriso, depois passou a falar em seu excelente vadrã: – Seus senhores ou senhoras têm todas as minhas simpatias diante das circunstâncias do deslocamento, mas logo eles descobrirão que não estão desprovidos de amigos em Kartane.

– Ah, abençoadas as águas profundas e as rasas! – exclamou o empregado de carruagem na mesma língua. – Eu sirvo à honorável Irina Varosz de Stovak. Estamos há cinco dias na estrada desde...

– Vocês estão praticamente em casa – interrompeu Locke. – O Josten é o lugar certo para vocês. Acomodações Amplas do Josten. Posso arranjar aposentos; não liguem para o que disseram. Meu amigo Nikoros vai cuidar dos detalhes.

Nikoros, mal controlando seu cavalo arisco, aproximou-se ao ouvir o estalo dos dedos de Locke.

– Eu, ahn, não tenho certeza de onde devo colocá-los – sussurrou ele.

– Use os aposentos que mantive vazios por motivos de segurança. Podemos encontrar outros lugares para eles dentro de alguns dias. Revire o cérebro em busca de alguém do partido que tenha cômodos vazios. Diabos, há uma mansão em Vel Verda que me vem à mente agora mesmo. Seria bom que brotasse alguma alegria daquele lugar maldito.

Jean já estava usando seu vadrã amistoso com outros guardas, lacaios e estrangeiros curiosos e bem-vestidos com capas poeirentas. Durante cerca de vinte minutos, ele e Locke trabalharam juntos tranquilamente, direcionando primos menores de nobres e mercadores de status variados para Nikoros, e daí para a estalagem do Josten e o seio do partido Raízes Profundas.

Houve uma nova agitação na extremidade sul do Pátio da Poeira. Cascos em massa ressoaram nas pedras quando cerca de duas dúzias de homens e mulheres com librés pretas chegaram, liderados por Vordrata e alguns dos capangas que Locke vira no Marco da Íris Negra.

– Isso é um chute nas partes preciosas – murmurou Locke para Nikoros. – Eu esperava um pouquinho mais de tempo a sós para fazer novos amigos. Quem disse a esses escrotos para saírem da cama?

– Ah, é, tenho certeza de que foi só uma, ahn, questão de tempo.

Nikoros tossiu.

– Você provavelmente está certo. – Locke estalou os nós dos dedos. – Bom, agora vamos bancar os pretendentes com mais ênfase. Aqui vem aquele escriba e o advogado que eu queria, pelo menos. Você, cavalgue feito o diabo de volta ao Josten e ajude-o a empilhar nossos amigos do norte como livros em prateleiras!

JÁ PASSAVA DA NONA HORA da manhã quando o incômodo sentimento de dever de Jean puxou-o de volta para o mundo dos despertados, sentindo-se como massa mal assada apenas o suficiente para lembrar um pão. Fez sua toalete com indiferença, apenas domando o cabelo e passando óleo nele antes de vestir um conjunto de roupas das Irmãs Morennas. Com os ópticos no lugar e o emplastro do nariz ajustado, usou o pequeno espelho de sua suíte para reafirmar que sua enorme necessidade de café era visível. Infelizmente. Eles haviam feito um bom trabalho na noite anterior e a recompensa por isso seria ainda mais trabalho naquele dia.

Jean abriu a porta da suíte principal e encontrou Locke empoleirado numa escrivaninha, parecendo mais arrasado do que ele próprio.

– Eu perguntaria se você dormiu – disse Jean –, mas aprendi a reconhecer perguntas idiotas antes de fazê-las.

Locke estava cercado pelos detritos de negócios pessoais e do partido: pilhas de papéis com a letra de Nikoros, pequenas avalanches de anotações e recibos se derramando de pastas de couro, vários pratos de biscoitos meio comidos descartados, uma série de velas consumidas e globos alquímicos levemente fosforescentes. Folhas de pergaminho amarrotado cobriam o chão. Locke espiou Jean como se fosse algum tipo de criatura subterrânea arrancada da contemplação de tesouros secretos por um intruso mortal.

– Não estou com muita vontade de dormir – murmurou. – Você pode ir em frente e pegar o meu sono se quiser.

– Se ao menos isso funcionasse! – exclamou Jean, abrindo a cortina de uma janela. – Deuses, você prende essas coisas com força suficiente para manter a água do lado de fora, quanto mais uma manhã de outono.

– *Por favor*, não toque nisso! – Locke sacudiu sua pena e Jean notou que ela estava nitidamente mais curta do que quando ele fora

para a cama. – Se abrir essa janela, eu vou explodir em chamas.

– O que fez você se agitar tanto? – Jean deixou as cortinas em paz e se acomodou numa poltrona. – Tem alguma coisa a ver com os novos amigos que trouxemos ontem à noite?

– Não. – Locke lhe concedeu um sorriso satisfeito. – A contagem, por sinal, é de 72 adultos e potenciais eleitores. Coloquei os advogados enfileirados para discutir os termos com eles. Belo e simples. Vamos levá-los em grupos aos departamentos relevantes, entregar um pouquinho de dinheiro para adoçar, junto com as taxas, e fazer com que sejam registrados. Ao anoitecer serão setenta eleitores leais, e então vamos decidir em que distritos colocá-los.

– Quantos rostos novos o Íris Negra pegou?

– Metade do que conseguimos. – Mais dentes apareceram no sorriso de Locke. – Deixei um comitê de recepção no Pátio da Poeira para manter o partido andando e mandei uma pequena expedição para examinar a estrada. A oposição ainda poderá pegar alguns, é claro, mas acho que podemos dizer, com segurança, que a maioria dos votos dos expatriados vadrãs será no Raízes Profundas.

– Esplêndido. Mas qual é o negócio que está gastando essa pena?

– Ah, é, você sabe. – Locke gesticulou para o arco de pergaminhos amassados no chão. – É uma carta. Minha carta. Para, é... ela. Minha resposta. Tem alguns... é... sentimentos e delicadezas que ainda precisam ser ajeitados. Acho que, quando falo "alguns", quero dizer "todos". Diga, posso pedir que você sirva de embaixador lá no Marco da Íris Negra depois que eu terminar a carta?

– Ah, sem dúvida. Porque eu esperava mesmo entrar em outra briga com os garotos e as garotas de Sabeta o quanto antes, obrigado.

– Eles não vão machucar você. Nem vão fazer com que você os machuque. Sou eu que Vordrata quer pegar.

– Claro que eu carregarei um penhor da sua obsessão para o

território hostil. Mas com uma condição: coloque-se na cama e use-a para o objetivo original, agora mesmo.

– Mas...

– Você tem bolsas embaixo dos olhos, do tamanho de pastéis – cortou Jean, sentindo que estava sendo muito gentil. – Você parece o Nikoros, pelo amor do Guardião Torto. Como se devesse estar agachado numa sarjeta em algum lugar, pegando alguns animais pequenos e comendo-os crus. Você precisa descansar.

– Mas a carta...

– Eu tenho uma poção do sono aqui mesmo, pronta para ser administrada. – Jean fechou o punho e o sacudiu para Locke. – Além disso, um cochilo para clarear a cabeça só poderia melhorar seu empreendimento epistolar, não?

– Ei. – Distraidamente, Locke coçou com a pena a barba crescida. – Isso tem uma aparência suspeita de sabedoria, seu maldito. Por que você sempre conta vantagem sobre ser mais sábio do que eu?

– Isso não exige muito esforço consciente.

Jean apontou para o quarto de Locke com um fingimento de seriedade paterna, mas Locke já estava indo, tropeçando e bocejando. Em instantes, começou a roncar.

Jean examinou os destroços da tentativa de Locke para escrever a carta, imaginando o conteúdo das folhas amarrotadas. Enfiou a mão esquerda num bolso do casaco e passou o polegar em volta da mecha de cabelos escondida ali. Depois de um momento de contemplação, pegou os pergaminhos embolados, empilhou-os na pequena lareira da suíte e queimou-os com um fósforo alquímico tirado de uma caixa ornamentada sobre o console. Locke continuava roncando.

Jean saiu e trancou a porta silenciosamente.

A estalagem do Josten estava bastante animada. Havia rostos novos e bem-vestidos por todo o salão e as conversas aconteciam

tanto em vadrã quanto em terim. Zelo Josten, vistoso como um general de tropas que ainda não tinham visto sangue, dava sermão em meia dúzia de empregados. Ele bateu palmas e mandou-os para suas tarefas enquanto Jean se aproximava.

– Mestre Callas, meu fornecedor de clientela estranha! O senhor parece um homem à procura de um desjejum.

– Tenho apenas dois desejos: o primeiro é de café forte, o segundo, de café mais forte ainda.

– Veja meu *jask*. – Josten apontou para um bule de cobre ornamentado, de alça longa, fumegando numa reluzente pedra alquímica brilhante atrás do balcão. – Na verdade, é o *jask* do meu pai. Segredo do lar okanti. Vocês, pobres coitados, ainda preparavam o café em banheiras quando nós viemos salvá-los.

O café que Josten decantou do *jask* era coberto com uma espuma cor de canela. Jean sentiu-se menos do que civilizado engolindo-o de uma vez só, mas seu raciocínio precisava ser cutucado e a mistura de sabores de figo e chicória atingiu a garganta num satisfatório jorro escaldante. A sala já estava parecendo mais clara quando ele chegou ao final da xícara.

– Acende a fogueira, não é? – perguntou Josten, enchendo de novo a xícara de Jean. – Estou servindo-o para Nikoros há dias, pobre coitado. Ele... é... perdeu um apoio pessoal.

– Eu sei. Foi inevitável.

Josten se recusou educadamente a deixar que Jean continuasse suas tarefas só com café como desjejum. Após alguns minutos, Jean subiu a escada para a área privativa do Raízes Profundas carregando uma tigela com anchovas de água doce, azeitonas, tomates cortados, queijo marrom e duro e rodela de pão frito com óleo e cebola.

Nikoros estava esparramado numa poltrona acolchoada, cercado por um arco de papéis e copos vazios que lembravam a confusão que brotara ao redor de Locke. Sua barba parecia suficiente para

raspar cracas de cascos de navios e as pálpebras se erguiam sobre olhos injetados.

– Nos meus sonhos, eu assino recibos e preencho papéis – murmurou Nikoros. – Depois, acordo para assinar recibos de verdade e preencher papéis de verdade. Imagino que minha lápide será esculpida na forma de uma escrivadinha: “Aqui jaz Nikoros Via Lupa, sem esposa e sem herdeiros, mas os deuses sabem como ele era capaz de arquivar em ordem alfabética!”

– Nós o sobrecarregamos. E você ainda está se livrando daquela merda que ficava enfiando no nariz! Tempos difíceis. Mestre Lazari e eu fomos insensíveis. Aqui, coma um pouco do desjejum.

A princípio, Nikoros hesitou, mas seu interesse cresceu rapidamente e, logo, ele e Jean apostavam corrida para terminar o conteúdo da tigela.

– Você é o cerne deste negócio todo – afirmou Jean. – Não são as Dexas e os Epitalus que mantêm as coisas no lugar. Nem mesmo Lazari e eu. Tem sido você, é você, e será você, muito depois de termos ido embora.

– Muito depois desse desastre nos deixar para trás e de os deuses concederem que ainda tenhamos algum assento no Konseil daqui a cinco anos.

– Ora, nós estamos bem no meio da coisa, sem dúvida. Você não pode ver a direção da batalha porque está na lama e na sujeira, com todos os outros pobres coitados, mas ela tem uma direção. Você deve aceitar minha garantia de que posso ver um pouquinho mais longe.

– Desta vez, o Íris Negra – Nikoros afastou o olhar de Jean –, eles... eles têm... bom, eles têm vantagens. Pelo menos é o que me parece.

– Eles têm algumas – concordou Jean, assentindo. – Nós temos outras. E nos saímos bastante bem nesse novo jogo dos nortistas exilados, não foi? Seis dúzias de novos eleitores para colocar onde

precisarmos. O Íris Negra pode fazer qualquer tramoia que queira contra nós, mas no fim tudo se resume aos nomes nas urnas.

– Vocês estão sendo mal servidos por mim – disse Nikoros, quase baixo demais para ser ouvido.

– Bobagem. – Jean deu um aperto atencioso, amigável, no braço de Nikoros e acrescentou, erguendo a voz: – Se você não estivesse atendendo às nossas expectativas, não acha que o teríamos colocado em algum lugar fora do caminho?

– Bom, obrigado, mestre Callas.

Nikoros sorriu, mas foi uma formalidade sem graça.

– Deuses, deve ser minha semana de ser confessor dos deprimidos e cansados. – Jean suspirou. – Acho que seria bom você ter mais algumas horas de sono. Do tipo que não acontece enfiado numa cadeira. Vá para seu quarto e não me deixe vê-lo de novo até...

Uma mulher de cabelo curto e encaracolado subiu a escada pisando forte. Usava um casaco de viagem e um manto, além de uma bolsa de mensageiro e uma faca embainhada.

– Senhores, desculpe voltar correndo assim, mas eu não sabia aonde ir.

– Essa é Ven Allaine – apresentou Nikoros, levantando-se. – Ven de “Aventureira”. É uma das nossas solucionadoras de encrencas. Ven, tenho certeza de que sabe quem é mestre Callas.

Jean e Allaine trocaram as cortesias mais rápidas possíveis; depois, ela continuou:

– Mestre Via Lupa nos mandou sair uma hora antes do sol nascer, cinco de nós, a cavalo, para o norte, a partir do Pátio da Poeira. Deveríamos encontrar ricos vadrões na estrada, nos apresentar, fazer as ofertas, trazê-los para o Raízes Profundas pelo dinheiro antes mesmo que chegassem à cidade. – Ela descalçou as luvas de couro e bateu-as na perna. – Planejávamos ficar fora até o meio da tarde, mas, logo depois do amanhecer, fomos alcançados

por casacos-azuis, um monte, que não estavam poupando os cavalos. Disseram que tinham uma diretriz emergencial da Comissão de Ordem Pública. Nenhum cidadão de Kartane tem permissão de se afastar mais de 100 metros pela estrada por causa de "condições instáveis". Avisaram que poderíamos voltar a cavalo, sob escolta, ou a pé, presos. Portanto, cá estou de novo.

– Tem certeza de que eram guardas de verdade? – perguntou Jean.

– Não havia engano: eles tinham os papéis da Comissão e eu reconheci alguns.

– Você fez bem – elogiou Jean. – Se tentasse discutir, provavelmente estaria caminhando de volta, sob guarda, agora mesmo. Você e seus colegas, tomem o desjejum e deixem isso conosco. – Jean observou-a ir embora e, em seguida, virou-se para Nikoros. – Comissão de Ordem Pública?

– Um trio de membros do Konseil. Escolhidos por voto majoritário da assembleia. Uma espécie de comitê que comanda a polícia.

– Merda. Acho que seria idiotice minha perguntar a que partido pertencem os três.

– Seria. Desculpe, senhor.

– Teremos que dar continuidade a nossos esforços diplomáticos dentro dos portões da cidade. Não se preocupe, vou mandar Allaine e o grupo dela para se juntar ao outro pessoal depois da refeição. Quanto a você, vá para a cama. Não diga nada, só vá para o seu aposento e se deite, ou eu vou jogá-lo deste balcão. Você e mestre Lazari precisam disso. Eu posso tocar a música desta dança durante algumas horas.

Depois que Nikoros se esgueirou agradecido para descansar, Jean examinou os papéis que ele havia deixado, percebendo novas situações, além de problemas familiares. Anotou ordens, entregou-as aos mensageiros, recebeu indagações rotineiras e tomou diferentes variedades de café, todos recém-preparados e escaldantes,

enquanto os dedos pálidos da luz outonal entravam pelas janelas e percorriam o salão.

Logo após o meio-dia, a porta da frente se abriu com estrondo. Maldita Superstição Dexa e Primeirofilho Epitalus passaram entre os clientes e subiram a escada, seguidos por um número incomumente grande de auxiliares. Jean pousou seu café e a papelada, então se levantou para recebê-los.

– Você! – sibilou Dexa, caminhando com ar enfático até Jean. – Você e Lazari nos colocaram temerariamente numa situação do mais profundo e insuportável embaraço.

Jean se empertigou, respirou fundo e abriu os braços de modo afável.

– Vejo que temos um desentendimento. Bom, estou aqui para instruir e me condoer. Todo mundo que não seja membro do Conseil está dispensado.

Alguns auxiliares pareceram inseguros, mas Jean deu um passo adiante, sorrindo, e sinalizou para irem embora, como se lidasse com crianças. Num instante, ele e os dois conselheiros estavam sozinhos no balcão particular e o sorriso de Jean desapareceu.

– Vocês nunca mais se dirigirão a mim desse modo – ordenou com a voz baixa e calma, porém nem um pouco educada.

– Pelo contrário – reagiu Dexa –, pretendo arrancar sua pele com ácido sulfúrico verbal. Agora...

– Maldita Superstição Dexa – disse Jean, avançando para cima dela sem sutileza –, você vai baixar a voz. Não vai fazer um escândalo. Não vai confundir e desmoralizar os membros do partido que estão lá embaixo. Não dará aos nossos oponentes a satisfação de ouvir nenhum desacordo ou dissensão *aqui!*

Ela o encarou com raiva, mas depois, devido à força do argumento, ao feitiço do condicionamento ou aos dois, controlou o mau humor e assentiu de má vontade.

– Agora vou ouvir qualquer coisa, até mesmo a bronca mais

maligna, desde que seja dada em voz baixa e que preservemos nossa aparência externa de amabilidade.

– Desculpe, você está totalmente correto. Mas você e Lazari colocaram nossa credibilidade numa barca e a afundaram no lago com esse negócio de recolher desgarrados!

– Desgarrados ricos e com boas conexões. Todos estarão agradecidos pelo lugar que ocuparão aqui e vão demonstrar gratidão votando...

– É exatamente isso – interrompeu Epitalus. – Não vão. Mostre a ele, Dexa.

– Nós fomos chamados a uma reunião de emergência do Conseil há pouco mais de uma hora. – Dexa tirou várias folhas de papel dobradas do casaco e entregou-as a Jean. – O Íris Negra a convocou e mal conseguiu cumprir a lei ao mandar os avisos. Eles aprovaram uma diretriz de emergência através do voto de maioria simples.

– À luz de acontecimentos imprevistos – murmurou Jean em voz alta, lendo a declaração legal de escrita bem apertada – e do influxo desesperado de vários refugiados... passos necessários para garantir a pureza do processo eleitoral kartani... *urgente impedir que esses refugiados obtenham a franquia como cidadãos eleitores... período de três anos!* Ah, aqueles sacos de bosta de jumento metidos à besta!

– Exato – concordou Dexa. – Agora vá aos detalhes.

– Todos os guardas têm o poder... – leu Jean, passando por cima das irrelevâncias e dos floreios – ... portanto esta diretriz deve ser considerada em efeito... meio-dia! Ao meio-dia de hoje! Há alguns malditos minutos.

– É – falou Epitalus. – Parece que não era uma necessidade tão urgente e imediata a ponto de eles não se certificarem de que todos os recém-chegados vadrãs *deles próprios* se registrassem primeiro.

– Diabos. Eu só mandei cerca de metade dos nossos. Achávamos que teríamos o dia todo! Quantos eleitores eles compraram?

– Segundo nossas fontes, quarenta – respondeu Dexa. – Então, apesar de todos os seus galopes no meio da noite, vocês conseguiram seis votos para nós e quarenta para a oposição, e agora temos seis dúzias de primos do norte para armazenar como roupas sem utilidade! Como você propõe se livrar deles?

– Não proponho.

– Mas isso é simplesmente...

– Nós prometemos ajudá-los e abrigá-los em nome do Raízes Profundas. Sabe o que acontece quando esse tipo de promessa não é cumprida? Como vocês acham que os eleitores kartanis vão confiar em nós se formos vistos chutando refugiados respeitáveis de volta para o frio diante dos olhos de toda a cidade?

– Bem pensado. – Dexa suspirou.

– Se não podemos usá-los como eleitores, ainda podemos pegar o dinheiro deles em troca da nossa ajuda. E usá-los para angariar simpatia. Vamos espalhar alguns exageros sobre como essas pessoas foram expulsas de seus lares. Famílias assassinadas, casas queimadas, heranças usurpadas, esse tipo de coisa. Lazari e eu somos bons em contar histórias.

– Ah, sim, sem dúvida – disse Dexa, finalmente perdendo toda a capacidade de luta. – Aposto que vocês devem saber, afinal de contas.

Jean franziu a testa. Esse tipo de lassidão súbita só podia ser algum tipo de fricção entre o condicionamento de Dexa e suas inclinações naturais. Agora era hora de fazer com que ela e Epitalus voltassem a ser o que eram.

– Vocês não teriam nos contratado se não quisessem o melhor possível num tipo de negócio muito incomum. Agora, se não têm mais planos para o momento, seria bom eu ter o conselho de vocês em algumas destas situações pela cidade...

Na verdade, Jean não precisava de nada disso, mas, após alguns minutos de fingimento, encontrou algumas questões genuínas em

que aplicar a conversa fiada deles e, depois de mais alguns minutos, pediu que servissem café, conhaque e tabaco pelo resto da tarde. Logo, qualquer rachadura na fachada de trabalho parecia rebocada e Jean se pegou treinando um pouco de prestidigitação com a bebida para não ter o raciocínio emplastrado.

Por volta da terceira hora da tarde, Locke apareceu, parecendo significativamente menos próximo da morte. Usava um casaco preto novo, com acabamentos em verde, e mastigava, com distração treinada, biscoitos e carne equilibrados delicadamente numa caneca de café.

– Olá, colegas Raízes – cumprimentou com a boca cheia. – Estive ouvindo agora mesmo as coisas mais incríveis.

Jean lhe entregou os papéis de Dexe e explicou a situação do modo mais sucinto possível. Locke comia com a voracidade de um perito, de modo que estava mergulhando o último biscoito no café enquanto Jean terminava o relatório com inócuos sinais de mão:

Esses dois estavam perturbados. Já consertei. Usei argumentos e bebida. Mais bebida.

– Infelizmente foi um velho esquema grandioso que nós armamos – comentou Locke –, mas agora só podemos deixar flores na sepultura e partir para o próximo. Nossos amigos do Íris Negra parecem estar mais espertos ou com mais sorte do que o normal nos últimos dias. Bom, deixem isso comigo. Preciso contra-atacar.

Tomou um longo gole do café, depois sinalizou para Jean e os dois conselheiros se inclinarem mais para perto.

– Dexe – disse baixinho –, Epitalus, vocês dois devem conhecer muito bem os outros membros do Konseil. Que conselheiro do Íris Negra vocês diriam que é o... egoísta mais mercenário? Com menos ligação com a política, ideologia ou qualquer coisa além do próprio bolso?

– O mais adequado ao suborno? – perguntou Epitalus.

– Digamos que o mais aberto à persuasão clandestina por meios

financeiros ou não.

– De qualquer modo, teria que ser um tipo de persuasão capaz de encher um cofre – afirmou Dexa. – Os ratos não costumam abandonar um navio que não esteja afundando. Desculpe-me por essa impressão sobre o Íris Negra, mestre Lazari, mas é como eu vejo.

– Não se preocupe. Mas há alguém?

– Se eu precisasse apostar alguma coisa, colocaria o meu dinheiro no Lovaris.

– Segundofilho Lovaris – completou Epitalus, assentindo. – Também chamado de “Perspicácia”, se bem que só os deuses sabem por quê. Ele não tem nenhuma posição política verdadeira, pelo que sei. Adora as oportunidades de... enriquecimento que uma cadeira no Konseil atrai.

– Eu sou uma oportunidade para enriquecimento – garantiu Locke com um sorriso. – Preciso me encontrar com essa figura em particular, o quanto antes, e secretamente. Como vocês sugerem que eu faça isso?

– Através do Nikoros – respondeu Dexa. – Ele e seu assessor para os sindicatos de transportes. Lovaris é sócio nos negócios de um navio chamado *Dama Esmeralda*. Se um contato de Nikoros levasse para ele uma carta lacrada para falar de algum assunto tedioso sobre navegação, você teria a atenção dele e não precisaria balançar perto a bandeira do Raízes Profundas.

– Parece uma ideia soberba, Maldita Superstição. – Locke saudou-a com a caneca vazia. – Tenho minha próxima missão.

6

TRÊS DIAS DEPOIS, UM HOMEM MAGRO e desarrumado, com uma túnica suja de tinta, emergiu dos caminhos verdejantes e nevoentos do Mara Kartani, onde lanternas suspensas oscilavam na chuva e as

estátuas do Trono Terim em alcovas meio desmoronadas se entregavam lentamente à ação da natureza.

Na extremidade leste do parque centenário ficava a mansão de Perspicácia Lovaris, representante do Íris Negra no Konseil para o distrito de Bursadi. O homem desalinhado bateu na entrada de serviço e foi recebido por uma mulher de pele escura do tamanho de uma pequena montanha, de cabelos grisalhos mas com pés perigosamente leves. O gasto bastão de madeira-bruxa pendurado no cinto dela parecia ter conhecido um bocado de crânios.

Ela guiou o recém-chegado, ainda pingando, pelos corredores ricamente mobiliados da casa até um aposento pequeno, de pé-direito alto, onde uma luz quente e amarela caía feito uma bênção. Essa iluminação não tinha nada a ver com o céu natural, claro: era um arco de lâmpadas alquímicas acima de um vitral gravado com símbolos comuns dos Doze.

A mulher empurrou o homem magro contra uma parede do aposento e, por um instante, ele temeu alguma traição. Então, suas mãos fortes e capazes deslizaram pelas laterais do corpo dele de um modo familiarizado. A busca por armas foi meticulosa, mas ela obviamente não tinha conhecimento do antigo truque camorri do estilete sem cabo na altura do cóccix, pendurado por um cordão de pescoço.

Locke não tinha ilusões de chutar portas e deixar para trás uma quantidade de inimigos mortos, caso surgissem complicações, mas até mesmo um arsenal precário como aquele era algo tranquilizador de se ter à mão.

– Ele não está armado – anunciou a mulher, sorrindo pela primeira vez. – Nem seria ameaça se estivesse.

Um terim de meia-idade com cabelos claros e rosto rosado e enrugado entrou na sala. Ele e a mulher trocaram de lugar com a facilidade de atores no palco e ela fechou a porta ao sair.

– Pode tirar esse absurdo da cabeça – afirmou o homem. – Pelo

menos presumo que seja um absurdo, se você é quem deve ser.

Locke tirou a encharcada peruca de cachos pretos e os ópticos ornamentais, de lentes grossas como fundos de jarros de alquimista. Pousou-os na única mesa da sala, que tinha apenas uma cadeira, do lado de Lovaris.

– Sebastian Lazari – disse Lovaris, sentando-se com um grunhido fraco. – Prodígio lashani sem história genuína em Lashane. Doutor sem comprovação. Advogado sem escritórios nem clientes anteriores.

– O passado falso não está à altura dos meus padrões – retrucou Locke. – Não lamento admitir isso, já que não fui eu que fiz esse serviço.

– Você e seu amigo grandalhão são contrapartidas interessantes para a adorável Sra. Gallante. Se bem que, obviamente, não vêm do mesmo lugar.

– Obviamente.

– Acho que vocês vieram para o norte, partindo de suas habitações usuais, mestre Lazari. Ouvi boatos há alguns meses, quando o Arconte de Tal Verrar teve aquela queda longa de um pedestal estreito. Segundo dizem, alguns capitães do serviço de informações conseguiram escapar da força e sumiram no meio da confusão.

– Saudações. Mas, ah, o senhor deve saber muito bem que eu não deixei ninguém para trás com interesse suficiente para me perseguir, mesmo se a sua... teoria divertida chegasse aos ouvidos certos.

– Nem desperdiçarei meu tempo fazendo contato com eles. A eleição já terá passado antes que uma carta chegue a Tal Verrar. Não, nada que digamos aqui será ouvido por mais ninguém, a não ser meus antepassados. – Lovaris indicou os ornamentados escaninhos e gavetas que decoravam as paredes da sala. – Este é o depósito memorial da minha família. Setecentos anos em Kartane.

Nós somos anteriores à Presença. Quanto a você, bom, eu o trouxe aqui em resposta ao seu bilhete interessante porque desejo lhe causar inconveniência.

– Tenho certeza de que sua linhagem não sobreviveu durante sete séculos recusando-se cuidadosamente a examinar novas oportunidades. Meu bilhete pedia apenas este encontro. O senhor não faz ideia do que vou lhe oferecer.

– Ah, faço, sim. – Lovaris sorriu sem mostrar os dentes. – Você quer que eu pense em virar a casaca. Especificamente, quer que eu espere até que todos os votos sejam contados e eu esteja de volta como conselheiro pelo Íris Negra. Então, e só então, eu anunciaria que minha consciência me obrigou a me juntar ao Raízes Profundas. Sei que o senhor prometeu inventar uma história convincente, mas ainda não disse a ninguém qual é ela.

Locke sentiu vontade de gritar. Em vez disso, fingiu estudar as unhas da mão direita e disfarçou a respiração profunda e apaziguadora como se fosse um suspiro entediado.

– Tenho uma desculpa passável para o senhor. E o senhor acharia a experiência pessoalmente enriquecedora.

– Foi o que ouvi dizer. Dez mil ducados de ouro reluzente. Eu forneço um baú; o senhor o enche diante dos meus olhos. Na noite da eleição, o baú deve ser mantido numa casa de contabilidade supostamente neutra por um número igual de membros do meu partido e do seu, até que eu realize minha metamorfose pública. Assim que eu fizer isso, seu pessoal se afasta e deixa o meu com o ouro.

– Elegante, não acha? – Locke sentia vontade de socar a parede. Isto era demais: Lovaris tinha informações de conversas confidenciais com meia dúzia das pessoas de maior confiança de Locke, informações que tinham apenas um ou dois dias de vida. Mesmo assim, Locke permanecera calmo em situações piores. – Ora, mestre Lovaris, nós dois sabemos que o senhor não é um ideólogo.

Toda a cidade sabe. Ninguém vai ficar particularmente surpreso ou magoado, e 10 mil ducados compram um bocado de *qualquer coisa*.

– Eu pareço estranho ao dinheiro?

– O senhor parece um homem de certa idade. Quantos anos agradáveis e saudáveis a mais os deuses vão lhe dar? Até que ponto eles podem ser muito mais agradáveis e saudáveis com esses 10 mil a mais para facilitar o caminho?

– Há uma preocupação mais prática. Aceitar suborno é tecnicamente um crime sujeito a amputação, talvez até capital, se o interesse do Estado puder ser invocado. Ninguém presta atenção a pequenas trocas rotineiras, mas 10 mil ducados são um montante bastante incômodo e não se encaixam em nenhum padrão usual. Se eu fizesse isso, seria *caçado* pelo Íris Negra. Seria o único homem em Kartane a quem seriam aplicadas as leis de suborno! O único lugar onde o dinheiro poderia sumir seria nos meus porões. Eu não poderia juntá-lo legalmente aos meus fundos nas casas de contabilidade durante anos, e isso é bastante inconveniente. Nem posso aceitar uma carta de crédito, por motivos mais óbvios ainda.

– Se o senhor presume que sou bom para entregar 10 mil em metal frio, por que não deixa que eu determine como posso ocultar a transferência de fundos para o senhor?

– Acho que não. – Lovaris se levantou e se espreguiçou. – O ponto mais importante a considerar é que seu planozinho só vale a pena se nós, do Íris Negra, vencermos a eleição exatamente por uma cadeira no Konseil. Se vocês vencerem, não terão necessidade de me comprar e, se nós vencermos por duas cadeiras ou mais, minha mudança não alteraria a maioria. Não acredito que vocês vão perder por *apenas* uma cadeira. Você está correto em dizer que não sou escravo da ideologia, mas seria tedioso e idiota encontrar-me subitamente do lado minoritário.

– Muitas coisas interessantes poderiam acontecer entre agora e a eleição.

– Esse é um lugar-comum nebuloso. Você poderia fazer seus negócios em praça pública, Lazari. Eu revelei até que ponto nossas informações são amplas porque quero que entenda que você está num dilema.

– É justo. Então este é o ponto da conversa em que eu digo “20 mil”.

– Dez mil já seriam bem incômodos. Você espera que eu fique entusiasmado com a tentativa de ocultar o dobro? O dinheiro só é um atrativo se eu puder enfiar as mãos no bolso sem ser visto e se eu ainda for relevante para a política de Kartane depois de tê-lo ganhado. Não, mestre Lazari, não vou fingir que não estou à venda, de certa forma, mas *você* não está me oferecendo nenhum valor em que eu esteja interessado. Agora, antes que seja escoltado para fora, quer um momento para colocar seu disfarce molhado de volta? Só pela formalidade, se não for por qualquer outra coisa?

7

UM HOMEM MAGRO E DESALINHADO, com uma túnica manchada de tinta, saiu pela porta de serviço da mansão de Perspicácia Lovaris e foi rapidamente para o oeste, de volta para o frio labirinto verde do Mara Kartani. Sinais sutis tinham sido postos desde sua última passagem, nós de pano marrom em volta de galhos de cerca viva ao nível do joelho, e o homem seguiu-os depressa por curvas e desvios, através de arcos de tijolos cheios de trepadeiras amareladas, até o nicho abrigado onde Jean Tannen esperava.

Envolto numa sensata capa impermeável com capuz, o amigo estava sentado num banco ao lado da estátua de alguma Erudita-soldado esquecida do antigo império, uma mulher séria esculpida do modo tradicional, segurando a lanterna erguida da sabedoria numa das mãos e um feixe de lanças farpadas no ombro oposto. Jean pegou uma segunda capa impermeável e colocou-a nos ombros de

Locke.

– Obrigado – agradeceu Locke, tirando a peruca e os ópticos. – Temos um furo sério na segurança. Lovaris sabia que eu iria encontrá-lo.

– Maldição. Quer que eu tire aquelas avós que Sabeta colocou nos telhados, afinal de contas?

– Deuses, elas são inofensivas. Só estão ali para nos provocar. Nosso problema é alguém dentro do Josten. Lovaris tinha detalhes completos do meu plano e da minha oferta, coisas que só mencionei a um punhado de pessoas, em privacidade, nos últimos dois dias! Há algum lugar onde um xereta poderia ouvir o que é dito na galeria particular do Raízes Profundas?

– Passei horas examinando todos os porões, todos os buracos. Não há nenhum suficientemente perto, nem em cima nem em baixo. E o barulho daquele lugar... Não, eu apostaria minha vida nisso. Seria necessário... Bom, seria necessário magia.

– Então eu vou caçar o rato. E como minha primeira abordagem ricocheteou na autossatisfação daquele escroto metido a besta, você terá que visitar Lovaris e experimentar nossa segunda abordagem.

– Segunda abordagem, certo. – Jean se levantou do banco. – Tem certeza de que nosso orçamento suporta a tensão?

– Isso vai nos deixar só com a raspa, e alguns mil para emergências, e aquelas doações dos refugiados vadrãs. Mas não há muitos outros lugares onde gastá-lo neste momento, não é?

– Então que seja. Se ele morder o anzol, vou começar a visitar joalheiros esta noite. Escolhi alguns discretos.

– Ótimo. Eu diria diamantes e esmeraldas, na maior parte, mas você tem olho bom. Confie em seu julgamento.

– E vamos precisar de um barco.

– Já estou pensando nisso! – Locke bateu com o dedo na testa. – Mas vamos pensar na primeira, na segunda, na terceira e na quarta coisa antes de sairmos perseguindo a quinta e a sexta, certo?

– Que os deuses o protejam. Não tropece nos próprios pés a caminho de casa. O que você vai fazer com relação ao nosso rato?

– Bom, como alguém em quem confiamos está passando instruções confidenciais para Sabeta, acho que devo dar algumas instruções confidenciais a todas as pessoas em quem confiamos.

8

NAQUELA NOITE, ENQUANTO UMA CHUVA forte caía lá fora, Locke passou o braço em volta de Primeirofilho Epitalus e levou o velho para uma conversa sussurrada na galeria particular do Raízes Profundas.

– Você sabe mais sobre a Isas Tedra do que eu. Preciso de um lugar discreto, afastado, no seu distrito, para guardar alguns barris de óleo de fogo. Um barracão, um porão. Algum lugar onde ninguém vá mexer, pelo menos antes da eleição.

– Óleo de fogo? Para quê, mestre Lazari?

– Vou garantir que nossos amigos do Íris Negra tenham um incêndio bastante danoso algumas noites antes da eleição, em uma de suas propriedades no distrito de Bursadi. Vou me esforçar para que ninguém se machuque. Só quero que percam alguns papéis e alguns confortos.

– Fantástico! – Epitalus bateu a bengala no chão, aprovando. – Bom, nesse caso há uma construção externa na minha propriedade. A antiga casa de barcos. Não a estou usando.

– Ótimo. Mais uma coisa, Epitalus. Isso é segredo absoluto, vital. Não fale a respeito com ninguém. Fui claro?

– Como um copo de cristal, mestre Lazari.

A referência deixou os dois com sede. Brindaram à frustração do Íris Negra com pequenos copos de licor de limão e canela, depois Jean reapareceu vindo de sua tarefa, tirando a capa molhada. Locke dispensou Epitalus e foi conversar em sussurros com o amigo.

– Estamos dentro – informou Jean. – Acho que Lovaris ficou perversamente satisfeito com a ideia de fazermos nossa parte esta noite, na chuva.

– Claro. Ele é um miserável saco de presunção. Quando?

– Uma hora antes da meia-noite.

– Não é muito tempo, se quisermos ter cuidado.

– É tempo suficiente para eu me armar com jantar e café.

– Então vamos pegar as coisas de que precisamos nos nossos quartos. Coloque-se diante da lareira e coma. Droga, aí vêm Dexa e Nikoros, exatamente as pessoas que não posso deixar passar.

Os dois Nobres Vigaristas se separaram: Jean foi para a cozinha e Locke interceptou seus alvos e os guiou à galeria particular. Ele pediu primeiro um momento a sós com Nikoros.

– Olhe, ahn, mestre Lazari, aqui estão os últimos relatórios – avisou o secretário, pegando sua sacola enquanto Locke o empurrava para um canto discreto. – Ontem à noite tivemos uma invasão no escritório de Cavril na Ponta Corbessa, nada importante, mas suspeito que eles conseguiram pegar algumas minutas confidenciais e listas de eleitores. Nossas delegações aos templos pagaram por um sacrifício público a cada um dos Doze. Um chicote e uma bússola de prata para Morgante, uma mortalha de seda para Aza Guilla, um coração de pombo para Preva...

– Nikoros, eu sou devoto, conheço os sacrifícios usuais. Só me diga que não houve complicações.

– Bem, ah... a chuva provavelmente diminuiu a plateia, mas tudo correu bem. Toda a cidade sabe que cumprimos com nossas obrigações para com os deuses e pedimos a bênção deles.

– Se ninguém foi acertado por um relâmpago, fico contente. Agora preciso que você arranje uma coisa para mim. Um esconderijo. Um barracão, um porão, um buraco, alguma coisa, de preferência abandonado ou sem uso. Perto do Vel Vespala, o mais próximo do Marco da Íris Negra que você puder conseguir com

segurança. Conhece algum local?

– Eu... é... deixe-me pensar. – Nikoros esfregou os olhos e murmurou sozinho. – Há uma oficina de velas, fechada judicialmente, que ainda não tem um inquilino novo, a uns três quarteirões do Marco da Íris Negra. O que devo fazer com o lugar?

– Só me arranje o lugar e eu faço o serviço. Vou repetir o que já fiz na Taverna do Inimigo, enfumaçar com alquimia inofensiva, só que dessa vez a coisa vai durar horas e vai acertá-los no pior momento possível. Vou decidir quando, mas preciso de meu óleo de fogo e dos pós armazenados por perto. Essa oficina de velas parece perfeita.

– Como quiser, claro.

– E, Nikoros, isso é segredo do tipo mais profundo, mais escuro. Não faça nenhuma anotação nem minutas sobre isso. Mantenha entre você, eu e os deuses. Absolutamente ninguém mais pode saber. Entendido?

– Perfeitamente, mestre Lazari.

– Ótimo. Agora vá cuidar de suas outras coisas e mande Dexa falar comigo.

– Mestre Lazari – disse ela, balançando o charuto para ele. – O senhor parece ocupado. Não posso afirmar que desaprovo. Por que desejava me ver?

– O que vamos discutir deve permanecer absolutamente confidencial – sussurrou Locke, inclinando-se tão perto que ficou imerso nas nuvens de fumaça. – Você conhece a Isas Mellia melhor do que ninguém. Preciso que me encontre um barracão, um porão, um esconderijo de qualquer tipo onde eu possa armazenar uma quantidade de...

9

UMA HORA ANTES DA MEIA-NOITE, a chuva caía como cordas de

harpa contra a escuridão. Um homem magro e um homem corpulento estavam abaixo de uma lanterna apagada nos limites do Mara Kartani. Observavam a mansão de Perspicácia Lovaris e tremiam embaixo das capas impermeáveis.

– Ali está ela – disse Locke.

Uma forma escura e pesada, sensatamente vestida como eles, emergiu de uma porta de serviço e se afastou deles, indo para o norte, na direção das ruas da cidade.

– E se for uma armadilha? – perguntou Jean.

– Eu tomei precauções. – Locke se ajoelhou para colocar nos ombros um leve caixote de madeira. Jean pegou outro. – Deve haver uma carruagem com uma luz alquímica verde logo ao norte da mansão. Dois dos nossos cocheiros e dois dos nossos guardas estão vigiando para o caso de haver encrenca. Se chegarmos correndo, eles vão nos pegar e trazer para casa.

– Bem pensado. Presumindo que possamos correr. Espero que esta seja a última idiotice arriscada em que mergulhamos antes do fim desta confusão. Não sei se podemos ficar muito menos cautelosos do que agora.

– Que o Guardiã Torto nos abençoe por mantê-Lo entretido. Vamos. Que tipo de invasores de residência seríamos se não mantivéssemos o compromisso?

10

MAIS DUAS NOITES SE PASSARAM e o tempo melhorou. O céu levou a chuva embora, e o vento fraco e rápido do Amatel parecia um beijo de seda fria. O luar leitoso se derramava pelo Vel Vespala enquanto Jean Tannen se aproximava calmamente do Marco da Íris Negra, sem se preocupar em se esconder.

Os guardas do saguão, que não estavam desejosos de novas concussões, mantiveram as portas abertas para ele. Em seguida,

surgiu Vordrata.

– Um de nós deve estar sonhando – disse ele, fazendo Jean parar depois de três passos no saguão. – Tenho certeza de que estou bem acordado, por isso sugiro que você leve esse rabo sonâmbulo para algum lugar onde não se incomodem com o seu cheiro.

– Estou aqui como embaixador. Para tratar de um assunto pessoal da Sra. Gallante. Claro que não marquei hora, mas ela vai me receber mesmo assim.

– Vou lhe dizer uma coisa: você está livre para se ajoelhar e beijar uma das minhas botas, caso em que eu posso pensar em apresentar sua petição.

– Amigo Vordrata – falou Jean com um sorriso. – Na função de mordomo de Verena e de escroto sem graça, você merece parabéns. Na função de qualquer tipo de oposição significativa aos meus punhos, você seria um trabalho fácil, de meio segundo.

– Você é um desgraçado cruel, Callas.

– E você ainda está usando calções lamentavelmente justos. – Jean fingiu um bocejo. – Vou pegar os mesmos dois reféns que meu colega pegou. Convido-o a ponderar sobre a diferença de tamanho entre nós e a força proporcional do aperto.

Vordrata levou Jean à sala de jantar, agora conhecida, alertou que a espera poderia ser grande e bateu a porta depois de sair.

O tempo passou e Jean andou de um lado para outro em silêncio, alerta para qualquer encrenca. Avaliou que teria se passado um quarto de hora antes que a porta se abrisse de novo e Sabeta entrasse.

Ela estava vestida quase totalmente de preto, túnica e calções pretos sob um casaco preto e pesado com botões e acabamentos em prata. O cabelo estava solto e bagunçado pelo vento, a echarpe branca pendendo em dobras em volta do pescoço, as botas cobertas de lama recente.

Não pela primeira vez, Jean teve uma estranha sensação de deslocamento à medida que suas lembranças de Sabeta se emaranhavam com a mulher diante de seus olhos. Era como encarar um fantasma invertido, uma realidade que, de algum modo, era menos tangível do que as lembranças de cinco anos atrás. Ele vivera esses cinco anos gradualmente, mas, para seus olhos, Sabeta os recebera todos ao mesmo tempo. Ao examinar as novas linhas que o tempo havia desenhado, Jean sentiu o leve puxão de seus próprios anos, como um peso no coração. Até que ponto ele parecia mais velho para ela?

Respirou fundo, banindo o pensamento soturno. Apesar de ficar frequentemente perplexo com as ideias filosóficas que faziam uso livre de seu coração e sua cabeça, longas horas de aprendizado com armas também tinham lhe ensinado o truque de empurrar essas ideias para longe, entocando-as para serem contempladas assim que ele tivesse sobrevivido às responsabilidades imediatas.

Sabeta se encostou na porta, fechando-a, e cruzou os braços.

– Se isso continuar, Vordrata pode se tornar o primeiro homem na história do mundo que se transformou em eunuco por motivos de defesa pessoal.

– Para ser justo, não posso imaginar que ele tenha achado muita utilidade para aquelas porcarias definhadas.

– Ele é um dedicado pai de sete filhos.

– Você está brincando!

– Fiquei tão surpresa quanto você. Parece que ele é igualmente dedicado aos filhos e à carreira de escroto profissional. Por favor, não o machuque de novo.

– Juro pelo Guardião Torto. – Jean pegou um envelope dentro do casaco. – Agora, quanto ao motivo da minha vinda, isto... Bom, não quero falar por ele. Mas você deveria saber que ele demorou algumas noites para terminar. Muito sono perdido e muitos recomeços.

– Como era no início, acho. – Sabeta pegou o envelope com a mão que tremia apenas o suficiente para Jean notar, depois enfiou-o no casaco. – E... é isso, então?

Se a pergunta soasse cansada, Jean a teria recebido como uma dispensa, mas Sabeta parecia pensativa, quase magoada. Ele pigarreou.

– Diplomacia e curiosidade nem sempre se misturam.

– Não somos estranhos, Jean.

Jean tirou os ópticos e limpou-os com exagero numa manga do casaco enquanto pensava no que diria.

– Tudo o que eu consigo ver são duas pessoas de quem eu gosto divididas e governadas pelas palavras de uma estranha. Aquela bobagem dita por Paciência! Desculpe, não vim dar sermão. Mas certamente você pode...

– Você entregou a carta. Agora está se intrometendo nos negócios dele. Será que Jean pelo menos está aqui agora? Com Jean eu poderia falar, mas o... embaixador de Locke à minha corte está dispensado e a porta está aberta.

– De novo, desculpe. – Jean percebeu que a situação física dos dois tinha a aparência de um impasse; enquanto ambos permanecessem de pé, a informalidade e o relaxamento teriam dificuldade para surgir. Acomodou-se numa cadeira. – Você sabe que eu me preocupo com ele. Eu me preocupo com vocês dois. E lamento não ter feito... é... exatamente uma visita social desde que retornamos. Quando você nos convidou para vir aqui pela primeira vez, eu fui um tanto frio.

– Estava preocupado.

– É gentileza sua sugerir isso.

– E então eu joguei vinte mercenários na sua cabeça e mandei você para o mar. – Sabeta sentou-se e cruzou as pernas. – Isso não poderia ajudar. Espero que não pense que fiquei satisfeita porque você quebrou o nariz.

– Você nos deu um navio confortável. Abandoná-lo no meio da noite foi decisão nossa. Na ocasião, eu estava chateado, mas sei que eram apenas negócios.

– Talvez tenha havido um pouco demais de “apenas negócios”. – Sabeta ficou mexendo distraidamente nas luvas. – Eu guardei suas machadinhas como uma espécie de garantia, depois como uma espécie de piada, e as entreguei a Locke como se você fosse algum tipo de... empregado. Eu não queria dar essa impressão.

– Deuses, Sabeta, não sou feito de porcelana! Olha, nós não... Nós não fomos *maus* amigos, apenas amigos ausentes, separados por muito tempo. E, se é possível haver circunstâncias mais difíceis para um reencontro, eu comerei minhas botas. Frias. Com mostarda.

– Quem está sendo gentil agora? Senti saudade de você. Pessoal e profissionalmente.

– Eu senti saudade de você. Dos gumes afiados e tudo o mais. A vida sempre foi melhor com você por perto. Todo mundo em volta de você capta sua luz. Nós estamos fazendo isso agora, mesmo do outro lado da cidade, trabalhando contra você. Eu não o vejo assim desde... bom, há muito tempo. Doido de preocupação e totalmente empolgado.

– A conversa volta outra vez para nosso amigo mútuo.

– É. Quero dizer... Olhe, deixe-me dizer isso, por favor. – Jean respirou fundo e foi em frente antes que ela pudesse interromper: – Ele e eu tivemos um desentendimento perigoso em Tal Verrar. Nós dois olhamos a mesma coisa e fizemos suposições ruins que nos levaram em direções opostas. Tivemos sorte, mas as suposições ruins... são uma possibilidade da qual devemos ter consciência, sabe?

– Jean. – Ela soava hesitante, e cada palavra saiu quebradiça e frágil: – Você deve confiar... Eu pareço à vontade? Pareço totalmente eu mesma? Você deve confiar que eu tenho motivos, motivos *urgentes* para meu comportamento, e que eles são tanto por minha

causa quanto por ele...

– Pare. – Jean levantou as mãos, aplacando-a. – Sabeta, por mais que eu ache que você está sendo idiota, você tem o direito ao seu próprio juízo. Não gosto desse juízo, mas vou respeitar seu direito até a minha sepultura. Já falei o que queria.

– Obrigada. – Seu sorriso o aqueceu como uma fogueira. – Parece que você e eu ficamos mais diplomáticos desde que nos separamos.

– Nós fizemos uma segunda carreira encontrando desculpas para não assassinar um ao outro. Isso teve um efeito salutar nos nossos modos. – Jean se levantou de novo e estendeu a mão. – Irmã Vigarista, eu gostaria de ficar mais tempo com você e tornar meu trabalho muito mais fácil, porém imagino que estejamos sendo vigiados. Não podemos nos dar ao luxo de testar a paciência dos nossos patrões.

– Irmão Vigarista. – Ela segurou sua mão e apertou-a. – Eu gostaria de não ter que concordar. Obrigada por falar comigo.

– Espero que façamos isso de novo.

– Um dia de cada vez – disse ela baixinho. – Até descobirmos o que nos espera no fim disso tudo. Mas esperança é uma boa palavra. Espero que você esteja certo. Com relação a tudo.

– Há algum recado que eu possa levar de volta?

– Não. O que quer que haja para ser dito, eu mesma direi, na hora certa.

Os dois se abraçaram e Jean tirou-a do chão. Sabeta gargalhou e ele deu um giro completo, pousando-a elegantemente em cima de uma mesa, concluindo com uma reverência.

– Devolvo a madame ao pedestal onde ela costuma residir.

– Seu moleque metido! E eu que estava quase sentindo pena porque vou foder com você completamente na eleição!

– Tsc. O que quer que você sinta, não é nem um pouco de pena – replicou Jean, acenando ao sair. – Como você disse... não somos

estranhos.

11

A SALA, TÃO CALOROSAMENTE ILUMINADA, tão convidativamente decorada, pareceu fria depois que Jean saiu e a porta se fechou. Era estranho como as cadeiras vazias e as mesas sem uso se combinaram de súbito para dar ao lugar a atmosfera de um templo vazio. Sabeta jamais se sentira tão isolada ali dentro.

Saltou da mesa e pousou com suavidade nas pontas dos pés, a echarpe e o casaco farfalhando. O envelope estava fora do bolso antes que ela percebesse, as mãos se movendo mais depressa do que os pensamentos que em geral as governavam.

– Claro que não estou sozinha – disse ela. – Você está aqui.

A sala estava silenciosa. A agitação dos negócios do Íris Negra podia ser ouvida fracamente através da porta.

– Sou uma mulher adulta tendo uma conversa com um envelope – murmurou vários segundos depois.

Ele estava ali como fumaça, como um fantasma na sala, como um cheiro em sua roupa. Fazia tanto tempo que ela se esquecera do perfume verdadeiro; só se lembrava de tê-lo carregado. Lembrava-se de querê-lo, depois de não querê-lo, depois de querê-lo de novo, mesmo contra a vontade.

Havia dois Lockes, pensou, virando o envelope para trás e para a frente nas mãos. Dois Lockes verdadeiros sob todos os rostos que ele usava no decorrer de seus golpes. Um deles fazia-a sentir uma dor tão doce e aguda em seu coração que ela mal conseguia acreditar que uma Sabeta mais jovem e mais afável tinha lacrado aquele sentimento e conseguido ir embora. Aquele homem violava todos os padrões da lei e dos costumes e desafiava o mundo a amaldiçoá-lo por isso.

O outro Locke... era totalmente amarrado a esses padrões, era

prisioneiro absoluto deles. Ele faria *assim* porque era *assim* que sempre fora em Camorr, ou como sempre fora para um *garrista*, ou para um sacerdote, ou uma Pessoa Certa, ou um Nobre Vigarista. Os motivos eram intermináveis e Locke se agarrava a eles malignamente, impensadamente, e nesse processo embolava todo mundo que estivesse ao redor.

Até seus olhos pareciam diferentes quando ele era esse segundo homem. E isso era um problema.

Se havia dois, será que não poderia haver três? Padrões por trás de padrões, segredos por trás de segredos, novos fios nos quais dançar, que levavam de volta até os Magos-Servidores de Kartane. Outro Locke, desconhecido até dele próprio. O que iria ser feito dos Lockes que ela conhecia se aquele estranho dentro deles fosse real? Se ele acordasse?

– Qual de vocês escreveu isto?

Sabeta cheirou o envelope e o perfume não lhe disse nada.

De repente, tudo na sala estava subitamente errado. Não queria estar ali naquela cidadela silenciosa, naquele coração organizado de seu poder temporário. O negócio entre ela e Locke era negócio de ladrões; ela precisava da liberdade de um ladrão para encará-lo. E o teto mais confortável de um ladrão é o céu noturno.

Enfiou um globo alquímico no bolso do casaco e tirou as botas, espalhando flocos de lama seca no chão. Descalça, foi até uma das altas janelas e entreabriu-a.

Sabeta havia ajustado o mecanismo da tranca e ensaiado muitas vezes o processo de sair; tinha mapeado mentalmente quatro rotas distintas para subir e descer ao telhado do Marco da Íris Negra. As pedras embaixo dos pés estavam frias, mas ainda não insuportavelmente frias.

Subiu, a brisa noturna agitando o cabelo, o luar suave mostrando todos os caminhos possíveis. O mundo das ruas, becos, cavalos e lâmpadas recuou abaixo, e ela sorriu. Tinha 15 anos de novo, 10

anos de novo, pendurada em pedras antigas, tendo nada além da habilidade entre ela e a queda.

Estava no telhado, silenciosa como a sombra de um pardal, o coração martelando não de esforço, mas com a empolgação da competência fácil e o mistério ansioso do envelope.

Sua sentinela do telhado, agachada à sombra de uma chaminé alta, quase teve um ataque quando Sabeta pousou a mão de leve em seu ombro.

– Vá descansar – sussurrou ela, esforçando-se para manter o sorriso longe do tom de voz. – Vá tomar um café e espere lá embaixo até que eu vá chamá-lo.

– C-como quiser, Sra. Gallante.

Ele se manteve toleravelmente silencioso enquanto se afastava. Nem de longe era um camorri sorrateiro, mas estava disposto a se esforçar.

Sabeta acomodou-se no lugar dele, tirou a luz alquímica do bolso e virou o envelope repetidamente entre os dedos.

– Ande logo – disse ela, sabendo que era teatro vazio para uma plateia de um só. – Ande logo.

Minutos se passaram. Sombras prateadas de nuvens moviam-se e se fundiam nos telhados escuros. Por fim, as mãos tomaram de novo a iniciativa do coração e da mente. O lacre foi partido antes que ela soubesse e a carta escorregou para fora. A letra era tão familiar quanto a sua própria. De repente, seus dentes estavam batendo.

– Maldição, mulher, se você é vulnerável a ele é porque se permitiu ser vulnerável. Ande logo.

Querida Sabeta,

Instruí J. a colocar isso diretamente nas suas mãos, logo tive a presunção de escrever seu nome, egoistamente. Quero

dizê-lo em voz alta, de novo e de novo, porém, mesmo sozinho neste quarto pequeno, tenho medo de parecer lunático, tenho medo de que, de algum modo, você possa sentir eu me fazendo de idiota. Tendo-o escrito, pelo menos posso olhá-lo por quanto tempo quiser. Ele fica afastando minha atenção. Como qualquer outra palavra que eu escreva poderia competir com ele? Esta noite vai ser longa.

Acho que tem a ver com o rumo peculiar do nosso namoro o fato de que boa parte do modo de cortejar assumo a forma de pedidos de desculpas. Gosto de pensar que tenho algum talento para eles; os deuses sabem que tive muitas oportunidades e motivos para treinar.

Sabeta, desculpe. Coloquei sob uma lente de aumento a lembrança de tudo o que foi feito e dito desde que cheguei a Kartane, e agora percebo que, quando voltei depois de escapar das férias que você arranhou, disse algumas coisas que não tinha o direito de dizer. Ofendi-me com seu ardil. Confundi negócios com questões pessoais e empilhei a hipocrisia numa altura suficiente para raspar o teto. Por isso, e não pela primeira vez, estou profundamente envergonhado. Eu estava errado em ter um chique daqueles.

Sabeta sugou o ar frio com um longo ofegar, percebendo, de repente, que estivera prendendo o fôlego. O que havia esperado? Sem dúvida não aquilo.

Um dia, você vai se lembrar, eu lhe disse que confiava absolutamente em você como minha irmã de juramento, minha amiga e minha amante. A confiança absoluta é algo que só pode ser dado sem condições nem reservas, algo que só pode ser rescindido se não tivesse tido significado, para começo de conversa.

Eu não a rescindo. Não posso rescindi-la.

Você me enganou de modo justo, usando algo que eu lhe dei livremente. Sou louco por você não apenas por instinto, mas também por opção. Agora peço desculpas, não para implorar simpatia, mas porque é uma obrigação de simples verdade e afeto que lhe devo antes de ter o direito de dizer qualquer coisa a mais.

Ponderei por tanto tempo e tão furiosamente sobre as afirmações de Paciência acerca do meu passado que fiquei doente com essa questão. Apesar de rezar desesperadamente pela veracidade definitiva do ceticismo de J., devo admitir que não tenho explicação que me pareça convincente. Existem sombras no meu passado que minha memória não consegue iluminar e, se você acha isso perturbador, imploro que acredite que não a culpo. A história de Paciência causou um choque enorme em nós dois e ainda é um mistério o modo como eu deveria enfrentar isso.

O modo como você enfrenta isso, devo deixar e deixarei por sua conta, não por desespero ou resignação, mas em deferência à minha consciência, aquele relógio quebrado que acredito estar agora soando uma das suas ocasionais horas certas. Não vou questionar seus motivos. Basta que você me fale que deseja manter essa distância entre nós, e isso sempre bastará. Saiba que uma única palavra vai me levar correndo, mas, a não ser que você queira dizê-la, não esperarei nada, não forcerei nada e não farei nada contrário aos seus desejos.

Desejo-a com a mesma profundidade de sempre, mas sei que o fervor é irrelevante para a justiça de um desejo. Quero seu coração por mérito, em confiança mútua, ou não quero nada, porque não suporto vê-la inquieta por mim. Fracassei e desapontei você com frequência. Nem por todo o mundo eu faria isso de novo, e deixo por sua conta dizer como devo agir,

*se e quando você puder, se e quando você quiser.
Voluntária e fielmente seu,
Locke Lamora*

Sabeta virou a carta, sentindo-se ridícula, procurando mais alguma anotação ou marca de sentimento. Era só isso; sem pedidos, sem explicações, sem exigências nem sugestões. Agora tudo dependia dela, e isso, mais do que qualquer coisa, provocou uma pressão fria em seu peito e deixou-a trêmula.

Locke havia fracassado com ela? Sabeta supunha que isso era verdade, ainda que fosse uma constatação pouco generosa. O processo natural de crescer era tropeçar de fracasso em fracasso, e todos os Nobres Vigaristas tinham sido prodígios de sobrevivência, e não de sensibilidade. Mas desapontá-la? O problema do sacana magricelo e de olhos brilhantes era que ele vivia se recusando a fazer isso.

Essa carta era obra do Locke melhor, do Locke que aprendia e dava, do homem que a *ouvia*. Ouvia... Que ação banal! Mas ela fora uma mulher do mundo por tempo suficiente para aprender como era uma atitude rara e desejável. Era divertido usar homens como peças de Pegue o Duque, mas os otários escutavam com um ouvido atento à chance principal, para satisfazer seus próprios desejos. Depois dos anos nos Tutanos e daquela temporada em meio aos "ajustados", pelos deuses, a companhia de Locke era mais viciante do que nunca – um homem orgulhoso, imprevisível e que se ajustava aos desejos de Sabeta por amor e amizade, e não pelo subterfúgio dela.

Os cantos de sua visão ficaram nublados. Ela esfregou as lágrimas nascentes com os dedos, não com suavidade, e fungou, com desdém. Maldita confusão idiota! Seu coração estava aberto de novo feito uma ferida antiga, mas o que viria depois? O que os Magos-Servidores pretendiam que *acontecesse* com aquele homem que ela amava?

Será que estava sendo egoísta ou sensata ao mantê-lo afastado, abrigando-se contra o pior que poderia vir, e logo?

– Guardião Torto – sussurrou –, se sua irmã Preva tem alguma revelação significativa que não esteja usando no momento, pode dizer a ela que estou disposta a ser movida?

Sabeta suspirou. Ser movida, certamente, mas não *mover-se*. Que a noite fosse dela por mais alguns minutos. Que os negócios do Íris Negra tiquetaqueassem como um mecanismo de relojoaria. Que os magos se sentassem em seus próprios polegares e girassem. Leu a carta de Locke outra vez, depois olhou para a cidade, com os pensamentos fervilhando.

Foi reconfortada pela tapeçaria de telhados, luar, sombras e fumaça de chaminés, mas também não tinha respostas para dar.

12

APÓS DUAS NOITES, LOCKE E JEAN estavam sentados juntos na galeria do Raízes Profundas na estalagem do Josten, jantando aves-na-cama: grandes bocados de vários tipos de aves sobre colchões de massa folheada recheada com arroz temperado e alho-poró, cobertos com cebola e molho de creme azedo. Para ajudar a descer, tinham canecas de cerveja forte e pilhas das anotações e dos relatórios usuais, que discutiam entre mordidas.

Faltava menos de uma semana e a situação estava espiralando totalmente fora de controle. Escritórios eram vandalizados dos dois lados, funcionários dos partidos eram assediados ou presos por policiais sob pretextos risíveis, arautos e distribuidores de panfletos tinham brigas ruidosas nas ruas. Locke despachara uma equipe de funcionários vestidos de preto para distribuir tortas de melão comemorativas do Íris Negra em várias praças de mercado. O laxante alquímico misturado era de ação lenta, mas bastante forte, e muitas pessoas que haviam recebido o presente tinham exprimido

publicamente a falta de apreciação pela bondade do Íris Negra.

Apesar disso, as chances permaneciam de onze a oito a favor do Íris Negra. Por mais que Locke tivesse gostado de alterar isso ao máximo pregando peças infantis, não restava ninguém na cidade disposto a aceitar doces de um estranho.

– Ah, senhores, senhores! – Nikoros apareceu, ainda com o aspecto de um recém-chegado de uma semana insone na estrada. – Eu tenho... Lamento muito me intrometer no seu jantar, mas tenho notícias desafortunadas.

– Para tudo há uma primeira vez – disse Locke em tom tranquilo. – Ande, choque-nos.

– É a... a oficina de velas, mestre Lazari. A que o senhor pediu que eu conseguisse... no Vel Vespala, onde o senhor e mestre Callas guardaram os... ah... os senhores sabem, os itens alquímicos. Há duas horas, estivadores com uniforme do Íris Negra entraram no lugar e o limpavam totalmente. Carregaram tudo para longe, em carretas, para um local que eu ainda não descobri.

O garfo de Locke parou a meio caminho dos lábios. Ele encarou Nikoros por um segundo, depois compartilhou um olhar breve e significativo com Jean.

– Ah, maldição – praguejou por fim, e deu uma mordida no seu frango. – Mmmm. Maldição. É uma perda bastante cara. E lá se vai um belo truque brotado diretamente da minha manga.

– Lamento sinceramente, mestre Lazari.

– Bah. Não é culpa sua – retrucou Locke, imaginando o que havia feito Nikoros, logo ele, o subserviente cachorrinho ansioso, virar a casaca.

Teria algo a ver com a falta do Akkadris? Algum fracasso na feitiçaria dos Magos-Servidores? O pobre e velho Falcoeiro, sem língua, sem dedos e em coma, era uma espécie de argumento contra a infalibilidade deles.

– Mesmo assim – continuou Locke –, ultimamente a oposição

parece ter uma percepção incrível de onde estamos escondendo nossos bons brinquedinhos. Quero que você nos consiga um barco.

– Ah, um barco, mestre Lazari?

– É. Algo respeitável. Uma barca, talvez, um pequeno iate de lazer, se algum membro do partido tiver disponível.

– É muito... é... provável. Posso perguntar com que objetivo?

– Nós pegamos uma coisa de um dos membros do Konseil do Íris Negra – respondeu Jean. – Heranças familiares de valor significativo... sentimental. Vamos devolvê-las depois que ele tiver feito um favor a nós.

– E precisamos que os itens em questão estejam absolutamente seguros até a noite seguinte à eleição – completou Locke. – Não sei bem se posso confiar nos nossos esconderijos atuais, portanto vamos colocá-los na água, em algo que possa se mover.

– Vou trabalhar nisso imediatamente – garantiu Nikoros.

– Muito bem. – Locke espetou mais um pedaço de frango. – Tripulação mínima, gente de confiança. Eles não precisarão saber o que o barco está carregando. Mestre Callas e eu vamos carregar os itens pessoalmente.

Nikoros se afastou correndo.

– Eu não esperava que fosse ele – sussurrou Jean.

– Nem eu. E estou bastante curioso para saber como ela fez isso. Mas pelo menos sabemos. E agora colocamos as esperanças no barco.

– Ao barco – disse Jean.

Ergueram as canecas de cerveja e beberam.

13

ERA A NOITE ANTERIOR À eleição. Locke estava encostado numa parede acima da margem mais ao norte da Plaza Gandolo, olhando além da água do rio que ondulava suavemente e das luzes das

lanternas passando sobre ela como uma centena de borrões de cor na tela de um artista bêbado.

À esquerda, erguia-se a Abóbada Celeste, a ponte suspensa que oscilava e cantava, com as quatro torres de ancoragem que tinham sacadas e portas fechadas no topo. De onde estava, dezenas de metros abaixo, Locke não podia ver as portas, mas ele ouvira Josten descrevê-las menos de uma hora antes.

Segundo o estalajadeiro, as portas eram tão impenetráveis para as artes humanas quanto a maioria dos legados dos Ancestres, mas uma equipe de Eruditos e trabalhadores erguera um andaime e tentara examiná-las de perto.

– Há 150 anos, talvez. Oito pessoas subiram – murmurara Josten depois de olhar o balcão ao redor. – Seis desceram. Nenhum corpo jamais foi encontrado e nenhum sobrevivente jamais pôde dizer o que aconteceu. Durante o resto da vida, tiveram sonhos. *Pesadelos*. Não falavam deles também, a não ser uma mulher. Ela confessou a um sacerdote de Sendovani antes de morrer. Jovem, como todos os outros. Dizem que os magos e o Konseil suprimiram tudo o que aquele sacerdote escreveu. Ainda bem que o Vidrantigo não precisa de manutenção, meu amigo, porque desde então ninguém em Kartane escalou a Abóbada Celeste.

– Tremendamente encantador – comentou Locke, olhando as elegantes silhuetas escuras que bloqueavam estrelas e nuvens.

Deuses, ele estava recitando histórias de terror para si mesmo. Não era um comportamento nem um pouco tranquilo e contido. Precisava se acalmar, e não havia pensado em trazer um barrilete de vinho forte.

Passos raspam nas pedras atrás e ele girou, nem tranquilo nem contido.

Sabeta estava sozinha. Usava uma jaqueta vermelho-escura sobre uma saia cor de chocolate e o cabelo estava preso por varetas laqueadas.

– Parece que você andou ouvindo as histórias sobre essa ponte.

– Meu... ah... taverneiro. Quando recebi seu bilhete, perguntei se ele sabia alguma coisa sobre o lugar que você escolheu.

– Parece que não é um canto popular do distrito. – Ela sorriu e chegou mais perto. – Achei que seria bom termos um pouco de privacidade.

– Os detritos assombrados dos Ancestres não costumam garantir isso. Mulher astuta! Eu poderia ter pensado em algo como um aposento particular num belo estabelecimento de refeições, mas acho que sou lamentavelmente convencional. – Uma carruagem passou chacoalhando e adentrou a ponte cheia de rangidos. – O que você tem em mente?

– Gostei da sua carta. – Ela deslizou mais para perto com aquele passo de dançarina, aparentemente sem esforço, fazendo parecer que uma brisa a movera. – E não quero dizer isso apenas como um tipo de reconhecimento educado; eu *apreciei* o que você disse e como você disse. Estou começando a achar que posso ter sido... apressada no modo como tratei você. Quando chegou em Kartane.

– Bom, ah, ainda que me drogar e me colocar num navio tenha sido uma espécie de deslize pessoal, acho que podemos concordar que foi uma abordagem válida, segundo uma perspectiva profissional.

– Admiro essa equanimidade. – Agora ela estava ao alcance dos seus braços e pôs as mãos em volta da cintura dele. Locke poderia ter se defendido se quisesse. – Não estou... incomodada com você, sabe. Não é você, é...

– Eu sei. Acredite, eu entendo. Você não precisa...

Sabeta pousou a mão direita na nuca dele e puxou-o tão perto que não havia espaço para uma faca passar entre os dois. Em seguida, veio um beijo que baniu o mundo para um ruído de fundo distante e pareceu durar um mês.

– Bom, *isso* você pode fazer – sussurrou Locke depois. – Se

achar que precisa. Eu vou... ah... me conter, relutante, para não impedi-la.

– É quase meia-noite – disse Sabeta, passando os dedos pelo cabelo dele. – Não resta muito agora, a não ser votar e contar os votos. Você estava planejando comparecer ao último grande show no Kartenium?

– Não posso perder. São mãos demais para apertar. E você?

– Há galerias particulares acima do grande salão. Depois de dar tapinhas na cabeça de todos os seus filhos, por que você e Jean não se juntam a mim para assistir à contagem dos votos? Pergunte pela Câmara Negra.

– Câmara Negra. Certo. E, ah, agora você parece estar com aquela cara de “há algo divertido que não estou contando ao Locke”.

– Por acaso eu ouvi a coisa mais *fascinante*. – Sabeta segurou a mão dele e o levou ao muro da margem. – Um dos meus membros do Konseil reclamou, em particular, que alguém tinha invadido a mansão dele e, se você pode acreditar, roubou os relicários de sua capela ancestral.

– Algumas pessoas deviam aprender a trancar as portas à noite.

– Eu me peguei pensando no objetivo de uma aquisição tão pouco ortodoxa. Concluí que, muito provavelmente, seria uma tentativa de exercer algum tipo de controle sobre um homem para quem o roubo de badulaques menos pessoais não teria significado verdadeiro.

– Fico triste em saber que suas especulações assumiram um caráter tão cínico.

– Os conselheiros de Kartane não deveriam se preocupar com a influência externa na véspera da eleição. Não concorda? Eu me senti compelida a fazer uma investigação e dar instruções à polícia. Apenas como questão de dever cívico rotineiro, claro.

– Todo mundo sabe que sua profunda ligação com a saúde cívica de Kartane remonta a um bom número de minutos.

– Aí está! Praticamente na hora. – Sabeta apontou para a água, onde uma barca de lazer, com dossel, emergiu de debaixo da Abóbada Celeste. Uma lancha policial comprida e preta estava presa na lateral da embarcação, e casacas-azuis com lanternas e porretes a invadiam. – Essa é a *Deleite Simples*. Pertence a um amigo dos seus conselheiros do Raízes Profundas, acho. Também acredito que as relíquias no porão retornarão às mãos do dono de direito antes que o sol nasça. Algum comentário em particular?

– Não posso confirmar nem negar que você é uma vaca ardilosa, muito ardilosa.

– Você é minha plateia predileta. – Sabeta se inclinou e beijou-o de novo, depois se afastou com um sorriso. – Câmara Negra, amanhã de tardinha. Mal posso esperar para vê-lo. E terei uma rota de fuga discreta preparada, pois acho que muitos apoiadores irados do Raízes Profundas vão procurar você assim que se encerrar a contagem dos votos.

I N T E R L Ú D I O

Máscaras mortuárias

1

O PRÓXIMO SOM NA SALA foi de Jumento tentando se jogar contra a porta, mas ele foi apanhado e puxado de volta por Alondo e os Sanzas.

– Seu desgraçado, seu cavaliço com cérebro de tijolo – rosnou Jasmer. – Se o resto de nós tem que sofrer com essa farsa, você

também tem!

– Qual é o nome do mercenário do Boulidazi? – perguntou Locke.

– Nerissa Malloria. Era tenente da guarda da condessa. Agora é uma espécie de mercenária. Dura como madeira-bruxa e fria como a xota de Aza Guilla.

– Para onde ela pretende levar o dinheiro depois da peça?

– Como, diabos, eu vou saber, garoto? – Jasmer passou as mãos lentamente pela barba crescida. – O lorde podia estar me fodendo, mas não era o tipo de caso em que nós tínhamos uma conversa de travesseiro depois, entende?

– Aposto minha vida que ele mandaria que ela levasse o dinheiro à sua casa de contabilidade – interveio Jenora. – Fica no Pátio das Garças; não é longe da mansão dele.

– Não há como tirá-lo de lá – observou Sabeta. – Terei que fazer outro bilhete com a letra do Boulidazi e mandá-la para um local mais privativo.

– Ainda assim, ela vai querer entregar o dinheiro a *e/e!* – gritou Moncraïne. – E vai esperar ter um recibo assinado e que ele tenha PULSAÇÃO quando assinar!

– Bom, agora ela não está trabalhando para a condessa – retrucou Sabeta. – Não é agente da lei. É contratada por Boulidazi e vai ceder às excentricidades dele. Só precisamos imaginar algo que a faça deixar o dinheiro e ir embora satisfeita.

– Bom, Amadine, Rainha das Sombras, o que você sugere? – Jasmer balançou as mãos em elaborados gestos místicos. – Magia? É uma pena, mas eu sou feiticeiro só no palco.

– Chega! – berrou Locke. – A areia está escorrendo para o fundo da nossa ampulheta, sem brincadeira. Deixe os detalhes do dinheiro conosco, Jasmer. Esta companhia precisa ir para o Pérola em boa ordem e todos vocês têm que agir como se a peça fosse a única preocupação no mundo. Corações firmes e rostos corajosos! Para fora!

A Companhia Moncraïne-Boulidazi saiu da sala arrastando os pés num estado misto de choque, ressaca e decisão séria. Os Sanzas foram atrás; tinha sido sugestão de Sabeta que, depois da reunião, eles vigiassem explicitamente, deixando o mínimo de chances para alguém escapar.

– Alguma ideia com relação a separar essa tal de Malloria do dinheiro? – sussurrou Sabeta.

– Tenho uma – respondeu Locke. – Mas talvez você não goste. Precisamos que você represente a vagabunda risonha de novo.

– Prefiro fazer isso a ser enforcada!

– Então temos que descobrir qual é a melhor casa de banhos da cidade e garantir que o barão Boulidazi tenha uma reserva lá para depois da peça. – Locke esfregou os olhos e suspirou. – E, por favor, lembre que eu avisei: acho que isso vai dar certo, mas não lhe deixará com mais do que uma migalha de dignidade.

2

– DEMOISELLE GALLANTE, NÃO ENTENDO! – Brego parecia desconfortável usando roupas mais finas do que o usual, e fez um gesto com os punhos fechados enquanto falava. – Aonde, diabos, ele foi? Por que ele simplesmente...

– Brego, por favor – interrompeu Sabeta. – Sei onde o seu lorde vai estar *mais tarde*. Quanto ao momento presente, você sabe tanto quanto eu! Os bilhetes dele não lhe deram instruções?

– Deram, claro que deram, mas estou inquieto! Sou encarregado da segurança pessoal de milorde e gostaria de poder...

– Brego! – De repente, Sabeta estava fria e séria. – Você me surpreende. Se você tem orientações claras do barão Boulidazi, por que a dificuldade em segui-las?

– Eu... acho que não tenho... ah... dificuldade, *demoiselle*.

– Ótimo. O meu trabalho está me sobrecarregando. – Sabeta

beijou os dedos e encostou-os no rosto de Brego. – Seja bonzinho e cuide das suas coisas. Você vai ver logo o que o nosso lorde está aprontando.

A companhia havia deixado o pátio da estalagem Gloriano arrumado para o espetáculo. Três cavalos pretos tinham sido emprestados por Bouldazi, arreados com as cores de sua família, vermelho e prata. Sabeta montava no primeiro, de lado, e Chantal andava junto a ela, segurando as rédeas. Atrás, vinham Andrassus e Moncraine, atendidos respectivamente por Jumento e Alondo. Os atores a cavalo usavam seus figurinos e Alondo usava um manto com capuz e uma máscara de tecido que só deixava os olhos à mostra. Era uma coisa cruel no calor, mas não podia ser evitada.

A carroça, guiada por Jean e Jenora, também tinha sido enfeitada em vermelho e prata e estava com uma enorme pilha de adereços e figurinos. No fundo da pilha, enrolado e bem coberto com perfumes e sachês, estava o cadáver do patrono da companhia. Galdo andava atrás, fazendo malabarismo com bolas alquímicas quentes que soltavam fumaça vermelha, enquanto Locke e Bert guiavam a procissão balançando estandartes vermelhos.

Brego partiu para fazer suas tarefas no momento em que Calo, empoleirado habilmente na traseira da carroça, começava a gritar:

– Um convite a toda a população!
Ouçam a jubilosa convocação!
Hoje os deuses são bons à beça!
Larguem a labuta para ver uma peça!

Calo saltou para trás, deu uma cambalhota no ar e pousou de pé no chão, passando a fazer malabarismo com as bolas de fumaça, que Galdo lhe passou sem diminuir o ritmo. Em seguida, Galdo saltou no lugar de Calo e proclamou:

– FINALMENTE, caros amigos, FINALMENTE a companhia

Moncraïne-Boulidazi retorna em triunfo ao PÉROLA ANTIGA! Venham ver! Há um lugar para VOCÊS esta tarde! Não fiquem desolados! Não terminem o dia zombados por seus amigos e expulsos da cama da pessoa amada, acusados de serem simplórios! Ouçam o lendário Jasmer Moncraïne, O MAIOR ATOR! VIVO! DE ESPARA! Vejam a linda *demoiselle* Verena Gallante, QUE ROUBARÁ O CORAÇÃO DE TODOS! Observem a deliciosa Chantal Couza, a mulher que vai RESIDIR NOS SEUS SONHOS!

E continuaram assim, nesse tom, com apenas poucas variações, à medida que o préstito serpenteava pelas ruas úmidas de Espara. O sol chamejava atrás de brancas fortificações de nuvens que iam se esgarçando, prometendo uma fantástica luz vespertina para a peça, mas não muita misericórdia pelos que caminhariam no palco.

3

UMA OUSADA BANDEIRA VERDE ESPARANA flutuava no mastro ao lado do Pérola Antiga, e o teatro estava cercado por ruídos e tumulto. Alondo havia explicado a Locke, alguns dias antes, como uma peça importante atraía um mercado improvisado de palhaços, charlatães, lunáticos, menestréis e vendedores, mas só os que tinham feito acordos com a companhia e a ministra de cerimônias teriam permissão de ficar a menos de 10 metros das paredes do teatro.

– Você é mais inteligente do que a minha galinha? – gritou uma mulher velha, de cabelos revoltos, que segurava uma ave atarantada acima da cabeça. Aos seus pés, havia uma tábua coberta com números e símbolos arcanos. – Façam suas apostas! Testem sua inteligência contra uma ave treinada! Um cobrim por tentativa! Você é mais inteligente do que a minha galinha? Talvez você tenha uma surpresa!

Infelizmente, Locke não tinha tempo para pensar nisso. O préstito da companhia Moncraïne-Boulidazi precisava ir em frente.

Para além da mulher da galinha, moviam-se os esperados vendedores de cerveja com copos de madeira acorrentados em barris, os homens das fossas com pás e baldes, os malabaristas desajeitados e os talentosos. Havia harpistas, flautistas e tocadores de charamela e de tambor, todos usando faixas de pano na cabeça com pedaços de papel presos, mostrando que tinham pagado a taxa dos músicos de rua. Havia consertadores de panelas, sapateiros e alfaiates com as ferramentas arrumadas em panos ou mesas dobráveis.

– Sacrilégio! Sacrilégio! Invocadores de fantasmas e ladrões de sepultura! Que os deuses detenham suas vozes! Que os deuses mandem sua plateia para fora dos portões! – Um homem magro, de manto marrom, cujo rosto e braços tinham as reveladoras cicatrizes da autoflagelação, aproximou-se do préstito. – Salerius viveu! Aurine e Amadine viveram! Vocês agitam seus espíritos inquietos com essas representações profanas! Vocês zombam dos mortos, e os fantasmas deles invadirão Epara! Que os deuses...

O que quer que o homem desejava dos deuses se perdeu quando Bertrand o empurrou de volta para a multidão, a maior parte da qual parecia compartilhar a opinião de Bert sobre o denunciador. O homem não teve permissão de se levantar imediatamente e a companhia continuou passando.

Por fim, atrás de tudo, surgiu a cerca de madeira simples na marca dos 10 metros, patrulhada por guardas da cidade com porretes. Dentro desse limite, mercadores suficientemente prósperos para possuir barracas haviam ocupado lugares junto às paredes do Pérola Antiga. O portão público para o teatro era guardado por uma mulher séria, usando casaco acolchoado vermelho-sangue e chapéu de aba larga. Ela permanecia à sombra, a cabeça movendo-se constantemente para examinar a multidão, e usava porrete e adaga às claras, no cinto. O recolhimento de dinheiro era feito por um par de empregados corpulentos.

Locke viu Brego correndo na direção da mulher, com um pergaminho dobrado nas mãos. Locke suprimiu um sorriso. Seriam as ordens lacradas do "barão Bouldazi", que desviariam Malloria e seu peso de metal precioso da casa de contabilidade para a casa de banhos.

A companhia parou no lado norte do Pérola, onde a meia dúzia de atores contratados por Moncraine esperava embaixo de um toldo. Eles saltaram de pé, quase tropeçando uns nos outros na ânsia de serem vistos oferecendo ajuda com os figurinos e adereços. Enquanto Jean e Jenora lhes entregavam o material, mantendo-os cuidadosamente longe da carroça, uma mulher se aproximou a pé com um par de guardas às costas.

Era jovem, pesada, de olhos afiados, vestindo uma jaqueta creme e saia com acabamento em renda de prata. Véus para proteger do sol desciam de seu chapéu de quatro bicos e, para Locke, ela tinha o ar de alguém acostumado às multidões e às portas se abrindo à sua frente. Jasmer e Sylvanus confirmaram a suspeita de Locke apeando rapidamente dos cavalos e fazendo reverências; num instante, toda a companhia os imitou.

– Mestre Moncraine, levante-se – pediu a mulher. – É agradável vê-lo e à sua companhia empregados de novo, ainda que um tanto reduzida em número.

– Lady Ezrintaim, obrigado por sua consideração – disse Jasmer, empertigando-se mas adoçando as palavras com uma grossa camada de deferência. – Temos todas as esperanças de que nossa recente perda de atores extras se prove um refinamento.

– Veremos. Eu esperava que seu patrono viesse antes da companhia. Saberá dizer onde o barão Bouldazi pode ser encontrado?

– Ah, milady, lorde Bouldazi não confiou a mim seu paradeiro atual. Garanto que ele tem toda a intenção de estar presente, de alguma forma, esta tarde.

– De *alguma* forma?

– Milady, se é que posso... Eu não posso responder por ele. A não ser para lhe garantir, pela minha honra, que milorde está labutando, mesmo agora, para garantir que o dia de hoje não seja apenas memorável, mas também... ah... singular.

– Claro, vou assistir atentamente do meu camarote. Informe ao seu patrono que ele é esperado depois da apresentação, se não antes.

– C-claro, lady Ezrintaim.

Moncraïne fez outra reverência, mas a mulher já havia se virado e se afastado. Um dos seus guardas abriu um guarda-sol de seda e segurou-o acima dela. Moncraïne manteve a mesura durante mais meia dúzia de batimentos cardíacos, então se levantou, partiu para cima de Locke e agarrou-o pelo colarinho.

– Como você pode ver – Moncraïne falava direto no ouvido dele –, agora a ministra de cerimônias da condessa Antônia espera um comparecimento pessoal do muito, muito retardatário lorde Boulidazi, assim que tivermos feito os agradecimentos. O que você propõe fazer, enfiar a mão no cu dele e manipulá-lo como uma marionete?

– Você fingirá que é lorde Boulidazi.

– O quê?

– Estou de sacanagem! Por que você fica agindo como se isso fosse problema seu? A *peça* é problema seu. Deixe o resto conosco. E tire a mão de mim.

– Se eu acabar diante da forca por causa disso, vou garantir que levarei uma companhia alegre para a queda.

Moncraïne saiu pisando firme antes que Locke pudesse dizer qualquer coisa.

– Eu fico me perguntando... – sussurrou Sabeta, apertando o braço de Locke. – Será que nós somos mais inteligentes do que a galinha daquela mulher?

– No momento, esta é uma questão em aberto.

4

ATRÁS DO PALCO, HAVIA VÁRIOS corredores e pequenas salas, além de duas grandes áreas de preparação chamadas de câmaras de vestuário. Uma escada levava a um porão onde podiam ser usados guinchos para içar ou baixar atores através de alçapões. O ar cheirava a suor, fumaça, mofo e maquiagem.

As câmaras de vestuário zumbiam com conversas, a maioria entre atores contratados. Bert e Chantal pareciam sérios mas bem-dispostos, Alondo mantinha o braço em volta dos ombros de Jumento e Sylvanus aliviava uma garrafa de vinho do seu conteúdo. Os gêmeos se vestiam para o papel conjunto de Coro: um de vermelho, com gorro ornamentado em dourado para representar a corte imperial; o outro de preto, o gorro com acabamento em prata para representar a corte dos ladrões. Jean e Jenora penduravam mantos brancos e máscaras de espectros em ganchos na parede, para serem apanhados e postos rapidamente pela parte significativa do elenco que não escaparia viva da peça.

Brego e dois empregados vieram pegar os cavalos e as flâmulas de Boulidazi. Assim que eles saíram, Jean se postou na porta dos fundos. Ficaria de olho na carroça e em seu conteúdo delicado, entrando rapidamente para ajudar Jenora apenas em algumas operações cruciais ou complicadas.

– Começamos na segunda hora em ponto – avisou Moncraïne. – Há um relógio verrari atrás do camarote da condessa. Quando ele tocar duas vezes, a bandeira desce. Eu saúdo a condessa, depois saem os palermas para domar o pessoal do chão. E, pelos deuses, eles precisarão ser domados.

Locke podia ouvir os murmúrios, as vaias, os gritos e zombarias dos esparanos – que enchiam o poço do tostão, a área de ingresso

mais barato, de chão de terra, diante do palco –, além dos músicos que tentavam arrancar moedas da multidão.

Segunda hora da tarde, pensou Locke. Restavam cerca de vinte minutos para se vestir e pensar. A primeira coisa era muito mais fácil. Seu figurino de Aurim era uma calça marrom justa, uma túnica branca simples e um colete marrom. Ele enrolou um pano vermelho logo acima das orelhas; isso afastaria o suor dos olhos e sugeriria uma coroa, mesmo quando ele não estivesse usando uma. Para as primeiras cenas na corte de Salerius II, Locke trajaria uma capa vermelha sobre o resto do figurino, uma versão menor da capa que seria usada por Sylvanus o tempo todo.

Sabeta se aproximou e a garganta de Locke apertou. As cores de Amadine eram as da noite, por isso ela usava uma calça preta e justa e um gibão cinza e justo com decote cavado. Seu cabelo estava preso com elegância, cortesia de Jenora e Chantal, com alfinetes de prata e um pano azul, equivalente ao vermelho de Locke. O gibão reluzia com pedras falsas e fios prateados e havia duas adagas embainhadas na cintura.

– Sorte e pose – sussurrou ela, abraçando-o por tempo suficiente apenas para roçar um beijo em seu pescoço.

– Você brilha mais do que o sol.

– Isso é bastante inconveniente para uma ladra.

Sabeta apertou as mãos dele e piscou.

Calo e Galdo se aproximaram.

– Estávamos querendo um momento – disse Galdo.

– Perto da porta, com o Gorducho – completou Calo. – Achamos que uma pequena oração poderia não ser ruim.

Locke sentiu a súbita tensão inoportuna da responsabilidade. Isso não era uma coisa que estavam lhe pedindo como colega e, sim, do outro lado da barreira que até mesmo os sacerdotes mais descomprometidos do Treze Sem Nome deviam sentir de vez em quando. Não havia recusa possível. Os outros mereciam qualquer

conforto que Locke pudesse dar.

Os cinco camorris se reuniram num círculo junto à porta dos fundos, com as mãos e as cabeças juntas.

– Guardiã Torto – sussurrou Locke –, nosso, ahn, nosso protetor... nosso pai... mandou-nos aqui com uma tarefa. Não permita que nos envergonhemos. Não permita que nós o envergonhemos, agora que estamos tão perto de conseguir. Não permita que fracássemos com essas pessoas que confiam em nós para mantê-las longe da forca. Que os ladrões prosperem.

– Que os ladrões prosperem – sussurraram os outros.

Chantal veio chamá-los para as últimas instruções de Moncraïne. Não havia mais tempo para rezar ou planejar.

5

A BANDEIRA VERDE DE ESPARA desceu até a metade do mastro, depois subiu de novo. Locke, olhando através de uma grade de arabescos, sinalizou para Jasmer, que ajustou os ombros e saiu para o ruído e o clarão de luz do meio da tarde.

O poço do tostão estava lotado e recém-chegados ainda se espremiavam passando pela entrada. O comparecimento às peças era um negócio inexato e Nerissa Malloria e seus rapazes pegavam moedas até o fim da apresentação.

As galerias elevadas estavam surpreendentemente cheias de ricos e nobres, acompanhados de seus pequenos exércitos de serviçais, abanadores de leques, aias e guarda-costas. O camarote da condessa Antônia, enfeitado com sua bandeira, estava vazio, mas a baronesa Ezrintaim e seu séquito ocupavam o camarote à esquerda. Os amigos e colegas prometidos pelo barão Boulidazi preenchiam um grande arco dos balcões de luxo e aparentemente haviam trazido mais amigos e colegas.

Jasmer andou até o centro do palco e a ele se juntaram um

homem e uma mulher que vieram da multidão. A mulher usava os mantos da ordem de Morgante e carregava um cajado cerimonial de ferro. O homem trajava os mantos de Callo Androno e segurava uma pena de escrever abençoada. Responsáveis pela ordem pública e pelo conhecimento, eram as divindades publicamente invocadas antes de uma peça em qualquer cidade terem. Sob o olhar deles, a multidão ficou em silêncio na mesma hora.

– Agradecemos aos deuses pelo presente desta linda tarde – trovejou Jasmer. – A Companhia Moncraïne-Boulidazi dedica este espetáculo a Antônia, Condessa de Epara. Que ela viva e reine por um longo tempo!

O silêncio perdurou enquanto os sacerdotes faziam seus gestos, depois retornavam à multidão. Moncraïne se virou e começou a se dirigir para a câmara de vestuário, e de novo a multidão explodiu em gritos e falas desconexas.

Calo e Galdo foram tranquilamente para o palco, passando pelos dois lados de Moncraïne. Locke tremia de ansiedade. Deuses do céu, não havia mais segundas chances.

– Olhem esses pavões magricelas e enfeitados! – berrou alguém do chão de terra, um homem cuja voz ia quase tão longe quanto a de Jasmer.

O poço do tostão explodiu em gargalhadas e Locke bateu com a cabeça na grade.

– Ei, olhe quem é! – gritou Galdo. – Não está reconhecendo, irmão?

– Pela fé, como eu poderia não reconhecer? Nós passamos metade da noite ensinando truques novos à mulher dele!

– Ah! Pavões! – berrou o importuno acima dos risos das pessoas ao redor. Ele agarrou o braço de um homem grande e barbudo ao lado e levantou-o bem alto. – Pergunte a qualquer um aqui, não é uma *esposa* que eu tenho em casa!

– Bom, isso explica muita coisa! – berrou Galdo. – O sujeito é tão

mal dotado que nós o *confundimos* com uma mulher!

Locke ficou tenso. Em Camorr, os homens não diziam em público que dormiam com outros homens e também trocavam socos por muito menos do que isso. Parecia que os esparanos eram mais cordiais com relação às duas coisas, já que o importuno e seu amante riram tão alto quanto todo mundo.

– Ouvi um boato estranhíssimo de que aconteceria uma peça esta tarde! – exclamou Calo.

– O quê? Onde? – perguntou Galdo.

– Bem aqui onde estamos! Uma peça com moças exuberantes e rapazes lindos! Não sei, irmão... você acha que essas pessoas têm interesse por essas coisas?

Os espectadores no chão rugiram e aplaudiram.

– Tem amor, sangue e história! – gritou Galdo. – Tem atores bonitos com belas vozes! Ah, e tem Jasmer Moncraine também.

Gargalhadas atravessaram a plateia. Espiando por sua grade ali perto, Sylvanus riu.

– Agora venham conosco! – berraram os gêmeos em uníssono.

Em seguida, entrelaçaram as palavras, parando e retomando o texto através de sinais imperceptíveis, trocando passagens e frases de modo que havia dois oradores e um orador ao mesmo tempo:

– Viajem oitocentos anos em uma só respiração! Entreguem-nos seus corações e suas fantasias para serem modelados como argila, e iremos torná-los testemunhas de um assassinato! Faremos de vocês espectadores do amor verdadeiro! Tornaremos vocês partícipes de segredos de imperadores! Vocês, que nos veem com seus olhos, veem errado, e não escutam nada de verdadeiro, mesmo forçando os ouvidos! Que ladrões espantosos são esses sentidos...

Enquanto os Sanzas declamavam, figurantes com capas vermelhas marchavam em silêncio para o palco, com lanças de madeira diante do corpo. Dois carregavam o banco baixo que serviria como trono de Sylvanus.

– Desafiem as limitações de nosso pobre fingimento – disseram por fim os gêmeos –, e conosco, juntos, imaginem e acolham a história de Aurin, filho e herdeiro do velho Salerius. E, se é verdade que a tristeza é a semente da sabedoria, vejam agora por que jamais um homem mais sábio tornou-se imperador!

Calo e Galdo fizeram uma reverência para a plateia e se retiraram com sorrisos oblíquos, perseguidos por aplausos sonoros.

Mais ou menos oitocentas pessoas assistiam.

Agora elas esperavam ver um príncipe.

Locke lutou contra o tremor frio que se enraizara em algum lugar entre a coluna e os pulmões e se enrolou na capa vermelha. Foi tomado por aquela percepção aguda que só vinha quando se dirigia para um perigo imediato, e imaginou que podia sentir cada estalo das tábuas sob as botas, cada gota de suor rolando na pele.

Jenora pôs a coroa de arame torcido e pedras falsas por cima de seu pano de cabeça. Sylvanus, Jasmer e Alondo já estavam em posição, observando-o. Locke assumiu seu lugar perto de Alondo e, juntos, os dois adentraram a claridade branca do dia e a bocarra da multidão.

6

ERA QUASE COMO UM TREINO DE LUTA: breves explosões de suor e adrenalina seguidas por momentos de recuperação e reflexão antes de saltar para a refrega outra vez.

A princípio, Locke sentiu a atenção da plateia como um formigamento quente em cada nervo, algo em guerra contra todo instinto de autopreservação que ele já desenvolvera enquanto se esgueirava por Camorr. Gradualmente, percebeu que, a qualquer instante, metade da plateia poderia olhar para outro ator, para algum detalhe do palco, para os amigos ou para a cerveja, tanto quanto poderiam olhar para ele. Esse conhecimento não era bem o

mesmo que uma sombra reconfortante onde se esconder, mas bastava para permitir que ele retornasse a um estado de autocontrole.

– Você está indo bastante bem – comentou Alondo, dando-lhe um tapa nas costas enquanto eles engoliam água com um pouco de vinho entre as cenas.

– Comecei fraco – respondeu Locke. – Acho que agora peguei o fio da meada.

– Bom, este é o segredo: se você terminar forte, eles perdoarão qualquer coisa que tenha vindo antes como pertencente aos mistérios da arte de atuar. Vê como Sylvanus parece mais hábil a cada garrafa que ele engole? Que a confiança seja o nosso vinho.

– *Você* não precisa de apoio.

– Ah, você está me entendendo mal, Lucaza. Se você fingir tranquilidade por tempo suficiente, isso vai parecer tranquilidade. Mas a sensação não é nem um pouco igual, posso garantir. Meu raciocínio vai estar todo cheio de nós antes de eu fazer 25 anos.

– Pelo menos você está convencido de que vai viver até os 25!

– Ah, bom, o que foi que acabei de falar sobre fingir tranquilidade? Venha, é o Valedon que está sendo levado para a morte. Estamos em cena de novo.

Assim, a trama se desenrolou, implacável como um relógio. Aurin e Ferrin foram despachados em sua tarefa clandestina para se infiltrar entre os ladrões de Terim Pel, Aurin ficou aparvalhado com o primeiro vislumbre de Amadine e Ferrin confidenciou suas premonições de problemas à plateia, parte da qual gargalhou e gritou conselhos bêbados para ele.

Um figurante com manto branco e máscara deslizou para as sombras das colunas do palco, representando Valedon, o primeiro do coro dos espectros. Aurin e Ferrin partiram para ganhar a confiança dos ladrões roubando ousadamente Bertrand, o Multidão, que quase desapareceu no papel de um nobre idoso. Alondo exigiu a bolsa de

Bert na linguagem exageradamente educada da corte e, enquanto a plateia fazia "tsc-tsc", Bert rosou:

– Quem fala essas palavras como pedras polidas? Quem apresenta suas ameaças sobre seda, como coisas frágeis? Vocês estão bêbados, são rapazes farristas brincando de bandidos! Deem meia-volta e encontrem suas mães, meninos, ou vou colocá-los nos meus joelhos para transformar seus traseiros em cerejas brilhantes!

– Palavras ou aço, é tudo a mesma coisa, você tem sua opção, mas nós precisamos ter sua bolsa! – exclamou Locke, desembainhando a adaga.

Alondo o imitou, representando o desconforto de Ferrin. As lâminas eram cegas, mas polidas até brilhar, e a multidão suspirou, apreciando. Bert lutou, depois se encolheu e desdobrou um pano vermelho-vivo do braço.

– Ah, vocês me feriram, malditos – rosou Bert, jogando uma bolsa no palco e se ajoelhando. – O que vocês derramaram é sangue nobre!

– Azar o seu! – rebateu Locke, brandindo a adaga diante do rosto de Bert. – O que acha agora dessas "coisas frágeis", velho? Ora, ele não se importa com nossa conversa, primo. Ele acha nossas observações cortantes demais!

– Estou com a bolsa – avisou Alondo, olhando freneticamente ao redor. – Devemos ir embora. Ir embora ou ser presos!

– E presos vocês serão! – gritou Bert enquanto Locke e Alondo corriam comicamente de volta para as câmaras de vestuário. – Presos e acorrentados num lugar lamentável!

O ritmo dos acontecimentos acelerou. Aurin e Ferrin foram recebidos na confiança dos ladrões de Amadine, e Aurin começou a fazer investidas diretas sobre Amadine. Pentra, sempre desconfiada, seguiu os dois homens e descobriu sua verdadeira identidade quando eles informaram seu progresso a Calamax, o feiticeiro.

Locke ficou olhando por trás de sua grade enquanto Sabeta e

Chantal discutiam o destino de Aurin. Admirou a força do argumento de Chantal, de que ele deveria ser feito refém ou morto discretamente; ela e Sabeta representavam com ênfase e força, estimulando-se mutuamente, fazendo baixar o murmúrio e as brincadeiras da plateia sempre que dominavam uma cena juntas.

Em seguida, veio o confronto entre Aurin e Amadine, em que o filho do imperador se dobrava e confessava seus sentimentos. Atrás deles, Alondo e Chantal estavam encostados feito estátuas nas colunas do palco, um de costas para o outro, olhando a plateia com expressões duras.

– Você governa meu coração inteiro! Olhe suas mãos, veja, você já o segura! – exclamou Locke, abaixado sobre um dos joelhos. – Guarde-o como um tesouro ou use-o para embainhar uma faca! O que você exige de mim, tome, com toda a minha alma entrego por livre vontade, até mesmo esta alma!

– Você é filho de um imperador!

– Não sou livre para escolher sequer o broche da minha capa. Sou vestido, tutelado e vigiado, e o caminho para o trono é reto sem nem mesmo uma curva. Bom, agora eu dou as costas a isso, Amadine. Sou mais livre no seu reino do que no do meu pai, assim desafio o meu pai. Desafio minha sentença por sua causa. Ah, diga que me aceita. Desde que a mirei pela primeira vez, você é minha imperatriz, acordado ou dormindo.

Em seguida, veio o beijo, ao qual Locke se lançou com o coração batendo tão alto a ponto de ter certeza de que a plateia iria confundi-lo com um tambor e esperar mais música. Sabeta o acompanhou e, diante de oitocentos estranhos, eles compartilharam o delicioso segredo de que não estavam dando um beijo cênico. Demoraram muito mais do que a direção de Jasmer pedira. A plateia uivou e rugiu aprovando.

Outro breve descanso na câmara de vestuário. No palco, Bert, atuando como o velho nobre, de braço ferido numa tipoia, pediu

audiência com o imperador e reclamou amargamente da falta de leis nas ruas de Terim Pel. Sylvanus, régio e de bochechas vermelhas, prometeu colocar mais guardas na cidade.

Jumento, ainda encapuzado, mascarado e silencioso, aceitou um pacote de Jenora e levou-o discretamente a uma sala particular. Encostado na porta dos fundos, Jean assentiu para Locke, indicando que ninguém tinha mexido com a carroça ou a carga.

De volta à luz e ao calor para as festividades irresponsáveis dos ladrões, houve um breve momento de júbilo desafiador de Aurin e Amadine enquanto Pentra e Ferrin faziam carrancas às costas deles. Agora, Amadine se tornara descuidada e excessivamente confiante, e Ferrin implorava a Aurin, inutilmente, que lembrasse sua condição e sua tarefa.

Um fim terrível chegou depressa para esse idílio, na forma de figurantes arrastando Chantal para a câmara de vestuário, com um pano vermelho apertado contra o peito. Pentra havia ido a Terim Pel clarear a mente com pequenos roubos, mas deparou com tropas do imperador e voltou mortalmente ferida.

Quando Chantal disse sua última fala, Sabeta soltou um grito. Então, enquanto todos os outros atores principais permaneciam imóveis, Chantal se levantou e colocou seu manto branco e a máscara mortuária, linda e fantasmagórica. A sombra de Pentra se juntou à de Valedon, como observadora.

Seguiram-se recriminações. Amadine ficou de lado, sofrendo e em choque, enquanto Ferrin, numa fúria desesperada, primeiro adou e depois ordenou que Aurin a matasse.

– Agora, Aurin, agora! Ela está totalmente sem poder! Veja como os cães dela se encolhem espantados. Ninguém vai impedi-lo. Um instante de trabalho ensinará seus inimigos a temê-lo para sempre.

– Não ensinarei a ninguém que eu destruo a beleza ao encontrá-la, nem que traio o amor quando o professo – retrucou Locke. – Engula seu conselho e mantenha-o escondido, Ferrin. Sou seu

príncipe.

– Você não é príncipe, a não ser que aja como tal! Nossa soberana majestade, seu pai, encarregou-o de exercer a justiça dele!

– Meu pai aguçou campos com o sangue de exércitos. Não vou aguar pedras com o sangue de uma mulher desarmada. Isso é execução, não justiça.

– Então saia da frente e deixe que isso seja feito em seu nome. – Alondo desembainhou sua espada longa, tomando o cuidado de deslizá-la com força na bainha para causar o ruído mais sinistro e impressionante possível. – Desvie o olhar, príncipe. Jurarei ao seu pai que o ato foi feito por sua mão.

– Por duas vezes você testou minha paciência, Ferrin. – Locke pôs a mão no punho de sua espada. – Jamais sairei da frente e você jamais me testará de novo! Uma terceira vez fecha meu coração contra você e dissolve toda a amizade.

– Dissolve a nossa *intimidade*, príncipe. Tal é seu direito e seu poder. Dissolver minha amizade você não pode. Ajo assim como amigo. Portanto, testo de novo, ainda que isso corte minha alma, e desafio-o a sair do caminho.

– Eu amei você, Ferrin, mas, em nome do amor, vou matá-lo se for preciso. – Locke desembainhou a espada num piscar de olhos. – Avance contra Amadine e você é meu inimigo.

– Você é herdeiro de um imperador e eu sou servidor de um imperador! – gritou Alondo, levantando a espada ao nível da de Locke. – Você não pode fugir do trono, assim como não pode fugir do giro do sol! A responsabilidade é sua, príncipe. Sua vida... é... DEVER!

– EU NÃO TENHO dever a não ser para com ela! – rosnou Locke e golpeou, acertando a manga direita de Alondo, como se Ferrin não tivesse esperado de fato que Aurin atacasse. – E você não tem dever a não ser para comigo!

– Agora vejo que você é mole como o metal de seu nome – disse

Alondo com frieza, massageando o braço "ferido". – Mas eu sou o verdadeiro ferro terim. Vou lamentar sua morte. Já lamento, amigo cruel, filho indigno! *Aqui estão lágrimas por nosso amor e aço pela sua traição!*

A voz de Alondo se tornou um grito angustiado enquanto ele saltava à frente. O estalo de lâmina contra lâmina ecoou através da plateia; todas as piadas e os murmúrios morreram instantaneamente. Locke e Alondo tinham ensaiado essa dança à exaustão, dando a ela os movimentos de dois homens furiosos além de qualquer razão. Não havia fanfarronices, nem jogos habilidosos de espadas, apenas velocidade áspera, círculos desesperados e o choque brutal de metal. O pessoal do chão bebia tudo com os olhos.

Ferrin era o melhor lutador, o mais forte, e golpeava Aurin implacavelmente, tirando "sangue", obrigando Locke a se ajoelhar. No momento mais dramaticamente adequado, Ferrin recuou o braço para um golpe mortal e, em vez disso, recebeu o golpe de Aurin. Alondo segurou a lâmina embaixo do braço esquerdo, largou sua própria espada e soltou um pano vermelho. Seu desmoronamento no palco foi tão súbito que até mesmo Locke se encolheu, surpreso. O pessoal do chão aplaudiu.

Locke e Sabeta se abraçaram, perfeitamente imóveis, enquanto Alondo se levantava devagar e ia ao fundo do palco receber sua máscara e seu manto brancos.

As últimas cenas estavam chegando. O sol havia se movido para coroar a alta parede oeste do teatro. Outro confronto e tumulto; figurantes vestindo o vermelho imperial avançaram com lanças sobre figurantes usando verde e couro dos ladrões. Calamaxes veio em seguida, o manto preto esvoaçando, com potes vermelhos e laranja de fumaça alquímica irrompendo atrás dele para marcar o uso de sua feitiçaria. Por fim, os gritos morreram e os súditos de Amadine foram dizimados. Os ladrões e guardas mortos se levantaram ao mesmo tempo, puseram mantos e máscaras e se juntaram ao coro

de fantasmas.

Jasmer puxou Locke e Sabeta de pé, separou-os violentamente e ficou entre eles.

– O reino das sombras foi varrido. Sua majestade, preocupando-se com sua segurança, ordenou que eu o vigiasse de longe e depois o resgatasse. Vejo que sua tarefa está quase terminada, ainda que tenha lhe custado um amigo.

– Custou-me muito mais do que isso – respondeu Locke. – Não irei com você, Calamaxes. Nem agora nem nunca.

– Sua vida não é sua, meu príncipe, mas algo que é tido como certo para os milhões de almas que você deve governar. Você, como herdeiro, garante a paz delas. Morto ou perdido para a frivolidade, você condena-as ao motim e à guerra civil. Você, que reivindica o trono, é reivindicado por ele com força igual.

– Amadine!

– Ela deve morrer, Aurin, e você deve governar. Você encontrará a força para erguer sua espada ou vou matá-la com um feitiço. De qualquer modo, vou elogiá-lo para a corte de seu pai e ninguém vivo vai me contradizer.

Locke pegou sua espada, olhou para Sabeta e jogou a arma no palco.

– Você não pode me pedir para fazer isso.

– Não peço: instruo – falou Jasmer com uma reverência. – E, se você não consegue, então: o feitiço.

– Espere, feiticeiro! – Sabeta passou por Jasmer e segurou as mãos de Locke. – Vejo que os poderes que o enviaram diante de mim conspiraram tanto contra sua vontade como contra meu reino. Anime-se, meu amor, porque você é meu amor e eu jamais conhecerei outro. Que haja agora uma honestidade última e fatal entre nós. Meu reino se foi e o seu permanece para ser herdado. Demonstre bondade para com ele.

– Governarei sem alegria. Toda a minha alegria vive em você, e

por pouco tempo. Depois vem apenas o dever.

– Vou ensinar-lhe algo sobre o dever, meu amor. Aqui está o dever para comigo mesma. – Sabeta pegou uma adaga na manga e segurou-a no alto. – Sou Amadine, Rainha das Sombras, e meu destino é meu. Não será obra minha condenar ou libertar qualquer pessoa!

Sabeta mergulhou a adaga entre o braço esquerdo e o seio e caiu devagar para a frente, dando a Locke tempo suficiente para ampará-la e baixá-la sobre os joelhos. Soluçar era fácil; até mesmo a visão de Sabeta fingindo se esfaquear bastava para colocar rios por trás de seus olhos, e ele se perguntou se esse toque seria admirado como atuação. Segurou-a com força, balançando e chorando, sob o olhar sério e imóvel de Jasmer.

Por fim, Locke soltou-a. Sabeta se levantou e andou com graça langorosa até a linha de espectros que esperavam. Eles a receberam como cortesãos e a ocultaram na capa e na máscara mais elaboradas de todas.

Locke ficou parado diante de Jasmer, recompondo-se.

– Quando eu for coroado, você perderá tudo o que foi dado por meu pai, perderá seu nome e sua prole será deserdada. Você será exilado de Terim Pel e da minha vista, aonde quer que essa vista pousar.

– Que seja, meu príncipe. – Jasmer estendeu a mão e pôs um cordão de ouro nos ombros de Locke, seguido pela coroa. – Desde que você retorne comigo.

– O caminho para o trono é reto sem ao menos uma curva. A não ser esta que eu fiz, para minha tristeza. Retornarei.

Os espectros se separaram, formando duas filas, e revelaram Sylvanus sentado imóvel no trono. Locke andou lentamente até ele, com Jasmer três passos atrás. Por fim, Locke se ajoelhou diante de Sylvanus e baixou a cabeça.

7

UM SILÊNCIO ESPANTOSO PERDUROU PELO tempo de alguns batimentos cardíacos. Enquanto Locke se ajoelhava numa imagem submissa, os dois espectros mais próximos tiraram as máscaras e os mantos, revelando-se como Calo e Galdo, do Coro.

Eles caminharam até a beirada do palco e falaram em uníssono:

– *República de ladrões*, uma história real e trágica escrita por Caellius Lucarno. Que os deuses tenham sua alma e deixem que nos separemos como amigos.

A multidão reagiu com gritos e aplausos. Sylvanus abriu um sorriso e sinalizou para Locke ficar de pé. Pequenos objetos voavam pelo ar, mas estavam sendo jogados contra as paredes e as galerias dos dois lados do palco. Deuses, eles tinham conseguido! Só uma plateia satisfeita gastava os legumes podres e o entulho longe do palco; era a marca definitiva de respeito por parte dos terins no chão.

Alondo e Sabeta tiraram as máscaras mortuárias e foram para perto de Locke. Juntos, fizeram reverências, depois abriram caminho para Bert e Chantal fazerem o mesmo. Em seguida, vieram Sylvanus e os figurantes. Apenas Jumento permaneceu vestido de fantasma.

Moncraïne jogou seu capuz para trás e assumiu o centro do palco.

– Generosos nobres de Epara – proclamou, contendo os aplausos –, gente de bem e amigos. Nós, a companhia Moncraïne-Boulidazi, obtivemos muitos benefícios com a generosidade de nosso nobre patrono. Na verdade, tão passional é a ligação de meu lorde Boulidazi com nosso empreendimento que ele insistiu em dar a assistência mais direta possível. É minha grande honra lhes apresentar meu lorde e patrono, o barão Boulidazi!

Moncraïne tinha feito seu papel entusiasmado com excelência. Locke umedeceu os lábios e rezou para que Djumein Kurlin tivesse

coragem para fazer o mesmo.

Jumento permitiu que a capa de espectro caísse para trás, revelando um conjunto caro de roupas de Boulidazi, requisitado na noite anterior num dos bilhetes falsos escritos por Sabeta. Elas cabiam em Jumento como se tivessem sido cortadas para ele. Seguindo instruções rígidas de Locke, Jumento caminhou com passo imponente até o lugar de Jasmer, no palco. Moncraime e os outros membros da companhia baixaram a cabeça para ele ao mesmo tempo; os figurantes foram pegos de surpresa, mas logo se curvaram também, e em seguida as primeiras doze fileiras da plateia, aproximadamente. Gritos de incredulidade ecoaram dos balcões onde os amigos e colegas de Boulidazi estavam sentados, seguidos por risos e aplausos de apreciação.

Jumento apontou para eles e sacudiu o punho no ar, em triunfo. Virou para o camarote da baronesa Ezrintaim, estendeu os braços para ela e fez uma reverência profunda, tudo isso sem retirar a máscara de espectro.

Então, como Locke havia orientado, ele se virou e voltou rapidamente para a câmara de vestuário. Enquanto o resto da companhia fazia a última medida, todos juntos, a maior parte da plateia pareceu perplexa, ou pelo menos admirada, com o que acabara de acontecer, e em seguida teve início a saída ruidosa e cheia de cotoveladas. Músicos começaram a tocar de novo. A companhia deixou o palco, perseguida apenas por alguns bêbados e pelos que imploravam beijos aos berros, particularmente de Chantal, Sabeta e Alondo.

Locke passou entre os figurantes na câmara de vestuário e tirou sua coroa de arame. Jean ergueu uma das mãos e assentiu de novo, e uma onda de alívio fez os joelhos de Locke quase virarem água. Sabeta também notou, e apertou o braço dele.

Jumento fora instruído a entrar rapidamente na câmara de vestuário e, nos breves instantes em que os figurantes

permanecessem no palco, correr e saltar na carroça de adereços, onde seria escondido por Jean embaixo de um cobertor. Locke sabia que era um grande risco esperar que Jumento ficasse deitado, quieto, na escuridão calorenta logo acima de um cadáver, mas não havia o que fazer. "Boulidazi" precisava desaparecer como uma brisa de passagem, pois Jumento não poderia tirar a máscara nem emitir uma única sílaba sem destruir a frágil ilusão. Jean estivera totalmente preparado para lhe dar uma pancada na cabeça caso ele hesitasse.

– Aonde foi o barão? – perguntou um figurante.

– Os amigos do lorde estavam esperando para pegá-lo – respondeu Jean. – Vocês podem imaginar como o barão deve estar ocupado esta noite.

– Agora a ministra de cerimônias – sussurrou Locke a Sabeta. – Depressa, antes que a espera a incomode.

– Quer que eu vá com você?

– Acho que é nossa melhor chance.

Ele delineou o plano e ela sorriu.

– Não é mais idiota do que qualquer outra coisa que fizemos hoje!

A câmara de vestuário estava cheia de figurantes aliviados e suados, todos juntando mantos, máscaras e adereços sob a orientação exigente de Jenora. Não havia tempo para descanso; os figurantes precisavam ser pagos pelo trabalho e mandados embora sem a camaradagem e as bebidas usuais. Os objetos da companhia precisavam ser embalados e seguir na carroça para o encontro com Nerissa Malloria antes que ela própria partisse do Pérola Antiga. Mas isso era trabalho de outras pessoas. Locke e Sabeta tiraram rapidamente as armas de figurino – era ilegal mostrarem essas coisas fora do palco – e dispararam para o pátio.

Estavam ao sol de novo, passando pelos restos da plateia do chão, pelas cascas de frutas e a cerveja derramada; subiram

correndo a escada para os balcões e quase colidiram com um par de guardas do lado de fora do camarote da baronesa Ezrintaim.

– Requisitamos uma audiência com lady Ezrintaim – disse Locke, estendendo o anel com sinete que haviam tirado de Boulidazi na noite anterior. – Viemos com urgência, em nome do barão Boulidazi.

– A dama não receberá atores em seu camarote particular – retrucou um dos guardas. – Vocês devem...

– Nada disso – interveio a voz da ministra de cerimônias. – Deixe-os entrar e garanta que tenhamos privacidade.

Locke e Sabeta tiveram permissão de entrar no balcão, onde encontraram Ezrintaim junto à balaustrada, olhando para o palco e para os trabalhadores que varriam o pátio, pagos por Moncraïne. A baronesa se virou e os dois camorris fizeram reverências mais profundas do que o necessário.

– Bom, seu nobre patrono vem e vai como quer, não é? É a segunda vez que eu o espero e, em vez disso, encontro parte da trupe dele.

– Lorde Boulidazi manda suas desculpas mais sérias e abjetas, milady, pois não pode visitá-la como a senhora exigiu – respondeu Locke. – Ao sair do palco agora mesmo, ele tropeçou e machucou o tornozelo. Uma coisa séria. No momento, não pode ficar de pé, quanto mais subir escadas. Ele pôs o anel de sinete nas nossas mãos e pediu que o mostrássemos caso a senhora quisesse verificar...

– Ora, ora, o barão Boulidazi é muito pouco cuidadoso em seus hábitos. Guarde isso, rapaz, não preciso morder o anel do barão. Já o vi antes. O lorde ainda está aqui?

– Alguns amigos dele insistiram em levá-lo imediatamente a um galeno, milady, sem fazer uma cena – explicou Sabeta. – Milorde estava sentindo dor considerável e pode não ter resistido adequadamente aos agrados deles.

– Recusar a tentação não é o ponto forte de lorde Boulidazi. –

Ezrintaim olhou para Sabeta com mais intensidade do que Locke gostaria. – Mas, se ele se machucou, não vou censurar os amigos dele por usarem o cérebro pela primeira vez.

– Ele... isto é, *milorde* espera que a senhora consinta em ser a convidada dele em qualquer ocasião conveniente depois da apresentação de amanhã – disse Locke.

Esse era um ardil arriscado, caso lady Ezrintaim tivesse algum motivo para considerar a oferta insultuosa, mas reforçar a impressão de que Bouldazi estava vivo e planejando um calendário social ativo era algo importantíssimo para a farsa deles.

– Sei. – Ezrintaim juntou os dedos das duas mãos diante do peito. – Bom, isso seria conveniente, e o quanto antes, melhor. Espero que vocês dois também compareçam.

– Milady, nós compareceríamos se recebêssemos ordens – falou Locke –, mas somos apenas atores da companhia de lorde Bouldazi, e não sei...

– Lucaza – interrompeu a baronesa –, talvez eu devesse alertá-lo de que tenho conhecimento das intenções de lorde Bouldazi com relação à sua prima Verena.

– Eu, ahn...

Locke sentiu-se como se Ezrintaim tivesse adotado uma postura de luta de *chasson* e tivesse lhe dado um chute na cabeça.

– A senhora sabe quem somos de verdade! – exclamou Sabeta, usando a linguagem do Trono Terim, salvando Locke de outro gaguejar inútil.

– A condessa Antônia conta comigo para ser uma espécie de árbitra social, além de ministra de cerimônias – respondeu Ezrintaim na mesma língua. – Gennaro é um jovem par de Epara, um bom partido que perdeu a orientação dos pais. Eu exigi que vários membros de sua criadagem me prestassem contas de seu comportamento. Gennaro é, digamos, bem aberto com eles, no que diz respeito aos seus desejos.

– Nossa presença em Espara lhe causa dificuldades, milady? – perguntou Locke, tentando ser tão contido quanto Sabeta.

– Vocês foram razoavelmente discretos, mas direi que não pensaram nas necessidades do mundo ao redor. – Ela fixou o olhar em Sabeta. – Não creio necessariamente que seria ruim para Espara reforçar seus laços com Camorr através do casamento. Se, claro, essa foi em algum momento sua intenção genuína.

– Eu não enganei Gennaro – garantiu Sabeta, com ênfase. – Ele é... autoritário e presunçoso, mas em todos os outros aspectos é bastante aceitável. E nós compartilhamos um interesse significativo em várias artes.

– Sua família a instruiu a escolher livremente um futuro marido durante a estadia em Espara, Verena? Eu acharia muito estranho se eles fizessem isso. Acho que você se permitiu esquecer que está à disposição de sua família. Minhas fontes não informaram qual é a família, mas exijo honestidade: você é membro de um clã das Cinco Torres?

Sabeta assentiu.

– Então sabe muito bem que serve a um Duque que pode exigir seu casamento em outro lugar, por motivos políticos! Mesmo que ele não faça isso, você precisará da permissão de Nicovante para se casar, assim como Gennaro necessitará da autorização da condessa Antônia. – Ezrintaim esfregou a testa e suspirou. – Caso tenha algum ressentimento porque examinei as questões da casa de lorde Boulidazi, por favor, lembre que fui *especificamente* autorizada a evitar embaraços impensados, como o que vocês dois e Gennaro teriam criado para todos nós.

– Nós não pretendíamos partir para isso instantaneamente – assegurou Sabeta. – Pretendíamos demorar vários anos.

– Aí, pelo menos, você mostra um mínimo de sabedoria. Mas os arranjos pacíficos são logo postos de lado quando a barriga da mulher cresce.

– Eu posso fazer chá de Consolo da Pobresposa, como qualquer mulher. Fui meticulosamente instruída sobre como evitar... a imposição de um filho.

– Não tenha dúvida de que *seria* uma imposição. Vou presumir que tal ocorrência, não importando que tipo de acidente você argumente, seria uma tentativa deliberada de garantir um casamento seguro e rápido com lorde Boulidazi. Jamais ameaçarei sua segurança pessoal, mas com certeza ameaçarei a sua felicidade. Está claro?

– Completamente, senhora.

– Ótimo. Não falemos mais disso até estarmos sob o teto de lorde Boulidazi. Agora, sua companhia saiu-se toleravelmente bem hoje. Uma boa montagem, apesar do número reduzido. Vou fazer um relatório favorável e espero que o comparecimento amanhã se beneficie disso. Será que lorde Boulidazi satisfaz o desejo de saracotear no palco como figurante?

– Temo que Gennaro não vá saracotear em lugar nenhum durante algum tempo – respondeu Sabeta. – O comparecimento dele amanhã será muito mais convencional.

– Também está bom. Acho que você está ansiosa para retornar para o lado dele.

Sabeta assentiu vigorosamente.

– Então faça isso. Por favor, exprima meu desejo de que ele se recupere depressa. E que, daqui em diante, ele aja de modo mais respeitável.

Locke e Sabeta pediram licença e voltaram depressa pelo pátio do Pérola Antiga em direção às câmaras de vestuário. A cabeça de Locke girava com a percepção da idiotice de negligenciar a possibilidade de que os nobres de Epara tivessem suas próprias fontes de informação, seus próprios planos e expectativas. A baronesa Ezrintaim estava mais certa com relação a uma coisa do que ela imaginava: ao planejar, ele *havia* negligenciado, com

arrogância, o mundo ao redor.

– Acho que foi o sermão mais estranho que já recebi – disse a Sabeta.

– Você também, é?

8

A AQUAPYRIA DE ZADRATH, na Rua dos Jacintos, era a casa de banhos de maior reputação em Epara, e oferecia banhos quentes e frios, saunas a vapor e uma variedade de serviços anunciados abertamente e arranjados discretamente. No pátio, havia uma alta construção central com colunas decorativas na frente, cercada por construções privadas; uma delas fora reservada para lorde Bouldazi e seu séquito.

Nuvens bem-vindas se adensavam no céu quando a carroça da companhia Moncraïne-Bouldazi parou no pátio da Aquapyria, apenas uma hora após o fim da peça. Locke, Sabeta, Jasmer, Calo e Galdo iam em cima, e Jumento continuava miseravelmente escondido. Locke e Galdo saltaram, vestindo jaquetas de lacaio puídas mas adequadas, tiradas do figurino da companhia, entraram na casa de banhos reservada e expulsaram os funcionários de calças azuis e músculos de bronze.

– Lorde Bouldazi vai chegar a qualquer minuto! – exclamou Locke, empurrando o último deles porta afora. – Ele deseja privacidade! Ele se machucou e está de péssimo humor!

Quando o pátio ficou livre, Locke e Galdo ajudaram Jumento a sair da carroça e a entrar na casa de banhos, levando apenas alguns segundos para isso. Jasmer e Sabeta foram em seguida. Calo levou a carroça ao estábulo, onde parou os cavalos e, quase literalmente, sentou-se no cadáver do barão.

Cada casa de banhos particular tinha uma decoração temática, e a reservada para “Bouldazi” era repleta de sapos. Sapos de prata e

ferro estavam por toda parte e as paredes eram murais de sapo usando coroas e joias enquanto se deleitavam com banhos quentes. Uma banheira quadrada, de ladrilhos brancos e verdes, dominava o centro do aposento; tinha cerca de 3 metros de lado e suas águas com perfume de lavanda soltavam fumaça. Ao lado, numa mesa baixa, vários vinhos e conhaques requisitados haviam sido postos com uma bandeja de doces e garrafas de óleos aromáticos.

Na parede da esquerda, uma porta levava a uma grande sauna a vapor, onde a água podia ser derramada num braseiro com carvões segundo o gosto dos que estivessem dentro.

Jumento desmoronou imediatamente de encontro a uma parede, estremeando e ofegando. Estava numa palidez apavorante.

– Calma aí, Jumento. – Locke pôs a mão nas costas dele. – Você foi incrível até agora. Salvou todo mundo...

– Não me toque, porra – rosnou Jumento, respirando fundo e obviamente se esforçando para não vomitar. – Só me deixe sozinho, diabos. Isso é pior do que eu sonhei.

– Bom, ainda não terminou. Ainda precisamos das suas roupas.

Jumento entregou-as desajeitadamente. Locke puxou um biombo mais para perto da porta e arrumou casualmente as roupas de Bouldazi sobre ele e ao redor dele. A adaga e a jaqueta, pendurou no biombo. A túnica de seda, as botas, o colete e as calças, espalhou no chão.

Sabeta jogou seus sapatos e as partes do figurino nos ladrilhos perto da banheira. Ficou apenas com a calça preta e justa e um roupão. Locke fez o máximo para parecer que não a olhava, e ela fez um serviço admirável fingindo que não o encorajava. Assim que o chão estava suficientemente desarrumado, Sabeta agarrou Jumento pela frente da túnica e guiou-o para a sauna.

– Jumento está certo – murmurou Moncraïne, indo atrás. – Em muitos pontos, esse plano todo é mais débil do que pergaminho velho.

– Não estamos nos saindo tão mal – retrucou Locke. – Se pudermos passar por esta fase, estaremos seguros, com o dinheiro nas mãos.

Jumento, Jasmer e Sabeta se fecharam na sauna. Locke usou alguns óleos aromáticos para pentear o cabelo para trás e pôs um par de ópticos de adereço fornecido por Jenora. Posicionou-se perto da porta enquanto Galdo comia doces e examinava as garrafas de vinho.

Dois minutos depois, houve uma batida à porta.

Jasmer gemeu instantaneamente, de um modo que era meio dolorido e meio sensual. Ele fora retido para essa parte da trama por um motivo: era o único que tinha profundidade e flexibilidade de voz para imitar o barão Bouldazi.

Locke abriu a porta da frente da casa de banhos. Nerissa Malloria estava ali segurando uma caixa de madeira reforçada, com um de seus subalternos corpulentos atrás. O outro esperava com a carruagem que os havia trazido.

– Aaahhh! – gritou Moncraine. – Aahh, deuses!

– Sra. Malloria... – disse Locke, tossindo na mão. – Por favor, entre. Lorde Bouldazi nos instruiu a esperá-la.

– Eu mandei trazer mais vinho, malditos sejam suas bolas secas! – gritou Jasmer. – Onde ele está?

Galdo pegou uma garrafa de vinho e um par de taças.

– Muito interessante – comentou Malloria, passando pela porta e movendo-se com cuidado para evitar as roupas espalhadas no chão. Seu ajudante permaneceu do lado de fora e fechou a porta. – Devo entregar isto ao barão e obter a marca dele num recibo.

– O, ahn, barão, meu mestre, tropeçou e caiu depois da peça – explicou Locke. – Ele machucou seriamente o tornozelo. Sua... é... isto é, Verena... Verena Gallante o está reconfortando enquanto esperamos um galeno.

– Reconfortando-o – murmurou Malloria.

– Aaahh – gemeu Jasmer, e houve o som de um tapa. – Ora, ora, você pode continuar fazendo isso num momento. O vinho! Traga a porcaria do vinho!

A porta da sauna se abriu com um estrondo e fiapos cinzentos serpentearam para a sala principal. Sabeta estava ali parada, com o roupão na mão, sem nada na parte de cima do corpo. Fingiu notar Malloria pela primeira vez, meio que soltou um grito e se enrolou no roupão num instante. Depois, fechou a porta da sauna.

– Desculpe. – Ela deu um risinho. – Lorde Boulidazi precisa de cuidados. E de vinho.

Estalou os dedos para Galdo, que lhe entregou uma bandeja com as taças e uma garrafa aberta.

– Cuidados. – Malloria abriu um sorriso torto. – Tenho certeza de que é exatamente disso que ele precisa para se recuperar de alguma... enfermidade.

– Malloria! É a Malloria? – Locke teve que dar crédito a Moncraine por sua representação de Boulidazi, mas talvez o ressentimento do empresário colorisse a atuação com petulância um pouco exagerada. – Ótimo, ótimo! Lamento, mas não posso recebê-la agora. Só espere uma ou duas garrafas, boa mulher.

Sabeta deslizou de volta para a sauna, levando o vinho. Em seguida, soaram risinhos e gargalhadas.

– Não se incomode com a porcaria das taças! – gritou Moncraine. – Só me dê a garrafa. Isso. Vou colocar meus lábios nela, quanto aos seus...

Locke ficou em posição de sentido, encostado na parede, e tentou parecer profundamente sem graça. Galdo baixou a cabeça e recuou para um lugar perto da parede mais distante.

Os gemidos de apreciação de Jasmer vieram da sauna durante algum tempo. A diversão sombria de Malloria se transformou em óbvia irritação.

– Ahn – fez Locke, baixinho. – Eu estou com o anel de sinete do

lorde...

Malloria levantou uma sobrancelha.

– Isto é, ele o confiou a mim enquanto está... ocupado. Se você quiser...

– Por que não? Se lorde Boulidazi não tem tempo para mim, não serei eu que vou *exigir* a atenção dele.

Malloria pousou a caixa de madeira perto das garrafas de vinho e conhaque, depois destrancou-a com uma chave pendurada no pescoço. Entregou um pedaço de pergaminho a Locke, que o examinou enquanto aquecia um bastão de cera numa das lâmpadas não alquímicas da sala.

Locke molhou uma pena e escreveu "Recebido" na parte de baixo do recibo. Então, pingou um bocado de cera no documento e apertou o anel de sinete de Boulidazi em cima.

– Precisarei pegar a caixa de volta antes da apresentação de amanhã – disse ela enquanto esperavam que a cera endurecesse.

– Vá à estalagem Gloriano a qualquer momento após o amanhecer. E, ah... milorde desejaria... isto é, não ser... distraído... – Locke tirou duas moedas de prata de uma bolsa no cinto e entregou-as a ela. – Um... é... um agrado pelo seu incômodo.

E pelo seu silêncio, pensou Locke. Era seguro apostar que ali, como em Camorr, os ricos usassem bolsas abertas para suavizar seu mau comportamento. Malloria agradeceu encostando as moedas na testa, em saudação.

– Obrigada. Vou mandar um homem pegar a caixa antes do meio-dia de amanhã.

Locke trancou a porta depois que ela saiu, então correu até a sauna. Moncraine saiu com um passo presunçoso, bebendo da garrafa de vinho, seguido por Sabeta de roupão e Jumento com uma expressão assombrada. Todos se reuniram ao redor da caixa de moedas e olharam o conteúdo. Aqui e ali, uma moeda de prata reluzia contra as de cobre.

– Isto é... mais dinheiro do que eu já vi na vida – murmurou Jumento. – Deve ser bem pesada.

– Merda – praguejou Sabeta. – Jumento está certo. Onde vamos escondê-la? Não podemos deixar que os membros da companhia andem por aí com os bolsos tilintando. Isso vai contradizer a história de que todo o dinheiro desapareceu com Boulidazi.

– Talvez a Sra. Gloriano possa escondê-lo – sugeriu Jumento.

– Eu não pediria isso – retrucou Locke. – O estabelecimento dela vai estar cheio de policiais assim que informarmos o incêndio trágico que matou Boulidazi. Alguns deles podem demolir o lugar só por tédio ou meticulosidade.

– Espero que você não ache que deixaremos vocês o tirarem da cidade – comentou Jasmer.

– Claro que não. Só queremos o suficiente para chegar em casa. O resto é de vocês, se pudermos encontrar algum modo de distribuir em partes que não façam ninguém ser enforcado.

Moncraime se encostou na caixa e olhou para suas profundezas durante um tempo. Depois, estalou os dedos e sorriu.

– Salvard. Acordado Salvard! O bom advogado. Ele vai guardar no escritório sem fazer perguntas. Um dos seus serviços mais discretos para clientes que não confiam numa casa de contabilidade. Haverá um custo, claro, mas o que importa? Eu mesmo levo.

– E *eu* vou com você – afirmou Galdo, cruzando os braços.

– Claro. – O sorriso de Moncraime quase chegou às orelhas. – Você pode carregar a caixa. E alguém vai ter que conseguir uma carruagem de aluguel; não podemos andar pela cidade com essa porcaria totalmente visível.

– Eu cuido disso – ofereceu Locke, indo até a porta da frente. – O resto de vocês pode limpar as coisas aqui?

– Deveríamos deixar uma certa bagunça – opinou Sabeta, jogando uma garrafa de vinho na banheira quente. – Derramar algumas garrafas dessas no ralo do chão. Quem vier limpar vai

poder dizer que lorde Boulidazi bebeu *muito* antes de ter seu... acidente.

– Ideia maravilhosa – concordou Locke, empolgado. – Certo. Ajeitem esse lugar. Vou conseguir uma carruagem e dizer ao pessoal da Aquapyria que Boulidazi vai ficar aqui durante uma hora mais ou menos. Vamos deixar Calo sair discretamente e, depois, saímos todos e nos encontramos no próximo quarteirão. Então, voltamos à Gloriano para a... última cena desta produção!

Pouco tempo após a sexta hora da tarde, Calo, Locke, Sabeta e Jumento passaram de carroça, com ar tranquilo, pelos bairros de Epara, vestidos com simplicidade e com o material teatral coberto. Ninguém os reconheceu ou incomodou.

Na Gloriano, encontraram o resto da companhia em segurança, a não ser por muitos ataques de nervosismo. Segundo o plano, tinham expulsado todos os aspirantes a bêbados, festeiros e parasitas com a desculpa de que queriam ordem e sobriedade após a apresentação no Dia da Penitência, prometendo uma farra enorme depois. Locke sorriu e se meteu imediatamente numa conferência de sussurros com Jean, Jenora, Alondo, Chantal, Sylvanus e Bert.

– Conseguimos! Acordado Salvard vai guardar o dinheiro. Jasmer e Giacomo foram deixá-lo com ele. Vocês terão que pegá-lo devagar, pouco a pouco. E garantam que o Jumento receba uma parte integral; ele é o que vocês poderiam chamar de frágil.

– Meu primo logo vai se acostumar – retrucou Alondo. – E vou garantir que ele receba sua parte.

Um clima de alívio geral tomou a sala. Apesar de Locke não gostar da tarefa de vestir o cadáver de Boulidazi e de saber que nenhuma das mulheres da estalagem apreciaria o único lugar óbvio para um incêndio acidental que consumisse tudo, o pior já havia passado e o resto poderia esperar a escuridão. A tia de Jenora começou a assar longas tiras de carne marinada em seu fogão a lenha. Sylvanus travou conhecimento com uma garrafa de vinho

barato e os outros relaxaram com copos de cerveja.

Logo depois da sétima hora da noite, Galdo irrompeu no salão, coberto de suor e totalmente sozinho.

9

— DESCULPEM — DISSE GALDO, ofegante, assim que todos foram para a privacidade da sala onde tinham revelado o cadáver de Boulidazi naquela manhã. — Desculpem! Ele pediu para eu vigiar a carruagem. Pareceu tremendamente razoável, como *nós*, sabe? Esbravejou que, se precisasse caminhar de volta à estalagem, iria arrancar meu couro. Ele pegou a caixa... Uns quinze minutos depois, perdi a paciência. Fui procurá-lo e, quando perguntei por Jasmer Moncraïne ao empregado de Salvard, o sujeito me olhou como se eu estivesse bebendo. Foi aí que deduzi.

— Moncraïne pegou o dinheiro e sacaneou todos nós — sussurrou Alondo.

— Deixou todos nós como *mendigos* — completou Jenora. — Eu nem consigo... Não sei o que dizer. É como se todos os deuses dessem uma enorme gargalhada às nossas custas.

Sylvanus jogou a garrafa no chão e enterrou o rosto nas mãos. Não era possível haver um comentário mais eloquente, pensou Locke, do que Sylvanus Olivios Andrassus desperdiçar vinho.

— Sou uma porcaria de um idiota — lamentou-se Galdo. — Eu deveria saber.

— Ele é ator — observou Sabeta. — E, pior ainda, é um bom ator.

— Vamos atrás dele — sugeriu Calo. — Ele não pode ser idiota a ponto de ir a um dos portões em terra, já que são bem guardados! E seria insano se fosse para as estradas sabendo que um alarme seria dado em algumas horas na melhor das hipóteses. Então, para onde iria?

— Para o cais — respondeu Chantal.

– Bom, vamos encontrá-lo e cortar aquela droga de mão que ele ia perder! Ele é velho... Isso não pode ser complicado, certo?

– Nós não temos prestígio aqui – disse Locke. – Lembra? Não temos direito de pressionar ninguém; somos *meros atores* enquanto estivermos em Espara.

– E vocês nunca vão encontrá-lo – acrescentou Jenora. – Castellano está certo, Jasmer não vai por terra. As docas estão cheias de syrestis e okantis. Ele vai sair no navio que escolher e nenhum pele-noturna jamais dirá uma palavra aos policiais. Os doqueiros não têm motivo para adorar os serviçais da condessa.

– Então vamos... vamos simplesmente deixar que ele foda conosco! – exclamou Bert. – Esse é o plano?

– Não – respondeu Sabeta. – Há uma coisa que podemos fazer, muito facilmente: fazer parecer que Jasmer Moncraïne matou lorde Boulidazi.

– Isso soa bem – concordou Locke. – Sem dúvida é uma história com mais peso do que lorde Boulidazi ter ficado bêbado e posto fogo num estábulo.

– Um estábulo! – exclamou Jenora. – Você não quer dizer...

– Desculpe, Jenora, sei que eu deveria ter dito algo antes. Mas é óbvio. Não podemos incendiar a estalagem. E não podemos deixá-lo entrar em combustão espontaneamente no pátio. Não pense nisso como a perda de um estábulo, mas como não deixar que sua tia seja enforcada.

– Giacomo, o que você disse ao cocheiro depois de perceber que Moncraïne havia sumido? – perguntou Jean.

– Dei 2 cobrins pelo incômodo e disse que tinha decidido ficar um pouco. Não sabia o que pensar. Só não queria fazer um escândalo.

– Bom, você nos salvou mantendo a cabeça no lugar – garantiu Sabeta. – A história nova é a seguinte: após a peça, eu fui com Boulidazi à casa de banhos. O barão recebeu o dinheiro de Malloria, que vai testemunhar: ela tem o recibo selado para provar. Nós

alegamos que não sabemos o que Boulidazi fez com o dinheiro; só sabemos que, quando o barão voltou para cá, para conversar com Jasmer, o dinheiro *não estava com ele*.

– Até agora está simples – comentou Chantal.

– E continua simples – assegurou Locke, olhando para Sabeta. – Se é que posso presumir... Acho que sei aonde Verena quer chegar. *Todos* nós vimos Boulidazi chegar aqui. *Todos* vimos Moncraïne chegar. Eles tiveram uma longa conversa, em particular, e depois uma discussão. Foram para o estábulo juntos por algum motivo.

– Após alguns minutos, notamos o estábulo pegando fogo – continuou Sabeta. – Boulidazi estava morto nos destroços e Moncraïne sumiu na noite. A culpa dele vai estar clara até para uma criança.

– Vamos ter que colocar a Sra. Gloriano nisso – observou Jean. – Desculpe, Jenora, sei que deveríamos mantê-la fora das mentiras, mas é ela que precisa dizer aos guardas que Moncraïne e Boulidazi estiveram aqui esta noite.

– Não há saída, Jovanno, você está certo. – Jenora passou o braço em volta do ombro de Jean. – Titia não vai ficar satisfeita, mas *eu* posso forçá-la a fazer qualquer coisa de que precisarmos. Não se preocupem com ela.

– Isso ainda é uma tremenda confusão – retrucou Chantal. – O pessoal de Boulidazi pode tentar arrancar cada moeda possível de nós. Talvez até acabar com a companhia e levar todos os bens. Diabos, isso presumindo que os policiais não joguem todos nós na Torre do Lamento, como supostos cúmplices.

– Talvez tenhamos uma amiga num posto bastante alto – disse Locke. – Ou, se não é uma amiga, pelo menos é alguém com interesse em manter os escândalos o mais discretos possível.

– Não há como tornar discreta a porra do assassinato de um nobre esparano! – exclamou Bert. – Talvez vocês, camorris, consigam escapar da forca, mas o resto de nós...

– Não – interrompeu Locke. – Nós *não* vamos abandonar vocês, nenhum de vocês. E nós já não fizemos algumas coisas incríveis juntos?

– É justo – resmungou Bert.

– *Moncraïne* fodeu a gente, então vamos *todos* fodê-lo. E, quanto ao que ele fez, deixe-me garantir... nosso mestre em Camorr agora será inimigo dele. E *Moncraïne* deve saber disso. Ele tem dinheiro suficiente para viver uns dois anos, mas nunca vai poder parar de fugir. Quanto à companhia... tenho certeza de que podemos convencer nosso mestre a dar uma ajuda nesse aspecto também. Ele tem recursos que vão além do que vocês acreditariam.

– A esta altura, eu acreditaria em praticamente qualquer coisa – murmurou Alondo.

– Vamos ensaiar nossa história juntos – disse Sabeta. – Quase como uma peça. Depois do pôr do sol, vamos vestir Bouldazi pela última vez e arranjar o incêndio no estábulo. Assim que o fogo estiver rugindo, os membros da companhia é que precisarão chamar os guardas. Vocês todos têm que agir como se estivessem surpresos e em choque.

– O choque vai ser fácil – observou Chantal.

Nesse momento, houve uma batida à porta. Calo abriu-a e surgiu a Sra. Gloriano, enxugando as mãos gordurosas no avental.

– A carne está pronta – avisou ela, animada. – E tem um bom arroz cozido e alguns abricós... O que foi? Por que estão todos me olhando desse jeito?

– É melhor a senhora entrar e fechar a porta, titia – respondeu Jenora. – A carne não é a única coisa que precisamos preparar antes do fim da noite.

10

– NÃO ACREDITO EM VOCÊS, CAMORRIS – murmurou a Sra.

Gloriano, ajudando a carregar o corpo amortalhado de Gennaro Bouldazi da carroça para seu estábulo depois do anoitecer. – Acharam mesmo que esta seria a primeira vez que eu ajudaria a fazer um corpo desaparecer?

– Como, diabos, iríamos saber? – grunhiu Locke.

– Eu tenho uma estalagem na parte ruim da cidade, garoto. Gosto da minha vida organizada, mas já aconteceu de pessoas morrerem nos meus quartos quando realmente seria mais conveniente que fossem encontradas flutuando na baía. Por isso, elas foram nadar.

A Sra. Gloriano ficara perturbada ao saber da verdade, mas, assim que aceitou que lorde Bouldazi fora esfaqueado pela sobrinha no meio de uma tentativa de estupro, também aceitou a perda do estábulo como uma espécie de vingança.

Calo e Galdo seguravam uma ponta do cadáver; Locke e a Sra. Gloriano, a outra. Puseram o “embrulho” numa pilha de feno e a estalajadeira sacudiu uma fraca luz alquímica. Jean havia levado a carroça e os cavalos para o outro lado do pátio, deixando a estrutura vazia.

– Deuses, que fedor. – Galdo tossiu enquanto terminavam de desenrolar o barão morto. – Carne podre e pó alquímico!

– Ele já foi mais bonito – comentou Calo. – Maldição, ele está rígido. Isso deveria ser divertido.

Os três Nobres Vigaristas lutaram com o corpo, pondo nele as joias, as botas e a adaga que haviam tirado na noite anterior.

– É uma pena desperdiçar uma arma tão boa – lamentou Galdo.

– Seria uma pena maior ainda desperdiçar um par de gêmeos Sanzas – sussurrou seu irmão. – Argh, os dedos dele estão inchando. Preciso de ajuda para enfiar o anel do sinete onde deveria estar.

Sentindo-se idiota, Locke auxiliou do melhor modo possível, até que o anel estivesse pelo menos plausivelmente perto do lugar

devido.

– Agora, rapazes – disse a Sra. Gloriano –, se acabaram de enfeitá-lo, abram esse vaso de óleo para mim e deem uma boa encharcada nele. Devo dizer que estou totalmente preparada para acender um fósforo nesse filho da puta.

Alguns minutos depois, chamas cor de laranja rugiam contra a noite negra esparana, e os membros da companhia que não tinham corrido para pedir ajuda enchiam baldes d'água com todos os sinais exteriores de pressa e sinceridade.

11

– NÃO FOI ASSIM QUE EU IMAGINEI passar a madrugada – comentou a baronesa Ezrintaim, agora com botas, uma saia leve, casaco escuro e uma espada visível.

Locke e Sabeta, ainda sujos de fuligem depois de lutar contra o fogo, estavam nervosos, em posição de sentido, num quarto da estalagem requisitado para uma conversa particular. Passava da meia-noite. Policiais e soldados em igual número haviam isolado o local e o resto da companhia Moncraïne-Boulidazi estava sob guarda no salão principal. Ezrintaim fora chamada por um comandante da guarda quando a identidade do corpo queimado se tornara conhecida por todos.

Sabeta tinha o que Locke considerou como uma excelente expressão de tristeza e resignação.

– Nós... temos mesmo certeza de que é ele? O corpo estava...

– O corpo era um pedaço de carvão, menina, mas temos o sinete e a adaga. Sabemos muito bem que é o Gennaro que está ali. Sei que não deve ser fácil para você. – Ezrintaim esfregou os olhos. – Mesmo assim, é a realidade, morta sob um cobertor.

– Deixe-me ajudá-los a procurar o Moncraïne – prontificou-se Locke, que tinha decidido que uma demonstração de beligerância

era um bom contraste com o choque de Sabeta. – Eu e todos os meus homens. Se eu encontrar o desgraçado...

– Isto aqui não é Camorr e você está incógnito – reagiu rispidamente a baronesa. – Você não tem direito de portar armas nem de fazer justiça, e não estou inclinada a lhe dar uma autoridade que eu teria que explicar a outra pessoa!

– Desculpe, senhora. Eu só pretendia oferecer toda a ajuda possível.

– A melhor ajuda seria seguir minhas orientações explícitas. Jasmer Moncraïne assassinou um par esparano e esse é um problema que Espara deve resolver. Pelos deuses e santos, isso vai ser um assombro de dez anos mesmo se não ficar pior ainda.

Ela andou de um lado para outro no quarto, olhando-os.

– Quero que vocês deixem a cidade – disse, por fim. – É, acho que seria o melhor. Vou garantir um salvo-conduto e colocar vocês numa caravana. Vocês serão bem-vindos de volta em Espara com suas verdadeiras identidades, daqui a alguns anos, mas jamais outra vez como atores. Ou com qualquer status inferior!

– Obrigado, milady – agradeceu Locke.

– E quanto à companhia Moncraïne-Boulidazi? – perguntou Sabeta.

– O que você espera, Verena? Boulidazi está morto e Moncraïne pode muito bem estar. Não haverá mais apresentações, claro. Tudo o que tenha o fedor do Moncraïne terá que ser varrido para debaixo de um tapete.

– Eu quis falar dos atores. Eles foram... muito solícitos. Aquele desgraçado do Moncraïne colocou-os numa situação muito difícil.

– É a situação difícil de Gennaro Boulidazi que vai preocupar a condessa – retrucou Ezrintaim. – Mas, para mim, a culpa de Moncraïne clama aos céus. Desde que as histórias deles sejam coerentes e que meus homens não encontrem nada interessante nesta estalagem, seus colegas viverão. Mas a companhia estará

encerrada, não tenha dúvida.

– A maioria terminará acorrentada por dívidas assim que os advogados tiverem terminado de pressioná-los – comentou Sabeta.

– O que eu tenho a ver com isso, minha cara?

– Eles nos prestaram um bom serviço enquanto estávamos em Espara – interveio Locke. – Nós nos sentimos obrigados a rogar por eles.

– Sei. – Ezrintaim suspirou e bateu com os dedos no punho de seu florete. – Bom, lorde Bouldazi morreu sem herdeiros. Por isso, a condessa vai absorver as propriedades dele e seus bens nas casas de contabilidade. É uma quantia bastante boa. Imagino que minha senhora poderá se dar ao luxo de ser generosa. A companhia vai perder *totalmente* o nome e sua autorização atual para funcionar, mas acredito que posso interceder para protegê-los de qualquer situação mais drástica. Espero que isso aplaque seu sentimento de obrigação.

– Inteiramente, milady – garantiu Sabeta, baixando a cabeça.

– Ótimo. Você foi tola e afortunada em igual medida, Verena, e espero que lembre que se beneficiou muito de uma série de cortesias diplomáticas dadas em nome de toda Espara.

– Dentro da família, seremos absolutamente honestos com relação à sua ajuda inestimável – respondeu Locke. – Se tivermos chance, lembraremos isso ao Duque.

– Seria um gesto agradável – comentou Ezrintaim. – Agora, limpem-se e se preparem para deixar minha cidade, para que eu possa começar a lidar com essa maldita coleção de dores de cabeça.

CAPÍTULO ONZE

O Jogo dos Cinco Anos: Contagem dos votos

1

UM AGLOMERADO DE NUVENS ESCURAS vinha do norte, mascarando as estrelas. O Kartenium, palácio dos duques e duquesas de Kartane depostos muitos anos antes, erguia-se sobre os jardins bem cuidados e as muralhas partidas da Casta Gravina, uma cúpula de Vidrantigo cor de jade e ondulante, como uma joia num cenário de pedras e argamassa humanas. O vento do fim de outono atravessava as estrias e os relevos na face do vidro, e a música fantasmagórica de uma raça perdida dava suspiros de significado indecifrável.

Bandeiras verdes e pretas balançavam nos limites de cada caminho e cada pátio, e um rio de luz de tochas e lanternas fluía pelos portões do Kartenium, para dentro do Grande Salão, onde escadas e passarelas de ferro negro aparentemente intermináveis espiralavam subindo pelo interior da cúpula de jade. Lustres do tamanho de carruagens estavam acesos, monitorados por homens e mulheres pendurados em arneses presos em pontos de ancoragem nas passarelas.

O murmúrio da multidão era como o chiado e os estrondos do

mar numa caverna litorânea. Locke e Jean moviam-se cautelosos, pois suas fitas verdes não serviam como proteção contra empurrões e puxões por parte de grupos de entusiastas e bêbados que conversavam por ali. Apoiadores do Íris Negra e do Raízes Profundas se misturavam à vontade e discutiam ferozmente numa enorme ostentação dos ricos e importantes de Kartane.

No centro do Grande Salão, numa plataforma elevada, ficavam várias lousas e dezenove postes de ferro negro, cada um encimado por uma lâmpada de vidro fosco apagada. A escada para a plataforma era vigiada por casacas-azuis, que suavam sob o peso adicional de uma capa branca e um manto com acabamento em fitas prateadas.

Era a nona hora da noite. Os últimos votos tinham sido postos nas urnas horas antes e, agora, os relatórios verificados e lacrados de cada distrito estavam a caminho do Kartenium.

– Mestre Lazari! Mestre Callas!

Maldita Superstição Dexe apareceu arrastando um pelotão de ajudantes e puxa-sacos. Seu chapéu de aba tripla carregava, no topo, a réplica de uma das pontes kartanis dos Ancestres, as torres esculpidas em couro endurecido, cada uma com uma minúscula bandeira verde. Dexe fumava um cachimbo de forninho duplo, soltando baforadas de fumaça cinza e esmeralda pelo nariz.

– Bom, rapazes, assim que arrancamos toda a carne dos ossos de uma eleição, tudo o que resta é isto: contar os votos e depois contar as lágrimas.

– Não haverá lágrimas no seu distrito – replicou Locke. – Se eu estiver errado, vou comprar um chapéu igual ao seu e comê-lo.

– Eu gostaria de ver isso. Mas prefiro manter minha cadeira. – Dexe exalou jatos verdes com cheiro de jasmim, e cinzentos recendendo a especiarias, para além de Locke. – Os senhores vão ficar perto do palco? Vão ocupar lugares de honra enquanto a contagem é feita?

– Algum lugar menos agitado. Vamos assistir de uma galeria particular, depois de darmos um giro pelo salão. É preciso garantir que todo mundo esteja com a coluna reta e o colete abotoado.

– Muito paternal da parte de vocês. Bom, então, até que o gato esteja esfolado, minhas considerações aos colegas viajantes.

Como Locke dissera, os dois percorreram a multidão, apertando mãos e dando tapinhas nas costas, rindo de piadas ruins e fazendo algumas e, a pedidos, oferecendo análises razoáveis e aparentemente lógicas. A maior parte era baboseira frita em tagarelice com acompanhamento do que quer que o ouvinte quisesse escutar. *O que importava?*, pensou Locke. De um modo ou de outro, naquela noite eles iriam desaparecer da cena política de Kartane e jamais seriam responsabilizados.

Crianças vestidas de modo impecável andavam lentamente dentro de rodas douradas, operando mecanismos com pás que faziam espumar ponches feitos de vinho claro e cor de hematoma, contidos em vastas bacias. Funcionários atraentes, de ambos os sexos, postados atrás de cordões de veludo, trabalhavam para encher taças e entregá-las. Locke e Jean se armaram com ponche, além de pães fumegantes recheados com carne de porco em conserva e molho de vinagre escuro.

Jean viu Nikoros pairando arrasado na periferia de um grupo de notáveis do Raízes Profundas e o indicou para Locke. Via Lupa havia se barbeado, o que enfatizara a palidez doentia e as novas rugas em seu rosto visivelmente mais magro. Locke sentiu uma inesperada pontada de pena no coração. Aquele não era um traidor triunfante e, sim, alguém totalmente assado na grelha do sofrimento.

Bom, de que adiantaria ser capaz de se deitar impune se você não pudesse usar isso para tirar o peso dos ombros de um desgraçado tão explicitamente infeliz?

– Olhe, Nikoros – sussurrou Locke, só para o kartani, pondo sua taça de ponche intocado na mão dele. – Acho que é hora de dizer

que sei como é ser possuído por algo que governa sua consciência contra a sua vontade.

– Ah, m-mestre Lazari, eu não... isto é, o que o senhor quer dizer?

– O que estou tentando dizer é que eu sei. E sei há algum tempo.

– O senhor... sabe? – As sobrancelhas de Nikoros subiram tanto e tão rápido que Locke ficou surpreso ao não vê-las disparando feito pedras de catapultas. – O senhor *sabia*?

– Claro que sabia – respondeu Locke, em voz tranquilizadora. – É meu trabalho saber coisas, não é? A única coisa que não pude deduzir foi qual era o motivo. É óbvio que você não é um vira-casaca voluntário.

– Deuses! Eu... ahn, foi o meu alquimista. Meu... alquimista do pó. Comprá-lo é tão ruim quanto vendê-lo. Fui apanhado, e aquela mulher... Bom, com o tempo eu deduzi quem ela devia ser. Sinto muito. Ela me ofereceu um acordo. Caso contrário, eu perderia tudo. Dez anos numa barca penitenciária, depois o exílio.

– Coisa infernal. Eu também tentaria evitar isso se pudesse.

– Vou me demitir depois desta noite – murmurou Nikoros. – Eu apostaria que... ah... causei mais *dano* ao Raízes Profundas do que qualquer membro de comitê em toda a p-porcária da nossa história.

– Nikoros, você não está me ouvindo. Eu disse que *sabia*.

– Mas como isso...

– Você tem sido mais meu agente do que deles. Fornecendo exatamente o que eu queria que o Íris Negra ouvisse, de uma fonte que eles consideravam impecável.

– Mas... mas eu tenho *certeza* de que parte do que forneci a eles era... era verdadeiro e causava dano a nós!

– Naturalmente. Eles não teriam escutado se você não fornecesse mercadorias verdadeiras na maior parte do tempo. Eu descartei as coisas verdadeiras como o preço para entregar as

bobagens cruciais a eles. Portanto, não se demita de nada. Se o Íris Negra perder esta noite, foi porque você estava em posição de servir como minha arma contra eles. Com essa ajuda, você dorme um pouco melhor esta noite?

– Eu... ah... não sei o que deveria dizer.

O relaxamento das rugas de tensão no rosto dele foi imediato e óbvio.

– Não diga nada. Só enxugue a taça e aproveite o show. Esta conversa será nosso segredinho. Tenha uma vida boa e longa, Nikoros. Duvido que você nos veja de novo.

– A não ser que nossos patrões queiram nos trazer de volta para a próxima rodada, daqui a cinco anos – murmurou Jean enquanto se afastavam.

– Talvez se eles todos quiserem terminar numa porra de coma como o balde de merda que era dono do pássaro – replicou Locke.

– Não é que eu seja contra a tentativa de acalmar o pobre coitado, mas como você acha que o Nikoros vai se sentir se o Íris Negra *vencer*?

– Maldição, eu só estava tentando fazer o possível pelo filho da mãe arrasado. Pelo menos agora ele pode acreditar que eu optei por usá-lo como um risco calculado. Venha, vamos encontrar essa tal de Câmara Negra e sair dos olhos do público.

2

DEPOIS DE SEIS LANCES DE ESCADA e três conversas com funcionários apenas parcialmente solícitos, encontraram Sabeta esperando-os num camarote que dava para o lado sul do Grande Salão. Algum nobre morto muito antes olhava com ar fantasmagórico de um afresco na parede, espiando um biombo de metal filigranado que permitia uma boa visão da multidão e do palco embaixo.

Sabeta usava outro conjunto de roupas mais parecidas com uma vestimenta de montaria do que com um vestido de baile: uma jaqueta justa, de veludo vermelho e com mangas abertas, sobre um vestido de faixas de seda preta bordadas com símbolos astronômicos em escarlata. Locke juntou os símbolos na cabeça e percebeu que ela estava usando um mapa do nascer do sol e do pôr do sol daquele dia exato.

– Gostou? – perguntou ela, abrindo os braços. – Segundo as instruções dos meus patrões, esforcei-me ao máximo para gastar até o último cobre que eles me deram.

– Obediente à autoridade, como sempre – comentou Locke.

Sabeta ofereceu a mão e ele não se inibiu em beijá-la. O trio se acomodou confortavelmente junto a uma mesinha com bolos de amêndoa, conhaque e quatro taças de cristal vermelho. Locke assumiu a liderança e pegou a garrafa.

– Uma dose servida em homenagem aos amigos ausentes – disse, enquanto enchia a quarta taça e a empurrava de lado. – Que as lições que eles nos ensinaram deem a todos uma tremenda apresentação esta noite.

– A uma vida suficientemente longa para apreciar tudo o que acontecer – completou Jean.

– À política – brindou Sabeta. – Que jamais pulemos na cama com ela de novo.

Bateram as taças e beberam. O líquido tinha uma cor de caramelo claro e lavou a garganta de Locke com um calor doce, bem-vindo. Não era um conhaque alquímico e, sim, um de estilo ocidental antiquado, com sugestões de pêssego e noz entretecidas nos vapores.

– Aí vem o veredicto – anunciou Sabeta.

Lá embaixo, a multidão se abriu para a passagem de uma tropa de casacas-azuis escoltando autoridades com roupas sombrias, que prenderam cornetas alto-falantes em suportes do palco e puseram

baús de madeira atrás delas. Uma mulher pequena, com fartos cachos grisalhos cortados na altura do pescoço, foi até uma corneta.

– Primeira Magistrada Sedelkis – apresentou Sabeta. – Árbitra da Mudança. No período eleitoral, ela é como um décimo quarto deus temporário.

– Não há um representante dos magos? – perguntou Locke. – Eles nem mandam um prato de frutas e um bilhete gentil?

– Sei que eles autorizam esta cerimônia, então que os deuses ajudem quem tentar fraudar a contagem. Mas eles nunca se deixam ser vistos.

– A não ser que eles estejam em algum lugar privado com um alvo para abusos.

Na plataforma abaixo, alguns funcionários destrancaram os baús, enquanto outros se postavam perto das lousas.

– Amigos cidadãos – trovejou Sedelkis –, honrados membros do Konseil e autoridades da república, bem-vindos. Tenho a honra de encerrar o septuagésimo nono período eleitoral na República de Kartane lendo os resultados para o registro público. Os resultados por distrito, a começar por Isas Tedra.

Um funcionário pegou um envelope num baú. Sedelkis abriu-o e tirou um pergaminho cheio de selos e fitas.

– Com a contagem de 115 a 60, Primeirofilho Epitalus, do partido Raízes Profundas.

Aplausos ruidosos irromperam de metade da público do Grande Salão. Um funcionário escreveu com giz os números oficiais numa lousa, enquanto outros acendiam uma vela verde e usavam uma vara comprida para colocá-la embaixo do primeiro globo de vidro fosco.

– Deseja admitir a derrota, madame? – perguntou Locke.

– Acho que essa é uma conclusão precipitada – retrucou Sabeta.

– Droga, ela é inteligente demais para nós.

– Pela Ilha dos Martelos, com a contagem de 235 a 100 –

anunciou Sedelkis –, Quartafilha DuLerian, do partido Íris Negra.

Os funcionários acenderam e colocaram outra vela, que soltava uma luz azul-arroxeadada tão escura que quase poderia ser considerada preta.

– Bom, e agora? – questionou Sabeta, servindo uma nova rodada de bebidas. – Não tem nada engraçadinho a dizer?

– Eu jamais sonharia em ser engraçadinho na sua frente – respondeu Locke.

Sete luzes verdes e quatro pretas estavam acesas quando Sedelkis anunciou:

– Pelo distrito de Bursadi, com a contagem de 146 a 122, Segundofilho Lovaris, do partido Íris Negra.

Jean deu um suspiro teatral.

– Coitado – disse Sabeta. – Quase foi vitimizado por inescrupulosos ladrões de relíquias.

– Nós nos regozijamos com a salvação dele – garantiu Locke.

– Pela Plaza Gandolo – trovejou Sedelkis –, com a contagem de 81 a 65, Segundafilha Viracois, do partido Íris Negra.

– Ah, pelos bagos de Perelandro, nós *enchemos a casa dela* com mercadorias roubadas! – exclamou Jean. – Ela teve onze acusações de invasão de domicílio ou receptação! Que jeitinho você poderia dar nisso?

– Inventei que Viracois estava hospedando em segredo uma prima distante, que tinha um sério problema de cabeça. Uma verdadeira mania de roubar coisas. Até contratei uma atriz para fazer o papel durante alguns dias. Mandei Viracois circular pedindo desculpas pessoalmente pelo fato de que sua “prima” havia conseguido escapar da supervisão e, assim que todos os bens roubados foram identificados e devolvidos, todas aquelas pessoas simpáticas retiraram discretamente as acusações. E falaram discretamente com os amigos e vizinhos, claro.

– Retiraram as acusações. – Locke balançou a cabeça. – Não é

de espantar que pagar à magistrada não nos rendeu nada.

– Pela Isas Mellia – anunciou Sedelkis –, com a contagem de 75 a 31, Maldita Superstição Dextra, do partido Raízes Profundas.

– Nem me incomodei com essa aí – comentou Sabeta.

– Bom, você tentou subornar o cozinheiro dela – retrucou Locke.

– E o porteiro. E os lacaios. E o advogado dela. E o cocheiro. E o dono da tabacaria.

– Eu *consegui* subornar o porteiro. Só não arranjei nada de construtivo para fazer com ele.

– Pelo menos não terei que comer um chapéu – sussurrou Locke para Jean.

– Pelo Caça-Prata – anunciou Sedelkis –, com a contagem de 108 a 67, Luz-do-Amatel Azalon, do partido Raízes Profundas.

Mas essa foi a última luz verde a ser acendida por um longo tempo. As três seguintes foram pretas, totalizando nove a nove.

– No fim das contas, é tudo teatro, não é? – indagou Sabeta. O conhaque havia trazido cor às suas bochechas. – A gente correndo de um lado para outro usando figurinos, dizendo as falas. Agora entra o coro para recitar a moral e mandar a plateia para casa.

– Metade deles vai desejar ter algumas frutas para atirar – comentou Jean.

– Quietos, aí vem.

– O último resultado – anunciou Sedelkis, abrindo o envelope com um floreio. – Pelo distrito de Palanta, com a contagem de 170 a 152, Terceirofilho Jovindus, do partido Íris Negra!

A última lâmpada se acendeu com uma luz escura.

3

A CONSTERNAÇÃO IRROMPEU NO SALÃO, gritos de júbilo misturados com acusações, berros de descrença e insultos.

Sabeta cruzou os braços, recostou-se na cadeira e adotou um

sorriso largo, genuíno.

– Vocês, rapazes, chegaram mais perto do que eu esperava. E eu tive a vantagem de chegar aqui primeiro.

– É uma admissão generosa – falou Jean.

– Seu ardil com o Lovaris seria uma diversão magnífica para assistir. Fico quase triste porque tive que esmagá-lo com o pé.

– Eu, não – replicou Locke.

– ORDEM! – gritou Sedelkis. – ORDEM!

Os casacas-azuis ao redor do palco bateram com os cajados ritmicamente no chão, até que a multidão obedeceu a Sedelkis.

– Tendo todos os distritos prestado contas, declaro que esses resultados são justos e válidos. Kartane tem um Konseil. Que os deuses abençoem a Presença. Que os deuses abençoem a República de Kartane!

– Primeira Magistrada – disse uma voz na multidão –, peço um momento no palco para emendar o registro num pequeno aspecto.

– Ah, o quê, por todos os infernos... – praguejou Sabeta.

Quem falava era Lovaris, que se separou de um grupo de animados notáveis do Íris Negra, passou por um cordão de guardas em volta do palco e se postou ao lado de Sedelkis junto a um alto-falante.

– Caros amigos e colegas cidadãos – começou ele, chamando um dos funcionários que cuidavam dos globos de vidro –, sou Segundofilho Lovaris, frequentemente chamado de Perspicácia, honra que estimo. Por vinte anos, representei o distrito de Bursadi como membro entusiasmado do partido Íris Negra. No entanto, ultimamente devo confessar que o entusiasmo foi abafado por circunstâncias alheias ao meu controle. Lamento ter que discutir isso em público. Lamento ter que assumir uma *ação* corretiva em público.

– Mais alguém nesta mesa está tendo uma alucinação agora? – perguntou Sabeta.

– Se é assim, estamos compartilhando um maravilhoso sonho febril – respondeu Locke. – Vejamos como ele acaba!

– Lamento, acima de tudo – continuou Lovaris – ter que anunciar minha retirada relutante, porém imediata, do partido Íris Negra. Não usarei mais os símbolos dele nem comparecerei às funções do partido.

– Deuses do céu, você está renunciando ao Konseil? – gritou alguém na multidão.

– Claro que não! – gritou Lovaris. – Não falei nada sobre renunciar à minha cadeira no Konseil! Sou o conselheiro de Bursadi, eleito validamente e por direito, como acaba de anunciar a Primeira Magistrada.

– Vira-casaca! – berrou um homem que Locke reconheceu como Primeirofilho Jovindus. – Você concorreu sob falsas premissas! Sua eleição deve ser anulada em favor do segundo lugar!

– Nós elegemos *homens e mulheres* em Kartane! – exclamou Lovaris, e ficou claro, por sua voz, que ele falava com um sorrisinho capaz de ferir um homem inferior, tamanha a intensidade. – Esses homens e mulheres declaram afiliações partidárias apenas por questão de conveniência. Não preciso renunciar a *nada*. Meu honrado colega deveria examinar mais atentamente as leis relevantes. Agora, permita-me terminar de descrever a nova situação!

Lovaris pegou uma vara com o funcionário que ele havia chamado, depois a usou para apagar e tirar a vela do meio dos globos de maioria negra. Um vidro branco e vazio ficou entre nove pretos e nove verdes.

– Só porque saí do Íris Negra não quer dizer que necessariamente abracei qualquer posição do Raízes Profundas. Estou me declarando membro de um partido de um só, independente, um equilíbrio neutro entre as ideologias tradicionais de Kartane. Estou totalmente disposto a ser convencido a tomar

qualquer curso de ação razoável no Konseil. Na verdade, lembro aos estimados colegas que minha porta está sempre aberta a suas abordagens e solicitações. Estarei ansioso por recebê-las. Boa noite!

O que se seguiu só poderia ser descrito como a suruba máxima da temporada social kartani, já que metade dos conselheiros do Íris Negra, tecnicamente imunes à contenção por parte dos guardas, tentou invadir o palco através de uma parede de casacas-azuis que não podiam feri-los nem permitir que ferissem Lovaris. Sedelkis demonstrou a coequivalência do judiciário de Kartane chutando um conselheiro do Íris Negra nos dentes, o que trouxe até mesmo conselheiros do Raízes Profundas para o confronto, com o objetivo de defender os privilégios de seu posto. Mensageiros da guarda partiram para buscar reforços, enquanto a maioria dos espectadores não combatentes enchia suas taças de ponche e se acomodava para assistir ao seu governo em ação.

– Não acredito – disse Sabeta. – Como, diabos... não tenho um modo mais sucinto de dizer: *Como, diabos?*

– Você alertou ao Lovaris que tentaríamos convencê-lo a mudar a cor da sua fita de lapela – respondeu Locke. – E você sabe que ele não engoliu essa oferta nem por um instante. Ele mastigou meu amor-próprio durante um tempo, depois me jogou fora como se eu fosse um cagalhão.

– Mas nós já havíamos preparado uma segunda linha de ataque – completou Jean, servindo-se de mais uma dose de conhaque. – Alimento para o ego. Algo programado para apelar ao seu senso, de que ele deveria ser a dobradiça ao redor da qual o resto do mundo girava.

– A isca certa para um escroto – continuou Locke. – Jean ofereceu a segunda abordagem, com a teoria de que Lovaris poderia estar mais disposto a parlamentar seriamente com um interlocutor em quem ele não havia acabado de mijar. Por acaso, foi uma boa suposição.

– E, agora, Lovaris é o homem mais importante de Kartane – sussurrou Sabeta. – Agora, qualquer impasse no Conseil terá que ser resolvido com o voto dele!

– Uma possibilidade que ele achou muito estimulante – revelou Locke. – Os outros conselheiros podem odiá-lo, mas *irão* à porta dele, com chapéu na mão, pelos próximos cinco anos, ou até ele ser assassinado. De qualquer modo, não é problema nosso.

– E foi necessário só isso? Uma sugestão amigável?

– Bom, obviamente ele concordou em fazer isso só se os números batessem. Se vocês tivessem uma margem de vitória maior, ele teria ficado em silêncio. E houve um tremendo suborno para adoçar o acordo.

– Ele aceitou 25 mil ducados – informou Jean.

– Como ele espera esconder isso? – indagou Sabeta. – O Íris Negra vai fritá-lo! A casa de contabilidade dele vai ser vigiada, os negócios dele serão dissecados, qualquer nova propriedade que ele arranje será batida feito um tapete velho em busca de pistas.

– Esconder não é problema – respondeu Locke –, já que você entregou tudo para ele, por nós, em segurança.

Sabeta o encarou por um momento e, depois, sussurrou:

– Os relicários!

– Eu converti discretamente 25 mil ducados em pedras preciosas, na maior parte esmeraldas e Pérolas Olho de Aranha – contou Jean.

– Uma carga leve que podia ser posta no fundo das gavetas. Seus guardas foram muito mais escrupulosos em cavar a poeira e os ossos dos antepassados de Lovaris do que ele.

– Eu achei que vocês tinham sequestrado os ossos em troca da cooperação dele.

– Era a conclusão sensata – concordou Locke. – Nós não ficamos confortáveis com a ideia de carregar um gordo suborno para a mansão dele; havia um risco grande demais de alguém pago por você nos ver. Talvez até alguém que trabalhasse na casa.

– Mais ou menos metade dos empregados dele – confirmou Sabeta. – Então vocês precisavam que o tesouro fosse entregue ao Lovaris e passaram para mim a localização daquele barco... Pelos deuses! Há quanto tempo vocês sabiam que eu estava controlando o Nikoros?

– Descobrimos quase tarde demais. Quase tudo o que ele forneceu a vocês antes do barco foi legitimamente às nossas custas.

– Humm. Passar para ele a notícia do barco... – Sabeta esfregou as têmporas. – Ah! Aquele depósito alquímico que eu tirei de vocês no Vel Vespala, aquela dica veio do Nikoros. Você... você deve ter dado a todo mundo de quem suspeitava um alvo diferente e suculento!

– E o alvo que vocês atacaram nos disse onde o vazamento estava – completou Locke, sorrindo. – Você entendeu direitinho.

– Seus escrotos impossíveis! – Sabeta saltou de pé, contornou a mesa, puxou Locke e Jean das cadeiras e passou um braço em volta de cada um, rindo. – Ah, vocês são dois merdinhas astutos e insuportáveis. É maravilhoso!

– Você também não foi tão ruim – replicou Jean. – Se não fosse pela graça dos deuses, nós ainda poderíamos estar navegando no Amatel.

– Então o que nós fizemos? – perguntou Sabeta, com a voz cheia de espanto sincero. – O que nós *fizemos*? Acho que eu venci a eleição, mas... não sei se vencer durante uns trinta segundos é vencer de fato.

– Assim como eu não sei se cutucar a vitória para transformá-la num empate seja o mesmo que vencer – acrescentou Locke. – Também não é exatamente perder. Uma tremenda confusão, não é? Digna de bêbados e filósofos.

– Imagino o que os magos vão dizer.

– Espero que discutam sobre isso até o sol esfriar. Nós fizemos nossa parte, lutamos de verdade, pervertemos o resultado final

apenas o bastante para confundir eternamente quem estiver observando. O que mais eles podem querer?

– Acho que vamos descobrir agora – disse Jean.

– Paciência deu... instruções ou sugestões a vocês sobre o que fazer após a contagem dos votos? – perguntou Sabeta.

– Nenhuma palavra – respondeu Locke.

– Então por que não damos o fora daqui e deixamos nossos patrões nos encontrarem quando quiserem? – Sabeta engoliu o resto do seu conhaque. – Tenho um esconderijo perto do Pátio da Poeira. Aluguei a casa por um mês, mandei colocar lenha, roupa de cama e vinho. Eu diria que é um lugar bem confortável para descansar e descobrir o que vamos fazer... em seguida.

Ela passou os dedos levemente pelo braço de Locke.

– Algum plano para tirar a gente daqui sem sermos envolvidos numa briga? – indagou Jean.

– Peles novas. – Sabeta tirou uma adaga fina como um bisturi de algum lugar na manga do casaco e usou-a para abrir três embrulhos de papel, empilhados embaixo do irritante afresco da câmara. – Por mais que eu odeie tirar este vestido, achei que sairíamos muito mais facilmente se nos vestíssemos como o inimigo.

4

NA DÉCIMA HORA DA NOITE, um trio de casacas-azuis passou pela multidão curiosa junto à entrada principal do Kartenium; um guarda magro e um guarda forte, comandados por uma mulher com broches de sargento nas lapelas. Eles se livraram das últimas pessoas que estavam no caminho com uma combinação de empurrões e murmúrios malignos sobre negócios oficiais.

Locke e Jean acompanharam Sabeta por uns 50 metros para o oeste, até um pátio lateral onde uma carruagem aguardava. A noite havia escurecido consideravelmente e, quando Locke abriu a porta

do veículo, seus olhos foram atraídos por uma claridade laranja em algum lugar ao sul.

– Parece um incêndio.

A conflagração ondulou, dourando as construções sombreadas do que devia ser o distrito de Palanta.

– Tremendamente grande – concordou Jean. – Espero que não tenha nada a ver com a eleição. Talvez esses kartanis joguem mais duro do que eu imaginava.

– Venham, vocês dois, não vamos demorar o suficiente para sermos notados por alguém que possa ter um posto superior ao nosso – disse Sabeta.

Subiram juntos na carruagem. Obedecendo a quaisquer ordens que Sabeta houvesse dado antes, o cocheiro sacudiu as rédeas e eles partiram, deixando para trás os resultados das fraudes com o processo eleitoral de Kartane. Guardas genuínos ainda estavam chegando em força total, com porretes e escudos, enquanto a carruagem chacoalhava nas pedras do calçamento, para longe do Kartenium.

I N T E R S E Ç Ã O (I V)

Ignição

– A PRIMEIRA MAGISTRADA ACABA de ler o informe do último distrito – avisa um dos rapazes, com a voz sonolenta, os olhos desfocados.

Tutanofrio sabe, por longa experiência, que as conexões mais tênues e sutis entre mente e mente são as mais difíceis de sustentar. Qualquer porcaria de idiota pode lançar os pensamentos pela noite para magos distantes receberem como se fossem insetos zumbindo.

A rede de informações que agora relampejava pensamentos pela cidade se esforça para ser absolutamente silenciosa.

– O último distrito é do Íris Negra... – sussurra o jovem mago.

– Vitória do Íris Negra – diz alguém. – Por um triz.

– Parece que os alardeados camorris de Paciência não foram páreo para a nossa.

A Arquidama Presciência sorri. Ela usa capuz e manto de couro, uma máscara de pano escuro e um gibão reforçado com cota de malha. Como todos os homens e mulheres no solário do segundo andar da casa de Tutanofrio no distrito de Palanta, ela está vestida para lutar.

– Vamos cuidar deles depressa, depois que todas as outras satisfações da noite tenham sido realizadas.

– Necessidades, melhor dizendo. – Tutanofrio tosse, respirando fundo para ajudar a controlar a ansiedade.

O ar é denso e cheira a todos aqueles magos, a seus mantos e couros, ao vinho nos hálitos, aos óleos nos cabelos, ao suor nervoso, empolgado.

– Por que não as duas coisas? – pergunta a Arquidama.

– Há uma perturbação no Kartenium – sussurra o rapaz que estivera informando sobre a eleição. – Alguém... Lovaris, do distrito de Bursadi. Algum tipo de anúncio. Ele pode estar... Ah! Ele está mudando de lado!

– Droga – pragueja a Arquidama Presciência. – Mas parece que não há hora melhor do que o presente. Todos os nossos alvos devem estar absorvidos na distração.

– Ah, *estão, sim*. – Tutanofrio dá uma risadinha. – A situação não poderia ser melhor. Nosso pessoal está nas posições adequadas?

– Todos – responde Presciência.

– Então vamos à necessidade – diz Tutanofrio, com a boca subitamente seca. – E ao futuro de toda a nossa espécie.

Tutanofrio diz uma palavra.

A palavra vira fogo.

Uma fagulha salta no coração escuro de uma jarra de óleo de fogo, uma dentre uma centena, muito bem lacrada, posta no espaço embaixo do piso da sala um mês antes. O recipiente está pela metade, contendo apenas ar suficiente para a chama respirar os vapores do óleo. A explosão é incandescente, despedaçando vasos de cerâmica, sugando ar e óleo para o incêndio que ruga, devorando tudo.

Nem mesmo os magos podem se mover tão depressa ou se proteger em tão pouco tempo. O piso se move sob os pés de Tutanofrio, depois vem um calor agudo e escuro, uma pressão atordoante e um silêncio súbito. Ele morre levando junto catorze magos, inclusive a Arquidama Presciência. Não tem tempo de sentir arrependimento nem satisfação; isso simplesmente precisará bastar.

A guerra dura nove minutos. É totalmente unilateral, a única guerra possível que os magos podem travar com qualquer esperança de vitória completa contra outros, treinados nas mesmas tradições, nos mesmos padrões.

O pessoal da Arquidama Presciência descobre que sua emboscada é natimorta, que suas posições são armadilhas preparadas. Eles sempre estiveram em menor número com relação à facção de magos de quem zombavam como sendo fracos, e agora esses oponentes aplicam seus números para negar essa injúria.

Não há mercê, nenhuma luta justa é permitida. A força é investida contra a fraqueza. Em telhados, dentro de jardins iluminados, dentro dos salões da Isas Escolástica e nas casas particulares de feiticeiros, o ataque é rápido, silencioso e absoluto.

Enquanto os bêbados e confusos políticos de Kartane se jogam uns por cima dos outros numa briga cômica no coração do Kartenium, setenta magos morrem nos lugares escuros da cidade, levando junto apenas um punhado de seus assassinos.

Navegadora encontra Paciência sozinha na Câmara do Céu,

olhando a tigela do firmamento artificial, que no momento espelha o céu verdadeiro sobre Kartane, as nuvens escuras que se espalham, convocadas para esconder as luas e as estrelas. A sombra foi puxada sobre a cidade como uma capa, para esconder melhor as evidências.

– Acabou – anuncia Paciência.

Ela diz palavras reais para o ar; os fios prateados de fala-pensamento se desenrolaram desagradavelmente por Kartane; gritos de dor e traição, pedidos de socorro que jamais virá, e Paciência endureceu a mente contra a maior parte desse ruído.

– Agora teremos que viver conosco.

– Contar nossos problemas às sombras de Terim Pel – completa a mulher com um braço só.

Ela enxuga uma lágrima do rosto.

– Cada um de nós é um em mil milhares – fala Paciência. – Esta noite, destruimos algumas das coisas mais raras e preciosas do mundo. Nossos herdeiros distantes podem nos amaldiçoar pelo que fizemos.

– Nós já merecemos a maldição deles, Arquidama.

– Desde que ainda *reste* uma palavra com a qual nos amaldiçoem. Venha, ajude-me.

As duas mulheres baixaram a cabeça, moveram as mãos em concordância perfeita e falaram palavras de destrançamento que rasgaram as gargantas como o ar do deserto. Os céus lindamente conjurados da Câmara do Céu desbotaram como a memória de um sonho, até não restar nada além de uma cúpula de pedras brancas e simples, acinzentadas com a pátina de fumaça antiga.

– Quer ver seu filho agora? – pergunta Navegadora.

– Não – responde Paciência, subitamente sentindo cada um dos seus anos, subitamente desejando o toque e o riso de um homem que foi levado pelo Amatel há um tempo que é metade de sua vida.

– Vou falar primeiro com o Lamora. Mas, por enquanto, quero ficar um pouco a sós.

Navegadora assente e se retira em silêncio, deixando Paciência sozinha na vastidão quieta de uma sala que jamais será usada outra vez.

Resta uma última tarefa no fim dessa longa campanha e Paciência ainda não tem coragem para encará-la.

ÚLTIMO INTERLÚDIO

Que os ladrões prosperem

OS RESTOS DE GENNARO BOULIDAZI, último de sua linhagem, foram levados sob a bandeira de sua família. Brego, apoplético, fez a maior parte do serviço, depois de ser censurado pela baronesa Ezrintaim, devido ao pânico e à incredulidade. Mas, gentilmente, ela designou vários policiais para servirem como guarda de honra.

Já era o meio da noite quando todos os policiais e soldados levantaram acampamento da estalagem Gloriano, expulsando alguns vizinhos e curiosos. Ezrintaim deixou apenas uma pequena guarda postada do lado de fora, com ordens de preservar a paz para os “nobres” que passavam a última noite em Espara ali dentro.

Jean e Jenora saíram juntos cedo, para passar aquela noite como quisessem. Os Sanzas, cada um aparentemente relutando em deixar o outro fora das vistas, reivindicaram um canto do salão e beberam com Alondo e Jumento – não a barulhenta bebida da comemoração e, sim, o silencioso ritual de pessoas aliviadas porque ainda tinham gargantas por onde derramar a cerveja.

Bert e Chantal caíram no sono um em cima do outro, enrolados numa capa velha. A Sra. Gloriano prometeu a Locke que iria acordá-los depois de um tempo e colocá-los num quarto de verdade. Então, ela e Sylvanus sentaram-se juntos, trabalhando numa garrafa

enrolada com fita, de algum conhaque caro cuja existência jamais fora mencionada anteriormente aos ingratos sedentos que batiam em seu balcão pedindo para serem atendidos.

Sabeta foi clara e objetiva, sem palavras. Encontrou Locke absorto em pensamentos no salão e dispensou-os pondo a mão no ombro dele. Olhou para a escada como se fizesse uma pergunta e, quando ele assentiu, o sorriso dela o fez sentir algo que nem mesmo os aplausos de oitocentos estranhos haviam conseguido.

Os dois pegaram um quarto vazio. Sabeta usou a única cadeira do cômodo para bloquear a porta e admirou o trabalho com satisfação séria.

Estavam cansados, o cheiro de fumaça se entranhava fundo nos cabelos, e a última coisa de que precisavam era mais suor sem banho, mas nenhum dos dois se importou. Estavam à vontade na escuridão, de um modo que só os sobreviventes de lugares como o Morro das Sombras poderiam entender, e vivos para os lábios e as mãos um do outro como nunca antes. Ainda estavam tímidos, ainda desajeitados e destreinados. Mas, se a primeira noite juntos havia sido confusa e incompleta, a segunda... ah, a segunda lhes ensinou por que as pessoas continuavam tentando.

CAPÍTULO DOZE

O fim dos sonhos antigos

1

O CHEIRO DELA, O GOSTO DELA. Locke acordou no escuro, ainda inundado daquelas coisas. Seu suor, o suor dos dois, havia esfriado e secado na pele, e a cama... Passou as mãos pelo lado que ela tinha ocupado e encontrou-o vazio, com o cobertor empurrado para longe.

Lembrou-se de onde estava. A sala de cima da casa de Sabeta perto do Pátio da Poeira, a que tinha o colchão caro e luxuoso e os lençóis de seda lashani. Não podia ter dormido muito tempo.

Havia alguém no escuro, vigiando-o, e ele soube num instante que não era Sabeta. Sabia com cada fibra da intuição quem deveria ser, parada perto das leves frestas de luz da janela.

– O que você fez? – sussurrou ele.

– Nós conversamos – respondeu Paciência. – Eu mostrei uma coisa a ela.

Uma luz prateada e suave preencheu o quarto – os frios globos alquímicos, em reação a um simples gesto de Paciência. Locke viu as mãos dela se movendo à medida que seus olhos se acostumavam, viu que ela usava uma pesada capa de viagem com o capuz empurrado para trás.

– Onde está o Jean?

– Lá embaixo, onde você o deixou. Vai acordar logo. Quer se

vestir ou está confortável para conversar assim?

O frio que Locke sentiu tinha pouco a ver com o mero fato de que estava nu. Deslizou da cama, sem se importar se escondia alguma coisa de Paciência, e se vestiu de um jeito que só poderia esperar, de modo ridículo, que fosse insolente. Pôs calças e túnica como se fosse uma armadura, e um casaco escuro e simples como se isso pudesse manter longe Paciência e suas palavras.

Locke viu que havia alguma coisa encostada na parede atrás da maga, um objeto retangular e chapado com cerca de um metro de altura, coberto por um pano cinza.

– Ela tentou escrever um bilhete para você – informou Paciência.
– Mas... não conseguiu. Foi embora há uma hora.

– O que você *fez* com ela, Paciência?

– Não fiz *nada*. – Seus olhos escuros o observaram, pareceram perfurá-lo. Aqueles olhos de caçador. – Para minhas artes, Sabeta Belacoros é uma marionete esperando a mão do manipulador, mas não teria sentido se eu tivesse *feito* alguma coisa. Ela precisava escolher. Eu lhe dei informações que a levaram a uma escolha.

– Sua puta...

– Além disso, eu salvei sua vida esta noite. Pela segunda e última vez. Esta é a nossa última conversa, Locke Lamora, se é assim que você ainda opta por se chamar. Vim pagar todas as dívidas e terminar meu negócio com você.

– Quer que eu me mate, finalmente?

– Claro que não.

– E... quer manter a palavra? Dinheiro e transporte para irmos embora?

– Não há dinheiro nem transporte. – Paciência riu sem humor. – Você não vai receber mais nada de nós. Seus contatos na casa de contabilidade não vão mais reconhecê-lo e seus colegas do Raízes Profundas já pensam em Sebastian Lazari como o fantasma de uma lembrança. Aonde quer que vocês, cavalheiros, optem por ir,

suspeito que terão uma longa caminhada pela frente.

– Por que está fazendo isso conosco?

– Pelo Falcoeiro.

– Então o jogo era de vingança, afinal de contas. Bom, uma *criatura* como o Falcoeiro mereceu cada segundo de dor que eu lhe provoquei, e *foda-se* você se espera que eu pense de forma diferente!

– Você não pode entender o que tirou dele – falou Paciência, as palavras quentes e densas de desprezo. – Sua carne é inerte; para você, a magia não passa do som do vento. Você não pode senti-la *jamais*, sentir as palavras saindo de você como fogo, como flechas de um arco! Nem conhecer esse poder preenchendo-o e carregando-o como uma pena ao vento. Você acha que sou egoísta por causa disso? Cruel? É menos do que você merece! Matar o Falcoeiro teria sido um ato misericordioso. Eu *matei* magos. Mas você roubou as mãos e a voz dele. Tirou seus instrumentos mágicos e o esmagou como uma obra de arte inestimável. Roubou o destino dele. A Arquidama Paciência poderia perdoá-lo. A mãe e a maga *não podem*.

– Posso repetir minha declaração anterior – retrucou Locke, com a voz trêmula.

Um passo pesado soou na escada. Jean irrompeu no quarto, escancarando a porta sem bater.

– Não entendo – disse ele, ofegante. – Eu estava só... Você fez alguma porra comigo de novo, não foi?

– Um cochilo breve – respondeu Paciência. – Eu queria um tempo com Sabeta e, depois, com Locke. Mas você pode ouvir o resto que eu tenho a dizer.

– Onde está Sabeta?

– Viva – respondeu Paciência. – E fugiu por vontade própria.

– Por que eu...

– Você não tem mais nada que eu queira, Jean Tannen. Se me

interromper de novo, Locke vai sair de Kartane sozinho.

Jean fechou os punhos mas ficou em silêncio.

– Também vou deixar Kartane – revelou Paciência. – Eu e todos os magos. Esta noite se encerra o último Jogo dos Cinco Anos e nossos séculos de vida aqui. Quando os kartanis arranjam coragem para entrar na Isas Escolástica, vão encontrar nossas construções vazias, nossos túneis desmoronados, e nada de nossas bibliotecas e tesouros. Estamos retirando todos os nossos traços de Kartane, até a poeira embaixo das camas.

– Por que, pelos deuses, vocês fariam isso? – questionou Locke.

– Kartane é o sonho antigo. Serviu ao propósito. Nós reunimos força, aperfeiçoamos as habilidades e coletamos a riqueza de que precisamos para fazer o que precisamos. Não haverá mais contratos. Nem Magos-Servidores. Estamos nos retirando da vida pública deste mundo. Nunca mais permitiremos que esse tipo de instituição se erga.

– E o... o perigo do qual você falou? – perguntou Locke, irritado e espantado pela magnitude das mudanças que as palavras de Paciência implicavam.

– Existem coisas se movendo e sonhando na escuridão. Nós nos recusamos a tomar qualquer atitude que arrisque acordá-las. No entanto, a magia humana *precisa* sobreviver, por isso precisamos aprender a executá-la do modo mais discreto possível.

– Por que nos obrigou a participar dessa porcaria de eleição? Deuses, por que não nos colocar numa sala, dizer essa merda e poupar tanta encrenca?

– Há um século, sábios membros da minha ordem previram nosso rumo sem qualquer sombra de dúvida. Nós usamos os contratos para enriquecer, mas eles também nos tornaram arrogantes. Alimentaram o impulso de dominar, de enxergar nossos poderes como ilimitados e o mundo, como nossa argila a ser moldada. Esses homens e mulheres sábios tinham o conhecimento

de que aconteceria uma crise, um período sangrento, e a única forma de vencer seria pela surpresa. Eles visualizaram uma ruptura de nossa vida comum, tão profunda e ao mesmo tempo tão rotineira que poderia esconder os preparativos de uma luta quando chegasse a hora. Os Jogos dos Cinco Anos se tornaram uma parte regular da nossa sociedade, uma festa e uma liberação da tensão. Mas alguns de nós sempre soubemos da intenção original dos jogos e guardávamos o conhecimento de que poderíamos ter que agir de acordo com ela.

– Então tudo não passou de... uma monumental distração? Enquanto nós dançávamos para todo mundo se divertir, você afiava sua faca e cravava nas costas de alguém?

– Todos aqueles magos que eu descrevi uma vez como excepcionalistas. Todos aqueles irmãos e irmãs. Eu lamento por eles, ao mesmo tempo que sei que não havia como convencê-los. Eles permanecerão em Kartane para sempre. O resto de nós vai embora.

– Por que está contando isso para nós? – questionou Jean.

– Porque valorizo o desconforto de vocês. – Paciência abriu um sorriso sem cordialidade. – Eu descrevi de modo muito sucinto as condições do trabalho de vocês. Não vamos desaparecer do mundo, mas apenas dos olhos das pessoas comuns. Compartilhar nossos negócios com qualquer um e com vocês está *sempre* ao nosso alcance.

– Pessoas comuns – repetiu Locke. – Bom, até que ponto eu sou comum de fato? Qual é a verdade de todas as histórias que você teceu sobre o meu passado?

– Você deveria olhar a pintura que eu trouxe para Sabeta. – Paciência bateu de leve no objeto embrulhado que estava encostado na parede atrás dela. – Vou deixá-la aqui, mas, dentro de um ou dois dias, ela será apenas cinzas brancas. É o único retrato de Lamor Acanthus pintado durante a vida dele. Eu deveria lhe dizer: a semelhança é impecável.

– Uma resposta simples! – gritou Locke. – O que eu sou?

– Você é um homem que não vai *saber* a resposta. – Agora o sorriso de Paciência era genuíno. Ela estava tremendo, obviamente contendo uma gargalhada com dificuldade. – Olhe para você: camorri! Especialista em truques! Acha que sabe o que é a *vingança*? Bom, eis a minha contra você. Antes de ser Arquidama Paciência, eu me chamava Costureira. Não porque gosto de trabalhar com agulhas, mas porque eu *talho sob medida*.

Locke só pôde ficar encarando-a, sentindo-se frio e vazio até as profundezas das entranhas.

– Viva uma vida boa e longa sem sua resposta – continuou ela. – Acho que você vai descobrir que a prova está bem equilibrada em ambos os lados. Agora vou lhe dizer mais uma coisa, e só porque sei que isso vai assombrá-lo e inquietá-lo. Meu filho preferia zombar das minhas premonições, mas só porque não queria encarar o fato de que elas sempre tinham solidez. Vou lhe dar uma pequena profecia, Locke Lamora, do melhor modo que eu a vi. Três coisas você deve tomar e três coisas você deve perder antes de morrer: uma chave, uma coroa e uma criança. – Paciência puxou o capuz para cima da cabeça. – Você vai morrer quando cair uma chuva de prata.

– Você está inventando essa merda toda.

– Posso estar. Posso muito bem estar. E isso faz parte do seu castigo. Vá agora e viva, Locke Lamora. Viva inseguro.

Ela fez um gesto e sumiu.

2

JEAN PERMANECEU NA SOLEIRA DA PORTA, fitando o embrulho cinza. Por fim, Locke reuniu coragem para pegá-lo e rasgar o papel.

Era um quadro a óleo. Locke olhou-o durante um tempo, sentindo as linhas do rosto se retesarem como uma corda de arco, sentindo a umidade se juntar nos cantos dos olhos.

– É claro. É claro. Lamor Acanthus. E a esposa, imagino.

Emitiu um som que era meio um riso amargo e meio um soluço estrangulado, e jogou o retrato na cama. O homem de manto preto não se parecia em nada com Locke: tinha ombros largos, com o aspecto clássico de um aristocrata do Trono Terim, moreno e de traços angulosos. A mulher ao lado tinha o mesmo tipo de glamour altivo, até os ossos, mas era de pele muito mais clara.

Seu cabelo denso e solto era vermelho como sangue fresco.

– Sou tudo que Sabeta temia. Talhado sob medida.

– Eu... eu lamento profundamente ter colocado você nisso tudo.

– Merda! Não banque o molenga agora, Jean. Eu estava quase morto e a única saída era ir até o fim do jogo de Paciência. Agora ela deu a cartada final.

– Podemos ir atrás de Sabeta. Ela tem meia hora de dianteira. A que distância pode ter chegado?

– Eu quero. – Locke enxugou os olhos. – Deuses, ainda sinto o cheiro dela em todo este quarto. E, pelos deuses, eu a quero de volta. – Ele se deixou cair na cama. – Mas eu... eu prometi confiar nela. Prometi... respeitar as decisões dela, não importando quanto isso pudesse me ferir, porra. Se ela precisa fugir, se precisa se afastar de mim, então vou... vou aceitar. Se ela quiser me encontrar de novo, o que poderia impedi-la?

Jean pôs as mãos nos ombros de Locke e baixou a cabeça, pensativo.

– Porra, vai ser *insuportável* conviver com você durante algumas semanas – disse por fim.

– Provavelmente – concordou Locke com uma risadinha pesarosa. – Desculpe.

– Bom, nós deveríamos dar uma geral neste lugar e pegar tudo em que pudermos pôr as mãos. Roupas, comida, ferramentas. Não precisamos ir atrás de Sabeta, mas seria melhor estar com o rabo na estrada antes que o sol espie sobre o horizonte.

– Por quê?

– Kartane não manteve um exército nem fez manutenção nas muralhas durante *trezentos anos*. Dentro de algumas horas, a cidade vai acordar e descobrir que a única coisa que a protege do mundo lá fora desapareceu durante a noite. Você quer estar aqui quando *essa* confusão estourar?

– Ah, merda. Bem pensado.

Locke se levantou e olhou o quarto ao redor uma última vez.

– Chave, coroa e criança... – murmurou. – Bom, foda-se Paciência. Três coisas ela deve lambar antes que eu a deixe me assombrar de vez: minhas botas, meus bagos e meu traseiro.

Locke calçou as botas e acompanhou Jean escada abaixo, impaciente para deixar Kartane para trás e diminuindo aos poucos no horizonte.

EPÍLOGO

Asas

1

O MENINO TEM 6 ANOS. Olha o Amatel, respira o ar do lago, os cheiros saudáveis de vida e frescor. Contempla as luzes brilhantes, as joias na escuridão, os segredos dos Ancestres espalhados nas profundezas. O pessoal do cais diz que pescadores na água à noite foram enlouquecidos pelas luzes, mergulharam até elas, nadando freneticamente, como se subissem à superfície, até se afogar. Ou desaparecer.

O menino não tem medo das luzes. O menino tem um poder que o pessoal do cais nem consegue imaginar. Sente uma pressão nas têmporas quando olha pela água afora. Ouve algo mais baixo e mais adorável do que o barulho constante das ondas e os gritos dos pássaros. O poder das coisas ocultas chama o poder do menino.

O menino sabe que o Amatel levou seu pai. Disseram-lhe isso, mas ele não se lembra de nada. Era pequeno demais. Não existe lembrança para lamentar. O lago de joias significa apenas vida, beleza e familiaridade tranquilizadora.

Todas essas coisas. E o poder que espera seu poder para se igualar a ele. Para *revelá-lo*.

2

O MENINO TEM 4 ANOS, o menino tem 10 anos, o homem tem 20. Seu corpo muda neste lugar. Às vezes ele está inteiro, às vezes está satisfeito, às vezes suas lembranças são claras e nítidas como pinturas reluzindo com o fogo dos deuses em cada partícula de pigmento.

Às vezes ele fala com uma voz melodiosa e retumbante. Às vezes move as mãos e sente os dedos ali, sente-os roçar nas superfícies e pegar coisas. Não sabe por que isso lhe agrada, por que sente algo como a pressão quente de lágrimas nos olhos, por que o júbilo é tão agridoce.

Às vezes ele caminha em meio à névoa. Seus pensamentos são embrulhados em algodão, que abafa tudo. Às vezes está numa rua, confuso. Está amarrado com cordas, latejando de dor, as mãos e a boca cobertos de sangue. Seu próprio sangue. A chuva cai e homens o encaram, estudando-o, com medo.

Às vezes ele está olhando através do Amatel, sentindo a vida do pássaro pela primeira vez. Uma gaivota, uma coisa elegante e branca, girando em pequenos círculos. O menino sente as necessidades da ave, sua fome, a simplicidade elegante da coisa no *centro de tudo*. O menino visualiza isso como uma roda, uma peça de mecanismo, um círculo lógico movendo-se sem atrito ou remorso. *Atacar, comer, viver no vento. Atacar, comer, viver no vento.*

O menino move os dedos para invocar seu poder inato. Estende as mãos e toma a vida da ave como um fio que zumbe nas mãos que mais ninguém pode ver, as mãos do poder que sua mãe lhe ensinou a usar.

A ave fica espantada.

Suas asas se dobram desajeitadamente. Ela mergulha 6 metros e ricocheteia com força numa pedra, depois cai na água, sacudindo-se e guinchando, agitada, tendo sorte por suas asas não se quebrarem.

O menino precisa treinar.

3

O MENINO ESTÁ COM 10 ANOS. Correu por morros e florestas ao norte de Kartane durante toda a noite, com sangue na boca. O menino se agachou no centro de uma teia, imóvel como uma pedra, com veneno nas presas e a levíssima sensação de movimento ondulando os pelos, as correntes de ar da caça chegando cada vez mais perto. O menino voou alto no céu, perseguiu o sol, aprendeu a atacar, comer e viver no vento.

– Você não deve – insiste a mãe.

Sua mãe é poderosa, sua mãe está lhe ensinando seus dons, mas não deixará que ele ensine a ela os seus.

– Esta não é uma coisa bem-vista entre nossa espécie – diz ela. – Você é um homem! Vai pensar como homem! Não há espaço para um homem naquelas mentes minúsculas.

– Eu compartilho – responde o menino. – Eu comando. Não me sinto pequeno. Se eles são mesmo minúsculos, talvez eu os torne grandes sempre que entro.

– Você vai ficar cada vez mais sensível. Vai se amarrar a eles cada vez com mais força, entendeu? A vida deles se tornará sua, os sentimentos deles serão seus. Se eles forem feridos, você compartilhará toda a dor. Se eles forem mortos... você poderá se perder também.

O menino não entende. Sua mãe lhe fala essas coisas como se não houvesse compensações. O menino sabe que está sozinho, dentre todos os magos a quem sua mãe o apresentou, em sua disposição de compartilhar a vida dos animais.

Não há como dissuadir o menino. Ele provou a vida sem arrependimentos, a vida sem remorso, a vida no vento. É isso que ele é; o menino retorna a si mesmo depois de cada comunhão,

sentindo que parte da vida selvagem retornou com ele, para viver dentro dele.

Sua mãe poderia fazê-lo parar. Mesmo com 10 anos, o menino sabe o poder que ela tem sobre ele, queima de vergonha com isso. Mas a mãe não vai usar esse poder. Ela ensina, implora e ameaça, mas não falará a coisa que trancaria a vontade do filho numa caixa de ferro.

A mãe não pode, ou não quer, mas isso não faz com que o menino a perdoe. Ele lança sua consciência a lugares escondidos, para corujas, corvos, falcões. Lança-se no céu carregando raiva do chão, e o sangue quente corre em suas garras. Voa para esquecer que tem pernas. Mata para esquecer que tem regras e expectativas. Jamais compartilha essa experiência com alguém. Vai sozinho para a floresta, e passarinhos mortos caem como chuva. Quando é envergonhado nos estudos ou censurado por sua atitude, lembra-se do sangue nas garras e suporta tudo com um sorriso.

4

O MENINO SE FOI, o homem tem 25 anos, o homem está... perdido.

Às vezes ele está no lugar morto e cinzento. Suas pernas se recusam a se mover. Suas mãos parecem cotocos aleijados. Sua língua lateja com uma dor fantasma, um pinicar elétrico. Ele está preso numa cama como se estivesse pregado nela. Não consegue lembrar como foi parar ali. Soluça, entra em pânico, tenta abrir caminho até a realidade com os dedos que não existem mais.

Só o cheiro do lago o relaxa, o perfume fresco da água, o sabor picante de peixe morto ou bosta de gaivota. Quando o vento sopra essas coisas até ele, é possível suportar a confusão e a tortura do lugar morto.

Quando o vento está forte, as sombras ao redor derramam algo frio e amargo pela sua garganta e ele adentra a escuridão,

xingando-as sem palavras.

5

O AR DO LAGO SOPRA no lugar morto. Ele o recebe como se nenhum outro ar o sustentasse. É noite; a escuridão é afastada pela luz de uma única lâmpada. Tudo é estranho; ele sente uma força esperançosa dentro do peito, algo brotando dele como bolhas numa fonte. A sala está clareando, como se uma camada de gaze depois da outra estivesse sendo removida de seu rosto.

A luz arde nos olhos; a nova claridade é irritante. Há sombras movendo-se perto da luz, duas delas.

O homem tenta falar e um gemido estrangulado e úmido o espanta. Demora um momento até perceber que o ruído é seu, que sua língua é um pedaço de coisa cauterizada.

Suas mãos! Lembra-se de Camorr, lembra-se do aço descendo, lembra-se da dor compartilhada dos últimos instantes de Vestris varrendo-o em ondas insuportáveis. Lembra-se de Locke Lamora e de Jean Tannen. Lembra-se de Lucano Anatolius.

Ele é o Falcoeiro e o ar no quarto é pesado com o aroma do Amatel. Ele está vivo e de volta a Kartane.

Quanto tempo? Sente-se rígido, leve, fraco. Um peso significativo desapareceu de seu corpo. Seriam meses, semanas?

Quase três anos, sussurra uma voz suave em sua cabeça. Uma voz familiar. Uma voz odiada.

– Mnnnnghr – reage ele, rouco; é o melhor que pode fazer.

A frustração vem como um peso físico. Ele sente as correntes de magia no quarto, sente a força de sua mãe ali perto, mas suas ferramentas estão faltando. O poder está ali para ser manejado, mas sua vontade se esvai como areia correndo por um vidro liso.

Eu cuidarei disso por nós dois.

Frios dedos de força deslizam por sua mente, e a impotência

desaparece. Ele sente as palavras enquanto as molda, sente-as indo até ela, de mente para mente, sua primeira comunicação ordenada em... três *anos*?

TRÊS ANOS!

Como eu disse.

Camorr...

É, o contrato com Anatolius.

Até que ponto fui ferido? O que eles fizeram comigo?

Não o suficiente para causar sua condição atual.

O Falcoeiro pondera sobre o significado dessas palavras, folheia desesperadamente as lembranças como se fossem páginas de um livro.

Um modelo de cidade em aço de sonho. As torres caindo num nada chapado e prateado.

A Arquidama Paciência, na Câmara do Céu, alertando-o sobre o perigo.

Aço subindo e caindo. Calor cauterizante, brancos relâmpagos de dor na mente, diferente de tudo o que ele jamais imaginou. Vestris morta. Antes que a lâmina chegue à sua língua, ele tenta executar o feitiço do amortecimento da dor, a antiga técnica familiar, mas... não há o alívio bem-vindo. Névoa, loucura, prisão.

Agora veja tudo.

Paciência fala uma palavra e algo se solta na mente dele. Uma pátina se racha em cima de uma lembrança antiga, revelando a verdade dentro da casca.

Arquidama Paciência. Na noite em que o Falcoeiro partiu, uma breve audiência particular. Ela o alerta de novo. Outra vez ele zomba da transparência dos ardis da mãe. Então, Paciência diz outra palavra, urgente e irresistível. A palavra é o nome dele, seu nome verdadeiro, pronunciado como a pedra angular de um feitiço. O Falcoeiro está amarrado àquilo, e depois é obrigado a esquecer.

Você... você fez isso.

Uma compulsão sutil. Uma armadilha. Uma ordem irrevogável dormindo em sua mente até a próxima vez em que ele usasse a arte de amortecer a dor.

VOCÊ fez isso comigo...

Você fez consigo mesmo.

VOCÊ FEZ ISSO COMIGO!

Eu lhe dei a chance de evitar.

NÃO. A CHANCE DE MOSTRAR MINHA GARGANTA.

Sua arrogância de novo. Não vê que você era um problema necessitado de solução?

E A SUA SOLUÇÃO... ASSASSINATO. LONGE DE CASA.

Creio que esse é o único modo honesto de ver a situação.

EU SOU A DROGA DO SEU FILHO!

Eu tenho cinco anéis. Você se colocou do lado errado deles.

Bom... Ele se obriga a baixar a voz mental, a pensar friamente. Deve haver perigo aí. Por que ela está contando isso, revelando tudo depois de três anos? **Você certamente fodeu com as coisas, não foi?**

Tudo o que eu consegui prever era que você ia sofrer uma dor séria. Portanto, presumi que estaria correndo perigo extremo... que faria a coisa óbvia.

Quer dizer, me paralisar! E, então, tudo estaria acabado.

Só que seus oponentes foram... escrupulosos.

Ah. É assim a sensação após um tratamento escrupuloso? Que grande sorte.

Eu lhe disse: não é o que eu queria!

Você e sua maldita presciência. Suas sugestõezinhas mesquinhas. O modo como você tentava controlar todo mundo ao redor usando-as. De que adiantava, se você nem pôde ver ISSO vindo até nós? Diga, mãe, você alguma vez conseguiu ter uma visão de seu PRÓPRIO futuro?

Não.

Bom, deve ser agradável para você. Ser a única pessoa real em toda a porcaria do seu mundo, e todo o resto de nós somos marionetes para seu palco particular. Como é a sensação AGORA?

– Acabou – responde Paciência, passando para a fala normal. Ela está ao lado da cama dele, olhando-o. – Tudo. Seus colegas estão mortos. A Arquidama Presciência está morta.

Como?

– Isso é irrelevante. Você é o único sobrevivente de sua facção. Todas as questões entre nós foram resolvidas. Estamos partindo de Kartane, adentrando o tempo do silêncio, como foi planejado. Você é meu último item a ser resolvido antes da partida.

Veio me matar finalmente? Veio dar um fim a três anos de covardia?

– Parte de mim deseja que você estivesse morto. Deseja que você tivesse morrido de modo limpo, como teria acontecido se você estivesse saudável e lá fora, em Kartane, esta noite. Não consigo imaginar alguém desejando viver em sua... condição. E vou acabar com o seu sofrimento, se é isso que você deseja. Mas senti que deveria perguntar. Eu lhe devo pelo menos essa última coisa.

Paciência aponta para a outra figura no quarto, um homem corpulento, careca, com bigode preto que se estende até a gola da túnica marrom. Não há anéis visíveis em nenhum dos pulsos.

– Este é Eganis, que cuida de você. – Ela oferece imagens e impressões, revelando ao Falcoeiro como tem sido durante três anos.

Eganis movendo-o, rolando-o de um lado para outro, virando-o para evitar escaras úmidas.

Eganis alimentando-o com mingau, papa e leite.

Eganis esvaziando seu penico.

Eganis andando com ele, guiando o hesitante Falcoeiro com uma tira de couro amarrada no pescoço.

Um mago de Kartane... preso numa coleira...

Era necessário para preservar sua saúde.

Como um cachorro...

Era necessário!

COMO UM MALDITO CACHORRO!

Você sempre quis conhecer mais intimamente o espírito dos animais.

O Falcoeiro não envia palavras e, sim, um jorro incontido de ódio tão quente e ácido que ele a vê cambalear antes de conseguir proteger a mente contra aquilo.

– Você vai entender quando ficar calmo – diz ela. – Vou deixar esta casa, e verbas para Eganis usar. Sem mãos ou voz, agora você é efetivamente um sem-dom e jamais verá qualquer um de nós outra vez. Você pode encontrar algum motivo para viver, está convidado a fazer isso. Se achar esse pensamento insuportável, então eu... acabarei com a situação de modo rápido e indolor.

Não aceitarei mais nada de você enquanto viver. Nem esta casa. Nem Eganis. Nem caridade. Sem dúvida não a morte.

– Em sua cabeça será assim – murmura ela. – Eganis ficará. Você é um inválido mudo com três anéis tatuados no pulso e, em pouco tempo, Kartane poderá ser um lugar muito... interessante para você.

Para você, não há inferno suficientemente profundo para o meu gosto, mãe.

Suas ambições e suas investigações foram uma ameaça para cada ser vivo neste mundo. Considere isso quando derramar suas lágrimas.

Sua TIMIDEZ! Diante dos segredos que esperam ser destrancados em todos os locais onde os Ancestres puseram os pés, você quer que permaneçamos ignorantes e impotentes... Bom, vá para o inferno. Todo o verdadeiro poder da raça humana é desperdiçado com pessoas como

você... os que são pequenos por vontade própria. Você e todos os seus colegas, desfechos da pior piada de Kartane. Cinco anéis! Cinco algemas de prisioneiros!

Você estaria livre para enfiar a mão no fogo se o resto de nós não fosse queimar junto. Adeus, Falcoeiro.

Paciência parte, e o feitiço de moldar pensamentos desmorona na ausência dela. O Falcoeiro está sem voz, apenas na companhia de Eganis. O homem olha para ele, depois desvia ligeiramente o olhar, como se ficasse desconfortável ao vê-lo de olhos abertos.

– Se algum dia você achar que o fardo da sua vida nova... é pesado demais – murmura Eganis –, fui instruído... a lhe oferecer misericórdia. Tenho pós que podem ser tomados com vinho.

O Falcoeiro fuzila o homem com os olhos até que ele dá de ombros e sai do quarto.

6

AGORA, O FALCOEIRO NOTA O frio outonal. Sente-o como uma dor no corpo magro demais. Enojado, rola para a esquerda e tenta ficar de pé sozinho.

Sucesso, mas por pouco. Pelos deuses, ele se move como um homem de 90 anos! Os quadris doem e as pernas parecem finas demais para sustentá-lo, mas, ainda assim, o fazem, desajeitadamente. O Falcoeiro dá um risinho desgostoso devido ao passo manco e cheio de estalos.

Não há nada útil nessa cela de prisão. Uma cama, uma cadeira, uma lâmpada, um penico. O cômodo ao lado é maior, mobiliado com uma biblioteca de várias dúzias de volumes e uma pequena bacia. O Falcoeiro vai mancando com esforço até o recipiente, sabendo o que verá ali. O aço de sonho é encontrado em toda parte nas casas dos magos, como decoração e diversão. O poço é inerte para ele, morto como água, e a frustração o faz estremecer tanto que ele quase cai.

Com o lábio trêmulo, cutuca o poço de prata com os destroços da mão direita. Precisa de dedos, dedos flexíveis! Assim, o aço poderia assumir qualquer forma necessária a partir da pressão do pensamento. Quando tinha 5 anos, era capaz de mover o metal com um gesto e uma única palavra. Um calor novo sobe ao rosto e, por um instante, ele odeia tão ferozmente o que se tornou que chega a pensar nos pós oferecidos pelo cuidador.

A superfície do aço de sonho ondula num lugar que ele não está tocando.

O Falcoeiro salta para trás, o coração martelando, ruidoso a ponto de dar pena, em seu peito fraco. Pelos deuses! Se seus olhos o estão enganando... se ele *não* viu isso, diz a si mesmo que vai *exigir* os pós. Seus dentes estão chacoalhando de empolgação enquanto ele se curva de novo sobre a bacia. Toca os cotocos dos dedos no líquido e fica olhando-o, obrigando toda a força de vontade a sair do longo sono, de toda a sua fúria, de todo o seu foco e seu desejo aperfeiçoados de modo não humano. Gotas de suor escorrem pela testa.

Estremece com um desejo tão profundo que sua respiração sai em haustos ofegantes.

Fios de aço de sonho, finos como cabelos, se esgueiram pelo cotoco do indicador direito. Em seguida, gotas grossas, depois uma linha curva e tangível. Ele sente o poder como uma vibração ao longo da borda prateada. Seu contato com a energia da feitiçaria. Seu foco. Lágrimas quentes encharcam suas bochechas e seu peito arqueja como um fole.

Num minuto, ele moldou um único dedo prateado e o processo ganha velocidade. Com um dedo para direcionar as correntes de magia, é fácil fazer um segundo, mais fácil ainda um terceiro. Antes que possa acreditar, o Falcoeiro está olhando, em júbilo pasmo, uma meia mão de metal, mantida inteira pelas flexões triviais de sua vontade: cinco dedos prateados.

Seu gemido de alívio é tão alto e indigno que Eganis vem correndo lá de baixo. Os olhos do homem se arregalam.

– Que diabo você acha que está fazendo?

Não há necessidade do expediente antigo, de jogar com um fio de prata para lá e para cá. Agora a própria mão do Falcoeiro fará o serviço. Ele flexiona os dedos de pele espelhada, faz um gesto de varredura na direção de Eganis, que cai de joelhos, arfando.

O Falcoeiro tem poder, mas é fraco e vago. Ele precisa de uma voz. Um pouco de magia só o deixa desesperadamente sedento por tê-la toda de volta. Sedento! A mera ideia... Mas por que não? Em que a precaução o ajudaria nesse momento? Pega a bacia de aço de sonho com sua nova mão e a inclina em direção à boca; o metal é frio e estranhamente salgado. Ele se empoça embaixo do seu cotoco de língua, desliza em arcos até a goela, onde se detém e toma forma, não como uma língua, mas como uma fina superfície ressonante, vibrando em parte com som e em parte com magia.

Ruídos fantasmagóricos como risos sibilantes enchem o cômodo enquanto ele luta para dominar o aço de sonho, para alinhá-lo perfeitamente, para ajeitar sua garganta.

– EGANIS – troveja ele, por fim. A voz é fria, as palavras parecem grades de metal se fechando. – Então você me ofereceria misericórdia, Eganis? VOCÊ... ME ofereceria misericórdia?

– Por favor – o cuidador tosse –, eu não queria lhe fazer mal! Eu cuidei do senhor!

– Eu recusei você como um presente. – O Falcoeiro agarra a bacia e a lança contra Eganis, derramando o resto de aço de sonho sobre ele. – Minha mãe deveria ter mandado você embora.

O Falcoeiro move a mão prateada e fala em sua voz de prata. O aço de sonho toma vida e se arrasta sobre Eganis, em direção ao pescoço dele.

– Não! Por favor, eu posso servir ao senhor!

– Você vai me servir. Como prova de uma ideia.

O Falcoeiro fecha o punho, e o aço de sonho solto flui para dentro dos ouvidos de Eganis. Linhas vermelhas paralelas escorrem por baixo das prateadas, e então se tornam rios. Eganis grita. Agarra o topo da cabeça e há um som como hastes de trigo se partindo. O crânio se despedaça. Uma onda de fontes prateadas sai por trás de sangue quente e miolos molhados.

Tudo bate no chão em muitas partes diferentes do cômodo. O Falcoeiro chama de volta o aço de sonho livre, formando um colar com ele. Terá que conseguir mais, de algum modo, para fazer outra mão funcional. Mesmo assim, o que ele tem deve mais do que bastar para lhe devolver o céu selvagem.

7

HÁ UMA JANELA ESTREITA AO lado da estante de livros. Um gesto do Falcoeiro e o vidro se torna areia, deslizando para fora dos caixilhos, soprando para longe na noite nublada e negra. Outro gesto e as dobradiças enferrujam; o Falcoeiro arranca-a da parede e deixa-a cair no chão com um estrondo.

Vê que está em algum lugar da Ponta Corbessa, a um ou dois quarteirões ao norte do cais. Envia sua consciência para fora, suave e sutilmente, ciente de que nenhum mago ainda na cidade mostrará um instante de misericórdia caso ele seja localizado. Demora apenas alguns instantes para achar o que quer, um dos corvos carneiros, de cauda em leque, do Amatel do Norte, pássaros astutos e sociáveis com olhos aguçados, bicos e garras afiados.

O Falcoeiro toma o primeiro corvo gentilmente e o lança na noite, usando um fino fio de consciência, suprimindo o deleite com a sensação de voar. Um ou dois segundos reafirmam sua afinidade com o trabalho e ele estende o controle para a meia dúzia de outros corvos que estão empoleirados ali perto.

O carneiro roubado pelo Falcoeiro circula acima da Ponta

Corbessa, caçando outros corvos e um vislumbre de certa mulher encapuzada. Ela ainda deve estar em algum local de Kartane e ele a reconhecerá a qualquer distância, desde que a mulher não esteja oculta sob um feitiço profundo.

Sete corvos se tornam trinta. O Falcoeiro direciona-os com a precisão de um mestre de dança, mandando mais e mais de sua consciência para a nuvem emplumada, vendo não através de pares individuais de olhos e, sim, através de um todo empolgante, um redemoinho de ruas escuras, telhados, carruagens chacoalhando e gente apressada.

Trinta corvos se tornam sessenta. Sessenta se tornam noventa. Eles formam espirais organizadas, indo para o norte e, depois, oeste, buscando incansavelmente.

Não demora muito para que a encontrem, na borda ocidental da Ponta Corbessa. Está andando sozinha, em direção a algum compromisso, e o Falcoeiro a reconhece sem qualquer possibilidade de dúvida. O sangue chama o sangue.

Suas esquadrilhas de corvos, negras contra o céu negro, convergem e circulam em silêncio, a mil metros de altura. Em instantes, ele reuniu 150, o maior número de criaturas vivas de qualquer tipo que ele já controlou ao mesmo tempo. Sua mente está pegando fogo com a empolgação do poder; agora ele precisa ser rápido e certo, antes que Paciência possa usar suas habilidades espantosas, antes que qualquer outro mago note o que está acontecendo.

Um corvo bate as asas e despenca da noite. Os outros o seguem um instante depois.

Paciência está na calçada junto a um armazém, passando sob uma lâmpada alquímica oscilante. O primeiro corvo passa por seu capuz, vindo de trás, roçando-o, guinchando e grasnando o tempo todo.

Ela gira para ver de onde ele veio. A próxima dúzia de pássaros

voa diretamente contra seu rosto.

Olhos, nariz, bochechas, lábios – não há tempo para ser misericordioso. A bola de corvos enlouquecidos pela magia bica e rasga com as garras qualquer coisa mole, qualquer coisa vulnerável. Paciência mal tem tempo de gritar antes de ficar cega e cair de costas, debatendo-se à medida que mais corvos jorram do céu como uma nuvem preta que ganhou carne.

Ela se lembra de sua magia e meio que consegue fazer um feitiço. Uma dúzia de aves lampeja, virando cinzas, mas outra dúzia toma o lugar, buscando pescoço e testa, pulsos e dedos. O Falcoeiro pressiona Paciência contra o pavimento, o bando que se retorce é pura extensão de sua vontade, a mão escura que esmaga. Sorrindo feito louco, ele canaliza um pensamento para ela, lançando sua chancela contra as defesas mentais despedaçadas de Paciência:

Isso é fraqueza, mãe?

Você nunca entendeu meus talentos.

A verdade é que eles jamais me enfraqueceram.

A VERDADE É QUE ELES ME DERAM ASAS.

Os bicos e as garras das aves de rapina são impelidos por inteligência humana; em instantes, eles abriram os pulsos de Paciência, transformaram suas mãos em polpa, esfolaram o pescoço, arrancaram os olhos e a língua. Ela está impotente muito antes de morrer.

O Falcoeiro dispersa suas nuvens de lacaios alados e pende contra a moldura da janela, ofegante. Exauriu muito de si mesmo... Precisa de comida. Precisa revirar a casa em busca de algo útil. Precisa de roupas, dinheiro, botas... Precisa ir embora assim que tiver comido, para longe do ninho de seus inimigos, para longe, com o objetivo de se recuperar.

– O tempo do silêncio, mãe? – Ele cantarola as palavras baixinho, saboreando a sensação fantasmagórica do aço de sonho vibrando na garganta. – Ah, acho que a última porra que seus amigos vão

desfrutar é de um *tempo de silêncio*.

Mancando desajeitadamente, rindo sozinho, ele desce a escada com cuidado. Primeiro comida, depois roupas. Então, juntar forças para o trabalho à frente.

O longo e sangrento trabalho à frente.

AGRADECIMENTOS

Sou grato a Simon Spanton por recomendar o livro autobiográfico de Antony Sher, *The Year of the King*, um livro que não influenciou tão diretamente o *República de ladrões*, mas instigou meu apetite por retratar os atores da Companhia Moncraigne a partir de vários ângulos que eu não havia considerado antes. Espero que possa pedir aos entusiastas do teatro, como fiz com os entusiastas náuticos em *Mares de sangue*, para lembrar que não busquei recriar com precisão qualquer tradição específica de trupes ou performance do nosso mundo e, sim, organizar elementos selecionados dessas tradições numa forma que achei divertida.

Agradeço de novo a Simon Spanton, e também a Anne Groell, por sua sofrida paciência e seu apoio durante um tempo difícil; à minha brilhante Sarah, que vislumbrou algo quebrado e ajudou a consertar; a Lou Anders, Jonathan Strahan e Gareth-Michael Skarka, que conseguiram arrancar trabalho de mim quando eu precisava muito me sentir capaz disso e, por fim, àquela pessoa cuja longa correspondência me manteve me arrastando à frente, na esperança, durante o período mais difícil e sombrio da minha vida: Obrigado.

Assim termina o terceiro volume da série Nobres Vigaristas, que continuará com *O Espinho de Emberlane*.

SL

New Richmond, Wisconsin, 2008 – Brookfield,
Massachusetts, 2013

SOBRE O AUTOR



SCOTT LYNCH já foi escritor freelance de RPG e teve uma série de empregos até seu primeiro livro ser publicado. Recebeu o prêmio de Melhor Revelação do British Fantasy Award e foi finalista do World Fantasy Award com *As mentiras de Locke Lamora*, primeiro livro da série dos Nobres Vigaristas, que já foi vendida para 28 países. O autor vive atualmente em New Richmond, Wisconsin.

www.scottlynch.us

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA
ARQUEIRO



O nome do vento
Patrick Rothfuss

Ninguém sabe ao certo quem é o herói ou o vilão desse fascinante universo criado por Patrick Rothfuss. Na realidade, essas duas figuras se concentram em Kote, um homem enigmático que se esconde sob a identidade de proprietário da hospedaria Marco do Percurso.

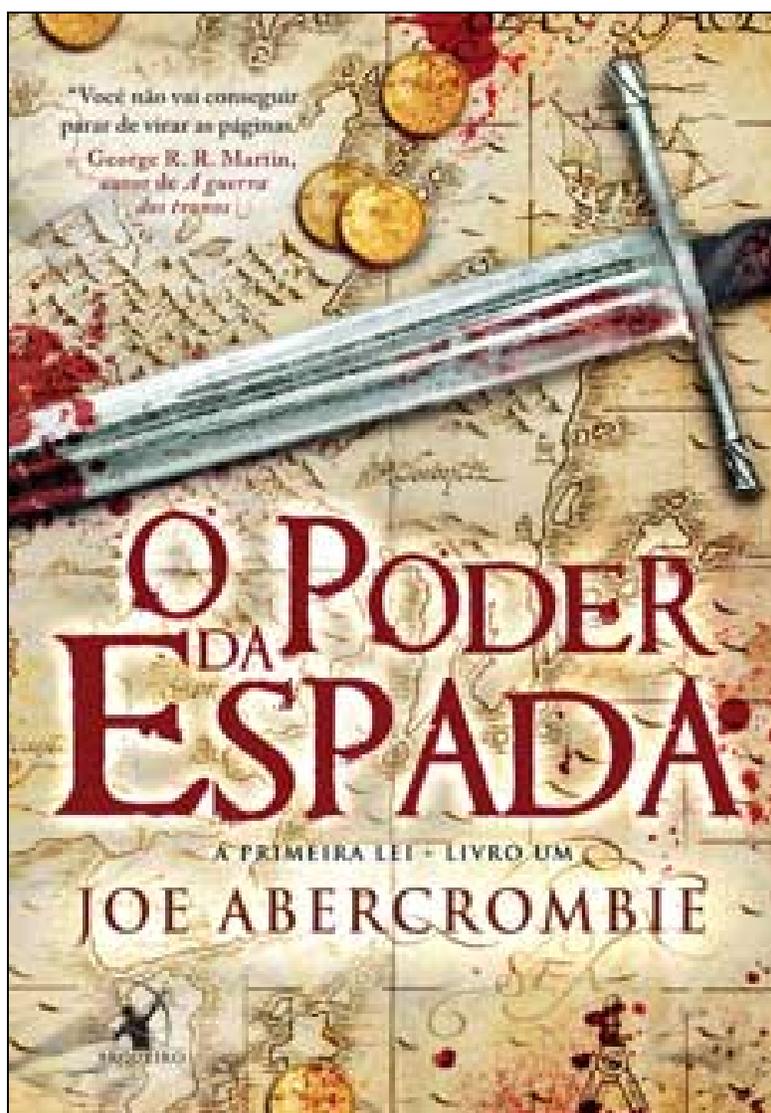
Da infância numa trupe de artistas itinerantes, passando pelos anos vividos numa cidade hostil e pelo esforço para ingressar na escola de magia, *O nome do vento* acompanha a trajetória de Kote e as duas forças que movem sua vida: o desejo de aprender o mistério por trás da arte de nomear as coisas e a necessidade de reunir informações sobre o Chandriano – os lendários demônios que assassinaram sua família no passado.

Quando esses seres do mal reaparecem na cidade, um cronista suspeita de que o misterioso Kote seja o personagem principal de diversas histórias que rondam a região e decide aproximar-se dele para descobrir a verdade.

Pouco a pouco, a história de Kote vai sendo revelada, assim como sua multifacetada personalidade – notório mago, esmerado ladrão, amante viril, herói salvador, músico magistral, assassino infame.

Nesta provocante narrativa, o leitor é transportado para um mundo fantástico, repleto de mitos e seres fabulosos, heróis e vilões, ladrões e trovadores, amor e ódio, paixão e vingança.

Mais do que a trama bem construída e os personagens cativantes, o que torna *O nome do vento* uma obra tão especial – que levou Patrick Rothfuss ao topo da lista de mais vendidos do *The New York Times* – é sua capacidade de encantar leitores de todas as idades.



O poder da espada

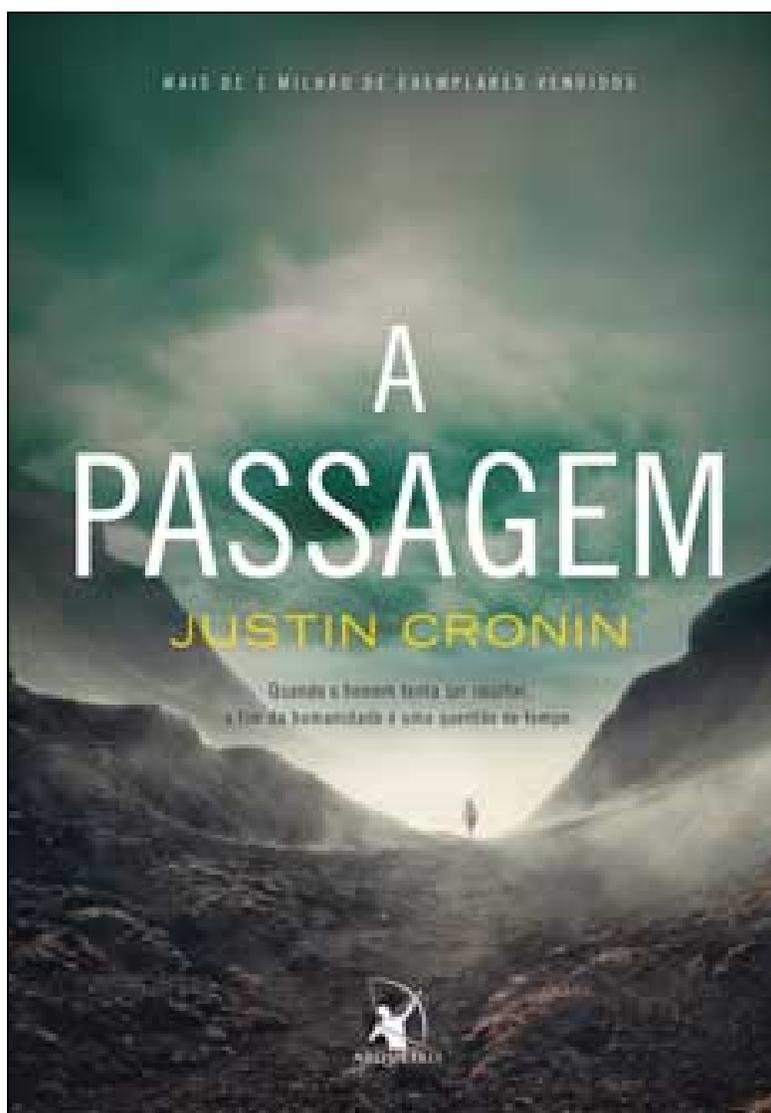
Joe Abercrombie

Uma guerra está prestes a eclodir. Assolada por conspirações internas, a União ainda precisa mobilizar seus exércitos para combater os inimigos externos. Nesse momento de incertezas, um

homem se apresenta como o lendário Bayaz, o Primeiro dos Magos, retornando do exílio depois de séculos. Sua presença tornará a vida de Sand dan Glokta, Jezal dan Luthar e Logen Nove Dedos muito mais difícil.

Glokta é um ex-prisioneiro de guerra que passou anos sob tortura. Por ironia, agora é nas mãos dele que os supostos traidores da Coroa admitem crimes, apontam comparsas e assinam confissões – sejam culpados ou não. Já Nove Dedos é conhecido por jamais deixar um inimigo viver tempo suficiente para falar uma palavra sequer. Por sua vez, tudo o que o mulherengo Jezal deseja é obter fama e glória vencendo o campeonato de esgrima, para depois ser recompensado com um alto cargo no governo e jamais ter um dia de trabalho pesado na vida.

O destino desses quatro personagens está prestes a colidir – e, no impacto, a linha que separa o herói do vilão pode ficar tênue demais.



A passagem

Justin Cronin

Primeiro, o imprevisível: a quebra de segurança em uma instalação secreta do governo norte-americano põe à solta um grupo de condenados à morte usados em um experimento militar.

Infectados com um vírus modificado em laboratório que lhes dá incrível força, extraordinária capacidade de regeneração e hipersensibilidade à luz, tiveram os últimos vestígios de humanidade substituídos por um comportamento animalesco e uma insaciável sede de sangue.

Depois, o inimaginável: ao escurecer, o caos e a carnificina se instalam, e o nascer do dia seguinte revela um país – talvez um planeta – que nunca mais será o mesmo. A cada noite a população humana se reduz e cresce o número de pessoas contaminadas pelo vírus assustador. Tudo o que resta aos poucos sobreviventes é uma longa luta em uma paisagem marcada pelo medo da escuridão, da morte e de algo ainda pior.

Enquanto a humanidade se torna presa do predador criado por ela mesma, o agente Brad Wolgast, do FBI, tenta proteger Amy, uma órfã de 6 anos e a única criança usada no malfadado experimento que deu início ao apocalipse. Mas, para Amy, esse é apenas o começo de uma longa jornada – através de décadas e milhares de quilômetros – até o lugar e o tempo em que deverá pôr fim ao que jamais deveria ter começado.

A passagem é um suspense implacável, uma alegoria da luta humana diante de uma catástrofe sem precedentes. Da destruição da sociedade que conhecemos aos esforços de reconstruí-la na nova ordem que se instaura, do confronto entre o bem e o mal ao questionamento interno de cada personagem, pessoas comuns são levadas a feitos extraordinários, enfrentando seus maiores medos em um mundo que recende a morte.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores da EDITORA ARQUEIRO, visite o site www.editoraarqueiro.com.br e curta as nossas redes sociais. Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail, basta se cadastrar diretamente no nosso site ou enviar uma mensagem para atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos

Prólogo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

Livro I - A Sombra Dela

Capítulo Um

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

Interlúdio

1

2

3

4

5

6

7

8

Capítulo Dois

1

2

Interlúdio

1

2

3

4

Interseção (I)

Capítulo Três

1

2

3

4

Interlúdio

1

2

3

4

Capítulo Quatro

1

2

3

4

5

6

Livro II – Objetivos Cruzados
Interlúdio

1

2

3

4

5

6

Capítulo Cinco

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

Interlúdio

1

2

3

4

Capítulo Seis

1

2

3

4

5

6

7

8

9

Interseção II

Interlúdio

1

2

3

4

5

6

7

Capítulo Sete

1

2

3

4

5

Interlúdio

1

2

3

4

5

6

Livro III - Honestidade Fatal

Capítulo Oito

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

Interlúdio

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

Capítulo Nove

1

2

Interseção (III)

Interlúdio

1

2

3

Capítulo Dez

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

Interlúdio

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

Capítulo Onze

1

2

3

4

Interseção (IV)

Último Interlúdio

Capítulo Doze

1

2

EPÍLOGO

1

2

3

4

5

6

7

Agradecimentos

Sobre o autor

Conheça outros títulos da Editora Arqueiro

Informações sobre a Arqueiro